BRACARA AUGUSTA



REVISTA CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

VOL. XXIV JANEIRO-DEZEMBRO DE 1970 N.os 57-58 (69-70)

BRACARA AUGUSTA

REVISTA CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

(CONTINUAÇÃO DE BRAGA — BOLETIM DO ARQUIVO MUNICIPAL)

VOLUME XXIV — FASCÍCULO 57-58 (69-70)

JANEIRO-DEZEMBRO DE 1970

Directores { DR. AMANDIO MACIEL DE FREITAS, Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara
DR. EGIDIO AMORIM GUIMARÃES, Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga
FRANCISCO PEREIRA DE BACELAR FERREIRA, Conservador do Arquivo Municipal de Braga

Redactor principal: DR. AMANDIO MACIEL DE FREITAS

Colaboradores permanentes: ANTÓNIO ALVARO DÓRIA e DR. FRANCISCO JOSÉ VELOSO

Serviços de Secretaria e de Administração a cargo de

FRANCISCO PEREIRA DE BACELAR FERREIRA

Composição e impressão das Oficinas Gráficas da Livraria Cruz — Rua D. Diogo de Sousa — Braga

SUMÁRIO

A Sacristia do Tesouro da Sé Primacial, Robert C. Smith. — *Diferenças entre o Vocabulário Português e o Galego*, Doutor Henrique Chao Espina. — *A Irmandade de Nossa Senhora das Dores — Glória Primacial de Braga*, Frei António do Rosário, O. P. — *I — Organização Administrativa da Abadia de Tibães e Suas Terras (1630-1680)*, Dr. Aurélio de Oliveira. — *Uma agressão célebre havida em Braga no ano de 1872*, Dr. M. Braga da Cruz. — *De um ilustre bracarense, candidato a S. Bartolomeu de Salamanca em 1522 — o bacharel Gaspar Vaz*, P.e Dr. Armando de Jesus Marques. — *Uma arquivolta românica na Igreja de S. Salvador de Vilar de Frades (Nova Interpretação)*, Narciso de Azevedo †. — *Vilarinho da Furna (Análise sociológica)*, José Rodrigues Martins. — *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, Dr. Domingos de Araújo Affonso. — *Livro dos Testamentos do Mosteiro de Paço de Sousa*, Maria Teresa Monteiro e J. J. Rigaud de Sousa. — *Acordos e Vreacoẽs da Câmara de Braga nos dois últimos anos do Senhorio de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1580-1582)*, A. do Rosário, O. P.

BRACARA AUGUSTA

REVISTA CULTURAL DE REGIONALISMO E HISTÓRIA
DA CAMARA MUNICIPAL DE BRAGA

DIRECTORES

DR. AMÂNDIO MACIEL DE FREITAS
Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara

DR. EGÍDIO AMORIM GUIMARÃES
Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga

FRANCISCO PEREIRA DE BACELAR FERREIRA
Conservador do Arquivo Municipal de Braga

VOLUME XXIV

C. M. DE BRAGA
ARQUIVO MUNICIPAL

1 9 7 0

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Cruz — Braga — 1972

A Sacristia do Tesouro da Sé Primacial

Por Robert C. SMITH
Da Academia Nacional de Belas Artes

A sacristia da Sé de Braga é o monumento do arcebispo D. João de Sousa, como a igreja de S. Vítor foi o do seu antecessor, D. Luís do mesmo apelido [1]. Construção majestosa de granito local, desenhada pelo arquitecto régio de D. Pedro II e edificada pelos dois pedreiros bracarenses mais eminentes do fim de Seiscentos, é um dos edifícios capitais da época no norte do País, levantado na véspera da entrada do estilo barroco em Portugal.

O projecto de fazer uma nova sacristia representa o principal acrescentamento à velha catedral românica desde a construção da capela-mor manuelina em 1510 e as alterações da fachada realizadas sob o arcebispo primaz D. Diogo de Sousa (1505-1532) [2]. Remonta o novo projecto ao ano de 1690, quando, *sede vacante,* Domingos Jerónimo Ferreira, desembargador na Relação de Braga e provedor geral da Mitra, assinou, em 13 de Setembro, um contrato com o «Mestre de Pedraria» Manuel Carvalho, «m.^{or} na Rua Nova de Sousa», pela quantia de 2.780$000 rs. dentro do termo de dois anos.

---

[1] A igreja, encomendada por D. Luís de Sousa, arcebispo entre 1677 e 1690, foi iniciada em 1682. A construção foi rápida, de modo que já em 1691 foi possível tratar do retábulo da capela-mor, executado por Domingos Lopes, do Porto (R. C. Smith, *Frei José de Santo António Vilaça, Escultor Beneditino do Século XVIII,* Lisboa, 1972, est. 18) e, no ano seguinte, dos azulejos, atribuídos a Gabriel del Barco (Smith, «Três Estudos Bracarenses» *Belas Artes,* n.^{os} 24-26, 1970, pp. 49-58).

[2] Inclusive a galilé, suas estátuas de pedra da escola conimbricense e a vasta grade de ferro forjado do mesmo lugar.

Este documento, conservado nas *Notas do Tabelião Geral* do Arquivo Distrital de Braga [3], declara que a planta foi feita pelo «Mestre de Arquitectura» Domingos Lopes, «da Cidade», que recebeu «dose mil rs em d.ro». Também informa que os reverendos Inácio de Carvalho, chantre, e o cónego Marcos Diniz Velho «puzeram editais p.a a noticia de todos os Mestres da Arte de Pedraria» de Braga, do Porto e Viana, revelando, ao mesmo tempo, os nomes dos outros concorrentes. Estes foram Manuel e António da Costa [4], pedreiros de Salvador de Moreira da Maia, lugar afamado por artífices deste género, um certo João da Costa, da «freguesia do Salvador de S. P.o e vizinho na vila de Gaia», e o conhecido pedreiro Domingos Moreira, de Braga, «hũ dos mestres da obra de S. Victor» [5]. O mesmo contrato afirma que a portada e os telhados da sacristia deviam ser como os desta igreja, evidentemente por ela ser a mais moderna da cidade.

---

[3] O documento, publicado integralmente na secção de documentos deste artigo, foi transcrito, como os dois outros contratos aí apresentados, por D. Susana Duarte de Oliveira, do Arquivo Distrital de Braga, cujo importante auxílio neste, como em outros meus estudos, profundamente agradeço.

Em 5 de Março de 1691 Manuel de Carvalho contratou também a «obra de Lagiado ao redor da See» (Arquivo Distrital de Braga [ADB], *Notas do Tabelião Geral* [NTG], vol. 453, fls. 107-107v.).

[4] António e Manuel da Costa arrematataram, em 1705, a construção do aqueducto do Mosteiro de Santa Clara, de Vila do Conde, cujas obras dirigiram até meados de 1707 (Artur de Magalhães Basto, *Apontamentos Para um Dicionário de Artistas e Artífices*, Porto, 1964, pp. 167 e 201). Os nomes dos mesmos pedreiros figuram entre os nove mestres que, em 1709, contrataram a obra da casa do Cabido da Sé do Porto (Flávio Gonçalves «A Construção da Actual Casa do Cabido da Sé do Porto», *O Tripeiro*, VI série, anos IX-X (1969-1970), pp. 12, 29 e 31 da separata). António da Costa, que desde 1717 trabalhava nos claustros da Sé contratou, com seu filho do mesmo nome, em 1700, a nova abóbada da sacristia deste mesmo edifício (R. C. Smith, «Os Arcazes e Armários da Sacristia do Porto», *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XXXII fascs. 3-4, 1969, pp. 810-811).

[5] Pedreiro também, em 1694 e 1697, respectivamente, dos novos templos bracarenses da Ordem Terceira de S. Francisco (ADB, *NTG*, fls. 188v.-189) e Santa Maria Madalena da Falperra (*ibid.*, vol. 476, fls. 24v.-25), construiu Domingos Moreira, em 1693, a fachada da nova casa de Teodósio Barbosa de Almeida na Rua do Souto, de Braga (*ibid.*, vol. 463, fls. 43-43v.), cujas grades de ferro foram feitas por João Fernandes, igualmente de Braga (*ibid.*, fls. 194-195). Em 1695 Domingos Moreira contratou, com o pedreiro Domingos Fernandes, na casa de Francisco de Barros de Almeida, no Campo de S. Sebastião, «hua escada com seis Patios na forma de hũ Risco e planta q̃ se fez per a dita obra» e «em sima do portal hũas armas de pedra p.a as quaes lhe dará Fran.co de Barros de Almeida o rascunho» (*ibid.*, vol. 468, fls. 197-197v.).

Alguns outros pormenores da sacristia ideada por Domingos Lopes fornece o mesmo documento, que fala de «empenas com seus pedestaes com suas cruzes m.to bem feitas com duas aspas na forma q̃ tem as da Ig.a de S. Victor e a abobeda... sera feita de tijolo com seus rompantes de pedra». A sacristia ia ter dois nichos aos dois lados, evidentemente do interior, e «um lavatorio... con tres carrancas de bronze q̃ tera suas chaves p.a lançarem aguas», e «dous portais em falso». Embora o contrato não especifique a posição precisa da sacristia em relação à fábrica da catedral, certas declarações indicam que lhe foi projectada uma posição contígua à nave do lado do Evangelho (norte), adjacente ao claustro de Santo Amaro, agora desaparecido. «As frestas desta Sancristia p.a a p.te do Norte», reza o documento, «serão feitas como mostra a planta e bem rasgadas p.a darem boa lus...». O ponto é importante, porque o lugar ocupado pela actual sacristia é precisamente o contrário, isto é o lado sul, ou da Epístola.

Da história desta primitiva construção nada sabemos além do facto de a obra estar principiada aquando do segundo contrato, assinado em 1698. Entretanto, viera o arcebispo D. José de Meneses (1692-1696), prelado vitimado pela gota que pouco ou nada fez durante os quatro anos que governou a cidade. Sucedeu-lhe D. João de Sousa (1647-1703), filho de Tomé de Sousa, senhor de Gouveia de Riba Támega, e de D. Francisca Coutinho e Meneses, dos condes de Redondo, que foi nomeado bispo do Porto em 1683 e arcebispo primaz em 1696, fazendo a sua entrada solene em Braga no dia 29 de Junho de 1697 [6].

Por razões ainda desconhecidas o novo arcebispo resolveu abandonar o projecto da sacristia iniciada em 1690, talvez por achá-lo demasiado modesto. Em todo o caso, dez meses depois de chegar, aos 28 de Abril de 1698, foi lavrado novo contrato [7], desta vez entre o cónego Vicente Coelho Borges e os mestres de pedraria Pascoal Fernandes e seu filho Manuel Fernandes da Silva para eles «fazerem a obra da Sacristia desta S.ta See e que ja está principiada p.a se edificar de novo perfeita e acabada assim de alicerces como paredes frestas portadas dos lageados abobada e tudo o mais com a cazinha acima della tudo perfeito e acabado...» O lugar escolhido foi um sítio entre o braço direito do cruzeiro e a Porta do Sol, no flanco meridional da Sé, onde havia uma capela de S. Martinho

---

[6] Cón. J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopaes da Igreja Primacial de Braga*, Braga, vol. III, 1932, pp. 200-201.

[7] Veja-se a secção de documentos deste artigo.

instituída em 1319, que foi transformada em sacristia por D. Diogo de Sousa em 1511 [8].

Pascoal Fernandes [9], o mestre pedreiro chamado, de vez em quando, «architeto», era natural da freguesia de Santo Ildefonso da cidade do Porto, onde em 1685 lageou a igreja da Ordem Terceira de S. Francisco e fez as escadas do pátio, veio para Braga a fim de tomar parte na construção do importante templo de S. Vítor. Mestre pedreiro desta igreja em 1691, assinou um contrato neste ano para completar a torre, fazer o banco do retábulo da capela-mor e construir a casa de residência do vigário, que ainda se levanta ao pé da própria igreja. Entre suas outras obras figuram a torre do convento dominicano de S. Gonçalo de Amarante, que contratou, em 1691, com os mestres pedreiros Domingos e João Moreira, o corpo da Igreja dos Lóios, da Vila da Feira, tomado de trespasse, em 1692, com João Moreira, e uma parte da construção da primitiva capela de Santa Maria Madalena do Monte da Falperra, quando, em 1699, ocupou o lugar do mestre Domingos Fernandes, de Merelim, activo nesta obra suburbana de Braga desde 1693. Faleceu Pascoal Fernandes em 9 de Agosto de 1720, na sua casa do Campo de Nossa Senhora a Branca, deixando viúva a sua mulher Catarina.

Seu filho Manuel, nascido no Porto em 1671 [10], que também trabalhou na construção da sacristia da Sé bracarense, chegou a ser o «mestre architecto» mais destacado da época do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728). Como mostrei nesta mesma revista [11], o mestre Manuel Fernandes da Silva edificou, entre muitos outros monumentos, a igreja dos Congregados (1703), menos a fachada, que é de Paulo Vidal [12] (sobre risco de André Soares), o zimbório do cruzeiro da Sé (1713), o aljube (1717) e as igrejas de Nossa Senhora da Conceição da Penha da França (1720) e da Conceição da Rua dos Pelames (1728 e 1729), todos de Braga.

Aos dois pedreiros foi paga a quantia de 3.240$00 rs., isto é, mais 460$000 rs. do que Manuel de Carvalho ia receber, segundo o seu contrato de 1690, diferença que também conduz à conclusão de a nova sacristia ser maior do que a primeira projectada, embora os mestres fossem obrigados

---

[8] J. A. Ferreira, *obra cit.*, vol. II, 1930, p. 121.

[9] R. C. Smith, «A Casa da Câmara de Braga», *Bracara Augusta*, vol. XXII, n.os 51-54 (63-66), 1968, pp. 311-312.

[10] Arquivo Distrital do Porto, *Livro Misto da Freguesia de Santo Ildefonsa*, n.º 2, 1664-1683, fl. 48.

[11] Nota 9.

[12] R. C. Smith, *Frei José de Santo António Vilaça*, p. 199.

pelo mesmo contrato também a mudar a posição da «porta travessa» da catedral. Foi esta o velho Portal do Sol do primitivo edifício românico ou a portada do lado norte da Sé, mencionada num contrato de 30 de Julho de 1713, entre o Reverendo Fabriqueiro da Sé e Manuel Fernandes da Silva? [13] O documento não no-lo diz.

O novo contrato indica que a planta de 1698 foi riscada por João Antunes, arquitecto de Lisboa, a respeito de quem há duas referências na correspondência do arcebispo D. João de Sousa, que primeiro lhe dirigiu uma carta em 19 de Agosto de 1700, falando da «estimação que faço da sua pessoa» e depois, escrevendo à prioresa do convento de Chelas em 1706, quando, já arcebispo de Lisboa, encarregou João Antunes de todas as obras e vistorias de igrejas e conventos do seu arcebispado [14]. À luz destas cartas e da semelhança que possui com obras documentadas do arquitecto, têm-lhe atribuído, Reynaldo dos Santos [15] e Ayres de Carvalho [16] a monumental sacristia da catedral bracarense.

Não pode haver dúvida agora, com a confirmação dada pelo contrato de 1698, a respeito da intervenção de João Antunes, o mais ilustre arquitecto daquele momento do reino de Portugal, cujas plantas foram escolhidas em 1681 para a Igreja de Santa Engrácia, de Lisboa, o templo mais rico e de planta mais complexa da capital. Nomeado Arquitecto das Ordens Militares em 1697 e, dois anos depois, Arquitecto Real, João Antunes nasceu provàvelmente em Braga, segundo o seu biógrafo, Ayres de Carvalho, egrégio historiador da arte e conservador do palácio nacional da Ajuda [17]. Casou em 18 de Janeiro de 1665 com Maria da Costa, na freguesia lisboeta de S. José, onde parece ter começado a sua carreira, trabalhando possìvelmente, sob João Nunes Tinoco, nas obras régias da igreja e mosteiro agostinianos de S. Vicente de Fora.

Em 1682, João Antunes contratou o retábulo de mármore da quinta do Calhariz, em Azeitão, de D. Francisco de Sousa, actualmente dos duques de Palmela. Em 1690 fez as plantas do convento e igreja do SS. Sacramento no Louriçal (Leiria), edifício derrubado em 1734, por ordem de D. João V, que mandou fazer outro. Em 1696 traçou a planta da vasta

---

[13] ADB, *NTG*, vol. 545, fls. 136-137.

[14] Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do Seu Tempo*, Lisboa, vol. II, 1962, pp. 179 e 189.

[15] In *História da Arte em Portugal* (A. de Lacerda), Porto, 1953, vol. III, p. 51.

[16] *Obras cit.*, vol. II, p. 179 e Carvalho, *As Obras de Santa Engrácia e os Seus Artistas*, Lisboa, 1971 p. 90.

[17] *Ibid.*, pp. 77-100, *D. João V*, vol. II, pp. 149-207.

sacristia da igreja de Santo Antão, dos Jesuítas de Lisboa, que sobreviveu quando o resto do rico templo pereceu no terramoto de 1755 [18]. Desapareceu na mesma catástrofe o grandioso palácio que João Antunes iniciou, em 1698, para o quarto conde de Tarouca, enquanto o de Bemposta, que levantou, entre 1699 e 1704, para D. Catarina de Bragança, ex-rainha da Inglaterra, existe ainda transformado em Academia Militar. Em 1699 começou o túmulo de mármores embutidos da princeza Santa Joana de Portugal, na Igreja de Jesus, de Aveiro, e desenhou uma sacristia no convento franciscano de Varatojo, perto de Torres Vedras. De 1700 data o início do templo de Sant'Iago, em Alcácer do Sal, que Antunes delineou na sua qualidade de arquitecto da Ordem de Sant'Iago. Desenhou a importante Igreja do Senhor da Cruz, de Barcelos, em 1705, de planta central, como Santa Engrácia, com cujas obras o seu nome ficou ligado até 1708. Morreu João Antunes aos 25 de Novembro de 1712, sendo sepultado na Igreja de Santo António dos Capuchos, de Lisboa.

Completada a sacristia da Sé de Braga, foi resolvido pelo sucessor do arcebispo D. João de Sousa, o novo primaz D. Rodrigo de Moura Teles, fazer «a obra do prolongo e topo da casa do thesouro e cartorio da Mitra junto a sacristia da Sta See da da^{a} Cid^{e}». Teve-se novamente recurso a uma «planta e perfil que se acha riscado e desenhado por João Antas [*sic*] Archeteto da cidade de L.^{a}», segundo o contrato feito em 11 de Março de 1706 [19] com os «archetetos» Pascoal Fernandes e seu filho Manuel Fernandes da Silva. Diz o documento que «a qual obra pl^{a} parte exterior hade ser feita de cantaria na forma da d.^{a} sacretia [*sic*] com escadas portas e almarios frestas e tribuna et cetera e abobadas...». O preço do trabalho ia ser de 900 milréis, em três pagamentos. Com estes dois contratos de 1698 e 1706 vêm estabelecidas portanto a autoria da planta como também a da fábrica da ala da sacristia da Sé de Braga, contendo a sala principal (1698-1701) e as divisões do antigo tesouro e cartório adjacentes, distribuídos em dois andares, edificadas a partir de 1706.

Pelo seu carácter arquitectural a sacristia da Sé Primacial representa o clássico tipo de sala grandiosa empregado na Península Ibérica para sacristias durante o século XVII, com altas paredes divididas por pilastras, cobertas duma vasta abóbada de berço geomètricamente comparti-

[18] Ayres de Carvalho, «Novas Revelações Para a História do Barroco em Portugal», *Belas Artes*, 2.ª série, n.º 20, 1964, p. 18. Esta sacristia é hoje a capela do Hospital de S. José (*ibid.*, est. 5). O retábulo de mármore da capela-mor de Santo António, também desenhado por João Antunes, está agora na igreja de S. José (*ibid.*, est. 6).

[19] Reproduzido integralmente na secção de documentos deste artigo.

mentada e retábulo a uma ou às duas extremidades (est. 5). A fórmula, que repete em miniatura o esquema da nave das principais igrejas da época, encontra-se, esplêndidamente desenvolvida, em toda uma série de sacristias imponentes, desde a de Santa Cruz, de Coimbra, edificada por Pedro Nunes Tinoco em 1622-1623, até a actual de S. Vicente de Fora, de Lisboa, realizada pelo seu neto Luís, depois de 1690 [20], e a de Santo Antão. No Norte, citamos as sacristias das igrejas beneditinas de Santo Tirso, iniciada em 1656, sob plantas do padre-mestre Fr. João Turriano [21], e S. Martinho da Tibães, datando de 1681-1683 [22], na categoria dos mais importantes antecessores da sacristia da catedral de Braga.

Esta, porém, difere da maioria das outras [23] no sentido de ocupar uma ala ou dependência inteira com três fachadas, unida à fábrica antiga, constando da própria sala da sacristia e, atrás e recuada, a casa do tesouro em dois andares, de onde vem a expressão «sacristia do tesouro» (est. 1). Alinhada contra o flanco sul da catedral, a construção apresenta dois grandes blocos, ambos duma total simplicidade, conforme o gosto severo

---

20 A atribuição é de Ayres de Carvalho (As Obras de Santa Engrácia, p. 94).

21 «Principiouse a sacristia», informa o relatório do triénio do abade Fr. Anselmo Alvo, «e se alçarão as paredes conforme a traça q̃ deixou o P.e M.e frey João Turriano e no remate da parede se fez o cunhal com alicerces mui fundos, obra de grande custo e nesta parede q̃ he o frontespicio da sancristia q̃ ha de ser fica feita hua capella de pedraria mui bem laurada com seus diamantes e florões acabada com todo o primor q̃ ha arte pode, e das partes dous almarios grandes de pedra de esquadria q̃ he a principal obra q̃ ha de ter a sanchristia; e foi de m.to custo» (ADB, *Congregação de S. Bento* [CSB], vol. 109, sem paginação). O trabalho continua no próximo triénio de Fr. Luís de Moura, quando «se fizerão tres paredes mui grossas com ellas se chegou ate donde ha de voltar [a abóbada], na parede da parte da orta se fizerão quatro frestas mui grandes q̃ de todo ficam acabadas com suas grades de ferro; fizeramse mais duas portas grandes, com grande primor obradas, hũa q̃ entra para a Sanchristia, a cujo lado se fizerão dous almarios de pedra laurada, e outra do mesmo Lado, q̃ sahe p.a o Claustro, pera se hir pera a Igreja» (*ibid.*). De 1680-1683 datam o retábulo de Santa Gertrudes da sacristia e novas molduras pintadas de ouro e azul para os quadros e «dous caixilhos de talha para os espelhos pequenos...».

Frei João Turriano (ca. 1610-1679), filho do engenheiro italiano Leonardo Turriano (fal. 1630), que ingressou na Ordem de S. Bento em 1629, chegou a ser reitor do colégio beneditino de Coimbra e engenheiro-mor do reino. Desenhou, entre outras obras monásticas, o novo convento e igreja de Santa Clara, de Coimbra.

22. Prolongaram-se as obras da construção desde Janeiro de 1681 até Abril de 1683 (ADB, *Tibães*, vol. 459).

23 A sacristia de S. Vicente de Fora ocupa uma ala do imenso mosteiro lisboeta, cujas fachadas são os próprios claustros do monumento.

do estilo da Contra-Reforma, ainda dominante no fim de Seiscentos. Nos enquadramentos das janelas, nos frisos e nas empenas não há vestígio de ornato, sendo os ricos coruchéus dos ângulos do edifício, como os do zimbório da Sé, acréscimos do período do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728). Dentro desta austeridade exterior, contudo, há uma grandeza de proporções, que distingue a arquitectura de Antunes, sobretudo na composição das quatro imensas frestas conjugadas, que do sul iluminam a sacristia, cuja apresentação deve muito à concavidade do cunhal central do ângulo sudoeste da casa da sacristia do tesouro, fazendo uma subtil e agradável transição entre as duas fachadas maiores.

O edifício da sacristia não tem saída para o exterior, talvez por motivos de segurança. Entra-se nele pelo transepto direito da Sé, como indica uma planta da época, talvez da autoria do próprio Antunes [24] (est. 3), por uma portada de granito, cujo robusto enquadramento exprime, com eloquência, o estilo português do fim do século XVII, última manifestação do velho maneirismo quinhentista, animado pelas linhas do frontão curvo interrompido e da «bacia» da peanha central sustentando a estátua de S. Nicolau (est. 2). É o mesmo estilo que se vê nas casas do engenheiro Manuel Pinto Vilalobos, de Viana do Castelo, e seus reflexos nas velhas ruas bracarenses [25], estilo plano e liso, que remonta até à primeira metade de Seiscentos, à época de Baltasar Álvares, Diogo Marques Lucas e Pedro Nunes Tinoco [26], e que evoca sobretudo o portal da igreja barcelense do Senhor da Cruz, também de João Antunes. Na sua face interior a portada da sacristia da Sé é sem interesse, sendo meramente um pequeno elemento utilitário, como a da sacristia da Sé de Lisboa, fazendo *pendant* com outra do outro lado de um retábulo central, que dá para a antiga casa do tesouro (est. 3).

---

[24] A planta, da colecção da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa, foi revelada por Ayres de Carvalho (*As Obras de Santa Engrácia*, est. 40).

[25] Figura uma quantidade delas nos desenhos do precioso *Livro das Ruas de Braga*, manuscrito da Biblioteca Pública daquela cidade, executado em 1750 pelo Padre Ricardo da Rocha (fal. em 1767) para o cónego Francisco Pacheco Pereira, provisor da arquidiocese (R. C. Smith, *Fr. José de Santo António Vilaça*, p. 320).

Para a vida e obra do engenheiro Manuel Pinto de Vilalobos III veja-se Alberto Meira, *Os Engenheiros Vila-Lobos*, Porto, 1953, José Rosa de Araújo, *Património Artístico de Viana do Castelo; A Igreja da Santa Casa da Misericória*, Viana do Castelo, 1963, pp. 69-72 e Smith, *Fr. José de Santo António Vilaça*, pp. 177 e 515.

[26] Para o estudo destes arquitectos, mortos respectivamente em 1624, ca. 1640 e ca. 1641 consulte Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do Seu Tempo*, vol. II e George Kubler, *Portuguese Plain Architecture*, Middletown, Conn., 1972.

A sala da qual estes elementos fazem parte mede 17,60 m de comprido por 8,80 m de largura e 7,37 m de altura, como se nota de outra planta da época na colecção da Academia Nacional de Belas Artes (est. 4). As paredes e a abóbada de berço, ligeiramente deprimida, todas de granito, oferecem uma simplicidade geometral, em que os grandes rectângulos das janelas do lado sul se repetem, do outro lado, em compartimentos ocupados por quadros pintados, que também se veem, em escala menor, por cima dos arcos das extremidades destas paredes e encimando as aberturas dos dois extremos desta sala (est. 5). A planta agradou ao arcebispo D. João de Sousa, que, na sua carta a Antunes, de 19 de Agosto de 1700, afirmou que «a perfeição com que vem delineada se dá melhor a entender sendo V. M. o autor, e quando ocorra duvida se ha de pedir a V. M. a resolução para conseguir o acerto...».

Dividem rìtmicamente as paredes desanove pilastras da ordem compósita sem rivais em Braga (est. 6), reminiscentes das da antiga sacristia de Santo Antão em Lisboa [27], sustentando um entablamento cujo friso painelado repete as simples molduras dos painéis por baixo deles. Estabelece-se, portanto, uma rede de linhas e ângulos rectos, que se projecta até à talha classicizante dos dois retábulos da sala, substituições do fim do governo do arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-1789) ou começo do regime do seu sucessor D. Fr. Caetano Brandão (1790-1805) [28]. Por cima da cimalha principal continua o xadrez herreriano [29] nos caixotes da abóbada com suas almofadas quadradas de pedra, e nos áticos das duas extremidades, onde as típicas aberturas ovadas do período se enquadram com pujantes quartões revestidos de folhas estilizadas e arabescos vagamente sugestivos de flores-de-lis (est. 7), onde se reconhece um motivo aplicado em certas casas coevas de Braga, as quais foram provàvelmente desenhadas por Manuel Fernandes da Silva [30].

---

[27] Ayres de Carvalho «Novas Revelações», est. 5.

[28] Em 1780 o arcebispo D. Gaspar mandou fazer novos retábulos em branco e ouro para os altares da nave (Padre Manuel de Aguiar Barreiros, *A Catedral de Santa Maria de Braga*, Braga, 1922, p. 19).

[29] O adjectivo refere-se a Juan de Herrera (ca. 1530-1597), arquitecto de Filipe II de Espanha e construtor do mosteiro e palácio do Escorial, cujos rígidos esquemas rectangulares se fizeram sentir na arquitectura portuguesa, a partir de 1582, quando se iniciou a construção da Igreja de S. Vicente de Fora, de Lisboa, desenhada pelo colega italiano de Ferrara, Filipe Terzi.

[30] No arquivo de Braga há vários contratos de Manuel Fernandes para a construção de casas de residência. Em 3 de Abril de 1699 contratou fazer a do Lic. Manuel da Costa Pessoa, no Campo de Sant'Ana, por 180$000 rs., declarando que «os padieyros

Recuados aos dois lados destes motivos centrais, há relevos compostos de volutas flanqueando peanhas, uma por cima da outra, rematadas de jarrões cheios de uvas e outras frutas. Composições alegres, repletas de curvas, contrastam com o resto do ambiente e recordam um semelhante esquema, de escala menor, numa sobreporta da igreja lisboeta de Santa Engrácia, também ideada pelo mesmo arquitecto João Antunes [31].

Nas paredes da sacristia há seis arcos, dois dos quais (os maiores) enquadram os retábulos-relicários dos extremos da sacristia, dedicados, respectivamente, ao Santo Cristo e a Nossa Senhora da Piedade (est. 5). O segundo par encontra-se a pouca distância das portas, na extremidade oriental das duas paredes compridas da sala. Estes arcos abrigam os dois lavatórios mencionados no contrato como sendo a contribuição pessoal do arcebispo (est. 8). Desenhados como meio-chafarizes de duas bacias, são feitos de granito pintado em imitação de mármores do Sul. Lindamente entalhados, cada um termina numa estátua do Rei David com a coroa, cetro e harpa usados nas imagens dos reis bíblicos das árvores de Jessé da talha contemporânea, que vêm referidos num importante contrato de 1718 [32] (est. 9). Cada peça ostenta três carrancas formadas de folhas de acanto, como na talha famosa da sacristia de S. Francisco da Baía, executada pelo brasileiro Fr. Luís de Jesus entre 1710 e 1713 [33].

Correspondentes a este par de arcos, na outra extremidade da sacristia, há outro par aberto nas paredes de pedra contendo nichos para acomodarem alguns objectos de prata e ouro da Sé (est. 10). São tapados por duplas portas de pau preto do Brasil, medindo 3,89 m × 1,97 m cada uma, dividida em cinco «almofadas» de forma rectangular orladas de motivos de corda e revestidas de chapas de latão dourado, sendo as dos espelhos quase iguais às das pilastras dos armários embutidos da sacristia de Nossa Senhora do Pópulo, de Braga, feitos pelo latoeiro Custódio de Carvalho,

---

levarão hũ frizo de Esquadria aberto a modo de Almofada» (ADB, *NTG*, vol. 483, fl. 99 v.º). Outro contrato foi assinado em 1702 para «umas cazas na rua do Anjo» do abade Afonso de Meire Cavilho e o cónego Francisco do mesmo apelido (*ibid.*, vol. 498, fls. 8-9). A mais importante destas residências foi a do deão Francisco Pereira da Silva, sita na Rua dos Biscainhos, que em Novembro de 1712 Manuel Fernandes contratou edificar «na forma de hum modello feito de papellão» (*ibid.*, vol. 542, fls. 103-104).

[31] Ayres de Carvalho, *As Obras de Santa Engrácia*, est. 143.

[32] Flávio Gonçalves, «A Talha da Capela da 'Arvore de Jessé' da Igreja de S. Francisco do Porto e os Seus Autores», VI série, ano XI, 1971, p. 69 da separata.

[33] R. C. Smith, «Brasilian Colonial Sacristy Cupboards and Cabinets», *The Connoisseur*, Agosto, 1971, p. 264, est. 8.

do Campo da Vinha, em 1709 [34] (est. 11). Ambos os padrões como os da maioria dos ornatos metálicos da mobília eclesiástica deste tempo parecem derivadas de gravuras ornamentais alemãs do século XVI [35], evoluídas, como os típicos azulejos seiscentistas portugueses, de conhecidos arabescos muçulmanos.

Repetem-se nas portas de dois armários-contadores (1,97 m × 1,03 m), que ladeiam o altar de Nossa Senhora da Piedade na parede ocidental da sacristia, combinação típica das sacristias bracarenses e minhotas do fim de Seiscentos e começo do século XVIII (est. 12), embora as portas da zona superior sejam mais compridas do que as dos móveis do ensamblador Agostinho Marques (fal. em 1720), o mais conhecido dos mestres da região activos no fim do século XVII, graças à publicação duma série de contratos lavrados por ele entre 1691 e 1717 [36]. Na zona inferior há mais duas portas feitas em imitação das fachadas quadradas cobertas de chapas vasadas de «bronze» (latão) dourado dos andares de gavetas para amitos, em baixo delas, exactamente como nos belos armários de pau preto da sacristia da Sé do Porto, contratados pelos «mestres enxambladores» António Moutinho e Valério da Silva, em 1700 [37]. As chapas reaparecem oito vezes nas orlas destas portas com os seus puxadores em forma de pera, como nas portas da sacristia do antigo mosteiro de S. Miguel de Refóios de Basto, de Cabeceiras de Basto, que Agostinho Marques executou em 1717 [38]. Se bem que não haja contrato registado, é possível que ele fosse também autor dos armários da sacristia da Sé Primacial, dadas as várias semelhanças entre eles e a obra documentada de Marques.

Anónimos também são os arcazes da nova sacristia da Sé, que se alinham aos dois lados da sala, como em várias sacristias de Lisboa, da maior grandeza, inclusivè as da Sé, das igrejas de S. Vicente de Fora, de Santo Antão e S. Roque e da basílica de Mafra. Encontramos o mesmo sistema na sacristia de S. Martinho de Tibães, cujos arcazes são de 1683 [39]. Altos

---

34 ADB, *NTG*, vol. 527, fls. 192 v.º-193.

35 R. C. Smith, «Agostinho Marques and His Furniture in the Portuguese National Style», *The Burlington Magazine*, Nov., 1969, pp. 655-662.

36 *Ibid.*

37 R. C. Smith, «Os Arcazes e Armários da Sacristia da Sé do Porto».

38 R. C. Smith, «Agostinho Marques», est. 20.

39 «Aos 25 de Março de 1683 dei ao M.º q̃ fes os Caixoes da Sanchristia guarda roupas e scriptorios e as duas portas tudo Bronzeado seis centos quarenta e dous mil cento e sincoenta rs. 642/50» (ADB, *Tibães*, 459, sem pag.).

de 1,09 m, profundos de 1,19 m e com comprimento de 11,20 m, estes «caixões» da catedral de Braga são compostos de seis grupos de gavetas, sendo dois de um lado destinados para receber frontais de altares. Foram construídos de pau preto com embutidos de angelim em forma de losangos, segundo uma fórmula dos conventos franciscanos desta zona do Norte, que também abrange a extrema simplicidade das fachadas sem divisão nem projecção de cada dos seis grupos de gavetas (est. 13). Admiráveis são os puxadores e escudetes de latão dourado (est. 14), compostos de arabescos das mesmas pequenas folhas que ornam os discos centrais. Ferragens deste tipo são raros nas igrejas de Portugal. Há peças parecidas nos arcazes de Tibães e Santa Cruz, de Braga, que parecem ser coevos, de S. Francisco, de Lamego, de 1706-1709 [40], e sobretudo da sacristia da matriz de Cascais, cujos azulejos são datados de 1720.

Para acompanhar os arcazes da sacristia da Sé de Braga foram encomendados «no Norte» (isto é, na Inglaterra) oito espelhos, cada um do valor de mil cruzados, que se perderam com o naufrágio, pouco depois de 1703, do navio que os trazia, na barra de Viana [41]. Os dois actuais são também de origem inglesa com belíssimos caixilhos dourados de estilo rococó, compostos de volutas ligeiras encimadas por uma fénix (est. 15). O desenho é tão parecido com o dos espelhos da sacristia de Tibães (est. 16), que podem ter sido feitos pelo mesmo artífice e importados, ao mesmo tempo, no triénio de 1751-1754, quando «Mossos e Machos» do mosteiro beneditino foram buscá-los ao Porto [42].

Contemporâneo dos espelhos ingleses deve ser o alto relógio da sacristia da Sé, colocado ao pé do altar-relicário de Nossa Senhora da Piedade (est. 17) que mede 3 m de altura. Vivamente colorido de azul e ouro, é um admirável exemplo de um tipo de móvel fabricado em Braga e noutros centros do Norte em meados do séc. XVIII, que se destaca pelo brilho quase efervescente da sua talha animada e pintura de gosto rococó. No relógio da sacristia esta pintura, extraordinàriamente bem conservada (est. 18), contrasta pela sua regularidade com a frenética assimetria dos motivos entalhados do topo da caixa, compostos de flores, folhagens e concheado. Tanto

---

40 Datam do bispado de D. Tomás de Almeida, primeiro patriarca de Lisboa.

41 J. A. Ferreira, *obra cit.*, vol. III, pp. 213-214.

42 «Dey p.ª Espelhos grandes p.ª a Sachristia q̃ vierão do Norte, e p.ª os cayxões, em q̃ vierão, e mais gastos q̃ fizerão na condução athé este Mostr.º duzentos, cincoenta e sete mrs. e cincoenta e sete reis» (ADB, *Tibães*, vol. 463, fl. 27 v.º).

estes como as molduras da porta e da base acusam a influência do estilo de André Ribeiro Soares da Silva (1720-1769), o grande arquitecto amador bracarense que na década de 1750-1760 revolucionou a arte da cidade [43].

O desenho do arco abatido imediatamente em baixo da porta, por exemplo, corresponde precisamente à forma de outro na fachada da capela de Santa Maria Madalena, do Monte da Falperra, desenhada e construída por André Soares desde 1753 a 1755 [44], que se repete na torre da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, de Arcos de Valdevez, cerca de 1765, a ele atribuída [45]. Encontramos folhas iguais àquelas das volutas dos ângulos da caixa do relógio na capela de Nossa Senhora da Torre, de Braga (ca. 1756) [46], numa escada do antigo palácio arquiepiscopal (ala da Praça Municipal) e na talha do retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres da capela da Falperra, todos atribuídos a André Soares. Nos ornatos de latão dourado do mostrador do soberbo relógio bracarense abundam os motivos de concharia, «jóias», «orelhas» e «amendoins», tirados por Soares de gravuras francesas e alemãs para o enriquecimento dos seus edifícios e retábulos, que também entraram, graças à larga influência por ele exercida, na ourivesaria bracarense tão pouco estudada desta época [47]. A execução da talha da caixa do relógio da sacristia da Sé recorda especìficamente o estilo da caixa do pequeno órgão da igreja de S. Vicente, de Braga, desenhada, antes de 1769, pelo futuro arquitecto Carlos Luís Ferreira da Cruz Amarante (1748-1815), que nas suas primeiras obras seguia a norma soaresca, e entalhada por Luís Manuel da Silva [48].

Acaba-se a descrição da sacristia da Sé de Braga com o pavimento de blocos quadrados de granito entre os quais foi inserida a lápide de pedra marmórea de Sintra [49] destinada ao túmulo do arcebispo responsável

---

[43] R. C. Smith, *Frei José de Santo António*, pp. 179-242.

[44] *Ibid.*, pp. 194-195, est. 32; «Três Estudos Bracarenses», est. 17.

[45] R. C. Smith, *André Soares, Arquitecto do Minho*, est. 37 (a ser publicado por «Livros Horizonte», de Lisboa).

[46] R. C. Smith, «Tres Estudos Bracarenses», pp. 58-63, est. 16; *Frei José de Santo António*, est. 47.

[47] R. C. Smith, «As Sacras de Singeverga. Elementos Para o Estudo da Ourivesaria Bracarense de Estilo Rococó», *Colóquio*, n.º 35, Outubro de 1969, pp. 22-28.

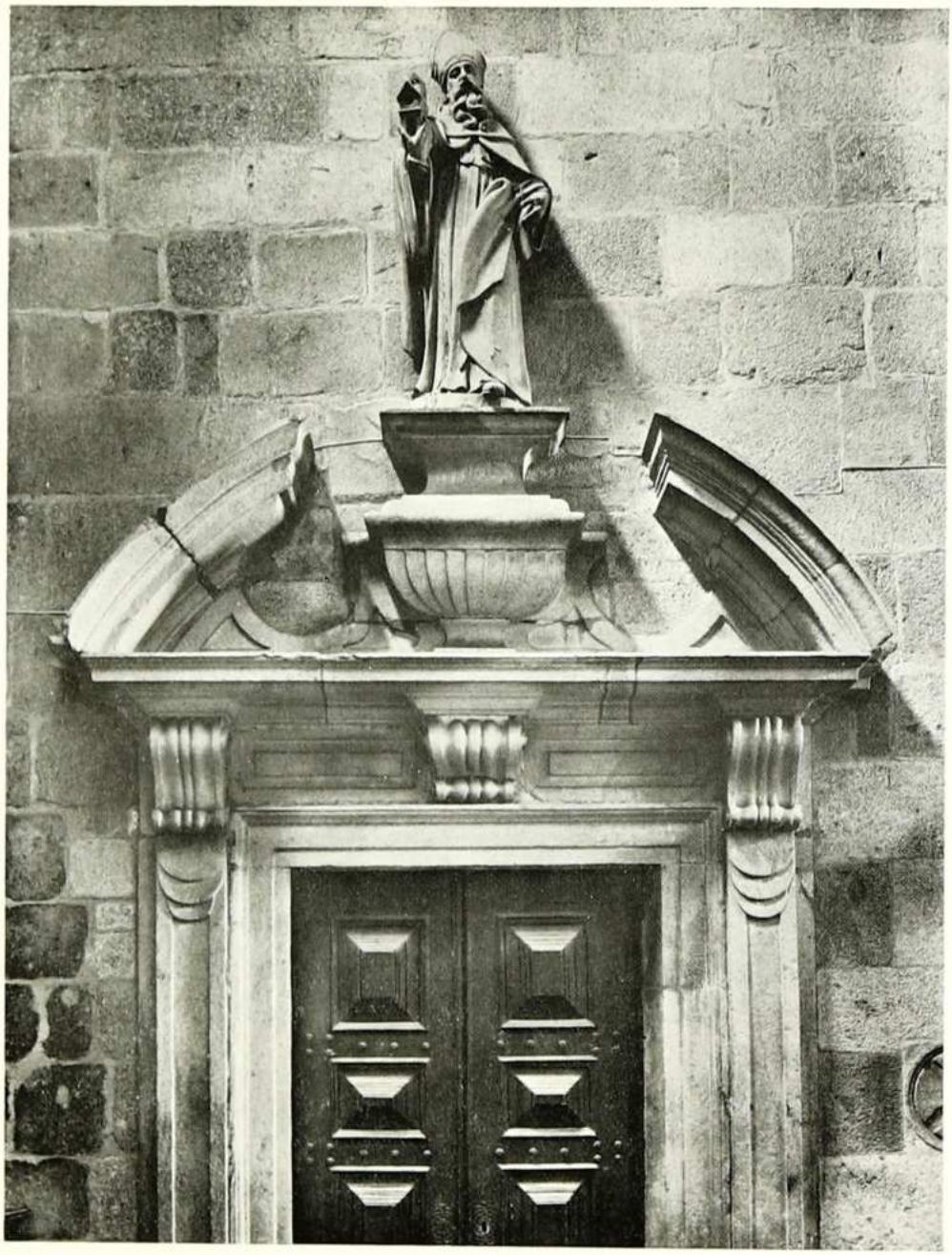
[48] «Três Estudos Bracarenses», p. 63, est. 20.

[49] Na sacristia há uma pia de água benta composta do mesmo mármore cor-de-rosa, que faz a orla da lápide do arcebispo D. João de Sousa. Do Sul deve ter vindo também o grande «bufete» de forma oitavada, feito de mármores de diversas cores, medindo 1,085 m de altura, que se encontra no meio da sacristia.

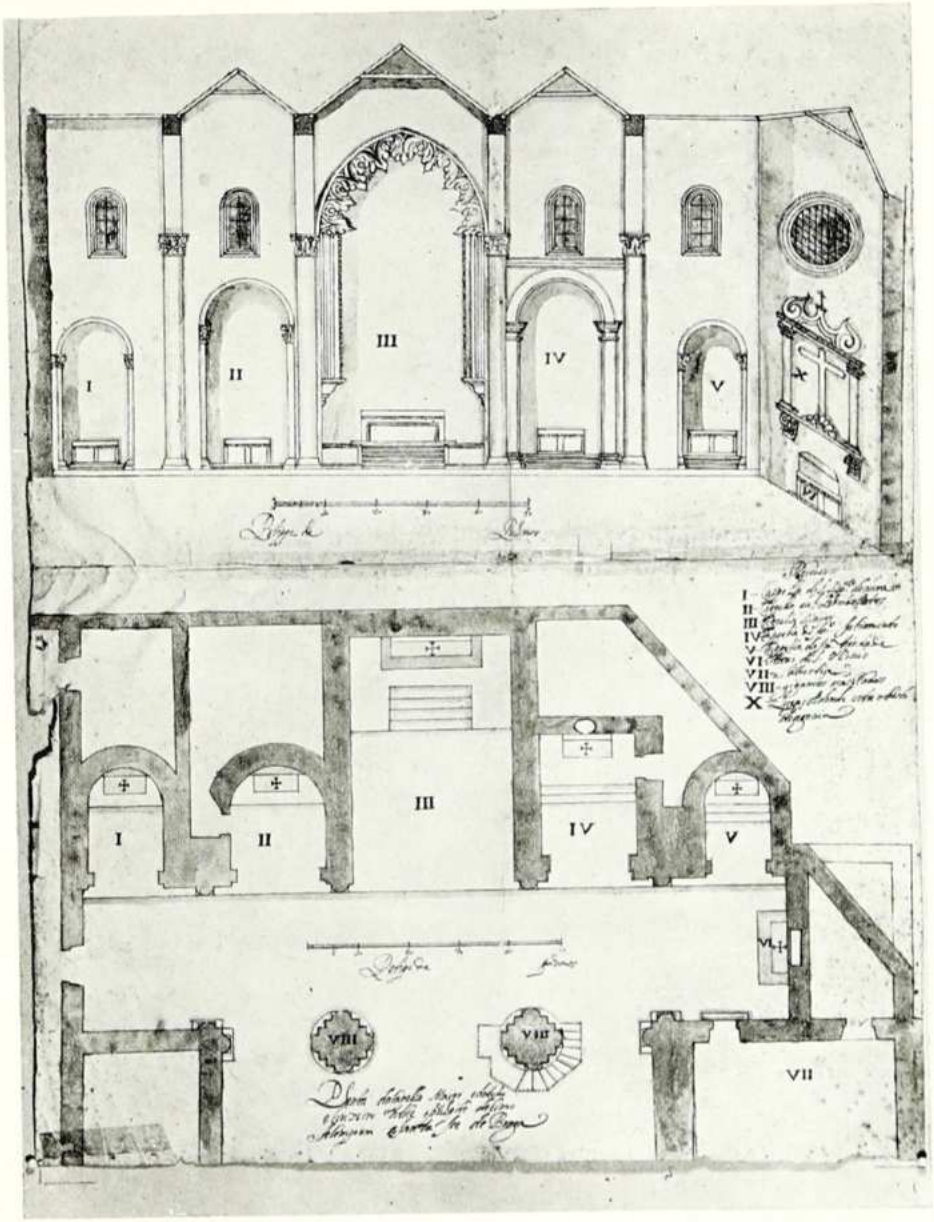
da obra, o qual, tendo falecido em Lisboa, não foi enterrado neste chão (est. 19). A pedra traz apenas a inscrição «S. DE D. IOAM DE SOUSA X. DO NOME E, CXI. EM N.º ARCEB.º PRIMAS E SENHOR DE BRAGA». Não há outro vestígio da personalidade do homem que mandou fazer esta grande dependência da catedral, estando as suas armas inteiramente ausentes do exterior como do interior da sacristia, a mais monumental da cidade.



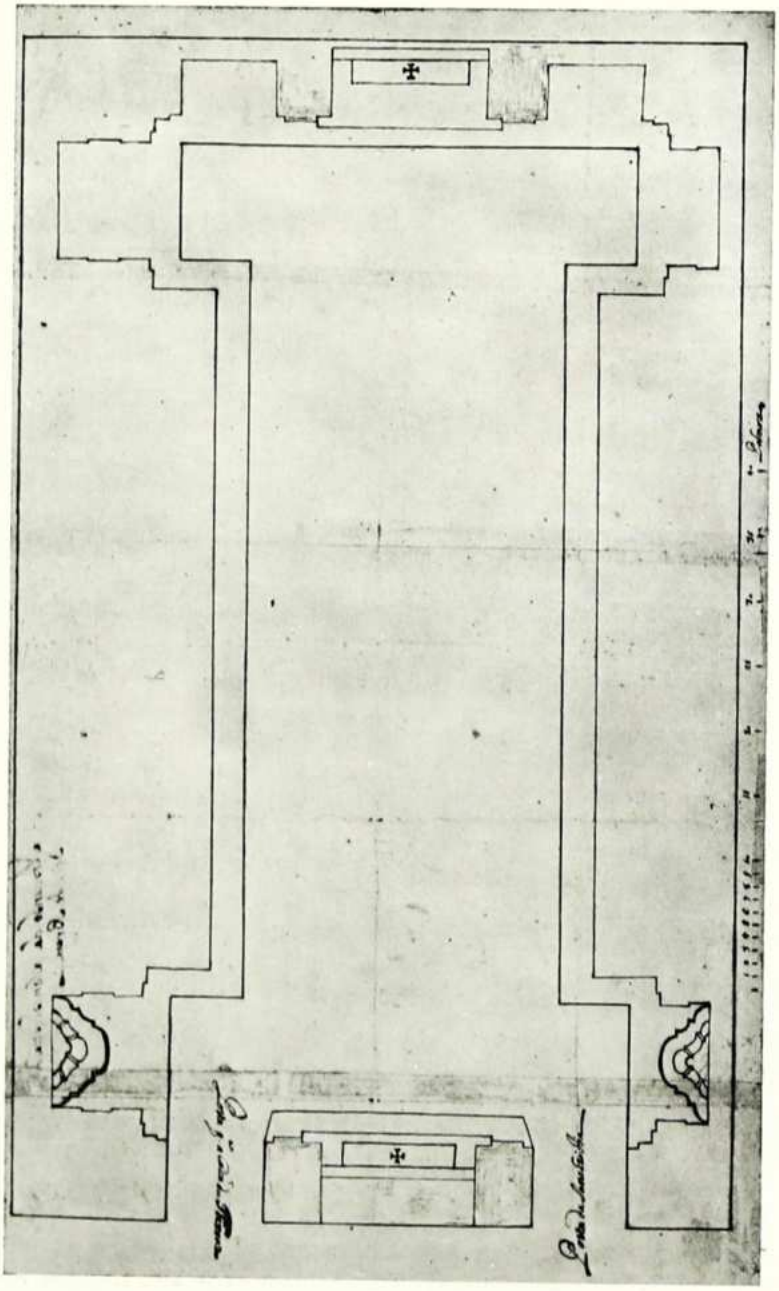
1 — Braga. Exterior da sacristia da Sé.



2 — Braga. Portada da sacristia da Sé.



3 — Planta e alçada da zona oriental da Sé de Braga, provàvelmente do fim do século XVII. A sacristia é designada pelo número VII (Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes).



4 — Planta antiga da sacristia da Sé de Braga (Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes).



5 — Braga. Interior da sacristia da Sé.



6 — Braga. Pormenor do entablamento do interior da sacristia da Sé.



7 — Braga. Ático do lado oriental do interior da sacristia da Sé.



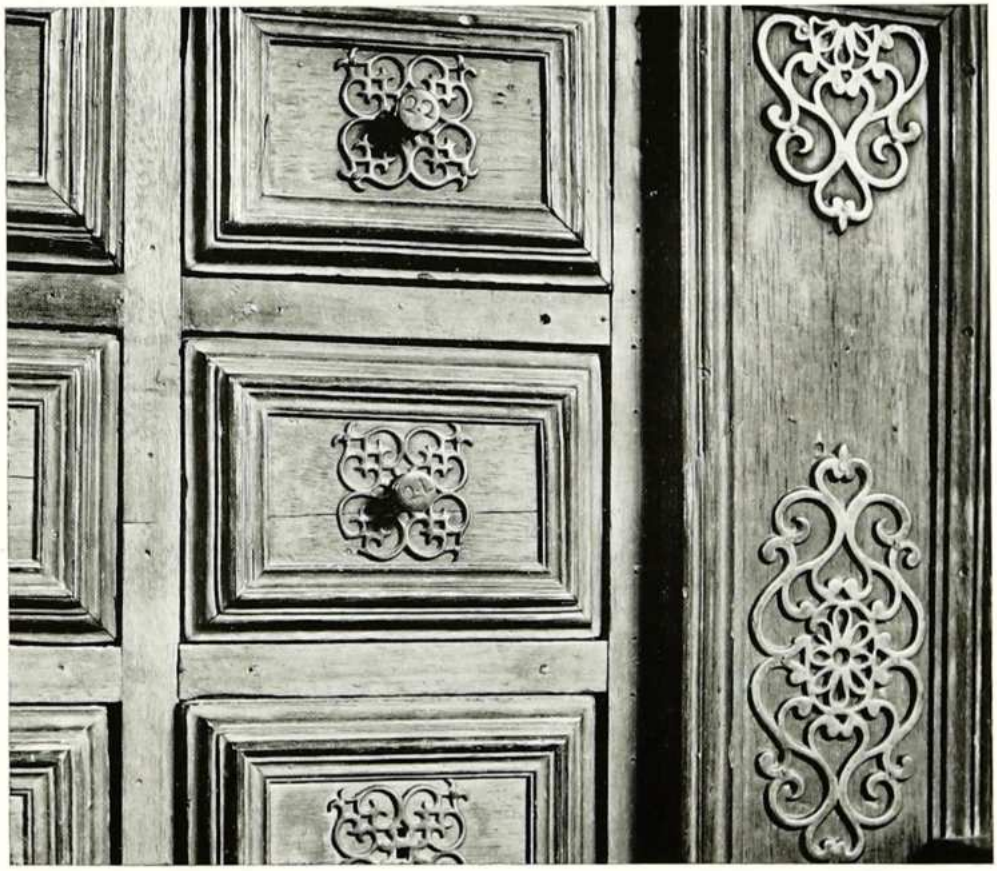
8 — Braga. Lavatório da sacristia da Sé.



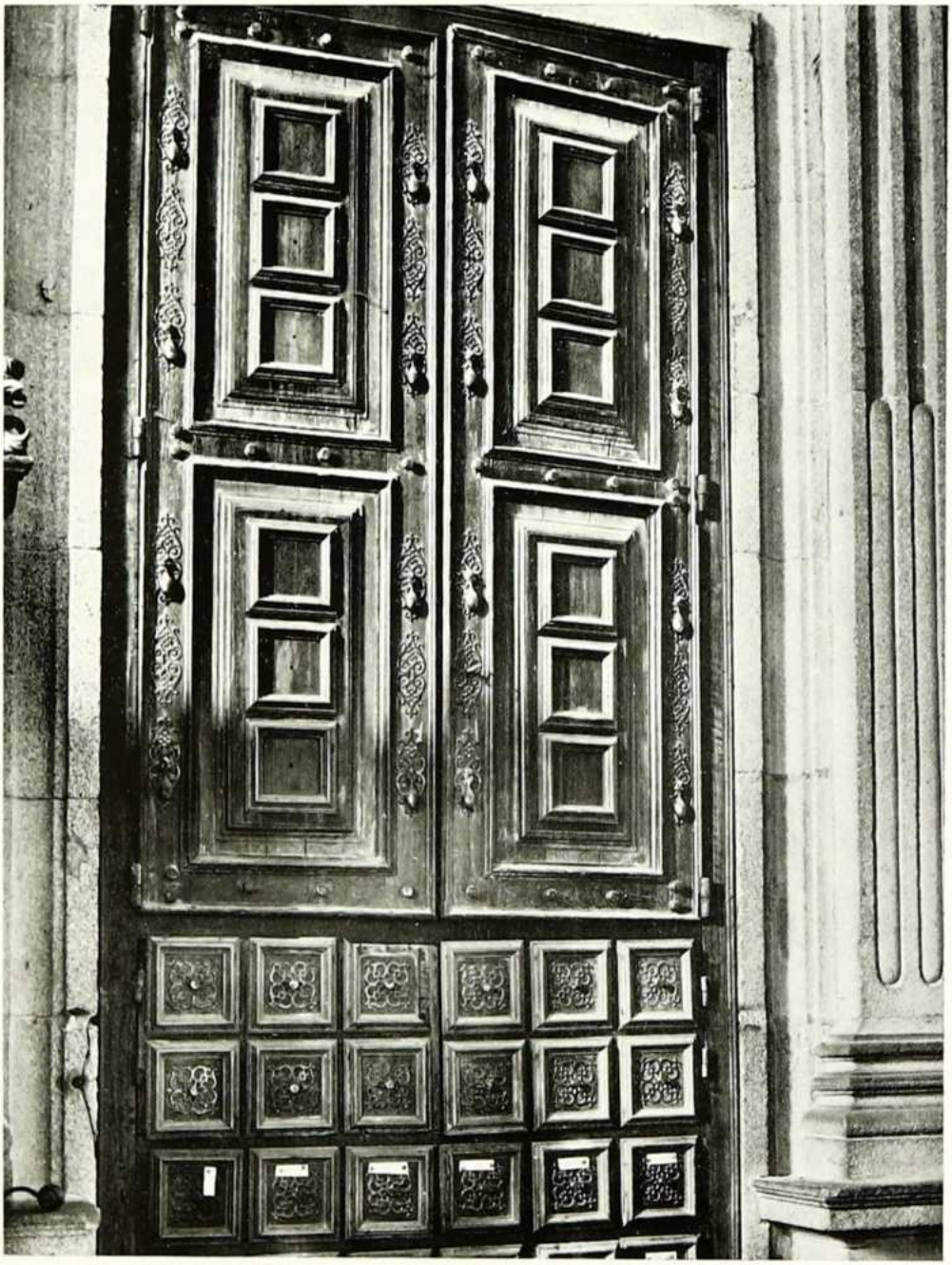
9 — Braga. Imagem do rei David de um dos lavatórios da sacristia da Sé.



10 — Braga. Um armário da sacristia da Sé.



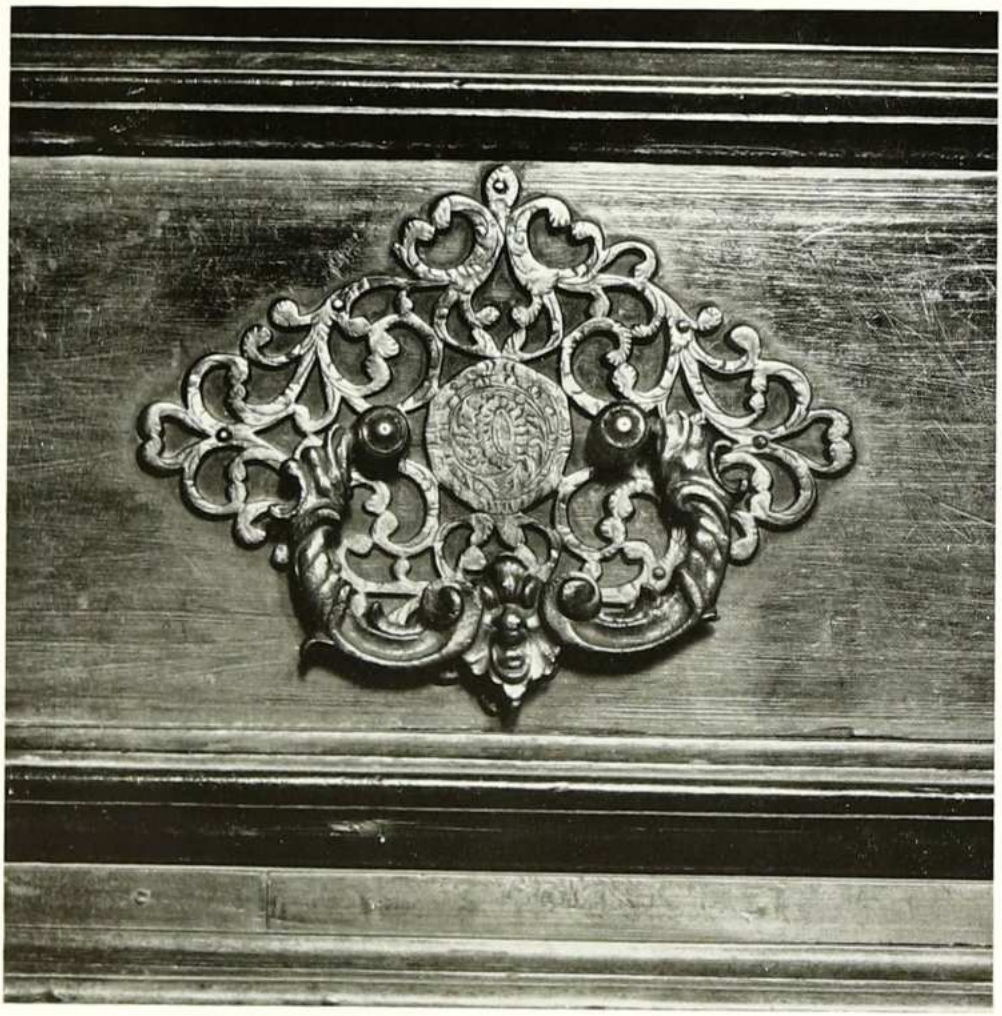
11 — Braga. Pormenor de um armário-contador da sacristia de Nossa Senhora do Pópulo.



12 — Braga. Pormenor de um armário-contador da sacristia da Sé.



13 — Braga. Arcazes da sacristia da Sé.



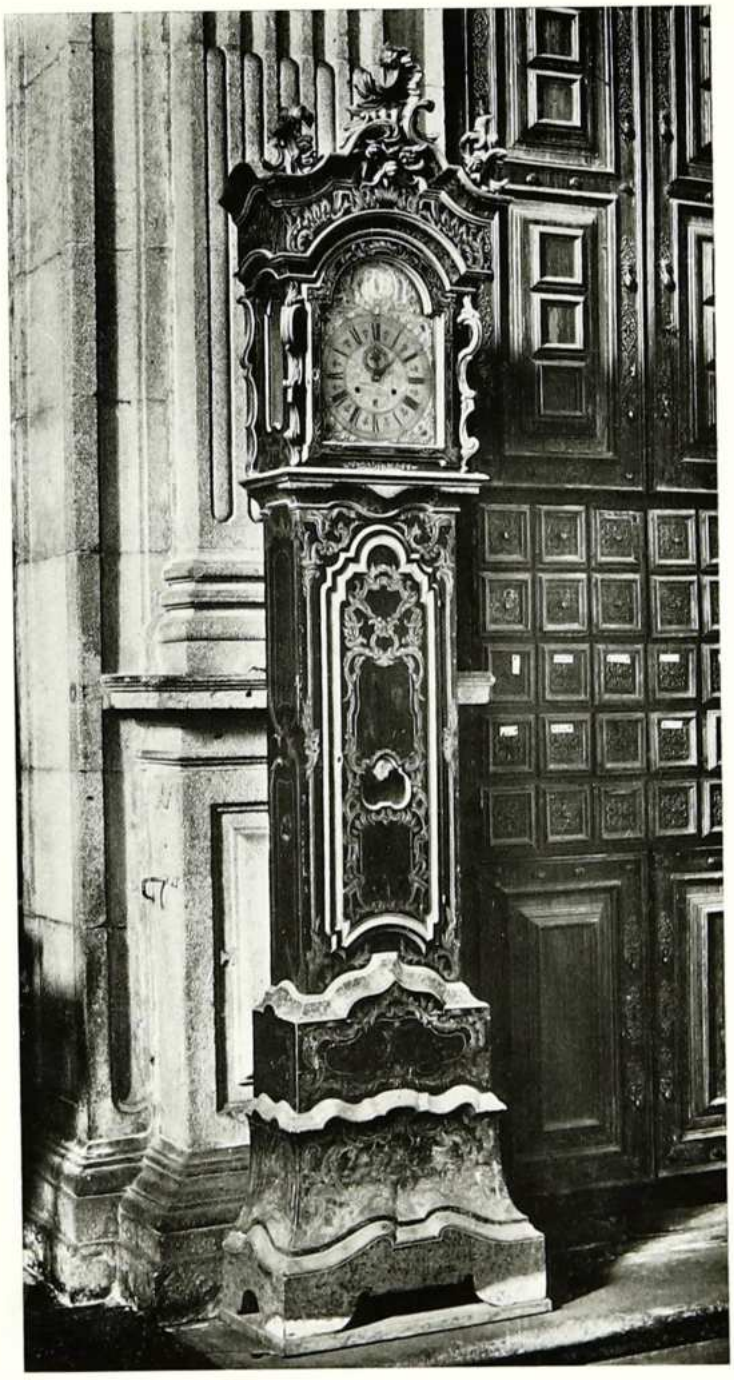
14 — Braga. Pormenor de um arcaz da sacristia da Sé.



15 — Braga. Espelho da sacristia da Sé.



16 — Braga. Espelho da sacristia de S. Martinho de Tibães.



17 — Braga. Relógio da sacristia da Sé.



18 — Braga. Pormenor do relógio da sacristia da Sé.



19 — Braga. Pedra tumular do arcebispo D. João de Sousa na sacristia da Sé

DOCUMENTOS

I — CONTRATO DA OBRA DA SANCRISTIA DA STA SEE DOS SRES DO CABBº COM MEL CARVALHO:

Em Nome de Deos Amen. — Saybão qtos este pº. Instromtº de contrato de obra de Pedraria e obrigação virem q no anno do nascimtº de nosso Sr. Jesus Xptº de mil e seiscentos e noventa annos nesta cidade dia do dito Jesus Xptº de mil seiscentos e noventa annos aos trese dias do mes de Setº do dito ano nesta cidade de Braga na Sta See della na Casa do Cabbº aí estando juntos em Cabbº e Cabbº Congregado os mtº Rdos Senhores do Cabbº Sede Vactº Primaz eles abaixo assinados que foram juntos pª o caso adiante declarado e Dos Jnmº Ferrª Dezembargador na Relação desta Corte e pdor Gal da Mitra dela de hũa ptº. E da outra Mel de Carvalho Mestre de Pedraria mor na Rua Nova de Sousa desta dita cidade pessoas por mim reconhecidas por elles ditos Sres do Cabbº logo foi dito q prevendo a mta necessidade q esta Sta See tinha de hũa Sancristia pª o serviço della ordenaram se fizesse a dita Sancristia no sitio dos Claustros de Stº Amaro junto da Costão da Sta See da Nave de S. Pº. direito abaixo e para este efeito mandarão fazer a planta que elle o Mestre da Arquitetura Dos Lopes da cidade q ha fizera em sete pels e vista a dita planta e a explicação della pellos apontamtos em presença de Mestres q̃ a entendiam acharam estar boa e bem comoda ao sitio e para se fazer a dita obra forão servidos decretar q o Rdo Chantre e o Rdo Conego Marcos Dinis Velho arrematassem a quem bem a fizesse e por menor preço pª o q posessem editais pª. vir a noticia de todos os Mestres da Arte de Pedraria assim desta cidade como da do Porto e outras ptes viessem no dia sinallado lançar na dita obra pª. cujo effeito assim pª os ditos editais como pª aceitar os lances e rematar a dita obra passarão dous decretos cujo treslado dellas é o seguinte: — Cometemos a nossos irmãos os Rdos Ignacio de Carvalho, Chantre e Marcos Dinis Velho o mandar pôr editais pª, effeito de se rematar a obra da Sancristia q̃ determinamos mandar fazer nesta nossa Sta See e os mandarão fixar nesta cidade nas ptas pças e na cide do Porto e na villa de Viana pª que chegue noticia dos Mestres q̃ na dita obra quisessem lançar e lhe tomarão os seus lanços e elles tomadores nos darão conta e p.te delles ao q̃ tudo assistira o Dor pdor Gal da Mitra Braga em Cabbº. Sede Vactº a vinte e seis de Agtº. de seiscentos e noventa. — O Deão a que me reporto por virtude do qual elles ditos Rdos Chantre e Marcos Dinis Velho mandarão

passar editais e fixar nas Portas e P.ças desta cidade e da do Porto e da Villa de Viana com dia assinallado pª q̃ os mestres da dita Arte que nella quisessem lançar viessem a esta dita cidade a aboboda desta Stª See dar seus lances pª. q̃ quem bem a fizesse e por menos vallor lha rematariam e com efeito os ditos S.res mandar por sua Mesa na dita Aboboda onde acudirão Mestres da varias pt.es a lançar na dita obra a qual andou a pregão por espaço de tempo e dias avendo lanços de pte a pte e feitas assim todas as dilig.as devidas e nessas não houvera quem menos lançasse que elle dito Mel de Carvalho q̃ fora o último lanço não havendo quem nella quizesse lançar q̃ foram dous contos e setecentos e oitenta mil rs. q dando-lhos fazia a obra na forma da planta e apontamtos della a contento dos ditos Senhores e com toda a seguransa de que elles e elle dito Dor pdor Gal da Mitra dara conta aos ditos Senhores e vendo não avia quem ja mais nesta lancase foram servidos passar decreto rematassem a dita obra cujo treslado delle é o segte Vista a informação q̃ temos por lanços q̃ se tem dito sobre a rematação da obra da Sancristia cometemos a nossos irmãos os Rdos Chantre e Marcos Dinis Velho com assistência do pder Gal da Mitra e poderem arrematar na forma costumada e rematada a dita obra se fara a escrip.ta com as clausulas e condições necessas e seguras. — Braga em Cabbo Sede Vacte dose de Setro de seiscentos e noventa. — Barbosa — ao qual me reporto q̃ hũ e outro ficou aos ditos Sres por virtude do qual rematarão a dita obra no dito preço dos ditos dous contos e setecentos e oitenta mil rs a elle dito Mel de Carvalho e no dito preço e quantia lhe ouveram a dita obra per arrematada e se obrigava elle dito Mestre Mel de Carvalho per sua pessoa e todos seus bens moveis e de rais avidos e por aver e terço de sua alma q̃ tudo expressamte hipotecava a fazer a dita obra prefeita e acabada com todo o primor da Arte em termo de dous annos pros seguintes q̃ se contarão da feitura desta em diante na forma da planta e apontam.tos na manra seg.te a saber com bõs liserses os quais serão mais largos do que mostra a traça e planta hũ palmo athe superficia da terra p.ª q̃ se corte a parede da superficia da terra p.ª cima hũ palmo pª q fique a parede na grossura da traça e tenha meyo palmo de sapata de hũa pte e outra os quais licerces serão feitos de pedras bem grandes e bem ajuntouradas com bons silares fortes e grandes e com boa cal e saibro bem traçado tudo bem feito e bem acentado e as paredes de toda esta obra serão bem feitas e ajuntouradas com bons silares e cal e saibro e os cunhais dos cantos serão bem feitos e acabados assim como mostra a planta e os silhares dos cunhais entrarão pela parede melhor de tres palmos pª cadilhar o cunhal com a parede com boa adentação, e as

capellas da p^te de fora do claustro de S^to Amaro p^a a p^te do Norte serão feitas assim como mostra a planta e suposto faz menção de tres se ha-de acrescentar hũa p.^a o Retabolo de Nossa Sr^a do Desterro q hade ficar em correspondencia da fase de S^to An^to com declaração q̃ o arco q hade servir p^a a capella de Nossa S^a da Boa Memória hade ser de man^ra q̃ caiba o Retabollo della assim na altura como na largura, o estar por o ter capellas fora seus altares na forma q̃ mostra a planta e as frestas desta Sancristia p^a a p^te do Norte serão feitas como mostra a planta e bem rasgadas p^a darem boa lus e onde principião as ditas frestas se fara pella p^te de fora hũ cano p^a as aguas dos telhados sairem fora o qual cano será bem feito e acabado de pedra e cal e de escoadria e bem abaternado e por dentro delle se metera outro de casois de barro dobrado bem feito e acabado sendo necess^o e parecendo assim aos ditos Senhores e na mesma forma fara outro para as aguas do telhado q̃ fica p^a o Corpo da See e a porta principal desta Sancristia sera feita na forma q̃ a planta mostra bem lavrada e escodada assim pella p^te de fora como pella p^te de dentro e será de pedras inteiriças e as empenas de toda esta obra serão feitas assim como mostra a planta pela p^te de fora e pella p^te de dentro com seu rufos e algeroses da mesma pedra p^a que cubra m^to bem o telhado e levara as empenas seus pedestais com suas cruzes m^to bem feitas com duas aspas na forma q tem as da Ig^a de S. Victor e a aboboda desta Sancristia sera feita de tejolo com seus rompantes de pedra na forma q̃ a planta mostra m^to bem feita e acabada e tera um espelho p^a a parte do mar na forma q a planta aponta e outros em correspondencia desta p^a a p^te do nascente por dentro e em falso e da parte da nave da See fara as frestas da p^te de dentro da Sancristia em falso q correspondão as outras e levara esta Sancristia na faixa em redondo na forma q̃ aponta a planta e sobre elle e seus nichos como a planta os aponta tanto de uma banda como da outra e no lugar da capella com a cruz q a planta aponta tera dous nichos hũ de cada banda como os mais dos lados bem feitos e acabados p^a q̃ correspondam uns com os outros, e fara um lavatório na forma q̃ a planta mostra com tres carrancas de bronze q̃ terão suas chaves p^a lançarem agua das quais carrancas se lhe dara o modelo e o dito lavatório sera posto no meyo do vão nesta apontado na traça e nas ilhargas delle tera dous portais em falso com todo o vão q̃ for pocivel os quais serão de pedra e escudados e serão da altura da faixa e por hũ dos ditos portais dos lados do dito lavatório pelo vão de hũ metera hũ cano p^a a pia de agua do lavatório, e fora duas casinhas com seus portais q mostra a planta hũa ao lado da porta principal e outra da outra p^te em correspondencia, e toda esta obra

de q̃ acima se trata sera pella p^te^ de dentro bem lavrada e escudada tanto faixa como nichos e capellas frestas e cornixas frizos e alquitraves da aboboda e arcos della portais e lavatório tudo bem feito e acentado como pede o primor da Arte, e o lageado desta Sancristia será no sitio q ocuparem os caixões q hãode ter tosco a encher porém assentado ao livel e junto aos caixões terá sua faixa de pedra escudada repartida como pedirem os arcos da aboboda de cima e os vãos deste lageado desta Sancristia serão feitos de legranjo [?] e declararam q̃ dado caso q̃ seja necess^o^ vir abaixo o constoso(?) da nave da See a fara de novo des os licerses the cima em forma q toda a Ig^a^ fique bem segura em forma q não haja risco algũ e havendo-o fará tudo seguro e corrente por sua conta, e pora nas frestas e espelho desta Sancristia as grades q houverem mister de ferro enchumuadas como fôr necess^o^, e so elles ditos Snr^s^ serão obrigados a porem as vidraças nellas e dará elle dito Mestre a cal necess^a^ p^a^ toda esta obra e dara a Sancristia e aboboda della bem caiada e rebocada assim por dentro como por fora des a superficia da terra athe acima the o telhado e outrossim fara os telhados desta Sancristia de m^to^ boa telha como a de S. Victor bem assentada e embocada em cal e precintada de tres em tres carreiros com seus aljaroses m^to^ bem feitos assentados em boa cal e areia p^a^ o q̃ se aproveitara tãobem da telha pedra e madeira do sitio desta Sancristia q de presente tem contanto q p^a^ a nave de S^to^ Amaro e trave da See compostos e seguros assim de forros como telhados e sómente elles ditos Senhores serão obrigados a em madeirar por sua conta a dita Sancristia por cima da aboboda e tudo o mais fara elle dito Mestre e dara a obra prefeita e acabada e livre de entulhos q tirara fora por sua conta dentro do dito tempo atraz declarado e o dito lageado será assentado com cal e nesta forma e da dita planta e apontam^tos^ della de q̃ fala esta escript^a^ fara elle dito Mestre toda esta obra à sua custa e no dito preço de dous contos e setecentos e oitenta mil rs. por conta dos quais lhe darão elles ditos Senhores do Cabb^o^ em principio desta obra quinhentos e oitenta mil rs. e o mais lhe irão dando repartido as mesadas durante o tempo em q̃ fica obrigado dar feita esta obra prefeita e acabada e declararam q̃ no caso q̃ em que não pegue desta obra p^a^ a dar prefeita e acabada no tempo em q̃ fica obrigado poderão elles ditos Senhores tornar a pôr a pregão a dita obra p^a^ a rematarem a quem nella lançar e não havendo quem a tome pello preço q a rematou elle dito Mestre tudo aquilo q̃ mais se der por ella ficara elle dito Mestre obrigado a pagar tudo o q̃ crescer de sua casa e fazenda e o q̃ diminuir deste dito preço sera p^a^ a fazenda da Mitra por conta da qual e o custo desta obra a qual despois de acabada será vista por Mestre

da Arte q̃ bem entender e achando algũ defeito assim na segurança como na prefeição o refara elle Mestre à sua custa. E por elle dito Mestre Manoel de Carvalho foi dito q tudo assim aceitava e ao cumprimento de tudo se obrigava na forma atraz e pª mais segurança delles ditos Senhores e fazenda Mitra (sic) apresentava como apresentou e principal pagador Manuel Fernandes Veloso, Mercador, Mor no Campo da Vinha desta dita cidade pelo qual foi dito estando presente pessoa por mim reconhecida q de sua livre vontade fiava e ficava por fiador e principal pagador delle dito Mestre Mel de Carvalho por toda a cópia e quantia desta obra pte e divida della e tomava e removia sobre si in solidum toda esta obrigação como principal devedor e obrigado por tal se constitui as clausulas e penas atraz e a paga e cumprimento de tudo obrigava como obrigou sua pessoa e todos seus bens móveis e de raiz havidos e por haver e terço de sua alma q tudo expressamte hipotecava da mesma maneira que elle dito Mestre Mel de Carvalho tem hipotecados os seus e com o mesmo pacto e por tudo e cada cousa hũ e outro se obrigava a responder perante as justiças desta cidade assim eclesiasticas como seculares perante quaisquer q̃ os demandar quiserem renunciando todas as de seu foro e o benefício de esperas q̃ o drto permite e a quaisquer fereas jus e privilegios de q̃ se possa ajudar e consentir assim elle dito Mestre como elle seu fiador q̃ por tudo e cada cousa se possa lançar não por elles ambos ou cada hũ delles tomando hũ e deixando outro e sempre pello milhor passado ficando a escolha nos ditos Senhores do Cabbo fazer sempre o q̃ mais quiserem inda que seja despois da Snçª dada e comeada de execusam e que qualquer delles comece de pagar dizendo mais elle dito Mestre Mel de Carvalho q̃ da mesma manª q atraz esta obrigado se obrigava a tirar a pax e a salvo a elle dito seu fiador de toda esta fiança e obrigação q̃ por elle faz com todas as perdas e danos q̃ por esse resp.to receber e será mais obrigado elle dito Mestre a dar pª ajuda do custo da planta ao dito Arquiteto Dos Lopes doze mil rs. em dro e por elles ditos Senhores foi dito q̃ comprindo elle dito Mestre M.el Carvalho com todo o atras dito e no dito tempo atraz declarado obrigavam como obrigam as rendas da fazenda da dita Mitra athe mandarem pagar da dita fazenda da Mitra o dito preço na forma atraz declarada e hũns e outros assim o disseram e outorgaram e o aceitaram de pte a pte e mandaram fazer o prestº instrumento e delle dar hũ e mtos e os q̃ comprir. E eu tabelião geral como pessoa pca estipulante e aceitante tudo estipulei e aceitei em nome das mais pessoas a q toca e tocar pode estando a tudo prestes por tas João de Matos Porto da Massa dos ditos Rdos Srs e António Fer.ª mor na rua de Maxos desta dita

cidade de q todos assinarão. E eu Francisco de Araújo Barroso Tᵃᵒ Gᵃˡ o escrevi e declaro q não estava presᵗᵉ o dito Mᵉˡ Ferᵃ Veloso nem foi fiador e q̃ pᵃ melhor prefeição e brevidade da dita obra o dimitiu elle dito Mestre Mᵉˡ de Carvalho pᵃ seus companheiros ou mestres q̃ também tinham lançado na dita obra e tinham feito a planta e apontamᵗᵒ della a saber o Mestre Dᵒˢ Moreira hũ dos Mestres da Obra de S. Victor e Mᵉˡ da Costa e Antᵒ da Costa todos da fregᵃ do Salvador de Moreira concelho da Maia trᵐᵒ da dita cidade do Porto e João da Costa da fregᵃ do Salvador de S. Pᵒ e vizinho na vila de Gaia trᵒ da dita cidade do Porto pellos quais todos e cada hũ foi dito q todos com o dito Mᵉˡ de Carvalho se obrigaram por suas pessoas e bens todos e cada hũ fazerem a dita obra na forma atraz e com todas as clausulas atraz apontadas e na planta assinada por elles Mestres todos e por elles ditos Rᵈᵒˢ Chantre e Conego Marcos Dinis Velho e Dᵒʳ pᵒʳ Gᵃˡ da Mitra e ficavam uns por outros hũ por todos e todos por hũ tomando hũ e deixando outro ficando à escolha nelles ditos Senhores por qᵗᵒ removiam todos e cada hũ sobre si in solidum toda esta obrigação cada hũ como principal devedor e obrigado e por tais se constituiam e se submetiam ás clausulas e penas atraz e assim o tornaram a dizer e declarar e tᵃˢ as sobreditas. Sobredito o escrevi. O Deão Chantre — — Barbosa — Sousa — Dᵒˢ Castro — Ferreira — Velho — Araújo — Meira — Dias — Santarém — Álvares — M. Carvalho — Domingos Moreira — Abel da Costa — António da Costa — Joam da Costa — João de Matos — — António Ferreira. —

(Arquivo Distrital de Braga, *Notas do Tabelião Geral,* vol. 451, fls. 124-126 vº)

II — CONTRATO DE OBRA DA SANCRISTIA DA SEE COM PASCOAL FRÊS E SEU Fº

Em nome de Deus Amen — Saibam qᵗᵒˢ este pº Instromento de contrato de obra e obrigação virem que no Anno do Nascimᵗᵒ de Nosso Seʳ Jesus Xpᵗᵒ de mil e seiscᵗᵒˢ e noventa e oito annos aos vinte e oito dias do mes de Abril do dito anno nesta cidade de Braga nos Passos Arcebispais della ao apousento do Reᵈᵒ Conego Vicente Coelho Borges ai perante mim Tam Gᵃˡ e tᵃˢ ao diante nomeadas apareceram de hũa parte o dito Reᵈᵒ Conego Vicente Coelho Borges e da outra Pascoal Freʳ Mestre de Pedraria morador no arrabalde de S. Victor e seu filho Mᵉˡ Ferᵃ da Silva outrossim Mestre

de Pedraria m^or^ na rua de S. Marcos ambos desta dita cidade pessoas por mim reconhecidas por elle foi dito R^do^ Conego logo foi dito q de ordem do Ill^mo^ Sn^or^ Arceb^o^ Primaz D. João de Sousa estava contratado com elles ditos Mestres Pascoal Frēs e seu filho de elles fazerem a obra da Sacristia deste S^ta^ See e que já está principiada p^a^ se edificar de novo prefeita e acabada assim de alicerses como paredes frestas portadas lageados aboboda e tudo o mais com a cazinha acima della tudo perfeito e acabado na forma da planta q fizera João An^tes^ Arquiteto m^or^ na cidade de Lx^a^ e na forma dos apontam^tos^ da dita planta tudo de pedra e cal e terão as paredes das ilhargas nove palmos de grosso e pellas p^tes^ exteriores serão de enssilharia as fiadas toda leada e junturada forte e segura e a dita grossura de nove palmos se entenderá da ilharga da parte de fora porq̄ a de dentro se engrossará com a parede da See que tenha os mesmos nove palmos com toda a fortaleza e segurança p^a^ que possa receber a abobeda da dita sacristia e os Arcos da See q nella descarregar por man^ra^ q por causa de bolirem na dita parede se não arruine a See antes fique mais segura e sendo caso q se arruine a dita See por causa da dita obra será por conta delles Mestres q a edificarão à sua custa e terá a dita sacristia nova oitenta palmos de comprido por dentro em vão e quarenta de largo e alem disto farão a cazinha acima da sacristia q está principiada e terá a dita sancristia de Alto des o pavim^to^ athe ao cornijamento trinta e três palmos e meio e a aboboda será de pedra lavrada na forma [da] planta levantada à sua volta na forma que mostra a planta ou ordenar sua Illm^a^ e será o lageado de lexunga de pedraria com seu degrau à volta q mostra a planta p^a^ se assentarem os caixões e as ditas paredes da dita sacristia de fora e de dentro na forma da planta tudo prefeito e acabado excepto os lavatórios que lhes ficam por conta de sua Ilm^a^ e tudo o mais q mostra a planta assim de pedraria como de mãos e por conta delles ditos Mestres e a dita pedraria do interior e jenelas portais e frestas serão de pedraria branca, do Carualho d Este ou Pedralua qual melhor ordenar sua Ilm^a^ e elles Mestres se aproveitarão da pedraria q está na dita sacristia velha e da nova principiada e somente sua Ilm^a^ lhe dara a cal som^te^ e tudo o mais feito e acabado por conta delles ditos Mestres a qual obra dara feita e acabada metida na Arte de seu off^o^ conforme a dita planta sem faltar cousa algũa e vistas por Mestres da dita Arte q aprovem bem feita e acabada sem faltar ponto algũm da dita planta assim na prefeição como na segurança e se lhe dará por toda a dita obra perfeita e acabada assim a dita sacristia com sua aboboda como a mudança da porta travessa da See q elles Mestres mudarão à sua custa três contos e duzentos e quarenta

mil rs. em dr° pagos na maneira seguinte a saber em princípio da dita obra quatroc^tos^ mil rs. e crecendo(?) o mais às mezadas a cem mil rs. cada mês assim com a dita obra for correndo o que tudo darão feito e acabado dentro de dois anos pro^os^ seg^tos^ que se contarão da feitura desta em diante e no fim dos ditos dous Annos acabada a dita obra se lhe pagará o restante ficando a dita obra prefeita e acabada na forma da dita planta e vista pelos ditos Mestres que a julguem sem defeito algum assim na matéria de perfeição da obra como na segurança dela e achando-se algum defeito a repararão elles ditos Mestres a sua custa e o portal da Se q hão-de mudar no lugar q se lhe asinar e limparão a pedraria della e a tudo elles ditos Mestres tudo assim cumprirem e darem perfeita e acabada dentro dos ditos dous annos obrigavam como obrigam suas pessoas e todos seus bens móveis e de raiz avidos e por aver e terços de suas almas q tudo cada hũ expresam^te^ hipotecava e por tudo e cada cousa se obrigavam a responder a pé de Juizo e da cadea perante as justiças desta dita ci^de^ perante quaisquer q̃ as demandar quiserem renunciando todas as de seu foro e quaisquer férias leis e previlegios de que se possa ajudar e p^a^ mais segurança do dito S^or^ estando pres^te^ Bento ferr^a^ orives de prata m^or^ na rua do Souto desta dita cid^e^ pessoa por mim reconhecida por elles foi dito q de sua livre vontade fiava e ficava por fiador e principal pagador delles ditos Mestres por cada copia e quantia desta obrigação assim de a darem feita e acabada dentro dos ditos dous Annos com a firmeza e perfeição della e dr° que tiverem recebido e tomava e removia sobre si in solidum toda esta obrigação como principal devedor e obrigado e por tal se constetuia e se submetia ás cláusulas atraz e á paga e satisfação de tudo obrigava como obrigou sua pessoa e todos seus bens móveis e de raiz avidos e por aver e terço de sua alma q tudo expressamente hipotecava e consentia assim elles ditos Mestres com elle seu fiador q por tudo e cada cousa se possa lançar mão por elles todos e cada um delles tomando hũ e deixando outro e sempre pello melhor parado ficando a escolha em sua Ilm^a^ fazer sempre o q mais quizer inda que seja despois da snç^a^ dada e começada de executar e que qualquer deles começe de pagar dizendo mais elles ditos Mestres que da mesma man^ra^ que atraz estão obrigados se obrigava a tirar a pax e a salvo a elle dito seu fiador de toda esta fiança e obrigação que por elles for contadas as perdas e danos que por esse Resp^to^ receber e por elle dito Reverendo Conego foi dito q cumprindo elles ditos Mestres com tudo atraz dito obrigava as rendas da Mitra a lhe fazer os pagam^tos^ na forma atraz dita e hũns e outros assim o disseram e outorgaram e aceitaram de parte a parte e mandarão fazer o pres^te^ Instrom^to^ e delle dar hũ e muitos e os q cumprir.

E eu T^ao G^al como pessoa p^ca estipulante e aceitante tudo estipulei e aceitei em nome das mais pessoas a q toca e tocar pode estando a tudo pres^te por t^as António Ferreira morador na rua de Max^nos e João de Sousa Maxia Thes^ro de Sua Illm^a q todos assinarão. E eu Fran^co de Ar^o Barroso T^ao G^al o escrevi. E declararão q as grades que mostra a planta serão por conta da Mitra e assistio a esta escrip^a o D^or Constantino Rib^ro do Lago p^dor g^al digo P^o Rib^ro do Lago q também assistio a este contrato em nome delle o aceitou onde o deduzi nesta escrip^as t^as as sobreditas sobredito o escrevi. — Pedro Ribeiro do Lago — V^te Coelho Borges — Pascoal Frs uma cruz — Manuel Frs da Silva — Bento — António Frr^a — João de Sousa Mexia

(Arquivo Distrital de Braga, *Notas do Tabelião Geral*, vol. 480, fls. 32-33)

III — CONTRATO DE OBRA DE PEDRARIA DA CASA DO THESOURO DA STA: SEE DESTA CID^e. DO R^do ADMINISTRADOR DA FABRECA COM PASCOAL FRES. E SEU F^o. MEL. FRES. DA SILVA ARQUITETOS DESTA CID^e.

Em NOME DE DEUS AMEN: — Saibão q^tos este plo. instromt^o de contracto de obra e obriguação virem que no Anno do nasciment.^o de nosso S.^or Jesus Christo de mil setecentos e seis annos aos onze dias do mês de M^co do d^o Anno nesta cid^e de Braga no terreiro da praça do pão della e casas do cartorio deste off^o ahi perante mim t.^am g.^al e testas. ao diante assinadas apareceo presente o R^do Bento Maziel Conego prebendado nesta St^a See desta cid^e e administrador da fabrica della de hũa parte e de outra Paschoal fres. e seu f^o Mel. fres. da Silva Archetetos desta d^a cid. pessoas por mim reconhecidas e logo pello d^o R^do Conego administrador da fabrica foi dito que estava contractado com elles ditos Paschoal fres e seu f^o Mel fres. archetetos de lhe fazerem a obra do prolongo e topo da casa do thesouro e cartorio da Mitra junto a sacrestia da Sta See da da^a Cid^e na forma e maneira da planta e perfil que se achão riscado e desenhado por João Antes Archeteto da cidade de L.^a que elles ditos Archetetos virão e examinarão tudo na forma que na mesma planta se mostra com o acrescentamt^o de um pedaso de muro que fica detras da See entre a capella de São Pedro de Rates e a do Ilustrissimo sehor D. Gc^o Pr^a o qual muro hade corresponder e ter a mesma altura que o muro ou capella de São P^o. a qual obra pl^a parte exterior hade ser feita de cantaria na forma da d^a sacrestia com esca-

das portas e almarios frestas e tribuna et cetera e abobadas assi e da maneira que na dita planta se mostra desenhado e ladrilhada a dita casa de escoadria na forma da mesma sacrestia na superfície da terra e por sima da abobada da dª casa ladrilhada de tijollo do grande com seu mijadeiro em hũ dos cantos onde mais comodamtº puder estar e elles ditos architetos hãode por toda a pedra necessaria assi de escoadria como de alvenaria saibro agua madeiras para as escadas tejolo para as abobadas e telha da dª marca da dita sacrestia pª se cobrir a dª casa e romper paredes e tornallas a compor e fazer os alicerces de pedra de macho e femea tudo assi a custa deles ditos arquitetos sem concorrer elle dº Rdº Administrador com cousa algũa para a dª obra nem para a coresão dos materiais della nẽ pª abrir os alicerces nem para o despejo do entulho mas que somtº com a cal necessarea e grades de ferro e o madeiramentº pª o telhado e mais obra de carpintaria pela coal obra na dita forma feita e acabada com toda a perfeição lhe da elle Rdº Adeministrador novecentos mil reis em drº de contado pª. elles dºs Archetetos serão obrigados elles ditos arquitetos a dar a dita obra feita e acabada em prº. de hum anno e meyo primeiros segtes e elle dito Rdº Administrador lhe dará no principio da obra trezentos mil reis que ao fazer desta lhe contou e elles receberão e no meio da obra lhe dara outro tanto e depois dela feita e acabada os últimos trezentos mil reis e por elles ditos Pascoal Fres. e Mel. Fres. da Silva foi dito que na dita forma e pellos ditos novecentos mil reis aseitavão como aceitarão a dita obra e a fazella na forma sobredita e como se mostra na dita planta que fica em seu poder assinada por elles e por elle dº Rdº. Administrador e no dito acto acima declarado dandolhe somtº elle dº Rdº Administrador toda e cal necessaria e grades para as frestas e janellas obrigavão como se obrigarão suas pessoas e todos seus bens moveis e de raiz avidos e por aver com o terço de suas almas que tudo cada hũ expresamtº hepotecava sob penna que passado o dº anno e meyo que comesa de correr deste dia por deante não dando a dª obra feita e acabada na dª forma pagarem de penna convencional cem mil reis e todas as mais perdas e dannos que a dª fabrica e administrador della per si respeita receba e por tudo e cada cousa se obrigavão como obrigarão ambos e cada hũ de per si a responder perante as justiças desta dª cidº assi eclesiasticas como seculares e perante outros coaisquer erros demandas quizer renunciando como logo renunciarão todas as de seu foro e quaisquer ferias leis e privilegios de que se possão ajudar e por elle dito Rdº Conego Administrador da fabrica foi dito que satisfazendo elles ditos Archetetos com tudo o atraz dito e fazendo a dª obra com toda a perfeição na forma atraz declarada e deleneada na dª

planta obrigava como obrigou os bens e rendas da dita fabrica a lhe dar e pagar os ditos novecentos mil reis pelos tempos atraz declarados e logo por conta deles e principio da dª obra na minha presença e das ditas testemunhas deu e entregou a elles ditos Archetetos trezentos mil reis em drº de contado pella moeda de prata e ouro corrente neste reino que elles contarão e receberão em si e delles se derão e ouverão por pagos entregues e satisfeitos e a elle dº Rdº Administrador da fabrica por quite e livre delles deste dia para sempre e declararão elles ditos arquitetos que o entulho que se acha presente se tirara por conta da fabrica e que o muro que se hade fazer entre a capella de S. Pº. e a do Ilmº Sor D. Glº Prª tera a mesma fase e correspondencia pella parte de fora e tera a mesma altura da capella de S. Pº. e nessa mesma altura chegara the a capella do Ilmº. Sor. D. Glº e que a cal neces.ª pª. a dª. obra lhe dara elle dº Administrador ao pe da dita obra e que elles Archetetos se poderão aproveitar da pedra que sahir da obra onde ella se faz e que os últimos trezentos mil reis lhe dara o pagamtº de cem mil reis cada mes depois de feitos dois terços da dita obra e elle Rº Administrador se obrigou por sua pessoa e bens a fazer os dºs pagamentºs e huns e outros asi o diserão e outorgarão e aseitarão de ptº a ptº e mandarão fazer o presente instrumento nesta nota e della dar hũ e mtºs. E eu tam gal como pessoa p.la. estipulante e aceitante o estipuley em nome das mais pessoas a que toca e tocar pode e estando prestºs por testas. Andre Ferrª. do Campo de Stª. Anna e Jmº da Silva escrivão das execuções que todos aqui asinarão. E eu Adrião Lobo Viegas tam gal o escrevi. — Bt.º Maciel — Manuel Fs. da Silva — de Pascoal fres. (uma cruz) — André Frr.ª — Jmº da Silva.

(Arquivo Distrital de Braga, *Livro da Nota Geral,* vol. 516, fls. 5v.º-6v.º)

Diferenças entre o Vocabulário Português e o Galego

Pelo Doutor Henrique Chao ESPINA
Catedrático de Língua Portuguesa e Académico na Espanha

Em memória do meu ilustre amigo minhoto, o Dr. Sérgio da Silva Pinto, com imensa amargura pela sua morte.

É inútil repetir que o galego e o português não sòmente têm origem no Latim vulgar, mas também as línguas foram uma só nos seus começos. Menéndez Pelayo e Teófilo Braga são os dois grandes mestres peninsulares. Eles, depois de muitos estudos, não só reconhecem esta verdade, mas também assinalam a Galiza e o Norte de Portugal como berço florescido da Lusitânia. A crítica admitiu tão indubitável tese.

Infelizmente, a Galiza ficou recuada na evolução linguística, ao passo que Portugal — com o seu destino histórico, a sua admirável expansão e colonização — fez do seu formoso idioma o instrumento adequado a tanta grandeza. Porém o caminho luso-galaico abriu-se em dois leques de sinal diferente. Por um lado é, sem dúvida, mais rico o português, acrescentado com termos novos e uma sempre brilhante Literatura. O galego, primeiro estancou, depois ressurgiu no século passado, com o Romantismo, e hoje continua em gomos de verdadeiro florescimento.

Os fundadores da filosofia científica em Portugal, F. Adolfo Coelho, Fidelino de Figueiredo e a geração actual estuda as diferenças luso-galaicas e quanto se relaciona com ambos os povos.

Mesmo na minha cadeira de Português, encontro dificuldades no ensino aos meus alunos — quase todos galegos — de tão rica língua. Nas-

cem os embaraços, de diferenças fonéticas, morfológicas, de sintaxe e, mais ainda, da lexicologia em todos os seus ramos. Estas dificuldades não as podem comprender quantos desconhecem uma de ambas as línguas, além de aqueles que falam de identidade galaico-portuguesa na linguística.

Das dificuldades que o português tem para os galegos, e das diferenças morfológicas luso-galaicas fizemos um ensaio que a Editora Nacional Espanhola publicou com o título: «Da Galiza e Portugal. — O Galego e o Português: Principais diferenças morfológicas entre ambas as línguas» [1]. Hoje — como continuação de aquele trabalho, escrito em português — queremos contribuir com estes apontamentos para estudar algumas distinções entre o vocabulário lusitano e o da Galiza, segundo este esquema:

I — TERMOS DO GALEGO INEXISTENTES EM PORTUGUÊS.
II — RIQUEZA DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS: TERMOS QUE O GALEGO NÃO CONHECE.
III — PALAVRAS GALEGAS E PORTUGUESAS COM SIGNIFICAÇÃO DIFERENTE EM AMBAS AS LÍNGUAS.
CONCLUSÃO.

I — TERMOS DO GALEGO INEXISTENTES EM PORTUGUÊS.

São muitas as causas pelas quais o galego tem termos que não conhece o português, mas não é a nossa missão estudá-las neste ensaio. Não temos de falar das dissemelhanças morfológicas, já anotadas no nosso mencionado estudo; isto seria uma repetição. Mas devemos assinalar que são dignas dum estudo mais expansivo.

No vocabulário, o galego tem termos que se correspondem com o castelhano (espanhol oficial) e que não encontramos na língua lusitana. Estas palavras têm a sua origem em uma grande diversidade de línguas que enriqueceram o castelhano. Vejam-se aqui alguns exemplos; nos quais, são o mesmo em galego que no castelhano os vocábulos:

Aguamanil (do lat. aqua-manus) que corresponde no português à bacia ou jarro de lavar as mãos;

Alcalde (do árabe Kadi + o artigo *hal* = juiz; particípio activo de Kada = resolver), em português: presidente da Câmara Municipal. *Buzo*

---

(1) Real Academia Gallega. Primera y Segunda Asambleas Lusitano-Gallega. — «Actas y Comunicaciones», págs. 263 a 271 (Editora Nacional, Madrid, 1967).

e *Bacelar* tomado do português «búzio», caracol que vive debaixo da água, e este do latim «bucina»; em português chama-se: mergulhador e mergulhar. *Buzón,* de oc. ant. «bosson», procedente do françico «bultjo», cravo grosso (caixa do correio). *Calcetín,* provàvelmente pelo catalão «calcés» (peúga, coturno). *Cigarro puro,* de etimologia incerta; em quanto a *cigarro,* quiçá pela semelhança com o corpo da cigarra (charuto). *Codo,* do latim «cubitum» (cotovelo). *Chapuzar, chapuzón,* variante de «Zapuzar», século XIII, antigamente «sopozar», derivado de «pozo», (mergulhar, mergulho de cabeça). *Delantal,* antes «devantal»; «avantal» nos séculos XV-XVII (avental). *Flan,* do francês «fran», ant. «floan» (pudim, feito com ovos, leite e açúcar). *Hache,* do francês «hache» e este do baixo latim «hacca» (hagá). *Paraguas* de «para aguas», (guarda-chuva). *Porrón,* de «porra», comum ao castelhano e ao português com significação muito distinta em ambas as línguas: Século XII, «porrón», no catalão «porro» e no moçárabe «purrún», significa vasilhas de ventre bojudo (moringue). *Purificador* do latim «purificatorem» (sanguinho). *Servilheta, do v. latino* «servire» (guardanapo). *Sotana,* do latim vulgar «subtulum» derivado do latim «*subtus*» (cave). Taquilla, dim. de «taca», derivado do francês «taque», e este do baixo alemão «*tâk*», século XVI (bilheteira, papelaria). *Tarta,* do francês «tarta» e este do latim «torta» (torteira, torta). *Tenedor* do v. latino «tenere» (garfo). *Tobillo,* provàvelmente de um latim vulgar «tubellum», diminutivo de «tuber» (tornozello). *Tortilha,* diminut. de «torta» (omeleta). A lista nunca foi estabelecida ou organizada, como é fácil de compreender.

Também a Galiza tem vocábulos inexistentes em português, e que sòmente se diferençam do castelhano pelos sufixos e outras características próprias do galego, como nestes exemplos:

Galego	Castelhano	Português
aceira	acera	passeio lateral da rua
calexa	calleja	viela, beco
calexón	callejón	azinhaga
espeteira	espetera	cabide
fillastro	hijastro	enteado
lacena	alacena	armário construído na parede
lentexa	lenteja	lentilha
moi	muy	muito
oxal	ojal	botoeira, abertura da casa do botão

Galego	Castelhano	Português
polo	pollo	frango, pinto
sombreiro	sombrero	chapéu
xastre	sastre	alfaiate
xamón	jamón	presunto

Além disto, estes povos que têm vivido à beira um do outro acrescentaram o vocabulário galego-português, mas não sempre da mesma forma: uns para Portugal e outros para o resto da Península. O mesmo se passou com os países colonizadores: umas vezes foram os mesmos termos para Portugal, Espanha e para a Galiza. Ambos os povos tomaram, v. gr.: dos caribes das Antilhas os vocábulos: *batata, cacique, canibal, canoa* (introduzido na Espanha, em 1493), *carey, macana, tabaco,* etc. Dos aztecas: *aguacate, nopal.* Outros americanismos são hoje luso-castelhanos, como *apaca, mate, pampa, puma* (do quichua), etc.

De outro modo, os descobrimentos diferençaram as línguas peninsulares. Assim em espanhol — e ainda em galego — empregam-se palavras que são distintas do português, algumas não se conhecem na Lusitânia vgr.: Do azteca: *guayaba* (goiaba), *huracán* (furacão), *maiz* (mais, milho graúdo)), *tiburón* (tubarão), *aquají* (peixe acantopterígio das Antilhas, termo desconhecido em português), *jícara* (xícara, chávena). O quechua deu muitas palavras em ambas as línguas, como *lhama* (lama) etc.

Por último tem o galego termos que mesmo não conhecem nem o castelhano, nem o português. Vejam-se alguns deles:

arrecender (cheirar muito bem), *bilicroque* (dedaleira), *bagullas* (lágrimas), *buguina* (buzio), *cañoto* (talho cortado duma planta), *capizo* (farrapo, dedeira), *carabela* (cesta pequena), *carabullo* (pau torcido), *degoiros* (impaciência), *engadir* (aumentar), *escocha* (mentira), *estriga* (urtiga), *junqueiro* (estadalha), *cabrinfollo* e *garnicela* (madressilva), *godallo* (cabrão, bode), *lubrigante* (voga-avante), *lulo* (vendedor de peixe), múxil (mujem), *muxica* (chispa, faísca), *parrandeiro* (bulhento, alegre, divertido), *rabuñar* (arranhar), *señardá* (saudade, soledade), *tangalheiro* (grandalhão), *tanisco* (picada, mordidela leve), *tixela* (cunca), *tixelo* (sertã pequena), *xaramolar* (germinar), *xato,* (bezerro), *xeito,* (maneira, modo)... Tudo um Dicionário de variantes.

II — RIQUEZA DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS: TERMOS PORTUGUESES QUE O GALEGO NÃO CONHECE.

Esta parte não é outra coisa do que a confirmação e continuação de quanto temos dito. Nas linhas precedentes já ficaram assinalados alguns termos portugueses que não temos os galegos. Como exemplo escrevemos três vocábulos de cada letra, quantas palavras mostramos em seguida faltam não só em galego, mas também em espanhol (castelhano):

— *adonisar, adregar, adueiro; batelo, bumbar, bruaca; careca, cartaxo, cotubana; charivari, chinchafol, chue; danista, deganho, desjejuar; engajar, escaminhar, esborcinar; fota, frago, fretenir; gigo, gíria, grinfenho; haurir, homose, horsa; incude, in-dona, ingluvioso; jarretice, jericada, juro* (anotamos estes três exemplos, mas as letras J e K não existem em galego); *lala, lembrete, licorrexia; maçal, mingacho, moringue; nódoa, noete, nitrir; oiça, olhalva, ozoteira; peúga, pingalim, polé; quadra, quadrigume, quotiliquê; ranger, ribalta, roco; saboaria, sebasto, segnícia; tabaréu, tetela, tocha; uivo, uste, uta; valdevinos, verruma, vigarista; xagara, xevá, xote; zaibo, zaruca, zonchar.*

Abra-se um Dicionário Português e a lista de termos portugueses inexistentes no galego e no espanhol é assombroso.

III — PALAVRAS GALEGAS E PORTUGUESAS COM DIFERENTE SIGNIFICAÇÃO EM AMBAS AS LÍNGUAS.

Muitos dos exemplos que temos nomeado, provam que umas mesmas palavras têm significação diferente em ambas as línguas. No nosso estudo sobre diferenças morfológicas dizemos: «No entanto, alguns termos portugueses têm uma muito distinta significação no galego. Assim: *mala, polvo*, e *paquete* (em galego dir-se-á: maleta, pulpo e transatlântico) em galego têm a significação dos vocábulos portugueses: má, pó e embrulho».

Como amostra destas diferenças demos alguns exemplos. Aclaramos que alguns dos termos anotados *podem ter* uma significação idêntica em ambas as línguas, mas também outra e ainda outras muito dissemelhantes, v.gr.: *chuveiro* em galego e em português significam aguaceiro, mas em português, além disto, também quer significar crivo donde se faz cair a água em forma de chuva para banho, ao passo que em galego, este último chama-se «ducha», o mesmo que em espanhol. O mesmo poderíamos dizer dos vocábulos: andar, contínuo, sobre e outros que têm significados iguais ao galego, mas também outros muito diferentes, como temos de ver.

Na primeira coluna, o termo é comum em ambas as línguas. Na segunda, explica em português a significação do galego. Na terceira, como teria que dizer em galego para ter a significação que assinamos em português. Não é necessário fazer mais explicações para os leitores portugueses:

—1—	—2—	—3—
Termos em galego e em português	**Significação em galego**	**Como tería que dizer-se em galego para ter a significação do português**
andar (sust)	*andar* (verbo)	*piso* (sust)
cacha	*nádega*	*desemulo, ardil*
continuo (sust)	*continuado*	*conserxe, porteiro* (sust)
borracho	*beberrão*	*pombiño*
charamela	*caruma*	*chirimia*
chucho	*beijo*	*arrepio*
chus	*ruido*	*mais*
chuveiro	*aguaceiro*	*ducha*
engraçado	*engraxado*	*agraciado, agradábele*
graça	*pingue*	*gracia, laracha*
lente	*óculo*	*cathedrático*
munda	*farinha moida*	*monte*
poalha	*chovisco*	orvallo
raiola	*raio de sol ténue*	*xogo infantil, mariola*
saba	*lençol*	*botixo de Lunda*
sobre (sust)	*envelope*	*riba, enriba* (prep.)
tarela	*cizânia*	*paroleira*
sebenta	*sebacea*	*caderno pra apuntamentos*
unha	*uma*	*uña*
zoncho	*Castanha cocida com a monda*	*palanca que fai mover o émbolo de uma bomba*

CONCLUSÃO

Além de quanto temos dito, a Língua Lusitana e a da Galiza têm outras diferenças de muita diversa índole. F. Adolfo Coelho anota algumas, e Fidelino de Figueiredo fez este resumo, de uma delas:

«[El gallego] adoptó muchas formas castellanas que no entraron en el portugués y que subsisten al lado de las propiamente gallegas: luna y lua; iglesia y eirexa; virtu y virtude» (2).

Não são muito típicos os mencionados exemplos; no galego debe dizer-se: *lua; igrexa* ou *irexa; virtude* e não *virtu,* termo este que, tampouco é do castelhano que dice: *virtud.* No entanto, é verdade, que o povo mistura o castelhano com o galego da espécie dos nomeados por Fidelino. Assim, nos beiços dos galegos ouvimos misturas como estas: *golpe, raposo* e *zorro*; *tebras* e *tinieblas*; *branco* e *blanco*; *vizosas* e *viciosas* etc. etc.

Outra coisa são os inúmeros vocábulos castelhanos que umas vezes enriqueceram a língua galega e outras a viciaram. Deste aspecto já muito temos escrito.

Algumas diferenças do vocabulário luso-galaico, apresentam curiosidades notáveis com aproximações e ainda identidade com o castelhano, vgr.: *água,* em castelhano *agua* (sem acento), do latim «aqua», que o galego derivou em: *auga.*

Com tudo, a Galiza e Portugal têm tantos laços, que o Minho jamais separou. Porém Júlio Vaz em um artigo publicado recentemente, em «Bracara Augusta», depois de citar algumas antipatias, anota este texto de Garrett:

«— Ha nas feições de ambos — português e galego — aquele *ar de família que à primeira vista se colhe*».

E acrescenta, que Teófilo Braga nos exige isto: Pelo estudo da poesia gallega é que se podem comprender as formas do Iyrismo português».

Disto comenta Vaz: «— Encontrar a concretização do que escreve Teófilo Braga entre poetas das margens do Minho, como Rosalia de Castro e João Verde, é fácil, pois, ambos nasceram naquelas paragens e sentiram-lhes o calor e a saudade».

Eu sou minhoto em corpo e em alma. O estudo e o ensino do português ocupou grande parte da minha vida. Porém tenho da minha Galiza e do meu Portugal tudo quanto é o meu ser, em partes iguais. E não pode acontecer de outro feitio, porque o Norte de Portugal e a Galiza são a mesma cousa, no fio do Minho que teve por alfaiate as mãos de Deus.

A Corunha — 1971.

---

(2) Fidelino de Figueiredo. «Hist. de la Lit. Portuguesa». Traducción del Sr. Marqués de Lozoya (Edit. Labor) pág. 13.

A Irmandade de Nossa Senhora das Dores

Glória Primacial de Braga

(Dedico estas linhas ao bom amigo FRANCISCO BACELAR FERREIRA, Director de Bracara Augusta *e dinâmico Mesário da preclara Irmandade dos Congregados).*

Braga, na verdade, é escrínio de glórias singulares, de primazias em aspectos múltiplos da sua vida milenária, já antes de Cristo — ela, Augusta —, já depois de Cristo — ela, a Primaz das Espanhas.

Os seus naturais, os herdeiros de jóias tão raras, por vezes as esquecem, as menos-prezam ou, ao menos, ignoram. E os de fora, ao contrário, tomando contacto com elas, conhecem-lhes o real valor, entusiasmam-se por elas, estudam-nas, põe-nas à luz da ribalta, despertando e conclamando a atenção do mundo culto.

Falando só de nomes recentes, aí temos Pierre David na evocação de Braga páleo-cristã; Robert Smith no domínio da arte; A. A. King e H. F. Williams sobre o Rito Bracarense...

No verão de 1971, um bolseiro da Universidade de Berlim passou por Braga a estudar para tese de doutoramento, sabem o quê?!

Nada mais, nada menos do que o Primado de Braga sobre as Espanhas! Um alemão, informado do problema com aquela meticulosidade que lhes é peculiar, investigador-estudante em Toledo e em Braga, como saberá ver e julgar o problema histórico do Primado em toda a sua real magnitude! Será mais um estrangeiro a evocar as pristinas glórias bracarenses.

O Oratório (ou Congregados) de Braga, datando apenas do séc. XVII, notabilizando-se no século XVIII — o seu século —, também é glória de Braga nos dois aspectos: vida cristã e cultura, nomeadamente cultura

filosófica [1]. Pois também sairá a lume a história dos Congregados de Braga em trabalho a editar nos Estados Unidos da América, preparado por um filho dos Estados Unidos do Brasil [2].

A Congregação determinara que se preparasse uma Crónica Geral, que fosse resultante das Crónicas de cada Congregação do Oratório. Estas crónicas particulares foram-se redigindo e enviando para Lisboa. Conhecemos dois exemplares da Crónica da Congregação de Braga: Na Biblioteca Pública de Braga, o Ms. 162, e, no Arq. Nac. da Torre do Tombo, Lisboa, o Ms. de Livraria 430.

Melhor dito: o Ms. da B. P. B. é o borrão donde se tirou o trabalho definitivo que é o Ms. 430 do A. N. T. T.

O século XVIII, embora com válidas correntes de espiritualidade [3], em que pontificam notáveis oratorianos, como um Card. Bérulle, não se pode considerar um século muito propenso ao sentimento religioso. Ele se pode, até, classificar como um século crestado pelo filosofismo e pela cultura desenvolvida e vivida até ao enciclopedismo e movimento revolucionário vindos de além-fronteiras [4].

Os Oratorianos, sejam quais forem as razões, aparecem-nos como pioneiros dos novos caminhos ascéticos e culturais: estrénuos cavaleiros nas batalhas do eclectismo filosófico, na revolução escolar, no cientismo arvorado em facho dominante da cultura, etc., como no campo estritamente religioso, com escritores espirituais da envergadura do Ven. Bartolomeu do Quental, do P.e Manuel Bernardes [5], do P.e Teodoro de

---

[1] [P. Fernando da Silva], *Congregados de Braga*, 1968; [A. R.], «Um Ms. de Curso de Filosofia dado em Braga, 1759», em *Falam Documentos*, [Doc. 67], no *Diário do Minho*, 1, 16, 23 de Jan. 1972. Cf. António A. Andrade, *Vernei e a Filosofia Portuguesa*, Braga, 1945; Id., *Vernei e a cultura do seu Tempo*, Coimbra, 1966.

[2] Agradeço esta informação à amabilidade do Prof. Doutor António Alberto de Andrade que, sem favor, por todos é reconhecido como autoridade incontestada sobre o Setecentismo português.

[3] Cf. Cabral de Moncada, *Mística e Racionalismo em Portugal no século XVIII*, cit. por José S. Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia* (sécs. XVI a XVIII), Coimbra, sep. de «Biblos» vol. XXVIII, 1953, p. 167 (onde também se anuncia: *Alguns aspectos da mística portuguesa no século XVIII*); José S. da Silva Dias, *A Congregação do oratório de Lisboa, Regulamentos Primitivos*, Coimbra, Universidade, 1966; M. da Costa Nunes, *Documentação para a hist... do Oratório... de Goa*, Lisboa, Centro de Estudos Hist. Ultramarinos, 1966.

[4] Cf. José S. da Silva Dias, *Obras cits.*

[5] Ebion de Lima, *O Padre Manuel Bernardes*, Moraes editores, Lisboa, (1969).



A imagem de Nossa Senhora das Dores que continua a venerar-se na Igreja dos Congregados de Braga

Almeida, etc.; com pregadores populares e missionários, aqui e no ultramar, até ao Brasil, à Índia, ao Oriente; e com movimentos de piedade para todos, que não só para a gente simples e popular.

Um desses movimentos de piedade, exactamente no apogeu do séc. XVIII, 1761, em Braga, lança raízes e se desenvolve: a Irmandade de Nossa Senhora das Dores. Fundação dos oratorianos, esta Irmandade tornou-se uma das mais representativas manifestações do sentimento religioso português em todo séc. XVIII.

Nascida em Braga, a Irmandade estende-se logo a outras terras, chega à Corte, ultrapassa a fronteira e entra em Espanha; afoita-se ao mar e chega ao Brasil, à África, ao Oriente. Invisível corrente galvanizou as multidões de grandes e pequenos, aquecendo de Amor a intelectuais, a poderosos e a pobres, a clérigos e ao mundo dos conventos.

Tudo isto nos dizem as páginas arrancadas à *Crónica da Congregação de Braga* e que ora se editam. Elas deixam gravada no espírito a doce impressão de que a Irmandade de Nossa Senhora das Dores, dos Congregados de Braga, constituiu um desses momentos de irrupção do sobrenatural em pequeno Pentecostes de bênçãos. E constitui mais uma glória e primazia de Braga.

Braga, 28-XII-1971.

Frei António do Rosário, O. P.

★

An. 1761. Erige-se na Igr.ª desta Cong.am Bracharense a celebre Irmandade de Nossa S.ra das Dores.

Braga, **BIBLIOTECA PÚBLICA, Manuscrito 16 z**, fóls. inum. referentes a 1761. Não se reproduzem as palavras ou frases riscadas, dando-se apenas as correcções.

Ainda q̃ os filhos desta Cong.cam, desde a fund.am della ate agora haõ trabalhado continua, e infatigavelm.te na empreza da Salvacaõ das almas, confesando, e pregando em caza, e nas Missoẽns e exercitando os outros ministerios do nosso Instituto; contudo pareçe q̃ nunca taõ fructuosamente trabalharaõ, como quando erigiraõ nesta Sua Igr.ª a Celebre Irmand.e de N. S.ª das Dores, radicando-se por este meyo a devocaõ da May de D.ª naõ

so nos póvos desta Provincia, mas nos de todo o Reyno e Suas Conquistas, Se tem seguido, e Segue Continuam.te p.a Suas almas indizivel proveito. Pela qual razão; e tambem, por ser a sobredita erecaõ huã obra inteiram.te Liure, ou p.a o dizer melhor, huã obra, em q̃ os filhos desta Cong.am passaraõ m.to alem da Sua obrigação: deuo dizer aqui o modo, com q̃ se erigio, e propagou esta fermosa Irmandade.

Padre Prepósito e mais Padres desta Cong.am, desejando ansiosam.te promover a devocaõ das Dores da May de Deos, Padroeira do Seu Oratorio; e inflamados no mesmo Zelo, com q̃ S. Phelipe Benicio rejeitou o Ser Pontifice da Igr.a, so por andar estendendo pelo mundo a dita devocaõ; naõ querendo elles, a imitação daquelle grande Santo [**Fol.**] alguã Conveniencia temporal, mas unicam.te pelo interesse de fazer todos os fieis Servos das Dores de Maria Santissima pediraõ ao R.mo Padre Fr. José António Rossi, Geral da Ilustrissima Religiaõ dos Servitas, q̃, uzando do Privilegio, q̃ lhe deu Urbano VIII, lhes concedesse faculdade para erigir, e fundar na Sua Igreja a Irmandade das Sete Dores da May de Deos. E anuindo a esta piedoza Suplica o R.mo Geral, concedeo a licenca pedida, por huã patente assignada e Sellada com o Sello do seo officio aos 12 de Dez.bro de 1758: a qual Patente se conserua no Archivo desta Congreg.am E porq̃ para a ereccaõ desta Irmand.e era tambem necessr.o Licença do Ordinr.o / Sem a qual se naõ pode erigir, como dispoẽm os Summos Pontifices q̃ Concederaõ à Sagrada Religiaõ dos Servitas o privilegio de Communicar esta faculd.e, confr.e se declara na mesma Patente Supra / pediraõ o P. Prep.o e mais P.es desta Cong.am a S. A. o Serenissimo Senhor D. Gaspar Arcebyspo Bracharense, dese o seu consentim.to para a fundação, visto ser ella de Serviço de D.s e interesse espiritual de Seus Subditos, no Liuro das innumeraveis graças, e indulgencias, q̃ conseguem os q̃ tomaraõ os Bentinhos Dolorozos, e rezaõ a Coroa das Dores da Senhora, assentando seus nomes no Livro da Irmandade. E anuindo tambem o Senhor Arcebispo a tão Santa Supplica, foi Servido conceder a licença pedida, per huã Provisaõ Sua de 24 de Dezbr.o de 1760, a qual foi registrada no Liuro dos Registros da Camara Apostolica, e Se conserva, com a Patente do Geral dos Servitas, no Archivo desta Cong.am.

Alcançadas estas Licen[**Fol.**]ças, pareceo conveniente, q̃, antes de se dar principio á Irmand.e se fizessem ao povo alguns Sermoẽns, nos quais se declarase a grandeza do Habito doloroso, os seus privilegios e indulgencias, e quaõ grata he á S.ra a compaixão das Suas Dores &c; exhortando juntam.te a todos a q̃ tomassem o S.to Habito: o q̃ tudo assim declarou e persuadio, com acostumada energia, em tres Sermoẽns, o P. M. Martinho

P.ra / primr.º Author desta Irmand.e naõ so porq̃ elle foi o q̃ lembrou aos mais P.es da Cong.am o proveito espiritual dos povos, q̃ della se podia, e devia esperar; mas taõbem, porq̃ concorreo com as despezas necessr.as p.a a Sua ereçaõ, e, como Protector della, concorre ainda com as q̃ saõ necessr.as p.a a Sua conservação, e augm.to / Foraõ diversos, e encontrados os pareceres dentro e fora da Cong.am, sobre se seria conveniente pedir-se na entrada de cada hum dos Irmaõs algum subsidio, ou esmolla: e mtos diziaõ, q̃ se não admitisse algum, sem q̃ desse ao menos 60 reis; visto se levar dinhr.º, e esmolla m.to consideravel em todas as p.tes, em q̃ ha esta Irmandade; e taõbem, porq̃ sem as esmollas dos Irmaõs Intrantes, naõ poderia perpetuar-se taõ Santa devoçaõ; porem, naõ obstante isso, o P. Preposito, e mais Padres, q̃ p.a não gravar o povo, e se poderem igualm.te alystar por Servos da May de D.s os ricos, e os pobres, Se aceitassem todos de graça: Resolucaõ taõ acertada, e conducente p.a o s.to fim desta Irmand.e, como se ve da sua admiravel extensão, e propagaçaõ, q̃ direi logo [**Fol.**] depois q̃ expuser o modo com q̃ se lhe deu principio; e foi o seg.te.

Armou-se a Igreja com o maior esplendor possível e se collocou a devotissima Imagem de N. S.ra das Dores no lugar em q̃ estava a da Assumpção Padroeira da Igreja; pondo-lhe no peito, entre as espadas, o Relicario, em q̃ se havia de expor o Santissimo Sacramento. Isto assim disposto: no dia 18 de Janr.º de 1762, á tarde, no quoal dia cahio a Dominga da Septuagessima havendo concorrido inumeravel povo de hum, e outro sexo, e estando prez.te S. A. R. o Sereniss.º Sr. D. Gaspar Arcebispo Bracharense, q̃ se dignou vir honrar a festa com a Sua presença, Subio ao plano do Altar o nosso M.to R.do P. Preposito com os dous Deputados, acompanhando-o mais 4 P.es com Capas magnas, e outrosj mt.os de sobrepeliz com tochas, e ajoelhando todos, Cantou a Muzica o *tantum ergo,* e Se expoz o Senhor. Depois disto, o P. M. Martinho P.ra estando Em pe no Presbyterio, leo em voz alta a Patente do R.mo Geral dos Servitas, e a Provizão de S. A. R., e pedio ao M.to R.do P.e Prep.º, q̃ Suposto haverem precedido todas as licenças necessr.as p.a a Ereção da Irmandade, fosse Servido, em virtude do poder delegado, q̃ tinha do d.º R.mo P. Geral, erigi-la Solemnem.te: Como com eff.º a Erigio na fr.a, q̃ prescreve o Livrinho intitulado *Devoto de Maria.* Seguio-se hum elegante Sermaõ, q̃ fez o P. Jose Pedro desta mesma Cong.am, Sobre aquellas palavras do Salmo *Surge Domine in requiem tuam et Arca Sanctificationis tuae. Sacerdotes Dei induant justitiam, et Sancti tui exultent.* Acabado elle, o M.to R.do P.e Prep.º levantou o *Te Deum,* q̃ continuou a Muzica: e depois benzeo varios Bentinhos, e Contas p.a repartir ao povo; mas como em tanta confuzão

de gentes se não podia executar esta repartição com devoção, e magestade, q devia ser, se rezervou p.ª os dias seguintes: e finalm.te, havendo-se cantado outra vez o *Tantum Ergo,* Se encerrou o Senhor, com o q se deu fim á Solemnid.e deste dia 18 de Janr.o de 1761, em q teve feliz principio a Irmand.e de N. S.ra das Dores na Igreja desta Cong.am Bracharense. O Cargo de Comissario da Irmand.e anda anexo á dignid.e de Prep.o desta m.ª Cong.am.

Logo depois desta dita Solemnid.e Se desceo a S.ra das Dores p.ª o Altar do S.to Christo / q he o primr.o Collateral da p.te do Evangelho / o quoal justamente havia sido escolhido p.ª ser o proprio da Irmandade, pois em nenhuã outra parte ficaria melhor a Senhora das Dores, do q ao pe da Cruz de Seu amado Filho. Defronte da mesma S.ra, o M.to R. P. Prep.o lançou os Bentinhos dolorozos a toda a Comunid.e, e a outras m.tas pessoas, q os vieraõ tomar, de hum, e outro Sexo. E p.ª q Se radicase e crescesse cada vez mais taõ S.ta devocaõ fizeraõ os nossos P.es hum Septenario, com Sete Sermoens differentes Sobre as Sete Dores da S.ra, Seguindo-se no fim de cada Sermão os Exercicios Dolorozos. Finalm.te, p.ª q ate pelo motivo da Conveniencia, Se rezolvessem os Fieis a entrar nesta Confraria, determinou o P. M. Martinho P.ra mandar dizer 12 Missas todos os anos pelos Irmãos defuntos naõ obstante naõ darem hum so real na Sua entrada. Com estas diligencias, cresceo, e se propagou de Sorte a Irmand.e q todas as Communid.es de Religiozas desta Cid.e e [**Fol.**] e todos os Recolhimentos sem exceiçaõ, innumeraveis Religiozos, m.tos Conegos, Ministros, Cavalhr.os, e todas as Senhoras da cidade, alem de outras innumeraveis pessoas do vulgo, tem tomado os Bentinhos dolorozos, e mandado escrever seus nomes no Livro della. E naõ podendo conter-se este sagrado fogo dentro de Braga, ateou-se de modo nas outras povoaçoens do Arcebispado, q houve tarde, em q tomaraõ os Bentinhos 1.200 pessoas, e no breve tempo de huã Missaõ, q fizeraõ dous dos nossos P.es, naõ menos que 5.100, Succedendo isto mesmo á proporção em outras m.tas Missoens, q os nossos P.es fizeraõ. Naõ há já em todo este gd.e Arcebispado Comarca alguã, q se naõ occupe no especial Culto das Dores da May de D.s: distinguindo-se entre todas, as Comarcas da Torre, e de Valença do Minho, nas quais a influxos dos nossos P.es, q nellas residem, Se tem alistados por Servos da S.ra innumeraveis pessoas de hum, e outro Sexo: Sendo raro nellas o Conv.to, especialm.te de Religiozas, q naõ tenhaõ tomado em acto de Communid.e os Bentinhos dolorozos.

Da Diocese Bracharense, diffundio-se este Amoroso incendio por todas as mais do Reyno: de Sorte, q m.tos dos primr.os Fidalgos, e Fidalgas

da Corte, m.tos Bispos, gd.e p.te dos Conventos de Religiozos, e Religiozas de todo o Reyno, e innumeraveis outras pessoas de todos os estados tomaraõ os Bentinhos, e mandaraõ assentar Seus nomes no L.o desta Irmand.e Ainda, qd.o naõ tinha 4 annos completos depois da Sua fundaçaõ, e quando ainda naõ tinhaõ chegado os roes dos Irmaõs, q̃ se haviaõ alistado em varias p.tes do Reyno, e Suas Conquistas, ja passavaõ de Setenta mil os q̃ estavaõ assentados no Livro. E agora saõ innu[**Fol.**]meraveis, porq̃ passou esta devoçaõ do Reyno de Portugal ao de Hespanha, e de Europa á America, aonde nas cid.es do Rio de Janr.o, Pernambuco, e outras, especialm.te em Villa-Rica, se tem propagado mais do q̃ se pode referir. E p.a q̃ desde o Occidente ate o Oriente fosse a May de D.s Louvada, e Servida na compaixaõ das Suas Dores; passou à India com taõ feliz Successo, q̃ de todo aquelle Estado tem vindo grandes catalogos de Irmãos, e se esperaõ ainda outros maiores. Emfim, naõ ha hoje em todo o Reyno de Portugal, e Suas dilatadas conquistas, objecto de maior, e mais universal devoçaõ, do q̃ he a S.ra das Dores da Cong.am de Braga.

Toda esta cordeal, e universal devoçaõ, teve origem na formosissima, e milagrozissima Imagem da S.ra, q̃ os nossos P.es mandaraõ fazer p.a Padroeira da Irmand.e Confessaõ todos, ser ella huã das mais perfeitas, q̃ se veneraõ naõ so em o nosso Reyno, mas ainda nos estranhos: E por mais q̃ os Artifices destros, e ainda o mesmo q̃ a fez, se tem empenhado em fazer outra Sua Semelhante, nunca puderão sahir com alguã, q̃ a igualasse na formuzura, e na magestade. Naõ refiro aqui os milagres, q̃ esta S.ra tem feito na Saude do corpo, porq̃ as pessoas q̃ os receberaõ, e os votos, q̃ deixaraõ pendentes do seu Altar, saõ bastantes pregoeiros p.a os publicar: Nem se podem referir ainda os grandes milagres, q̃ tem feito na Saude das almas, porq̃ o embaraça o Sagrado respeito, q̃ dizem ao Sigillo da confissaõ: porem he certo q̃ innumeraveis peccadores por seu meyo se tem convertido a D.s, alcançando a verdadr.a penitencia de Seus pecados, q̃ naõ tiveraõ nem ainda no tempo das mais fervorozas Missoens, tremendos terremotos, e outros [**Fol.**] semelhantes meyos, q̃ D.s applica p.a Converter os peccadores.

I—Organização Administrativa da Abadia de Tibães e Suas Terras (1630-1680)*

Pelo Dr. Aurélio de Oliveira
Assistente da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto.

A Jeito de Reflexão

O Século XVII em Portugal permanece quase desconhecido.

Para além dos aspectos políticos (bem, ou pelo menos razoàvelmente conhecidos) deparam-se-nos, noutros domínios, grandes nebulosas e lacunas e mesmo graves insuficiências. Há aspectos, com efeito, que têm permanecido à margem da historiografia, mas de que esta já não pode alhear-se, se pretende manter interesse e actualidade: — referimo-nos, sobremodo aos aspectos sociais e económicos (1). Continuar a esquecê-los é persistir inexoràvelmente na incompreensão da totalidade que pretendemos conhecer. Permaneceremos talvez, num conhecimento distorcido dos fenómenos políticos e dos demais aspectos que foram moldando toda essa massa humana — em qualquer escalão que a consideremos — a qual vinda de trás perpassa nesse século e prossegue até aos acontecimentos que marcam, entre nós, o fim do Antigo Regime político, traduzido pela queda da Monarquia Absoluta.

A captação das coordenadas fundamentais que empapam toda a vida portuguesa posterior àqueles acontecimentos terá de pressupor um traba-

* Trabalho subsidiado através de projecto de Investigação P. L. 2 do Instituto de Alta Cultura (Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

(1) Cf. por todos, Vitorino de Magalhães Godinho, *Ensaios. III. Sobre Teoria da História e Historiografia*, Sá da Costa, ed. Lisboa, 1.ª ed., 1971, pp. 40-60 e 246. Sobre a importância de tais dados cf. também Henry S. Lucas, *A Short History of Civilization*, McGraw-Hill Camp., New York. Toronto. London, 2.ª ed., 1953, pp. 3, 11. (Enquanto mancha ramificável nas mais variadíssimas manifestações).

— Ralph Turner, *The Great Cultural Traditions* (vol. II) McGraw-Hill Book Campany, New York, and London, 1941, pp. 1237-1333.

lho prévio sobre aquele período. Assim surgirá, cremos ,uma melhor visão sobre o significado dessa virança política ,como também da própria evolução posterior que infalìvelmente se há-de ressentir das condições anteriores. E ressentirá (2).

O conhecimento dos fenómenos em centros de segunda ordem ou no mundo campesino estão ainda mergulhados em quase perfeita escuridão. É lamentável que assim aconteça. Variados factores para isso têm contribuído que não importa agora relembrar, mas que alguns investigadores portugueses já têm apontado, e outros estrangeiros que ante o nosso descuido se têm dedicado com êxito ao estudo dos nossos problemas (3).

Estamos presentemente empenhados no estudo social e económico do Noroeste Português de modo a englobar uma vista de conjunto sobre a mentalidade, costumes, modos de vida, repartição da propriedade, tentando uma geografia dos preços, quando tal for possível. O «Social» é uma convergência de todos esses domínios sem os quais a História não se pode verdadeiramente levantar (4). Julgamos fundamental esse trabalho, vistos os excelentes resultados que a mesma orientação tem produzido mormente em França com a escola de Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel e o movimento dos «Annales», não esquecendo os portugueses que na mesma orientação têm seguido (5).

(2 Vitorino de Magalhães Godinho, *Prix et Monnaies au Portugal (1750-1850)*, A. Colin, Paris, 1955, pp. 293-300.

Do mesmo: *A Estrutura na Antiga Sociedade Portuguesa*, Col. BAB. 139, Lisboa, 1971, pp. 95-137.

(3) Lembrem-se entre outras as obras de Frédéric Mauro e sobretudo Albert Silbert: *Le Portugal Méditerranéen à la Fin de L'Ancien Régime — XVIII — Début du XIX Siècle. Contribution à l'Histoire Agraire Comparée*, 2 vols., S. E. V. P. E. N. Paris, 1966; este precisamente sobre o assunto que vimos focando. Cf. de F. Mauro *L'Orientation Actuelle des Études Historiques — L'Histoire au Portugal*, in «Revue Historique» (466) T. CCXXIX, Fasc. II, 87 année, Avril-Juin, 1963, P. U. F. Paris, 1963, pp. 433-442; R. Smith, G. Bazin, etc. Cf. V. Godinho, *Ensaios. II. Sobre História de Portugal*, Col. Ensaios, Sá da Costa Ed. 1.ª ed., Lisboa, 1968, Prefácio.

(4) Pierre Goubert, *Les Sources Modernes: Les XVII^e et XVIII^e Siècles*, in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes» P. U. F., Paris, 1967, p. 97.

— Albert Soboul, *Description et Mesure en Histoire Sociale*, Ibidem, pp. 9-23.

(5) E muitos outros. Lembre-se por exemplo, essa obra prima da historiografia agrária francesa de Emmanuel Le Roy Ladurie — *Les Paysans de Languedoc*, Flammarion, Paris, 1969.

— A. Soboul, *ob. cit.*, p. 11.

— V. M. Godinho, *Ensaios. III. Sobre Teoria da História e Historiografia*, Sá da Costa Ed. 1.ª ed., Lisboa, 1971, pp. 76 e segs.

Tarefa ingente a que só o esforço em equipa dará conveniente saída, que não o trabalho do investigador isolado. É que para esse fim se torna necessária e urgente a entre-ajuda de todas as Ciências do Homem, para melhor dilucidação deste, qualquer o ângulo por onde o encaremos. Geografia, Demografia, Economia, estudo das mentalidades (sem esquecer a legislação, tão fecunda quando procuramos as ideias dominantes em dado período), tal como, outras ciências afins, têm que dar-se as mãos num esforço comum. É na experiência de tais mestres que é necessário prosseguir (6).

Esse estudo tem que ser feito por partes lançando mão de trabalhos parcelares e monográficos (7), que infelizmente rareiam ou quase não existem sobre tais assuntos. Um trabalho de sapa nos arquivos se impõe não obstante a sua frequente desordem. Torna-se urgente a organização sistemática dos fundos para que o estudioso não esbarre na incompleta catalogação dos ficheiros. Um mundo inédito e de premente necessidade a espiolhar fica ainda para além e que se não pode desconhecer, se se quiser enveredar por um estudo completo e sistemático das condições de vida da nossa grei.

É que julgamos que as vistas de conjunto sobre esses períodos e as respectivas teorizações — em que não obstante o reconhecido interesse se escusaria certa retórica com vantagem substituível por trabalho de sapa e investigação dos factos — é que julgamos, dizíamos, não podem ser definitivas e dar-nos uma interpretação certa, real dos fenómenos. Muitas vezes a inexactidão de termos e conceitos não prèviamente definidos e aclarados mais confusão podem lançar sobre essas interpretações. Marc Bloch e mesmo Herculano, além doutros (8), previnem-nos contra tal gosto no labor historiográfico.

(6) Não se entenda, porém, que se deva enveredar pelo tipo simplista das transplantações ou enxertias. Cf. Aurélio de Oliveira, *Tibães (1630-1680) Estudo Social e Económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português* (última parte. A publicar brevemente).

(7) Não meramente descritivas: A. Saboul, *ob cit.*, pp. 12, 20, 21.

Joseph Ruwet, *Mesure de la production agricole sous l'Ancien Régime. Le blé en pays mosan*, in «Annales» (E. S. C.) 19e Année, N.º 4, Juillet-Août, A. Colin, Paris, 1954, p. 629.

(8) Albert Saboul, cit. pp.17-18.

— Maurice Crubellier, *L'Événement en Histoire Sociale*, in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», ed. cit., p. 36.

— Bernard Bligny, *Histoire Sociale et Histoire Religieuse*, ibidem, p. 274.

— F. Braudel, *Sur une conception de l'histoire sociale* in «Annales» [E. S. S.], 14e année, N.º 2, Avril-Juin, 1959, A. Colin, Paris, 1959, p. 316.

Grande papel está ainda reservado entre nós ao trabalho monográfico e parcial; ao trabalho insano mas necessário de paciente enquadrinhar nos arquivos e outras fontes documentais. Só então será possível elaborar visões de conjunto e a respectiva teorização saídas dos factos da sua investigação ou conhecimento (9), deixando que estes se nos revelem, sem necessidade que o historiador os comprima e no-los entregue já encaixados em compartimentos por ele fabricados e julgados certos (10). A lei está nos factos, sai deles; ao historiador importa apenas equacioná-la, tornando-a explícita e revelando-a pois é certo que só assim ela existirá verdadeiramente para nós. E não espanta que tal lei nunca possa ser imutável, se o facto donde brota o não é na visão que sobre ele vamos elaborando. Detestamos a última palavra em tudo, mormente em História (11). Está no cerne da História a mobilidade de adaptação ao próprio Homem que transcorre através do tempo. Tal não lhe retira valor nem significado. É Ciência do Homem: rege-se pelas suas leis (12). Tem de comum e imutável sim, o participar até certo ponto da própria natureza humana.

Daí que a História seja correlação mútua (13) não de uma simples classe de homens mas de todos os homens, não de um ingrediente mas de todos os que determinam a acção desses homens, bem como dos condicionalismos do meio onde estes desenvolvem a sua acção. A História é em

(9) Joseph Ruwet, *ob. cit.*, p. 629.

Henry S. Lucas, *ob. cit.*, p. 4.

Aquele tem que seguir, pelo menos em paralelo com estes.

V. M. Godinho, *Introdução à História Económica*, Liv. Horizonte, Lisboa, s/d. p. 7.

(10) Maurice Crubellier, *ob. cit.*, pp. 38-40.

— Bernard Bligny, *ob. cit.*, pp. 274 e segs.

(11) António Sérgio, *Obras Completas. Ensaios*, T. I., Sá da Costa Editora, Lisboa, 1971, Ed. Crítica, p. 173: «O passado valeu pelo que se negou — afirmando o futuro. São os sucessos posteriores que nos dão a ver o significado de um facto qualquer realmente histórico; o presente — e o porvir — julgam e valorizam o passado, e a altura a que sobe um herói é (sempre) a porção de actualidade que a sua ideia conservará para a humanidade porvindoura. Por isso a interpretação de um facto histórico se metamorfoseia com as gerações: porque à medida que o tempo corre é que preluzimos o auroral de cada noite que passou. Feitos retumbantes houve, mas estéreis, que continuaram a empachar os livros com a sua nulidade barulhenta; outros de que não suspeitamos o valor e o significado, porque só factos posteriores o revelarão e definirão».

— Pierre Vilar, *Discussion, L'Événement en Histoire Sociale*, in «L'Histoire Sociale Sources et Méthodes, ed. cit., p. 44.

(12) Ralph Turner, *ob. cit.*, p. 1324.

(13) Vitorino de Magalhães Godinho, *Ensaios. II. Sobre História de Portugal*, ed. cit., Prefácio.

grande parte o substracto das relações homem-meio (14), coeficiente de equação que deixa laivos profundos no próprio homem (15). A História será portanto a reconstituição desse homem empapado de tudo o que o impeliu e condicionou (16) e das afecções nele exercidas — o Homem Total (17). Só assim será possível compreender a acção desse Homem que a golpes de audácia ou desespero, quiçá também, de desânimo e apatia nos foi preparando o presente (18). A História deste modo entendida ganhará outra dimensão pois será correlação entre passado e presente e sendo-o com este havê-lo-á de ser também com o futuro (19), pois entendemos que de outra forma deixaria de ter interesse o seu estudo.

---

(14) Marc Bloch, *Les Caractères Originaux de L'Histoire Rurale Française*, T. I., Paris, 1968, p. XXVIII. (Ed. dirigida por Robert Dauvergne).

— Robert Delort, *Introduction aux Sciences Auxiliaires de L'Histoire*, Col. U. dirig. par G. Duby, A. Colin, Paris, 1969, pp. 149, 174.

(15) Vidal de La Blache, *Princípios de Geografia Humana*, Ed. Cosmos, 2.ª ed., Lisboa, 1964. Sem tomar partido diríamos que adaptação ou transformação, afecção ou modificação, é inexorável uma inter-relação adentro do mais variadíssimo grau que à consideremos, (afastados do crasso erro do fatalismo determinista).

— A. de Amorim Girão, *Geografia de Portugal*, Portucalense ed., 2.ª ed., Porto, 1949-51, p. 176.

— Do mesmo: *Acção do Homem e Morfologia do Solo*, in «Revista de Guimarães», Vol. LXV, N.os 3-4, Junho-Dezembro, 1955, Guimarães-Barcelos, p. 239.

— P. George, *Géographie et Histoire*, in «Revue Historique» (466) 87e année, T. CCXXIX, Fasc. II, Avril-Juin, 1963, PUF, Paris, 1963, pp. 294-95.

(16) André Nouschi, *Initiation aux Sciences Historiques*, Fernand Nathan ed., Paris, 1967, p. 5.

(17) Henry Irenée Marrou, *Qu'est-ce que L'Histoire*, in «L'Histoire et Ses Méthodes» Encyclopédie de La Pléiade, vol. XI, dir. de Charles Samaran, Gallimard, Bruges, 1961, p. 82.

— Fernand Braudel, *La Historia y las Ciencias Sociales*, arts. do autor recolhidos por «El Libro de Bolsillo» Alianza Editorial, Madrid, s/d. Trad. espanhola de G. Mendoza, pp. 125-186.

(18) André Nouschi, *ob. cit.*, p. 78.

— Armando Castro, *Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, Portugália Editora, Lisboa, 1970, vol. IX, p. 56.

— Herbert F. Muller, *The Uses of The Past. Profiles of Former Societies*, A Galaxy Book, Oxford University Press, New York, 1957, p. 37.

(19) H. S. Lucas, *ob. cit.*, p. 4.

— Marc Bloch, *ob. cit.*, vol. II, p. XXI.

— V. M. Godinho, *Ensaios. II. Sobre História de Portugal*, ed. cit., Prefácio.

— Do mesmo: *Ensaios III. Sobre Teoria da História e Historiografia*, ed. cit., pp. 123-24. Ainda o prefácio do mesmo autor de: *Formas de Pensamento em Portugal no Séc. XV*, Livros Horizonte, Lisboa, s/d, pp. 10-11.

Que não nos paralise a ideia de a Historiografia ser feita «desde el mundo actual» (20), pois só assim se torna necessàriamente Ciência do Homem plantado no tempo presente, dando-lhe a riqueza e a vida de outro modo impossíveis (21).

O passado não é um bloco monolítico que interrogado responda sempre com o mesmo eco! Pedra polifacetada que importa examinar cuidadosamente de todos os lados através de todo o género de documentos e em cuja tarefa o historiador deixa um pouco de si próprio, da sua época. Entendemos até que ficaria mais pobre o legado humano se assim não acontecesse (22). É impossível ao historiador por mais «descolado» que esteja do presente não deixar laivos de si próprio (23). Tal não empobrece o legado Histórico antes pode ser índice de riqueza desde que procure alijar de si toda a «mundanal afeição» pondo no seu trabalho e dando-nos conta do máximo de rigor e objectividade para que o real seja patenteado apenas envolto nos factos que o fizeram ter vida (24).

Não iremos mais longe nestas considerações — reconhecendo mesmo que já nos alongámos demasiado. Deixemos, porém, uma pergunta a que o leitor dará resposta: será o presente «feito» pela geração actual pressionado por um único interesse? E tê-lo-á sido o passado ?

No processo do devir histórico mudam os homens e as instituições mas permanece a natureza humana que em seu cerne é relação. Importa, por isso, apreendê-la em todas as suas manifestações.

Foi procurando seguir essa nova orientação historiográfica que em 17 de Novembro de 1970 apresentámos uma dissertação (*Tibães — 1630-1680 — Estudo Socio-económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste*

---

(20) G. Barraclough, *La Historia desde el Mundo Actual,* trad. esp. Revista de Occidente, Madrid, 1959.

(21) Marc Bloch «É por isso que amo a vida» *Introdução à História,* Col. «Saber» Public. Europa-América, Lisboa, 1965, p. 43 — palavras que encerram toda a riqueza da História assim entendida.

— Herbert, F. Muller, *ob. cit.,* p. 29.

(22) Joel Serrão, *Emigração Portuguesa,* Livros Horizonte, Lisboa, s/d. (1971), pp. 17-21.

(23) Waldemar Besson, *História,* Enciclopédia Meridiano // Fischer, trad. de M. V. Lopes, Lisboa, 1965, p. 124.

— H. F. Muller, *ob. cit.,* p. 32.

— Por todos A. Nouschi, *ob. cit.,* p. 5.

(24) Henri Irenée Marrou *Comment Comprendre Le Métier d'Historien,* in «L'Histoire et ses Méthodes», ed. cit., p. 1526.

Português) ([25]) visando precisamente uma das regiões mais expressivas dentro do Noroeste e pretendendo ao mesmo tempo estudar uma das casas que gozou de grande proeminência nesta bacia ribeirinha do Cávado, aqui mesmo à porta da Cidade dos Arcebispos ([26]).

Com defeitos inevitáveis, julgamos, porém ,ter trazido algumas luzes mais para o estudo da propriedade e exploração agro-económica da região. Outros estudos se lhe seguirão com o mesmo fim ([27]).

É urgente, de facto, o estudo de todas as pedras que integram o xadrês do evoluir histórico, e não apenas de uma fracção que a clivagem do tempo e das circunstâncias vai adiantando no tabuleiro. Tem-se dado, por vezes, demasiada independência a certas pedras esquecendo-se outras de menor volume ou o próprio tabuleiro onde todas sem excepção evoluem e onde consciente ou inconscientemente umas e outras se apoiam ([28]).

Nesse estudo a tónica inclina-se para o campo económico, já por ser aquele que mais necessita de análise, já porque nele também se implicam quase todos os outros ([29]) mesmo aqueles que à primeira vista parecem

---

([25]) Temo-la presentemente entre mãos retocando-se para publicação.

— Note-se que mesmo em trabalhos, que pelo assunto deveriam debruçar-se sobre a Região do Noroeste isso se não verifica, não obstante o seu primeiríssimo papel, como núcleo populacional mais denso. Estamos em crer que muitos dos fenómenos de produção verificados noutras regiões, antes e depois da data que temos em análise, — terão sofrido não dispiciendas influências advindas das peculiaridades de produção deste Noroeste.

Recorde-se a esse propósito, a informação dada por C. A. Costa, já para a segunda metade do Século XIX: «Braga em 1/5 do seu território e Lisboa em 2/3 dele, produzem (em cereais tanto como Beja»... (cf. C. A. Costa *O Contrabando dos Cereaes em Portugal*, Lisboa, 1856, p. 23).

([26]) E com quem os D. Abades sustentaram grandes litígios. Causas: jurisdição e posse de terras como poderemos ter ocasião de mais largamente referir.

([27]) Remetemos, pois para a sua consulta.

([28]) Fernand Braudel, — *La Civilisation Matérielle et Capitalisme, (XVe-XVIIIe Siècles)*, T. I., Rennes, 1967, p. 12.

— Gino Luzzato, *Dai Servi della gleba agli albori del Capitalismo. Saggi di Storia Economica*, Introd. de Marino Berengo, Bari, 1966, p. VIII.

— A. Soboul, *ob. cit.*, p. 10.

([29]) André Nouschi, *ob. cit.*, pp. 8, 41, 52 e 109.

— A. Soboul, *ob. cit.*, pp. 12-13.

— D. C. Coleman, *Economic problems and Polices*, in «The New Cambridge Modern History» ed. by F. L. Carstern, Cambridge at the University Presse, 1961, vol. V, p. 41.

— Ernest Labrousse, *L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes*, ed. cit. Introduction, p. 5.

fugir a essa inluência ([30]). Dentro do campo económico maior acuidade tomam ainda as observações feitas sobre o mundo rural tão insuficientemente conhecido ([31]). Não devemos esquecer, com efeito, que ainda por muito tempo «la campagna (continuará sendo) una realitá; la citá moltospesso un epifenomeno» e que a realidade geral continuará sendo também «una realitá agricola» ([32]).

Não queremos de modo algum, que tal signifique o relegar doutros aspectos igualmente importantes, mas é por demais manifesto o parecer de Braudel: «avec la vie économique nous sortirons de la routine, du quotidien inconscient» ([33]), além de que é já impossível desconhecer os resultados da querela entre partidários e opositores de Marx ([34]), de que resultou um acordo tácito qual seja a nova perspectiva aberta para a análise dos problemas históricos ([35]). A isso, pois se terá de atender para se não cair no risco do anacronismo ([36]), nem resvalarmos, tão pouco, para o monismo da interpretação económica ([37]).

Mais cônscios ficaremos se soubermos que quer Georges Lefebvre,

---

([30]) José Mattoso, *L'Abbaye de Pendorada des Origines à 1160,* Coimbra, 1957, p. 92. (Sep. da Rev. Port. de História, T. VII).

([31]) Por todos Georges Duby, *L'Économie Rurale et la Vie des Campagnes dans L'Occident Médiéval,* Paris, 1962, T. I, pp. 7-11, mesmo para este período... «le monde des campagnes, et spécialmente ses structures économiques demeurent plongées dans l'ombre...» mais adiante: que a história «... des milieux ruraux (est) encore à peine squissée».

([32]) Ruggiero Romano, *I Prezzi in Europa dal XIII Secolo a Oggi,* Einaudi Editore, Torino, 1967, Introduzione, p. XXXIII.

([33]) Fernand Braudel, *Civilisation Matérielle et Capitalisme* (XV^e^-XVIII^e^ *Siècles*), ed. cit., T. I., p. 347, cf. também, V. M. Godinho, *Ensaios III,* ed. cit., pp. 95-96; e 40-50.

([34]) François Perroux, *Le Capitalisme,* col. «Que sais-je?» n.º 315, PUF, Paris, 1969, 6.ª ed., pp. 5-8, 107-110.

([35]) Jean L'Homme, *L'Attitude de L'Économiste devant L'Histoire Économique,* in «Révue Historique» (470), 88^e^ année, T. CCXXXI, Fasc. II, Avril-Juin, 1964, PUF, Paris, 1964, p. 306.

— Waldemar Besson, *ob. cit.,* pp. 148-51, 153.

— Fernand Braudel, *Civilisation Matérielle et Capitalisme (XV^e^-XVIII^e^ Siècles),* ed. cit., T. I., p. 12: «L'Homme est enfermé dans une condition économique à l'image de sa condition humaine et prisioner, sans le savoir, de cette frontière qui marque les limites sans souplesse du possible et de l'impossible».

([36]) André Nouschi, *ob. cit.,* p. 62.

([37]) H. S. Lucas, *ob. cit.,* p. 11.

René Martin, *L'Histoire Sociale du Monde Romain antique: Méthodes et Problèmes,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», ed. cit., p. 51, sobretudo nota 2.

quer Marc Bloch chegam a afirmar que a repartição da propriedade é o maior problema das massas rurais, da História Social e da História entendida na sua totalidade (38), e se tivermos, outrossim, presente que durante todo esse período — e por muito tempo ainda — o homem português fez da terra a sua quase única fonte de riqueza. A sua posse marcou por largo espaço de tempo ainda divisão e diferenciação sociais. A sua imobilidade fez com que ante e após 1834 crises idênticas a afectassem (39). O estudo das condições em que se debatia levado a cabo pelo grupo fisiocrata da Academia Real das Ciências de Lisboa poderia ter ajudado a uma reorganização e reestruturação mas infelizmente quese nenhuns resultados conseguiu.

Portugal despertou tardiamente para a chamada «revolução agrícola» (que aliás nunca chegou a ter concretização apreciável e efeciva, mercê de variadíssimos factores (40). Aqui uns, acolá outros, os entraves surgiram ou foram surgindo — mesmo no âmbito da Península — e fizeram passar horas amargas àqueles que procuraram o progresso das terras, mas indo de encontro a muita tradição... (41).

Só o estudo destes fenómenos, ainda que parcelares, nos poderá elucidar sobre o conjunto. Novos horizontes se nos poderão talvez abrir. Daí que pensemos trazer alguns elementos com a próxima publicação do nosso trabalho que presentemente estamos retocando. Oxalá que ao menos a discussão se levante sobre tais problemas e já teremos andado bastante para o conhecimento desses fenómenos, com o que nos julgaremos recompensados. A própria escassez de discussão é alarmante (42).

Rastreando alguns pontos damos hoje conta da Administração da

---

(38) E. Labrousse, *L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes,* ed. cit. pref. p. 4.

(39) Cf. Avelino da Silva Guimarães, *A Crise Agrícola Portuguesa (Especialmente do Minho)*, Porto, 1890. Ainda Ortigão o nota de relance: cf. *As Farpas,* Clássica Ed. T. I., Lisboa, 1963, pp. 126-27.

(40) Por todos Albert Silbert, *Le Portugal Méditerranéen à la Fin de L'Ancien Régime. XVIII-Début du XIX Siècle. Contribution à L'Histoire Agraire Comparée.* S. E. V. P. E. N., Paris, 1966, 2 vols.

— Miriam Halpern Pereira, *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico, Portugal na segunda metade do século XIX,* Ed. Cosmos, Lisboa, 1971, p. 103.

(41) Cf. por exemplo: José Lopez de Sebastian, *Reforma Agraria en España. Sierra Morena en el Siglo XVIII,* Editorial Z. Y. X., Madrid, 1968, sobretudo p. 103.

— Miriam Halpern Pereira, *ob. cit.,* p. 16.

Henrique de Barros, *O problema do Trigo,* Cosmos, Lisboa, 1941, pp. 119-120.

(42) Vitorino de Magalhães Godinho, *Ensaios. III. Sobre Teoria da História e Historiografia,* ed. cit., pp. 75, 91-94, 246.

Abadia, pois julgamos de interesse o seu conhecimento, antes que sobre outros pontos nos debrucemos, como é nosso intuito, no que respeita a fenómenos que até hoje têm permanecido desconhecidos aqui mesmo às portas da nossa cidade. A presença da Abadia de Tibães estava aí com a sua influência que se estendia a todo o Noroeste nesta altura do séc. XVII. As suas terras alastravam, com efeito, a toda a vasta região noroestina.

*
* *

Além doutras actividades inerentes ao cargo, do D. Abade Geral dependia o conhecimento total da vida da Abadia, não só no que respeita ao aspecto religioso e espiritual, como também material (43). Para tanto possuía outros religiosos seus subordinados, que tinham à sua incumbência as diversas tarefas, como impunha a vida quatidiana da grande casa.

A meticulosidade e o cuidado da gestão e administração são bem notórios e assinalam mesmo um dos aspectos fundamentais da realidade que estudamos, tanto mais de ressaltar quanto é sabido não ser ainda corrente neste período, para as grandes casas senhoriais (44) tal sistema de organização e exploração dos bens materiais.

Compreende-se em parte que tal aconteça — uma vez que a remodelação trazida pela Reforma se fez sentir, mesmo no aspecto material, e agora mais visível e detectável (45).

A influência da administração material na própria economia da vida religiosa revela-se por vezes de extraordinária importância (46) e daí a razão de toda a teia administrativa lançada pela Abadia, sobre si e suas terras.

As grandiosas obras então em curso, originando gastos mais avultados pediam também, por seu turno, uma gestão rigorosa e exacta. Datam, com efeito, deste período a reconstrução do edifício que ainda hoje podemos admirar na imponência e rumor das ruínas que lhe vão roendo as

---

(43) ADB, Conv. e Most. CSB. Outros livros e Documentos — Actas capitulares — cópias, n.º 314, p. 2v.

(44) E Zylberman, *ob. cit.*, pp. 139-142.
Louis Merle, *ob. cit.*, p. 155.

(45) Note-se, porém, que de um modo geral foram sempre as ordens religiosas que maior cuidado puseram nessa organização.

(46) José Mattoso *L'Abbaye de Pendorada des Origines à 1160*, ed. cit., p. 100.

entranhas (47). O descuido da gestão não só das obras como nos outros negócios traria por certo consequências para a boa prossecução dos trabalhos. A análise da documentação por nós percorrida não nos permite de modo algum concordar com Frédéric Mauro (48), quando afirma que a ideia e a preocupação do número andariam, ainda entre nós neste séc. XVII, muito afastados. Sabemos que estamos dentro dum caso particular, que não nos permite generalizações apressadas (49), mas a meticulosidade na anotação das contas — com receitas e despesas — é por vezes espantosa e digna de realce: umas «míseras» gramas de pregos, ou tachas (50) meia dúzia de alfinetes (51), qualquer pedaço de fio (52), uma esmola dada ou recebida por insignificante que fosse (53), um par de sapatos ou peça de roupa já gastos, oferecidos a qualquer criado, ou outras quaisquer «ninharias» (54) eram rigorosamente anotadas e lançadas aos livros de registo de gastos e despesas ou de recibos da casa (55).

---

(47) Quando redigíamos o nosso trabalho, tivemos conhecimento de mais um desabar de parte da talha do Altar-Mor da Igreja.

(48) Fréderic Mauro, *Le Portugal et L'Atlantique ao XVII^e siècle (1570-1670) Étude Économique*, ed. cit., p. 4.

(49) A este propósito tenha-se em atenção a acuidade do trabalho monográfico, «Tibães, 1630-1680, *Estudo sócio-económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português*, Porto, 1970, (dis. dactilografada), Introdução.

(50) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Gosto da casa n.º 656, p. 177 v. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Obras n.º 459, p. 20 v.

(51) ADB, Conv. e Most. CSB. Estados n.º 112 Tib. E. 1635, p. 5 v; E. 1650, p. 6 v, etc. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Gosto da Casa n.º 655, 1.ª p.

Idem, n.º 656, p. 1.ª.

(52) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Obras n.º 459, p. 9 v.

Idem, p. 50,

Idem, Liv. do Recibo n.º 246, p. 238.

(53) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Descargo do Recibo n.º 429, pp. 73-81; n.º 430, p. 60.

(54) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Recibo n.º 241, p. 200 v.

(55) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. Gasto da Casa n.ºs 655-657.

ADB, Conv. e Most. CSB, Estados do Mosteiro 112 Tibães.

ADB, Conv. e Most. CSB, n.º 473; 480-482.

Tib. Liv. salários pensões quindénios e donativos n.ºs 441-443.

Livros da Enfermaria, Rouparia, Sacristia, Hospedaria, Livraria, Refeitório. Liv. do Recibo dos géneros da dispensa n.ºs 429-433.

Esta bem montada teia gestativa e administrativa, lançada sobre a Abadia e suas terras, parece estar subjacente a uma mentalidade, que aliada a outros sintomas referidos, nos poderão indicar uma certa preocupação de boa gestão e política agrícolas (cf. Aurélio de Oliveira, *Tibães, 1630-1680 — Estudo sócio-económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português*, III Parte, caps. II e III).

O órgão central donde partia a orientação que geralmente devia seguir-se por um período de três anos, era o Capítulo Geral. Com efeito, dos muitos problemas que abordava, reservava para o material de cada mosteiro uma palavra ou conselho de orientação. Além de que cada mosteiro, e também Tibães, tinha de apresentar o seu relatório de contas a essa assembleia (56).

Aí se fazia a eleição do Geral, e da equipa governativa que por três anos seria a responsável pela vida da Abadia e da Congregação em geral. No decorrer das sessões se analizava o temporal de cada mosteiro. Desse órgão superior saíam, pois, algumas disposições de carácter mais geral ou premente: necessidade de se prosseguir nos emprazamentos, acabar com eles dentro da freguesia do mosteiro (57), problemas das levadas de água, discussão das quantias a entregar ao governo, subsídios, admissão de noviços, etc. (58).

Nessa mesma assembleia era eleito outro importante órgão de super-visão, que olhava também pelo temporal de cada mosteiro. Era o «Conselho dos Visitadores — que anualmente visitavam a Abadia» «tam in capite quam in membris, assim no espiritual como no temporal» (59). Em Tibães depois de feita a super-visão reunia-se com o Geral e o Prior e demais corpos directivos e pronunciava-se sobre várias questões temporais: inquiria do estado dos emprazamentos para que nenhuns ficassem vagos e por fazer (60), que se levasse por diante obra de fomento agrícola, em boa hora começado (61). Se prosseguisse, também, nos arroteamentos feitos nos terrenos da Abadia (62), proibições do corte das espécies florestais a quem quer que fosse (63), concertos nas tapagens da Quinta ou

---

(56) ADB, Conv. e Most. CSB. Outros Livros e Documentos n.º 314 Actas capitulares (cópias) 1635-1676, p. 1. Assim nasceram os Estados, que tencionamos publicar dado o seu grande interesse, sobre os mais variadíssimos aspectos.

Cf. v. g. R. Smith... *A Igreja de S. Bento da Vitória à Luz dos «Estados» de Tibães*. Fernando Machado, Porto, s/d.

(57) Veremos noutro lugar o seu significado.

(58) ADB, Conv. e Most. CSB. Outros Livros e Documentos, Actas capitulares — cópias n.º 314, pp. 1-27.

(59) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Visitas e Conselhos n.ºs 493, p. 1.

(60) Idem, n.º 493, pp. 3, 8

(61) Idem, pp. 4 v., 6 v., 8, 10 v., 17 v., 23 v. e 24 v.

Cf. Aurélio de Oliveira, *ob. cit.*, pp. 213 e segs.

(62) Idem, p. 25 v.

(63) Idem, p. 6 v.

outros bens sob a alçada directa (64), ou se iniciassem mesmo outras obras (65), bem como a necessidade de se porem demandas, etc. (66).

Este mesmo Conselho, pronunciava-se assim sobre as obras do temporal levadas a cabo em vésperas de 1680: «Achamos este convento tão augmentado no temporal e tão reformado no espiritual que nada temos a mandar», precisamente na visita de 28 de Abril de 1674 (67)! Em 1680 referia-se às terras da Abadia como «fermosas fazendas» (68).

Na dependência deste havia um outro órgão, que dizia ùnicamente respeito à Abadia, super-visionando mais assìduamente. — Era o «Conselho da Abadia» — que além de assuntos de natureza espiritual geria também, importantes assuntos no material. Era presidido pelo Geral, ou Prior na sua ausência, e englobava os demais corpos gerentes e reunindo mensalmente (69).

Entre outras atribuições competia-lhe tratar do reconhecimento das legítimas, da concessão das mesmas aos familiares pobres de certos professos (70), ou ainda tratar da concessão de alguma esmola (71). A sua mais importante atribuição porém, e para nós de enorme significado e alcance, advinha-lhe de ser o órgão que tablava o preço do cereal. Da sua leitura ficámos de posse de um importantíssimo elemento: o caseiro ou rendeiro tinha de satisfazer a entrega de cereal à Abadia pelo preço ali fixado e geralmente superior, ao do mercado, ficando por vezes sujeito ao desfavor destas variações. Tablava também o preço para venda em mercado (72).

Apomos aqui a tabela de preços e a sua variação decretados por este Conselho entre 1631 e 1644, porque ela nos interessa sobremodo para o confronto das tabelas do cereal por nós estabelecidas, bem como das que fizemos da venda do cereal em mercado que foi possível elaborar (73).

(64) Idem, pp 6, 10 v. e 17 v.

(65) Idem, pp. 20 v., 40 v. e 46.

(66) Idem, pp. 16-16 v.

(67) Idem, p. 37 v.

(68) Idem, p. 47.

(69) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Conselho n.º 497, p. 50.

(70) Idem, n.º 497, pp. 52-53 v., 76 v., etc.

Arquivo particular da Abadia de Singeverga. Miscelânea Beneditina — Livro do Conselho do Mosteiro. Códice n.º 10, pp. 81-90.

(71) Idem (Tibães), n.º 497, pp. 58 v.-59.

(72) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Conselhos n.º 497, pp. 50 v, 52 v, 59, 60, 60 v, 61, 61 v, 62 v, 63, etc., até p. 78. É perceptível o seu enorme significado. Sobre ele nos debruçamos. Cf. Aurélio de Oliveira, dis. cit. *Os Preços*, pp. 239 e segs.

(73) O confronto destas tabelas põe-nos de posse de importaníssimos elementos quanto ao preço de cereal, sua variação e seu significado, acrescidas do facto de ser

PREÇOS DECRETADOS PELO CONSELHO DA ABADIA, PARA RECIBO E VENDA

Anos	Data Dia	Mês	Trigo	Milho	Centeio	Vinho	Observações:
1631	2-	XII	450	160	240	200	
1633	11-	IV		160	180		Preços para venda de 500 alqueires de cereal que ainda havia na tulha
1635	20-	X	300	140	180	100	Preços de pão e de vinho para se tomar e vender aos caseiros — tanto para tomar aos caseiros como para venda.
1636	2-	III	240	110	150		«Achou-se que o preço de pão estava muito caro e era necessário pô-lo conforme para se vender». Para se tomar aos caseiros os que não tinham ainda pago lhe recebessem a 120 reis o milho, a 150 o centeio e a 250 reis o trigo.
	6-	IV	220	110	140		Preços para se vender o pão.
	27-	V			135		Para se vender o centeio que estava na tulha e se estava a encher de gorgulho e valia assim em Braga.
	10-	XI	260	130	140	130	Preço da tulha para se tomar aos caseiros.
1637	26-	I		120	130		Para se vender o meado ao preço da alfândega.
	10-	IV					Para se vender ao preço da alfândega, pois não se vendia pelo que estava posto. Para se ir pois baixando do preço posto.
	18-	XI	300	130	160	140	Preços para ser tomado o cereal aos caseiros.
1639	17-	I	260	130	160	260	
	30-	XII	240	120	140	200	Resolveram pôr estes preços.
1640	3-	XII	200	130	130	160	Preços para se tomar aos caseiros.
1642	7-	I	220	120	120	160	Preços para se receber aos caseiros.
	9-	X	250	120	160	200	» » » » » »
1644	2-	I	280	320a)		200	Preços para se receber aos caseiros a) o par da segunda pôs-se a 320. (160 o milho e 160 o centeio?)
1677	20-	XII	260	125b)		200	b) A 2.ª foi vendida a 125 reis. Tablou-se também a palha a 60 reis.
1678	2-	XII	300	140b)		280	Neste ano tablou-se a marrã a 20 reis e a galinha a 100 reis, além da 2.ª a 140.
1680		-IX	400	180b)		250	Tendo-se tablado a palha a 80 reis e a 2.ª a 180 reis.

Dependentes deste órgão e ùnicamente atentos à administração económica da Abadia, encarregando-se das transferências de dinheiros e outros negócios exclusivamente materiais encontramos em primeiro plano o Mordomo. Entregava-se o Padre Mordomo aos balanços gerais de Receitas e Despesas, e distribuindo as verbas orçamentais pelos seus subordinados (74). Dele dependiam também as grandes obras de fomento agrícola que a Abadia realizou. Pelo menos, enquanto a isso destinava parte das verbas do Orçamento (75).

Trabalhavam na sua dependência o Padre Gastador, que tinha a seu cargo a aquisição de toda a espécie de géneros, desde os alimentícios, para o pessoal, à compra de tecidos, armas, esmolas, forragens, quando preciso, especiarias, etc. (76). O Gastador no fim de cada triénio era responsável pela sua própria conta (77). Pela importância das somas que lhe eram atribuídas vinha depois o Gastador das Obras, por cuja conta corriam todas as obras realizadas, concertos, melhoramentos. quer em caminhos e calçadas, quer beneficiações ou reparos nos moinhos, azenhas, etc. Era ele quem dirigia pessoalmente os melhoramentos agrícolas a introduzir nas propriedades nomeadamente as plantações das diversas espécies florestais (78).

O Padre Sacristão recebia também o seu orçamento particular e velava por tudo aquilo que dissesse respeito ao culto e à conservação ou aquisição das alfaias litúrgicas, apresentando no fim as suas contas tal como o Gastador das Obras (79).

Por seu turno o Padre Recebedor encarregava-se da arrecadação de todas as rendas, pensões, dívidas dos caseiros ou quaisquer outras, esmolas, anotando rigorosamente todas as suas contas em géneros ou em

---

pràticamente inédito o registo simultâneo de tabelas de preços tablados e de vendas em mercado. Cf. Introdução e Vitorino de Magalhães Godinho, *Prix et Monnaies au Portugal (1750-1850)*, ed. cit., pp. 2-7; 247; cf. Aurélio de Oliveira, dis. cit., pp. 243-244. Cf. Quadro *anexo*. De lamentar apenas a sua não continuidade.

(74) ADB, Conv. e Most. CSB. Estados dos Mosteiros, 112 Tibães n.º 1 n/numerado, (1632), pp. 2 v. e 3 v.; E 1656, p. 11 v.

(75) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Visitas n.º 493, pp. 4 v. e 23 v.

(76) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Estados do Most. n.º 112 Tibães, cf. por exemplo E. 1638 n/numerado, p. 3 v. — 5; E. 1647 n/umerado, p. 1 v., E. 1650 n/numerado, p. 4 v. — 4 v, etc.

(77) Idem, n.º 112 Tibães E, 1650 — por todos.

(78) Idem, n.º 122, cf. Aurélio de Oliveira, *ob. cit.*, P. III, Cap. III, B.

(79) Idem, n.º 112, por todos n.º E 1638.

dinheiro (80). Tomava nota por sua vez dos géneros que entregava às diversas secções da casa: de cereal que entregava para alimentação, para os animais, (alimárias, porcos, galinhas), esmolas, salários, etc. (81).

Finalmente, um Dispenseiro se encarregava do fornecimento de todos os géneros para a cozinha, desde a carne e o peixe, ao vinho e cereal, parte do que lhe era entregue pelo padre Recebedor, mas apresentava também as contas de tudo o que recebia, e do estado em que deixava a dispensa quando largava o seu cargo (82).

Tudo o que destas contas, por ventura, sobejasse, era entregue a um Depósito, quer o quantitativo em dinheiro, quer as disponibilidades de géneros que eram recebidos em natura e se destinavam a venda, com especial relevância para o cereal (83). Este o circuito interno.

Mas passemos agora para outro tipo de administração, isto é como geria a Abadia, as terras que tinha em domínio directo, quase todas elas nos limites da freguesia do Mosteiro (84).

Às ordens do Padre Mordomo havia uma série de pessoal encarregado de trabalhar as terras dependentes directamente da Abadia.

À frente de Quinta de Mire, e é de crer que em algumas outras a exploração dependia de um feitor. Este trabalhava a terra e encarregava-se da «feitorização» da Quinta (85) mediante salário estipulado. Seria este o melhor modo de administração, uma vez que o arrendamento não era tão produtivo como este sistema. Ao feitor da Quinta dos Anjos chamavam também «Quinteiro» (86) — Identidade de funções ainda que designação diferente, pois não encontramos contratos de arrendamento com esse «rendeiro» da Quinta dos Anjos, logo quase pegada à cerca do mosteiro. Vivia aí numa casa feita, pela Abadia, com mulher e filhos.

A Quinta das Barrosas, trabalhava-se directamente de casa por intermédio dos criados (87). A Abadia fazia aí melhoramentos, dispunha da

---

(80) Idem, n.º 112, por todos n.º E 1647 .

(81) Idem, n.º 112; E. 1647, p. 4 v.: E 1653, p. 2 v. — 3 v., etc.

(82) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. N.º 112 por exemplo E. 1647, p. 7 v.
Idem, E. 1656, p. 11 v.
ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Fornadas, n.º 411.
Idem Descargo do Recibo dos géneros da Dispensa n.ºs 429-433.

(83) Idem, n.º 112 cit., Estados de Tibães.

(84) Cf. Aurélio de Oliveira, *ob. cit.* P. II, Cap. II, A. 1.

(85) ADB, Conv. e Most. CSB. Outros Livros e Documentos. Actas capitulares, cópias n.º 314, p. 2 v.

(86) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Autos dos Tombos n.º 6, p. 46.

(87) Idem, p. 47.

Quinta para sua recreação, mas a parte da lavoura dizia respeito a esse subordinado, sem que tal impedisse que o grangeio e direcção efectivos se fizessem por casa (88).

Era este o mesmo sistema de exploração das terras da Estela à frente das quais se encontrava sempre um feitor (89). Parece ser este, aliás, o melhor sistema de rentabilidade e exploração das terras, bem como da sua beneficiação (90).

A esse feitor também chamaram por vezes «guardador» (91) da Quinta de Mire, ou ainda de «servidor» da mesma Quinta, o que nos ajuda sem dúvida, a especificar a sua função (92). Na mesma Quinta trabalhavam ainda dois criados, os «moços da Quinta de Mire (93).

Na dependência do mesmo Mordomo labutava toda a demais criadagem do mosteiro, desde o cozinheiro, à lavadeira, do boieiro ao moço dos perús, desde o estribeiro aos moços de acompanhar, desde o pescador ao moço das ervas, além de ferreiros, carpinteiros, etc., num total que oscilava na dezena dos 40 a 50 criados (94).

A Abadia dispunha ainda do sistema de contrato de pessoal para todo o género de trabalhos, — a que chamaremos trabalhadores assalariados — desde os que se entregavam à laboração agrícola (95), aos que labutavam nos diversos mesteres — carpinteiros, pedreiros, ferreiros, etc. em regime não diário mas esporádico (96), sendo de muita importância a menção dos caminheiros, — homens ou mulheres, que, iam a qualquer localidade, buscar ou levar qualquer coisa, desde recados a mercadoria (97).

(88) ADB, Conv. e Most. CSB. Outros Documentos. Actas Capitulares, cópias, n.º 314, p. 2 v.

ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. das Vis tas n.º 493, pp. 9-10 v., 24 v.

(89) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Depósito n.ºs 539-569.

(90) Os rendeiros eram quase sempre arredados das quintas de exploração directa. (Cf. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Livros das Visitas, n.º 493, p. 47).

(91) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Salários, pensões, Quindénios e Dontativos, n.º 443, p. 8.

(92) Idem, p. 30 v.

(93) Idem, pp. 8-30 v.

(94) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Salários, Quindénios e Donativos, n.ºs 441-443.

(95) Idem, Liv do Gasto da casa, n.º 656, p. 4, 23.

(96) Idem, Liv. das Obras, n.º 458, pp. 189 v., 459, p. 160, etc.

Idem, Liv. do Recibo, n.º 233, pp. 1 v.-118.

Idem, Liv. de Gastos da casa, n.º 656, p. 22 v.

(97) Idem, Liv. do Gasto da casa n.º 655 1.ºs p. n/numeradas.

Idem, Liv. das Obras, n.º 458, p. 152 v.

Idem, n.º 459, pp. 12-32.

Isto, para além dos dias de trabalho fixados nos contratos de arrendamento das terras — as geiras (98) a que tinha anualmente direito por parte dos seus caseiros num total de 401 em 1680 (99), parte dos quais era porém satisfeita em dinheiro (100), e daí a necessidade de contratar mais pessoal.

De que modo se estendia o tentáculo administrativo e de gestão sobre as terras cedidas temporàriamente em prazos? A quantidade e a importância das terras nesta situação impõem que deixemos uma palavra sobre elas.

A Abadia delegava num religioso — o Procurador — munido da respectiva procuração, todo o encargo gestativo desses afazeres, bem como de todos os negócios que diziam respeito a essas terras, prazos e outros contratos afins (101). Na dependência desse Procurador encontrava-se, a título quase vitalício, um «Achegador» (102) pessoa de inteira confiança. Competia-lhe saber das terras para que fossem emprazadas, e cobraria também as rendas encarregando-se da venda do cereal da mesma (103) juntamente com um Louvado por parte da Abadia, que se juntava a outro (um, mais raramente dois) escolhido pelo emprazado a seu gosto (104). Convinha que fossem homens perfeitamente conhecedores das terras do Couto, das suas possibilidades, localização e produções para que convenientemente se pudessem estabelecer as condições dos Prazos ou outros contratos dentro das cláusulas normais (105). Estabelecidas as condições e avaliadas as possibilidades da terra firmava-se o contrato perante as duas partes interessadas: a comunidade e o Geral, reunidos «ao som de

---

(98) Joaquim Foyos, *Memoria, sobre qual convém ser a geira portugueza,* In Memorias da Academia Real das Sciencias Lisboa», 1812, t. IV, pp. 154-159.

Cf. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. de Prazos.

(99) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Depós to, n.º 569.

(100) Mormente daqueles que possuíam bastantes terras. Cf. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Recibo, n.ºs 233-280.

(101) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Prazos, n.º 79, pp. 27-27 v. (por todos).

(102) O «*Dic. de Hist. de Port.*», ed. cit., vol. I, p. 596 regista um «*Chegador*»... o que tratava de tudo quanto dissesse respeito à administração dos bens e rendas do seu senhor...»

ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Descargo do Recibo dos géneros da Dispensa, n.º 443, p. 8.

Idem, Liv. do Recibo, n. 256, últimas páginas n/numeradas.

(103) Idem, n.º 246, pp. 236 e segs.

(104) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Prazos n.ºs 79-88, etc. os + Prazos.

(105) Idem, n.º 79, pp. 109-113.

campa tangida conforme seu antigo e Louvavel costume» (106) e o emprazado, o rendeiro cuja mulher ficava invariàvelmente no portaria da Abadia, dizendo concordar com as cláusulas que seu marido iria estabelecer. Caso nenhum dos interessados emprazados se não pudesse representar passava procuração a quem o fizesse na sua ausência. O mesmo acontecia com todos os contratos que eram feitos a menores — representava-os sempre alguém, (tios geralmente) por procuração.

As pensões e os foros a pagar eram em quase 100 % dos casos aumentados na altura da renovação (107) o que muitas vezes sucedia não obstante as terras serem fracas: «que por esta andar muito carregada e as terras serem fraquas lhe acrescentauão alem da Renda Velha» (108). Isto para além, das prestações obrigatórias da Lutuosa que crescia na mesma proporção — tanto como a Renda de um ano, de 1/5 de Domínio e da Pena (109), que lhe é incorporada com a Renda (110).

O contrato era lavrado pelo escrivão em presença das partes, assinado pelos religiosos disso encarregados e pelo emprazado; como só rarìssimamente sabia ler e escrever, assinava por ele o escrivão. Pagava pela assinatura desse diploma (quer a assinasse quer não) um cruzado, e se quisesse um treslado do mesmo para si, teria que o pagar (111). O treslado do mosteiro era depois lançado nos livros de Prazos, que era pago pelo emprazado.

Para a cobrança das rendas e foros, a Abadia dispunha de um sistema prático: incluía como cláusula do contrato, a entrega na Casa do quantitativo da renda, até 15 dias depois do S. Miguel de Setembro. Os dias que

---

(106) Idem, p. 109.

(107) Idem, n.º 79, pp. 88; 140-142; 150; 153-158.

(108) 1/2 alqueire de meado; 1/2 galinha; 2 ovos; 1/2 canada de vinho. «E disserão elles louvados que por acharem as terras andarem muito carregadas lhe a acrescentavam hũ frango» (ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Prazos n.º 79, p. 112. — Idem, p. 65 v: «respeitando as terras serem fraquas...»

(109) Idem, Prazos n.º 79, p. 21.

(110) «... não obstante as leis do Reyno... a qual pena se lhe poem e em corpora por Renda neste contrato de Prazo...». Idem, Prazos, n.º 80, p. 60.

(111) Cf. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Prazos n.ºs 79-88.

J. Pedro Ribeiro, supõe sempre na mão do foreiro um desses exemplares. O que em princípio se deveria sempre esperar. Todavia a sua falta por parte do foreiro pode não significar sempre, posse fraudulenta e ilegal do Prazo. Pode revelar uma realidade mais funda; a impossibilidade de adquirir um exemplar na altura do estabelecimento do contrato.

Cf. J. Pedro Ribeiro, *Análise das Sentenças Proferidas pelos meritissimos juizes dos três distritos desta cidade a favor dos foreiros da Cathedral*, Porto, 1835, p. 5.

passassem além desse, eram cumulados por uma «pena» que subia correntemente até 200 reis, para o religioso, achegador ou criados do mosteiro que depois se encarregassem da sua arrecadação (112).

Completando todo este aparelho administrativo laboriosamente montado, dispunha, em Braga, Porto e Lisboa de Procuradores, para tratarem de todos os seus negócios, quer económicos quer religiosos e espirituais. em Roma, e com o mesmo fim, dispunha de um Solicitador.

Para consultas sobre o temporal, intervenção nas demandas, sentenças, etc. lançava ainda mão dos seus Licenciados (113).

Indagarmos dos salários auferidos por cada um destes elementos, de que a administração abacial dispunha pôr-nos-ia de posse de importante elemento — a evolução salarial ao longo desses 50 anos. Todavia, na maior parte dos casos isso não é viável, e temos que nos contentar com a informação de que dispomos para os anos de 1629 a 1638 para os licenciados, procuradores e solicitadores (114), e para os criados e alguns assalariados diários de 1656 a 1658, de modo mais completo, deixando o caso dos outros trabalhadores para melhor altura (115).

Dentro deste quadro administrativo reservava-se um importante sector de gestão, a um órgão para nós de extraordinária importância económica e social — O Concelho ou Câmara do Couto, dando a este uma feição para-concelhia notável pela novidade que nos parece representar den-

(112) Vide supra ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Prazos, n.º 156, p. 11. Idem, n.º 157, p. 209.
Idem, n.º 80, p. 68, 93.
Idem, n.º 81, pp. 25 v., 59, 103, etc.

(113) Idem, Liv. dos Salários, Pensões, Quindérios e Donativos, n.º 441, pp. 1 v., 8, 14 e 26.

(114) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Salários, Pensões..., n.ºs 441 e 442. Cf. Quadros.

(115) A.D.B., Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. dos Salários, Pensões, Quindérios e
Quando falarmos da situação e nível de vida da sociedade do couto de Tibães. Na última parte do nosso trabalho.
Daí a necessidade de confronto com os demais preços e as demais realidades, pois pensamos que a afixação pura e simples de «mais uma tabela» pequena e descontínua (aqui estes dados) a pouco de positivo pode conduzir. E vã a pretensão de com tal sistema se tirarem grandes ilações. Se lhe quisermos medir o significado e o alcance, não esqueçamos nunca de os meter na realidade mais ampla de que fazem parte. Cremos que não proceder assim é arriscarmo-nos sèriamente a uma distorção da realidade. A necessidade de conhecermos estes dados não nos relegue a importância de conhecimento dos outros. Muito pelo contrário.
(Remetemos por isso para a dissertação que apresentamos, mormente o capítulo sobre os preços).

tro da expressão senhorial do Couto ([115a]). Tudo o que dissesse relação ao «bem comum» dos povos partia da competência administrativa desse órgão central.

Estamos assim perante um órgão, que geria, paralelamente com o aparelho administrativo da Abadia, as terras do Couto velando pelo «bem comum» das pessoas. Expressão notável de colectivismo que devemos assinalar.

A eleição dos oficiais da Câmara fazia-se no dia do Padroeiro do Couto, S. Martinho. Presidia, o Geral, e na sua ausência o Prior, como Donatário e Ouvidor Geral do Couto, juntamente com todos os oficiais cessantes, juízes, vereadores, além de muitos religiosos e todo o povo.

Eleito o juiz, que jurava perante o Geral, elegiam-se depois os Vereadores e almotacés dentre os habitantes, que juravam perante o juiz. Fazia-se seguidamente a eleição de um Procurador do Couto que era notificado pelo escrivão «para tomar juramento procurando pelas causas do concelho e pello pouo como Deos e sua magestade manda, goardando sagredo da iustiça» e jurando perante os demais oficiais eleitos ([116]). Elegiam-se também os «coadrilheiros» ([117]). Para o cargo de jurados, um habitante de cada freguesia «por serem pessoas idoneas» ([118]).

Fazia-se também na mesma altura a eleição dos juízes dos ofícios ou mesteres: juiz do «misterio» de ferreiro, alfaiate, telheiro, pedreiro, moleiro, carpinteiro, sapateiro ([119]) e o importante cargo de juiz das tecedeiras, para o qual era eleita uma mulher ([120]). Sendo depois notificados «pera uir tomar iuramento de Iuizes dos ditos officios perquoanto assim os os ellegião per acharem que cada hum delles o podia ser por serem os mais antigos E cadimos ([121]) em hus officios» ([122]).

([115a]) Marcello Caetano, *Lições de História do Direito Português*, Coimbra, 1962, pp. 85-92.

([116]) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Liv. do Couto, Conselhos da Camara n.º 502, p. 3, 3 v. 10.

([117]) *Ordenações e Leys do Reyno de Portugal, confirmadas e Estabelecidas pelo Senhor Rey D. João IV*, Lisboa, 1727, Liv. I, tít. 73, pp. 547-555.

* ADB, Conv. e Most. CSB. Tib... n.º 443; n.º 725 dec. n.º 2 n/n.

([118]) Idem, n.º 502, p. 12 v.

([119]) Idem, n.º 502, pp. 3 v. e 13.

([120]) Idem, n.º 502, p. 13 — O Linho e a sua tecelagem eram uma importante indústria.

([121]) Viterbo, *Elucidário*, ed. cit. de M. Fuiza, vol. II, p. 59: «Assim chamam hoje ao ladrão velho, subtile *muito exercitado nas artes*, e destreza de furtar (sublinhado nosso). ...aquele ou aquela que usava continuamente, do seu ofício».

([122]) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib., n.º 502 cit., p. 3 v.

ALGUNS DADOS SOBRE VENCIMENTOS DE LICENCIADOS E PROCURADORES DA ABADIA

1629-1634		Observações
Licenciado Marcos Dinis	16.000 reis	— Anualmente, pela sua acção no Mosteiro de Tibães, Rendufe, Refoios, Pombeiro, Travanca, Arnoia, Ganfei, Carvoeiro, Palme, S. Romão e Miranda.
Dr. Rev.º Rodrigo Galvão (Procurador em Roma pelos anos de 1630-32	20.000	Por ano.
P.º Procurador de Braga (1630--1634)	12.000	(Por ano para sustento do macho).
Licenciado Inofre de Brito — Procurador no Porto (até 1634)	8.000	Por ano
Francisco Godinho — Solicitador de Lisboa	6.000	» »
	6.000	» »
P.º Procurador do Porto	8.000	Por ano (ao abade do Porto que o albergava mais o criado).
Frei Serafino (Procurador em Lisboa)	6.000	» »
1635-1638		Tudo como nos anos anteriores mais:
Licenciado Carlos Dantas de Távora	8.000	Pelos mosteiros de Tibães, Rendufe, S. Romão, Carvoeiro e Palme
Licenciado Bartolomeu Gomes (Procurador do Porto)	«20 cruzados»	
António Mendes de Carvalho (Procurador em Lisboa)	6.000	Por ano

ALGUNS DADOS SOBRE O VENCIMENTO DOS CRIADOS DA ABADIA ENTRE 1656-1658

Categoria de Criados	Salário por ano	Observações:
Barbeiro do Mosteiro	70 alqueires de 2.ª 1 marrã de 50 arráteis 500 reis para sabão	O preço do milho nesse período oscilou entre 120 e 110 reis; o centeio entre 120 e 140 reis. A marrã valeu 1.000 reis —
Carpinteiro	12.000 reis	
Ferreiro	8.000 »	
Forneiro	7.500 »	
Cozinheiro	7.000 »	
Achegador	6.000 »	
1.º Moço da erva	6.000 »	
1.º Estribeiro	6.000 »	
2.º Estribeiro	6.000 »	
3.º Estribeiro	6.000 »	
4.º Estribeiro	5.000 »	
Guardador da Quinta de Mire	5.000 »	O filho do guardador, em 1657 e 58, ganhava também 5.000.
1.º Ortelão	5.000 »	
1.º Boieiro	5.000 »	
2.º Boieiro	5.000 »	
3.º Boieiro	5.000 »	
4.º Boieiro	5.000 »	
5.º Boieiro	5.000 »	
Boieiro das obras	5.000 »	
Pescador	5.000 »	
Lavandeira	4.000 + 12 carros de lenha	
Moço do Forneiro	4.500 »	
1.º Moço de acompanhar	4.000 »	
2.º Moço de acompanhar	4.000 »	
2.º Ortelão	4.000 »	
Moço do Cozinheiro	3.500 »	
2.º Moço da erva	3.500 »	
Moço dos Bois	3.000 »	
3.º Moço da erva	3.000 »	

ALGUNS DADOS SOBRE O VENCIMENTO DOS CRIADOS DA ABADIA ENTRE 1656-1658 (Cont.)

Categoria de criados	Salário por ano	Observações
Rapaz das cartas	3.000 »	
Moço dos carneiros	2.500 »	
Porqueiro.	2.000 »	
Moço dos Porcos	2.000 »	
Moço dos Perús	2.000 »	
Moço da Quinta de Mire	2.000 »	
Ovelheiro	2.000 »	
Moço das Ovelhas	2.000 »	
2.º Moço dos Bois	2.000 »	
Moço dos Pombos	1.000 »	
3.º Moço dos Bois	1.640 »	
Moço de servir na horta	350 »	
		Em 1676, o escrivão dos Tombos ganhava por dia 200 reis.

Estes e os demais oficiais eleitos ou designados pelo Abade reuniam-se com os homens-bons do couto — eleitos um por cada freguesia, e que se mantinham como tais durante muito tempo, para «juntos deliberarem em Camara», regularmente, «pera efeito de fazerem acordos sobre o «bem comum» do povo e mais couzas necessarias» (123).

Juiz, Vereadores, Procurador, homens bons do couto — com todos os oficiais da Câmara, reuniam-se assim periòdicamente, na casa do Despacho do Mosteiro, Casa do Conselho, no lugar do Sobrado, freguesia de Santa Maria de Mire, deliberando sobre os mais diversos assuntos concernentes à vida económica e social dos habitantes do Couto de Tibães.

Daí saía uma série de normas, que depois de fixadas pelo escrivão eram publicadas sob a forma de Acórdãos.

(123) Idem, pp. 16, 20, 41 v. e 56.

Através desses importantes acórdãos nos será permitido falar de uma política de exploração agrária conjunta (124), pelo menos nos melhores terrenos do couto, como eram as veigas e Quinta de Roães (125), reveladora, por seu turno, de uma vida rural de sabor colectivista, verdadeiramente notável e até agora ainda não detectada na Região Bracarense e nesta concha do Cávado, num sistema que apelidaríamos de terrenos semi-comuns.

Com efeito, qualquer proprietário, que aí possuísse bens — leiras por exemplo — não as podia explorar ou delas fazer uso indiferentemente, mas tendo sempre em vista os restantes possuidores pelos quais se repartia a Veiga no seu conjunto, e isso só depois do consentimento expresso dessa Câmara. Pesadas penas aguardavam os que não acatassem tais ordens (126).

Estatuía-se minuciosamente para esses terrenos o sistema de entradas, a obrigatoriedade das tapagens, a protecção das mesmas em conjunto, por meio de galgueiros e tapumes; estatuía-se, também, o tipo de exploração a fazer-se: o uso de determinadas sementes, para toda a terra com certa extensão; o sistema do uso de pastagens dentro desses terrenos, as normas a que devia obedecer o corte dessas ervas, e a apostoragem nas mesmas. Determinava-se, também, nessa Câmara, a protecção a todo o tipo de tapagens, a proibição do uso indiscriminado das terras de mato, da protecção das espécies florestais. As normas para o pastoreio das ovelhas, e outro gado, a utilização da água das fontes; a conservação dos caminhos, a abertura doutros sempre que fossem feitas tomadias ou arroteamentos; determina-se a obrigatoriedade de plantio de hortaliças e legumes junto das casas; condições de aluguer das mesmas dentro dos limites do Couto, e a admissão de certas pessoas no Couto, como ciganos e mulheres grávidas, e a rigorosa fiscalização às mulheres de vida fácil.

Deliberavam ainda, sobre os preços que os barqueiros deviam levar pela passagem de pessoas e mercadorias no barco de Nossa Senhora da Graça, as penas a que ficavam sujeitos se estragassem as culturas dos campos. Regulava a actividade dos moleiros, pondo como obrigação a primazia da moagem do cereal do Couto, sobre os outros fregueses de fora do mesmo (127).

Interferia também na parte comercial, impondo aos comerciantes a

---

(124) Aurélio de Oliveira, dis. cit. P. III, Cap. II, D. 17-18.

(125) Idem, Tib. n.º 502, pp. 16, 16 v., 17, 17 v., 18, 18 v., 30 v., 38 e 57.

(126) Idem, pp. 19, 31, 42 e 52.

(127) Idem, p. 30 v.

Cf. Quadro.

TABELAMENTO DE PREÇOS FEITO PELA CÂMARA DO COUTO EM 1673, PARA A PASSAGEM DO BARCO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, NO RIO CÁVADO

Géneros	Preços	Observações
Pessoas	1 moeda cada	— Desde que o rio vá cheio e cubra a lanceira que está acima da passagem
»	1,5 real	— Desde que a água do rio não cubra a lanceira.
Cavalgaduras	5 reis	— Se forem descarregadas.
»	10 reis	— Se forem carrebadas.
Carros	10 reis	— Se forem descarregados.
»	20 (Vinténs)	— Se forem carregados.

venda em boas condições e a obrigatoriedade de fazerem a venda dos seus produtos por tempo determinado, mormente o fornecimento de vinho, pão branco, azeite, e para o talho do Carmo, o fornecimento de carne sempre fresca; proibição do jogo nessas casas de comércio; providenciava depois, por intermédio dos respectivos oficiais, pela rigorosa fiscalização dos pesos e medidas.

Interessante os acórdãos de 1671 e 1673, que proíbe a eleição de certas pessoas para o conselho da Câmara «per.to nas Elleyções q̃ se fazião neste couto se Elegião homens de bajxo foro como eram Vendejros estalajadeiros e carniceyros e Alfaiates E outros semelhantes...» pagando de pena o juiz e o escrivão que aceitar escrever o voto dessas pessoas cincoenta cruzados ([128])!

A essa Câmara competia tomar conhecimento e lançar em acta das suas sessões, toda a ordem ou alvará régios que dissessem respeito ao couto de Tibães, quer para recebimento das sisas — para que eram eleitos os recebedores das sisas — ou real de água, ou outros impostos extraordinários. Essas ordens eram trazidas à Câmara por um correio — o «caminheiro» — a quem o concelho pagava a jorna de seis vinténs. Tomado

([128]) ADB, Conv. e Most. CSB, Tib., n.º 502 cit., p. 19, 31 v.

conhecimento, é de novo expedido, até percorrer as localidades nomeadas no Rol (129).

Porque reputamos este documento de grande interesse, e porque outras interpretações podem surgir para além daquela que dele fizemos, dele faremos transcrição em apêndice (130).

Entretanto da sua análise — e ainda que a isso nos refiramos em outro lugar (131) parece podermos inferir da existência de uma camada de população rural, a única a ter acesso a esse órgão de gestão, e relativamente bem instalada econòmicamente, pelo menos em relação à restante população do Couto, que constituiria a maioria. Não é difícil ver nesses acórdãos, uma certa orientação de protecção aos seus bens, sem que isso levasse a injustiças declaradas em relação à demais população no entender dessa Câmara.

Além disso, é relativamente fácil, também, detectar a acção indirecta da Abadia sobre esse órgão. É quase impossível não vermos, ainda que de modo esbatido nas directrizes daí saídas, uma sábia orientação de exploração agrícola, visando tirar o maior partido das terras, e cuja maternidade nos parece poder atribuir à grande casa beneditina (132).

---

(129) Idem, cit., pp. 3, 32, 38, 39 v., 40, 40 v., 41 v., 44 e 51.

(130) Cf. Apêndice, a publicar no fim do próximo artigo, A «exploração comunitária no vale do Cávado», em continuação deste.

(131) Aurélio de Oliveira, dis. cit., P. III, Cap. II — D. 17-18.

(132) Cf. ADB, Conv. e Most. CSB, Tib. Sentenças, n.º 21, pp. 182-187 v.
Idem, n.º 22, pp. 3- 11 v.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA*

I — *FONTES MANUSCRITAS*

A — ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA (ADB)

a) *Congregação de S. Bento de Portugal (CSB)*

— Estados dos mosteiros (E.)

112. Tibães E. 1632, doc. n.º 1 n/numerado
E. 1638, » n.º 2, »
E. 1647, » n.º 3, »
E. 1650, » n.º 4, »
E. 1653, » n.º 5, »
E. 1656, » n.º 6, »
E. 1662, » n.º 7, »
E. 1665, » n.º 8, »
E. 1677, » n.º 9, »

— Outros Livros e Documentos

314. Actas Capitulares (cópias) — 1635-1767.

b) *Tibães (Tib.)*

— Autos dos Tombos:

4. 1676 — vol. I
5. » — » II
6. 1654 — » I
7. » — » II

— Sentenças:

21. vol. 9 — Sobre Prazos e outros documentos situados dentro do Couto.
22. » 10 — Idem.

— Prazos:

78-88. — vols. 16-25: (1665-66; 1615, 1638) — (1695-97: 1616-1671) (10 livros).
156 — 1599-1782 — Panoias e Parada
157 — 1571-1661 — Mire

— Livros do Recibo:

233-280; 1629-1680, (47 Livros).

---

* Na citação dos documentos existentes no Arquivo Distrital de Braga seguimos o Inventário elaborado por José Mattoso. (Cf. *Inventário dos Fundos de Antigos Mosteiros Beneditinos Existentes no Arquivo Distrital de Braga*. Sep. da Revista «Bracara Augusta», vol. XX, Fasc. 45-46, (57-58), Braga, 1967.

— Livros das Fornadas:
411-1652.

— Descarga do Recibo dos Géneros da Dispensa:
429-443 — 1646-1680 — (5 Litros)
— Livros dos Salários, Pensões, Quindénios e Donativos:
441 — 1629-1632
442 — 1636
443 — 1656

— Livros das Obras:
458 — 1645
459 — 1661

— Livros da Enfermaria, Rouparia, Sacristia, Hospedaria, Livraria e Refeitório:
473 — Rouparia — 1653-1673
480 — Sacristia — 1647
481 — » — 1668
482 — » — 1680

— Livros das Visitas e dos Conselhos:
493 — Visitas — 1644-1711
497 — Conselhos — 1631-1644

— Livros do Couto:
502 — Couto de Tibães, Conselhos da Câmara — 1668-1683;

— Livros do Depósito (Liv. do Dep.)
539-569 — 1629-1680 (31 livros).

— Livros do Gasto da Casa:
655 — 1614-1623-1644
656 — 1656
657 — 1663-1675

B — BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (B. P. M. P.)

ASCENÇÃO (Fr. Marceliano d') *Cartas Historico-Criticas* (ms. inédito)

C — ARQUIVO BENEDITINO DE SINGEVERGA

ASCENÇÃO (Fr. Marceliano d') *Chronica de Tibães* (ms. inédito)

Livros do Conselho — 1671, in «Miscelânea Beneditina» cód. n.º 10.

II — *ESTUDOS*

ADELAIDE (Maria), Godinho e Arala Chaves, — *Formas de Pensamento em Portugal no Séc. XV.* Liv. Horizonte, Lisboa, s/d. Pref. de V. M. Godinho.

BARRACLOUGH (Geoffrey) — *La Historia desde el Mundo Actual,* trad. esp., Revista de Occidente, Madrid, 1959.

BESSON (Waldemar) — *História,* trad. port., prefácio e super-visão de A. H. de Oliveira Marques, Ed. Meridiano, Lisboa, 1965 .

BLACHE (Vidal de La) — *Princípios de Geografia Humana,* trad., notas e pref. de Fernandes Martins, Ed. Cosmos, Lisboa, 1954.

BLIGNY (Bernard) — *Histoire Sociale et Histoire Réligieuse,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», P. U. F., Paris, 1967, pp. 273-283.

BLOCH (Marc) — *Les Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française,* (2 Tomos; T. II, Suplément établi d'après les travaux de l'auteur par R. Dauvergne), A. Colin, Paris, 1968.

— Introdução à Histórica, Col. Saber, Publ. Europa-América, trad. port. de Maria M. Miguel e Rui Grácio, Lisboa, 1965.

BRAUDEL (Fernand) — *Civilisation Matérielle et Capitalisme (XV^e-XVIII^e Siècles),* T. I., A. Colin, Rennes, 1967.

— *Sur une Conception de l'Histoire Sociale,* in «Annales» (E. S. C.), 14^e année, N.º 2, Avril-Juin, 1959, A. Colin, Paris, 1959, pp. 308-319.

CAETANO (Marcello) — *Lições de História de Direito Português,* Coimbra, 1962.

CASTRO (Armando) — *Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV,* Portugália Ed. 9 vols. Lisboa, 1964-1970.

COLEMAN (D. C.) — *Economic Problems and Policies* in «The New Cambridge Modern History, Ed. by F. L. Carsten, Cambridge, 1961, Vol. V, pp. 19-45.

COSTA (C. A.) — *O contrabando dos Cereaes em Portugal,* Lisboa, 1855.

CRUBELLIER (Maurice) — *L'Événement en Histoire Sociale,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», P. U. F., Paris, 1967, pp. 35-47.

DELORT (Robert) — *Introduction aux Sciences Auxiliaires de l'Histoire,* Col. U. A. Colin, Paris, 1969.

DUBY (Georges) — *L'Économie Rurale et la Vie des Campagnes dans l'Occident Médiéval,* 2 vols. Paris, 1962.

FOYOS (Joaquim) — *Memoria sobre qual convém ser a Geira Portuguesa,* in «Memorias da Ac. Real das Sciencias de Lisboa, T. IV, Lisboa, 1812, pp. 154-159.

GEORGE (Pierre) — *Geographie et Histoire* in «Revue Historique (466), 87^e année, T. CCXXIX, Fasc. II, Avril-Juin, 1963, P. U. F., Paris, 1963, pp. 293-304.

GIRÃO (A. de Amorim) — *A acção do Homem e a Morfologia do Solo* in «Revista de Guimarães», vol. LXV, n.º 3-4, Julho-Dezembro, 1955, Guimarães — Barcelos, 1955, pp. 299-330.

— *Geografia de Portugal,* Portucalense ed. Porto, 2.ª ed., 1949-51.

GODINHO (Vitorino de Magalhães) *Ensaios. II. Sobre História de Portugal,* Col. Ensaios, Sá da Costa ed., Lisboa, 1.ª ed., 1968.

— *Ensaios. III. Sobre Teoria da História e Historiografia,* Col. Ensaios, Sá da Costa, ed., Lisboa, 1.ª ed., 1971.

— *A Estrutura na Antiga Sociedade Portuguesa,* Ed. Arcádia. BAB, Lisboa, 1971.

— *Introdução à História Económica,* Liv. Horizonte, Lisboa, s/d.

— *Prix et Monnaies au Portugal (1750- 1850).* A. Colin, Paris, 1955.

GOUBERT (Pierre) — *Les Sources Modernes: Les XVII^e et XVIII^e Siècles,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», P. U. F., Paris, 1967, pp. 97-114.

GUIMARÃES (Avelino da Silva) — *A Crise Agrícola Portuguesa Especialmente do Minho,* Porto, 1890.

LABROUSSE (Ernest) — *L'Histoire Sociale .Sources et Méthodes,* P. U. F., Paris, 1967, (Introduction).

LADURIE (Emmanuel Le Roy) — *Les Paysans de Languedoc,* Flamarion, Paris, 1969.

L'HOMME (Jean) — *L'Attitude de l'économiste devant l'histoire économique* in «Revue Historique» (470), 88^e année, T. CCXXXI, Fasc. II, Avril-Juin, 1964, P. U. F., Paris, 1964, pp. 297-306.

LUCAS (Henry S.) — *A Short History of Civilization,* McGraw-Hill Camp. New York, Toronto, London, 1953.

LUZZATO (Gino) — *Dai Servi della gleba agli albori del Capitalismo. Saggi di Storia Economica.* Introd. di Marino Berengo, Editori Laterza, Bari, 1966.

MARROU (Henri-Iréné) — *Comment Comprendre le Métier d'Historien,* in «L'Histoire et ses Méthodes», Encyclopédie de la Pléiade, Gallimard, Bruges, 1961, pp. 1465--1539.

— *Qu'est-ce que l'Histoire,* in «L'Histoire et ses Méthodes, ed. cit., pp. 1-33.

MARTIN (René) — *L'Histoire Sociale du Monde Romain Anitque: Méthodes et Problèmes,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», P. U. F., Paris, 1967, pp. 49-73.

MATTOSO (José) — *L'Abbaye de Pendorada des Origines à 1160,* Coimbra, 1962, (Sep. da Revista Portuguesa de História, T. VII).

— *Inventário dos Fundos de Antigos Conventos Beneditinos Existentes no Arquivo Distrital de Braga,* (Sep. da Revista «Bracara Augusta», Vol. XX, Fasc. 45-46 (57-58), Braga, 1967.

MAURO (Frédéric) — *L'Orientation Actuelle des Études Historiques — L'Histoire au Portugal,* in «Revue Historique» (466), 87^e année, T. CCXXIX, Fasc. II, Avril--Juin, 1963, P. U. F., Paris, 1963, pp. 433-442.

— *Le Portugal et l'Atlantic au XVII^e Siècle (1570-1670). Étude Économique,* S. E. V. P. E. N., Paris, 1960.

MERLE (Louis) — *La Métairie et l'Évolution Agraire de la Gâtine Poitevine de la Fin du Moyen-Âge à la Révolution,* S. E. V. P. E. N., Paris, 1958.

MULLER (Herbert F.) — *The Uses of The Past. Profiles of Former Societies,* A Galaxy Book, Oxford University Press, New York, 1937.

NOUSCHI (André) — *Initiation aux Sciences Historiques,* F. Nathan éd., Paris, 1967.

OLIVEIRA (Aurélio de Araújo) — *Tibães (1630-1680). Estudo Socio-económico de uma Abadia Beneditina do Noroeste Português,* Porto, 1970. (Dissertação dactilografada).

ORTIGÃO (Ramalho) — *As Farpas,* (Edição integral), Clássica ed. Lisboa, 1963, T. I.

PEREIRA (Miriam Halpern) — *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico. Portugal na segunda metade do século XIX,* Ed. Cosmos, Lisboa, 1971.

PERROUX (François) — *Le Capitalisme,* Col. «Que sais-je?» P. U. F., Paris 6^e éd., 1969.

RIBEIRO (João Pedro) — *Análise das Sentenças Proferidas pelos Meritissimos Juizes dos Três Distritos desta Cidade a favor dos Foreiros da Cathedral,* Porto, 1835.

ROMANO (Ruggiero) — *I Prezzi in Europa dal XIII Secolo a oggi. Saggi di Storia dei Prezzi raccolti e presentati da R. Romano,* Einaudi ed. Torino, 1697.

RUWET (Joseph) — *Mesure de la prodution agricole sous l'Ancien Régime,* in «Annales» [E. S. C.] 19ª Année, N.º 4, Juilet-Août, 1964, A. Colin, Paris, 1964, pp.625-642.

SEBASTIAN (José Lopez de) — *Reforma Agraria en España-Sierra Morena en el Siglo XVIII,* Ed. ZYX, Madrid, 1968.

SERGIO (António) — *Obras Completas. Ensaios,* Clássicos Sá da Costa, Nova Série, T. I., Lisboa, 1971.

SERRÃO (Joel) — *Dicionário de História de Portugal,* (dirigido por) Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963-65, Vols. I e II.

— *Emigração Portuguesa,* Liv. Horizonte, Lisboa s/d. (1971).

SILBERT (Albert) — *Le Portugal Méditerranéen à la Fin de l'Acien Régime XVIIIe — Début du XIX Siècle. Contribution à l'Histoire Agraire Comparée,* S. E. V. P. E. N., Paris, 1966, 2 vols.

SOBOUL (Albert) — *Description et Mesure en Histoire Sociale,* in «L'Histoire Sociale. Sources et Méthodes», P. U. F.; Paris, 1967, pp. 9-33.

TURNER (Ralph) — *The Great Cultural Traditions,* McGraw-Hill Book Camp. New York and London, 1941, (Vol. II).

VITERBO (Fr. Joaquim de S. Rosa de) — *Elucidário, das Palavras, Termos e Frases* Ed. crítica de M. Fiúza. Livr. Civilização, Porto-Lisboa, 2 vols.

ZYLBERMAN (Évelyne) — *Auget de Montyon et l'Agriculture,* in «Études d'Histoire Économique Rurale au XVIIIe Siècle. Travaux et Recherches de la Faculté de Droit et des Sciences Économiques de Paris. Série «Sciences Historiques», n.º 6, P. U. F., Paris, 1965, pp. 105-150.

Uma agressão célebre havida em Braga no ano de 1872

Pelo Dr. M. Braga da Cruz

Deu muito que falar e provocou muita prosa impressa a agressão que vou referir, e isto principalmente pela categoria dos intervenientes: o professor liceal Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, como agredido, e o estudante Vicente Pinheiro Lobo Machado, como agressor.

Era o primeiro um distinto e culto professor de Filosofia, autor de vários trabalhos da sua especialidade e, também, zeloso Secretário do Liceu desde a reorganização de 1845. O agressor viria a ser, com o título de Visconde de Pindela (2.º) um grande diplomata do Rei D. Carlos, tendo sido antes um distinto Governador da Província Ultramarina de S. Tomé e Príncipe.

Entre o dia da agressão e o do julgamento do agressor decorreram quase cinco anos durante os quais se publicaram, a propósito, cinco folhetos, pelo menos, quatro dos quais da autoria da vítima e um do jornalista vimaranense Miguel Mascarenhas.

No seu primeiro folheto, datado de 8-8-1872 e com 2.ª edição no mesmo ano, o Dr. Pinheiro começa por descrever os antecedentes da agressão, passando, depois, à descrição desta pela forma seguinte: «No mesmo dia 23 (Julho de 1872), voltando eu para minha casa por uma hora da tarde, pouco mais ou menos, vi atravessar aceleradamente o Campo de Santana em direcção a mim o referido Vicente Pindela, tomando-me a frente, pouco adiante do recolhimento das Convertidas; e quando eu esperava que viesse dar-me alguma explicação atenciosa para atenuar da algum modo o seu despropósito do dia antecedente, em virtude da admoestação que seu pai lhe deveria ter feito, e achando-me disposto a recebê-la com benévola atenção e com a maior placidez de espírito, qual não foi a minha

HISTORIA

FIEL E CIRCUMSTANCIADA

DO

CRIME ATROZ E TRAIÇOEIRO,

Commettido em Braga no dia 23 de Julho de 1872 *por um estudante filho do Snr. visconde de Pindella, contra um professor jubilado, seu mestre e protector assiduo.*

ESCRIPTA PELA PROPRIA VICTIMA

PARA ASSOMBRO DE TODOS E ESPELHO DOS CHEFES DE FAMILIA.

BRAGA:
TYPOGRAPHIA LEALDADE
Rua de S. João n.º 2 C.

1872.

surpresa e espanto quando o vejo munido de chicote e bengala de força exprobar-me estouvadamente que eu tinha feito queixa dele ao pai e vinha ali para me dar satisfação! E com a rapidez do relâmpago começa a agredir-me bestialmente com o seu querido chicote, a cujas reiteradas vibrações opuz imediatamente o guarda sol que trazia aberto, sobre o qual as disparou todas. E vendo que não podia alcançar-me com aquela arma própria de arrieiros, começou a esgrimir com a sua bengala sobre o mesmo guarda sol, meu único anteparo, e com tanta força e reiteração que lhe quebrou toda a armação, ficando completamente inutilizado. Foi só quando me faltou essa debilíssima arma defensiva e procurava deitar a mão ao ferino agressor para lhe suspender o ímpeto e impedir a fuga, que ele me descarregou na parte posterior da cabeça uma possante bengalada, que me prostrou no chão atordoado e exausto de forças, podendo então evadir-se a toda a brida o feroz e traiçoeiro atleta pela rua fronteira de S. Gonçalo, evitando...».

Dá-nos ainda o Dr. Pinheiro curiosas afirmações, como esta: «...o criminoso... deitou desde logo o coração ao largo, apresentando-se afouto e altaneiro nos lugares mais públicos desta cidade, recebendo com efusão e geral escândalo os abraços e felicitações dos seus amigos, ostentando e meneando com cínica ufania, como troféu da vitória a própria bengala com que tinha cometido o crime, por ele mesmo reclamada e extorquida das mãos de um pobre sapateiro da cidade, que a encontrara na rua depois do delito, e o levara para sua casa».

Pela ordem cronológica segue-se o folheto do jornalista Mascarenhas, datado de 7-1-1873 e publicado em Guimarães. Por ele sabemos que o Sr. Visconde de Pindela (1.º), pai do agressor, fizera publicar na imprensa um comunicado em que pedia a suspensão do juízo público até à decisão dos tribunais, comunicado a que respondera o Dr. Pinheiro («Diário da Tarde» de 30-8-1872) emprazando o Sr. Visconde a que apresentasse a público, quanto antes, a prometida contestação, absolvendo-o de toda a responsabilidade pelos inconvenientes da publicação antes do veredictum dos tribunais. Em campo um pouco ingrato, o jornalista Mascarenhas gasta as 23 páginas do seu folheto em jogos de palavras sobre afirmações do Dr. Pinheiro, sem entrar no âmago da questão e terminando com um pequeno entreacto teatral a ridicularizar o seu antagonista.

Data de Janeiro de 1876, três anos e meio depois da agressão, o 2.º folheto do Dr. Pinheiro, que ele intitulou: História do Processo Criminal de Vicente Pinheiro Lobo Machado. Após um esclarecimento ao público, insere 5 capítulos, cujos títulos são:

a) Notícia sucinta do processo crime do filho do Sr. visconde de Pindela, em aditamento à história do mesmo crime, publicada em Agosto de 1872.

b) Uma nova alicantina moratória no processo crime do reu Vicente Pinheiro Lobo Machado, filho do Sr. Visconde de Pindela.

c) Ainda mais uma trica moratória capciosamente interpretada por parte do reu Vicente Pinheiro Lobo Machado, filho do Sr. V. de Pindela, para se esquivar ao julgamento.

d) Continuação da crónica altamente escandalosa do processo crime de Vicente Pinheiro Lobo Machado, filho do Sr. visconde de Pindela.

e) Ainda a crónica escandalosa do processo crime de Vicente Pinheiro Lobo Machado, filho do Sr. visconde de Pindela.

O 3.º folheto do Dr. Pinheiro é um aditamento ao anterior. Foi publicado em 3 de Maio de 1877 e dá conta de mais habilidades com a finalidade de retardar o julgamento.

Finalmente, em 6-6-1877, o Dr. Pinheiro publica o seu último folheto relativo à agressão, que intitulou: Conclusão da História do Processo Criminal de Vicente Pinheiro Lobo Machado, filho do Sr. Visconde de Pindela.

Porque é pequeno e mostra bem a psicologia e o carácter do seu autor, reproduz-se na íntegra:

«Desencantou-se finalmente na audiência geral de 23 de Maio o julgamento encantado, tomando o reu o devido assento no banco que há perto de cinco anos o esperava. Abriu-se a sessão pouco depois das 10 horas, ficando constituído o júri com os seguintes senhores, extraídos à sorte:

José António Rebelo da Silva, proprietário, presidente.
António de Moura Monteiro, dito.
João Maria de Sousa Machado, dito.
António Jerónimo da Silva Geraldes, dito.
João Alberto Ramos, coronel reformado.
João Joaquim Gomes de Araújo Álvares, bacharel.
Manuel José de Morais Júnior, empregado da recebedoria da fazenda.
António Plácido de Vasconcelos Peixoto, engenheiro.
Joaquim Maria da Costa Rebelo, pagador das obras públicas.

Constituído assim o tribunal mandou o ex.mo juiz proceder à leitura do auto do corpo de delito e respectivos líbelos e em seguida ao inquérito das testemunhas, confirmando as de acusação os depoimentos que já haviam prestado em 1872, sendo nada menos de 10 as testemunhas de vista, e não negando as de defesa nem mesmo o próprio réu o acto crimi-

noso de que era acusado, mas procurando apenas atenuá-lo de algum modo com evasivas tão destituídas de fundamento como de importância jurídica. Concluído o inquérito das testemunhas, mostrou o digníssimo agente do ministério público, o ex.mo snr. dr. Rodrigo Lobo de Ávila, em um eloquente e mui conceituoso discurso, não só a incontestável existência, mas a alta gravidade do crime, encarando-o sob todos os pontos de vista, e concluindo por propôr como justíssima a punição legal do réu, no que foi acompanhado pelo advogado particular da acusação. O da defesa longe de enervar a força dos argumentos aduzidos, limitou o seu discurso a declamações vagas e recriminações individuais, menos próprias de um lugar e de um acto tão sério, algumas das quais lhe foram imediatamente rebatidas pelos ex.mos magistrados.

Tudo o que fica exposto foi presenciado por um auditório tão numeroso quanto o podia comportar a capacidade do salão onde funcionava o tribunal.

Terminada a discussão e propostos pelo ex.mo juiz 12 quesitos ao júri, versando o primeiro destes sobre a existência do facto criminoso, retirou-se aquele para deliberar, voltando o presidente com a seguinte resposta: «Não está provado por maioria», ficando assim prejudicados todos os restantes quesitos.

Em seguida proferiu o ex.mo juiz, às onze horas da noite a respectiva sentença deste teor: «Em vista da resposta negativa do júri ao primeiro quesito que lhe foi proposto, absolvo o reu Vicente Pinheiro Lobo Machado, solteiro, estudante, desta cidade, da acusação constante do libelo a fl. 114 e 117, e mando que vá em paz deste juízo. Condeno o querelante particular nas custas dos autos que requereu e que dizem respeito à sua querela e acusação. Braga em audiência geral de 13 de Maio de 1877 — Joaquim de Almeida Correia Leal.

Tal foi o solemne «veredictum» do respeitável tribunal forense, a cuja probidade e inteireza eu submeti uma causa que de acordo com a opinião pública da capital do Minho se me afigura santa e justa da minha parte. Não o entenderam assim os conscienciosos julgadores e forçoso é respeitar a sua decisão, por maior que fosse a surpresa dos espectadores e até do próprio reu e seus fervorosos protectores, segundo é voz pública. Acham-se já pagas as custas em que fui condenado, e julgo cumprir um imperioso dever consignando aqui um público testemunho do meu reconhecimento por não ter sido também condenado nas custas respectivas à acusação e querela do ministério público, e à indemnização por perdas e

danos provenientes de tão «injusta acusação», embora promovida na melhor fé e com a mira na lei.

Contentando-me com esta singela exposição dos factos, que são já do domínio público nesta cidade, e abstendo-me de aventurar quaisquer comentários àcerca deles, por me não ser permitido devassar mistérios que pertencem ao domínio exclusivo do fôro íntimo alheio, dou por concluída essa decantada e já fastidiosa história, que submeto em última instância ao supremo tribunal da opinião pública, sensata e imparcial, a fim de a avaliar como merecer e for de justiça, decidindo em presença dela, quais sejam as verdadeiras e mais seguras garantias para a inviolabilidade física e moral dos cidadãos portugueses».

★

Assim terminou a questão que tanto interessara o meio local e regional.

A concluir refiro uma informação que me recordo de ter ouvido ao falecido Dr. Alberto Feio. É que o Ex.mo Visconde de Pindela (2.º) entre amigos e afastado já dos tempos da mocidade, se lamentava da agressão que levianamente cometera na verdura dos anos e que passou a ser, para ele, um motivo de remorso. Isto diz algo sobre a nobreza do seu carácter.

De um ilustre bracarense, candidato a S. Bartolomeu de Salamanca em 1522 — o bacharel Gaspar Vaz *

Pelo P.e Dr. Armando de Jesus MARQUES

Foi na cidade de Braga, aos 2 de Setembro de 1522, na presença de João Rodrigues, notário por autoridade apostólica, e das testemunhas abaixo nomeadas. Perante ele, «pareceo ho Senhor Mestre Pedro Margalho, colegiall que dizia ser do Colegio de Sam Bertholameu de Salamanca; e apresentou hũa comisam do reitor e colegiais do dito Colegio com hum interrogatorio de preguntas pera emformação e abilidade do bacharell Gaspar Vaz, filho de Marçall Vaz, cidadão da dita cidade de Braga...»

(*) Anexos às Universidades medievas, havia geralmente os Colégios, agremiações em que viviam — agrupados segundo as diversas proveniências — os respectivos escolares, subordinados a um «prepósito» ou principal e obedecendo a um regulamento. A instituição manteve-se e aperfeiçoou-se na Renascença, época em que muitos destes Colégios passaram a ser institutos de ensino incorporados na própria Universidade.

Em Salamanca, houve quatro Colégios Maiores, fundados pela seguinte ordem: S. Bartolomeu (1401); Cuenca (1500); Oviedo (1517); Arcebispo (1521). Ora bem, em nenhum deles se admitia um colegial sem que, primeiro, um «informante», escolhido entre os estudantes da casa, se dirigisse à terra onde o candidato nascera (ou onde tivesse estanciado por tempo notável após a puberdade) para tirar devassa *de genere, de moribus et de reditibus* — um interrogatório em que, perante um notário e devidamente ajuramentadas, se ouviam numerosas testemunhas que comprovassem a limpeza de sangue, as qualidades morais e os meios de fortuna do futuro colegial.

Há já vários anos que pacientemente transcrevemos os processos de admissão a esses Colégios dos estudantes portugueses que neles viveram (ou, ao menos, a eles se candidataram) no século XVI. E embora não vão além de treze esses «expedientes de ingreso» que ainda se conservam, são, no geral, bastante ricos de dados históricos, genealógicos, toponímicos, etc. Daí, o projecto que logo fizemos e anunciámos de os publicar cada um de per si, em boletins culturais das terras a que pertenceram os

A seguir, o documento exibe o tal interrogatório de perguntas (ou questionário) sobre o qual se haviam de pronunciar as testemunhas. Não o vamos transcrever. Para além de fastidiosa, a sua leitura torna-se inútil, pois tomaremos conhecimento indirecto dele em face das respostas que forem dando as pessoas chamadas a depor.

A primeira a ser ouvida foi «Pero Gonçallves, prioll de Sam Martinho». Depois de jurar sobre os Santos Evangelhos, declarou que conhecia o bacharel Gaspar Vaz, «filho de Marçall Vaz e de Isabell Martins». E mais: conheceu também os avós, quer paternos, quer maternos do dito bacharel. Os primeiros foram «Gill Vaz, colegiado, e Catarina Pires; os segundos eram «Martim de Guimarães e Lianor Fernandes». As diferentes formas verbais (*conheceo,* no primeiro caso, *conhece,* no segundo) deixam entender que os primeiros já haviam falecido e que os segundos ainda viviam.

---

respectivos colegiais, por ser a essas terras que especialmente interessam os referidos dados.

Daí, ainda, um segundo projecto, que também então fizemos e anunciámos: o de colher, no fim, meia dúzia de notícias mais significativas de cada uma dessas monografias, juntar-lhes os dados estritamente universitários, também já coligidos, que obtivemos noutras fontes manuscritas (sobretudo nos livros de «Matrículas», «Grados», «Juramentos» e «Claustros»), publicando, então, um estudo de conjunto, com o título: *Portugueses nos Colégios Maiores de Salamanca no século XVI.* Esse trabalho final de síntese terá algum interesse, assim o esperamos, para a História da Cultura Portuguesa naquela época.

Mas regressemos aos «expedientes de ingreso». O presente artigo revela-nos o terceiro da série prometida. Com efeito, a João Camelo (candidato a S. Bartolomeu em 1518) e a Pedro Margalho («opositor» ao mesmo Colégio em 1520), segue-se, por ordem cronológica, o bacharel Gaspar Vaz (outro candidato a «bartolómico» em 1522).

Os dois processos de admissão já publicados têm a seguinte referência bibliográfica: ARMANDO DE JESUS MARQUES, *João Camelo, um escolar portuense de Salamanca em 1515,* in «O Tripeiro», 6.ª Série, VI (1966), pp. 257-261; — *Informação sobre Mestre Pedro Margalho tirada na cidade de Evora em 1520,* in «A Cidade de Évora», n.os 51-52 (1968-69), pp. 5-11.

Ao transcrevermos a «Informação» de João Camelo, lemos erradamente a respectiva data escrevendo 1515 em vez de 1518 — e com tal data publicámos o documento. Mais ainda que a dificuldade da leitura, induziu-nos em tal lapso a «cubierta» (uma folha de papel costaneira, que antecede cada um dos processos, e onde, em letra recente, escreveram o nome do candidato e o ano da inquirição). Uma segunda leitura do documento permitiu-nos estabelecer, sem margem para dúvidas, a data de 1518 e levou a corrigir a de 1515 que figurava na dita «cubierta».

Devemos ao Ex.mo Senhor Dr. Eugénio de Andrea da Cunha Freitas a preciosa indicação dos elementos inéditos do Arquivo Distrital de Braga utilizados neste trabalho. Aqui deixamos exarado, a tão ilustre investigador, o nosso reconhecimento.

De qualquer modo, temos aqui, perfeitamente estabelecida, a ascendência do nosso homem pelos quatro costados, como ainda hoje em dia sói dizer-se.

Mas Pero Gonçalves não limitou a isto a sua relação. Afirmou ainda que este conhecimento era «todo de vista» por ser ele, testemunha, «de ydade de outemta annos». Asseverou, finalmente, procederem todos «de linha dereita de christãos lindos e verdadeiros cavaleiros», desempenhando (ou havendo desempenhado) os cargos de regedores da cidade, além de «outros oficios homrados».

A segunda pessoa inquirida foi Diogo Rodrigues, morador na cidade de Braga, igualmente «testemunha juramentada». Começou por referir que «seria agora homem que acordava outenta annos». Não acrescentou grande coisa às informações prestadas pela testemunha anterior, pois que só lhes adicionou duas nótulas.

A primeira para garantir que Gaspar Vaz não tinha qualquer renda, pois «se elle algũa renda tevera, que elle, testemunha, ho podia bem saber, pello conhecer de menino ate gora». A segunda nótula é a de que «ho vio sempre leigo e estudante, e sempre com trajo de leigo».

O notário ouviu, de seguida, Rodrigo Ãlvares (1), «cidadanno desta cidade de Braga, juramentado aos Sanctos Evamgelhos». Disse ser de oitenta anos de idade e conhecer Martim de Guimarães, «cavaleiro e vassalo dell Rey», além de Leonor Fernandes, sua mulher. Insistiu em que os avós de Gaspar Vaz eram «gemte muy honrada, cidadannos e regedores da dicta cidade» e repetiu, em conformidade com a testemunha anterior, conhecer de há muito «ho dicto bacharell Gaspar Vaz, que era de menino pequeno».

Como se vê, o depoimento de Rodrigo Ãlvares é muito pobre, fornecendo-nos de verdadeiramente novo, apenas este pequeno dado: a qualidade de vassalo de el-Rei, expressamente atribuída a Martim de Guimarães. Confirma, no entanto, os relatos anteriores, o que não deixa de ter o seu interesse.

A quarta testemunha foi João Gonçalves (2), morador na cidade de Braga. Havendo jurado sobre os Santos Evangelhos, explicou ter setenta

---

(1) Era escrivão do Eclesiástico de Braga e casado com Catarina Dias, como se lê no Prazo dos 5.os da Câmara em S. Martinho de Dume, que lhe faz o Cabido em 20 de Fevereiro de 1472. Arq. Dist. de Braga, *L.º 1.º de Casais.*

(2) Seleiro, casado com Beatriz Ãlvares, que tiveram umas casas na Rua do Souto, por prazo que lhes fez o Cabido da Sé em 13 de Março de 1492. Arq. Dist. de Braga, *L.º 1.º de Casas.*

anos de idade e conhecer Marçal Vaz, «cavaleiro da casa dell Rei e cidadanno desta cidade». Conhecia, outrossim, a sua mulher Isabel Martins, filha de Martim de Guimarães e de Leonor Fernandes: ele, «vassalo dell Rei»; ela, «dona muito honrada». Depois, acrescentou dois elementos ainda não aduzidos por nenhuma das testemunhas anteriores: que «ho dicto Marçall Vaz, pay do dicto bacharell, he irmão de Lopo Ferreira, cavaleiro fidallgo e de Gomes Ferreira, fidallgo e cavaleiro da casa dell Rei»; e que outro primo dele, bacharel, era «doctor e do comselho dell Rei».

Derivando do campo genealógico para o das possibilidades materiais, afirmou que se o opositor tivesse algum benefício, ele, respondente, o saberia, «por ser nado e criado nesta cidade». E quanto ao mais, sempre conhecera «ho dito bacharell por manso, cortes, mesurado, onesto e de boa conversaçom».

A quinta pessoa chamada a depor foi Diogo Vaz (3), «escudeiro, morador em esta cidade de Braga». Prestou o juramento do estilo e disse que «seria de idade sessemta annos pouco mais ou menos». Também este declarou conhecer Marçal Vaz, cavaleiro e cidadão de Braga; «e asy conheceo muito bem de vista a Gill Vaz, colegiado, homem dos principais da dita cidade, hos quais pay e mãy e avos do dicto bacharell forom sempre cidadanos e regedores da dicta cidade de Braga». Confirmou que todos foram cavaleiros fidalgos, «assi como foy Fernão Lourenço da Mina, que era paremte de Martim de Guimarães, avoo do dicto bacharell, e hum Fernão Soares, que foy senhor da villa de Prado, e um Lopo Ferreira, cavaleiro fidalgo, que foy alcaude de Bragamça, irmão do dicto bacharell; e que isto sabia elle, testemunha, porque ho ouvio dizer a seus pasados e amciannos».

E eis-nos de posse de mais três notícias nada despiciendas ainda não referidas por nenhum dos anteriores depoentes: a relativa a Fernão Lou-

---

(3) Talvez seja um Diogo Vaz, filho de Vasco Jácome e de Melícia Gomes, de S. João do Souto, Braga, que se ordenou de menores em 1462 (Arq. Dist. de Braga, *Matrículas de Ordens do Arcebispado*, L.º 2.º).

Não cause dificuldade que de 1462 (data da tomada de ordens) até 1522 (data da inquirição que nos ocupa) hajam transcorrido justamente 60 anos, a idade que Diogo Vaz declara ter ao ser agora interrogado. Por um lado, fala em termos de simples aproximação: «seria de idade sessemta annos pouco mais ou menos»; por outro lado, sabemos como muitos se ordenavam de menores por volta dos 10 anos. Foi o caso, por exemplo, de Frei Sebastião Toscano, que nasceu no Porto em 1515 e se ordenou em Braga em 1526. Cf. ARMANDO DE JESUS MARQUES, *Os Reimões do Porto e Riba-Douro no século XVI*, in «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira», vol. III (Lisboa, 1962), p. 289.

rença da Mina, que foi parente de Martim de Guimarães; a referente a Fernão Soares, senhor de Prado; e a de Lopo Ferreira, já nosso conhecido, mas de quem ignorávamos a sua qualidade de alcaide, em Bragança.

A testemunha deteve-se a seguir em outros três pontos interessantes: que se o bacharel Gaspar Vaz tivesse benefício ou património «elle o soubera, por ser vizinho e naturall da cidade»; que nunca viu nem ouviu dizer que «elle casase, nem esposase, nem pasase palavras de presente com molher nenhũa nesta cidade nem fora della»; que o «vio sempre aprender por esas escollas e como estudante e leigo amdar».

Juntemos agora os depoimentos da sexta e da sétima testemunhas.

A sexta nada acrescentou de novo àquilo que já sabemos em face do que atrás foi alegado. Mas vale a pena arquivar a sua ficha biográfica: Pero Anes Campelo (4), cónego na Sé de Braga, o qual afirmou que «seria homem de sesenta annos».

A sétima testemunha foi Álvaro Pires, «abbade de Sancta Olalia de Crespos e de Sam Pedro de Meixominhos». Disse conhecer muito bem Marçal Vaz, «cavaleiro e cidadanno da dita cidade, e dos principais...» Também conheceu seu pai, «Gill Vaz, ho colegiado». Ouvira ainda dizer que «Fernam Lourenço da Mina era parente de Martinho de Guimarães». E especificou «que se acordava disto desde sesenta anos a esta parte».

Interrogado sobre os teres e haveres do suplicante, respondeu saber

---

(4) Esta ficha biográfica pode ser enriquecida com mais quatro notícias. As duas primeiras dizem-nos que foi secretário do arcebispo D. Jorge da Costa (1486-1501) e teve um filho ilegítimo, Lourenço Campelo, a quem faria doação de certos bens em 1529. Em tom jocoso, a história é-nos contada assim: «Costumavam, já então, os eclesiásticos chamar sobrinhos a seus filhos naturais. A constituição LI, dada em sínodo de 1477 pelo arcebispo D. Luís Pires, assim o exigia, pois censura os clérigos que fazem alarde de sua descendência, *nom querendo usar daquelle honesto proverbio, scil., saepe sacerdotes filios dixere nepotes.* No «El-Rei Seleuco», de Camões, diz o Lançarote: — *Os clérigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.* O cónego Pero Anes Campelo, secretário do arcebispo D. Jorge da Costa, fez doação em 1529 a seu sobrinho Lourenço Campelo, que era seu filho bastardo». Cf. JOSÉ MACHADO, *Brasão dos Coimbras,* in «Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga», vol. II (1921), p. 129.

As outras duas notícias revelam-nos que teve, por prazo do Cabido de 22 de Dezembro de 1507, o lugar e campo das Cobras em S. Pedro de Maximinos — prazo que foi renovado a Paulo, filho de Heitor Campelo em 25 de Abril de 1551 (Arq. Dist. de Braga, *L.º 2.º de Casais*); e que possuiu ainda, por prazo do mesmo Cabido de 29 de Janeiro de 1515 o lugar da Seara, igualmente em S. Pedro de Maximinos — prazo que foi renovado ao «Escudeiro de Braga» Lourenço Campelo, o filho bastardo que atrás se lhe atribui (Arq. Dist. de Braga, *L.º 2.º de Casais*).

«de certa scientia que no tem renda, nem patrimonio, nem beneficio nenhum; mas antes sabe que ho pay, com sua pobreza, ho mantinha no estudo com ajuda de seus parentes».

Prosseguindo com as suas averiguações, o notário ouviu, depois, a oitava testemunha: Lopo Dias de Lemos (5), cavaleiro, igualmente morador em Braga, onde, segundo declarou, já vivia «pasa de trinta e cimquo annos». Este novo depoente reafirmou dos pais de Gonçalo Vaz a sua qualidade de regedores e governadores na Cidade dos Arcebispos e, ao ser interrogado sobre se na mencionada família haveria mescla de mouros ou judeus, rematou tudo nesta frase lapidar: que «se tall cousa hy ouvera, (...) *Braga he de tall calidade que se dixera e soubera*».

Relativamente aos bens de fortuna de Gaspar Vaz, garantiu «que nom tem remda, nem beneficio, nem patrimonio, salvo a governação de seu pay». Este, porém, teve de casar cinco filhas «e ja teve mais em outro tempo que agora, e que apenas pode agora governar sua homra pera quem elle he...» Quanto aos costumes e outras partes do candidato a S. Bartolomeu, «nunca vio nem ouvio dizer que puprica nem ocultamente fosse amancebado, mas antes é tam retraido como relegioso e nom leigo».

Finalmente, reunamos num único lote as quatro últimas testemunhas. Na verdade, limitando-se a repetir, todas elas, coisas que já são do nosso conhecimento, quase só nos interessa arquivar os dados biográficos que de si próprias nos fornecem.

A nona testemunha foi «ho doctor Joham de Coimbra (6), provisor na dita cidade de Braga pello Reverendissimo Senhor Arcebispo della e Primas». A décima foi «ho bacharell Fernan Bravo (7) e conego na sé de

---

(5) Foi seu neto Gaspar de Lemos, a quem o Cabido da Sé fez prazo do casal de Orgais em Sant'Iago da Cividade, Braga, a 23 de Outubro de 1532. Arq. Dist. de Braga, *L.º 1.º de Casais.*

(6) O Dr. João de Coimbra foi Provisor e Vigário Geral do arcebispado pelo cardeal D. Jorge da Costa em 1505 e, depois, continuou nos mesmos cargos com D. Diogo de Sousa (1505-1532). No tempo de D. Jorge, fez a primeira confirmação aos 8 de Setembro de 1505, e a última em 9 de Outubro do mesmo ano. No tempo de D. Diogo, ordenou e dotou, em 16 de Fevereiro de 1530, a sua capela de Nossa Senhora da Conceição, na igreja de S. João do Souto, dentro dos muros da cidade. Cf. J. AUGUSTO FERREIRA, *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga* (séc. III-séc. XX), vol. II (Braga, 1931), pp. 348, 356-7 e *passim*.

(7) Os Bravos contam-se entre as famílias ilustres de Braga naquela época. Deles descende Pedro Bravo, nascido em Beja, certamente, já que ali residiam os pais, João Esteves Bravo e Beatriz Gil. Recebeu prima tonsura em Évora, a 20 de Abril de 1454. Trazido para Braga por D. Luís Pires em 1468 (quando este prelado, a quem

Braga», que declarou estanciar na cidade há cerca de quarenta e seis anos. A décima primeira foi «ho licenciado Fernam Figueira (8) morador nesta cidade de Braga». A décima segunda foi «Isabel Martins muito virtuosa dona e muy devota».

Dissemos atrás que deste último lote de testemunhas quase só nos

---

servia, foi transladado de Évora para a Sé Primaz), aqui recebeu ordens menores em 25 de Abril de 1477; de subdiaconado em 6 de Março de 1479; de diaconado em 28 de Setembro do mesmo ano; de missa, em 12 de Dezembro ainda do mesmo ano.

Deste ramo, descende ainda o nosso Fernão Bravo, cónego da Sé Primaz (1512), abade da freguesia de S. João da Balança, que recebeu ordens de missa conferidas por D. Gomes da Rocha em 6 de Março de 1493. Era irmão do anterior, pois que na respectiva matrícula se lhe atribuem os mesmos pais: João Esteves Bravo e Beatriz Gil.

Cf. DOMINGOS DE ARAÚJO AFONSO, *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo,* tít. XVI, in «O Distrito de Braga», IV (1970), pp. 692-708.

(8) Foi em 1487 que veio, de Toledo para Braga, um licenciado Lopo Figueira. Naturalizou-se português por carta de D. João II e, do seu matrimónio com D. Isabel Dias Tamaio, nasceram-lhe dois filhos: o P.e Xisto Figueira, autor da *Arte de rezar segundo o rito bracarense,* e o licenciado Fernão Figueira (de que se fala aqui), o qual se casou com D. Leonor Tomé Ronquilho e sucedeu ao pai no lugar de Promotor da Justiça na corte de Braga, cargo que ainda desempenhava a 7 de Dezembro de 1539.

O licenciado Fernão Figueira teve, por sua vez, dois filhos: Diogo Figueira, deão da Sé Primaz, e Manuel Figueira, que se consorciou com D. Ana Pinheiro, dotada com o morgado de Pindela, então no termo de Barcelos. O filho destes, cónego Miguel Pinheiro Figueira, instituiu a capela de Santa Catarina de Sena, no claustro da Sé, a qual tinha, no arco, o brasão dos Figueiras e, à entrada, uma sepultura com este epitáfio: «Michael Pinheiro Figueira canonicus bracarensis / suis vivens posuit anno 1618».

Cf. J. AUGUSTO FERREIRA, *Ibid.,* pp. 369, 402, 409 e 414.

Relativamente à *Arte de rezar segundo o rito bracarense,* de que fala Mons. Ferreira, podemos informar que existe um exemplar dela em Évora, com a seguinte descrição bibliográfica:

FIGUEIRA (Xisto) — Arte d' rezar as / horas canonicas: ordena- / da segundo as regras z costu / me Bracharense: com ou- / tras cousas muytas que gee / ralmente som necessarias pa / ra o rezar das dictas horas p / qualquer costume que se re / ze. Dirigida ao reuerendissimo sñor o sñor dõ Dio / guo de sousa Arcebpo z Sõr da Cidade de Bra- / gua primas das / spanhas zc nouamente feita por (...) /

(1521. Fevereiro-23. Salamãca. Lorenço de leõ d' dei). 1 vol. enc., in misc. c. cap. perg. / in 8.º / 151 × 97 / [4] + 58 fls. / caracts. góts. / c. tits. cors. / c. nots. margs. / caps. orns. / 1 grav. / na port. COTA — in Inc. 226 — (Séc. XVI, 6369).

Cf. ARMANDO DE GUSMÃO, *Livros impressos no século XVI existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora* — II Tipografia Espanhola (Évora, 1966), p. 64.

interessava arquivar as respectivas fichas biográficas, por repetirem, fundamentalmente, as declarações das pessoas que foram chamadas a depor antes de si. Há, porém, duas «probanças» que não desejaríamos omitir: uma do doutor João de Coimbra; outra de Dona Isabel Martins.

O primeiro — em perfeita consonância de opinião com a testemunha sua antecessora — corroborou a nota simpática de que os ascendentes de Gaspar Vaz «sam pesoas homradas e de bom viver *e em outro tempo forom pesoas abastadas e agora nom som tanto hos vivos como suas pesoas merecem*».

Também no depoimento de Isabel Martins há um passo que não pode passar em claro, por nos dar a conhecer um personagem ilustre e ainda desconhecido da família. O passo em questão é o seguinte: «e asy conheceo Martinho de Guimarães seu dono (*sic*) do dito bacharell, pesoa das principais e sua molher Lianor Fernandes, dona mui homrada; e que lhes conheceo e conhece muitos filhos e filhas mui honrados *amtre hos quais conheceo hum doctor Afonso de Guymarães, doctor, e pesoa homrada e de muita renda*».

Depois, vem o encerramento, a 10 do dito mês de Setembro, que termina assim: «Rogata et requisita testemunhas que a todos estes autos forom presentes, assi ao apresentar dos interrogatorios e dar das testemunhas e apresentação dellas, como do dar do juramento presemte mym notario, scilicet: os egregios senhores (*?*) Mestre Domingos, pregador nesta cidade, e o doutor Abreu (*?*) e Francisco Vaz, escudeiro e cidadão da dita cidade, e outras. E eu, Joham Rodrigues, notario apostolico, escprevi e asigney».

*

Até aqui, o resumo da «Informação», tal qual se conserva no arquivo salmantino (9). Enriqueçamo-la um pouco, com dados aborígenes, no que respeita a Gaspar Vaz, visto que, relativamente às testemunhas, já bastante ficou esclarecido nas respectivas notas do rodapé.

Assim, conseguimos apurar que tomou ordens menores em 1501. O respectivo assento só o chama pelo nome de Gaspar. Mas lá se seguem, a tirar-nos todas as dúvidas, os nomes dos pais: Marçal Vaz e Isabel Martins. Marçal Vaz era então «notário da Legacia» e morava em S. João do Souto, Braga (10).

---

(9) Arq. Univ. de Salamanca, *2220* (Colegio de San Bartolomé. Informaciones de Alumnos, 1516-1523), ff. 219-30.

(10) Arq. Dist. de Braga, *Matrículas de Ordens do Arcebispado*, L.º 5.º.

Mais soubemos: em 27 de Junho de 1528, Gaspar Vaz aparece-nos com o título de licenciado. Era juiz de fora em Ponte de Lima e casara-se com Catarina Tomé. O Cabido da Sé faz-lhes prazo da quinta da Arcela, em Santa Maria de Lamaçães, termo de Braga (11).

Depois, aparece-nos com o título de doutor e o cargo de «notário apostólico» em 15 de Fevereiro de 1535, quando o mesmo Cabido lhe renova o prazo de um campo de Orgaes que fora de seus pais (12).

Por fim, averiguámos que já era defunto em 1 de Fevereiro de 1544, quando o Cabido renova a Catarina Tomé, «viúva do Dr. Gaspar Vaz» umas casas na rua do Souto que, antes, haviam estado aforadas a seus pais e seus avós (13).

•

Não fica tudo rematado com o que atrás se disse. Na verdade, a «Informação» é precedida de uma petição, com que concluiremos este trabalho e passamos a transcrever:

Senhores

Francisco Vaz, faço saber a Vossas Merces como meu pay possui hũa quinta per prazo de Vossas Merces, e por me fazer merce elle e minha may renunciarom em mym com outorga de Vossas Merces segundo mais largamente podem ver per esta renunciaçom; e porquanto esta quinta está cara, que as duas vidas hom de pagar cada hũa mil reis, me farom merce em me darem sua outorga e quererem que comece a primeira vida em mym, e dali em diante as outras, asy e pella maneira do prazo de meu pay; e nisto receberey merce e sempre receberei (*?*) esta maneira (*?*) avemdo Vossa Merce respeito a meu pay que sempre servio.

Por dito (*?*) Diogo Martins ...*?*...

---

(11) Arq. Dist. de Braga, *L.º 2.º de Casais.*
(12) Arq. Dist. de Braga, *L.º 1.º de Casais.*
(13) Arq. Dist. de Braga, *L.º 1.º de Casas.*

Esta carta, um tanto confusa, levanta uma série de perguntas a que só podemos responder com meras suposições. Quem era este Francisco Vaz? A quem se dirigia o pedido que formula? Qual é a relação deste documento com a inquirição que precede e viemos analisando?

Francisco Vaz era seguramente da parentela do nosso biografado. Seu irmão? Ou um dos familiares a que alude certa testemunha quando afirma que «no tem renda, nem patrimonio, nem beneficio nenhum, mas (...) ho pay, ho mantinha no estudo *com ajuda de seus parentes*»?

Estamos, como atrás se disse no domínio das conjecturas. Mas respondendo assim à primeira pergunta, teríamos resposta para a terceira: a da relação entre este documento e a devassa levada a efeito sobre a vida de Gaspar Vaz. Seria a intenção de mostrar que determinada quinta na posse dalgum parente mais chegado, ou com obrigação de o ajudar, não era tão rendosa como podia parecer, em face das alcavalas que sobre ela impendiam.

Quanto ao destinatário da missiva, talvez fosse o Cabido, dada a forma de tratamento que nela se utiliza.

Uma arquivolta românica na Igreja de S. Salvador de Vilar de Frades

(Nova Interpretação) [1]

Por Narciso de AZEVEDO †

Nota Prévia

O interessante ensaio que se segue deve-se a um ilustre homem de Letras — Narciso de Azevedo — falecido em idade já avançada há pouco mais de um ano e que se celebrizou como poeta da mais pura inspiração.

Apaixonado pela Grécia antiga, os seus primeiros livros traduziram esse amor na forma de sonetos de recorte clássico, em que revelou a sua ânsia de Beleza e a sua concepção toda pagã da Vida, que o Poeta amou acima de tudo e se revela nos seus livros Ritmos da Hélada *e* A Cigarra de Teócrito.

Bibliotecário da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sua terra, o contacto com velhos manuscritos atraiu-lhe as atenções para a poesia trovadoresca, que em breve iria centralizar o seu interesse e a sua devoção, numa simbiose com a sua obra anterior toda cheia do entusiasmo pela velha Helénia, facto que a sua obra posterior de teatrólogo demonstra plenamente. O teatro de Narciso de Azevedo não é pràticamente representável por ser sobretudo simbólico, constituindo antes ensaios poéticos em que avulta o pensador que ele foi: Paços de Encantamento, Auto da Perfeita Menagem, A Profecia de Gil Vicente *e* Heráldicas do meu Reino.

---

(1) O estudo presente foi incorporado numa antiga miscelânea ainda inédita: «Velhas Folhas ao Vento». Nele inserimos últimamente algumas referências a um trabalho recentíssimo de Luís A. de Oliveira Ramos: «Uma Arcatura Historiada de Vilar de Frades». Foi publicado em 1965, no vol. IV da revista «Lvcerna», edição do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto.

Mas foi no volume em prosa Estudos sobre a Idade Média *que ele reuniu os belos ensaios até então dispersos e nos quais aventa uma nova forma de apreciar a cultura medieval, procurando retirar-lhe o carácter arqueológico que os eruditos lhe haviam dado, e trazer à sua verdadeira luz a lição de Beleza traduzida na poesia dos trovadores e dos jograis, e também na pedra das catedrais e dos numerosos templos que enchem a nossa Terra.*

Ao morrer deixou Narciso de Azevedo alguns trabalhos inéditos do maior interesse, entre os quais se destaca o que se segue, ligado ao velho convento de Vilar de Frades, de todos conhecido mas do qual nem todos sentiram a lição de Beleza que daquelas pedras ressuma.

Publicando-o nas páginas acolhedoras desta Revista, ao mesmo tempo que dou a conhecer aos leitores uma faceta do talento do Autor, presto comovida homenagem ao escritor e ao amigo, desaparecido na quadra natalina de 1970.

A. A. D.

Nas primeiras linhas do trabalho presente é nosso dever memorar um insigne português, o Doutor Alfredo de Magalhães, o iniciador do restauro da nossa notável Arquitectura. Esta gloriosa iniciativa ainda revive frutuosamente no Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Devido à indiferença de muitíssimos e à intolerância destruidora de muitos que se julgam e nomeiam homens livres e ainda à crassidão sacrílega de tantos religiosos, muitas construções de valia desapareceram completamente ou deixaram singulares relíquias, como pode ser observado minguadamente nos vestígios românicos da igreja do Salvador de Vilar de Frades.

No decorrer dos séculos o conhecimento vulgar e claro de coisas e factos de uma época remota desfaz-se em trevas no labor interpretativo de incansáveis exegetas, teimosos eruditos que se fecham em gabinetes graves ou se dispersam em peregrinações por velhos templos. Então a modernidade transfigura-se por efeito das miragens: a distância diminui as coisas e os factos de um período remoto, chega mesmo a modificá-los e até a perdê-los de vista. Em teoria os homens e principalmente sérios exegetas são todos capazes; na prática, porém, são capazes de tudo, até de teorizar concepções surpreendentes sobre assuntos da antiguidade, a qual apodam então de treva densa ao contrário de Gustave Cohen que a exalta acertadamente: «La Grande Clarté du Moyen-Âge».

★

Com frequência o suposto conhecimento hermético não passa de um vulgar conhecimento entre religiosos e profanos, aprendido sàbiamente ou de cor num tempo longínquo. O que era comum torna-se agora esotérico: a gravíssima exegética diligencia interpretar os velhos segredos das realizações artísticas de um nomeado feito ou anseio libertador dos homens com que historiados lavores de plastífices decoram o interior e o ar livre dos templos, para bom exemplo e melhor proveito de profanos e religiosos.

Os exegetas de hoje, afreimados nas suas pesquisas, cavam fundo, cada vez mais fundo para trazer das profundas de uma densa treva o que era vulgar para as gentes remotas que espalhavam de boca em boca os mistérios dos cultos da actualidade.

A igreja de S. Salvador de Vilar de Frades, conserva duas relíquias da arte românica: uma janela e um portal onde sobressaem três arquivoltas. A externa impressiona pelo seu historiado lavor de personagens e símbolos. A sua interpretação é o assunto de este pequeno estudo.

Os lavores da aduela do fecho da arquivolta e os de ambos os lados combinam-se num conjunto simbólico até hoje impenetrável aos exegetas do nosso românico. Cinco personagens, ùnicamente a meio corpo, agarram duas serpentes que furiosamente se entrelaçam em sentido contrário e se ferem nas caudas. A contar da direita para a esquerda do observador, a segunda figura e a terceira têm as mãos esquerdas sobre o lado direito do peito num jeito de aflição. Esta, que é a central e domina as outras pelo poder de expressão, manifesta ainda intimismo nas pálpebras cerradas e na boca entreaberta acentua mais a sua angústia. Ladeiam este quadro dois animais fantásticos e de aspecto horrível; juntamente com as serpentes, representam as forças do mal que, na encruzilhada escura da vida terrena, assaltam a humanidade, aqui representada pelas cinco personagens. A sua concentração invoca uma força luminosa e salvadora, um Redentor de suprema graça toda espiritual. Então da parte cimeira da arquivolta as personagens animam-se, falam e segredam ainda hoje os supostos mistérios aos peregrinos da Beleza que demandam o Salvador, orago da igreja de Vilar de Frades. As personagens em granito mudo e rude falam inspiradamente, graças à eloquência que lhes transmitiu um um escultor de antanho.

No século XII todo o povo — pobres e grados — confiava no Salvador. O seu culto era fervoroso como se prova, por exemplo, na igreja do Salvador de Travanca onde se fundou um mosteiro beneditino com o seu templo

de uma alta e poderosa torre, atalaia sempre acordada contra os infiéis de todos os tempos. No *Dicionário Corográfico de Portugal,* Américo Costa nota a propósito do mosteiro ao qual estava ligada a igreja: «O seu fundador dedicou-o ao Salvador do Mundo, ficando ele e descendentes seus padroeiros».

Toda a parte cimeira da arquivolta é uma parénese pregada ao ritmo dos cinzéis de um plastífice através do doutrinal remissor dos monges beneditinos que, já no último quartel do século XII— nunca antes de 1182, como veremos — se esforçavam por exaltar e difundir a crença e a cultura com um romance em verso da autoria do iniciador do ciclo arturiano, o famoso poeta Chrétien de Troys, o criador da primeira demanda do Santo Graal cujo protagonista foi Perceval. Esta demanda primeira do vaso sagrado pelo sangue do Salvador do Mundo nomeia-se *Le Conte du Graal* ou *Perceval,* o moço tão ingénuo como audaz. Só no século XIII é que aparece *La Queste del Saint Graal,* cuidadosamente apreciada por Albert Pauphilet. É uma crítica em que o investigador demonstra a insofismável influência dos monges de Cister, outro ramo dos beneditinos, na elaboração em prosa do novo romance de feição profundamente espiritual. Agora o protagonista não é Perceval mas Galaaz, o protótipo do nosso Condestabre e filho do cavaleiro arturiano Lancelot, que já no século XIII, sob a forma de Lançarote entra em o nosso onomástico e é altamente louvado numa cantiga ou lais de airosas donzelas que se encontra no começo do «Cancioneiro da Biblioteca Nacional»:

Ledas seiamus oimais
e dancemus, poys nos chegou
E o Deus connosco iuntou.
Cantemus lh aaqueste lays:
Ca este escudo é do melhór
Homem que fez Nostro Senhor.

Voltemos à parénese pregada ao ritmo dos cinzéis de um plastífice medievo. Precisemos as divergências que têm surgido na sua apreciação. Aarão de Lacerda e Reynaldo dos Santos, respectivamente na *História da Arte em Portugal* (1942) e n'*O Romântico em Portugal* (1956), com a maior fidelidade seguem Manuel de Aguiar Barreiros ao referir-se à significação do fecho da arquivolta e seus lavores laterais no seu livro *A Portada Românica de Vilar de Frades e o seu Simbolismo* (1920). Uma aberta discordância é levantada por Luís de Oliveira Ramos no artigo

«Uma Arcatura Histórica de Vilar de Frades», publicado na revista «Lucerna» de 1965: «Aguiar Barreiros, e, no seu encalço Aarão de Lacerda e Reynaldo dos Santos, diz que se trata de «a mansão dos justos ligados pelas raízes potentes da caridade». Afinal as raízes são serpentes que se entrelaçam, «criando com os anéis um motivo que cessa quando a extremidade da cauda e a cabeça se encontram»; e quanto ao grupo de pessoas da «mansão dos justos», recorde-se a opinião cautelosa de Artur de Gusmão, que lhes chama «cinco misteriosos personagens».

Frequentemente os mistérios não passam dum superficial e ligeiro estudo de um assunto. Oliveira Ramos, apontando certeiramente a insuficiência interpretativa de Barreiros, Aarão de Lacerda e Reynaldo dos Santos, deixa a solução do problema em suspenso.

★

Toda a parte cimeira da arquivolta é uma iniciação para se assistir à representação de um mistério ou auto hierático ao ar livre que se desenvolve ao longo de todo o resto da arquivolta. Compõe-se de quatro partes: um prólogo, duas jornadas e um epílogo. Nelas entram sempre três personagens. Acompanhe-se o mistério, observando-o da nossa direita para a esquerda. As figuras são dadas num sentido rigorosamente longitudinal.

No prólogo avulta uma sereia. É um símbolo greco-cristão. No cristianismo primitivo contavam-se muitos pagãos convertidos. Há mitos dados em forma ùnicamente pagã. No distrito de Leiria, em mosaicos de umas ruínas de santuários dos visigodos convertidos, descobriram repetidamente o mito de Orfeu a tocar lira às cousas mais rudes e às feras mais bravias. Como por milagre dos Deuses, ao encanto orfeico toda a natureza acorda enleada num frémito de fraternidade. Evangelizando os ritmos de Orfeu, o tão moço Jesus ditou o seu Verbo à velha humanidade e o tão pobrezinho de Assis legou-nos versos de ouro.

Não é para estranhar a figuração da sereia, em Vilar de Frades, no último quartel do século XII. Aguiar Barreiros afirma que a sereia «contém em suas mãos o cálice da Reconciliação» e acrescenta numa nota que à sereia estão ìntimamente relacionados o cálix e a forma de peixe (*ichtys*), a representação emblemática do filho de Maria. Bem ao contrário do que assegura Barreiros, a sereia não tem nas mãos um cálix mas bem visìvelmente um peixe, o que avigora principalmente o simbolismo cristianíssimo de origem pagã. Já os primitivos cristãos adoptavam emblemàtica-

mente um peixe ou «ichthys», vocábulo grego cujas letras são as iniciais das palavras — Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador.

Não sendo indispensável estudar directamente a urdidura da sereia, mas bastando uma cuidadosa análise de uma boa gravura que ilustra o trabalho de Aguiar Barreiros, fácil é concluir que a factura da sereia não fica sendo um problema em suspenso, como pretende Oliveira Ramos.

Aarão de Lacerda e Reynaldo dos Santos não fazem nenhuma referência à sereia apesar do seu tão alto significado que envolve o lavor escultórico da arquivolta.

Não obstante o seu absoluto silêncio, Aarão de Lacerda, no seu volumoso trabalho *O Fenómeno Religioso e a Simbólica,* editado em 1924, apresenta em gravura um capitel de Arles com uma sereia que tem a mão esquerda na cauda e segura com a direita um peixe. Recorda Cahier quando se refere ao significado do peixe no critério de muitos simbolistas: cuidavam então que os peixes do mar eram a imagem dos pecadores.

A dança, o canto e a música, três modalidades distintas do Espírito mas uma só Arte verdadeira, vêm saudar o Salvador do Mundo nas pessoas de uma jogralesa e de um jogral a tocar uma viola de arco. Muito a seu modo a jogralia prestava o mais singular culto a heróis sagrados e profanas das lendas douradas. Jograis juram promessas mui bem cumpridas até ao momento derradeiro da sua vida. Um de eles, contemporâneo do templo românico, que surgiu no século da construção de Vilar, apaixonou-se espiritualmente por uma Dona sem pecado, a sempre venerada Santa Maria: «a flor das flores» que abriu em abençoado fruto, há muito prometido e muito esperado para a salvação da humanidade. O invulgar jogral urdiu um só poema, um fervoroso lais em homenagem à sua Amada. Ao longo da sua vida teimosamente errante o devoto apaixonado só visitava templos da invocação do seu Amor. E então ante as suas imagens sagradas o jogral do Amor Único denunciava harmoniosamente a sua paixão. Um dia morreu quando acabou de cantar o último verso do seu poema. E porventura a Virgem desceu do altar e ledamente pôs na boca em sorriso do poeta duas rosas de uma brancura sem mácula, as alianças de uma arraigada benquerença. Com os séculos perdeu-se de todo o lais, mas o seu autor invadiu a lenda eterna.

Afonso X, chamado o Sábio por ser poeta inspirado, evoca admirativamente o jogral na poesia 8 das *Cantigas de Santa Maria:*

Un jograr de que seu nome era Pedro de Sigrar,
Que mui ben cantar sabia e mui mellor violar.

Sigrar, como topónimo, não é conhecido na Península Hispânica. Deve ser uma alteração de Sigrás por força de uma pretensa uniformidade da rima. Desde longes tempos se pratica em Portugal e Espanha a rima vocálica, a homofonia apenas dos sons vogais. Caso verificado no povo e nos poetas mais cultos. Na tão difundida «Nau Catrineta» surgem vários passos onde se observa tal rima. O muito saboreado romance «Dom Gaifeiros» começa de este modo:

Sentado está dom Gaifeiros
Lá em palácio real,
Assentado ao tabuleiro
Para as tábulas jogar.

O poeta-filósofo Antero de Quental, apesar do seu cultismo, não deixa de empregar tal maneira de rima como se observa no formosíssimo soneto «Mors-Amor», que de este jeito começa:

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Como a rima vocálica só aparece nas primeira quadra do tão artístico soneto, desprevenidamente podem aventar uma dificuldade métrica. Tal suposição logo se desvanece com um grupo de oito sonetos subordinados ao título «A Ideia». O primeiro soneto, nas quadras e nos tercetos, obedece à homofonia dos sons vogais.

Pedro de Sigrás e não Pedro de Sigrar é o nome de um jogral galego que precedeu os cantores dos conhecidos cancioneiros galaico-portugueses. Sigrás é um lugar da Galiza consagrado a Santiago e por isso também conhecido por Santiago de Sigrás. Com muita frequência os topónimos entram na formação dos nomes dos poetas medievais.

Cremos ter documentado a identidade de um dos mais vagabundos jograis que nasceu no século da fundação da igreja românica de Vilar e consagrou um lais a Santa Maria por ser a mãe amantíssima do Salvador.

Afonso X comemora um milagre que Santa Maria fez ao seu tão devoto jogral em Rocamador. «Santa Maria de Rocamador» era uma instituição medieval que de França veio estabelecer-se também em Portugal por 1189, tempos de Sancho I — o rei português que iniciou entre os da sua

estirpe a poesia — e de Jaufré Rudel, o trovador provençal da celebérrima «Princesa Longínqua». O trovador da Provença e o jogral peninsular exaltaram com a sua arte a Donzela e a Mulher, as duas mais belas formas da Flor de Altura.

★

Ao prólogo sucede a primeira jornada com as suas três personagens: um cavaleiro montado, ostentando uma lança e um escudo; uma dona com o seu tenro filhinho ao peito. O escudo sobressai para enaltecer as virtudes e gentilezas do seu possuidor. Recorde-se o último dos cinco lais que aformoseiam o início poético do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*. Esta composição é o maior louvor feito ao fulgurante escudo de Lancelot ou Lançarote, como é já nomeado nesta poesia em galaico-português do século XIII. A muito arcaica lírica é a rigor uma bailia que ledas moças, numa dança muito à porfia, erguem nas suas vozes frescas. A bailada compõe-se de três quadras terminadas por um refrão:

Ca este escudo é do melhor
Homem que fez Nostro Senhor.

A leitura das estâncias com o refrão faz-nos lembrar a insustentável solução de Manuel Monteiro. Sem nenhuma referência ao trabalho de Aguiar Barreiros, revela a sua apressada interpretação no artigo «La Chanson de Roland no Românico Português», publicado em 1950, na revista «Bracara Augusta». Transcreve-se este passo: «no primitivo portal românico de Vilar de Frades em cuja curva perfeita se descreve sumàriamente o «Roman de Lancelot»».

Reynaldo dos Santos, na sua obra já referida e publicada em 1956, não faz a mais ligeira alusão à insustentável afirmativa de Manuel Monteiro. Oliveira Ramos alude à opinião exarada pelo investigador do nosso românico, mas não lhe faz nenhum comentário.

Os lavores escultóricos da arquivolta estão longe de nos dar sumàriamente a vida de Lancelot ou de qualquer outro cavaleiro. Os episódios esculpidos sòmente abrangem os tempos de menino e moço de Perceval como concluiremos no epílogo.

Antes da sua imaginária descoberta era inaceitável cronològicamente o seu parecer. O extenso «Roman de Lancelot» é incontestàvelmente do século XIII. Gustave Cohen, no seu luminoso livro *La Grande Clarté du*

Moyen-Âge, assevera: «mais il est surtout intéressant de marquer le rôle de la religion et de l'esprit cistercien dans le «Lancelot» en prose. Écrit entre 1220 et 1230 environ, il s'ouvre par une «Histoire du Saint Graal».

Como é fácil deduzir-se, esta lenda do Graal em prosa cujo protagonista é Galaaz e todo o longo romance de Lancelot pertencem ao século posterior ao da construção da igreja românica de Vilar. É certo que data do século XII o romance em verso «Lancelot» ou «Le Chevalier à la Charrette».Neste poema de Chrétien de Troyes retrata-se o ambiente cortês da completa submissão do cavaleiro à sua dona. Ainda pertence ao mesmo tempo outro romance em verso francês e ùnicamente conhecido na sua tradução alemã dos fins do século XII: «Lanzelet». Nenhuma das referidas obras poderia fornecer o tema da arquivolta.

A propósito do vulto feminino com uma criancinha ao peito, doutrina Aguiar Barreiros: «se movimentam, em ar de dança, três mulheres, uma das quais cinge nos braços o tenro filhinho de poucos dias, que acabou de ser regenerado nas águas lustrais do baptismo».

Olivera Ramos oferece-nos a sua opinião: «O povo está representado pelo menestrel a tocar viola de arco e pelas jogralesas esculpidas em três aduelas, trazendo uma das dançarinas um filho ao colo...»

Exponhamos a nossa interpretação de esta jornada. O cavaleiro semelha proteger carinhosamente uma dona, a sua esposa, que tem ao colo um filhinho de poucos dias. É um ambiente familiar em que o chefe parece pronto a ausentar-se na demanda de uma glória maior de cavaleiro esforçado. A criancinha é Perceval, que perde, pouco mais tarde, os irmãos numa justa cavaleiresca. O pai, então inutilizado por amor do seu bravo batalhar, sucumbe com a notícia da morte dos seus dois audaciosos descendentes. A dama de abastada e valorosa estirpe, sem o marido e os filhos queridos, é envolta numa derrocada económica e moral. Isolou-se com o infante de dois anos num perdido solar, esquecido no meio de uma floresta. Nesta solidão cuidava salvar e ter junto de si o seu amparo único, mantendo-o em inocência e na perfeita ignorância das desgraças e falsos luzimentos do mundo cortês e cavaleiresco.

Tudo isto vem romanceado nos págs. 86 a 88 do volume *Oeuvres Choisies* de Chrétien de Troyes, publicado sob os cuidados de Gustave Cohen e incluído na colecção Classiques Larousse.

A segunda jornada é a melhor síntese da expansão jogralesca no mundo cristão. Uma jogralesa atreve-se com a sua arte a invadir os campos de batalha onde campeia multidão esforçada e rude. Eis todo o quadro:

uma dançarina entre um infante e um cavaleiro armados de espada e escudo. Os dois guerreiros atentam na mestria da moça, concentram-se e, ensimesmados, enlevam-se nos cuidados meneios e nos ritmos poéticos de uma lenda áurea de humides santos ou na história maravilhosa de um nomeado herói. Entre humildes peões e nobres cavaleiros vinha em boa maneira relembrar feitos de Perceval, o moço puro eleito por Jesus, a Mocidade eterna do espírito, a afirmação mais singular de uma constante Beleza.

Pelo mundo cristão repartida, a jogralia missionava um novo evangelho: «Perceval» ou «Le Conte du Graal». Jogralesas incorporavam-se em expedições militares ou fossados para animar os crentes contra os infiéis.

Esta cena relembra a famosa galega Maria Peres, a muito nomeada Balteira — antonomásia que vem de Balteiro, topónimo da Galiza — uma jogralesa memorada em velhíssimas cantigas galaico-portuguesas. Por sua desenvoltura e artes muito animava as cortes de Afonso III e Afonso o Sábio acompanhando até empresas guerreiras. Assim, a presença das jogralesas nas empresas bélicas tem já a sua representação plástica no pórtico de Vilar de Frades.

É notável o entendimento íntimo entre o escultor e o jograr, irradiadores da cultura medieva. Eram os mesteirais do belo, incorporados na Irmandade da Fala, que cultivavam uma comum Gaia Ciência onde se impunha como primeiro mandamento: Amar a Beleza sobre todas as cousas. O artista plástico por isso não hesitava na exaltação da jogralia e, no exterior como no interior de alguns templos, esculpia os seus irmãos em Arte. A presença de estes prova que o plastífice não se inspirou em nenhum romance em prosa mas em verso.

★

Com raízes fundas na grei, a nossa jogralia acorda promissoramente em pleno século IX com as peregrinações a Sant'Iago para evoluir através de alguns séculos, vindo a expandir-se líricamente em pequenas obras-primas de muito desenvoltas bailadas e cantigas de romaria, entre as quais o divino se combina com o humano. Realizado o maior esplendor de este género, alcança primacial relevo o jogral Pero Viviães, que anda incluído erradamente por Costa Pimpão no grupo dos supostos poetas galegos. Da sua inexcedível cantiga de romaria a S. Simão de Val de Prados (modernamente Vale de Prados) deve deduzir-se o contrário.

Esta muito antiga povoação pertence ao concelho de Macedo de Cavaleiros. D. Dinis outorgou-lhe foral a 9 de Agosto de 1287. Na citada cantiga o menestral conseguiu a fusão da bailada com a cantiga de romaria: a dança e o culto numa harmonia íntima.

No adro animadamente dança gente louçã; no altar queimam velas em cumprimento de uma promessa bem jurada: à luz dos círios comungam almas. Aos coros do povo em pleno ar livre aliam-se os sons das violas de arco dos jograis apostos no serviço divino. Fora e dentro do templo visionavam-se anjos como prenúncios de remissão: «Gloria in Excelsis Amori! Por esmeros de mestria da sua arte Pero Viviães cuidou inconfundível jóia num estilo compósito: a graciosidade efémera harmoniza-se com a graça eterna. A pequenina obra-prima semelha uma nesga do alto Céu descida à flor da nossa Terra. De esta feição a jogralia combinava o divino com o humano.

Com a graça e a ironia terna que pairam sobre esta composição lírica devia ressurgir um género satírico já iniciado em época remota: a fábula. Audaciosa e livre, frutuosamente invade em relevos historiados templos românicos e sobe até à predicação. Do alto, como de um púlpito, põe-se a falar, prega lições de muito aviso e ao gosto dos povos. E os santuários dão-se em modelares escolas de comum ensino. Então cumpre-se um milagre nunca excedido pelos mais maravilhosos da Lenda Áurea do período grego-latino: as *Metamorfoses* de Ovídio. Esta obra-prima da Antiguidade clássica é pertença exclusiva do homem culto.

Bem ao avesso das *Metamorfoses,* as fábulas, principalmente a nomeada «Roman de Renart, tornam-se cada vez mais populares; começando esta por invadir luminosamente em episódios historiados templos do século XII, vem até nós para embelezar, com um cunho de modernidade nas ilustrações dos textos, o campo maravilhoso da literatura infantil, a base preambular do nosso conhecimento. De tal modo e ao longo dos séculos, o «Roman de Renart» é uma das fontes das artes plásticas. É assim que o artista, professo da beleza, comunga com a grei sem discriminação das ideias.

Os fabulosos temas historiados, mesmo quando abertos no granito mais duro, animam a pedra muda: a matéria metamorfoseia-se em espírito. O escultor espontâneo é um demiurgo.

N'*A Escultura Românica em Portugal* («Os temas historiados da porta principal da Sé de Braga»), Manuel Monteiro assevera: «O escultor ignorado sentiu-se atraído pela célebre fábula popular onde, sob o véu das alegorias, os animais revelavam verdades, faziam comentários, acen-

tuavam ridículos, desfechavam ironias, impossíveis então de pôr na boca dos homens». Contrariando esta afirmação derradeira, o certíssimo é que nos cancioneiros galaico-portugueses foram preciosamente entesouradas audaciosas cantigas de escárnio e mal-dizer cuja violência subia até aos mais dicazes sirventeses, como pode apreciar-se no português Airas Peres, por alcunha o Vuituron (grande abutre), naturalmente assim apelidado pela braveza com que tratava os adversários nas suas agressivas sátiras, à maneira de Nuno Gonçalves a quem «chamavam o «Corvo» porque era mui cruel contra os mouros», como se lê num velho nobiliário. Outro notável satírico é Airas Nunes, clérigo natural de Compostela. Com a sua arte servia a Deus e castigava com a maior mestria do sirventês a humanidade pecadora. Era humilde perante Deus e sarcàsticamente livre perante as forças gradas, visando sem clemência o clero secular e o regrado. Este clérigo compostelano não poupava romeiros de Sant'Iago. Servir a Verdade pura era servir a Deus que leva ao Amor. Foi este douto clérigo do século XIII que criou na gleba galaico-portuguesa a Pré-Renascença ao urdir, inspirando-se no povo, a bailia das três irmãs, as três filhas da pura Afrodite, a Deusa que doutrina o Amor através dos ritmos castos das suas inseparáveis filhas:

Bailemos nós já todas três, ai, irmanas,
so aqueste ramo d'estas avelanas.

Por anseios de amor, o clérigo esmerava-se na bailada e no sirventês.

Este jogral usava o sirventês como doutrinal do seu apostolado e com ele fez-se romeiro da Verdade que andava muito minguada. É comum um grande satírico dar também num salvador de almas.

Mal cuidava o douto escritor na sua emitida asserção sobre a alegoria, pois esta é só bem aceite e admirada pelas verdades e conceitos que se desvendam no seu conteúdo, deixando ver os rostos dos homens sob as máscaras das alimárias. Então a alegoria errava de boca em boca como pão apetecido e ao desafio com os rifões. Estes ainda se usam como chave ou fecho das fábulas, resumindo-as numa apurada síntese. De este modo os provérbios são a sabedoria dos povos tomada em saboreados comprimidos.

O ilustre escritor abandona a referida asserção ao revelar no derradeiro período do seu trabalho um antigo e justíssimo conceito. Servir a grei com a verdade realista ou figurada numa fábula em que alimárias

arremedavam o falio e as manhas das gentes era servir a Deus sobre todas as coisas.

A Igreja não atacava a mordacidade combativa da sátira, antes a sugeria e animava já no século XII ao aconselhar aos lavrantes que memorassem, em relevos dos mais venerados templos, episódios humorísticos e sarcásticos de contundentes fábulas contra os desmandos humanos. Esta ironia ou violência do espírito livre dos artistas chega a florescer nesse século nos caminhos das peregrinações maiores, os Caminhos do Espírito que levavam a Roma e a Compostela. Amboise era uma das etapas das romagens a Sant'Iago que passavam por Poitiers, cujo VII conde foi Guilherme, o mais antigo trovador provençal. No tão concorrido e venerado templo de S. Dinis de Amboise as multidões recebiam prédicas de moral aprendidas nos lavores dos capitéis com cenas do «Roman de Renart». Também na catedral de Modena, uma das estações da Via Francigena que levava a Roma, um plastífice aproveitou na ornamentação de um lintel a longa fábula medieva.

A maldade e a hipocrisia misturam-se e confundem-se com os sinceros crentes. Então a sátira é a seu modo uma oração. Luminosa, não é riso dissolvente mas purificador. Do alto dos templos deve descer até ao povo por obra e graça dos cinzéis.

Algumas fábulas doutamente selectas podiam concertar-se em bem aceite manual ou cartilha de bom proveito. Nos tempos medievos as boas letras amassadas em pão do espírito eram escassas: formavam um privilégio só para raros. Como rasgar tão densa escuridade? Qual desígnio oculto ou propósito sagrado, aumentavam os templos — as casas do Salvador — como livros abertos onde os crentes teimavam em soletrar, liam e reliam em relevos historiados uns luminosos lances de agiológicos com áureos mistérios de nomeados taumaturgos ao desafio com refulgentes cavaleiros de alta prol e jograis sem eira nem beira, vagabundos missionários que, através da treva densa, vão levar à faminta grei o pão do espírito amassado em beleza. Apostados no mesmo intento, formavam uma formosíssima trindade. Muitas vezes os jograis ocupavam os seus efémeros lazeres terçando armas com os inimigos até à morte do corpo para maior engrandecimento da alma.

Estas personagens singulares compõem o nobiliário da verdadeira gente de algo cujas três virtudes maiorais — o amor, o heroísmo e a beleza — exaltam a vida em Flor de Altura. É então que anónimo escultor, sem pátria certa nem morada fixa, vagabundo constante da existência em beleza, por jeitos da humildade dos cinzéis a transfigura em maneira

C. M. DE BRAGA
ARQUIVO MUNICIPAL

eterna. Decorrem os séculos e o escultor desconhecidos alcança a mais viva admiração entre os vindouros pela franqueza ingénua do seu labor.

Os lavrantes iam ensaiando e aperfeiçoando os ritmos dos cinzéis em que tomavam relevo edificantes cenas de agiológios, feitos singulares de poemas ou crónicas e empresas da jogralia terna e audaciosa. Em boa verdade reafirmamos que os jograis, por seus cânticos religiosos e de nobre amor à mistura com saborosas sátiras, são bem iguais aos santos e aos heróis.

A Igreja consagrou numa simbólica homenagem os jograis fabulistas no caminho de Portugal que as nossas peregrinações seguiam em direcção a Compostela. Ainda hoje se admira na estrada principal da Sé de Braga a representação escultórica de um menestrel com a sua viola de arco e que domina três episódios da fábula iniciada no século XII: «La Chanson de Renart», como averiguou Manuel Monteiro. Então também se ocupou, embora incertamente, da cronologia do romance, abordada por nós depois (1960) no trabalho «Acerca de Alguns Capitéis Românticos», publicado na revista «Bibliotheca Portucalensis» e dado em separata. Esta longa composição teve diversos autores anónimos que estão simbòlicamente representados no referido menestrel com a sua viola. Todo o tema deve ser cuidado em matéria condigna: o rude granito memora viçosamente no século XX o rapsodo medieval ensoando cantares de maliciosa rudeza. Ainda hoje deslumbra os visitantes. É o eterno que surge aos crentes por graça do humorismo, a Santa Ironia, como a canonizou o sorridente e profano Eça.

Artifício alegórico é aquela tão luminosa e transparente urdidura que, à distância de séculos, nos deixa ver «a nudez forte da verdade». Um género apressadamente havido como ligeiro e cauteloso é revisto em profundidade meditativa e revolta. A propósito lembremos uma enciclopédia maneirinha, a enciclopédia dos pobres, o *Petit Larousse*: «Raman de Renart», suite de récits en vers (XII^{e} et XIII^{e}) dont le personnage central est le goupil, Renart. L'ensemble se compose de 27 «branches» (ou récits) dont les épisodes comportent une satire parfois cruelle de la société féodale... par endroit une spirituelle satire des classes dirigeantes au moyen âge».

Em verso tão arcaico e a sorrir escarninhamente aos volúveis séculos, transpondo os tempos em que os animais falavam até à confusa era em que todo o homem já escreve, o romance vulpino veio badalar que a velha humanidade tocou no eterno por muitos defeitos e poucas virtudes.

A inconstante humanidade, modelada em alma e lama — duas pala-

vras com as mesmas letras mas dispostas em sentidos contrários — espera a sua remissão por uma prometida Juventude cujos tempos de menino e moço — o período que aos homens talha o seu destino — um misterioso lavrante cuidou na arquivolta de Vilar de Frades.

★

Aguiar Barreiros muito fantasiosa e contraditòriamente ocupa-se de duas personagens do epílogo, tratando-as como se fossem uma adaptação da inolvidável parábola «Filho Pródigo». Para este exegeta da arquivolta o grupo abraçado é a Igreja que ampara nos braços o filho desviado mas arrependido. O certo é que esta cena em nenhum dos seus pormenores se avizinha do «Filho Pródigo» por ele evocado para a sua narração. Na tão divulgada parábola há uma exuberante alegria, a do laborioso pai que vivamente acolhe o filho arrependido e ressuscitado para o dever bem cumprido. Nesta alegoria do «Evangelho» de S. Lucas não intervém a mãe nem qualquer outra mulher. O lavrante não deu em relevo uma exuberância de alegria; quis dar sòmente e bem uma terna e dolorosa despedida.

Aarão de Lacerda e Reynaldo dos Santos foram na peugada de Aguiar Barreiros, enquanto Oliveira Ramos se afasta completamente, considerando o grupo, com muita probabilidade, a luta entre Jacob e o Anjo. O combate braço a braço é um episódio bíblico do «Génesis».

O romance «Perceval» de Chrétien de Troyes só muito sumàriamente é tratado na arquivolta. No epílogo a mãe despede-se carinhosamente e amargamente do seu filho Perceval. O moço confessa à mãe o seu destino:

Mais pour moi irai volontiers
Au Roi qui fait les chevaliers

Em vão todos os desvelos da mãe em ocultar ao filho a vida cavaleiresca. Na floresta isolada onde viviam, inesperadamente apareceram ao jovem cinco bons cavaleiros com armas reluzentes à maravilha. Perceval nunca vira tão donairosa gente da corte do rei Artur. O jovem acordou para uma vida nova e de um modo irresistível se despediu da mãe, demandando o ambiente heróico do famoso monarca.

À cavalaria mundana e requintadamente cortês devia suceder a cavalaria ao divino fervorosamente dada à empresa do sonho mais alto, a demanda do Santo Graal, o vaso que recolheu o sangue do mais representativo dos salvadores sacrificados volutàriamente pelo seu amor à remissão da humanidade pecadora. Entre gestas moças deram-se a viver à flor da

Terra com saudades do Céu. Assim, a espirituosidade cortês foi excedida pela espiritualidade excelsa da cavalaria ao divino.

Tal o assunto aproveitado como tema de uma composição poética, «Le Conte du Graal», do último quartel do século XII, como prova a arquivolta românticа do templo beneditino de Vilar de Frades. Entre as personagens dos grupos historiados avulta um mitrado com vestes majestosas que sorridentemente abençoa Perceval, o protagonista do poema, e sua mãe no momento da separação inevitável. A presença do dignitário religioso, estranha inteiramente à efabulação poética, representa a maior exaltação feita pelos beneditinos ao poema do Graal. Os religiosos concertaram-na de acordo com um ou mais plastífices, porventura monges que aprendessem a rezar de mãos postas nos cinzéis. Um lavrante, desprezando acertadamente pormenores que prejudicam tantas vezes uma realização artística, apontou a modo os gestos e as feições de um par que se despede: a dor maternal e a ternura filial.

Convém realçar que Perceval tem um ponto de contacto com o filho pródigo da parábola bíblica. Os dois moços abandonam as casas paternas. Ambos deixam os seus honrados lares para a satisfação plena dos seus incontidos desejos. Um degradou-se nos atoleiros do vício; o outro apurou-se nos desejos da sua alma, vivendo à flor da Terra com saudades do Céu. Perceval e o filho pródigo dão a vida no seu eterno contraste: treva e luz, um claro-escuro pronunciado. A vida corrente mostra, como as moedas correntes, duas faces; é uma medalha que tem Perceval no anverso e o desvairado pródigo no reverso: a virtude e o vício.

Teimosos misoneístas repetem que a vida é a Bela Adormecida a metamorfosear-se ao sabor do tempo numa velha entorpecida. Mas a verdadeira vida, a Vida, é uma renovação constante: é o surto espiritual no sentido da maior altura. A Bela Adormecida é sorridente porque está embalada por um sonho íntimo que abrirá em flor e frutificará com júbilo. A Mocidade é generosamente heróica e fecundamente bela. Perceval, seguindo o Mestre Jesus, é a Mocidade da aventura espiritual.

Lembramos que pelo seu entusiasmo pela cavalaria ao divino, já no século XIII e num meio vincadamente cisterciense, os beneditinos passaram de admiradores do «Perceval» a autores de um romance em prosa, uma nova demanda do Graal cujo protagonista é também um moço: Galaaz.

★

Reynaldo dos Santos reporta-se ao trabalho *La Escultura Romanica en España* de Klingsley Porter, que atribui o pórtico ao segundo quartel

do século XII. O autor d'*O Românico em Portugal* apoia tal opinião: «É bem verosímil». Na sua obra *A Igreja de Vilar de Frades,* Aguiar Barreiros pensava diferentemente já em 1919 pois afirmava não haver a menor dúvida em concluir que o portal pertence «ao século XII» (presumìvelmente aos primeiros anos do reinado de D. Sancho I)». Temos razões para assegurar que a sua construção não é anterior a 1182, ano em que Chrétien de Troyes passou ao serviço do conde de Flandres, a quem dedicou o «Perceval, como afirma Gustave Cohen no resumo cronológico da vida de Chrétien de Troyes que inicia o volume *Oeuvres Choisies,* publicado sob a sua direcção: «Vers 1182 — Chrétien passe au service du comte de Flandre, Philippe d'Alsace. Il lui dédie «Perceval» ou le Conte du Graal».

Talvez ainda venha a propósito relembrar a importância que tiveram os beneditinos na divulgação do «Perceval» e a elaboração evidente na «Quête du Saint Graal». O medievalista Jacques de Boulenger, no IV volume de *Les Romans de la Table Ronde,* elogia a crítica sagaz de Alfred Pauphilet acerca de este romance em prosa: «C'est un «miroir» de la vie chrétienne — toutes les discussions dogmatiques, morales, politiques qui partageaient l'Église s'y reflètent, et tout y est résolu dans le sens le plus purement cistercien».

Os protagonistas dos dois romances do Santo Graal não são por acaso dois jovens. Esses moços deviam semelhar-se a Jesus, que os elegeu para a sonhada conquista da Redenção. Já entre os primitivos cristãos o Salvador era representado com uma radiante mocidade. Émile Mâle, no seu notável trabalho *L'Arte Religieux du XII^e Siècle en France,* doutrina: «Devenus chrétiens, les artistes grecs restèrent païens par l'imagination. Voilà donc comment les Grecs se figuraient Jésus, après avoir lu l'Évangile; pour eux, c'était un jeune maître dont le charme était irrésistible... Le Christ des Grecs n'est pas un homme de trente ans, c'est un jeune homme imberbe... lui prêtent le charme de jeunesse».

Merece um estudo a influência do «Perceval» ao longo dos tempos. Chrétien de Troyes teve continuadores, merecendo menção especial Wolfram von Esshenbach, dos princípios do século XIII, o autor de «Perzaval», a fonte inspiradora do muito original Wagner na composição do «Parsifal, o maior mistério ou auto hierático dos tempos modernos.

Vilarinho da Furna

(Análise sociológica)

Por José Rodrigues MARTINS

PLANOS:

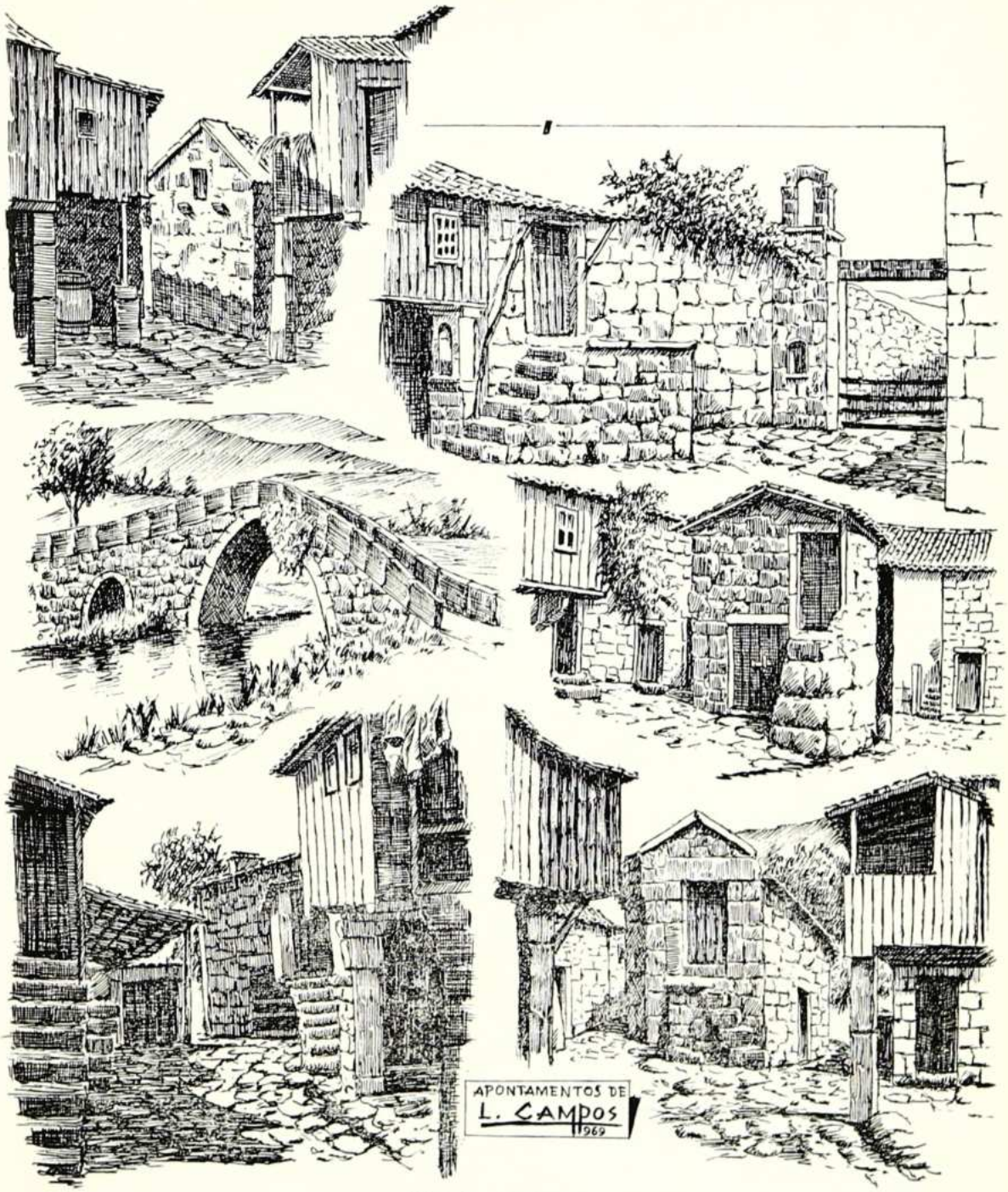
I. Situação geográfico-cronológica.
II. Tipo e consciência do grupo.
III. Valores, modelos de comportamento, papéis e funcionamento do grupo.
IV. Estruturas e «status».
V. Conclusão.

I. SITUAÇÃO GEOGRÁFICO-CRONOLÓGICA

Nem sempre o aforismo, «o tempo encarrega-se de descobrir tudo», tem aplicação; muito menos no que diz respeito a origens remotas.

Muitos séculos se passaram sobre uma povoação, encarcerada num triângulo cujos lados são de Leste a Serra do Gerês, do Oeste e Norte a Serra Amarela, que apagaram da memória o seu princípio. É Vilarinho da Furna, aldeia situada nos vales do Rio Homem e do Ribeiro das Furnas que descem respectivamente de Nascente para Poente e de Norte para Sul, escarnando os pés das altas montanhas, expondo-lhes as ossadas ao sol escaldante do Estio e à neve frequente do Inverno. A sua origem é lendária. Interrogado por mim, dizia-me um dos habitantes mais considerados da aldeia: — «Conta-se que foram quatro de sete desertores que conseguiram escapar-se a um grupo que caminhava sob domínio romano para Astorga e daí para Roma. De início foram todos viver para S. João do Campo; depois, indispondo-se uns com os outros, quatro foram à procura doutro lugar, dando assim princípio a uma nova povoação».

Embora não passe de uma lenda, não será ilógica — se é que nestas coisas há lógica — nem desprezível tal hipótese, se, bem colocados, lan-



Vilarinho da Furna

çarmos o olhar pelo horizonte de molde a seguir a Jeira Romana, e repararmos na situação de Vilarinho da Furna como lugar de refúgio e de vida independente.

Há uma particularidade que pode corroborar o que tenho vindo a expor: o comportamento da gente furnense para com a de S. João do Campo e vice-versa. As rivais competições foram sempre bastante notáveis no que respeita a casta de animais, a engorda dos mesmos, a arrojo de festas locais, à vida simplesmente escolar, numa palavra: à cultura. Expressão disso é a quadra que Jorge Dias refere como simples parte do folclore de Vilarinho:

«O Lugar de Vilarinho
É pequeno e tem que dar
Raparigas pro conbento
Rapazes pra militar».

Então, os do lugar do Campo ripostavam:

«Vilarinho deu um tombo
E Paredes abanou
Só o Campo leva o ramo
Porque sempre o levou».

Ainda hoje a tradição de encaminhar jovens para os seminários e conventos é verificável. Conquanto, actualmente, Vilarinho só tenha um seminarista da família Riquer, nos Missionários do Espírito Santo, próximo da sagrada missão, e duas freiras, não significa que a orientação religiosa deixou de existir no ambiente familiar; apenas denota a crise vocacional da juventude de hoje. Há poucas décadas tinha Vilarinho sete padres: quatro da família Quelha, um da Caixeiro, um da Trigo, um da Outeiro. Confrontando com o lugar de S. João do Campo, constata-se que no passado este não atingiu a craveira do seu rival, mas actualmente o número é superior.

Um facto que também pode dar uma achega à possível origem é haver, ao acimo da aldeia em estudo, escombros de monumentos que se dizem romanos, cuja denominação é *Casinhas,* a cerca de duzentos metros do local designado *Furnas,* onde existe um monumento megalítico, a que estão ligadas muitas e variadas lendas.

Talvez esteja aqui a origem etimológica do segundo termo *Furnas,* que alguns filósofos preferem a *Furna.* A razão porque emprego *Furna* é o facto de os seus habitantes dizerem *Furna,* e nos livros paroquiais aparecer sempre *Vilarinho da Furna,* ou simplesmente *Vilarinho.* O primeiro termo é o diminutivo de *vilar* (lugarejo), do vocábulo latino *vilaris* (< *villa,* aldeia, campo).

Há etnólogos que atribuem a Vilarinho da Furna origem mais remota: pré-histórica.

Da Jeira, que entra no concelho de Terras de Bouro ao cimo da primeira freguesia da parte sul, Souto, e, passando pela Ribeira, Balança, Chorense, Chamoim, Covide e S. João do Campo, vai desembocar ao país vizinho na Portela do Homem, ainda são apreciáveis alguns elementos: troços de piso; topónimos, como Calcedónia, Albergaria, onde existem escombros pertencentes ao Albergue, local de repouso na longa caminhada luso-romana; e outros vestígios: escombros de uma ponte, a cerca de cem metros da Portela do Homem e os célebres marcos miliários erigidos ao longo da via, podendo ainda hoje apreciar-se alguns «in loco» e outros nos museus.

Segundo Jorge Dias as primeiras referências escritas a Vilarinho da Furna aparecem com D. Jerónimo Contador de Argote, nas «Memórias para a História Iclesiástica de Braga» (vol. 2.º, pág. 534), que apresenta esta aldeia como o último lugar e povoação do Reino; com o Padre Manuel Martins Capela, cuja terra natal fica a pequena distância de Vilarinho; e com o Padre Carvalho da Costa. Além destas, existem os registos da paróquia de S. João do Campo, mas só a partir de 1623.

Reza a tradição entre esta gente de que a aldeia já existia no tempo de D. Sancho II, pois foi neste reinado que a imagem de S.. Miguel, que os espanhóis tinham roubado, veio festivamente da Portela do Homem para o lugar donde fora levada.

Francisco José Veloso refere também que Vilarinho foi dado como foral, pelo Rei em 1218, aos moradores do Concelho de então, o que está de acordo com a tradição acerca de S. Miguel. O ilustre juiz fala ainda de cinco fundadores luso-romanos, o que não está totalmente conforme a tradição que hoje lá existe; dizem que foram quatro.

Vilarinho da Furna fica a cerca de quarenta minutos de caminhada íngreme e áspera: elevada montanha o separa da sede da freguesia. Não possui telefone nem electricidade. Quanto a acessos de veículos mecânicos só há bem pouco tempo os viram perto das suas casas. Actualmente, seis

pessoas possuem carro, sendo um de praça. Este faz ponto em Covide.

Conforme se pode já fazer uma ideia pela descrição geográfica feita, o solo é pobre e o terreno arável relativamente pequeno: os campos e as *tornas* divididas por sessenta e três fogos não proporcionariam sustento capaz, se não possuíssem 35 035 070 metros quadrados de monte em comum, completamente vedado e dividido em quatro partes com pedras soltas, por causa das diversas *vezeiras* de gado. É o pastoreio que lhes proporciona uma vida mais condigna. Mas não o seria, se não fosse feito em regímen comunitário. Como poderia uma só família ter ao mesmo tempo um rebanho de cabras, outro de carneiros e uma manada de bois, outra de vacas? Se cada dono pastoreasse as suas *fazendas,* só esta gastaria quatro pessoas. Daí o interesse em aprupar as *fazendas* (animais) do lugar em *vezeiras,* cujo funcionamento apresentarei mais adiante.

O vocábulo *vezeiras* vem do modo como se processa o pastoreio: anda à vez ou à roda por todos os lavradores que têm *fazendas* de pastoreio o papel de pastor.

Outro termo que também necessita de esclarecimento é *tornas,* acima empregado. As águas para as regas dos campos, sobretudo para os que não têm quaisquer divisões, senão pequenos marcos ou bordos em terra, são repartidas pelo *Juiz.* Este proclama as horas de água que cabem a cada lavrador, nas *Juntas.* Ora, o levar a água para tais terrenos chama-se ali *tornar a água.* Daí, o chamar-se *torna* à extensão de terreno para onde é levada a água.

O cronómetro que regulamentava as horas de água era um relógio de sol cujo suporte ainda tive ocasião de ver num dos ângulos da casa do sr. José Carreira, sita precisamente no centro da povoação, junto da qual passa a *rua,* denominada *Carreira,* onde se reunem os habitantes em assembleias, hoje chamadas *Juntas* — nem sempre assim se chamaram: Tude M. de Sousa designava-as *Accordos*; Francisco José Veloso, *Ajuntes.* O estimável objecto ainda se encontra na aldeia. Está na casa dos descendentes do sr. António José Francisco, assim como outros utensílios, com destino à formação de um museu constituído apenas por objectos locais.

Não é por mera pretensão filológica que apresento esclarecimentos sobre certos termos; é com interesse sociológico: tais vocábulos já dizem muito dos usos e costumes ali institucionalizados.

II. TIPO E CONSCIÊNCIA DO GRUPO

Estamos perante uma comunidade de cerca de quinhentos elementos. A situação geográfica levou esta gente a pensar e a agir do mesmo modo: à necessidade de relações recíprocas mais estreitas, formando assim uma verdadeira comunidade, fechada aos processos sociais externos. Até às pessoas estava fechada, como prova o artigo inserido na escritura de contrato e união: «*Ninguém poderá arrendar casa a pessoa de fóra do logar e que fizer o contrário pagará 6$000 reis*». Digo «estava», porque hoje já não é assim.

É difícil, e por vezes contraproducente, tentar levá-los a aceitar e sobretudo a realizar outros processos que não sejam, pelo menos, semelhantes aos seus. Apesar das influências da migração, dos meios de comunicação, tão difundidos na última década, a mobilidade social tem sido quase nula. Esta atitude de retranca a tudo que seja diferente do seu modo de pensar e agir, acompanhada de uma outra de superioridade, por se julgar um grupo sem par em usos e costumes, não permite a dinamização e progresso do grupo e gera nos grupos vizinhos uma atitude de menos estima, quando não de desprezo. As pautas de comportamento conceituais, estão de tal modo enraizadas na mente desta gente e as externas tão sujeitas a grande pressão social e a sanções, que não lhes deixam ver luzes mais clarividentes e mais úteis ao progresso. Julgam-se um grupo à parte em originalidade e que soube guardar melhor de que nenhum outro as tradições dos ascendentes. Até se julgam mais conservadores e originais do que na realidade são, pois muitos dos usos e costumes ali institucionalizados também são apanágio de outras culturas, sobretudo dos grupos que vivem nas extensões das serras do Gerês, da Cabreira, da Peneda, Amarela. Há até grupos, por exemplo o lugar de Freitas da freguesia de Covide, onde as instituições são quase idênticas: *juntas, juiz, vezeiras* e outras.

Todos estes ferrolhos fechados às culturas estranhas são sinais evidentes de uma cultura consciente de si mesma e de que pisa caminhos seguros, muito embora menos viáveis em nossos dias. Esta consciência de que eles próprios se orgulham é atestada por duas frases: uma proferida pelos povos vizinhos: «Aqueles só afogados é qui sairão dali!»; outra na minha presença pela esposa do sr. Domingos Fecha: «O demónio deu connosco! Nós bem estávamos!».

Esta afirmação é corroborada pela intenção, que algumas famílias têm, de fazer um bairro próximo da barragem, distinto do lugar de S. João do Campo, embora pertencendo à mesmo freguesia. Para aí desejavam

levar as imagens da capela e do calvário, fervorosamente veneradas, a fim de constituir uma comunidade nova com fermento da comunidade-mãe. Mas tal intento, infelizmente, não me parece tornar-se realidade: uma capela está em vias de realização, para continuar a dar lugar condigno às imagens; mas o bairro só intencionalmente tem existência e, pelo que sondei, não me parece que venha a ser realidade.

Os que vão dispersar, como os três irmãos Fecha que procuraram ficar o mais perto possível uns dos outros (ficaram todos no concelho de Vila Verde, distanciados cerca de dez quilómetros) e muitos outros para Braga, Vieira do Minho, etc., com lágrimas nos olhos, diziam-me que haviam de vir juntar-se aos que por ali ficassem para continuarem a fazer a tradicional festa de Nossa Senhora da Conceição.

A consciência do grupo é ainda afirmada em muitos outros casos em que o lema «um por todos e todos por um» é posto em prática. Quando um animal de grande montante, um boi por exemplo, sofre uma queda, que o condena à impossibilidade de continuar a viver, todos os vizinhos, em louvável atitude de contribuir, vão buscar alguns quilos de carne, compensando assim o prejuízo do desventurado.

Um facto, que acho vir a propósito, é o que ocorreu na família Jeira. Entrou naquela casa um epidemia que, além de a todos fazer recolher à cama, dizimou-lhe uma das filhas. Os vizinhos, entretanto, fizeram-lhes todos os trabalhos dentro e fora de casa.

Outro ainda: no dia de um julgamento em Vila Verde, Comarca a que pertencem, foram todos os chefes de família em defesa do réu, que era acusado de ter espancado de morte uma mulher que fora encontrada a roubar um espigueiro. Isto, porque nem a desconfiança se concebe entre esta gente, nem muito menos o roubo. A solidariedade e justiça são vivências desta gente em face das pessoas estranhas ao grupo.

As portas estão quase sempre abertas; alguns espigueiros são de verga; e as casas têm muitas vezes paredes em comum e telhados contíguos. Se o vizinho necessita de alguma coisa que pode encontrar no eido ou em casa de algum outro, vai buscá-lo, mesmo que lá não esteja ninguém.

Estaremos também perante um grupo primário? Não me parece. Aqueles sentimentos de íntima e desinteressada cooperação, de autêntico ambiente familiar, que dizem ter existido nos primórdios de Vilarinho, já não são vividos: a ajuda é interesseira; a má vontade e as desavenças internas também são realidades; a comunhão de valores que lhes dava

cariz de «in-group» deixou de existir. Todavia, quando se trata de factores externos a reacção é comummente diferente: o etnocentrismo é, ainda hoje, uma pauta conceitual das mais vincadas na massa cinzenta de todas as pessoas.

Talvez estes usos e costumes tivessem dado lugar a outros, se a fábrica de vidro montada no rio Homem, na parte nordeste da aldeia, por cerca de 1810, não tivesse sido destruída apenas com doze anos de existência, pelos invasores franceses.

Há um copo, com o veado estampado na parte lateral, na casa do Capela, lugar de Ervedeiros, freguesia de Carvalheira, que se diz ser fabricado em Vilarinho. A corroborar a afirmação e autenticidade do objecto existe a tradição entre aquela gente de que o distintivo da fábrica era o veado — como também dizem que os seixos de Vilarinho dão cristal. Há um outro copo e uma garrafa, no museu do Seminário Conciliar de Filosofia de Braga, que dizem ser obra da malograda fábrica. Tal afirmação, porém, não parece ser verdadeira porque não apresentam o distintivo da fábrica.

Alguns escombros da fábrica ainda se podem ver no lugar onde existiu e partes ou peças da mesma em obras da aldeia. Estão duas pedras a proteger a base dos tranqueiros da entrada principal da casa do sr. António Francisco que se dizem ser partes daquela.

III. VALORES, MODELOS DE COMPORTAMENTO, PAPÉIS E FUNCIONAMENTO DO GRUPO

De início Vilarinho da Furna era pois um grupo primário em que a solidariedade, a comunhão de valores e a necessidade de entreajuda constituíam só por si o elo de união, fazendo do grupo uma verdadeira família. Mas os séculos foram passando e os modelos de comportamento institucionalizaram-se de molde a tornarem-se artigos da *Lei* do seu *Estado* autónomo. Muitos usos e costumes tornaram-se sujeitos mais ao «tens de ser ou fazer, senão...» que ao «deves», sobretudo no que diz respeito à vida comunitária pròpriamente dita: o regímen pastoril. Por isso é que há refúgios à *Lei*. Embora ordene que nenhum pastor de *vezeiras* de carneiros ou cabras pode ter menos de dez anos (em tempos idos tinham de ter mais de doze) e que a desobediência a tal formulação será punida com uma *condena,* acontece que alguns chefes de família mandam pas-

tores com menos idade, sujeitando-se à respectiva *condena*: a importância a pagar é menor que o salário de uma pessoa com mais idade a quem teriam de pagar um dia de pastoreio. Preceitos há que não passam de meras formalidades sem realização prática.

A comunidade tem como personalidade máxima o *Juiz,* que está investido dos poderes executivo e legislativo, auxiliado por *Os Seis* que Francisco José Velozo e Tude M. de Sousa denominavam *Os Seis do Accordo.* Este papel é transferido de seis em seis meses para cada um dos *cabeças* ou chefes de família, passando por todos. O *Juiz* tem de executar a *Lei* nem que seja contra seus familiares; daí alguns não quererem aceitar tal papel, ao que se vêem obrigados para cumprimento da mesma.

O *Juiz* todas as quintas-feiras de manhã faz soar três vezes o *corno* ou búzio para fazer lembrar o compromisso assumido por todos os *cabeças*: reunirem-se para tratar de interesses da comunidade. Ao fim do terceiro toque, ele próprio dirige-se para a *Carreira* com o *baú* de lata debaixo do braço, onde vai a *Lei* e o andamento das contas. Entretanto, todos os chefes de família ou o filho mais velho, se o pai já não existe, se dirigem para o mesmo lugar. Após alguns minutos, o *Juiz* faz a chamada dos elementos inscritos e, no caso de não estarem à hora, ficam obrigados a pagar a tal *condena.* Mas, se nem fora da hora vêm, a multa é maior. Segue-se a apresentação das contas e outras informações e só depois começa a discussão de assuntos de interesse comum. É também nestas *Juntas* que se procede à investidura do *Juiz* e à eleição, por votos, de *Os Seis,* escolhidos de entre os considerados com mais aptidões, para facilitar o papel da personalidade máxima. Ao meio dia a assembleia é interrompida para dar lugar ao almoço. De tarde, se há assunto para tratar, recomeça a reunião. Caso não haja, vão todos, em grupos, trabalhar em ocupações de interesse comum: fazer tapagens às *tornas* ou ao monte, consertar ou fazer de novo levadas de água e, se é em vésperas de começarem as *vezeiras* de gado bovino, vão grupos de homens reparara as cabanas, onde pernoita o pastor, e os currais, constituídos por simples tapagens ao ar livre, de preferência sob árvores, e de mulheres com os utensílios necessários à vida pastoril: um pote de ferro, um cântaro, duas tijelas e pelo menos duas colheres e dois garfos. São necessários dois «tolheres» porque no pastoreio de cada *vezeira* de gado bovino só anda um pastor de dia, mas, à noite, o que vai substituí-lo no dia seguinte vai lá jantar e pernoitar. O jantar é feito pelo que

lá estava. Aí ficam os dois nas tais cabanas, forradas a colmo, que deve ser mudado de oito em oito dias pelo que estiver a pastorear ao sábado.

Falei acima de «vida comunitária pròpriamente dita», para salientar esta faceta e dar a entender que nem tudo é feito dentro dos limites deste regime. Há ocupações não feitas em tal sistema, que constituem paradoxos na vida do grupo. É o caso da sulcagem das *tornas* que, apesar de estarem ligadas, não são lavradas em comum: cada dono lavra as suas; é o caso das sachadas e doutras fainas agrícolas. Em regímen comunitário são feitas as segadas, as roçadas, e, de modo especial, o pastoreio. Os dias destas ocupações são determinados pelo *Juiz* de modo a desencontrá-las para se auxiliarem mùtuamente: ajudam para serem ajudados. Daqui o podermos concluir que Vilarinho não constitui pròpriamente um grupo primário na totalidade dos seus aspectos de vida comum.

Foi talvez o pastoreio a ocupação funcional que deu ao grupo características de comunidade: a necessidade de alcançar maiores lucros, ocupando menos pessoas, levou os habitantes de Vilarinho à institucionalização de usos e costumes e à distribuição de papéis para melhor funcionamento. O extracto da regulamentação da *Junta* de Vilarinho, extraído da obra de Tude M. de Sousa, demonstra precisamente o empenho na vida pastoril e as frequentes referências aos usos e costumes:

«Cláusulas extraídas da escritura de contrato e união (junta ou accordo) do povo de Vilarinho:

Primeiramente disseram que todo aquelle morador que um bezerro e uma junta de bois ou touras tiver será obrigado a guardar a bezeira nos dias que lhe pertencer e aquelle que não tiver bois ou touras não será obrigado a guardar alguma, só sim depois que as tiver.

Que aquelle que só tiver uma junta de bois de trabalho fará a guarda de uma vez sim e de outra não e não cumprindo assim ficará de fóra de bezeira e não poderá entrar com o seu gado para a mesma sem pagar a quantia de dois mil reis para despesas deste logar.

Que todo aquelle a quem pertencer a guarda da bezeira não se entregará a outro serviço se não a guardar a dita bezeira e faltando a isto pagará a quantia de quatrocentos reis.

Que todo aquelle que não fôr para as bezeiras no dia que lhe pertencer pagará oitocentos reis por cada vez.

Que a bezeira das vaccas será conforme o costume que se observa neste logar e todo aquelle que não conduzir as vaccas do logar para o

Monte e conduzil-as daqui à noute para o logar pagará por cada vez que assim o não fizer a quantia 400 reis entende-se que aqui se inclue a bezeira das vaccas da serra, para esta guarda e vigiada na forma do costume. Que ninguém poderá trazer gado a pastar na Veiga às soltas só sendo no que é seu e fazendo o contrário pagará pela primeira vez 1000 reis e pela segunda dobrado.

Que todas as águas de lima e rega e vertentes e enchurros tudo seguirá o costume antigo.

Que o Juiz de Ventena deste logar será senhor de pôr os dias de segada de centeio das vindimas e milho serodio attendendo sempre ao costume antigo e sem quê, se pondo o dia, para isto ninguém o poderá fazer, salvo sendo em parte onde tenha caminho por terra sua.

Que ninguém poderá abrir caminho das Veigas sem chegar o dia de S. Miguel de cada ano.

Que ninguém poderá arrendar casa a pessoa de fóra do logar e o que fizer o contrário pagará 6$000 reis.

Que nas Juntas que se fizerem no logar assistirão sempre todos os cabeças de casaes e sendo viúvas o filho mais velho.

Que todas as dúvidas que se suscitaram e possam haver neste logar com as águas ou outra cousa serão decedidas por seis homens escolhidos a votos.

Que nas Juntas que se fizerem para trabalho do logar serão todos obrigados a comparecer e a trabalhar o que poder e para si não.

Que autorisam o Juiz de Ventena para poder impor as penas e multas».

A importância desta instituição vem do facto de ser o pastoreio que lhes proporciona uma vida mais desafogada. É por isso que a ela está ligada a maior pressão, precisamente porque representa valores notáveis, como a subsistência e *status* consequente.

O funcionamento das *vezeiras* obedece a normas por vezes rígidas. A não aceitação destas equivale à «expulsão de vizinho», isto é, o elemento apontado não poderá «ser servido nem ocupado» pelos vizinhos; é considerado como um estranho à comunidade. Já tem acontecido que alguns elementos ali estabelecidos há pouco, geralmente por casamento, não querendo aceitar os usos e costumes institucionalizados, têm sido obrigados a fazê-lo quer por coacção, como um que foi agarrado, deitado sobre uma padiola e levado por uns e acompanhado por outros em direcção à ponte do Ribeiro das Furnas — *Ponte do Eido* —, ameaçando que o deitariam da ponte abaixo, caso não prometesse aceitar todas as institui-

ções do grupo, com seus usos e costumes; quer por necessidade, como outro que, não querendo aceitar as pautas de comportamento furnenses, não «era servido nem ocupado» nas tarefas do dia-a-dia e viu-se obrigado a fazê-lo ou a sair da aldeia. Optando pela segunda, resolveu ir viver para junto da Casa da Guarda, a trinta minutos de caminho do lugar donde saíra, ficando a trabalhar daí os bens que possuía na povoação abandonada. Mas a vida, nesta região, sem interajuda é difícil e, como o filho pródigo de que fala o Evangelho, veio pedir para voltar a ser considerado elemento da comunidade, aceitando todas as formalidades.

As *fazendas* do lugar estão divididas em seis *vezeiras:* a das vacas com crias, que anda nas proximidades da povoação, para à noite vir pernoitar às cortes do lugar; a de vacas sem crias, que sobe o monte em Março e só desce em Setembro; a de bois da serra que também sobe e desce na mesma altura; a de carneiros, pastoreada por uma só pessoa; a de éguas e cavalos *garranos,* que anda ao *feirio,* ou seja, sem pastor, lá para o monte perto e até dentro da Espanha — há currais em terras do país vizinho, por exemplo o de Chão Galego; e a de cabras, que ali chamam da *rês,* pastoreada por duas pessoas que sobem de manhã e descem à tardinha.

Das *vezeiras* que sobem e descem diáriamente o monte o funcionamento é o seguinte: De manhã, um dos dois pastores (antigamente eram quatro, depois três) toca o *corno* e todos os donos dos animais abrem as portas aos currais. Pouco tempo depois todos os animais estão a juntar-se à saída do lugar para subirem o monte. Ao entardecer, um pastor, à entrada do lugar, volta a tocar o *corno* e os animais dividem-se em pequenos rebanhos, indo cada um para o seu curral. Eu próprio tive ocasião de apreciar cerca das dezoito horas do dia 2 de Janeiro deste ano, quando a neve descia lentamente do azul-cinzento do céu, reforçando o manto branco que já escondia as penedias. Ouviam-se balidos de todos os lados. À porta de um curral, que estava fechado, os animais tremiam com a neve que lhes cobria o corpo.

Todos estes animais estão marcados com sinais, à lima ou á serra, nos chifres ou com cortes nas orelhas. A *fazenda* da casa Fecha apresenta no corno direito: ≠; a da casa Jeira apresenta também no corpo direito, a fogo: ς ; a da casa José do Jeira apresenta, a fogo: j; a da casa António Francisco apresenta o sinal, feito à serra: ///.

O pastoreio não é aproveitado em toda a extensão: apenas tratam para vender os animais para carne. Do leite sòmente fazem uso de uma pequena porção: para tomar simples, para fazer uma espécie de manteiga,

que na opinião de Jorge Dias é do género da que é usada em algumas regiões montanhosas da França ou para fazer as regionais *papas* ou *sopa de leite,* cuja composição é, além de leite, farinha e sal. Esta *sopa* é usada sobretudo no Inverno, estação em que o mau tempo, não permitindo certas culturas nem fácil deslocação, reune a todos em suas casas, obrigando-os a usar o que ali possuem: presunto, chouriço, batatas, leite, vinho, etc. A alimentação, conquanto não seja lauta, é abundante, como aliás demonstra a estatura robusta daquela gente.

O Inverno é passado com alegria, pois, como os afazeres são poucos vão até às casas uns dos outros e, ali, os mais idosos narram as suas façanhas de juventude, enquanto os mais novos fazem projectos para o advir. Mas a maior parte desta época, os homens passam-na a fazer objectos necessários à vida agrícola e caseira ou a consertar os que se estragaram na faina anterior. Os móveis que se encontram na cozinha são quase todos feitos por estes: o *escono* (banco de encosto), o *armairo* (armário), cuja tampa desce paralelamente ao *escono,* servindo de mesa ou suporte para comer, *masseira, broeira,* onde colocam o pão depois de tirado do forno, outros objectos necessários à cozedura deste, etc. Muitos objectos ali utilizados, sobretudo os de ferro, são de origem espanhola: é-lhes mais fácil fazer as compras em Espanha que no seu País, porque a cidade que têm mais próxima é Braga, mas ainda à distância de cerca de cinquenta quilómetros, e, até há pouco tempo, com dificuldade de meios de condução.

Todos os homens sabem trabalhar mais ou menos perfeitamente de carpinteiro, de pedreiro, não falando já em todos os trabalhos agrícolas e até de culinária: o Inverno proporciona-lhes tudo isto. Havia um, a quem chamavam o «Homem dos Sete Ofícios», que trabalhava com perfeição de carpinteiro, pedreiro, trolha, ferreiro, alfaiate, tamanqueiro e lavrador: era o senhor António José Francisco. A sua perfeição em carpintaria era tal que fez uma imagem do Sagrado Coração de Jesus. Serviu-lhe de modelo uma outra, em ponto muito menor, que se diz ter sido trazida da freguesia de Paranhos, concelho de Amares. O perfil da imagem está realmente bem talhado, todas as partes estão proporcionais, o manto desce com perfeita leveza, enfim, tudo mostra boas mãos e bom gosto. Só é pena não ter sido pintada também por ele próprio: foi pintada em Braga. A benta imagem, que eu tive entre mãos, encontra-se ainda na casa de seu filho, bem como a espingarda com que fazia, com seus vizinhos, a batida ao lobo, um exemplar do «Diário da Manhã», comemorativo de 28 de

Maio de 1936, com cerca de cinquenta páginas e outro de «O Século» de 28 de Maio de 1937, ainda mais volumoso, que apresenta em primeira página e em grandes proporções a fotografia de António de Oliveira Salazar. O sr. António Francisco, além de grande artista, era também muito dedicado à política.

O traje de toda esta gente não é característica específica, porque nas povoações vizinhas usam peças congéneres. As mulheres usam dois aventais, cujo pano é tecido por elas próprias: um pelas costas e outro preso à cintura, descendo pela parte anterior, como é vulgar. A saia bem comprida, com *saiote* por baixo, blusa, peúgas, pelo menos até ao joelho, e *botins* (botas de água) ou socos fechados são em moldes idênticos aos de toda aquela região A roupa é toda ela de tom escuro, sobretudo nas mulheres casadas que, desde que tomam tal estado, já não se sentem bem com roupas alegres, como se o casamento afogasse todas as alegrias da juventude. Mas no caso das viúvas, a situação é ainda mais grave: seria o cúmulo para aquela gente que uma viúva vestisse roupas de cor clara; diziam logo que já não andava com «boas intenções». Os homens vestem geralmente como em quase todas as nossas aldeias. As polainas de burel de que fala Jorge Dias foram substituídas pelas botas de água ou pelas *chancas,* socos fechados, no Inverno e abertos no Verão.

As fainas feitas em comum já não se revestem da alegria e da graça de outrora, quer porque a gente jovem de hoje já não acha piada a certos processos antigos, quer porque alguns desses processos estão revestidos de certa malícia. É o caso de *talhar uma camisa* nas cortadas de linho ou de feno e de muitos outros costumes ligados às *esfolhadas* (desfolhadas) e às malhadas de centeio, que podem ser feitas *a murro,* ou seja, batendo molhinho por molhinho contra a cheda de um carro de bois ou *a malho.* A última é a maneira mais típica e das fainas mais alegres: o cereal é estendido na eira ou ladrilho pelas mulheres e depois, dois grupos de homens, geralmente de cinco, dirigem-se de lado a lado, batendo de tal modo certos com o malho, que um só estrondo se faz ouvir. O *talhar uma camisa* consiste em um homem abraçar uma mulher e, depois de prostrados no meio do linho ou do feno, se fazerem rolar. Regra geral isto fazia-se entre pessoas solteiras, mas se alguma casada o fazia, ninguém se melindrava.

Outro facto que também influi é a juventude, sobretudo rapazes, logo que sai da escola primária, procurar melhores meios de vida. Se não

pode ir para o estrangeiro, é Lisboa que a acolhe, que lhe abre os olhos e lhe espana o pó que o vento galego levantou.

Mas ainda há alguma coisa que a todos atrai e reune em plena animosidade e alegria: é o Natal e a festa de Nossa Senhora da Conceição. Mesmo os que se encontram em lugares longínquos fazem todos os esforços para v irem partilhar da mesma alegria. A festa consta de uma parte religiosa com os habituais actos, abrilhantados por uma banda de música, por altifalantes e por uma sessão de fogo de artifício. Mas até aqui nada de novidade. O que é inovação é a parte de confraternização: os dois festeiros, cujos papéis andam à roda todos os anos, convidam os parentes e vizinhos mais amigos — na impossibilidade de a todos convidar — para um almoço em que a cabra assada no forno de cozer o pão, com batatas, ocupa o lugar de destaque. A cabra assada com batatas e arroz é o prato regional; é o prato que neste dia todos os forasteiros poderão comer em qualquer casa, pois neste dia as portas estão abertas a todas as pessoas. A *sopa seca,* pão de trigo humedecido por um molho especial, é a iguaria servida como sobremesa. É esta festa que invade de alegria toda a aldeia. Até os espanhóis das aldeias da raia afluem à festividade: uns porque têm ali familiares, por exemplo os irmãos Fecha, que têm um tio casado em Espanha; outros porque são conhecidos da vida de contrabando em que alguns habitantes se ocupam.

Mas esta gente não cuida só da vida material; praticam eles próprios e semeiam nas crianças verdadeiros germes de vida religiosa, alimentando-os na medida das suas possibilidades culturais: se mais não transmitem, é porque mais não sabem. Apesar de o pároco não poder deslocar-se ali frequentemente para ensinar catequese, as crianças não ficam sem ela; há catequistas que desempenham este papel, ensinando-as em tempos determinados na capela do lugar. O fruto de todas estas sementeiras está à vista: os sacerdotes e as religiosas têm surgido.

Como é próprio de todos os grupos conservadores e tradicionalistas o verdadeiro culto anda misturado de magias e superstições. Um dos remédios mágicos é *a pedra da peçonha,* apanhada no monte de S. Bento, para curar mordidelas de víboras e inchações cuja origem se desconhece. As superstições e as bruxas são apanágio da cultura furnense, como prova a quadra:

«Ó lugar de Vilarinho,
Todo cheio de ameixieiras,
No meio de ti passeiam
Quatrocentas feiticeiras».

O preceito da missa ao domingo e dias de «obrigação» é cumprido à risca, apesar de terem de andar cerca de 45 minutos por caminhos difíceis: vão à missa à sede da freguesia, S. João do Campo. O resto do domingo é passado em conversa com os vizinhos ou a tratar de assuntos particulares internos ou externos. Os jovens, claro... namoram.

A instituição familiar é a mais importante. Os casamentos, por vezes, realizam-se mais a contento dos pais do que dos próprios noivos. As relações de pais e filhos nem sempre são as mais aconselháveis: muitas vezes o pai é tido como uma personagem severa e inacessível, o que gera nos filhos um certo medo de se abrirem e de lhes exporem certos problemas, que tentam resolver por vias menos recomendáveis. Mas, noutros aspectos, são verdadeiros pais. No que diz respeito à escola primária, procuram fazer-lhes compreender a necessidade da instrução. Quanta à educação moral, já acima me referi.

A escola que ali existe, cujo alicerce é um ciclópico penedo, foi construída à custa dos próprios habitantes. Os primeiros professores eram dali naturais: um da família Fecha, outro da Jeira. Hoje, há uma rapariga no primeiro ano do Magistério da família Picado. Apesar de toda esta boa vontade estão sem professor. Foi lá uma professora (de Braga?) fazer as matrículas no princípio do ano e nunca mais voltou. Apenas três crianças das mais destemidas vão à escola a S. João do Campo, o que demonstra grande força de vontade.

IV. ESTRUTURAS E «STATUS»

Conforme já dei a perceber, a estrutura do grupo não é tão informal, como poderia parecer duma apreciação fugidia. Se há usos, costumes e papéis que não estão pròpriamente formalizados, cuja actuação obedece apenas ao «deves» ou «não deves», outros há, sobretudo os que dizem respeito à parte estritamente comunitária, que são autênticas normas a cuja infracção corresponde um juízo e a respectiva *condena* do «Governo» local.

Acontecia por vezes que os habitantes, dirigindo-se à sede do Concelho para apresentarem ao posto da G. N. R. queixas uns contra os outros, eram assim recebidos: — Arranjem-se uns com os outros; isso é lá com os senhores. Ora esta atitude prova que as questões eram eminentemente peculiares e que a intervenção das autoridades jurídicas externas poderia complicar cada vez mais o caso. Isto para provar que até é do conheci-

mento aceito das autoridades externas a existência duma instituição jurídica em Vilarinho da Furna.

Outra prova do aspecto formal do grupo é o extracto acima inserido.

O *status* individual interno não é sensìvelmente igual. Há pessoas que não são vistas com bons olhos: geralmente as que tentam evidenciar-se, desviando-se dos usos e costumes tradicionais — o que é fruto da migração — e as que trazem o labéu da desconfiança e da má reputação. Com excepção destes e de poucos mais casos, não há uma estratificação dentro do grupo. Se há famílias que gozam de maior prestígio, como a Jeira, a Fecha, a Quelha, a Trigo, a Outeiro, que se evidenciaram um pouco mais pela respectiva ascendência, padres e professores, há um aspecto que a todos iguala: o facto de cada *cabeça* de família ter ocasião de imperar sobre todos os outros, quando é investido de *juiz*. Portanto, o papel e o *status* correspondente à personalidade máxima é pertença de todos. Mas o modo como o desempenha pode aumentar ou diminuir o *status* individual. Daqui, se poder concluir a existência de um certo grau de mobilidade vertical.

O *status* do chefe de família estende-se a todos os elementos da mesma. Se algum filho faz qualquer traquinice aos vizinhos, estes proferem frases que provam efectivamente tal afirmação: «Se não fosse por respeito ao pai!...» ou «Se não fosse de quem é!...».

A consideração pelos padres e pelos professores é realmente notável: o padre e o professor são as personalidades mais estimadas; daí o *status* elevada de que gozam estas pessoas e a intolerância a respeito da personagem sagrada em qualquer falta. Isto não vai contradizer a afirmação já feita, ou seja, que a personalidade máxima era o *Juiz,* porque este atributo refere-se mais à vida material, aquele à do espírito.

O *status* dos filhos que não casam, ficam sempre «encostados» ao filho casado em casa, geralmente o mais velho, é o mesmo que lhes legaram os pais. Esta espécie de celibato, sem qualquer significado moral particular, porque é apenas para não fragmentar a «casa», é uma pauta de comportamento interna, que tende a desaparecer; mas ainda existe: o caso de um irmão da esposa do sr. Domingos Fecha, com quem vive e a quem vai acompanhar na mudança, como me afirmou, é um exemplo.

Quanto ao *status* individual fora do grupo tudo se processa de modo diferente. As relações sociais exteriores não são as mesmas: uns, porque são mais viajados e, portanto, têm outros conhecimentos; outros, porque têm familiares bem colocados na sociedade global a que pertencem; outros

que, pelas aptidões postas à prova no seu mandato como *Juízes,* são encarregados de tratar de certos assuntos de interesse para a comunidade.

O *status* global do grupo é variável; nem todos os grupos lhe tributam a mesma estima: uns apreciam Vilarinho por ser um grupo «sui generis» que soube conservar melhor que ninguém os usos e costumes dos antepassados; outros criticam-no por estar de tal modo preso a tais processos sociais, que não oferece possibilidades de mudança e ainda por se julgar o detentor de uma cultura nunca vista — o que não é totalmente verdadeiro, porque há por ali grupos muito semelhantes, como já referi.

V. CONCLUSÃO

A frase, «Aqueles só afogados é que sairão dali!», tornou-se uma realidade: a desintegração do grupo está para breve; dentro em poucos meses a aldeia de Vilarinho da Furna será afogada pela barragem do mesmo nome. Cada dia é um passo para a destruição, é um tormento para o espírito daquela gente infrenemente agarrada ao seu terrão natal — os mais velhos. Vilarinho é a vítima para que Terras de Bouro se valorize e se torne uma atracção turística, já não por ser um conjunto de aldeias dispersas com o seu típico «modus vivendi», mas por ser detentor de avançada técnica e de belezas naturais que começam agora a ser descobertas — não falando já do «Cérebro» do Minho, o mais belo e encantador panorama: o Gerês.

«Mas Vilarinho da Furna não morre porque Mestre Luís de Campos a salvou das águas com o mesmo carinho e devoção com que a princesa egípcia salvou Moisés das águas do Nilo» — assim escreveu o meu ilustre professor de então, Júlio Vaz, num prospecto que o distinto pintor e desenhista me ofereceu, quando no Edifício do Turismo de Braga, apreciava e comentava com a pessoa que me fazia companhia, a exposição que colocava diante dos meus olhos aquela mesma vida que me rodeava na tarde do dia 2 de Janeiro de 1970: Vilarinho da Furna estava ali.

Realmente a moribunda aldeia, apesar de imersa nas águas límpidas do Rio Homem não morrerá: a obra que Luís de Campos legou à Câmara de Terras de Bouro, com destino ao anunciado museu de Vilarinho da Furna, ademais o filme-documentário, «Vilarinho das Furnas», há pouco estreado em Lisboa, em que António Campos gravou o dia-a-dia da comunidade, proporcionarão a quantos não tiveram a dita de pisar os caminhos da desventurada aldeia não uma simples recordação da cultura furnense, mas uma presença que perviverá os séculos.

Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo

Por Domingos de Araújo Affonso

XVIII

BARROS
de São Jerónimo de Real

I FERNÃO DIAS DE BARROS, «o primeiro que usou este apelido, por residir na freguesia de Santo Estevão de Barros (1), na comarca de Pico de Regalados (2)», dizem os nobiliários, acrescentando «que era natural da Biscaia e passou a Portugal no reinado d'el-rei D. Diniz por crimes que cometeu na sua terra».

Embora o Conde D. Pedro não o mencione como filho de Don Diego Lopez de Haro, senhor da Biscaia, alguns linhagistas como tal o consideram.

Dizem os mesmos linhagistas que de MARIA MARTINS, filha de João Martins, do conselho d'el-rei D. Afonso III, teve o seguinte filho bastardo:

II MARTIM FERNANDES DE BARROS, que serviu com valor nas guerras do seu tempo.

x com SEBASTIANA MARTINS, filha de Vasco Martins, chanceler d'el-rei D. Diniz.

Tiveram:

1(III) NUNO FERNANDES DE BARROS, senhor do prestimo de Perozelo, no almoxarifado de Valença, que lhe foi doado em 1358 e confirmado por el-rei D. Fernando

---

(1) Que foi concelho, com câmara e juiz ordinário.

(2) Concelho de Aboim da Nóbrega até 1855, hoje concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

a 6.9.1405 (1367) ([3]). Foi um grande senhor, conforme testemunham os documentos por ele assinados nas chancelarias reais.

x com D. BRITES DE AZEVEDO, filha de Álvaro Gonçalves de Azevedo ([4]), senhor da Honra de S. Martinho de Vabo, e de sua mulher D. Sancha Andeiro. — C. g.

2(III) O Rev.º MARTIM MARTINS DE BARROS, que segue.

III O Rev.º MARTIM MARTINS DE BARROS, arcediago da Sé de Braga e instituidor do vínculo da Morreira, encabeçado nas casas onde morava em Braga, a que juntou as propriedades que possuía na freguesia de S.Miguel de Vila Cova da Morreira, no termo de Braga, com obrigação de uma missa semanal, dita no altar de Nossa Senhora da Graça, no claustro da catedral. Na instituição ordenava que fizessem uma sepultura na nave central da Sé, para seu enterro e dos sucessores do vínculo.

Teve bastardo, entre outros:

VI O Rev.º GONÇALO DIAS DE BARROS, 1.º administrador do vínculo da Morreira, prior do convento de S. Martinho de Crasto, no termo de Ponte da Barca, abade de S. Pedro de Calvelo, no antigo concelho de Penela (abadia que renunciou no mosteiro de Vilar de Frades, onde passou os últimos anos de vida, com grande opinião de santidade).

* em Braga em 1382 ([5]) e † em Vilar de Frades, onde jaz, a 18.4.1461.

Sendo clérigo de ordens menores, teve de JOANA VASQUES, mulher solteira, legitimados a 27.3.1418 ([6]):

([3]) Chancelaria de D. Fernando, Livro I, fls. 16 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

([4]) Eugénio de Castro, *Os meus Vasconcelos*, pág. 56, separata de BIBLOS, Coimbra, 1933.

([5]) P.e André Gonçalves, *Livro das cousas memoráveis do seu tempo.*

([6]) Chancelaria de D. João I, Livro IV, fls. 18 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.



Casa dos Barros, em S. Jerónimo de Real



Armas dos Barros, na Sé de Braga



Capela dos Barros, na Sé de Braga

1(V) O Dr. LOPO DE BARROS, que segue.

Teve também, sendo prior de S. Martinho de Crasto, de ISABEL DE CRASTO, mulher solteira, legitimados em 1453 (7):

2(V) ISABEL DE BARROS, s. m. n.

3(V) FILIPA DE BARROS, s. m. n.

4(V) LOPO DE BARROS, s. m. n.

Teve ainda (e destes não encontramos as legitimações):

5(V) GONÇALO ESTEVES DE BARROS, fidalgo da Casa Real, morador em Viana.

x com sua parente D. ISABEL DE BARROS, senhora da quinta e Torre de Turiz e padroeira da igreja da mesma freguesia, filha e herdeira de Diogo de Barros e de sua mulher Grácia Velho. — C. g.

6(V) Frei ÁLVARO DE BARROS, frade em Vilar de Frades; encarregado pelo Cabido da Sé Primaz (Sé vaga) de fazer a partilha dos bens deixados por seu irmão Lopo e por sua cunhada Isabel Anes de Macedo, sem intervenção do juiz dos órfãos (28.8.1482). Foi reitor da casa da Congregação dos loios em Recião, junto a Lamego, onde † em 1487. Em 1652 os seus ossos foram trasladados para Santa Cruz de Lamego.

V O DR. LOPO DIAS DE BARROS, fidalgo da Casa Real (alvará de 29.3.1458), cidadão de Braga, onde foi vereador em 1475. Pessoa de grande autoridade, formado em leis e advogado em Braga (8). Foi o 2.º administrador do vínculo da Morreira, com capela de Nossa Senhora da Graça na Sé de Braga e senhor da quinta e Torre de Pousada na freguesia de S. Pedro de Calvelo, etc.

Testou, pelo seu punho, a 18.12.1481 (9) e no testamento manda que o sepultem «na mais chegada cova que jaz a par do altar de Santa Maria da Graça, onde jazia sua filha Catarina de Barros». Declara que, à data do testamento, estava viva sua mulher Isabel Anes de Macedo e que «se não ficarem herdeiros meus ou de meus filhos que esta sucessão se torne à linhagem de R.º Anelio, meu

(7) Chancelaria de D. Afonso V, Livro II das legitimações da Leitura Nova, fls. 32 — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(8) Informação dada pelo Dr. José de Sousa Machado.

(9) Nota Geral — Arquivo Distrital de Braga.

tyo». Manda ainda que quem fique com o lugar de Pousada dê um alqueire de milho à igreja de S. Pedro de Calvelo «porq̃ assi mandou meu padre e meu avô, por salvação de suas almas».

Estando doente, de cama, pediu a Martim dos Guimarães, tabelião geral e seu compadre, que escrevesse a última disposição, acrescentada ao testamento e ambos assinaram.

Do testamento consta que o falecido arcebispo D. Fernando da Guerra lhe dera 10$000 reis para suas filhas Catarina e Inês de Barros, e que, com esse dinheiro, comprara a Gonçalo Correia, de Farelães, dois casais na freguesia de Crespos, um para cada uma delas. O de Catarina, que falecera, pertencia à herança, mas o de Inês era dela, não devendo ser-lhe descontado na legítima. Manda ainda que ninguém tire as chaves a sua filha Inês de Barros até ao regresso de seu filho Valentim de Barros. Este e Inês, com Frei Álvaro de Barros (supra citado irmão do testador) e com Lopo Afonso, seu confessor serão os executores do testamento. Fizeram-se as partilhas com intervenção e autoridade de Frei Álvaro de Barros, tio dos herdeiros, a 12.9.1482, mas Valentim de Barros e seus irmãos já tinham feito e assinado uma relação de móveis a 23.1.1482.

x com ISABEL ANES DE MACEDO, do Porto, que † na casa dos Barros em Braga.

Tiveram:

1(VI) CATARINA DE BARROS † antes de 1476.

2(VI) VALENTIM DE BARROS, que segue.

3(VI) LOPO DE BARROS, corregedor de Entre Douro e Minho, sem ser letrado, senhor da quinta da Ventosa em S. Paio de Mós, concelho de Regalados. Recebeu ordens menores em Braga em 1458 (10).

x em Viseu com D. ISABEL DE FIGUEIREDO, filha de Lopo Dias e de sua mulher Isabel Rodrigues de Figueiredo, — C. g.

4(VI) Madre INÊS DE BARROS, freira em Aveiro, senhora de um dos casais de Crespos.

5(VI) O Reverendo PEDRO DE BARROS, Capelão da Casa Real, prior de Samora Correia. Herdou as casas e outros bens que sua mãe possuía no Porto.

(10) Livro de matrícula dos ordinandos — Arquivo Distrital de Braga.

6(VI) Madre MARIA DE BARROS, freira em Aveiro, senhora do Paço de Quintela em Coucieiro, concelho de Regalados.

7(VI) ISABEL DE BARROS, senhora da quinta da Pala, junto à Ponte do Porto.

x com GONÇALO VAZ DO REGO, alcaide-mor de Vimioso. — C. g.

8(VI) GONÇALO DE BARROS, senhor das quintas de S. Martinho do Outeiro, Porta, etc., em Regalados. Assassinado por Pedro Gomes de Abreu. — C. g.

VI VALENTIM DE BARROS, escudeiro das casas dos reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel e de todos estes soberanos recebeu honras e mercês, grangeando grande casa. Foi o 3.º administrador do vínculo da Morreira e senhor da Torre de Pousada das Donas em S. Pedro de Calvelo, etc.

El-Rei D. João II, por carta de 9.1.1482 (11), na qual lhe chama seu escudeiro, concedeu-lhe, pelo bem que o tinha servido, o privilégio de o isentar do pagamento de tributos; e el-rei D. Manuel, por carta datada de Montemor-o-Novo, a 4.1.1499, confirmou-o no cargo de corregedor da Comarca da Beira, para que tinha sido nomeado por D. João II (12). Por carta de 21.3.1504 foi nomeado Vedor das obras de Braga (13). Foi quatro vezes Capitão-mor das armadas reais. Recebera ordens menores em Braga em 1455 (14).

Fez testamento em Lisboa, a 3.9.1512, na Nota de Diogo Fernandes, acrescentando o seu vínculo, com obrigação de determinadas missas, mandando que o sepultassem no convento de Santo Eloy, e nomeando administrador do vínculo seu filho Lopo, ao qual, a 20 do mesmo mês, foi dada posse, em Braga, na Nota de Diogo Quinteiro, escudeiro (15).

De BRITES VAZ, ou BRITES PEREIRA, a quem doou, em

---

(11) Chancelaria de D. João II, Livro V, fls. 100 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(12) Chancelaria de D. Manuel, Livro III da Leitura Nova, fls. 13 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(13) Chancelaria de D. Manuel, Livro 23, fls. 8 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(14) Livro da matricula dos ordinandos — Arquivo Distrital de Braga.

(15) Nota de Diogo Quinteiro — Arquivo Distrital de Braga.

vida, a quinta de Ventosa, no concelho de Regalados e o casal de Tresmonde em Penela de D. João (doação que seus filhos confirmaram a 13.7.1524), teve os seguintes:

Filhos bastardos (os quatro primeiros legitimados a 29.7. 1504 [16]; dos restantes não encontramos as legitimações):

1(VII) D. Frei BRAZ DE BARROS, 1.º Bispo de Leiria (Bula do Papa Paulo III de 25.5.1545), que antes foi frade jerónimo no convento da Penha Longa, onde tomou hábito a 30.9.1516. Formou-se em teologia na Universidade de Lovaina e el-rei D. João III nomeou-o reformador da Congregação dos Cónegos regulares de Santo Agostinho, cuja árdua empresa iniciou a 13.10.1527 e concluiu em 1544. À eficácia das suas persuasões se deve a fixação definitiva da Universidade em Coimbra, por el-rei D. João III, em 1537. Tomou posse do bispado de Leiria a 28.7.1545, renunciando em 1550. Recolheu-se então ao convento da Penha Longa, onde † a 31.3.1559. Tinha * em Braga a 19.9.1500.

Teve bastarda:

VIII D. BRITES DE VASCONCELOS.

x com seu tio BALTAZAR DE BARROS, como se dirá. — S. g.

2(VII) O Reverendo MANUEL DE BARROS, Capelão d'el-rei; teve muitos benefícios.

3(VII) LOPO DE BARROS, que segue.

4(VII) BALTAZAR DE BARROS, escudeiro da Casa Real, que, a 28.5.1552, instituiu o vínculo de Nossa Senhora da Saúde de Avelãs (Coimbra), na Nota de Gonçalo Gonçalves Gil.

x com sua sobrinha D. BRITES DE VASCONCELOS, primeira administradora do vínculo instituído pelo marido (que, por sua morte, vagou para a Coroa), filha do acima citado Bispo de Leiria. — S. g.

5(VII) FRANCISCO DE BARROS, que recebeu ordens menores em Braga, em 1485 [17] † solteiro na Índia.

---

(16) Chancelaria de D. Manuel, Livro 46, fls. 129 v.º — Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(17) Livro da matrícula dos ordinandos — Arquivo Distrital de Braga.

6(VII) D. ANA DE BARROS.

x precedendo escritura de 20.6.1514, com AFONSO GOMES PEREIRA DO LAGO, senhor da quinta de Pousada, no concelho de Penela de D. João. — C. g.

7(VII) D. ISABEL DE BARROS, que † nova deixando o terço de seus bens ao pai, embora lhe sobrevivessem dois filhos.

x com PEDRO DA CUNHA, Cavaleiro fidalgo da Casa Real, almotacé de Braga em 1509. — C. g.

8(VII) D. MARIA DE BARROS.

x com NICOLAU PEREIRA, S. m. n.

9(VII) Madre INÊS DE BARROS, freira no convento da Madre de Deus de Lisboa.

10(VII) Madre CATARINA DE BARROS, freira no convento de Lorvão.

VII LOPO DE BARROS, Cavaleiro fidalgo da Casa Real, com 8$000 e depois 12$000 reis de tença (alvará de 4.2.1512), 4.º administrador do vínculo da Morreira, senhor da Torre de Pousada, etc. juiz ordinário em Braga em 1529, 1535 e 1538 (18). Recebeu ordens menores em Braga em 1493 (19).

Com sua mulher instituiu, a 10.4.1539, um grande vínculo, constituído pelas quintas de S. Jerónimo de Real (que eram dela), quinta da Ventosa no concelho de Regalados, vínculo que anexou à sua capela de Nossa Senhora da Graça, no claustro da Sé de Braga. Mandou construir uma nova torre em Pousada, conforme consta de uma escritura de 19.2.1538, em que ajustou com Antonio Pires, mestre pedreiro, morador em Durrães, essa obra por 11.000 reais, afora a cantaria (a torre deveria ter 36 palmos de altura).

† na quinta de S. Jerónimo de Real, termo de Braga, a 22.11. 1584.

x precedendo escritura dotal de 16.3.1516 (20) com D. BRITES BRAVO, senhora da quinta de S. Jerónimo de Real (que seu pai tinha comprado à casa de Regalados), filha de Diogo Bravo e de sua mulher Inês Lopes Garro (Vid. BRAVOS § 1.º).

---

(18) Arquivo da Câmara Municipal de Braga.

(19) Livro de matrícula dos ordinandos — Arquivo Distrital de Braga.

(20) Nota Geral — Arquivo Distrital de Braga.

Tiveram:

1(VIII) Madre CATARINA DE BARROS, freira no convento de Santa Clara de Coimbra, dotada em 1547 ([21]).

2(VIII) D. ANA DE BARROS, dotada por sua mãe com a quinta e Torre de Pousada em Calvelo, vinculada por escritura de 20.3.1549.

x a 3.5.1549 com PEDRO GOMES DE ABREU, senhor da quinta de Briteiros, no termo de Guimarães (Vid. ABREUS § 1.º) — C. g.

3(VIII) Madre ISABEL DE BARROS,

4(VIII) Madre ANTÓNIA DE BARROS,

5(VIII) Madre FRANCISCA DE BARROS,

6(VIII) Madre INÊS DE BARROS, todas quatro freiras no convento dos Remédios de Braga, dotadas por sua mãe e por seu irmão Diogo de Barros, por escritura de 24.6.1549 ([22]).

7(VIII) DIOGO DE BARROS, que segue.

8(VIII) PEDRO DE BARROS, que † na Índia.

9(VIII) O Reverendo JOÃO DE BARROS. — S. m. n.

VIII DIOGO DE BARROS, Fidalgo da Casa Real (alvará de 9.10.1547), acrescentado a Escudeiro Fidalgo, Capitão-mor de Braga em 1580, procurador em cortes pelo concelho de Braga, 5.º administrador do vínculo da Morreira e 1.º do de S. Jerónimo de Real, etc., residiu na quinta de Real e, em Braga, em casas que tinha no Campo da Vinha.

* em Braga a 25.2.1527.

x com D. LOURENÇA MENDES, filha bastarda do Reverendo Gonçalo Mendes de Antas, abade de S. Tomé de Negrelos, e de Joana Mendes, mulher solteira, de Vimieiro.

Tiveram:

1(IX) LOPO DE BARROS, que segue.

2(IX) MANUEL DE BARROS, que não casou.

Teve bastardo:

x ANTÓNIO DE BARROS, que, dizem os nobiliá-

([21]) Nota Geral — Arquivo Distrital de Braga.

([22]) Nota Geral — Arquivo Distrital de Braga.

rios, passou à Índia e lá foi martirizado tendo 15 anos de idade.

3(IX) Madre ANA DE SÃO TIAGO, freira no convento de Santa Clara do Porto.

4(IX) D. MARIA DE BARROS, dotada com 6 500 cruzados e com as casas do Campo da Vinha.

x precedendo escritura dotal de 1.8.1591, com DIOGO DE MADUREIRA, do Porto, filho de Luís Álvares de Almeida e de sua mulher e prima D. Joana de Madureira. — C. g.

5(IX) O Reverendo GONÇALO MENDES DE BARROS, abade de S. Romão de Mesãofrio no termo de Guimarães e de Santa Eulália de Vandoma, no concelho de Paredes. Recebeu ordens menores em Braga em 1576 (23).

Por morte de seu sobrinho Diogo de Barros (Vid. infra) administrou os vínculos da casa até ao regresso da Índia de seu outro sobrinho António de Barros de Almeida. Tomou conta da administração em 1607. Teve filhos bastardos, que serviram na Índia. — S. m. n.

IX LOPO DE BARROS, Fidalgo da Casa Real, 6.º administrador do vínculo da Morreira e 2.º do de Real, etc.

* em Braga a 5.6.1554.

x em Lisboa com sua parente D. ISABEL DE MENDONÇA, 1.ª administradora do vínculo de Nossa Senhora de Santo António da Ribeira de Litem, junto a Pombal, filha do insigne João de Barros, o das *Décadas*, instituidor do referido vínculo, e de sua mulher D. Catarina de Almeida.

Tiveram:

1(X) D. ANA DE BARROS. — S. m. n.

2(X) DIOGO DE BARROS, Fidalgo da Casa Real, 7.º administrador do vínculo da Morreira e 3.º do de Real, etc.

† em 1607.

x precedendo escritura dotal de 5.12.1603 com D. ARCÂNGELA QUINHONES, filha de João Mendes de Antas, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Catarina Quinhones. — S. g.

---

(23) Livro de matrícula dos ordinandos — Arquivo Distrital de Braga.

3(X) ANTÓNIO DE BARROS DE ALMEIDA, que segue.
4(X) JOÃO DE BARROS, que serviu e †na Índia.

X ANTÓNIO DE BARROS DE ALMEIDA, Fidalgo da Casa Real, que serviu na Índia, de onde regressou para herdar a casa de seu irmão Diogo, e, assim, foi o 8.º administrador do vínculo da Moreira e 4.º do de Real, etc., e 2.º do da Ribeira de Litem, cuja instituição chamava o filho segundo da casa.

† na casa de São Jerónimo de Real, no termo de Braga, a 9.8.1638.

x em Guimarães com D. CATARINA MACHADO DE MIRANDA E AZEVEDO, senhora da quinta de Berredo na freguesia de Santa Eulália de Crespos, do termo de Braga, † na quinta de Real a 21.2.1643, filha de Gaspar Rebelo de Carvalho, administrador do vínculo do Pinheiro, etc., e de sua mulher D. Ana Machado de Miranda, senhora da referida quinta de Berredo.

Tiveram:

1(XI) D .ISABEL DE BARROS DE ALMEIDA AZEVEDO, baptizada em S. Jerónimo de Real a 29.6.1617, por seu tio-avô o Rev.do Gonçalo Mendes de Barros (vd. supra).

x na mesma freguesia, a 6.11.1645, com RUY PINHEIRO DE LACERDA, administrador do vínculo de Pouve, padroeiro de Cristelo, Comendador de S. Pedro de Lourosa, Fidalgo da Casa Real, etc., filho de Álvaro Pinheiro de Lacerda, administrador do vínculo de Pouve, Fidalgo da Casa Real, etc., e de sua mulher e parente D. Ana Pereira, da Casa de Mazarefes. — C. g. extinta.

2(XI) Madre ANA DE ALMEIDA, freira no convento do Salvador de Braga, baptizada em S. Jerónimo de Real a 7.4.1619.

3(XI) LOPO DE BARROS DE ALMEIDA, que segue.

4(XI) JOÃO DE ALMEIDA DE BARROS, 3.º administrador do vínculo da Ribeira de Litem, baptizado em S. Jerónimo de Real a 18.12.1622.

x em Leiria com D. MARIANA DE SOUSA. — S. g.

5(XI) DIOGO DE BARROS DE ALMEIDA, baptizado em S. Jerónimo de Real a 6.6.1624. — S. m. n.

6(XI) D. JERÓNIMA DE BARROS.

x em Braga, na Sé Primaz, a 6.3.1668, com DOMINGOS BARROSO DO VALE, filho de Domingos Barroso e de sua mulher Helena do Vale, da rua do Souto. — S. m. n.

XI LOPO DE BARROS DE ALMEIDA, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, 9.º administrador do vínculo da Morreira e 5.º do de Real, senhor da quinta de Berredo (que era de sua mãe), etc.

Baptizado em S. Jerónimo de Real a 10.10.1621 † na mesma freguesia a 15.12.1675, sem testamento.

x com D. ANA LUÍSA DE MOURA, que † na quinta de Real a 31.10.1969, filha de António de Moura, capitão-mor das naus da Índia, e de sua mulher e prima D. Margarida Pinto.

Tiveram:

1(XII) D. MARIA DE MOURA, baptizada em S. Jerónimo de Real a 6.9.1654 † menina.

2(XII) D. MARGARIDA DE MOURA, baptizada na mesma freguesia a 9.9.1655 † menina.

3(XII) ANTÓNIO DE BARROS DE ALMEIDA, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, 10.º administrador do vínculo da Morreira, 6.º do de Real, senhor da quinta de Berredo, etc.

Baptizado em S. Jerónimo de Real a 30.7.1656 † em Braga, na sua casa da rua de Paio Manta a 11.12.1714.

x em S. Jerónimo de Real, a 12.2.1702, com D. INÊS FILIPA DA SILVA ALARCÃO, que † na quinta de Real a 24.12.1704 (jaz na Sé Primaz), filha de Filipe de Sousa de Carvalho († em Real a 16.10.1727), Fidalgo da Casa Real, Alcaide-mor de Vila Pouca de Aguiar, brigadeiro na província de Trás-os-Montes, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, etc. e de sua mulher D. Jerónima Ferreira d'Eça e Alarcão. — S. g.

4(XII) D. MARIA DE MOURA baptizada em S. Jerónimo de Real a 28.7.1657 † menina.

5(XII) FRANCISCO DE BARROS DE ALMEIDA, que segue.

6(XII) Frei MANUEL DE BARROS DE ALMEIDA, Cavaleiro professo da Ordem de S. João Baptista de Jeru-

salém, chamada de Malta, Comendador de Fregim, baptizado em S. Jerónimo de Real a 19.1.1660 † na quinta de Real a 22.6.1748.

7(XII) D. TERESA DE ALMEIDA E MOURA, baptizada em S. Jerónimo de Real a 26.4.1662 † solteira.

8(XII) D. LUÍSA DE ALMEIDA, baptizada na mesma freguesia a 3.5.1663 † solteira.

9(XII) JOÃO DE BARROS DE ALMEIDA, baptizado na mesma freguesia a 21.7.1664 † solteiro.

10(XII) D. ISABEL LUÍSA DE MOURA, baptizada na mesma freguesia a 13.2.1667.

x em S. Jerónimo de Real, a 23.7.1699, com JOÃO DE ALPUIM DA SILVA E ABREU, Fidalgo da Casa Real, senhora da Torre de Pousada das Donas, em S. Pedro de Calvelo, concelho de Albergaria, etc., que † em Braga a 29.10.1738, filho de Bernardo de Alpuim Coelho, senhor da dita Torre, Fidalgo da Casa Real, etc., e de sua mulher D. Mariana Carneiro de Valadares. — C. g.

11(XII) D. LEONOR DE ALMEIDA, baptizada na mesma freguesia a 11.2.1668 † solteira.

12(XII) D. ANTÓNIA DE ALMEIDA, baptizada na mesma freguesia a 8.4.1671 † solteira na casa da rua de Paio Manta a 21.3.1694. Jaz em S. Jerónimo de Real.

XII FRANCISCO DE BARROS DE ALMEIDA, Fidalgo cavaleiro da Casa Real, 4.º administrador do vínculo da Ribeira de Litem (como filho segundo) e, por morte de seu irmão, 11.º administrador do da Morreira e 7.º do de Real, senhor da quinta de Berredo, etc.

Baptizado em S. Jerónimo de Real a 1.12.1658 † em Braga, na rua das Águas a 12.1.1717.

x em S. Jerónimo de Real, a 22.6.1708, com D. ISABEL CECÍLIA DE CARVALHO, irmã da mulher de seu irmão António.

Tiveram:

1(XIII) LOPO DE BARROS DE ALMEIDA MOURA E ALBUQUERQUE, que segue.

2(XIII) D. MARIA JERÓNIMA DE ALMEIDA * em Braga, na rua das Águas, freguesia de S. Vítor, a 24.12.1712 e † solteira.

3(XIII) Madre JERÓNIMA DE SÃO BENTO, freira no convento de Santa Clara de Vila do Conde * em Braga, na freguesia de S. Vítor, a 15.5.1714.

4(XIII) Frei FILIPE DE BARROS, Cavaleiro professo e Comendador da Ordem de S. João de Jerusalém, chamada de Malta, * em Braga, na freguesia de S. Vítor, a 21.4.1717 (póstumo).

XIII LOPO DE BARROS DE ALMEIDA MOURA E ALBUQUERQUE, Fidalgo cavaleiro da Casa Real, 12.º administrador do vínculo da Morreira, 8.º do de Real, 5.º do da Ribeira de Litem, Alcaide-mor e Comendador da vila do Cano na Ordem de Cristo ,etc.

* em Leiria e † na quinta da Ribeira de Litem a 17.9.1756.

x I. em Lisboa, a 3.5.1745, com D. ANTÓNIA XAVIER DE MENDONÇA, filha de João António de Alcáçova e de sua mulher D. Guiomar Josefa de Mendonça.

x II. com D. JOAQUINA ROSA DE LANCASTRE, filha de Gonçalo de Almeida Sousa e Sá, administrador do vínculo da Cavalaria, etc., senhor donatário da vila do Banho, etc., e de sua mulher D. Ana Joaquina de Lancastre.

Teve do 1.º casamento.

1(XIV) Uma menina que † criança.

Teve do 2.º casamento:

2(XIV) D. ANA EFIGÉNIA DE ALMEIDA E BARROS DE LANCASTRE, 13.ª administradora do vínculo da Morreira, 9.ª do de Real, a 6.ª do da Ribeira de Litem, etc.

* na freguesia de S. Jerónimo de Real a 25.10.1752.

x com seu tio materno ISIDRO DE ALMEIDA DE SOUSA E SÁ, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, filho dos acima referidos Gonçalo de Almeida de Sousa e Sá e D. Ana Joaquina de Lancastre.

Tiveram:

XV D. MARIA DE ALMEIDA E BARROS DE LANCASTRE, 14.ª administradora do vínculo da Morreira, 10.ª do de Real, 7.ª do da Ribeira de Litem, etc., † criança.

3(XIV) D. MARIA INÊS CATARINA DE LANCASTRE E BARROS, que segue.

4(XIV) D. MARGARIDA ANTÓNIA DE LANCASTRE ALMEIDA E PORTUGAL * em S. Jerónimo de Real a 28.3.1755.

x com D. JOAQUIM DE QUEIRÓS DE VASCONCELOS COIMBRA CAMANHO, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, administrador do vínculo dos Coimbras em Braga, e do de Pinheiro em Sanhoane, etc. (Vid. COIMBRAS, de Braga). — C. g.

XIV D. MARIA INÊS CATARINA DE LANCASTRE E BARROS, 15.ª administradora do vínculo da Morreira, 11.ª do de Real, 8.ª do da Ribeira de Litem, etc.

* em S. Jerónimo de Real a 20.10.1753.

x em 1781 com RODRIGO BARBA CORREIA ALARDO DE PINA E LEMOS DE MENEZES, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Alcaide-mor de Leiria, administrador dos vínculos da Romeira em Santarém, do de Matrena em Tomar, do do Amparo em Leiria, etc. Tenente-coronel do regimento de cavalaria de Castelo-Branco, etc., filho de Gonçalo Barba Correia Alardo de Pina e Lemos, Fidalgo cavaleiro da Casa Real, Mestre de campo de auxiliares de Leiria, administrador dos referidos vínculos, etc., e de sua mulher D. Ana Joaquina Lourença de Carvalho Camões e Menezes.

Tiveram:

1(XV) GONÇALO BARBA ALARDO DE MENEZES BARROS E LANCASTRE, que segue.

2(XV) D. JOANA DE LANCASTRE BARBA ALARDO E MENEZES.

x com ANTÓNIO FERREIRA FERRÃO ILHARCO DE CASTELO-BRANCO, Fidalgo cavaleiro da Casa Real com honras de exercício no Paço, senhor de casa em Seia, filho de José Ferreira Ferrão de Castelo-Branco, Fidalgo cavaleiro da Casa Real, etc., e de sua mulher D. Filipa de Mesquita. — S. g.

3(XV) D. JOAQUINA DE LANCASTRE BARBA ALARDO E MENEZES.

* a 2.4.1790 e † a 28.4.1879.

x com seu primo JORGE DE AVILEZ JUZARTE

DE SOUSA TAVARES E CAMPOS, 1.º Conde de Avilez e 1.º Visconde do Reguengo, Par do reino, etc., * a 28.5.1785 e † a 11.2.1845. — C. g.

4(XV) D. ANA JOAQUINA DE LANCASTRE BARROS E MENEZES.

* a 10.3.1793 † a 12.4.1851.

x a 29.9.1811 com JOÃO DA FONSECA COUTINHO E CASTRO DE REFOIOS, 1.º Visconde de Castelo-Branco, etc., Coronel do regimento de milícias de Castelo-Branco, condecorado com a medalha n.º 3 das campanhas da Guerra Peninsular * a 7.4.1793 e † a 11.1.1866. — C. g.

XV GONÇALO BARBA ALARDO DE MENEZES BARROS E LANCASTRE, que herdou as grandes casas de seus pais, foi Moço Fidalgo com exercício no Paço e Coronel do regimento de milícias de Braga, onde residiu algum tempo.

* a 10.8.1783 e † a 21.12.1848.

Do seu casamento com D. AUGUSTA PINTO DE SOUSA COUTINHO, filha do segundo casamento do 1.º Visconde de Balsemão, nasceu primogénito:

XVI RODRIGO BARBA ALARDO DE LANCASTRE E BARROS, 1.º Visconde do Amparo, etc.

* a 16.9.1810 e † a 24.4.1865.

x a 16.11.1843 com D. HENRIQUETA CHRISTINA CORREIA HENRIQUES DE NORONHA, filha dos 1.ºs Viscondes da Torre Bela.

Tiveram única:

XVII D. EMÍLIA AUGUSTA BARBA ALARDO DE LANCASTRE E BARROS, herdeira desta riquíssima casa.

* a 1.9.1850.

x a 28.4.1885 com ANTÓNIO DE ALBUQUERQUE DO AMARAL CARDOSO, senhor da grande casa do Arco, de Viseu, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, * a 16.10.1843 e † a 12.3.1911, filho de António de Albuquerque do Amaral Cardoso, senhor da referida casa do Arco, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, oficial de infantaria, etc., e de sua mulher D. Ana Teles da Silva (Alegrete).

Na descendência deste casal está a representação dos BARROS, de Braga.

Livro dos Testamentos do Mosteiro de Paço de Sousa

Por Maria Teresa MONTEIRO e J. J. Rigaud de SOUSA

Apresentação

Pelo Doutor José MATTOSO

Várias vezes tenho ouvido dizer ao grande mestre da ciência diplomática portuguesa, Dr. Rui de Azevedo, que a publicação dos documentos medievais se devia fazer por cartórios e não em colectâneas cronológicas que misturassem originais e cópias de todas as procedências. Com efeito, apesar de se reconhecer a imensa utilidade de colecções como os *Diplomata et chartae* e os *Documentos medievais portugueses,* deve também acentuar-se que a publicação dos cartulários existentes e de núcleos documentais homogéneos facilitaria o trabalho de publicação, a crítica e até o aproveitamento histórico dos fundos documentais mais importantes. As vantagens das colectâneas mais vastas obter-se-iam mais tarde com índices remissivos gerais ou sumários dispostos cronològicamente. Poderíamos assim esperar para mais breve a utilização de fontes mais tardias do que as de meados do séc. XII, para poder estudar com mais exactidão os problemas históricos em aberto dos séculos XIII e XIV.

A nova tendência teve já alguns percursores, como Diogo Kopke, o Abade de Tagilde, M. J. da Cunha, e Pedro de Azevedo (1). Podem-se situar

(1) Diogo KOPKE, *Apontamentos archeologicos* (Porto 1840); publicado novamente por Alfredo PIMENTA, *Cartulário do Mosteiro de Castro* (Lisboa 1958); J. Oliveira GUIMARAES, *Documentos inéditos dos séculos XII-XV relativos ao mosteiro do Salvador do Souto* (Porto 1896); M. J. da CUNHA, *Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima,* in «*O archeologo portuguez*» 12 (1907) e seguintes; Pedro de AZEVEDO, *Livro dos bens de D. João de Portel (Cartulário do século XIII),* in «*Arquivo historico portuguez*» 4 (1906) a 7 (1909).

na mesma linha as colectâneas municipais (2). Depois da última guerra publicaram-se cartulários como o de Vila do Conde e o Livro das Kalendas da Sé de Coimbra (3). Mas só recentemente, com a publicação do primeiro volume da edição crítica do *Liber fidei* da Sé de Braga (4), é que a tendência acima indicada começa a tomar uma certa importância. Apareceu já a edição de um pequeno cartulário de S. Vicente de Fora, anuncia-se a publicação do Livro de D. Mumadona, estuda-se o registo da chancelaria de D. Afonso II (5) e outros eruditos portugueses e estrangeiros preparam a publicação de novos cartulários.

A presente edição inclui-se dentro do mesmo movimento de publicações. Prestará, sem dúvida, bons serviços aos historiadores, porque o *Livro dos Testamentos* de Paço de Sousa, embora não seja dos maiores, é, com certeza, bastante importante.

Alguns dos seus documentos são já conhecidos, através das cópias feitas em 1798 por Fr. António da Assunção Meireles, parcialmente publicados nos *Diplomata et chartae* dos *Portugaliae Monumenta Historica* (6) e depois editados juntamente com as *Memórias do mosteiro de Paço de*

---

(2) Sobretudo os códices e documentos do Arquivo Municipal do Porto publicados no *Corpus codicum latinorum et portugalesium*, 6 vols. publicados (Porto 1891 ss.), e os códices e documentos da Câmara Municipal de Lisboa: *Documento do Arquivo histórico da Câmara Municipal de Lisboa* (Lisboa 1957 ss.). A publicação do *Censual do Cabido da Sé do Porto* (Porto 1924), foi feita no âmbito das publicações municipais do Porto, embora não seja um documento municipal. Os *Vimaranis monumenta historica* compilados por J. Oliveira GUIMARÃES (Guimarães 1929-1931), e o *Milenário de Aveiro — Colectânea de documentos históricos*, por A. Gomes da Rocha MADAHIL (Aveiro 1959) reúnem documentos de muitas procedências. Seguem um método semelhante ao dos *Portugaliae monumenta historica*.

(3) Carlos da Silva TAROUCA, *O cartulário do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde* (Lisboa 1947) (Separata de «*Arqueologia e história*» 8.ª série, t. 4); Pierre DAVID & T. de Sousa SOARES, *Liber anniversariorum ecclesiae cathedralis colimbriensis*, 2 vols., (Coimbra 1947).

(4) A. de Jesus da COSTA, *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, 1 vol. publicado (Braga 1965) (Separata de «*O Distrito de Braga*», I e seguintes).

(5) Maria Teresa ACABADO, *Inventário de compras do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora*, in «*Arquivo de bibliografia portuguesa*» 14 (1968), 36-108; J. A. Pinto FERREIRA, *O famoso «Livro de Mumadona» (Breves reflexões prévias acerca da sua projectada publicação)*, in «*Boletim Cultural*» da Câmara Municipal do Porto 31 (1968) 258-266; R. de AZEVEDO, *O livro de registo da Chancelaria de Afonso II de Portugal (1217-1221)*, in «*Anuario de estudios medievales*» 4 (1967) 35-74.

(6) *DC* 46, 169, 226, 433, 441, 555, 642, 643 e 678.

Sousa por Alfredo Pimenta (7). Além disso Rui de Azevedo deu a conhecer os seus documentos datados entre 1101 e 1115 nos *Documentos medievais portugueses* (8). Permanecem todavia inéditos oito documentos anteriores a 1101 e a maior parte dos posteriores a 1115.

O nosso cartulário foi provàvelmente copiado no fim do séc. XII, talvez entre 1177 e 1206. Com efeito, os documentos transcritos até à f. 51 v são todos anteriores a 1177, e os vinte seguintes seguem-se por ordem cronológica, de 1177 a 1206, com excepção de oito, todos anteriores a 1167. Estes oito pertencem aos anos 1167, 1015, 1109, 1170, 1139, 1135 e 1137. A observação paleográfica confirma esta hipótese: até à f. 51 v a unidade da escrita é bastante grande, embora não pertença sempre à mesma mão (9). Depois de f. 51 v as diferenças de caligrafia tornam-se mais evidentes, de documentos para documento. Tendo em conta a margem relativamente grande que nos deixam os especialistas na datação de um códice a partir dos dados paleográficos, a atribuição do cartulário ao período indicado é perfeitamente compatível com tais dados. Observe-se apenas que depois de transcrito o último documento, pouco depois de 1206, se lhe acrescentou, na mesma época ou pouco depois, um de 1137, e finalmente um datado de 1222 (fl. 57v-58r). Um escriba do séc. XIV aproveitou o verso da última folha para aí escrever os nomes dos descendentes de Mendo Moniz (f. 58v).

O *Livro dos testamentos* sofreu as suas vicissitudes. Atesta-o a última folha, rasgada, provàvelmente antes da encadernação, no séc. XVII. Depois de encadernado, cortaram-lhe as oito primeiras folhas, que já não existiam no fim do séc. XVIII, quando Fr. António Meireles o consultou (10). Por volta de 1765, o cartorário do mosteiro, Fr. António da Soledade Marecos († 1776) (11), ao reorganizar o arquivo, consultou e anotou

(7) Fr. António da Assunção MEIRELES, *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa e Index dos documentos do arquivo* (Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942). As transcrições de Alfredo Pimenta nem sempre são exactas. Assim, errou as datas dos documentos n. 3 (1130 em vez de 1160), 14 (1113 em vez de 1143), 40 (1116 em vez de 1146) e 43 (1184 em vez de 1179).

(8) *DP* III 58, 62, 80, 94, 108, 135, 156, 157, 179, 180, 190, 230, 242, 247, 252, 256, 257, 302, 303, 323, 332, 335, 337, 363, 371, 374, 376, 385, 393, 401, 406, 424, 430, 448, 452, 467, 475, 484, 491, 495, 496, 502 e 504.

(9) Ver, por exemplo, a nítida diferença de escrita na f. 33r.

(10) *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, p. 380.

(11) Ver a sua biografia no *Livro dos óbitos de Paço de Sousa*, Biblioteca Municipal do Porto, Ms. 173, f. 172v.

o nosso códice. São dele, creio eu, as anotações do séc. XVIII e a transcrição da genealogia de Mendo Moniz, feita por baixo do original a f. 58v. Fr. António Meireles, por volta de 1798 deu nova organização ao cartório de Paço de Sousa e voltou a utilizar o cartulário. Em 1834, com a secularização, desapareceu do mosteiro e depois veio a cair nas mãos de particulares. Foi salvo por Boaventura António Pereira de Magalhães ([12]). Em 1870 estava para ser vendido em leilão, junto com outros cento e sessenta e sete manuscritos pertencentes a D. Maria Correia da Costa, quando foi apreendido pelo Estado e entregue ao Arquivo Distrital do Porto ([13]) onde ficou até hoje.

Não é necessário encarecer o valor do *Livro dos Testamentos*. Basta dar alguns exemplos significativos de documentos mais interessantes, como o que nos permite conhecer a vinda para Paço de Sousa do abade Randulfo, fugido da região de Santa Maria durante as incursões de Almançor (f. 48v-49r, publicado nos *DC* 169); o único documento português até hoje conhecida datado do ano 1000 (f. 14v-15v, inédito); a doação de Egas Moniz ao Mosteiro quando nele veio enterrar seu filho Mendo (f. 57v); várias doações de outros membros da família de Riba Douro; a importante venda feita ao mosteiro por Egas Pais, e que fala das suas dificuldades financeiras e do seu divórcio por esterilidade da mulher (f. 52r-v); outros documentos de grande interesse para o estudo das instituições monásticas e sociais, da organização do domínio e da relação dos monges com os patronos.

O material contido no códice é, portanto, de uma certa importância. Mas poderá ser utilizado com segurança? Não haverá nele falsificações ou actos mal copiados?

A perda de todos os documentos avulsos de Paço de Sousa não permite fazer uma sondagem a partir da comparação entre uma cópia e um original. Tem portanto que se verificar o valor das cópias apenas a partir do próprio códice.

Não estamos muito seguros de que o copista soubesse ler bem a escrita visigótica da maioria dos originais, porque se encontram algumas

---

([12]) Na f. 1v, de papel, tem escrita a seguinte nota: «Este he o Livro dos testamentos do extinto convento de Passo de Sz.ª; q.ª por accazo salvei da destruição q.ª m.tos outros preciozos livros sofrerão na extinção dos Frades. [*assin.*:] Boaventura Ant.º Per.ª de de Mag.».

([13]) Ver a lista destes manuscritos no Arquivo Distrital do Porto, Paço de Sousa, códice 99.

faltas evidentes de leitura. Além disso deixou incompletas as datas de dezanove documentos, escrevendo apenas M, MC ou MCC e deixando depois destes números um espaço em branco. Mas o próprio cuidado que ele tem em deixar um espaço em branco significa que não quis enganar o leitor com interpretações pouco seguras. Isto sugere um escriba provàvelmente honesto, embora nem sempre muito seguro na leitura de alguns documentos.

Por outro lado, a análise interna dos documentos não permitiu encontrar nenhum caso de fraude, nem mesmo exemplos evidentes de datas erradas. Podem-se apenas apresentar dois casos de datas pouco seguras, mas em nenhum deles podemos afirmar o erro com segurança. Trata-se, em primeiro lugar, do documento de f. 45, que cita o abade Afonso (1135--1139) em 1153. Ora sabemos que em 1146 já era abade de Paço de Sousa o ser sucessor. Teria o copista lido, por engano, MCLXXXXI em vez de MCLXXXI, e transcrito, para simplificar, MCLX'I (= 1143)? É possível, mas não certo. O abade Afonso podia ter resignado o seu cargo e viver ainda em 1153, com o título de abade, como aconteceu com o seu predecessor Alvito (1114-1115) e com o seu sucessor Monio Ermiges (1170), que resignaram igualmente ao cargo abacial (14).

O documento de f. 10r-v, que dá o título de arcebispo a S. Geraldo, também pode ser posterior à data que apresenta, 1095, porque S. Geraldo só podia ter usado tal título depois de 1100. Mas também pode ter acontecido que o copista tivesse escrito *archiepiscopus* e o original trouxesse a palavra *episcopus*. Há casos semelhantes na *Liber Fidei* (15).

Nada nos induz, portanto, a supor intenções fraudulentas da parte dos copistas do *Livro dos testamentos*. Nem sequer temos a certeza de haverem cometido erros. Em compensação o historiador tem de proceder a um trabalho de crítica para tentar descobrir as datas aproximadas dos documentos em que elas foram deixadas incompletas, ou daqueles que não trazem data alguma. Em alguns casos é possível obter um resultado aproximativo. Os autores desta publicação facilitam a utilização dos documentos que estão nestas circunstâncias, indicando, em cada caso, os elementos que permitem atribuir-lhes uma data aproximada.

Feito o balanço destes indícios, fica-se com a impressão que o cartu-

---

(14) Ver a lista dos abades de Paço de Sousa em J. MATTOSO, *Le monachisme ibérique et Cluny* (Lovaina 1968) 16-17.

(15) Nota de A. de J. da COSTA ao *Liber Fidei*, ed. cit., n. 151.

lário merece, no seu conjunto, a confiança do historiador e que pode quase sempre ser usado com fonte segura para a reconstituição do passado.

Tudo isto são razões para agradecer à Sr.ª Dr.ª Maria Teresa Monteiro e ao Sr. José João Rigaud de Sousa a transcrição e apresentação crítica do cartulário de Paço de Sousa. Eles põem assim à disposição dos historiadores um importante instrumento de trabalho. A competência paleográfica da primeira e as qualidades de investigação do segundo são garantias de que esta edição merece a confiança dos leitores. Esperemos que o seu empreendimen obtenha o sucesso que merece e suscite mais publicações do mesmo género.

Introdução

O *Livro dos Testamentos* de Paço de Sousa é um cartulário de cinquenta folhas de pergaminho medindo 346 × 222 mm. existente no Arquivo Distrital do Porto onde está registado sob a cota «S. M. Mosteiro de Paço de Sousa 79».

O cartulário, de que se perderam as oito primeiras folhas, foi encadernado no séc. XVII e inicia-se por um caderno de dez folhas de papel às quais se seguem as de pergaminho numeradas de 9 a 58 com letra do séc. XIV (numeração romana) e, outra vez, com letra do séc. XVII ou XVIII (numeração arábica). Cada caderno de pergaminho tem oito folhas à excepção do penúltimo que tem seis e do último que tem só quatro. A mancha, em duas colunas, mede 270 × 178 mm. (82 mm. de largura para cada coluna) e contém trinta e sete linhas, que na penúltima folha não só trinta e três, e na última vinte e seis, estando incompleta a última coluna (mede 202 × 75 mm.).

No verso da última folha foi escrita, em letra do séc. XIV, uma genealogia, a toda a largura da página (altura 85 mm.). A esta genealogia segue-se uma transcrição em letra que parece ser do séc. XVIII. Na parte inferior da margem externa desta folha vê-se uma linha, no sentido vertical, em letra do séc. XII e com 130 mm. de comprimento.

Nas margens, cabeças e pés das folhas há transcrições, em letra semelhante à da numeração arábica, dos nomes dos locais citados nas escrituras, bem como das datas destas.

Algumas das últimas folhas foram raspadas e novamente utilizadas (fig. 4 e 5).

A lápis azul foi escrito na primeira folha de papel «S. M. Mosteiro de Paço de Sousa 79 vol. de 9-58 flts. de pergaminho numeradas». No verso, a tinta, lê-se «Este é o Livro dos Testamentos do extinto Convento de Passo de Sz.ª; q.e por accaso salvei da destruição q.e m.tos outros preciozos livros sofrerão na extinção dos Frades.

[assinado] Boaventura An.to Per.ª de Mag.».

A encadernação é do séc. XVII em inteira pele castanha mosqueada com sete nervuras na lombada. A única inscrição que ostenta está num rectângulo e diz em letras douradas «N.º II DA GAVETA / 30.EIª DA / / MISCELANEA» (fig. 1).

O estado de conservação do cartulário é razoável, notando-se só algumas manchas de humidade em algumas folhas, e só a última é que está um tanto «ratada».

Com a extinção das ordens monásticas, as livrarias e arquivos dos mosteiros dispersaram-se e grande parte deles perderam-se, o que ia acontecendo com o Livro de Testamentos de Paço de Sousa. Pela nota que lá figura vemos que, em data indeterminada, passou à posse de Boaventura Pereira de Magalhães. Sabemos também que estava na biblioteca do Dr. José Correia Pacheco Portocarrero, que por morte deste senhor os herdeiros organizaram um leilão dos seus livros e que, pelo catálogo da venda, o Estado tomou conhecimento da existência do cartulário e o mandou recolher ao Arquivo Distrital do Porto por se tratar de documento do cartório do mosteiro de carácter oficial. Assim se salvou de possível extravio este precioso manuscrito (1).

Ao transcrever o texto, desdobraram-se as abreviaturas e ligaram-se ou separam-se elementos de palavras segundo uma grafia lógica.

Nas omissões, reconstituíram-se as palavras entre [].

O entrelinhado é indicado pelo sinal <>.

Modificou-se apenas a potuação com vista à coerência do discurso.

---

(1) Abílio de MIRANDA — *Fundação do Mosteiro de Paço de Sousa e seus padroeiros* in «Douro-Litoral», I, (1940), pág. 87.

Sobre o cartório de Paço de Sousa pode-se consultar:

Fr. António de Assunção Meireles — *Índice do cartório*, cód. 101 e 102 do Arquivo Distrital do Porto.

Fr. Ant. da A. Meireles «Memórias de Paço de Sousa» ed. de Alfredo Pimenta, Lisboa 1942.

Fr. José Mattoso — «Os cartórios dos mosteiros beneditinos na diocese do Porto» in *Anuario de Estudios Medievales*, I, (Barcelona, 1964), pp. 139-166.

Fr. José Mattoso — «Le monachisme ibérique et Cluny», (Louvain, 1968).

Reservou-se o uso de maiúsculas para nomes de pessoas e lugares.

O fim da primeira coluna é indicado por //.

Quanto aos erros do copista, conservou-se a sua grafia, seguindo-se a indicação (*sic*).

Nas datas, a numeração romana, conquanto no texto comporte algumas minúsculas, foi transcrita segundo os moldes usados actualmente. A transcrição do número quarenta foi sempre dada conforme a numeração romana.

N.° II DA GAVETA 30 EI° DA MISCELANEA

1

1135, Outubro, 1 — Goina faz doações em local indeterminado.

(fl. 9r.) hereditates integras cum omnibus praestationibus suis, ut post obitum meum seruiant ad ipsum locum iam superius nominatum. Siquis tamen quod ego non credo fieri aliquis homo uenerit ut uenerim ad imrumpendum contra hunc testamentum pariat ipsas hereditates in duplo, ad illum qui uocem huius testamenti pulsauerit et aliud tantum in iudicatum. Insuper uero si se a talibus culpis quam tocius corrigere uoluerit: in primis sit excomunicatus et a corpore et sanguine Ihesu Christi sit segregatus, et cum Iuda traditore sit damnatus, et in perpetuum cum diabolo sit confusus et qui hoc testamentum plus laudauerit uel defenderit tam de meis quam de extraneis, plus benedictionem recipiat. Aliam uero scripturam antepositam post positam stabiliri minime permitto sed istam in eternum Deo seruire mando. Facta carta testamenti die kalendas Octubris, era MCLXXIII. Ego iam dicta Goina hunc testamentum propriis manibus meis roboro. Pro testibus: Sisnandus testis. Diagus testis. Egas testis. Alfonsus abbas, quid vidit.

2

1168 — Elvira Mendes doa bens nas terras de Penafiel e de Benvier.

TESTAMENTUM DE IELYIRA MENENDIZ IN TERRA DE PENAFIEL

In nomine Domini nostri Ihesu Christi amen. Ego Ieluira Menendiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regni cum angelis sanctis. Offero sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palacioli et aliarum // reliquiarum que ibidem recondite sunt. Do et concedo partem de meas hereditates hi sunt pernominatas: in terra de Pena Fiel, in Villa Coua de Petra Fixa I kasal, in Laurdelo de Paredes I kasal, in terra Benuiuil in cauto de Uilla Bona, in uilla Traua-

cos I kasal, in Cardia kasal, ultra flumen Dorii in uilla de Papas II kasales, in Ramiris I kasal. Siquis tamen contra hoc testamentum meum irrumpere temptauerit pro sola presumtione in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta series testamenti era MCCVI. Ego Ieluira Menendiz in hanc cartam testamenti quod sponte iussi fieri manus meas Roboro. Protestibus: Pelagius testis. Garcias testis. Petrus testis.

3

C. 1169 — Maior Mendes doa bens na terra de Benviver

DOMNA MAIOR MENENDIZ IN TERRA BENUIUIR

In Domini nostri Ihesu Christi. Ego Maior prolis Menendiz deouota facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem recondite sunt. Do et concedo partem de meas hereditates hi sunt pernominatas: in terra de Benuiuir prope flumen Dorii in uilla Poiares II kasales cum quarta de ipsas ecclesias de Sancta Maria de Pena Longa, et de Sancto Thome in Agrela I kasal. Siquis tamen contra (fl. 9v.) hoc testamentum meum inrumpere temptauerit pro sola presumtione: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta series testamenti era MCC [...]. Ego Maior prolis Menendiz in hanc cartam testamenti manus meas roboro. Pro testibus: Egas testis. Pelagius testis. Monius testis

4

1083, Agosto, 9 — Emiso Ermiges doa «post mortem» bens que foram de Egas Moniz e de Toda Ermiges, em Galegos e Astromil

TESTAMENTUM DE EMISO ERMIGIZ

Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus gloriosisque urginibus conditoris et redentoris nostri Sancti Saluatoris, Sancte

Marie semperque uirginis cum omnibus uirginibus Sancti Michaelis archangeli cum omnibus archangelis, Sancti Petri apostulorum principis, cum ceteris apostolis Sancti Stephani Levite Christi cum martiribus Sancti Iohanis Babtiste qui pro Christo inicum martirii sumpsit quorum baselica scita dignoscitur. In loquo quos uocitant uilla Palacioli, subtus mons ordines, territorio Anege secus riuulo Sausa uocabulo Sancti Saluatoris. In Dei nomine Ihesu Christi amore illius ecclesiae perpetuitatis honore ancila uestra ad Deo promissa superius nominata Emmiso cum pecatori mole depressa et spes in Deo fiducia, ut pro remedio anime mee non usque quaque disperatione dedicio quod etiam texte conscientie mee criminis expauesco ut per uos sanctissimi matris, tam de reconciliari merear // deouote et reddite Domino Deo nostro. Do et concedo ab ipso loco supra dicto, ut remedio sit anime mee ibi contesto uillas nominatas de hereditate quos fuit de Egas Moniz et de Toda Ermiges in uilla Galegos mea portione integra quanta inde a michi uenit inter fratres meos uel heredibus per ubi illa potuerit inuenire cum cumtis aprestacionibus in se obtinet et aprestitum omnis est. Et de uilla Uestremir V integra cum omnibus adiuncionibus et aprestacionibus suis que in se obtinet et aprestitum omnis est per ubi illa potueritis inuenire. Ego Emiso Ermigiz do ipsas uillas in mea uita ad meo arbitrio deseruiant ubi uoluntas mea fuerint, et post obitum meum ab ipsius locis co[n]cedo et confirmo pro remedio anime mee. Et pro atolerancia monacorum et elemosina pauperum ut Domino meo memorescent qui bonus fuerint, et in uita sancta perseuerauerint, et in officio ad opus Deum seruiendo, et uita monastica tenuerint; habeant et possideant, et licentiam non dabo uendendi nec donandi nec in alis partes extraneandi. nisi ad illo sancto deseruiant per indiuidue Sancte Trinitatis et hunc confirmo; et si hunc factum meum aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere quesierit aut temptare uoluerit, quod absit in primis sit excomunicatus, et ab omni eclesia reus, et a comunione sancta separatus, et a fide catolica cum (fl. 10r) impiis sceleratus, et cum Iuda traditore habeat participacio in eternum dampnatione et insuper iudices stancia et pontifices ordinatio pariat ab ipso loco sancto quod desuper taxatum est quantum inde usurpatum fuerit duplatum, triduplatum, quadruplatum secundum lex docet; et hunc factum meum plena habeat firmitati usque in perpetuum. Facta series testamenti die quod erit V idus Augusti, era MCXXI. Ego domna Emiso Ermigiz in hanc kartam manibus meas Roboro. Qui presentes fuerunt: Fagildus abbas confirmant. Johanes abbas confirmant. Ermigio abbas.

5

Antes de 1095, Julho, 30 — D. Egas Ermiges e a sua mulher Dona Gontina Eriz doam bens nas terras de Penafiel, Paiva e Arouca

TESTAMENTUM DE DOMNO EGAS ERMIGIZ ET DE UXOR SUA DOMNA GONTINA ERIZ

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spiritu Sancti. Nos humiles licet pecatores tamen Christi creduli atque eius percepta sequentes propter metum gehenne ignis uel gloriam uite eterne desid[e]-rantes, Egas Ermigiz et uxor mea Gontina Eriz ut partem mereamur adipisci cum cetu sanctorum iustorum in regno celorum. Offerimus sancto et uenerabi altari quod est sanctialiter dedicatum in honore Sancti Saluatoris nostri redemptoris, ceterorum ue (1) ipsius sanctorum quorum reliquie ibidem sunt recondite, obtolerantiam monacorum et misericordiam pauperum. Damus et concedimus partem de nostras hereditates, hi sunt pernominatas, in terra de Pena Fiel in uilla Figuiera ipsa hereditate que fuit de Gunsaluo Alfonso, et alia que conparauimus per nostrum precium iusto quomodo obtinerem per nostras car-//tas. In terra de Pauia ipsa uinea quod uocitant Bazelo, cum suo casal et cum omnem suam rectitudinem per ubi illa potueritis inuenire: in Sauaris III casales integros et medietate de ipsa eclesia Sancto Petro, et alia medietate inplazada, et medietate de Toeriz; in Picotas illa hereditate que fuit de Cidi Stephaniz; in termino de Canelas quarta de Sancto Michael de Inter Ambos Ribulos et quarta de ipsa piscaria que dicent de Fratres; in terra de Aroca V integra que fuit de domno Ero pater de domna Gontina Eriz, et Sancto Genesi cum ipso casal de Afonte; post mortem de Pelagio Maruaniz. Si aliquis homo uenerit tam de nostris quam de extraneis qui contra hoc testamentum ad inrumpendum, et illum inquietare uoluerit et si se non emendauerit, quinque milia solidus argenteis monete probate post partem ipsius monasterii reddat, et insuper quantum inde peruim aprehenderit in quadruplum conponat, sicut in decretum est canonis et libri iudicialis de talibus sunt instituta, et si quod absit ipse presumptor in sua pertinacia persistere uoluerit tamdiu permaneat excomunicatus, et ab ostio sancte eclesie alienus quamdiu permanserit pertinaciter in tam graui facimus conligatus. Facto hoc series testamenti temporibus Adeffonsi regis et domni

(1) Por «uel».

Giraldi bracharens ecclesie uenerabilis archiepiscopi. III kalendas Agustas. (fl. 10v.) Ego Egas Ermigiz et uxor mea domna Gontina in hanc kartam manus nostros roboramus, quando fuit migratus domno Egas era MCXXXIII et domna Gontina era MCLVIII. Requiescant in pace amen. Sesnando testis. Odorius testis. Telus testis.

6

1142 — Vivila Viegas doa bens nas terras de Penafiel, Castanheiro e Poiares de Canelas (Sobradelo), de Paiva (Serradelo) e de Arouca (Minhões e Moldes)

TESTAMENTUM DE UIUILI UENEGAS

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Uiuili Uenegas, facio series testamenti pro remedio anime mee, ut partem merear adipisci in celestibus regnis ad Domino seculis infinitas cum angelis sanctis; offero huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palaciolo cum alliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do et concedo partem de meas hereditates hi sunt pernominatas, in terra de Pena Fiel, in uilla Castinaria de Susana V casales, in Poiares II casales, in terra de Canelas, in Sobradelo I casal, in terra de Pauia, in Cerradelo I casal, in terra de Arouca, in uilla Numanus I casal, in Molnes I casal; siquis tamen contra hoc testamentum meum inrumpere temptauerit pro sola presumtione: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta series testamenti, era MCLXXX. Ego Uiuili Uenegas in hanc kartam manus meas rouoro. Pro testes: Michaelis testis. Petrus testis. Pelagius testis

7

Cerca de 1139 — Goina Viegas doa bens nas terras de Paiva (Picotas, Nogueira e Novais), de S. Félix (Travanca) e de Arouca (Figueiredo)

TESTAMENTUM DE GOUINA UENEGAS

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego // Goina Uenegas facio series testamenti pro remedio anime mea ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis suis; offero hui

sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquis que ibidem sunt recondite, do et concedo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in terra de Pauia in Picotas I casal et fuit canbiado pro ipsum de Senoselo, et in uilla Nogueira I casal, in Nouales I kasal et in terra de Sancto Feliz in Trauanca I kasal, in Arouca in Figueiredo I casal. Siquis tamen contra hoc testamentum meum inrumpere temptauerit pro sola presumptione: in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta series testamenti era MC [...]. Ego Goina Uegas (2) in hanc cartam testamenti manus meas roboro. Pro testes: Pelagius testis. Diago testis. Petrus testis.

8

1137 — Unisco Petriz doa nas terras de Arouca (Conguste), de Penafiel (Rande) e Avessadas no Marco de Canavezes

TESTAMENTUM DE UNISCO PETRIZ

In nomine Domine nostri Ihesu Christi. Ego Unisco facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis; offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite; do et concedo ipsas hereditates hi sunt pernominatas: in Congustu II kasales, in Randi II casales, in Aue- (fl. 11r.) zades I kasal. Siquis tamen contra hoc testamentum meum inrumpere uoluerit temptare, pro sola temptacione: in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsas hereditates in duplo. Facta series testamenti era MCLXXV. Ego Unusco Petriz in hanc kartam manus meas Roboro. Pro testes: Monius testis. Pelagius testis. Gunsaluo testis.

9

1103 — Unisco Viegas doa bens em Fornos, terra de Tuias e em Rio de Galinhas

(1) Por «Uenegas».

TESTAMENTUM DE UNISCO UENEGAS

In nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Unusco Uenegas facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis; offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do et concedo partes de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in terra de Tuias in uilla Fornus II casales et medio, in Rio de Galinas I kasal. Siquis tamen contra hoc testamentum meum inrumpere uoluerit, pro sola temptacione: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condemnatus, et insuper pariat ipsas hereditates in duplo. Facta series testamenti era MCXXXXI. Pro testes: Garcia testis. Petrus testis. Pelagius testis.

10

1172 (?) — Ouroana Raimundes doa bens nas terras de Arouca, (Conguste e Provezende) Paiva (Fornos e Varziela) e Penafiel (Rande)

TESTAMENTUM DE HOUROANA REIMONDIZ

In nomine Domini nostri Ihesu Christi. Houroana prolis Reimundiz facio se-//ries testamenti pro remedio anime mee, ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis; offero huic sancto et et (*sic*) unenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do et concedo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in terra de Arauca in Congustu I casal; in Prouezendi I casal, cum omnem suam rectitudinem tam in eclesia quam in laicale; in terra de Pauia in Fornus I casal; in Uarzenela I kasal In terra de Penafiel in Randi II kasales cum omnem suam rectitudinem. Si aliquis homo uenerit contra hoc testamentum ad inrumpendum pro sola temtacione sis ad perfectionem uenerit et si se non emendauerit: in primis sit excomunicatus, et a corpore et sanguine Domini Ihesu Christi separatus et cum Iuda traditore sit in inferno sit perditus et condempnatus, et pariat qui uocem huius monasterii imperauerit ipsum testamentum duplatum. Facta karta series testamenti, notum die era MCCX. Ego Auroana Reimondiz in hoc testamento quod sponte iussi fieri propriis manibus Roboro. Pro testes: Menendus testis. Martinus testis. Pelaius testis.

11

1141, Setembro, 26 — Pedro Viegas doa bens nas terras de Penafiel (Coreixas, Corveira, Jugueiros e Eiriz) e Arouca (Provosende, Conguste, Urrô e Moldes)

TESTAMENTUM DE PETRO UENEGAS

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spiritu Sancti (fl. 11v). Ego humilis exigua Christique seruus Petrus Uenegas, quatinus euadere ualeam penas inferni, et adquirere possim gloriam uite eterne, per misericordiam Christi; offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Pacioli monasterii, quod situm est secus ribulum Sause, obtolerantiam fratrum et uita monacorum. Hi sunt hereditates pernominatas in uilla Corexses unum casalem, in Curueira II casales et Arouca in Prouesendi unum casal, in Congustu I casal, in Orriolo I casal, in Iugarios I casal, in Eiriz I casal, in Molnes I casal cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Si autem aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis contra hoc testamentum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus, et a corpore et sanguine Ihesu Christi segregatus, et nisi se correxerit cum Iuda traditore uel cum diabolo in inferno sit perditus, et insuper pariat ipsam hereditatem duplatum et iudicato domno terre. Facta karta testamenti VI kalendas Octubris, era MCLXXVIIIJ. Ego Petro Pai in hoc testamento quod sponte iussi fieri, propriis manibus roboro. Pro testibus: Menendus testis. Gunsaluus testis. Gomiz testis.

12

1064, Julho, 10 — Pedro Viegas e sua mulher dona Sancha doam bens no território de Portugal e nas terras de Penafiel (Atães, Fonte Arcada, Escariz, Galegos, e Ceidoneses) e de Paiva (Serradelo)

TESTAMENTUM DE PETRO UENEGA ET UXOR SUA

Domnis inuictissimis hac trimphatoribus sanctisque martiribus sanctisque glorissimis Sancti Saluatoris, et Sancte Marie semper uirginis, et quorum ceterum reliquiarum dignocitur esse fundata in ualle Palaciolo acisterio monas // monasterium. Ego famulo Dei Petro Uenegas una cum uxor mea domna Sancia testamus nostra racio de Athanes prope flumen Dorii

prope flumen maris, territorio Portugal subtus mons Gondemar et sunt ipsas hereditates III casales cum omni suam rectitudinem, et damus illas pro nostro filio Petro paruulo qui fuit migratus in nostro iure; et damus pro animas nostras hereditates pernominatas: in terra de Penafiel I° V^to^ (1) inter Fonte Archada et Crestimir I kasal, cum omnem rectitudinem; in Ascariz II kasales; in Galegus II kasales cum nostra portione de ipsa ecclesia; in Ceidones I kasal; in terra de Pauia, in uilla Cerradelo, VI integra per ubi illa potueritis inuenire; contestamus ad ipsum monasterium ipsas hereditates que sursum resonant ut ante Dominum nobis merces adueniant ut nos et illos qui illas ganauerunt partem habemus in reg[n]um celorum et Dominus memor sit uobis semper et ipsum que in testamento resonat non damus partem laicalem licitum uendere nec donare nec alium locum testare sed sana et integra deseruiat ad ipsum locum sanctum qui sursum resonat. Ad frates et sorore que ibidem abitantes fuerint et uita sancta perseuerauerint et ipsum locum santcum illuminauerint, et que nobis habeant in memoriam et in orationem in memoriam sin semper, et sicut per profetam intonat dicens: Domine, de manu tua accepimus et dedimus tibi et qui istum factum nostrum testamentum infringere quesierit unus ex progenie nostre (f. 12r) exquibus extraneis rapax, contumax in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in inferno sit perditus. Erit die VII idus Julii, era MCII

13

1096 — Egas Petriz doa bens nas terras de Aregos (S. Romão, Bafoeiras) e de Penafiel (Vilar e Vila Meã)

TESTAMENTUM DE EGAS PETRIZ.

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Paris et Filii et Sancti [*sic*] amen. Ego Egas Petriz facio series testamenti de mea hereditate propria que fuit de genitori meo Petro Uenegas. Testo pro remedio anime mee, et genitoris mei, ad locum Sancti Saluatoris de Palacioli, et est pernominata ipsa hereditate: in terra de Aregus in Sancto Romano et in Bafoeiras est pernominata V casales et cambiarunt illos cum Osorio Pelaiz, in terra de Pena Fiel in uilla de Uilar inter Galegos et Fafilanes et in Uilla Mediana inter Oliuaria et Figueira. Do et contesto per suis locis terminis nouissim [*sic*]

(1) Um «quinto».

et antiquis; si autem aliquis homo uenerit tam de propinquis quam de extraneis contra hoc testamentum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus et a corpore et sanguine Ihesu Christi segregatus et nisi se correxerit, cum Iuda traditore uel cum diabolo in inferno sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum duplatum et indicatum domno terre. Facta carta testamenti era Milesima CXXXIIII. Ego Egas Petriz in hanc kartam testamenti propriis manibus Roboro

14

1105 — Afonso Petriz e seu irmão Mónio Petriz doam a vila de Porcas

TESTAMENTUM DE AFONSO PETRIZ CUM SUO FRATER MONIO PETRIZ

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spiritu Sancti amen. Ego Alfonsus Petri simul in unum // cum frater meo Moniu Petriz et sumus filius de domnus Petrus Uenegas et domna Santia. Quatinus ualeamus penas inferni et adquiramus gloriam uite eterne per misericordiam Christi; offerimus sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris Palacioli monasterii quod situm est secus ribulum Sause ob tolerantiam fratum et uita monacorum. Hi sunt hereditates pernominatas: Villa Porcas integra quomodo est determinata, per suis locis et terminis nouissimis et antiquis, he sunt que fuerunt ab antiquis pressoribus determinatas incipientes in illos parietes antiquos super illas canales ubi dicieetur Asinella et superius per illam petram scriptam et deinde superius per ipsum pauimentum petrarum indirectu ubi statutem sunt ipse petre in modum clausure et de inceps tenendi ipsum pauimentum in Buzaqueiras per illum comarum et inde pergit ipsum pauimentum ad infestu sursum indirectu inplicat se in illum penetum et inde in illas cantaras que est petra prefixa in qua sunt cauee multe ad eo facte et inde ad illum cauum et inde uadit ipsum pauimentum et ipsa diuisio indirectu ad inprono et inplicat se in una petra prefixa et in aquam de ipsa petra descendit ipse termino in illo ribulo de Sonosu et inde infestu quomodo ipsa aqua discurrit usque ad cacumina moncium ipsorum, et infundit super Sancta Maria per illa petra scripta qui iacet iusta illam uillam et inde superius per illum pauimentum petrarum et in — (f. 12v.) de per illa barchal et inde per illum comaro super illum noual de Gonsendo. Damus et testamus ad ipsum locum iam super taxatum pro remedio animarum nostrarum. Si autem aliquis homo uenerit

tam de propinquis nostris quam de extraneis contra hoc testamentum inrumpendum: in primis sit excomunicatus, et a corpore et sanguine Ihesu Christi segregatus et nisi se correxerit cum Iuda traditore uel cum diabo in inferno sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum duplatum et iudicatum domno domno terra. Facta karta testamenti era MCXXXXIII. Ego Alfonso Petriz una cum fratre meo Moniu Petriz in hoc testamenti quod sponte iussimus fieri propriis manibus roboro.

15

1105 — Paio Peres Romeu doa bens nas terras de Benviver e Penafiel e em Entre-os-Rios

TESTAMENTUM DE PELAGIO PETRIZ ROMEU

In nomine et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen Ego humilis exiguus Christique seruus Pelagius Petriz cognomentu Romeu. Quatinus euadere ualeam penas inferni et adquirere possim gloriam uite eterne per misericordiam Christi, offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Palacioli monasterii quod situm est secus ribulum Sause ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum; hi sunt hereditates pernominatas in terra de Benuiuil in Uimineiro tertia integra de ipsa uilla, in Complentes I kasal, Sancto Michael de Inter Ambos Rribulos IIII integra de ipsa ecclesia et de ipsa pescaria de fratres IIII integra // in ipsa Uilla de Coua I kasal, de Sancto Pelagio de Portela IIII integra cum omnem suam rectitudinem, in Figueira medietate de ipsa ecclesia de Sancta Marina et in Lagares I kasal et mea porcione de ecclesia cum suos dextros et cum omnem rectitudinem; in Ermigildi III kasales et de ipsa ecclesia mea porcione; in Canas in loco ubi dicente Pineiro III kasales cum omnem rectitudinem tam in ecclesiastico quam in laicale; in Laordoza in ipso cauuouco I kasal et de ipsa ecclesia de Sancto Saluador de Galegus media. De Sancti Ma (*sic*) Mametis de Fafilanes VIII de Sancto Petro de Auiregam IIII de Sancto Marcelo de Uilla Coua IIII de quarta quarta et de quarta VIII et unum bonum casalem cum omnem suam rectitudinem. Si autem aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis contra hoc testamentum ad inrumpendum uenerit: in primis sit excomunicatus et a corpore et sanguine Ihesu Christi segregatus et nisi se correxerit cum Iuda traditore uel diabolo in inferno sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum duplatum et iudicatum domno terre. Facta

karta testamenti era MCXXXXIIJ. Ego Pelagio Petriz cognomentu Romeu propriis manibus Roboro. Pro testibus: Petris testis. Garcias testis. Menendus testis.

16

1132 — Pedro Pais doa bens em Quintela na terra de Ferreiros que troca por outros situados em Sardoura

TESTAMENTO DE PETRO SAIDO

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Petro Pelaiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis (fl. 13r) sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite do et concedo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in Quintanela in terra de Ferrarius I kasal et cambiarunt illum pro alium in Sardoira iusta illo bacelo. Do et concedo ipsa hereditate pro remedio anime mee; et si aliquis homo uenerit tam de meis quam de extraneis qui hunc testamentum meum uiolare uoluerit, sit maledictus et excomunicatus et pariat ipsum testamentum in duplo. Facta carta testamenti era MCLXX. Ego Petro Saido in hanc kartam testamenti propriis manibus roboro.

17

1136 — Martinho Pais Galego doa bens em Fonte Arcada, terra de Gouveia

TESTAMENTUM DE MARTINO GALEGO

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Martino Pelaiz cognonomento Galego facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite et sunt ipsas hereditates pernominatas: in terra Gauuea in uilla Fonte Archada II kasales et medio per ubi illa potueritis inuenire cum omnen suam rectitudinem. Do et concedo ipsa hereditate ad ipsum monasterium de Palacioli et si aliquis homo uenerit tam de meis quam de extraneis qui hunc testamentum meum infringere

uoluerit, sit maledictus et excomunicatus et pariat ipsum // testamentum in duplo. Facta carta testamenti era MCLXXIIII. Ego Martino Pelaiz cognominato Galego facio series testamenti pro remedio anime mee et in hanc kartam manus meas Roboro

18

1161 — Maior Pais doa bens em Rabaçais

TESTAMENTUM DE MAIOR PAAIZ

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Maior Pelaiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Palaciolo cum allis reliquiis que ibidem sunt recondite et sunt hereditates pernominatas in Ribazales II kasales. Do et concedo ipsas hereditates ad ipsum monasterium de Palaciolo et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc testamentum meum infringere uoluerit sit maledictus et excomunicatus et pariat ipsum testamentum in duplo. Facta carta testamenti era MC LXXXXVIIII. Ego Maior Pelaiz in hanc kartam propriis manibus Roboro

19

1171 — Sueiro Pais, o Mouro doa bens nas terras de Penafiel (Figueira e Rio Mau) e de Paiva (Castro e Casal Perro)

TESTAMENTUM DE SUARIO MAURO

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Suario Pelaiz cognominato Mauro facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recon- (fl. 13v.) dite. Sunt ipsas hereditates pernominatas in terra de Pauia in Crasto V kasales, in Kasal Perro I casal, in terra de ePnafiel in Figueira II kasales, in Rriu Malo I kasal. Do et concedo ipsas hereditates superius nominatas cum omnes suas prestancias per ubi illas potueritis inuenire et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis contra hoc testamentum inrumpendum:

in primis sit excomunicatus et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi segregatus, et nisi se correxerit cum Iuda traditore uel cum diabolo in inferno sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo et iudicatum domno terre. Facta carta testamenti. era MCCVIIII. Ego Suario Pelaiz in hanc kartam quod sponte iussi fieri propriis manibus Roboro.

20

1152 — Elvira Petriz doa bens em Pedorido, Canelas, S. Miguel de Entre os Rios, *Sousilina,* Vilar e S. Mamede de Fafiães e mais a herdade da Deveza, ao mosteiro de Vilala

TESTAMENTUM DE GELUIRA PETRIZ

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Geluira Petriz facio series testamenti pro remedio anime mee et pro pauore gehenne ignis et pro remissionem pecatorum meorum. Offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palaciolo, propre flumen Sause subtus mons ordines, diocesi Portugal. Do et contesto partem de meas hereditates hi sunt pernominatas: in uilla Pedourido II casales, in Canelas I kasal, in Sancto Michael de Inter Ambos Rribulos duas tercias de unum kasal et de IIII de ipsa ecclesia duas partes, in Sousilina I casal et dedit pro meo filio Pelagio Gomez II kasales // in Uilar et media de ipsa ecclesia de Sancto Mamede de Fafilanes et dedit pro inde alia hereditate in ripa de Ferreira in uilla que dicent Deuesa ad monasterio de Uilela. Do et concedo ipsas hereditates superius nominata cum omnes suas prestancias per ubi illa potueritis inuenire et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis contra hoc testamentum inrumpendum: in primis sit maledictus et excomunicatus et corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi segregatus, et nisi se correxerit cum Iuda traditore uel cum diabolo in inferno sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamento in duplo et iudicatum domno terre. Facta carta testamenti era MCLXXXX. Ego Geluira Petriz in hanc kartam testamenti propriis manibus Roboro.

21

1162-1169? — Maior Gomes doa todos os seus bens em Santa Eulália de Pedorido e Rio Mau e recebe a título precário tres casais em Pedorido.

TESTAMENTUM DE MAIOR GOMEZ

IN nomine Domine nostri Ihesu Christi. Ego Maior Gomece facio plazo siue testamentum: in primo de meo corpo et de meo auer ad Sancto Saluator de Palaciolo per manu de meo filio domno [E]gas et de domno Ermi[gi]o Menendiz qui tenebat Penafiel et in manu de abbate domno Egas Gomezo et de Garcia Martiniz, qui tunc erat prior de ipso monasterio et aliis monacis que ibi habitant per tali pactu quia dedisset mihi Sancta Eolalia de Pedourido cum III casales in omni uita mea, et post obitum meum meo corpu et meo auer et duos casales de mea hereditate pernominatos in Rriu Malo uenissent ad Palaciolo omnem suam rectitudinem (fl. 14r.) et si unus ex nobis istum plazum exierimus tam ego quam de progenie mee, aut ipsum abbate aut aliquis homo in uoce de ipso monasterio quomodo componamus ipso plazo. Ipsas hereditates que sursum resonant duplatas et D solidos de puro argento et aliud tantum qui ipsam uocem pulsauerit, et in super sit maledictus et excomunicatus, et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi separatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus. Facta karta siue plazo era MCC [...]. Ego Maior Gomez in hunc plazum siue testamenti quod iussi fieri propriis manibus roboro et ego abbate cum omni conuentu propriis manibus roboramus.

22

1137 — Eiuva Pires doa bens na vila de Peroselo

TESTAMENTUM DE EIEUUA PETRIZ

IN NOMINE Domini nostri Ihesu Christi. Ego Eiuua Petriz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palacioli cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite, et sunt ipsas hereditates pernominatas in uilla Petroselo II casales cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Do et concedo partem de meas hereditates, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et in super pariat ipsas hereditates in duplo et domno terre aliud tantum. Facta carta testamenti era MCLXXV. Ego Eiuua Petriz // in hanc kartam siue testamenti propriis manibus roboro.

23

1102, Março, 24 — Garcia Iniguiz doa bens em Astromil, em S. Pedro de Cete, em Oldrões, em Andeade, em Quintela, em Milhundos e em Roriz.

TESTAMENTUM DE GARCIA INIGUIZ

IN NOMINE Domini nostri Ihesu Christi. Ego Garcia Iniguiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palacioli cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do atque testo et confirmo V de mea hereditate pernominata hi sunt de Uestrimir V mea integra. In Sancto Petro de Ceti I kasal, in Uldrianus ipsum que ego ibi habeo, in Andiadi quantum que ibi habeo, in Quintanela I kasal in uilla Muluudus et in Rooriz I kasal et medio et ipsa pescaria de Riu Malo ad illo porto sub illo saxo id est mediam de ipsam pescaria tantum uenit de parentibus meis; et si aliquis homo uenerit contra hoc testamentum inrumpendum in primis sit anathematizatus et cum Iuda traditore in pena sit dampnatus et ueniat illi quod uenit Datan et Abiron quorum corpori cum animas terra aperta uiuos igne cremauit, et pariat post parte ipsius testamentum temptauerit auferre in quadruplum et alio tantum iudici terre. Facio series testamenti notum die erit VIIII kalendas Aprilis, era MCXXXX. Ego Garcia Iniguiz qui hunc testamentum iussi fieri confirmo et manu propria Roboro. Pelagius testis. Monius testis. Sisnandus testis

24

1168 — Gontina Garcia doa um casal em Ceidoneses

TESTAMENTUM DE GONTINA GARCIA

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. (fl. 14v.) Ego Gontina Garcia facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do atque testo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in uilla Ceidoneses in loco ubi dicent Auteiro

de Dino I casal per ubi illa potueritis inuenire cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est; si autem aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam extraneis qui hunc factum meum infringere uolluerit: in primis sit maledictus et [ex]comunicatus et cum Iuda in profundum inferni sit dimersus, et insuper pariat ipsum testamentum duplatum et iudicatum domno terre. Facta carta series testamenti era MCCVI. Ego Gontina Garcia in hanc kartam uel testamenti propriis manibus Roboro. Pro testibus: Pelagius testis. Didagus testis. Petrus testis.

25

1158 — Pelagio Garcia doa bens na Terra de Penafiel (Vila Cova de Vez de Aviz)

TESTAMENTUM DE PELAGIO GARCIA

IN nomine Domine nostri Ihesu Christi. Ego Pelagio Garcia facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite; do et concedo ipsa hereditate, hi sunt pernominata: in Uilla Coua I kasal cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, subtus mons Monachi- // no discurrente ribulo Latrones, territorio Penafiel; do et concedo partem de mea hereditate, si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum inrumpere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus, et cum Iuda traditore in profundum inferni sit perditus et condempnatus; et insuper pariat ipsa hereditate in duplo et iudicato domno terre. Facta karta siue testamenti era MCLXXXXVI. Ego Pelagio Garcia in hoc testamento propriis manibus Roboro.

26

1000, Abril, 1 — D. Gontila doa vários bens em Campanhã, S. Romão de Coronado e Santa Eulália

TESTAMENTUM DE DOMNA GONTILI

Domnis inuictissimis ac triumphatoribus sanctisque Martiribus Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis Sanctorum Petri et Pauli cum XII apostolorum et Sancti Saluatoris que semper tenet principatum quorum baselica esse cernitur in uilla Palaciolo subtus mons ordinis discurente ribulo Sausa, territorio Anegia. Ego Gontili indigna deouota et in peccatis meis molle et graue depressa in Domino Deo eterna salutem, amen. Ideo placuit michi ut per scripturis facere ad uos Sanctis Dei et patronos meos quorum reliquie sunt recondite in hunc loco iam supra dicto ita sicut et facio textos scripture firmitatis de uillas meas proprias pro remedio anime mee, et de uiro meo Ermigio Louesendiz sicut illa obtinuit auio nostro Frumarico Zendonici sicut est determinata per suis terminis uicos et locis anticos cum suo acessu et regressu et illa senara quomodo est in sua clausula sicut illa ganauit domno Fromarico de Peceuino et de Uiarico uel de suis (f. 15r) heredibus pro precio et per cartas, et in territorio que est inter Aue et Dorio uilla nuc cupata (1) campaniana cum adiectionibus suis et cum media de ipsa ecclesia uocabulo Sancti Mametis et est hereditate ipsa diuisa per pasales in ipso campo que dicunt Fafia pasales in amplo VIIII, in longo XVII, et ipsos nostros pasales per cima et inpso (*sic*) campo de ipsa coua XV in longo, et XI in amplo per fundo. In campo de cernado, passales X in amplo XXIIII in longum In illo campo de super in ipso amenal pasales in longum XXVI et in amplo XVI, in ipso campo de sekeiros passales in amplo VIII, et in longum de monte in rribulo. In ipso pumar de Beion passales in amplo IIII, in longum de monte in ribulo. In campo de Exion medietate integra per fundum, et medietate de uarzena de Felgaria et medietate de illos linares do inter illos amenales et in ipsa senra leira de illo marco, usque in testamentum Sancti Mametis passales IIII in amplo et in longum XXXV, et in ipso ribeiro de Souilanes una leira, VIII passales in amplo, et in longum XXXVIII. De alia parte contra Midonceli, in ipsa rotela de ipso marco de cima usque in ipsa petra scripta, et in fundo de ipsa rotea de ipso marco, usque in ipsa strada VII passales in amplo, de monte in monte, et in Cornado ipsa ecclesia de Sancto Romanu tota integra cum omnem suam rectitudinem et Sancta Eolalia cum suos testamentos, et ipsa uilla et ipsos sanctos quomodo se leuam de archa aberta et inde per uallu que conclude cum agro de Fratres, con-//tra aquilon et diuide per agro de Godo, et uadit per uallo

(1) Por «nuncupata».

et fer in illo fontano, et uadit ad infestu, et finge se in agru de Toissilli et uadit per illa parede et finge se in agro que fuit de Aluito Godinici, et uadit per illo uallo usque in illa deuesa, et inde per illo liniolo quod cumclude ipsa deuesa, et inde ad illa alia archa in terminu de Tauron euaz in prono et finge se in illo rribulo Coruadino et uadit ad illo uallo que conclude illo pumar et in archa unde primiter in quo abimus, et agro que fuit de Crestimiru, hic iacet circa ilia arca et diuide cum linar, que fuit de Gondemiro comparaui medietate de Crestimiru, et illa alia medietate est contramuta cum inueando, propter a casa de Breton, in illo casal, supra casa de Gondemaru III et casal que fuit de Fragildu, et leira de Gondemaro medietate et de pumar que fuit de Fofo per suo uallo iusta fontano III hereditate, que fuit de Gondemaru cum sua quitana et cum suo postado, hereditate que fuit de Faldo et de sua quintana VI integra, et illa casa de Maria integra et de Selges hereditate tota integra, et aliuergo in uilla Maizani, et Astreiru racione que fuit de Gontinu suo filio integro, et racion de Goterre Aufici (1) et de sua mulier, Sicilo integra, et de racion de Braolo III et de racion de Odrozia medietate, et illa senrra que iacet circa Cornadino per aqua, et alia parte diuide cum leira de Rodri- (f. 15v) gu et de Leocadia, que conparaui de Selges, leua se ipsa senra de leira de Froia que uenerunt agontado et finge se in arroio qui discurre de fonte de Froia per ubi diuidet cum casal que fuit de Froia, et pumar de Gonta et casal de Godegia, et unde primiter in quo habimus et fuit ipsa senrra de Goterre et de Sicilo cognomento Bona et comparauerunt ea de Selges et de Aluiergo et de Sauarigo et de Aluito, et de suos filios siue et portione quae donauerunt a Guterre in suo ebulo ipsa senrra ibi concedo et hereditates de auio et demido casal que fuit de Frugufu, integro minus V et terras de ipso casal integras minus V hereditate de Bolmenco et de Senior V integra hereditate que fuit de Selges et de Aluiergo IIII et de racion de Braolo VII integra et de fratre meo Froia, et Leouina hereditate que habuit in uilla Paredes Secas, VI integra. Do ipsas hereditates pro remedio anime mee et de uiro meo, et de genitoris meis et do omnis meas res pernominatas: III caualos, IIII equas, I uas argenteum, III cloquearos argenteas, IIII seruuos; do et confirmo et hunc factum meum stantem et confirmantem habeat firmitate et non permitto ibidem licenciam abere a nullus homo non de sanguinibus meis neque de extraneis uendere, nec donare nec in alio loco testare aut in alio loco subiugare non propinquis non extraneis sed ingenua permeneat ad ipsam aulam sanctam pro

(1) Será «Aurifici»?

affratribus monacos sub regimine regula, et super istas scripturas // non ualeant anteriores nec posteriores, sed istas in eternum Deo mando, et si aliquis homo uenerit contra hoc testamentum inrumpendum quomodo conponant illum duplatum sicut in testamentum et in sententia resonant et iudicatum ad dominatorem terre. et insuper sit maledictus et exccomunicatus et cum Iuda traditore habeat participacio, et cum diabolus eius. Facta karta, mense Aprilis, era MXXXVIIJ. Ego Gontili deouota in hunc series testamenti, quod iussi fieri manus meas Roboro. Alfonso testis. Diagus testis. Vimara testis.

27

c. 1122 — Goldregodo Pais doa bens em Canelas e Pedorido.

TESTAMENTUM DE GOLDREGODO PELAIZ.

IN nomini Domini nostri Ihesu Christi. Ego Goldregodo Pelaiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili al (*sic*) altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do et concedo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in Canelas, I casal. In loco ubi habitauit Guimara Mai, et in Pedourido I kasal in cima de ipsa uilla; do et contesto ipsas hereditates in loco ipso, et si aliquis homo uenerit tam propinquis meis quam extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: In primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum in duplo et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti era MC [...]. Ego Goldregodo Pelaiz in hunc testa- (fl. 16r) mentum propriis manibus Roboro.

28

c. 1083 — Vivila Ermiges doa bens em Parada, Fafiães, Galegos e Pedorido.

TESTAMENTUM DE UIUILI ERMIGIZ

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Uiuili prolis Ermigiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero

huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite. Do et concedo partem de meas hereditates, hi sunt pernominatas: in Parata II kasales, in Fafilanes I kasal, in Galegus I kasal, in Pedourido I kasal. Do et contesto ipsas hereditates que sursum resonant ad ipsum monasterium iam supra dicto Palaciolo. et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum inrumpere uoluerit sit maledictus et comunicatus (*sic*) et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta karta siue testamenti era MC [...]. Ego Uiuili prolis in hunc testamentum propriis manibus Roboro.

29

? — Onega Fernandes doa bens em Canelas.

TESTAMENTUM HONEGA FERNANDIZ.

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spiritu Sancti amen. Ego Honega Fernandiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum allis reliquiis qui ibidem sunt recondite, hi sunt hereditates pernominatas: in Canelas, II kasales. Do et concedo // partem de meas hereditates, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et comunicatus (*sic*) et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta karta uel testamenti era MC [...]. Ego Honega Fernandiz in hunc testamentum propriis manibus Roboro.

30

Dep. 1105 — Nuno Ordonhes doa bens em Abragão na terra de Porto Carreiro.

TESTAMENTUM DE NUNU ORDONIZ

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Nunu Ordoniz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus

regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite hi sunt pernominatas ipsas hereditates: in terra de Portu Carreiru in uilla Auregan de ipsa quintana que fuit de meo patre et mea matre et de tota ipsa hereditate tercia integra est mea porcione, et alia tanta que ego comparaui de Pelagio Petriz pro meo precio et per meas kartas. Do et concedo nd [*por* ad?] ipsum locum iam supra nominatum et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et super pariat ipsas hereditates duplatas, et domno terre aliud tantum. Facta karta siue testamenti, era MC [...]. Ego Nunu Ordonici (fl. 16v.) in hanc kartam siue testamenti propriis manibus Roboro.

31

Dep. de 1105 — Maria Ordonhes doa bens no mesmo local do anterior

TESTAMENTUM DE MARIA ORDONIZ DE AUEGRAN

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Maria Ordoniz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem recondite sunt, et est pernominata IIII in uilla Auregam et diuide cum ipsa hereditate de meo fratre Nunu Ordonici. Do et testo ipsa hereditate pro anima mea, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum inrumpere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatas et cum Iuda traditore in inferni sit dimersus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo et iudicatum domno terre. Facta series testamenti era MC [...]. Ego Maria Ordoniz in hanc kartam siue testamenti propriis manib[us] Roboro.

32

C. 1079-1101 — Fernando Jeremias doa bens nas terras de Paiva e de Aguiar

TESTAMENTUM DE FERNANDO GERMIAS.

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis, Patris et Filii et Spiritu Sancti amen. Ego Fernandus Iermias facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis cum angelis sanctis infinitas. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite // hi sunt hereditates pernominatas: in terra de Pauia in Arrabia, IIII de ipsa uilla et de ipsa ecclesia de Sancto Iohane, et de ipsa piscaria, in terra de Aquilar, in Parada, II kasales. Do et concedo partem de meas hereditates, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus, et com Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentu min duplo. Facta carta siue testamenti, era MC [...]. Ego Fernandus Germias in hanc kartam uel testamenti propriis manibus roboro. Pro testibus: Diagus testis. Menendus testis. Martino testis.

33

? — Garcia Fernandes na terra de Paiva, na vila de Cerradelo

TESTAMENTUM DE GARCIA FERNANDIZ DE CERADELO

IN Nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Garcia Fernandiz facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear adipiscis in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palaciolo cum aliis reliquiis que ibidem sunt recondite, hec est ipsa hereditatem pernominata: in terra de Pauia, unum casalem in uilla Cerradelo. Do et concedo ad ipsum locum iam sup[er] dictum est; et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et comunicatus (*sic*) et cum Iuda traditore in infernum sit perditus (fl. 17r) et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum in duplo. Facta series testamenti, era M [...]. Ego Garcia Fernandiz in hanc cartam uel testamenti, propriis manibus Roboro. Pro testibus: Aluito testis. Petro testis. Menendus testis

34

1044, Julho, 6 — Toda Ermiges doa bens em Galegos, território de Anegia

TESTAMENTUM DE TODA ERMIGIZ. IN GALEGOS.

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego famula Dei Toda Ermigiz una cum filiis meis Ermigius et Monius et Petro et Emnego et Gomezo et Uiuili, in Domno Deo eterno salutem amen. Ob inde ego placuit nobis per bone pacis et uoluntas ut facimus a uobis domnos et patronos nostros Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper Uirginis et Sancti Michaelis Archangeli et sociorum eius ut facimus a uobis testum scripture series testamenti firmitatis de uilla nostra propria que habemus in uilla quos uocitant Galegos territoria Anega subtus mons ordines discurrente rribulo Zebrario et habet iacentia in ipsa uilla de Galegos nostra racione quos uenit in portione de nostra matre domna Uiuili et dedit nobis illa in casamento quarta porcione sicut ea obtinuerunt auios nostros nominibus Truitesendo Galindiz et Aimia, testamus ipsa uilla pro remedio uiro meo Egas Moniz ad ipso loco que sursum resonant, testamus ipsa nostra quarta cum omnis prestacionibus suis per ubi illa // potueritis inuenire in casas in uineas in pumares in sautos in fontes in montes in pascius palludis arbores fructuosas uel infructuosas aquas agrarum uel sesigas molinarum terras ructas (*sic*) uel inruptas et petras mouiles uel inmouiles exitum uel regresum quicquid ad omnis prestitum est ut de hodie uel tempore sid ipsa uilla de iuri nostro abrasa et ad ipsius locis sid traditas et confirmatas; siquis tamen quod fieri non credimus, et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hanc kartam siue testamenti ad inrumpendum hanc nos hanc progenie nostre hanc qualicumque generis homo uenerit quomodo pariemus ipsa uilla post parte de domnos qui ipsos locis obtinuerunt duplata uel quantum fuerit meliorata. Facta series testamenti notum die que erit II nonas Iulii, era MLXXXIJ. Ego Toda Ermigiz una cum filios meos Ermigiu et Monio et Petro et Emnego et Gomezo et Uiuili in hanc kartam manus nostras Roboramus. Pro testibus: Sisnandus testis. Carcemiro testis. Andreas testis. Gomeza testis. Astrulfus presbitero confirmat.

35

1102, Fevereiro, 25 — O presbítero Ero e o seu irmão Ario doam bens em Ascariz, territorio portucalense.

TESTAMENTUM DE ERO PRESBITERO ET DE SUO FRATER.

Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus, Sancti Saluatoris (fl. 17v) et Sancte Marie eiusdem genitricis Sanctorum Apostolorum Petri et Pauli et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palaciolo subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa territorio portugalense, nos exigui famulos Christi licet indigni Ero presbitero et Ariano damus atque testamus pro remedio anime nostre ad ipsum locum in honore sanctorum quorum ibi reliquie reconduntur heredite nostra propria que habemus in uilla Ascariz subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa territorio portugalensem in loco predicto, in ipso casale qui fuit de nostra matre nomine Ceti de sua hereditate tota medietate integra siue de parentela quam de ganancia ab integro per suis locis et terminis antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum ominis est. Damus illa pro remedio anime nostre ut ante Deum mereamur remissionem peccatorum in diem iudicii et audire abeo cum electis dicentem: Venite benedicti Patris mei percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc factum nostrum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in pena dampnatus et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datan et Abiron quos uiuos terra obsorbuit et insuper pariat ipsum testamentum qua//druplatum et iudicatum post parte abbatis ipsius monasterii aut quilibet persone. Facta series testamenti notum die erit V kalendas Marcii, era MCXXXX. Ego Ero presbitero et Arias suo germano in hoc testamentum propriis manibus Roboramus. Pro testibus: Sisnandis testis. Suario testis. Aluito testis

36

1085, Agosto, 15 — Ermigio Moniz doa bens em Erivo, terra de Penafiel

TESTAMENTUM DE ERMIGIO MONICI IN ERIBIO.

Dominis inuictissimis hac triumphatoribus Sanctisque Martiribus et Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper Uirginis Sanctorum Apostolorum Petri et Pauli uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palaciolo subtus mons ordinis discurrente ribulo Sausa territorio portugalensem. Ego exigui famulo Dei Ermigius, do atque testo pro remedio anime mee partem de mea hereditate scilicet medietate de ipsa uilla de Eribio que est in terra de Penafiel inter Sausa et Kaualunum

cum omnem suam rectitudinem et cum medietate de ipsa eclesia Sancti Uicencii et ganaui ipsa hereditate de rex domno Alfonso, do illam per ubi illam potueritis inuenire per suis locis et terminis antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum omnis est. Do illa pro remedio anime mee ut ante Deum merear remissionem pecatorum meorum et in diem iudicii audire abeo cum electis dicentem: Venite benedicti Patris percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit (fl. 18r) uel uenero qui hunc factum meum inrumpere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in pena dampnatus et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datan et Abiron quos uiuos terra obsorbuit et insuper pariat ipsum testamentum quadruplatum et iudicato post parte abbatis ipsius monasterii a cuilibet. Facta series testamenti notum die erit XVIII kalendas Setembri, era MCXXIIJ. Ego Ermigius Moniz in hanc kartam uel testamenti propriis manibus Roboro. Pro testibus Sisnandus testis. Garcia testis. Martinus testis.

37

1131, Setembro, 6 — Elvira Moniz doa bens em Serradelo

TESTAMENTUM GELUIRA MONIZ FILIA MONIU UENEGAS IN CERRADELO.

Ego Giluira Moniz pro remedio anime mee offero predicto altari Sancti Saluatoris Palacioli omnem mean hereditatem quantam que habeo in uilla Cerradelo, et uenit de porcione patris mei Monio Uenegas; siquis tamen quod fieri non credo aliquis homo uenerit uel uenerim contra hunc factum meum inrrumpere uoluerit, pro sola presumptione sit excomunicatus et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi segregatus et cum Iuda traditore in perpetuum dampnetur, nisi se correxerit et pariat illi qui uo huius testamenti pulsauerit ipsam hereditatem duplatam et iudicatum domno terre. Factum est hunc testamentum die VIII // [i]dus Septembris. era MCLXVIIII. Ego Ermigius Moniz in hanc kartam siue testamenti propriis manibus Roboro et predicto altari confirmo. Pro testibus: Sisnandus testis. Martinus testis. Petrus testis.

38

1071, Setembro, 27 — Egas Mendes, o Mouro doa bens em Vilar e Ermegilde

TESTAMENTO DE EGAS MOURO IN UILAR DE CRESCONI

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego famulum Dei Egas prolis Menendiz Dominis inuictissimis hac triu[m]phatoribus sanctisque martiribus conditoris redentois (*sic*) redemptoris et saluatoris nostri quam apostolis et seruis suis hac amicis sancti Saluatoris, sancte Marie semper uirginis, sanctorum Petri et Pauli, sancte Eolalie uirginis, sancte Christine uirginis, uel cedere que ibidem sunt recondite, uel fuerint quorum baselica es fundata dignoscitur in ualle predicto Palaciolo subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa territorio Anegie. In Dei nomine Ihesu Christi amore et illius glorie perpetuitatis honore seruo uestro perfecto superius nominato, quam peccatorum mole depresso in spe fiducia, que sanctorum meritis respirantes non usque que disperatione de itio, que etiam teste. Consciencie mee criminis pauesco ut per uos sanctissimi martiri tandem reconciliari merear Domino meo sufragia, que sanctorum omnibus supplicatione uotis omnibus implero et ideo deuocionis mee extitit, utque (1) ad inicium nascendi nouissimus usum, nec finem scire ualemus, quando hac luce migraturus sum et elegi ex (fl. 18v) uoluntate mea habonore (2) sancte baselice uestre aliquantulum offerre Domino dicente: Uouete et redite Domino Deum uestro. Do et concedo in loco super dicto, ut dixi, pro remedio anime mee hereditate propria que habeo in uilla pernominata Uilar, quos conparaui de Cidi Orodici pro precium et cartas ab in[te]gro et alia hereditate, quos contra mutaui ego primi qum (*sic*) Fromarico Monnionis in isto loco, et concedimus ibidem ad isto loco uno mollino in uilla Ermigildi pernominato in loco porto sub illo de susano et uno libro mistico et una cuculla de sugo seruiant ad ipsum locum superius nominato, quod edificauerunt nostras posteritates, unde ipsos domnos ante Dominum lucem inueniant. Concedo ibidem ad ipsum locum ipsa hereditate superius nominata, pro remedio anime mee et pro tollerantia fratrum monacorum uel sororum, et elemosina pauperum sacerdotibus et fratribus ibidem habitantibus et in uita sancta perseuerantes in officio ad opus Domini seruiendum habeant et possideant, ut Domino meo memores sint

(1) Por «usque (?)».
(2) Por «ab honore».

semper pro remedio anime mee, quod et iuratione confirmo per indiuiduam Trinitatem, qui contra hunc factum meum nunc uenerit inrumpendum aliquis homo inuidus et contumax rapax, aut superbus aliquid de fratribus filiis supinis uel progenie mee, qui uotum meum infringere temptauerit, quod // absit, in primis sid (*sic*) excomunicatus et reus a comunione sancta et separatus a fidem catholicam et cum impiis sceleratus sid (*sic*) incendio deputatum et cum Luda traditore in per[pe]tua damnacione et insuper iudices stancia et pontifices ordinatio pariet ad ipsum locum uel fratribus habitantibus et in uita sancta perseuerantes quantum inde usurpatum fuerit duplatum, triplatum, quadruplatam secundum lex concessa docet et hunc factum meum plena habeat firmitate. Facta series testamenti. V kalendas Octuber, quod era MCVIIII. Ego Egas Menendiz in hanc series testamenti propriis manibus roboro. Pro testibus: Menendus testis. Sisnandus testis. Martinus testis.

39

1087, Março, 29 — Monio Fromarigues doa *post mortem* bens em Galegos.

TESTAMENTUM DE MONIU FROMARIGUIZ.

IN Nomine Domini a summis descendit excelsis et in terris non dedignatus est conuersare cum omnibus hominibus conmorantibus in finis et in similitudinem carnis peccati ueram suscipiens formam nostre mortalitatis ut ovem perditamque in obediendo diabolo suadente perierat conligata flagitiis in sanctis gloriosis humeris suis reportaret in sedibus supernis ad gregem in mensi Patris eterni. Pro quibus Ezechiel ipsum Dominum deprecans ait: gregem tuum ne deferas Domine, Pastor bone. Item ibi: saluabo gregem meum et non erit ultra in rapinam, dicitur Dominus, et ipse iterum ait: Alias oues habeo que non sunt ex hoc ouili et illas me oportet adduci ut sit (f. 19r.) unus grex et unus pastor. Ob inde ego famulus Dei Monius prolis Fromarico ut merear ab ipso summo egregio Pastori deferri in excelsis eterno inmortali Patri et consorcio perfrui cum ipsis electis, cum quo ante secula simul cum Spiritu Sancto unus permanet in Trinitate et equalis et iugiter persistens uerus Deos et uerus homo, in eterna perpetuidate inmortalis, propria nobis collata est potestas et spontanea concessit uoluntas et sanctorum diuinorum scriptorum piorum antecessorum firma michi manet actoritas (*sic*); sicut per prophetam suum ipse loquitur ueritas: Beatus homo qui miseretur et comodat. Item ibi: Dispersit dedit

pauperibus iusticia eius manet in seculum seculi et iterum, qui pius loquebatur prophetis uaticinantibus, nunc per semed (*sic*) ipsum suis firmans auctoritabus (*sic*). Ipso dicente: date et dabitur uobis et iterum in futuro sub iungens ait. Quandiu fecistis uni ex minimis meis michi fecistis. Quia de uillicacione quam a me acepistis. Boni dispensatores fuistis, et ideo audire meruistis. Cuge serue bone et fidelis, quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam inter in gaudium Domini tui. Ideo ego famulus Dei Monius iam superius memoratus, ob amorem uite eterne et metum geenne ignis orrende, offero sancto et uenerabili altari sancti Saluatoris eiusdem genitricem sancte Marie gloriose semper uirginis et sancti Petri apostoli cum // alliis reliquiis sanctis que idem sunt recondite in honorem sancte et indiuidue Trinitatis; et ipsum altare digne Deo constructum in loco que dicitur Palaciolo subtus mons ordinis amnis discurrente ribulo Sausa, territorio Anegie, ubi Deo permittere pro remedio anime mee meam testacionem. Id est ipsa hereditate de Gallegos in uilla que ditur Lamas quomodo fuit de Osorio Iohannes sua racione integra, et illa alia mea ganancia que ibi ganaui de Donnio, et de sua muliere Ibrilli; et alia, que ibi ganaui de Ioazino, et de sua muliere nomine Uita quomodo illas comparaui per meum (1) per meum pretium et per meas kartas cum suis omnibus prestationibus, locis et terminis antiquis, et in apud ueteres hereditatem integram quomodo fuit de Iermias sicut ego illam conparauit per meum precium de Aluitu Stephaniz cum omnibus suis prestacionibus, locis et terminis nouissimis et antiquis; et unum mensorium argentum purum de LXXX solidos, et unum elmmum laboratum pro super illum altare sanctum. Post meum uerum obitum, deseruiat ipsum testamentum integrum superius taxatum ipsi monasterio iam supra memorato uocabulo Palaciolo, sicut iam memini, ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum temporibus cunctis et seculis seculorum; qui bone fuerunt et normam tenue (fl. 19v.) rint priorum sanctorum antecessorum, unde ego mercedem habeam apud Deum in eternum. Siquis tamen quod minime credimus fieri, aliquis homo uenerit aut ego uenero et quod sponte Deo donaui confringere uoluero, et tam de extraneis quam etiam de propinquis, aut quibus libet generibus humanis hoc testamentum, quod per auctoritatem sanctorum diuinarum scripurarum est firmatum inrumpere quesierit, et per eius audaciam seu in probam pertinaciam ad deformitatem, uel ad diuisionem peruenerit, pro sola presumptione ob iurgatus atque districtus a iudice post partem ipsius episcopi, in cuius iudicio ipsum

(1) Estas duas palavras estão quase apagadas.

monasterium persteterit ordinatum duo auri talenta coquatur exsoluere et iudici aliud tantum nemoretur, sed conpellatur reddere. Ipsum uero testamentum inde usurpauerit ad partem ipsius aule, de potestate illum uolebat abstrahere, cui manebat firmum et intemeratum. Facta liberacione reddat in quaduplum (*sic*) aut quantum de talibus, secundum sancti canonis et libri iudicialis decretum fuerit institum; et insuper si se a talibus corrigere neglexerit et in tam execrabili superbia persistere uoluerit tandiu a corpore et sanguine Christi sit segregatus; quandiu per in hoc ipse presumptor extiterit pertinax atque superbus. Aliam uero // scripturam antepositam uel positam contra hoc testamentum stabiliri mi (*sic*) minime permittimus, sed in eternum Deo seruire mundanius. Facta series testamenti sub inperio catholi regis Adefonsi et Petri eclesie bracarensis episcopi. Era MCXXV, IIII kalendas Aprilis. Ego Monius, quod sponte Deo noui opere inpleui, et hoc testamentum propriis manibus roboro et perpetim mansurum Sancti Saluatoris adsignaui. Pro testibus: Monio Petriz testis. Suarius Menendiz testis. Truitesendo Uenegas testis.

40

Cerca de 1114-1144 — Animia Moniz doa bens em Lordosa, Vilar e Boelhe

TESTAMENTUM DE ANIMIA MONIZ

Et ego Aimia Moniz pro remedio anime mee, sicut super scriptum est, offero predicto altari sancti Saluatoris Palaciolo omnias meas hereditates. I sunt pernominatas in Laurdosa II kasales unum que fuit de mea mater et unum que conparaui de Pelagio Pinioliz in Kasal de Ueco in Uillar unum casal que conparamus de Sendamiro Guandiz et de suas gentes in Boneli in Barrios IJ casales, unum que fuit de mea mater et de meo pater et alio que comparamus de Monio Heeroniz. Pre titulationem maledictionis uel benedictionis, huius mei acti usurpatoribus pena plectari iubeo, ut scriptum uidetur superius in testamentum genitoris mei et ego ita statuo hoc meum et confirmo et dum mortua fuero medietate de meo ganado; et mando inde ad domno Aluito unum casal et teneat illum in uita sua. Ego Aimia Moniz propriis (fl. 20r.) meis manibus uoluntarie roboro.

41

1106, Agosto, 13 — Egas Moniz e sua mulher Dordia Osório doam *post morten* bens em Ermegilde

TESTAMENTO EGAS MONIZ ET UXOR SUA DORDIA

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Pater et Filius et Spirictus Sanctus. Dominis inuictissimis hac triumphatoribus gloriosis sanctisque martiribus, sancti Saluatoris, et sancte Marie semper uirginis, et sanctarum reliquiarum que ibidem sunt recondite XII apostolorum et quorum baselica fundata est in uilla noncupata est Palaciolo subtus mons ordinis discurrente ribulo Sausa território portugalense. Ego exiguo famulo Christi licet indigno peccatori, ego Egas Moneonis, Deo uouente non merito digno cum p [*apagado*] mole deprehenso spem fiduciam in Deum habentem, que sanctorum meritis unus que disperatione respicior, que etiam teste reatu mei criminis sepe pauesco, ut per nos sancti martires Dei ut supra memoramus tandem reconciliari mereari domino Deo nostro; item deinde dixerunt talibus se eam agimus dumuota mea apostolis dedicare canebat tue sunt, Domine, que de manu tua accepimus et dedimus tibi quia tu dedisti nobis, unde nos habemus retribuere tibi, et ideo pertimesco ab si, Domine ut ne ueniat michi mors adiuuante et omnia ordinata dimittere elegit ut facere textum scripture et seriens testamenti ad sacris altaribus tuis et ecclesie uestre pro lumina mea et pro elemosinis pauperum, atque omnium hisdem ipsum locum ob onore ipsius sanctorum uel sanctarum, que in ipsum sancti Saluatoris uel quorum reliquie recondite simul orationem monacorum // et omnium fratrum inde memoriam facio pro remedio anime mee. Do atque contexto mente et animo uolente ad ipsum locum Sancti Saluatoris et sancte Marie semper uirginis, do atque concedo medietate de omnias meas hereditates quantas que habeo et ganare potuero cum Dei aiutorio usque ad obitum uero meum et hic in primiter mando Ermigildi integro in ipso testamento cum suis agicionibus et cum sua eclesia Sancte Eolalie exceptis illa quintana noua cum suo casale pro que recipiant alia tanta fratres a parte de testamento u[t] (1) primi uoluerit; et illa alia medietate remaneat a mea filia uel filiis cum sua matre, et si ego obiero ante mea mulier et illa permansuerit kasta, habeat et possideat usque ad obitum suum; et post obitum remaneat illa hereditate a fila uel filiis nostris, qui de nos nati fuerint et procreati de amborum, et si semen nostra de amborum extincta fuerit, remaneat ipsa alia medietate a pars testamenti sana et integra ad ipsum locum sanctum super memoratum et non mando ibi licencia ad nullam formam generis humani, nec uendendi, nec donandi, nec superuorandi, nec testandi, nec scripturas anterioras, nec

(1) Apagado.

posterioras, perualere super ipsum testamentum; et alio sic mando de omne mea re integra de minimo usque usque (*sic*) ad maximo per ubi illa potue- (fl. 20v.) ritis inuenire in uoce testamenti; et ego Dordia Osoriz testamentum et plazo facio uobis monacos de Palaciolo de tribus partibus de uilla Ermegildi pro meo amore, que uobis testauit integrum meo marito ut post obitum meum reuertatur integrum ad supra dicto monasterio, excepto uno casale cum sua quintana sicut sursum resonat; qui uero eum usurpauerit hunc factum nostrum tam de extraneis quam etiam de propinquis nostris autem nos per quam formam generis humana, aut per scripturas anterioras aut posterioras unde impedimento habeat illo testamento pro solo presuntione sedeat excomunicatus et separatus a fide catholica et segregatus de ecclesia sancta, et Iuda traditore habea participatio in eterna damnatione ubi est penna nefienda, et pariat ipsum testamentum duplatum de a pars de ipso monasterio et insuper duo auri talenta et iudicatum ad rege uel ad episcopi aut archiepiscopi de cuius iussu fuerit, et hunc factum nostrum scripture series testamenti habeat roborem et firmitate ad Deum patrem omnipotentem in perpetuum habituro et pendat in meo arbitrio in uita mea. Regnante Adefonso principe et comite nostro Ermigio et antistite nostro Giraldo archiepiscopo bracharensis. Facta est scriptura series testamenti, notum die erit idus Agusti, era MCXXXXIIII Ego Egas // Moniz et uxor mea Dordia Osoriz in hunc series testamenti manus nostras Roboramus. Pro testibus: Ramirus testis. Sisnandus testis, Menendus testis

42

1131 — Monio Viegas doa bens em Pindelo na terra de Santa Maria, em Santa Maria de Oliveira na terra de Arouca e Budelos e Ermegilde na terra de Penafiel (1).

TESTAMENTO DE MONIO UENEGAS IN TERRA DE SANCTA MARIA

In nomine Domini nostri Ihesu Christi qui cum eterno Patre simul cum Spiritu Sancto in personis trinus ab omnibus fidelibus martiris ueneratur unus in celis ab angelicis coris adoratur et colitur in Trinitate semper idem unus idemque. Non est ambiguum sed omnibus hominibus nostris partibus conmorantibus manet pace factum eo quod ob honorem et reuerentiam

(1) Parte destes bens haviam sido já doados por seu pai Egas Moniz (Doc. 41).

ipsius sancte et indiuidue Trinitatis in loco qui dicitur Palaciolus circa monte ordinis contra faciem aquilonis, territorio portugalense, secus fluuium Sausa, monasterium uidetur multorum habitancium monacorum esse constructum ubi cotidie super aram divini altaris oblatio a fidelibus offertur, et sacrificium pro relaxacione peccaminum et salute animarum et corporum sine ulla dilatione ibi a sanctis sacerdotibus Deo immolatur. Ideo ego Monio Venegas famulus Christi pro remedio anime mee et genitoris meis Egas Monneonis et Dorotea Osoris ut partem mereamur adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitis cum angelis sanctis, offero huic sancto et uenerabili altari, quod est digne Deo sanccialiter fabricatum in memoriam monasterium iam superius memoratum ob memoriam eiusdem Dei ac domini nostri Ihesu Christi genetricis (f. 21r.) et gloriose semper que uirginis Marie et sanctorum apostolorum Petri et Pauli, Andree et Iacobi Ihoannis euangeliste et Ihoannis babtiste cum allis sanctorum reliquiis, que ibidem recondite sunt. I sunt hereditates pernominatas: in terra de Sancta Maria in uilla Pinidelo V kasales et media de ipsa ecclesia et alia media implazada cum II casales. In terra de Arouca XIII casales et media de ipsa ecclesia de Santa Maria de Oliuaria. In terra de Penafiel in Budaeelus III kasales cum ecclesia de Sancto Stephano et cum I° casale in ipso dextro (1) Ermigildi ipsa quintana cum suo casal, qui fuit de meo patre. Ego uero iussionem eius implens, que illa mandauit obtoleranciam fratrum et uitam monacorum sic iam menimi pro absolucione crimini meis temporibus cunctis et seculis seculorum ut in futuro in die resurrectionis letus decantet Domino que de manu tua accepi dedi tibi. Siquis tamen, quod nimine credo fieri, aliquis homo uenerit, quod sponte do donaui confringere uoluerit, tam de extraneis quam etiam de propinquis aliquod genus humanum, hoc testamentum quod pro auctoritatem sanctarum diuinarum scripturarum est firmatum inrumpere quesierit et per eius audaciam seu in probam pertinaciam ab deformitatem, uel ab diuisionem peruenerit pro sola presuntione obiurgatus atque districtus aiudice post partem ipsius episcopi in cuius iuddicio ipsum monasterium presterit ordina- // tum, aut ad partem ipsius qui uocem ipsius testamenti pulsauerit, duo auri talenta quo quatur exsoluere et iudici aliud tantum nemoretur, sed conpellatur reddere ipsum testamentum uero quantum inde usurpauerit ad partem ipsius aule de cuis potestate illum uolebat abstrahere cui manebat firmum et intemeratum. Facta liberacione reddat in quadruplum aut quantum de talibus secundum sancti canonis et libri iudicalis decretum fuerit

(1) Apagado.

institum, et insuper si se a talibus culpis corrigere neglexerit et in tam execrabili superbia persistere uoluerit tamdiu corpore et sanguine Christi sit segregatus; quamdiu in hoc faci non ipse persumtor extierit inprobus atque superbus. Facta series testamenti, era MCLXVIIII. Ego Monio Uenegas in hunc testamentum propriis manibus roboro. Protestibus: Ero testis. Iohazino testis. Aluito testis

43

1131, Setembro, 6 — Flamula Moniz, dita Aurodona, doa bens em Luzim e na terra de Baião em Paços.

TESTAMENTI DE AUROANA MONIZ

Ego Aurodona Moniz pro remedio anima mee offero predicto altari Sancti Saluatoris Palacioli omnem meam hereditatem quantam que habeo in uilla Losii et in terra de Baian in uilla Palacius unum casalem et uenerem de porcione de genitoribus meis Monius Fromariguiz et Eluira Gondesindiz. Siquis tamen quod fieri non credo, aliquis homo uenerit uel uenerim contra hunc factum meum inrrumpere uoluerit pro sola temptacione sit excomunicatus et a corpore (fl. 21v.) et sanguine Domini nostri Ihesu Christi segregatus et cum Iuda traditore in perpetuum dampnetur, nisi se correxerit. Et pariat illi qui uocem huius testamenti pulsauerit ipsam hereditatem duplatam et iudicatum domino terre. Factum est hoc testamentum die VIII idus Septembris, era MCLXVIIII. Ego superius nominatum hunc testamentum propriis manibus roboro et predicto altari confirmo. Pro testibus: Sisnandus testis, Martinus testis, Petrus testis.

44

Sem data (datável entre 1128-1154) — Garcia Viegas doa bens em Mosqueiros, Oldrões e Boelhe

TESTAMENTO DE GARCIA UENEGAS

Ego Garcia Uenegas pro remedio anime mee offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Palacioli, omnes meas hereditates quas conparui uel conpare possim seu ex qualibet parte ganare uidelicet ipsam de Moscarios quam mihi dedit auus meus domnus Tedon et illam quam conparaui

ibidem de parentibus meis; et si ego mortuis fuero ante matrem meam quatinus eam teneat in uita sua et post suum obitum sanam ac liberam reuertur ut perfatus sum ad super dictum monasterium, et ipsam quam cambiaui cum Garsea Menendiz que fuit de sancto Petro de Cethi; et omnes alias quas ego in omni uita mea ganauero, et ipsos duos casales de Uldrianus et cum sua quintana et alios duos casales in Boneli quando migratus fuerit de hoc seculo ueniant mecum ad istum locum superius nominatum. Si aliquis homo uenerit contra hoc factum meum inrum[pere] // temptauerit uectigalem restituat quod in hoc testamentum auio meo Moniu Fromariguiz exaratum est. Videlicet et illius maledictionem, siue patris mei Egas Moniz super eius descendat et quod peius est Domini nostri Ihesu Christi non careat. Ego Garcia propriis meis manibus roboro.

45

1107, Setembro, 15 — Boa Moniz doa bens em Covelas na Riba-Tâmega e na terra de Arouca (1)

TESTAMENTUM DE BONA MONIZ

IN dei nomine. Ego Bona Moniz placuit michi per bona pacis et uoluntas ex probria (*sic*) mea uoluntate ut facerem testamentum ad acisterio Sancti Saluatoris et sancta Dei geniticis (*sic*) Maria et ad reliquiarum sanctarum que ibidem recondite sunt et ad XII^{os} Apostolorum Petri et Pauli et Mathie Apostoli et aliorum numero sanctorum plurimorum quorum baselica sanctorum fundata est in uilla Palaciolo discurrente ribulo Sausa subtus mons ordinis territorio portugalensis. Ego exigua famula Christi licet indigna Bona prolis Moniz ob honorem sanctorum omnium sufragia rogaturus ut in diem iudicii corum meritis ad uita in remisionem omnium pecatorum meorum, do atque testo et confirmo ad ipsius locis sanctis omnias hereditates quantas quas habeo de genitori meo et de mea matre porcione mea et quantas que ganare potueri usque ad obitum uero meum si ego obiero sine semine et omnias meas reti mobiles et indumentum aurum et argentum palium et greziscum linum et et sirigum ferrum et medalum boues et uacas permiscua pane et uinum ab integrum (fl. 22r.) et

(1) Bona Moniz, legará também ao Mosteiro todos os seus bens se morrer sem filhos.

quam uis semine mici super uene (*sic*) uenerit ex unica fuerit diuidite cum illa per medium et si fuerit duo diuidite per tertias et si plus fuerit diuidite per quintas illas hereditates per ubi illa potueritis inuenire et illa rem mouile diuidite cum illis per medium superius numerata a pars testamenti; et addicio in hoc testamentum si semine mea extinta fuerit, remaneat illa hereditate et illo ganado iam dicto sano et intemerato pro amore Dei omnipotentis a pars testamenti cum quanto in se obtinet et aprestitum omnis est ut habeant inde seruis Dei temporale (?) subsidium, et ego ante Deum premium. Do et testo unum kasal in ripa de Tamice in uilla Couelas et in terra de Arauca I° kasal; et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc testaemntum ad inrumpendum in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus et insuper pariat ipsum testamentum duplatum uel quantum fuerit melioratum et domno terre aliud tantum. Facta series testamenti notum die erit XVII kalendas Octobris, era MCXXXXV.

46

1102, Agosto, 15 — Garcia Moniz doa *post mortem* todos os seus bens

TESTAMENTUM DE GARCIA MONIZ

DOMINIS inuictissimis hac triumphatoribus gloriosis sanctisque Martiribus tuis Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis et sanctarum reliquiarum que ibi recondite sunt et XII^{os} Apostolorum et quorum baselica cernitur esse fundata in uilla Palaciolo subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa // território portugalense. Ego humili famulo Dei Garcia Moniz deouote non merito digno cum pecatore mole deprehenso spem fiducia in Deum habente, que sanctorum meritis unus quisque disperatione respicior que etiam testem reatum mei criminis sepe pauesco ut per uos sanctis Martiris Dei tandem reconciliari mereari Domino dro (*sic*) uestro. Idem dedit talibus se eam agibus dum uota mea Apostolos dedignare diceba: Tue sunt, Domine, que de manu tua accepimus et dedimus tibi qui tu dedisti nobis unde nos habemus unde retibuere (*sic*) tibi et ideo pertimesco absit Domine ut ne ueniat michi mors adiuuante et omnia ordinata dimittere elegi ut facere textum scripture testamenti a sacris altaribus tue et ecclesie pro luminaria mea et pro elemosinis pauperum atque omnium hisdem locum ob honorem ipsius sanctorum uel sanctarum quos in ipsum locum Sancti Saluatoris uel quorum reliquie ibi recondite sunt uel

oracionem monacorum et fratrum de gentium inde memoriam facio pro remedio anime mee, do atque testo ad ipsum locum sancti Saluatoris et sancte Marie semper uirginis, omnias meas hereditates et meo ganado quantum que habuerit ad obitum uero meo, si ego semine non habuero et si semen extinta fuerit reuertatur post partem huius monasterium et non do ibi licenciam nullius generis hominis nisi habitantes huius loci qui boni fuerint et uitam bonam perseuesauerint facimus (fl. 22v.) isto seris (*sic*) testamenti ad ipsas reliquias sanctas que sursum resonant, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam extraneis hunc factum meum infringere quesierit, aut temptare uoluerit per qualiue (*sic*) hominem aut per scripturas anterioris aut posterioras unde uos impedimento habeatis in ipsas meas hereditates et in ipso meo ganado; in primis sedeat excomunicatus et separatus de fide catholica et segregatus de ecclesia sancta et Iuda traditore habeat participacio in eterna dampnacione ubi seruens ubi est pena non finienda et pariet ipsum qui contenpserit duplatum a parte de ipso testamentum et insuper pariat duo bini auri talenta et iudicado ad rege urbem imperauerit et hunc factum meum roborem et estantem et permanentem uobis perpetim habituro regante (*sic*) principe nostro Adefonso rex et comite nostro Enrriquiz portugalense et antistite nostro Giraldo archiepiscopus bracarensis. Facta series testamenti, notum die erit XVIII kalendas Setember, era MCXXXX. Ego Garcia prolis Moniz in hanc series testamenti manus meas roboro. Qui presentes fuerunt: Mendo testis. Petrus testis. Sandino testis

47

1118, Fevereiro, 20 — Exemena Fromarigues doa bens em Fafiães e em Vila Boa de Quires (parte do mosteiro).

TESTAMENTUM DE EXEMENA FROMARIGUIZ

Dominis inuictissimis. Ego humilis ancilla Christi Exemena Fromariguiz pro remedo anime mee offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris superius nominato in uilla // Fafilanes omnia que michi ibi cambiauit meo subrino domno Egas pro uilla Bonelli, tam de auolengo quam etiam de ganantiis; et de ipso monasterio que dicent uilla Bona de Queiriz tercia integra cum omnem suam rectitudinem habeatis ipsas hereditates integras cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est; et si aliquis homo uenerit uel mulier temptauerit inrumpere hoc meum testamentum: in pri-

mis sit excomunicatus et cum Iuda traditore sit condempnatus sicut superius loquitur. Facta series testamenti X kalendas Marcii, era MCLVI. Ego Exemena propriis manibus uoluntarie Roboro hac predicto altari presigno. Alfonsus testis. Pelagius testis. Menendus testis

48

1145 — Truila Pais doa bens em Loureiro de Anta, na terra da Maia

TESTAMENTUM DE TRUILI PELAICI

DOMINIS inuictissimis. Ego Truili Pelaiz humilis et ancilla Christi pro remedio anime mee, offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris superius nominato in uilla Loureiro de Anta in terra de Maia II kasales, cum quantum in se obtinet et aprestitum ominis est; et si aliquis homo uenerit aut mulier temptauerit inrumpere hoc factum meum: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore sit condempnatus sicut superius loquitur. Facta series testamenti, era MCLXXXIII. Ego Truili Pelaiz propriis manibus uoluntarie roboro. Hac predicto altari presigno. Pro testibus: Mendus testis. Gunsaluus testis. Martinus testis

49

? — Egas Pais doa bens na Costa de Guimarães

TESTAMENTUM EGAS PELAICJ (fl. 23r.)

DOMINIS inuictissimis. Ego humilis famulis Christi Egas Pelaiz pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis, offero sancto et uenerabili altari Sanctis Saluatoris superius nominato: in Uimaranes sub ipsa costa III^{es} octauas de uno kasal cum omnen suam rectitudinem et comparauit illum pro cento et quinquaginta bragales. Do et testo ipsa hereditate cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est; et si aliquis homo uel mulier qui hunc factum meum infringire temptauerit: in primis sit excomunicatus et Iuda traditore sit condempnatus sicut superius loquitur. Facta series testamenti era MC [...]. Ego humilis famulus Christi, Egas Pelaiz in hanc kartam siue testamenti propriis manibus roboro

1150, Dezembro, 13 — Gonçalo Suares doa bens em Cidadelhe na terra da Maia.

TESTAMENTUM DE GUNSALUO SUARIZ

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego famulis Dei Gunsaluo Suariz, facio series testamenti pro remedio anime mee ad Sancti Saluatoris de Palacioli subtus mons ordinis discurrente ribulo Sausa. Elegi ut facere textum scripture firmitatis et series testamenti a sacris altaribus tuis et ecclesie uestre pro luminaria mea et pro elemosinas pauperum atque omnium isdem ipsum locum ob honorem ipsius sanctorum uel sanctarum qui in ipsum locum adorant Sancti Saluatoris uel quorum reliquie que ibi recondite sunt uel oracionem monacorum et fratum de gentium inde memoriam, facio pro reme (1) // mee do atque ad ipsum locum Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis, partem de meas hereditates, et sunt pernominatas in terra de Maia in Ciuidadelia tercia de ipsa quintana que fuit de genitoribus meis Suario Truitesendiz et Troili Pelaiz cum suas senaras et omnem suam rectitudinem et cum V casales in ipsa uilla mea racione integra per ubi illa potueritis inuenire et non dabo ibi licentiam nulius generis hominis nisi habitantes huius loci. Facio isto testamenti ad ipsas reliquias sanctas que sursum resonant; et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum quesierit confringere aut temptare uoluerit qua libe hominen aut per scripturas anterioras aut posterioras unde uos inpedimto (*sic*) habeatis in ipsas meas hereditates: in primis sit excomunicatus et separatus de fide catolica et segregatus de ecclesia sancta et cum Iuda traditore habeat partipacio in eterna dampnacione ubi Tarturus seruens ubi est pena non finienda et pareat ipsum qui contepserit duplatum a parte de ipso monasterio et insuper pariat duo bini auri talenta et iudicato ad rege urbem imperauerit et hunc factum meum habeat roborem et estantem et permanentem uobis perpetim abituro. Facta series testamnti, notum die erit idus Decembris, era MCLXXXVIII. Ego Gunsaluus prolis Suariz in hac series testamenti (f. 23v.) propriis manibus roboro. Protestibus: Martinus testis: Didagus testis: Pelagius testis

(1) Assim no texto, em vez de «remédio».

51

1112, Março, 12 — Unisco Eriz doa bens em Abovedres, Galegos e Boelhe

TESTAMENTUM DE UNUSCO ERIZ

In nomine Domini nostri. Dominis inuictissimis ac triumphatoribus gloriosissimis sanctisque Martiribus domini Saluatoris et sancte Marie et omniumque sanctorum quorum ibi recondite sunt. Ego exigua famula Christi Unisco prolis Eriz memores sum pecatorum meorum ut Deus omnipotens michi det locum in regno celorum et pro inde concedo in ipso loco sancto domini Saluatoris que est constructum in loco pre dicto Palaciolo comendo ibique corpus meum mando me ibi sepellire caro mea ut in diem iucidii ibique resurgam et mande hereditate mea de quarta quarta (*sic*) de uilla apud Ueteres pernominato illo casal que est in uilla quintana que fuit de genitori meo et mora ibi Ihoanne cum suo pane et cum suo uino et unum kasal in uilla Galegos huic in auteiro et illa quarta mea de uilla Boneli cum agicciribus suis et cum suas piscarias et illam mea porcione de uilla Kaualions sub monte Lebor, cum agioribus suis et mando omnia mea rem mobile oues et boues uacas et equas uestimenta lectorum cozodras et plumazos tapedes et almozalas simul et alifafes manteles et sauanas linulas et lenzos palium et grizisco pelles et pelicias mantus superiores aurum et argentum ferrum et metalum er et es simul et auis hic conscripte consumati fiunt per ubi illum potueritis in- // uenire, et super ipsum non mando licentiam an nullam formam generis humana nec a filliis uel filiabus meis aut neptis uel nepotibus meis uim facere nec scripturas anterioras uel posterioras, submittere contra hoc sacrosanctum meum testam[en]tum que ego offerri super hoc sanctum ac uenerabili altari domini nostri Ihesu Christi superius memorato et ad omnes fratres uel priori que ibi habitantes sunt uel fuerint temporibus seculorum et seculis sempiternis. Ob tolerantia fratrum et uita monacorum qui ego quando conputruita fuerit caro mea pater meus et soror mea uermibus et pro talia mea donaria, o uos fratres uel monachis et clericis diacones, sub diacones, exorcistas et lectores acolite et hostiaris ut oretis pro remedio anime mee, et tenet firmiter hunc factum meum scripture seriens testamenti et plena habeat firmitatem et roborem Et si aliquis homo uenerit uel uenerim tam de extraneis quam de propinquis meis aut uel filiabus meis ad inrumpendum hunc factum meum scriptura sacra testamenti: in primis sedeat excomunicatus a fide Christi et ab ecclesia sit segregatus et perdat corpus Domini in die

iudicii minime resurgat, et in diem pressuris sue perdam sua mercedem, qui de illa mea presumpserit et pro sola presumptione pariat quod in hoc testamentum resonat quadriduplatum a pars testamenti, qui sua uoce pulsauerit et insuper conponat sentencia libri canonis ab episcopo uel archiepiscopi a comite uel a rege siue potestas qui illa terra imperauerit et insuper (fl. 24r.) sedeat anatematizatus siue uiris siue feminis. Facta karta seriens testamenti eri die IIII idus Marcii, era MCL. Ego exigua famula Christi Unisco prolis Eriz ab honore Dei omnipotentis et tibi priori domni Didaz in hoc sanctum testamentum manus meas roboro. Pro testibus: Sisnandus testis. Suarius testis. Petro testis.

52

1116, Junho, 17 — Mendo Pais doa bens em Ermegilde

TESTAMENTUM DE MENENDO PELAIZ

In Dei nomine. Ego Menendus Pelaiz, offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Domini nostri de Palaciolo omnem meam hereditatem quanta michi conuenit, scilicet octauam de tota uilla Ermegildi ab integro. Do atque concedo ipsam hereditatem ut iam dixi ut seruiat in ipso loco superius nominato seculis sempiternis, et temporibus seculorum pro remedio anime mee siue parentum meorum unde michi uenit, quatinus mereamus euadere penas tormentorum et a Deo accipe remissionem nostrorum peccaminum cunctorum. Siquis tamen quod neque quam credimus fieri, homo uenerit contra hoc factum meum ad uiolandum: in primis sit excomunicatus et Iuda traditore dampnatus, et suscipiat super se totum mole criminum meorum et insuper ueniat super illum ira Dei, cui ego ipsam hereditatem tribuo ad seruiendum et pariat ipsa hereditate duplatam seniori qui ipsum monasterium regerit, et uocem huius testamenti pulsauerit et seniori terre aliud tantum et unum talentum de auro puro. Alterum uero scripturam priorem aut posteriore ualere nequaquam mando sed hanc in perpetuo manere // constituto. Facta scriptura testamenti XV kalendas Iulias era MCLIIII. Ego Menendus Pelaiz superius nominatus, hoc testamentum quod scribere mandaui, manibus propriis roboro. Pro testibus: Petro testis. Menendus testis. Diagus testis

53

1149 — Martim Moniz doa bens em Boelhe

TESTAMENTUM DE MARTINUS MONIZ

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis famulus Dei Martinus Moniz, offero sancto et uenerabili sancti altaris Saluatoris de Palacioli pro remedio anime mee, partem de meam hereditatem, idem in uilla Boneli II kasales cum omnem suam rectitudinem. Siquis uero aliquis homo uenerit ad rumpendum contra hoc testamentum et iusticam Dei quam ego uoluntarie Deo concedo atque do, si maledictus ab ipso Domino que creauit omnia, insuper quoque pariat illi qui uocem huius testamenti pulsauerit sicut lex docet Gotorum in quadruplum et imperatori alliud tam iudicatum. Super dictas uero ipsas hereditates iubeo cum omnibus prestacionibus suis. Facta series testamenti sub era MCLXXXVII. Ego Martinus Moniz in hoc testamentum propriis manibus meis hoboro. Pro testibus: Mendus testis. Gunsaluos testis. Monius testis

54

1160, Abrii, 27 — Pedro Martins doa *post mortem* bens em Oliveira

TESTAMENTUM DE PETRO MARTINIZ

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis famulus Dei Petro Martiniz quatinus in diem iudicii ualem penas inferni adquirere gloriam uite eterne una cum cetus sanctorum per misericordia (fl. 24v) Christi, offero [sancti] et ue[ne]rabili altari quod situm in honore Sancti Saluatoris et Sancte genitricis Marie et Sancti (*sic*) et Sancti Pauli et omnium sanctorum parte mee hereditates que habeo de parte auiorum meorum siue de ganantia in uilla uocatur Oliuaria I kasal post obitum meum et alium que ibi habeo post obitum marris (1) mee. Et de meo auer I mauro et uno lecto pernominatum, uno tapede I cozodra uno plumazo tramisirgo II sauanas. Et istum auer mando ad fratres ut habeant me in memoriam suam benefactorum suorum. Et si aliquis homo uenerit tam de extraneis quam de propinquis qui hunc factum meum inrumpere uoluerit: in primis sit excomunicatus et cum

(1) Por «matris».

Iuda traditore sit perditus et pariet ipsa hereditate duplata, uel quantum fuerit meliorata et iudicatum domno terre. Notum V kalendas Mai, era MCLXXXXVIII. Ego Petro Martiniz, i[n] hoc testamentum manus meas roboro.

55

1086, Agosto, 26 — Afonso Tructesendes e Malona Trutesendes, sua irmã, vendem aos seus filho e sobrinho, Gonçalo e Pedro, bens em Vandoma sob condição de os legarem à abadia se morrerem sem geração.

TESTAMENTUM DE AFONSO TRUCTESINDIZ.

In nomine Domini. Ego Alfonso Truitesendiz et Malona Tructesendiz placuit nobis per bona pacis et uoluntas asto animo integro que meo consilio in illo suadentis articulo neque gentis imperio ne pertimescetis metum sed per spontanea mente sed propria michi acessit uolumptas. Vult uideremus a nobis filios nostros et nominibus Gunsaluo et Petro kar-//tula firmitatis de hereditate mea propria que habuimus de genitori nostro duas partes de illo kasal per ubi illa potuerits inuenire per suis terminis et locis antiquis exitu uel regresum pascius pessiculis paulibus petras mobiles uel inmouilles terras inruptas uel ruptas arbores fructuosas uel infructuosas aquas aquarum et sesigus molinarum cum quantum in se obtinet et ad omnis prestitum est; et habet iacentia subtus mons Bendoma et de alia pars Castro de Sanda discurrente arrugio Lauerco prope ribulo Sausa territorio Portugal et accepit de uos in precio X morabitinos, in pannos et cirius et oblationem pro diem natiuitas Domini tantum ad uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil remansit in debitum, nos demus et uos accepistis; habeatis uos illa firmiter et omnis posteritas uestras usque in perpetuum et si unus ex uobis migratus fuerit et semen non habuerit habeat illa suo fratre et ille si semen non habuerit ipsa hereditate si illa de Sancto Saluatori de Palaciolo. Et siquis tamen aliquis homo uenerit uel uenerimus ad inrumpendum contra hanc kartam uendicionis que nos ad iudicio deuendicare non possumus aut uos in uoce nostra quomodo paremus ad uobis ipsa hereditate duplata uel quantum fuerit meliorata et iudicato. Facta karta uendicionis notum die erit VII kalendas (fl. 25r.) Setember, era MCXXIIII. Ego Adefonso et Maona ad filios meos et sobrinos meos Gunsaluo et Petro in hanc kartam manus nostras Roboramus. Qui presentes fuerunt: Tructesendo testis. Garcia testis. Froia testis

56

1115, Abril, 28 — Onega Erones doa bens em Abovedres, Boelhe, Travassos, Vila Moura, Gestaçô e no mosteiro de Santo Isidoro de Vilar.

TESTAMENTO DE ONEGA HERONIZ.

IN Dei nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii Spirictu Sancti. Ego exigua famula Christi Onega Heroniz placuit michi per bone pacis et uoluntas ut facerem textum scripture et firmitatis testamenti acisterio Sancti Saluatoris Palacioli, de mea propria hereditate pro remedio anime mee siue parentum meorum scilicet quanta habeo in uilla apud Ueteres et quanta habeo in Boneli et ipsum de Trauazos et in uilla Mauri I kasale et in Gestazoo I kasale bono ad Sanctum Isidorum de Uilar supsum monasterium steterit bene sui aut reuertet se a monasterium Palacioli et mando mea racione de ipso monasterio Uilar ad supra dictum Palaciolum ut qui ibidem habitauerint in omnibus obediant abbati Palacioli. Omnes has hereditates concedo per dicto monasterio perhenniter seruituras cum suis terminis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Siquis tamen quod minime credo fieri uenerit contra hoc testamentum ad inrumpendum tam de extraneis quam de propinquis meis quatinus in primis sit excomunicatus et cum (*sic*) et acetu christianorum segregatus, et cum Iuda traditore in perpetuo dampnatus si de presumtione statim // uoluntarie non fuerit emendatus et ipsam totam hereditatem pariat in quadruplum et quantum in ea fuerit melioratum et seniori terre aliud tantum, et ipsa hereditas sit semper supra dicto monasterio seruitura et ab omni alieno iugo libera et ecclesie Sancti Saluatoris semper subdita. Facta series testamenti IIII kalendas Maii, era MCLIII. Ego Honega Heroniz hoc testamentum quod iussi fieri manibus propriis roboro. Pro testibus: Pelagius testis. Gunsaluo testis. Aluito testis.

57

1113, Agosto, 31 — Flâmula Pais e sua filha Gontina Moniz doam bens em Vilar.

TESTAMENTUM DE FLAMULA PELAIZ ET FILIA EIUS

Dominis inuictissimis ac triumphatoribus sanctisque martiribus Sancti Saluatoris et Sancte Marie eiusdem genitricis et sanctorum apostolorum

Petri et Pauli uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est, in uilla Palacioli subtus mons ordinis discurrente riuolo Sausa territorio portugalense et ego famula Christi licet indigna Flamula Pelaiz uice filie mee nomine Gontina Moniz, do atque testo pro remedio anime eius ad ipsum locum sanctorum supra dictum, II casasales (*sic*) ab integro de sua propria hereditate per ubi illam potueritis inuenire per suis locis terminis et antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Et ipsos casales sunt in Uilar, et ipsa uilla habet iacenciam in loco predicto ipsum Uilar subtus mons Guilariz discurrente ribulo Kaualuno territorio portugalense, do atque concedo ipsam hereditatem ab integro quomodo se diui- (fl. 25v.) det per medium de Caualuno pro remedio anime eius ut a Deo mereantur accipere remissionem pecatorum, et in diem iudicii audire cum electis Dei ipsum dicente: Venite benedicti Patris mei percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit uel uenerim contra hunc factum meum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in pena dampnatus et maledictio illa sit super eum quam mereuerunt Datham et Abiron, quos uius terra obsorbuit et insuper ipsum testamentum paria[t] quadruplatum et iudicatum post partem abbatis ipsius monasterii aut illius qui uocem eius pulsauerit et iudici terre aliud tantum. Facta series testamenti notum die erit II kalendas September, era MCLI. Ego Flamula Pelaiz uice filia mee Gontina Moniz hoc testamentum manibus meis roboro. Pro testibus: Petrus testis. Gunsaluus testis. Monius testis.

58

1160, Novembro — Dordia Garcia com autorização de seus filhos Pedro, Sueiro, Diogo, Martinho, Gontina, Maria e Elvira Pais doa bens constituídos por cotas nas igrejas de Valpedre, Paredes e Peroselo.

TESTAMENTUM DE DORDIA GARCIA IN TERRA DE PENAFIEL

In nomine sancte et indiuidue Trinitat[is] Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis exigua Christique ancilla Dordia Garcia una cum consensu omnibus filiis meis, et sunt nominati Petro Pelaiz, Suario Pelaiz, Diago Pelaiz, Martino Pelaiz, Guntina Pelaiz, Maria Pelaiz, Ieluira Pelaiz, pro remedio anime uiro meo Pelagio Garcias et pro remedio anime filio meo Pelagio Pelaiz, qui omnis hoc tempore migrati sunt // ex seculo et pro remedio anime mee quatinus euadere

ualemus penas inferni et adquirente gloriam uite eterne per misericordiam Christi, offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Palacioli temporibus Egee abbatis quod situm est secus riuulum Sause ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum, nostras porciones de ecclesias pernominatas que eueniunt michi de parte de meo patre Garcia Ramiriz, de Sancto Jacobo de Pedri, qui se diuidit per tres tercias, et est una tercia de Uilela; faciunt inde VIIII partes et de ipsas partes, habet inde Garcia Ramiriz IIII parte de Geluira Tedoniz habet II et faciunt inde a Garcia Ramiriz, duas partes de ista tercia de Uilela, et de alia tercia faciunt inde VI partes et ganauit inde Diago Paaiz una sesta de Anaia Lovegildiz, et alia VI fuit de Quirago Andufiz, et de suas germanas et uenit inde a Garcia Ramiriz duas partes alia VI fuit de Bona Toeriz et de suas gentes, et de alia tercia Pelagio Godesteiz, et Menendo Abdelaz leuant inde medietate, et dederunt illam a Garcia Ramiriz. De Sancto Michaele de Paredes, fuit indem medium de Egas Froiaz, et cambiauit Ermigio Uenegas cum suos sobrinos quarta de Sancto Martino de Recesinos pro alia quarta de Sancto Michaele de Paredes. Alia quarta fuit de Egas Ioahnes et de suos germanos, et ganauit inde Pelagio Pelaiz, V de Ermesenda Iohanes. Alia quinta de Sunilo Iohanis et ganauit alia V de nomen Dulce Iohanes, (f. 26r.) quinta de Alfonso Iohanes. Venit ad testamentum, quinta de Egas Iohanes habent illa suos filios, et homines dederunt illa a Garcia Ramiriz, et de Sancta Maria de Pedroselo, ganaui inde Egas Froiaz terciam partem integram integram, et uenit in testamentum a Sancto Michaele. Ego Dordia Garcia una cum omnibus filius meis, sicut sunt supra memorati offero altaris Sancti Saluatoris Palacioli pro remedio anime mee et de uiro meo et pro de filiabus meis quos superius resonaui omnes meas porciones desuper nominatas ecclesias quantas que ibi habuit Garcia Ramiriz. Quatinus ego progenies mea diues, pauper qualiscumque fuerit semper in hoc monasterio suscipiatur et aduiuetur. Do atque testo illas ecclesias ut dixi ut michi subueniatis si aliqua presura michi a quodam domno cum quo uos possideatis euenerit et maxime ut penas infer-[n]orum euadere ualeam et a Deo remissionem omnium peccatorum meorum percipere merear. Siquis tamen quod minime credo fieri tam de extraneis quam etiam de propinquis meis qui hoc testamentum ad inrumpendum uenerit: in primis sit excomunicatus et cum [Iuda] traditore in perpetua pena dampnatus, et acetu christianorum omnino segregatus, si steterit se non corrrexerit et pariat ipsas ecclesias quadruplatas et seniori terra aliud tantum in iudicatu, et ipsas ecclesias sint uobis semper datas et conseruatas. Facta series testamenti, mense Nouembro, era MCLXXXXVIII.

Ego Dordia Garcia pariter // cum filiis, hoc testamentum quod iussi fieri, manibus propriis roboro et ecclesia Sancti Saluatoris persigno. Pro testibus: Menendus testis. Garcia testis, Pelagius testis. Vilelmus Notuit.

59

? — Marina Gonçalves doa bens em Louredo, na terra de Aguiar

TESTAMENTUM DE MARIA GONCALUIZ IN AGUILAR

In Dei nomine. Ego Marina Gunsalviz facio ser[i]es testamenti pro remedio anime mee, ad Sancti Saluatoris de Palacioli, et est pernominata, in terra de Aguiar in uilla Lauredo duos casales, subtus mons Bendoma di[s]-currente ribulo Sausa territorio Portugalem. Do atque testo ipsa hereditate ad locum iam supra dictum, et si aliquis homo uenerit uel uenerim tam de propinquis meis quam extraneis qui hunc testamentum meum infringere quesierit et inde a perfectionem peruenerit si se a talem non emendauerit: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo, et domno terre aliud tantum. Facta series testamenti era MC [...]. Ego Marina Gunsaluiz in hanc kartam siue testamenti propriis manibus roboro. Pro testibus: Martinus testis. Menendus testis. Diagus testis.

60

Depios de 1135 — Elvira Garcia dos bens em Abadim, na terra de Aguiar

TESTAMENTUM DE GELUIRA GARCIA IN AQUILAR

In Christi nomine. Ego Geluira Garcia facio series testamenti pro remedio anime mee ad Sancti Saluatoris de Palaciolo et est pernominata: in terra de Aquilar duo kasales in Sancta Maria de Abbadim (f. 26v.) cum omnem suam rectitudinem per ubi illam potueritis inuenire. Do atque testo ad locum iam super dicto, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uolerit: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplum et iudicatum domno terre. Facta series testamenti era MC [...]. Ego Geluira Garcia

in hanc kartam siue testamenti propriis manibus roboro. Pro testibus: Garcia testis. Aluito testis. Ramirus testis.

61

Cerca de 1112 — Egas Pires e seu irmão Sueiro Pires doam bens em Milhundos.

TESTAMENTO DE GARCIA (1) PET[R]IZ ED SUO FRATRE SUARIO PETRIZ

IN nomine Patris et Filii et Spiritu Sancti. Nos qui sumus fratres filius unius Patris, et unica matre, Egas Petriz et Suarius Petriz, offerimus partem de nostras hereditates pro remedio animarum nostrarum et sunt pernominatas: in terra Penafiel, in uilla que dicent Molionudus quamtunque ibi habemus de parte auiorum nostrorum cum omnem suam rectitudinem per ubi illam potueritis inuenire per locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis nostris quam etiam de extraneis qui hunc factum nostrum inrumpere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perdi- // tus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplum et iudicatum domno terre. Facta series testamenti. Era MC [...]. Ego Egas Petriz et Suarius Petriz in hunc testamentum manibus nostris roboramus. Pro testibus: Iohanes testis. Goterre testis. Menendus testis

62

1169, Dezembro, 12 — O abade Egas Gomes e sua irmã Emisu Gomes doam bens em Pias na terra de Aguiar, em Campanhã (parte da igreja) em Vila Meã.

TESTAMENTUM DE DOMNO ABBATI EGEE ET DE SOROR SUA UNISO GOMEZ

Dominus inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque Martiribus gloriosis sanctorum, Sancti Saluatoris sanctorum apostolorum Petri et Pauli

(1) Em vez de Egas como vem no texto.

Sancti Iacobi apostoli, Sancti Andree apostoli cum XII apostolorum Stephani cum XII martirium, Sancti Martini cum XII confessorum. Sancte Marie cum XII uirgines quorum baselica cernitur esse fundata, in uilla Palacioli subtus mons ordinis prope ribulum Sause territorio portugalense. Ego humillimus seruus seruorum, abba Egas Gomizonici et soror mea domna Emisu deouota, non merito dignoscunt merito cum peccatorum mole depres[s]os in spem fiduciam quam sanctorum meritis respiro, non usque quoque disperationem deitior qui etiam textum reatum nostris criminis, sepe pauescimus ut per uos sanctis Martires tam de reconciliari mereamur Domino Deo nostro, item talibus se agens deumuota aliuque donaria ad populo isrhelitico Domino dedicare dicebat: Tua sunt enim omnia Domine et que de manum tuam accepimus dedimus tibi que nisi tu dederis nobis nos non habemus unde reddere tibi. Et ideo timens me quod absit Domino uiuante mors subitanea nos (fl. 27r) subrepat et omnia scripture uestre in ordinata dimittere elegimus ut faceremus textum scripture, sacris altaribus ecclesie uestre pro luminaria altariorum uestrorum pro elemosinis pauperum, atque omnium ingentium pro inde testamus ad ipsum locum iam superius nominatum, hi sunt hereditates pernominatas, in terra de Aquilar in uilla que uocitant Pias testamus ibi: IIII kasales et III quintas de ipsa quintana, cum omnem suam rectitudinem et de ipsa uinea de canauales tres quintas cum omnisque giri suo et unum casalem que dicitur de integra et ego abbate domno Egas ad [*sic*] do ad ipsum monasterium ecclesiam de Sancta Maria de Campaniana que ego comparaui de Pelagio Caluo, cum omnem suam racionem integram et de domna Toda auia mea tota sua portione tam de auolenga quam de conparadela et medietate de totas ipsas hereditates et de ipsa quintana de uilla mediana, et sunt pernominatos mea racione medios de XV kasales. Do atque testo omnes has hereditates ad ipsum monasterium iam superius nominatum pro remedio anime mee, et si aliquis homo uenerit uel uenerim aut propinquis quam etiam de extraneis qui hunc factum nostrum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in profundum inferni sit perditus et condemnatus, si de ipsa presuntione sta- // tum uoluntarie non fuerit emendatus et ipsam totam hereditatem pariat in quadruplum et quantum in ea fuerit melioratum et seniori terre aliud tantum et ipsas hereditates sint semper supradicto monasterio seruituras et ab omni alieno iugo liberas et ecclesia Sancti Saluatoris semper subdita. Facta series testamenti, notum de erit II idus Decembri sub era MCCVII. Ego Egas Gomizo et soror mea domna Imiso in hunc testamentum manus nostras roboramus. Pro testibus: Garcia testis. Monius testis. Petrus testis.

63

1171, Fevereiro — Ermigio Mendes e sua mulher Sancha Peres vendem e trocam bens em Coreixas

KARTULAM DE COMPARADELA IN UILLA COREISES DE ERMIGIO MENENDIZ.

In Dei nomine. Ego Ermigius Menendiz et uxor mea Sancia Petriz facimus uobis priori Monius Garsie et omni conuentu Palacioli uendicionis et firmitudinis de hereditate nostra propria quam habemus ex parte parentum nostrorum et ipsa hereditas habet iacenciam in uillam que uocatur Corexes et est pernominata duas partes de illo casal da quinta in quo habitat Petrus Moniz et est preciatum in LX morabitinus et medietatem de illo de ante casa de Garsia Darones, in quo moratur Martinus Lima (1), et est preciatum in XXXX morabitinus, subtus mons Seagoga (= senagoga?) discurrente ribulo Caualuno territorio Portugal. Damus uobis illas hereditates tam in montes quam in fontes per ubi illas potueritis (fl. 27v.) inuenire per suos terminos nouissimis et antiquos cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, et accepimus de uobis in precium unum kasalem in auregam que misimus in pignores Anrici Fernandiz pro XXXXV morabitinos, quem etiam extrahere pot[u]eritis, quando ei suos morabitinos dare uolueritis et decem morabitinos quos debetis dare Galuano Rogeri, pro quibus illam ei misimus in pignores et fiunt LV morabitinos. Tantum nobis et uobis bene conplacuit et de precio apud uos ni remansit. Ita ut de hodie die uel tempore sit ipsa hereditas de iuri nostro abrasa, et in iuri uestro atque domino sit confirmata; habeatis eam cunctis temporibus seculorum. Sit tamen quod minime fierit credimus aliquis homo tam de nostris quam de extraneis contra hanc kartam ad inrumpendum uenerit, et nos in concilio eam defendere et uobis concedere non potuerimus aut uoluerimus quomodo pariemus uobis ipsas hereditates duplatas et quantum fuerit a nobis melioratas; et insuper D solidos de puro argento et iudicatum domno terre Facta karta uenditionis, mense Februario, era MCCVIIIJ. Ego super dictus Ermigius Menendiz et uxor mea Sancia Petriz in hanc kartam quam sponte iussimus fieri uobis priori Monio Garsie et fratribus Palacioli manus nostras roboramus. Pro testibus: // Petrus testis. Mendus testis. Pelagius testis.

(1) Quase ilegível.

64

1170-1206, Setembro — Ermigio Mendes e sua mulher Sancha Peres vendem bens em Ermegilde (uma pescaria), na terra de Santa Eulália de Cinfães e em *Ecclesiola* no territorio lamecense.

KARTULUM UENDICIONIS

In Dei nomine. Ego Ermigius Menendiz et uxor mea Sancia Petriz facimus uobis priori Monio Garsie et omni conuentui Palacioli karta uendicionis et firmitudinis de hereditate nostra propria quam habemus ex parte parentum nostrorum, et ipsa hereditas habet iacenciam, in terra de Sancta Eolalia de Cinfanes una pescaria qui dicent Hermegilda et unum kasal prope fluminum Dorio in Eclesiola subtus mons Muro territorio lamezensi, et accepimus de uobis LXXXX morabitinos, tantum nobis et uobis bene complacuit. Damus uobis illas hereditates tam in montes quam in fontes per ubi illas potueritis inuenire per suos terminos nouissimos et antiquos cum quantum in se obtinet et adprestittum hominis est. Ita de hodie die uel tempore sit ipsa hereditas de iuri nostro abrasa, et in uestro iure atque dominio sit tradita et confirmata, habeatis eas cunctis temporibus seculorum. Si tamen quod minime fieri credimus aliquis homo uenerit tam de nostris quam etiam de extraneis contra hanc kartam, ad inrumpendum et nos in concilio eas defendere non potuerimus aut uoluerimus quomodo pariemus uobis ipsas hereditates duplatas et quantum a nobis fuerint melioratas, et insuper D solidos de puro argento, et iudicatum domno terre. Facta karta uendicionis (fl. 28r.) mense Setember era MCC [...]. Ego supra dictus Ermigius Menendiz et uxor mea Sancia Petriz in hanc kartam quam sponte iussimus fieri, uobis priori Monio Garsie et fratribus Palacioli manus nostras roboramus. Pro testibus: Garsia testis. Menendus testis. Gunsaluo testis.

65

1167, Agosto — Ermigio Mendes e sua mulher Sancha Peres doam e vendem bens em Cinfães.

TESTAMENTUM DE ERMIGIO MENENDIZ ET SANCHA PETRIZ

In Dei nomine. Ego Ermigius Me[n]endiz et uxor mea Sancia Petriz facimus karta testamenti pro remedio animarum nostrarum monasterio Pala-

cioli de una bauza nostra propria quam habemus ex parte parentorum nostrorum et ipsa bauza habet iacenciam in termino de Sancta Eolalia de Cinfanes scilicet inter Porcas et ribulo de Sonoso in loco pernominato Tostoiro sub castro Palorco de Aziueiro, et alia parte contra aquilonem quomodo diuidet cum Trauazos et cum Contensa. Damus ibi illam bauzam quam arrumpiuit domnus Egas abbas ipsius monasterii cum suis hominibus et cum bobus et cum propriis expensibus. Damus igitur istam bauzam supradicto monasterio per suos terminos sicut illos nominauimus pro remedio animarum nostrarum et pro una mula de XXX morabitinos quam dedit nobis ipse abbas ex parte monasterii, hoc nobis bene conplacuit. Ita ut de hodie die uel tempore sit ipsa bauza de iuri nostro abrasa, et in iure monasterii sit tradita atque confirmata; habeat que eam cunctis temporibus seculorum. Si aut quod minime fieri credimus aliquis homo uenerit tam de nostris propinquis quam etiam // de extraneis qui hunc factum nostrum inrumpere temptauerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et aliminibus sancte ecclesie separatus et cum Iuda traditore Domini in infernum sit perditus et condempnatus et pariat illi qui uocem huius testamenti pulsauerit D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta testamenti mense Agusto, era MCCV. Nos supra nominati scilicet Ermigius Menediz et uxor mea Sancia Petriz in hanc kartam testamenti, quam sponte iussimus fieri, manus nostras Roboramus. Qui presentes fuerunt et uiderunt: Petrus testis. Alfonsus testis. Menendus testis.

66

1111, Março, 31 — Martinho Aurifex, monge, doa bens em Oldrões, Retorta, Paço (de Sousa?), Galegos, Boelhe, Canelas, Milhundos, Escariz.

TESTAMENTUM DE MARTINO AURIFEX

In nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Dominis inuictissimis. hac triumphatoribus gloriosis sanctisque Martiribus et indiuidue Trinitatis. Ego famulo Dei Martinus Aurifex in Domino Deo eterna salutem amen. Ideo placuit michi per bona pacis et uoluntas asto animo et propria mea uoluntate ubi facio textum scripture firmitatis de omnia mea hereditate propria que ego ganauit, pro remedio anime mee et timente diem iudicij et gehenne ignis, facio textum ad acisterio Sancti Saluatoris hic in Palacioli et quorum reliquie qui ibidem sunt recondite. Do et dono ibi

et testo illo kasal de Uldrianus que ego conparauit de Garsea Eniguiz (cf. 28v.) integram cum quanto in se obtinet et aprestitum ominis est, obtolerancia fratres, uel sorores, clericis uel monachis, qui in hoc acisterio habitantes fuerint, habeant et possideant, et post obitum uero meum et non mando illa uindere, nec donare, et qui hunc factum meum inrumpere uoluerit, anatemate sit, ita et perditum in aduentum Domini et quantum inde pecierit, uel celuniauerit in quadruplum reddat, et qui illa terra imperaverit alio tantum et componat iudicato, in super II auri talenta, et hunc factum meum semper habeat roborem et obtineat firmitate. Notum die quod erit II kalendas Aprilis, era MCXXXXVIIII. Martinus Aurifex in hoc series testamenti super ipsum sanctum altare offero et rouoro, et addicio in hoc testamento cunctas hereditates quas aquisiui per meum seruitium uel conparaui per meum precium: he sunt uno casal in Retorta, et II kasales in Palacio itus alter uero in uilla Galegos, alius quidem in uilla Molunudus < et in Ascariz I kasal > medio kasal et (1) concedo predicto monasterio Deo opitulante ceteras hereditates uel res quibus post meum obitum remanserint, post ea que proprio ore aliqui monasterio uel persone. Alias uero fructum ipsius // casales mando ut diem anniuersarii mei perpetim per manus abbatis uel prioris ipsius monasterii, monacis omnibus annonam benedictiones arcipiant ibidem de gentibus. Didagus testis. Martinus testis. Menendus testis.

67

1144 — Alvito Pais, abade, e Paio Ordonhes doam bens em Abovedres.

TESTAMENTUM DE ALUITU ABAS

In Dei nomine. Ego Aluitus Pelagij abbas huius monasterij qui fuit, et Pelagio Ordoniz. Facimus series testamenti de nostra hereditate propria que comparauimus per nostrum precium de Pelagio Heroniz, et ipsa hereditas habet iacencia in uilla apud Ueteres et sunt pernominatos II kasales bonos unum ubi habitauit Petrus Goncaluiz et in alium Monios Sennamiriz et comparauimus illos por CCC bragales et de precio apud nos nichil remansit in debitum pro dare. Offerimus ipsas he[re]ditates pro remedio animarum nostrarum, et propter quod summus clientulus ipsius monasterij Sancti Saluatoris de Palaciolo, damus et concedimus ut seruiant

(1) Ilegível devido ao papel estar manchado.

ad ipsum locum qui sursum resonat, et ad monachos qui ibi habitauerunt et ad uitam sanctam tenderint, et nullus homo non sedeat ausus qui hanc hereditatem uendet, nec sub pignoret nec ad alium locum sit extranea; et si inde aliter aliquis homo fecerit, aut hunc factum nostrum pro sola presumptione si se a tale culpa non emendauerit: in primis sit excomunicatus et a fide sancta ecclesia sit separatus et cum diabolo et angelis eius habeat participacionem, ut nec episcopos nec abates habeant licenciam, ut absolueant illum qui uitam graue peccatum perseuerauint. Aliam uero scripturam antepositam uel pospositam minime stabilire permittimus. Facta series testamenti era MCLXXXII. Ego Aluitus abbas et Pelagius Ordoniz in hanc kartam siue (fl. 29r.) testamenti propriis manibus Roborauimus. Pro testibus: Martinus testis. Diagus testis. Garcia testis.

68

Cerca de 1128 — Ero Feliz, monge, doa bens em Ermegilde e Oldrões.

TESTAMENTUM DE ERO FELICE MONACUS

In Dei nomine. Ego Ero Felice monacus et crientulus Sancti Saluatoris facio series testamenti ad ipsum locum Sancti Saluatoris de Palacioli quod est fundato iusta ribulum Sause subtus mons ordinis territorio Portugalis. Do et concedo pro remedio anime mee et timeo et expauesco morte secunda que est inferno et pro inde offero ad ipsum locum iam supra taxatum. Omnes meas hereditates que ego ganaui per meo precio et per meas cartas, et sunt pernominatas in Ermigildi I kasal et in Uldrianus I kasal et comparaui illos de Gomeze Petriz, et de Maria Menendiz pro centum bragales tantum michi et illos bene conplacuit et de precio apud me nichil remansit in debitum pro dare. Do et mando ad ipsum locum iam superius nominatum, et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit et inde ad perfectionem uenerit, in primis sit excomunicatus, et aliminibus sancte ecclesie sit sequestratus, et absorbeat illos terra quomodo absorbuit Datan et Abiron qui aperuit se et absorbui eos uiuos, et non apparuerunt eos ultra, nisi in inferno si se non emendauerit qui hoc testamentum uiolauerit paciatur ipsas penas que // in ipso testamentum resonant. Facta series testamenti era M [...]. Ego Ero Felice in hunc testamentum quod ego iussi fieri propriis manibus roboro. Pro testibus: Menendus testis. Suarius testis. Garsea testis.

69

Cerca de 1137 — *Eieuua*, monja, doa bens em Ameixedo, Vila Cova e Ceidoneses

TESTAMENTUM DE EIEUUA

In nomine Domine nostri Ihesu Christi. Ego Eieoua ancilla Christi, facio series testamenti pro remedio anime mee ut partem merear ante Dominum ad ipsum locum Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis et sactorum apostolorum Petri et Pauli et Sancti Iacobi apostoli et ad ipsos sanctos que uocitant in ipsum locum de Palacioli subtus mons ordinis discurrente ribulo Sause territorio Portugalis. Do atque testo partem de meas hereditates hi sunt pernominatas: in Amexenedo de susano uno kasal et septima de Sancto Pelagio de Uila Coua cum omnes suas rectitudines per ubi illam potueritis inuenire; et addicio cum socias meas in Ceidoneses, in Octeiru de Dino et Octeiru de Uelias, hereditates nostras, et sunt pernominatas XII leiras cum suos exitus et regressus, per ubi illas potueritis inuenire. Et si aliquis homo uenerit tam de nostris quam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore habeat participacio in infernum et insuper (fl. 29v), pariat ipsum testamentum in duplo et iudicatum domno terre aliud tantum. Facta series testamenti era M [...]. Ego Eieuua in hanc series testamenti propriis manibus roboro. Protestibus: Martinus testis. Diagus testis. Aluitus testis.

70

1110, Novembro, 4 — Gonçalo Afonso vende bens em Cete

KARTA DE HEREDITATE QUE COPARUM DE PALACIOLI

In Dei nomine. Ego Gunsaluo Alfonso in Domino Deo salutem eterne amen. Placuit michi per bone pacis et uoluntas, ut facere uobis priori domnus Didacus et fratribus conmorantibus in Palaciolo cartam uendicionis scripturam ueram et firmitatis, de hereditate mea propria que habeo de genitori meo Alfonso Truitesendiz subtus castro Bendoma discurrente ribulo Sause territorio portugalense. In loco predicto uilla Ceti uocabulo

Sancto Petro. Vendimus a uobis ista ab integro siue ganancia quomodo parentela in casas uineas arbores fructuosas uel infructuosas terras mouiles uel inmouiles aquas aquarum, uel sesigas molinarum terras ruptas uel barbaras, cum quantum in se obtinet et ad hommis aprestitum est per suis locis terminis nouissimis et antiquis exitus et regresus et accepit pro illa CXXXII modios tantum michi placuit, et de hodie die sedeat de meo iure abrasa, et in uestro dominio sit tradita et confirmata ad uos superius memoratus, et ad ipsius locis sanctis tantum michi bene conplacuit. Siquis tamen quod fieri non credo, aliquis homo uenerit // uel uenero contra hanc cartam uendicionis tam de meis quamm etiam de extraneis, et scripturas aut posterioras ad inrumpendum hunc factum meum uel temptare uoluerit pro sola presuntione pariet illa hereditate duplata et quantum fuerit meliorata et iudici alio tantum uobis perpetim habitura. Facta karta uendicionis eri die II nonas Nouember, sub era MCXXXXVIII. Ego Gunsaluo Alfonso, a uobis priori domni Didagu et fratribus de Palacioli in hanc scripturam manus meas roboro. Pro testibus: Pelagio testis. Ero testis, Gunsaluo testis.

71

Sem data — Pedro Justes e sua mulher Judia (?) em *Carualio* e *Valino*

TESTAMENTUM DE PETROS IUSTIZ ET UXOR MEA IUDIA

Ego Petro Justiz cum uxore mea id Iudia (*sic*) facio series testamentum uel plazum de mea hereditate id est unum pedazo ad ipso Carualio, cum nouemn castinarios et intesta una tabula in leira de dona Bona siue de auolo quam de conparadela et in Ualino una tabula super ipsa presa et in talio malo quarta de illo pumare cum suo sauto et sub rego ipsa leira cum sua uinea et cum suo postado, et in cima de Gondemaro sub strada una leira cum IIII castinarios. Ego Petro Iustiz simul cum uxore mea Iddiu (*sic*) Diaz hoc testamentum uel plazum manibus nostris roboramus. Et si nos uenerimus uel aliquis homo uenerit extraneis uel propinquis contra hoc testamentum uel plazum pariat ipsam hereditatem in quadruplum et aceto christianorum sit excomunicatus amen, et mandamus ut nun- (fl. 30r) quam sit istam hereditatem cambiada uel donata in nulla parte. Pro testibus: Gunsaluo testis. Pelagio testis. Menendus testis.

C. M. DE BRAGA
ARQUIVO MUNICIPAL

72

1116, Julho, 21 — Egas Dias doa parte dos seus bens, em Escapães, ao mosteiro e o restante aos seus filhos, com a obrigação de os cultivarem sob a obediência do mosteiro.

TESTAMENTUM UEL PLAZUM DE EGAS DIAZ

In Dei nomine. Ego Egas Diaz facio series testamenti uel plazum ligale acisterio Sancti Saluatoris de Palacioli de propria mea hereditate scilicet duas quintas, una pro me, et alteram pro uxore mea que iam obiit pro animarum nostrarum remissione quatinus ante Dominum percipere mereamur premium eternum et euadere incendii suplicium, et ipsa hereditas habet iacenciam in uilla Scapanes subtus montem Pena Redonda discurrente ribulo Caualuno territorio portugalensi, do atque confirmo illam supra dicto loco, cum quanto in se obtinet et prestitum hominis est. Alius uero tres partes que remanent reliquo meis filiis, tali modo ita ut non donent nec uendant nec testant eam alicui loco nec persone nisi Palacioli tantum et in uita sua possideant eam pro prioris regentis monasterii illud post mortem uero eorum reliquiant illam sanam et integram pariter cum ista alia, monasterio supra dicto ut seruiat ibi cunctis diebus, et seculis sempiternis. Siquis tamen quod minime credo fieri, tam de extraneis quam etiam de propinquis contra hoc testamentum uel plazum ad inrumpendum uenerit, quatinus pariat ipsam hereditatem quadriplatam, et quantum fuerit ibi melioratam et cum // Iuda traditore in pena sit dampnatus et ira sanctorum quorum reliquie ibi honorantur ueniat super presumptorem illum se statim non correxerit aut etiam similati fuerint hoc eis eueniat et quantum domno in testamenti decreuimus solui, tantum seniori terre in iudicatu debet redemi et hoc factum meum maneat inuiolatum atque integrum Dei seruitio qui illud spopondi. Facta series testamenti XII kalendas Augusti, era MCLIIIJ. Ego Egas Didaci hoc testamentum uel plazum ligale quod iussi fieri, manibus proprijs roboro, et altario Sancti Saluatoris pretitulo. Pro testibus: Aluitus testis. Rudrigus testis. Petrus testis.

73

1116, Agosto, 26 — Monio Grecomires doa a titulo precario bens em Escapães (próximo de Moazares).

TESTAMENTUM DE DIAGO GREXOMIRIZ (1)

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spiritu Sancti. Ego Exiguus famulus Christi Monius Gresomariz facio testamentum acisterio Sancti Saluatoris de Palacioli de hereditate mea propria quam habeo in uilla de Excapanes scilicet unum medium de uno aral excepto quinta de tercia cum sua casa, et cum uinea, et cum sua aqua et una leira cum tres castanarios in se et fer in uilla Area de Azarias,, et alia leira cum septem castinarios sub illo rego que uenit de illa coua sub illa estrata que uadit ad Moanzares, et super ipsa extrada, I leira lauoradia quam comparaui de meo tio Arias Eniguiz etiam et illas duas quas (fl. 30 v.) antea non auimus uel canciliolo alia leira et tertia de quanto michi conuenit de ipsa deuesa et sic testo eam, ut in omni uita mea in quantum in ipsa uilla moraturus fuerunt in ego laborem eam et deui medietate de uino et tertiam de aliam laborem, et si michi superuenerit morte aut excida de mea terra statim apprehendite uestram hereditatem quam iam possidetis, et si filius aut filia mea uoluerit ibi illa sedere et obediens esse sicut de alia uestra: suscipite illos prius quam extraneos. Do atque testo illam ut iam dixi, ut michi subueniatis si aliqua pressura michi a domno quodam cum quo uos possideatis euenerit, et maxime, ut penas infer[n]orum euadere ualeam et a Deo remissionem omnium peccatorum meorum percipere merear. Si quis tamen quod minime credo fieri tam de extraneis quam etiam de propinquis contra hoc testamentum ad inrumpendum uenerit: in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in perpetua pena damnatus et acetu christianorum omnino segregatus, si tantum se non correxerit, et pariat ipsam hereditatem quadriplatam uel quantum fuerit meliorata et seniorem terre aliud tantum in iudicatu et ipsa hereditas sit uobis semper data et conseruata. Facta series testamenti VII kalendas September, era MCLIIII. Menendus testis. Garcia testis: Pelagius testis. //

74

1112, Maio, 23 — Siti Enigues doa bens em Escapães.

(Sem título no original).

---

(1) No texto chama-se Monio.

In nomine Patris et Filii et Spiritu Sancti Dominis inuictissimis hac triumphatoribus gloriosisque Martiribus indiuidue Trinitatis. Ego famula Dei Sidi Enniguiz in Domino Deo eterno salutem amen. Ideo placui michi per bona pacis et uoluntas asto animo et propria mea uoluntate ibi facio textum scripture firmitatis de omne mea hereditate pro remedio anime mee et timente diem iudicii et gehenne ignis, facio textum adcisterio Sancti Saluatoris et quorum reliquie in hoc loco quod est constructum predicto Palacioli. Dono et contexto mea V de illo casal quod fixum in uilla Scapanes circa carreiro antiquo que ex parte de uilla Corexes et ueni michi de auia mea Uita Fofiz, et dedi pro illa media V VII modios, in Luitosa per mea iermana a Menendo Pelaiz et intregaui illa et habet iacencia inter Poiares et Corexes inter Uilulfi et Retorta subtus mons Salgueirus territorio Anegia discurrente ribulo Sause, concedo illam ab integro per suis terminis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et ad omnis aprestitum est obtolerantia fratrum et uita monacorum qui in hoc acisterio habitantes fuerint; habeant et possideant iuri quieto temporibus seculorum et seculis sempiternis et non mando licentia uendere nec donare, et qui hunc factum meo scripture testamenti inrumpere uoluerit: in primis sit anatematizatus fiat et perditum in aduen- (fl. 31r.) tum Domini et quantum presunserit pro sola presumtione reddat quadruplum et a pars testamenti et alio tantum componat ad iudice, et insuper duo auri talenta et hunc factum meum semper roborem et obtineat firmitatem. Factum est hunc series testamenti notum die quod erit X kalendas Iunii, era MCL. Ego Sidi Enniguiz ab amore Dei omnipotentis et saluatoris Deum nostri Ihesu Christi tibi magistro meo Pelagio monaco manus meas roboro. Pro testibus: Pelagius testis. Azarias testis. Monio testis.

75

1116, Abril, 29 — Sandino Peres doa bens em Aveleda

TESTAMENTUM DE SINDINO PETRIZ

In nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis eiusdem Ihesu Christi seruus famulus Dei Sandinus Petriz, propter metum gehenne ignis uel gloriam uite eterne, offero sancto et uenerabili altari quod est sancialiter dedicatum in honore ipsius saluatoris nostri Ihesu Christi atque ceterorum omnium illius Domini sanctorum in sita uilla quo

uocatur Palacioli sub castello Penafiel de Canas discurrente ribulo Sausa territorio portugalensis. Do atque concedo ibidem sicut dixi pro remedio anime mee seu mater Dulce uxori mee uillam meam pernominatam Auellaneda quam habeo de parentibus meis uel auiis, siue de ganantiis ac de comparatelis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est propter illam quam inde concedo nepte mee mater Dulce particulam quam parcior cum fratre meo Gunsaluo Petriz medietate de uno casal sepa- // ratim quoque uidetur esset ab ista que Deo. Siquis tamen quod neque quam fieri credo ego aut aliquis ex uice mea, uel aliquod genus humanum contra hoc testamentum aliqua disruptione temptauerit pro sola presumptione pariat illi qui uocem iam dicti testamenti pulsauerit ipsam hereditatem in quadruplum sicut lex comandat Gotorum, et imperatori terre aliud tantum in iudicatum. Insuper uidelicet ille apostata homo qui ac mea statuta transgressus fuerit tandiu a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi sit excomunicatus quantum steterit uitam graue peccatum, et insuper si se a tale culpa quam primum corrigere neglexerit perpetualiter anatematizetur. Facta series testamenti IIII kalendas Maii, era MCLIIII. Ego Sisnandus Petriz hoc testamentum propriis manibus roboro, et ecclesie Sancti Saluatoris eternitaliter presigno. Pro testibus: Martinus testis. Gunsaluus testis. Suarius testis.

76

Cerca de 1116 — Gonçalo Peres doa bens entre Urrô e Retorta

TESTAMENTUM DE GUNSALUO PETRIZ

In Dei nomine. Ego Gunsaluo Petriz facio karta siue testamenti de mea hereditate propria ad Sancti Saluatoris de Palacioli, quod est fundatum prope ribulo Sause, et est pernominato unum kasalem inter Urrioo et Retorta et habet iacentia in loco ubi dicent Casal de Pegas. Do atque concedo illam (fl. 31v.) hereditatem per ubi illam potueritis inuenire per suis locis nouissimis et antiquis. Et si aliquis homo uenerit de propinquis quam etiam de extraneis qui hunc factum meum infringere uoluerit: in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et insuper pariat ipsum testamentum in duplo et iudicatum domno terre aliud tantum. Facta karta siue testamenti era M [...]. Ego Gunsaluo Petriz hac testamentum propriis manibus roboro. Pro testibus: Menendus testis. Diagus testis. Pelagius testis.

77

1127, Abril, 17 — Paio Álvares com sua mulher Monia Mendes doa bens em Galegos.

TESTAMENTUM DE PELAGIO ALUARIZ ET UXOR SUA

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Pelago Aluariz una cum uxor mea Monia Menendiz quatinus euadere ualeamus penas infernorum ac partem adipisci mereamus cum cetu iustorum in regna celorum: offerimus sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris monasterii Palacioli omnem nostram hereditatem quam habemus in uilla Gallegos, subtus mons Sinagoga discurrente ribulo Caualuno territorio portugalensis. Damus eam ibi atque concedimus, cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Aliam uero scriuturam antepositam uel postpositam stabiliri minime permittimus sed istam solum modo in eternum Deo // seruire mandamus. Siquis tamen quod nos non credimus fieri, aliquis homo uenerit, tam de propinquis quam etiam de extraneis et hunc factum nostrum inrumpere temptauerit, aut in contempcione mittere uoluerit, pro sola presumtione sit excomunicatus, et a corpore et sanguine domini nostri Ihesu Christi segregatus et cum Iuda traditore in perpetuum damnetur iussi se correxerit et pariat illi qui uocem huius testamenti pulsauerit, ipsam hereditatem duplatam et iudicatum domno terre. Factum est hunc testamentum die XV kalendas Maii, era MCLXV. Nos superius nominati, hunc testamentum propriis manibus ro[bo]ramus, et predicto altari confirmamus. Pro testibus: Menendus testis. Martinus testis. Pelagius testis.

78

1117, Setembro, 18 — Mem Moniz e sua mulher Goina Mendes doam bens em Galegos.

TESTAMENTUM DE MENENDO MONIZ ET UXOR SUA GOINA MENENDIZ

In nomine Patris et Filii et Spirictus Sancti. Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus gloriose luce prefusis et premium

beatitudinis laureatis, Sancti Saluatoris mundi et Sancte Marie semper uirginis genitricis eiusdem Dei et Domini nostri Ihesu Christi siue omnium sanctorum quorum baselica fundata est in monasterio Palacioli secus ribulo Sause. Ego humilis peccator, Menendus Moniz et uxor mea Goina Mendiz pro remedio animarum nostrarum offerimus predicto monasterio particulam hereditatis nostre in uilla Gallegos subtus castro Aboiefa quam ganauimus de Adefonso (fl. 32r.) et uxori Uita Fofiz quanta que ibidem pos[s]edit ipsa mulier. Concedimus nos cum qu[a]ntum in se obtinet et aprestitum hominis est supra dicto uestro monasterio; siquis tamen quod fieri non credimus aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hoc testamentum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore sit dampnatus, nisi dignam penitenciam egerit, et pariet post partem ipsius testamenti quantum temptauerit auferre in quadruplum et alio tantum iudice terre. Facta series testamenti, notum die quod erit XIIII kalendas Octubris, era MCLV. Ego Menendus Moniz et uxor mea Goina Menendiz pro remedio animarum mostrarum offerimus predicto monasterio particulam hereditatis nostre in uilla Gallegos quomodo sursum resonant propriis manibus roboramus. Pro testibus: Menendus testis. Petrus testis. Egas testis

79

1154 — Senda Tedones doa bens em Mosqueiros.

TESTAMENTUM DE SENDA TEDONIZ

In nomine Deum Ihesu Christi. Ego humilis ancilla Christi Senda Tedoniz facio karta testamenti de hereditate mea propria que habeo de parte parentum meorum siue de ganancia, et ipsa hereditas habet iacencia in uilla que uocatur Moscheiros. Do illam atque concedo sancto et uenerabili altari quod sancialiter est constructum in honore Sancti // Saluatoris et Sancte Marie et aliorum sanctorum per suis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et prestitum hominis est. Do illam et concedo sicut iam in alio testamento resonat quod feci cum fili meo Garcia Uenegas. Et post mortem filii mei ganauit ego Senda Teodoniz aliam hereditatem III de quanta hereditate que fuit de Aluito Trasufiz et conparaui ea de suo neto Petro Menendiz per meum precium, et sicut de alia fecit sic facio de ista. Et alia hereditas que conparaui de Gunsaluo Diaz et de Idiu Diaz filios de

Diagu Aluitiz quarta integra, et de precio nichil remansit pro dare; et alia quarta que conparaui de Maria Aluitiz et de suos sobrinos per meum precium et alia que habeo in Casal de Oueco qui nec uendidi (*sic*) nec donaui nec alia pro ea accepi sed Menendus Osoriz, michi eam uim arripuit tercia integra de ipso casal cum meo sobrino, et de ipsa tercia habet minus quarta que est de Teodon Pelaiz. Do illam atque concedo ad monasterium superius nominatum cum exitus et regressus per montes et cum ualles et cum fontes et quantum apresitum hominis est. Et si aliquis homo uenerit et hunc factum meum inrumperit sit maledictus et afflictus et cum Iuda traditore in infernum perditus et insuper pariat D solidos illi qui uo- (fl. 32v.) cem huius testamenti pulsauerit et aliud tanum in iudicatum. Facta karta mense Ianuario, era MCLXXXXII. Ego Senda in hoc testamenti manus meas roboro. Pro testibus: Monius testis. Petrus testis. Pelagius testis.

80

1107, Junho, 18 — Claudia *Beicaz* doa e vende bens em Galegos para pagar a protecção dada a um filho da doadora que tinha de pagar uma multa por furto.

TESTAMENTUM DE CLAUDIA BEICACI

In Dei nomine. Ego Claudia Beicaz placuit michi per bonam pacem et uolumptatem nullius quoque gent imperio nec suadentis articulo sed propria michi accessit uolumptas ut facerem uobis Iohazino presbitero kartam uendicionis et firmitudinis in uoce cenobi Sancti Saluatoris de omni mea hereditate cuncta quam habeo in uilla de Lamas et ibi ganaui cum uiro meo Tedon Aulfiz per nostrum precium intus et foris et habet iacencia in uilla Gallegos subtus mons ordinis ab radicem castri Boiefa território portugalensis prope arrugio Caualluno discurrente ribulo Sause, uendo uobis illam ab integram cum omnibus prestacionibus suis et cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est, in omnibus suis locis et terminis prioribus nouissimis et antiquis cum arboribus fructuosis et infructuosis cum suos exitus uel regressus pro inde concedo uobis istam hereditatem pro quo abstraxistis me de illa calumnia de illo furto quo fecit filius meis nomine Monius ad Petrum Garcia de suis ouibus et pro isto furto adprehendit cum ille maio- // rinus de illo comite domno Enrinco nomine Adefonsus Spasandiz et uolebat oculos eius euelleret et insuper petebat

nobis ipsas oues de furto, et nos non habuimus unde illas ei reddere nec ipsum furtum componere et rogastis pro nobis ipsum maiorinum et sicut superius diximus misistis pro nobis ad ipsum maiorinum pro nouem ouibus multum seruicium bonum et ad confirmationem huius kartule dediste nobis unam mantam adpreciatam in quatuor modios et VII cubitos de lenzo quem dedimus ad illos saiones incarceranti ea, et duos modios in saionizio tantum uobis bene conplacuit et de precio in debito apud uos nichil remansit; habeat uos illam firmiter et omnis sucessores uestri post partem ipsius cenobii Sancti Saluatoris iure quieto et temporibus seculorum. Ita ut hac die uel tempore sit ipsa hereditas de iure nostro abrasa atque sublata et in uestro domini sit tradita et confirmata et ipsum monasterium eam perpetim habituram. Siquis tamen quod minime credimus fieri aliquis homo et quibus cumque generibus, tam de potentibus quam impotentibus aut ex nostris generacionibus per scripturas anterioras aut posterioras uenerit ad inrumpendum hanc kartulam uenditionis, et ego Claudia eam in iudicio post partem uestram deuindicare non potuero aut uos in uoce mea que pariam illam ego tibi Iohazino presbitero post partem ipsius monasterii iam dictum (fl. 33r.) in duplum et quantum a uobis ibi fuerit melioratum, et iudicatum et componam uobis illum plazum quod de illa a me et a uiro meo Tedon habetis factum et hec scriptura roborem obtineat in perpetuum. Facta karta uenditionis XIIII kalendas Iulii, era MCXXXXV. Ego Claudia Beicaz hanc kartam quam fieri iussi tibi Ioazino presbitero manu mea roboro et coram idoneis testibus ad signaui. Qui presentes fuerunt: Pelagius testis. Rodorigus testis. Fromaricus testis.

81

1111, Maio, 15 — Eicano Fafilas doa bens em Galegos.

TESTAMENTO DE EICANUS FAFILAZ. DE GALEGOS.

In Dei nomine et indiuidue Trinitatis Patris Filii et Spirictu Sancti. Ego Eicanus prolix Fafilaz, exiguo humilis Christi serui, offero a monasterio ipsius locis sanctis uocabulo Sancti Sal[u]atoris de Palaciolo, omnem meam hereditatem ad integrum sine ulla interposicionem que iacet in uilla Galegos et ganaui illa per meum precium et scripturas. Idem de hereditate de Susanna Diaz septima integra et de pinuti VII et de Ieluira et de Dulce dona filias de Cidi Mironiz VII integra et media septima et que ganaui de

Froila Auriliz de septima integra et media de Uestrimiru Diaz de septima integra et media quarta, et de filias de Cidi Mironiz uno pedazo de uinea quomodo se leuat de cinbello de illa // area ab integro per ubi illa potueritis inuenire cum omnibus prestacionibus suis, in cunctis illorum locis nouissimis et terminis antiquis pro remedio anime mee ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum hac clericorum ut deseruiat ipsi cenobio iam dicto temporibus cunctis et seculis sempiternis ut partem adipisci in celestibus regnis cum angelis sanctis, et [h]abet iacencia ipsa hereditate in uilla Gallegos subtus mons ordines discurrente arugio Kaualluno. Siquis tamen quod minime credimus fieri aliquis homo uenerit, aut aliam scripturam priorem aut posteriorem in contrarietatem huius series testamenti submiserit quisquis ille fuerit qui hoc presumserit, pariat ipsam hereditatem post partem ipsius monasterii in quaduplum cum suis edificiis, et insuper solidos D, et iudicatum sicut in decretis patrum sanctorum est institutum prefixum. Factum hunc series testamenti die erit idus Maii, era MCXXXXVIIIJ. Ego Eikanus prolix Fafilaz, in hoc testamentum a uobis priori domni Didaz et fratribus conmorantibus ibi ab amore Dei in hoc testamentum manus meas roboro. Pro testibus: Pelagio testis. Arias testis. Petrus testis.

82

1111, Janeiro, 17 — *Teuuili* Fafilas doa bens em Galegos mas deixando o usufruto a seu marido chamado *Bolmenzo*.

TESTAMENTO TEUUILI DE GALEGOS

In Dei nomine. Ego Teuuili offero sancto ac uenerabili altari Sancti Saluatoris Palacioli, pro remedio anime mee omnia mea heredi- (fl. 33v.) tate quam habeo in uilla Galegos et uenit michi de parte de meo patre Fafila ut si ego mortuam fuero ante meum maritum nomine Bolmenzo teneat illam in sua uita et nec uendat nec donet nec testet nisi solum modo restituatur iam dicto monasterio sana et integro. Si uero ipse meus maritus uel quislibet homo exraneus ac propinquus aliter egerit et hoc factum meum inrumpere temptauerit pro sola prsumpcione pariat cui uocem huius testamenti pulsauerit, ipsam hereditatem in duplo et iudicatum. Facta hec scriptura notum die XVI kalendas Februarii, era MCXXXXVIIII. Ego Teuuili in hac series testamenti manus meas roboro. Pro testibus: Iusto testis. Abdela testis. Diago testis.

83

? — Flâmula Mendes doa bens em Galegos e Barbosa

TESTAMENTUM DE FLAMULA MENENDIZ. DE GALEGOS ET DE BARUOSA

In Dei nomine. Ego Flamula Menendiz offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris Palacioli pro remedio anime mee omnes meas hereditates quos uenerunt michi ex porcione patris uidelicet et matris mee Menendi et Frogili in uilla Galegos et in Baruosa ab odierno die et de inceps deseruiant iam dicto sancto monasterio cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Et si aliquis uenerit extraneus siue propinquis meis ad inrumpendum hoc testamentum pro sola presumptione pariat ei qui uocem illius pulsauerit duplatum // et iudicatum. Exaratum est hoc testamentum, XVI kalendas Februarii, era MC [...]. Ego Flamula Menendiz in hoc testamento manibus meis roboro et ecclesia iam dicto presigno. Pro testibus: Menondus (*sic*) testis. Gunsaluus testis. Garsea testis.

84

1116-1120 — Garcia Dias vende bens em Galegos.

TESTAMENTUM DE GARCIA DIAZ, DE GALEGOS

Ego Garcia Diaz facio plazum siue testamenti Fernando priori Palacioli de omni mea hereditate quanta que habeo in uilla Galegos que fuit de meo patre Didago et de mea matre Godina. Do uobis illam pro precio scilicet uno boue apreciatum in X modios et alios decem modios, in auer ita ut ab odierno die et de inceps sit de meo iure et fratribus meis de quibus uoce uel iuce (*sic*) abrasa et in uestro iudicio sit tradita atque auctorizata. Siquis tamen quod ego non credo fieri aliquis homo uenerit uel uenerimus nos ad inrumpendum qui nos in iudicio deuindicare non potuerimus aut uos in uoce nostra pariemus uobis ipsam hereditatem in duplo et iudicatum. Ego Garcia una cum fratribus meis Suario et Pelagio propiis manibus roboramus et uobis presignamus. Pro testibus: Martinus testis. Sisnandus testis. Menendus testis.

85

1109, Agosto, 20 — Monio Alvares, com sua mulher Aimia Sarrazines, faz uma doação em Real, mas a parte respeitante a sua mulher é-o a título condicional.

TESTAMENTUM DE MONIU ALVARIZ.

Dominus inuictissimis ac triumphatoribus gloriosis sanctisque Martiribus, Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis et sanctorum reliquiarum que ibi recondite sunt (fl. 34r.) et duodecim apostolorum et quorum baselica fundata est in uilla Palacioli subtus mons ordinis discurrente riuulo Sausa territorio portugalense. Ego exiguo famulo Christi licet indigno, Monio Aluariz deouote in merito digno cum patre (*sic*) mole deprehenso spem fiducia in Deum habentem, que sanctorum meritis unusquisque disperationem respicior que etiam reatum meis criminis sepe pauesco ut per uos sancti martires Dei tandem reconciliari domino Deo nostro idem dedit talibus se eam agimus dumuota mea apostolos dedicare diceba: tue sunt Domine que de manu tua accepimus et dedimus tibi quia tu dedisti uobis unde nos habemus retribuere tibi et ideo pertimesco ab si Domine ut ueniat mihi mors adiuvante et omnia ordinata dimittere elegi ut facere textum scriuture firmitatis seriens testamenti a sacris altaribus tuis et ecclesie uestre pro luminaria mea et pro elemosines pauperum atque omnium hisdem ipsum locum ob onorem ipsius sanctorum uel sanctarum que in ipsum locum Sancti Saluatoris uel quorum reliquie recondite sunt uel orationem monachorum et fratrum de gentium inde memoriam, facio pro remedio anime mee, do atque testo ad ipsum locum Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis omnia mea hereditate que habeo in Uilla Rial, de quanta mihi ueni uel mea portione de auiorum uel parentum meorum medietate et de alia // que ego ganaui cum mea mulier nomine Aimia de illa racione medietate per ubi illas potueritis inuenire cum quantum in se obtinet et ad hominis aprestitum est. Post parte ipsius monasteri et non do ibi licentiam nullus generis homo nisi habitantes ipsius monasterii et boni fuerint et uita bonam perseverauerint, facio isto series testamenti ad ipsas reliquias sanctis que sursum resonant, et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis uel extraneis hunc factum meum infringere quesierit per qualiue causa, in primis sit excomunicatus et separatus de fide catolica et segregatus de ecclesia sancta et cum Iuda traditore habeat participacio in eterna dampnatione ubi tartharus feruens ubi est pena non

finienda et pariet ipsum testamentum duplatum a parte ipsius monasterii, et insuper D solidos, et iudicato ad rege qui urbe imperauerit et hunc factum meum habeat roborem stantem et permanentem uobis perpetim habituro imperante Portugal comes Enrichus et antiste nostro Mauricius archiepiscopus bragarensis. Facta series testamenti notum die erit XIII kalendas Setember, era MCXXXXVII. Monius prolix Aluariz in hac series testamenti manus meas Roboro, et ego Aimia proles Sarrazeniz addicio in hoc testamento quod fecit uiro meo (fl. 34v.) Monius Aluariz cenobio Sancti Saluatoris de omni mea hereditate tam de parentla quam etiam de ganancia pro remedio anime mee quam habeo in Uilla Rial, et illa alia hereditatas cum tanta cum quantum michi et filius meis remanet soluta ac libera in possessione conueni michi cum eis, ut nec uendamus nec donemus nec incomuniemus nec testemus in alia parte, nisi ad ipsum cenobium iam dictum et si unus de filiis meis sine semine mortuus fuerit, pars eius integra ipsi monasterio sine fine in perpetuo deseruiat pro remedio anime eius. Si autem ego Aimia hoc testamentum simul et plazo aut ex filiis meis excederimus, pena testamenti superius prescripti, post parte ipsius conponat et excomunicatus permaneat. Ego Aimia una cum filis meis in hac series testamenti simul et plazi manus nostras Roboramus. Pro testibus: Aluito testis. Pelagius testis. Garcia testis.

86

1112, Julho, 9 — Egas Peres e sua mãe Toda Pais doam bens *post mortem* em Milhundos Castanheira, Quintela, Peroselo, Oleiros, Louredo e Moazeres.

TESTAMENTUM DE EGAS PETRIZ ET DE SUA MATER

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Egas Petriz una cum matre mea Toda Pelaiz facimus textum scr[i]pture siue testamenti Sancti Saluatori de Palacioli de omnibus nostris hereditatibus cunctis habemus, uel habere potuerimus si sine liberis ex libero coniugio mortui fuerimus, et si unus ex nobis prius mortuus fuerit ille // que remanserit accipiat medietatem hereditatis fratris mortui, medietas quoque deseruiat supra dicto monasterio. Siquis tamen quod minime credimus fieri, aliquis homo uenerit tamen de nostris quam etiam de extraneis ad inrumpendum contra hoc testamentum pro sola presump-

tione, pariat ipsam hereditatem duplatam, illi qui uocem ipsius testamenti pulsauerit, et imperatore terre aliud tantum in iudicato et tandiu a corpore et sanguine Christi acetu Christianorum sit excomunicatus, quantum permanserit in ipso graui peccato. Aliam uero scripturam antepositam uel postpositam roborem habere in minime permittimus, sed istam in inuiolatam Deo in eternum servire mandamus. Facta series testamenti, VII idus Iulii, era MCL. Nos superius nominati, hoc testamentum quod iussimus fieri manibus notris roboramus, et ecclesie Sancti Saluatoris presignamus, uillas uidelicet atque nostrarum ecclesiarum portiones, tam de parentibus quam etiam de ganantiis he sunt in uilla Molunudus II bonos kasales inter Castineira et Quintanela, alios duos casales in Pedroselo et Oleiros illa hereditate integra quanta fuit de Ero Athaniz. In uilla Lauredo quarta de tota ipsa hereditate que fuit de nostra tia (fl. 35r.) domna Lili. De ecclesia uero Sancti Martini de Moazares nostra racione et Sancti Bartholomeu de Lauredo, ea racione que nobis competit de auus, uel parentibus nostris. Concedimus omnia scilicet superius nominata predicto altari Sancti Saluatoris, cum quantum in se obtinet, et aprestitum hominis est. Pro testibus: Gunsaluus testis. Pelagius testis. Petrus testis.

87

1168, Maio — Pedro Garcia vende bens em Guimarães (Penafiel) e será recebido como monge caso deseje.

KARTAM DE CONPARADELA QUI COMPARARUM IN GUAMERANES

IN Dei nomine. Ego Petrus Garcia, filius de Garcia Teodoniz. et de Le<o>gundia Gondesendiz facio altari Sancti Saluatoris Palacioli, et uobis abbati domno Egge Gomizoni ac ceteris fratribus eiusdem monasterii kartam uenditionis et firmitatis cum ceteris fratribus et sororibus meis illa hereditate quam testauerunt siue in plazum posuerunt genitoris nostri Iusto iam dicto monasterio et ipsa hereditas habet iacentiam in uilla Guimaranes quanta que ibi habuerunt genitoris nostri, subtus mons Aluogares, discurrente ribulo de Ladrones, territorio Portugalis. Damus Deo et uobis iam dictis istam hereditatem per ubi illam potueritis inuenire per suos terminos nouissimos et antiquos tam in montes quam in fontes, cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est et accipio pro inde de uobis in precio unum bouem obtinium tantum nobis et uobis bene conpla-

cuit ut ad iu (*sic*) ut uiuetis me semper de monasterio et si ad habitum mon[a]chilem uenire quandoque uelim recipiatis me et contineatis, habeatis uos eam semper et sucessores uestri cunctis temporibus seculorum. Si tamen quod minime fieri credo aliquis homo uenerit tam de nobis quam de aliis qui hanc kartam inrumpere temptauerit, in primis sit excomunicatus et maledictus et confusus atque aliminibus sancte ecclesie separatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus, et pariat istam hereditatem duplatam et quantum fuerit melioratam et insuper D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta uenditionis siue testamenti mense Mayo, era MCCVI. Ego supradictus Petrus Garcia in hanc kartam manus meas Roboro. Pro testibus: Menendus testis. Pelagius testis. Garcia testis.

88

1090, Outubro, 9 — *Eveandus Odoriz* doa bens em Cadeade

TESTAMENTUM DE ENVEANDUS IN CATENATI.

IN nomine sancti et individue Trinitatis. Ego famulus Eveandus prolis Odorii, offero huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de monasterio Palacioli omnem meam integram meam hereditatem cum suo casale quam habeo in uilla Catenathi in ripa fluminis Sause, territorio portugalensis, secus montem ordinis (fl. 35v.) et uenit michi in porcione de genitore meo Odorio, idem tercia integra de ipsa quinta que fuit de ipso patre meo quomodo in se illum obtinuit cum hominibus prestacionibus suis et locis terminis nouissimis et antiquis ut que in ipso flumine suis pescariis, pro remedio anime mee et pro genitori mei ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum seculi seculorum. Siquis tamen quod minime credimus fieri tam de extraneis quam etiam de propinquis home uenerit uel uenerimus contra hoc testamentum infringere uoluerit pro sola presuntione pariat duo auri talenta et excomunicatus permaneat quantum steterit contra hoc testamentum in superbia, et insuper pariat ipsum testamentum in quadruplum et quantum de talibus secundum sancti canonis et libri iudicialis fuerit melioratum et hoc testamentum perpetim plenam obtineat firmitatem. Facta series testamenti VII idus Octuber, era MCXXVIII, sub inperio catholici regis domni Adefonsi, et Petri ecclesie bracarensis episcopi. Ego Enueandus superius memoratum quod sponte Deo noui opere impleui, et hoc testamentum manus meas Roboro. Pro testibus: Gunsaluo testis. Aluaro testis. Egas testis.

89

1139, Fevereiro, 24 — Vivila Pais com os seus filhos Heldora e Pedro Viegas vende bens em Cadeade.

KARTULA DE COMPARATELLA QUE COMPARAUM DE PALACIOLI IN VILLA CATHENATI

IN DEI nomine ego Ui-//uili Pelaiz una cum filiis meis Heldora Uenegas et Petro Uenegas placuit nobis per bonam pacem et uoluntatem ut faceremus uobis Alfonso abbati ceterisque fratribus monasterii Palacioli, cartulam uendicionis de hereditate nostra propria quam habemus in uilla Cathenati quantum que ibi habemus. Damus uobis illam integram cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, et accepimus de uobis in precium VII morabitinos de auro puro tantum nobis et uobis bene conplacuit et de precio apud uos nichil remansit pro dare. Siquis tamen quod nos non credimus fieri aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hanc kartam uendicionis ad inrumpendum, que nos in iudicii in deuindicare aut auctorizare non potuerimus, aut uos in uoce nostra quomodo pariemus uobis ipsam hereditatem duplatam, et insuper D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Era MCLXXVII, facta karta uendicionis VI kalendas Marcii. Ego Uivili Pelaiz una cum filiis meis uobis Alfonso abbati, ceterisque fratribus uestris Palacioli in hanc kartam propriis manibus Roboramus Pro testibus: Garcia testis. Suarius testis. Petrus testis.

90

1139, Março, 24 — Garcia Pais, João Pais, Boa Pais, Monia Pais e Maria Pais vendem terras em Cadeade.

KARTUL DE COMPARATELLA QUE COMPARUM IN UILLA CATHENATI

IN Dei nomine. Ego Garcia Pelaiz et Iohanne Pelaiz et Bona Pelaiz et Monia Pelaiz et Maria Pelaiz placuit nobis ut face- (fl. 36r.) remus uobis Alfonso abbati, ceterisque fratribus monasterii Palcioli, cartulam uenditionis de hereditate nostra propria quam habemus in uilla Cathenati quantaque ibi habemus quantum fuit de nostros parentes quam etiam de ganan-

cia. Damus uobis illam integram cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est et accepimus ex uobis in precium unam equam prauam (= *parvam*), tantum nobis et uobis bene conplacuit. Si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hanc cartulam uenditionis ad inrumpendum que nos in iudicium deuindicare aut autorizare non potuerimus, aut uos in uoce nostra, pariamus uobis ipsam hereditatem duplatam uel quantum uobis fuerit meliorata, et insuper centum solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta VIIIJ kalendas Aprilis sub era MCLXXVII. Ego Garcia Pelaiz una cum fratribus meis Iohanne et Bona, et Monia et Maria, uobis Alfonso abbati, ceterisque fratribus uestris in hanc kartam propriis manibus roboramus. Pro testibus: Garcia testis. Sisnandus testis. Martinus testis.

91

1123, Agosto, 12 — Paio Alvites doa e vende bens em Cadeade para pagar uma multa por dois crimes cometidos no território do couto.

KARTULA DE COMPARADELA IN UILLA CADENADI

IN nomine Domini nostri Ihesu Christi. In domino Deo perpetuum salutem amen. Ideo placuit michi Pelagius Aluitiz per bone pacis et uoluntas asto animo integro que consillo nullo quoque // gentis imperio sed propria michi accesit uoluntas ut facerem uobis domno Martino priori Palacioli et uestra congregatio karta de hereditate mea propria per manum domno Ermigius pro nota calunia que feci in uestro cauto scilicet duos omicidios. Do uobis illa et rogo ut accepiatis quod plus uobis dedebam sed non habeo unde reddam, et habet ipsa hereditate iacencia in uilla Cathenati, habeat illo monasterio illa semper; et si aliquis homo uenerit tam ego quam etiam de propinquis meis siue de extraneis qui hanc kartam inrumpere uoluerit: in primis sedeat excomunicatus et a corpus Deum segregatus et cum Iuda traditore habeat porcionem insuper duplata reddat ipsa hereditate, et ad iudicem quingentos solidos. Facta karta notum die quod erit II idus Agusto, era MCLXI. Ego Pelagius Aluitiz in hanc kartam manus meas roboro. Pro testibus: Ermigius testis. Aluitus testis. Monius testis.

92

1107, Abril, 15 — Odorio *Guandilaz,* leproso, doa bens em Cadeade (1)

TESTAMENTUM DE ODORIO GUANDILAZ IN CADENADI

DOMinis inuictissimis ac triumphatoribus sanctisque Martiribus, Sancti Saluatoris et Sancte Marie uirginis sanctorum apostolorum Petri et Pauli, uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palacioli subtus mons ordines discurrente riuulo Sausa territorio portugalense (fl. 36v.) me exiguo indigno famulo Dei Odorio Guandilaz do atque testo pro remedio anime mee ad ipsum locum in honore sanctorum quorum ibi relique reconduntur hereditate mea propria que habui de parentum uel auiorum meorum et illa conparade[l]a que ego conparaui per meo precio de filios de Pelagio Diaz quinta integra et illa que ego conparaui de mea germana de sua portione medietate per ubi illa potueritis inuenire cum omnis domorum et suis edificiis et quantum aprestitum hominis est, exitus uel regressus tantum michi bene complacuit, et uos fratres de illo monasterio que faciatis michi caritate in mea uita pro que ego sum misso in lepra et fragicia, et si aliquis homo uenerit uel uenerimus tam de extraneis quam etiam de propinquis nostris an per nos an per nostro consilio an per scripturas anterioras aut posterioras ad inrumpendum hunc factum meum scripture series testamenti: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore im pena dampnatus et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datam et Abiron, quos uiuos terra obsorbuit et insuper ipsum testamentum pariat quadruplatum post parte ipsius monasterii et alio tanto ad imperatori terre. // Facta series testamenti notum die erit XVII kalendas Magii, era MCXXXXV. Ego Odorio Guandilaz in hoc testamento manus meas roboro. Pelagius testis. Gunsalvo testis. Aluitus testis.

93

1104, Maio, 30 — Vestrimiro Alvites com sua mulher *Trodilli Evenandiz* e Adosinda Esteves, devota, doam *post mortem* todos os seus bens.

(1) No texto não refere o local.

TESTAMENTUM DE VESTRIMIRU ET UXOR SUA

DOMinis inuictissimis hac triumphatoribus gloriosissimis sanctisque martiribus tuis, Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis et sanctarum reliquiarum que ibi recondite sunt et duodecim apostolorum, et quorum baselica cernitur esse fundata in uilla Palacioli subtus mons ordines discurrente riuulo Sause territorio portugalense. Ego nos humiles famulus Dei, Uestrimiru Aluitiz una pariter cum uxori mea Trodilli Euenandiz, et ego Adosinda Stephaniz deouota dignis cum peccare mole depressus spem fiduciam abentes que sanctorum me (*sic*) meritis; unus quisque disperationem respicior que etiam testemus reatum nobis, atque nostris criminis sepe pauesco ut per uos sancti martires Dei tam idem reconciliari, mereari domino Deo nostro idem dedit talibus se eam agibus d[e]umuotas nostras apostolos dedicare dicebat: tue sunt Domine que de manu tua accepimus et dedimus tibi, quia tu dediste nobis unde nos habemus unde retribuere tibi, et ideo pertimesco absit Domine ut ne ueniat nobis mors adiuuuante (*sic*) et omnia in ordinata dimittere elegimus ut faceremus (fl. 37r.) testum scripture firmitatis series testamenti a sacris altaribus tuis et ecclesie uestre pro luminaria nostra et pro elemosinis pauperum, atque omnium hisdem ipsum locum ob honorem ipsius sanctorum uel sanctarum que in ipsum locum Sancti Saluatoris uel quorum reliquie ibi recondite sunt uel oracionem monachorum et fratrum de gentium inde memoriam facimus pro remedio animas nostras damus atque testamus ad ipsum locum Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis omnias nostras hereditates que habemus de susceptione auiorum nostrorum et parentum nostrorum et fuit de auia nostra Odrozia Salomoniz, ego Ausenda do atque contesto tertia de illa hereditate; ego Uestrimiru Alvitiz do alia tercia que comparauit de meos congermanos et quanta inde uenit michi in porcione mea de patre meo et de tota ista hereditate de nona tercia que ego conparauit de Maria Pelaiz mea subrina; sit testo ut que habeamus nos illa in nostra uita, et post obitum nostrum habeat testamentum roborem a parte huius testamenti monasterii et non damus ibi licenciam nulius generis hominis nisis habitantes huius locis qui boni fuerint et uitam sanctam perseuenerauint; et si aliquis homo uenerit tam de propinquis meis quam etiam de extraneis qui hunc factum // nostrum infringere quesierit, au temptare uoluerit per qualibet hominem aut scripturas anterioras uel posterioras unde impedimento habeatis et ipso testamento nostro: in primis sit excomunicatus, et separatus et segregatus de ecclesia sancta et cum Iuda traditore habeat participatio, ubi non est finienda penna et pariat ipsum qui

contempserit quadriduplato ad parte de illo testamento et insuper duo auri talentum simul et argentum fallice et in iudice aliud tantum urbe imperante ut sit semper factum nostrum habeat roborem firmiter et perpetim secula seculorum. Regnante principe nostro Adefonso ispaniense et comite nostro Enrrici, et antistite nostro Giraldus archiepiscopus bracharensis. Facta scriptura series testamenti notum diem erit III kalendas Iunii, era MCXXXXII. Ego Uestrimirus et una pariter cum uxore mea Todilli, et pariter meo cum eis Adossinda Stephaniz in hac scriptura series testamenti manus nostras Roborauimus. Pro testibus: Suario testis. Egas testis. Menendus testis.

94

1108, Setembro, 18 — Vestramiro Sendamires doa bens em Abovedres.

TESTAMENTO DE VESTRIMIRUS SENDAMIRIZ

IN Dei nomine. Ego Uestrimiru Sendamiriz pla[c]uit michi per bonam pacem ex propria mea et uoluntatem est facerem testamentum acisterio Sancti Salua- (fl. 37v.) toris de Palacioli quod est situm sed (1) flumen Sause de propria mea hereditate que habeo in uilla aput Ueteres inter monte Castro et uilla Palacioli territorio portugalense et uenit michi ipsa hereditate de mea matre Auonda. Do eam ad domum Domini et monasterio Palacioli pro remedio anime mee cum omnibus suis prestacionibus suis et locis nouissimis et antiquis per ubi illa potueritis inuenire cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est ut habeant inde serue Dei tempore subsidium, et ego ante Deum premium sempiternum. Ita ut de hodie die uel tempore de iure meo sit abrasa et in iudicio supra dicta atque confirmata alteram uero scripturam antepositam uel postpositam stabilire minime permitto sed istam solam Deo in eternum seruire mando. Nemine uero permitto ex propinquis uel extraneis neque ullum genus humanum ibi aliqua irruptione facere aut ista scriptura uiolare. Quod qui fregerit et hunc factum meum imrumpere temptauerit ad partem ipsius monasterii pariat ipsam hereditatem duplatam; et insuper C solidos et iudicatum. Facta kartulam testamenti notum die eri XIIII kalendas Occtubris, era MCXXXXVI. Ego Uestrimiro Sendamiriz in hanc kartam siue testamenti quod // fieri iussi manus meas Roboro. Pro testibus: Gunsalvo testis. Petro testis. Diagus testis.

(1) Por *secus*.

95

1108, Outubro, 6 — Maria Vestrimires doa bens em Abovedres.

TESTAMENTUM DE MARIA VESTRIMIRIZ.

DOMinis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus, Sancti Saluatoris et Sancte Marie eiusdem genitricis sanctorum apostolorum Petri et Pauli uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palacioli subtus mons ordinis discurrente riuulo Sause territorio portugalense. Ego exigua famula Christi licet indigna Maria Uestrimiriz, do atque concedo pro remedio anime mee ad ipsum locum uel honorum sanctorum quorum ibi riliquie reconduntur. Omnia mea hereditate quo habui de auiorum uel patre de meo Uestrimiro Aluitiz in uilla apud Ueteres cum quantum in se obtinet et ad omnis adprestitum omnis est. Do illa pro remedio anime mee ut ante Deum merear remissionem pecatorum in die iudicii audire ab eo cum electis dicentem: Venite benedicti Patris mei percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit uel uenero contra hunc factum meum ad inrumpendum in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in pena sit damnatus et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datan et Abiron quos uius terre obsorbuit, et insuper ipsum testamentum pariat quadruplatum et iudicatum post parte ipsius (fl. 38r.) monasterii aut cuilibet persone et ad iudici terre alio tanto. Facta series testamenti notum die eri II nonas Octubris, era MCXXXXVI. Ego Maria iam supra dicta manus meas Roboro. Pro testibus: Petro testis. Diagus testis. Sisnandus testis.

96

1117, Fevereiro, 18 — Paio Gomes doa bens em Abovedres juntamente com sua mulher Elvira Gondesendes.

TESTAMENTUM DE PELAGIO GOMEZ. ET UXOR SUA GELUIRA GONDESENDIZ

IN nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti. Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus gloriose luce perfusis et premium beatitudinis laureatis, Sancti Saluatoris mundi et Sancte Marie semper uirginis eiusdem Dei et Domini nostri, et Sancti Michaelis, arcangeli, et

sanctorum apostolorum Petri et Pauli uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palacioli subtus mons ordinis discurrente riuulo Sausa territorio portugalense. Nos exigui famulus Christi licet indigni Pelagius Gomiz et uxor eius Geluira Gondisindiz, damus atque testamus pro remedio anime nostre ad ipsum locum in honore sanctorum quorum ibi reliquie reconduntur hereditate nostra propria quam habemus de sancto Martino de aput Ueteres scilicet quartam integram de ipsa ecclesia tantum nobis conuenit de nostris parentibus per suis locis et terminis antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est, et habet iacentiam subtus mons ordinis discurrente riuulo Sausa territorio portugalense. Damus ut ante // ut ante Deum mereamur remissionem peccatorum in diem iudicii et audire ab eo cum electis dicentem: Venite benedicti patris meis percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc factum nostrum ad inrumpendum in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in pena dampnatus, et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datan et Abiron quos uivos terra obsorbuit, et insuper illum testamentum pariat quadruplatum et iudicatum post parte ipsius monasterii aut cuilibet persone. Facta series testamenti notum die rit XII kalendas Marcii, era MCLV. Nos supra dicti Pelagius Gomiz et uxor eius Gelvira Gondisendiz hoc testamentum quod iussimus fieri manibus propriis Roboramus. Pro testibus: Egas testis. Ero testis. Pelagios testis.

97

1112 — Paio Gontemires vende bens em Vilar a Joaquim Presbítero.

TESTAMENTUM DE IOACHINO PRESBITERO.

IN Dei nomine. Ego Pelagius Gontemiriz facio uobis Ioachino presbitero kartam uenditionis et firmitudinis sicut et feci de hereditate mea propria quam habeo in uilla que dicitur Uilar subtus montem ordinis discurrente arogio Materni et riuulo Sau (*sic*) Sause territorio portugalensi. Do ipsa uilla a uobis iam dicta de ipsa hereditate que fuit de meo (38v.) patre nomine Gontemiro quarta intus et foris cum omnibus prestacionibus suis cum quantum in se obtinet et ad usus hominis est. Idem domus uineas cortinas arbores fructuosas et infructuosas terras ruptas et inruptas petras mouiles et inmouiles, aquas fontium seu torrentium cum exitu uel regresu in cunctis locis suis et terminis antiquis quomodo diuidet cum Quintana et

cum Ascariz et Fonte Archato, et cum Cresconi. Vindo uobis illam ad integum sicut iam diximus et accepi de uobis precium pro illa unam uacam uitulatam, adpreciatam in decem modios tantum micihi (*sic*) bene complacuit. Ita ut de hodie die et de inceps sit ipsa hereditas de iure meo abrasa atque sublata, et in uestro iudicio tradita et confirmata tempporibus cunctis et seculis sempiternis. Siquis tamen quod minime credimus fieri aliquis < homo > uenerit uel uenerimus contra hanc kartam uendicionis ad inrumpendum, et ego illam in iudicio post partem uestram aut uos in uoce nostra non potueritis deuindicare uel potuerimus. Qui param uobis ipsam hereditatem duplatam uel triplatam et quantum in ea fuerit melioratum et iudicatum. Facta series karta uendicionis et firmitudinis // sub era MCL. Pro testibus: Petro testis. Menendus testis. Fernandus testis. Ego Pelagius Gontemiriz in hanc kartam uendicionis uobis Ioachino presbitero in uoce de sancto Petro manu mea roboro.

98

1103, Setembro, 10 — Mem *Manildiz* e seus irmãos vendem bens em Vilar e Escariz.

KARTULAM VENDICIONIS DE UILAR ET IN ASCARIZ·

IN Dei nomine. Ego Menendo et meos iermanos et iermanas Eldonza et suos filios Gontili cum suo iermano, Froila ideo placuit nobis per bona pacis et uoluntas ut uenderemus a uobis fratribus de Palacioli Pelagio et alio Pelagio et Aluito, ut habeatis uos illa firmiter et Sancti Saluatoris Domini nostri Ihesu Christi ipsa hereditate que habemus de auiorum et parentum nostrorum. Damus a uobis ipsa hereditate in ipsa uilla Uillar et Ascariz terra portugalensis subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa in ipsa uilla que sursum est nominata in casas in uineas in sautos in pumares petras mouiles et inmouiles in montes in fontes in sesegas molinarum per ubi illa potueritis inuenire cum suo exitu uel regresso cum quanto in se obtinet uel adprestitum hominis est, et accepimus de uobis precio LX solidos et unum tantum nobis bene conplacuit et nihil apud uos non remansit in debitum. Ita ut de hodie die uel tempore seiat ipsa hereditate de iure nostro abrasa et in iuri (fl. 39r.) nostro sit tradita atque confirmata. Facta kartula uenditionis, notum die erit IIII idus Setembris, in era MCXXXXI. Damus atque concedimus, et siquis tamen aliquis homo

uenerit uel uenerimus ad inrumpendum contra hunc factum nostrum et nos in iudicio deuindicare non potuerimus aut uos in uoce nostra quomodo pariemus a uobis ipsam hereditatem duplatam uel triplatam et quantum a uobis fuerit meliorata. Nos super nominatos filios de patre Manild[i]z et mater nostra Gaudiosa, in hanc kartulam uendicionis manus nostras Roboramus. Pro testibus: Pelagio testis. Menendo testis. Elias testis.

99

1105, Abril, 30 — Mendo Ataulfes doa bens em Vilar.

TESTAMENTUM DE MENENDO AULFO

IN Dei nomine. Ego Menendo Aulfo, in nomine Patris et Filli et Spirictu Sancti amen, et placuit michi per bona pacis et uoluntas, ut ego facio pro amorem Dei omnipotentis testum scripture series firmitatis, ad ipsius aulam Sancti Saluatoris Sancte Marie, hic in Palacioli per manus domni Fernandus monaco, contexto illam meam lairam hic in Uillar et habet in amplo uno pasal et in longo quomodo se leva de uilla quintana et fer in carrale antiqua, cum suas arbores et deseruiat ipsa laria ad ipsius locis sanctis superius memoratus pro remedio anime mee aut de genitori meo Ero Pelaiz cunctis temporibus seculorum; et si aliquis // formam generis humana hunc factum scripture testamenti infringere aut temptare, uel extraniare uoluerit pro sola presumptione pariat illa laria a pars testamenti per IIII duplata et ad iudice alio tanto et post perdat corpus Domini. Facta scriptura testamenti II kalendas Maii, era MCXXXXIII. In iussione domni monacus Menendus Adulfiz in hoc testamentum manus meas Roboro. Qui pro testes: Arias testis. Fromarigo testis. Monio testis.

100

Entre 1088-1103, Fevereiro, 28 — Paio Ordonhes e sua mulher Gontila Enigues vendem bens em Escariz.

TESTAMENTUM DE PELAGIO ORDONIZ ET UXOR SUA GONTILI

IN Dei nomine. Ego Pelagio Ordoniz et uxor mea Gontili Eniguiz placuit michi per bona pacis et uoluntas ut uenderemus a uobis domno Sisnando diacono sicut et uendimus hereditate nostra propria que habemus et ueni

a nobis de nostra matre Uida Ascariz de tota sua hereditate septima integra et habet iacencia in uilla quos uocitant Ascariz in loquo predicto in ipso casal de auia mea Ceti subtus mons ordines discurrente riuulo Sausa territorio portugalense. Damus a uobis illa septima integra cum quantum in se obtinet et ad hominis aprestitum est per illa potueritis inuenire per suos terminos uel locis antiquis; et accepimus de uobis precio quantum a nobis bene conpla- (fl. 39v.) cuit habeatis uos illa firmiter feceatis que uolueris; et si aliquis homo uenerit uel uenerimus ad inrumpendum contra hanc kartulam uenditionis que nos ad iudicium deuindicare non potuerimus aut uos in uoce nostra quomodo pariemus a uobis ipsa hereditate duplata et iudicato. Facta kartula uenditionis notum die II kalendas Marci. Ego Pelagio et uxor mea Gontili in hanc kartulam manus nostras Roboramus. Pro testibus: Petro testis. Romano testis. Menenendo testis.

101

1114, Novembro, 11 — Florida *Tolquidiz* doa bens em Lagares, Escariz e Vilar. Seu filho Pelagio Eniguiz acrescenta a esta doação outros bens caso não tenha filhos de sua mulher Monia.

TESTAMENTUM DE FLORIDA TOLQUIDIZ

IN Dei nomine. Ego Florida Tolquidiz, placuit michi per bona pacis et uoluntas ut facerem testamenti Sancti Saluatori de Palacioli quod est constructum secus Sausam subtus mons ordinis arrogio Palacioli territorio portugalense, de mea propria hereditate quantam habeo in uilla de Lagares et ipsa hereditas est septima de illo casal de auio meo Germias Sarrazinis et alia septima integra de illo casal que fuit de auia mea Gualamera in uilla Ascariz et in Uillar quinta integra uam conparaui Maioria et de suo filio nomine Ermigildo per meum precium et kartulam. Et ego Pelagius Enniguiz filius istius mulieris addicio unam // cum matre mea ad istum testamentum quartam de illo casal que fuit de Ordonio Aliariguiz et si ego Pelagius non habuerit semen de uxore mea nomine Monia cum quamodo sedeo habeo roborem firmum ista quarta quam testo. Si autem habuero semen de ea, recipiat pro medietate de ipsa quarta, septem modios et duos quatuor in precio quia iam dedit ad meo socero Alfonso Spancandiz uno boue rubeo in septem modios plenos. Facta karta series testamenti erit die III idus November era MCLII. Ego Florida uoca-

bulo Maria una cum filio meo Pelagio hoc testamentum quod iussimus fieri, in presencia domni Aluiti prioris, manibus nostris Ro+ramus. Pro testes: Monius testis. Martinus testis. Arias testis. Petrus Notuit.

102

1103, Março, 24 — Fromarigo Crescones doa bens em Escariz

TESTAMENTUM DE FRUMARIGO CRESCONIZ

Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus, Sancti Saluatoris et Sancte Marie eiusdem genitricis sanctorum apostolorum Petri et Pauli uidelicet et Mathei euangeliste quorum baselica fundata est in uilla Palaciolo subtus mons ordinis discurrente riuulo Sausa territorio portugalense. Ego exiguo famulo Christi licet indigno Frumarigo Cresconiz do atque testo pro remedio anime mee (fl. 40r.) ad ipsum locum in honore sanctorum quorum ibi reliquie reconduntur hereditate mea propria que habeo in uilla Ascariz subtus mons ordinis discurrente ribulo Sause territorio portugalense in loco predicto in ipso kasale que fuit de mea matre nomine Egilo de tota mea hereditate medietate integra siue de parentela quam etiam de ganantia ab integro per suis locus et terminis antiquis cum quantum in se obtinet et adaprestitum hominis est. Do illa pro remedio anime mee ut ante Deum merear remissionem peccatorum in diem iudicii et audire ab eo cum el[e]ctis dicentem: Venite benedicti Patris mei percipite regnum. Et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc factum meum ad inrumpendum: In primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in pena dampnatus et maledictione illa sit super eum que meruerunt Datan et Abiron quos vivos terra obsorbuit, et in super pariat ipsum testamentum quadriplatum et iudicatum post parte abbatis ipsius monasterii aut quilibet persone et ad iudici terre alio tanto. Facta series testamenti notum die erit VIIII kalendas Aprilis, era MCXXXXI. Ego Fromarigo Cresconiz in hunc testa-//mentum manus meas Roboro. Pro testibus: Petro testis. Diagus testis. Aluitus testis.

103

1117, Janeiro, 30 — Ramiro Álvares doa bens em Beleco.

TESTAMENTUM DE RAMIRU ALVARICI

IN nomine sancte et individue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti. Ego humilis famulus Dei Ramiru Alvariz offero altari Sancti Saluatoris de Palacioli hereditate mea propria quam habeo in uilla Belleci in prouintia de Sancta Maria de Ouar que conparaui de Sesufu duas partes integras cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Siquis tamen quod non credo fieri aliquis homo uenerit tam de extraneis quam etiam et de propinquis contra hoc testamentum ad inrumpendum quatinus pariat illi qui uocem predicti monasterii Palacioli pulsauerit, ipsam hereditatem quadriplatam et iudicatum, et insuper si se a tali presunptione mala cito non corrigere noluerit tam diu aliminibus ecclesie sit excomunicatus quantum steterit in tam graue peccatum. Ego superius nominatus Ramirus una cum filiis meis Didagus, Honorigo, Petrus, Pelagius, Menendus. Godina, Gontina, hoc testamentum propriis manibus nostris roboramus. Notum die erit III kalendas Februarii, era MCLV (f. 40v.) Pro testibus: Pelagius testis. Petrus testis. Menendus testis.

104

1132, Janeiro, 1 — Toerigo Sesufes com seus irmãos Arias, Diogo, Boa e Godina doam bens em Beleco e Covelas.

TESTAMENTUM DE TOERIGO CUM SUOS FRATRES

IN nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti. Nos exiguos famulos Dei nominatos Toerigo, Arias, Didaco, Bona, Godina prolix Sesufici pro nos et pro nostros fratres perpetuus metu ge[h]enne ignis, uel propter gloriam uite eterne, offerimus beatissimo altari Sancti Saluatoris Palacioli monasterii et Sancti Mi (*sic*) Michaelis de Beleci omnem nostram hereditatem tam de parentibus nostris quam etiam de ganantiis cunctam que nobis contigit in uilla Belleci et in uilla Couelas per suis terminis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, territoro portugalensis subtus mons Castro Portella discurrente ri (*sic*) riuulo innea, ita ut hodie die si nos ausus fuerimus hunc factum nostrum infringere uoluerimus aut aliquis homo uenerit in uoce nostra ut pariat a pars monasterii ipsas hereditates duplatas; et insuper sit excomunicatus et cum Iudas habeat participium in dampnatione mortis nise se correxerit.

Facta karta testamenti die kalendas Ianuarii, era MCLXX. Nos superius nominatos Toerigo, Arias, Diago, Bona, Godina // in hoc testamentum propriis manibus Roboramus. Pro testibus: Menendus, Petrus et Pelagius testis testis testis.

105

Cerca de 1112-1117 — Ramiro Álvares com sua mulher Teuila Herones, Ramiro Lovesendes com sua mulher Godina Sesufes e Toerigo Sesufes com sua mulher Boa Bermudes, herdeiros da igreja de S. Miguel de Beleco, doam as suas partes de essa igreja.

TESTAMENTUM DE RAMIRO CUM FRATRES SUOS

Nos heredes et possessores qui sumus filiis ecclesie discipulos Michaelis que esse fundata inter Paradela, et inter uilla Beleci que est in loco predicto inter ambas aquas hic summus pernominati· Ramiru Aluariz et uxor mea Teuuili Heroniz et Ramiru Louesendiz et uxor sua Godina Sesufizi et Toderigo Sesufiz et uxor sua Bona Uermuiz. Nos omnes superius nominati, offerimus ad ipsum locum supra dictum Sancti Michael, omnes portiones nostras quas habemus inter ambas ipsas aquas, et de illa petra scripta que sparte cum Thanihel, et ex parte cum Fermedo quomodo discurrent ipsas aquas et geminantur sub ipsa ecclesia, pro animaram nostrarum, et parentum nostrorum ut deseruiant ipsi altari Sancti Michaelis temporibus seculorum et si unus ex nobis aut ex seminibus nostris ad istum testamentum uoluerimus inrumpere tam de propinquis quam etiam de extraneis ut pariamus nos que in hoc testamentum resonat et insuper C solidos et iudici alium tantum. Nos superius nominati, in hoc testamento quod iussimus manus nostras Roboramus. Pro testibus: (fl. 41r.) Roderigu testis. Ramirus testis. Louesendo testis.

106

1113, Março, 21 — Diogo Teoderigues com seus irmãos Gondesindo, Teuda e Gontilia doam bens a S. Miguel do Mato (Arouca).

TESTAMENTUM DE DIAGO TOERIZ, DE SANCTO MICHAEL DO MATO

Sub Christi nomine, et eius misericordia. Ego Didago proles Teoderiguiz simul cum fratribus meis, quorum nomina hec sunt Gundesindus Teuda, Guntili omnes nos infra scriptos humaniter pro remedio animarum nostrarum sancto et uenerabilii altari quod est constructum sub nomine sancte et indiuidue Trinitatis in honore et ueneratione Sancti Michaeli archangeli, inter Couellas et Paradela, et inter Fermedo et Parada; offerimus omnia nostra portione de hereditate nostra quanta nos conpetit inter nostros heredes de cacumine de Ganderella quomodo discurrit aqua usque ad illas de Paratella et de illa archana scripta quod est prefixa circa Auruita et inferius usque ad illa aqua de Paratella de Pelagio Nigro ut deseruiat ipsi cenobio iam dicto de toleranciam fratrum et uitam monachorum temporibus seculorum. Siquis tamen quod non credimus fieri aliquis homo ex qualicumque genere ad inrumpendum uenerit contra hoc testamentum: in p[ri]mis sit excomunicatus, et insuper ipsum testamentum in quadruplum componat, et quinquaginta solidos monet probate, post parte ipsius cenobii et soluta et iudicato. // Facta karta XII kalendas Aprilis, era MCLI. Nos superius nominati hoc testamentum iussimus Roboramus. Pro testibus: Aluarus testis. Ramirus testis. Pelagius testis.

107

1117, Janeiro, 30 — Ramiro Álvares com sua mulher doa bens em Beleco (Arouca).

TESTAMENTUM DE RAMIRO ALVARIZ ET UXOR SUA, DE BELLECI

IN nomine sancte et individue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis famulus Dei Ramiru Alvaris et uxori mee, offerimus altari Sancti Saluatoris hereditate nostra propria quam habemus in uilla Belleci in prouincia de Santa Maria de Ouar que conparaui de Sesufu duas partes integras cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Siquis tamen quod non credimus fieri aliquis homo uenerit tam extraneis quam etiam et de propinquis contra hoc testamentum ab inrumpendum quatinus pariat illi qui uocem predicti monasterii Palacioli pulsauerit ipsam heredtatem quadriplatam et iudicatum et in super si se a tali pre-

sumptione mala cito corrigere noluerit, tam diu aliminibus ecclesie sit excomunicatus, quantum steterit in tam graue pecatum. Ego superius nominatus, Ramirus una cum filiis meis Didagus, Honoricus, Petrus, Pelaius, Menendus, Gudina, Guina, Guntina, hoc testamentum propriis manibus roboramus (fl. 41v) et ecclesie Sancti Saluatoris presignamus. Notum erit III kalendas Februarii, era MCLV. Pro testibus: Ramiru testis. Aluito testis. Roderigus testis.

108

1132, Janeiro, 1 — Toerigo, Arias, Diogo, Boa e Godina Sesufiz doam todos os bens que possuiam em Beleco e em Covelas.

TESTAMENTUM DE BELECI ET DE COVELLAS.

IN nomine sancte et individue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Nos exiguos famulos Dei nominatos Toerigo, Arias, Didago, Bona, Godina, prolix Sesufiz pro nos et pro nostros fratres propter metum gehenne ignis uel propter gloriam uite eterne offerimus beatissimo altari Sancti Saluatoris Palacioli monasterii et Sancti Michaelis de Belleci omnem nostram hereditatem tam de parentibus meis quam eciam de gananciis cunctam que nobis contigit in uilla Belleci et uilla Couelas per suis terminis cum quantum in se obtinent et adprestitum hominis est, territorio portugalensis, subtus mons Castro Portella, discurrente riuulo innea; ita ut hodie si nos ausus fuerimus hunc factum nostrum infringere uoluerimus aut aliquis homo in uoce nostra ut pariat a pars monasterii ipsas hereditates duplatas et insuper sit excomunicatus et cum Iudas habeat participatio in dampnacione mortis nisi se correxerit. Facta karta testamenti die kalendas Ienuarii, era MCLXX. Nos superius nominatos Toerigo, Arias, Diago, Bona, Godi- // na in hoc testamentum propriis manibus Roboramus. Pro testibus: Mennendus testis. Petrus testis. Pelagius testis.

109

1085, Agosto, 5 — Sentença do pleito entre os frades do mosteiro de Vilela (Paredes) e os herdeiros de S. Mamede de Fafiães.

ORTA FUIT INTER FRATRES DE UILELA ET DE HEREDES DE SANCTO MAMEDE FAFIL[A]NES

Temporibus illis quibus Adefonsus rex Spaniarum adprehendit Tolletum orta intentio inter fratres de monasterio de Uilella et heredes de Sancto Mametis de Fafilanes hi sunt pernominati: Didagus presbiter et monacus qui pater [?] erat monasterio ipsius Uilella in uoce de Sancto Stephano contra Eirigu Asiulfiz et contra suo filio Abdella Eiriguiz et contra Gontino Fafilaz super testamentum de Sancto Mamete que iacet in uilla Figaria quod fuit de fratre Abdella cognomento patre Abdellaz et est ipsum testamentum definitum et per deliberabile iudicium deliberatum de hereditate de fratre Namdulfu de illa media septima integra et de illa alia media de III VII integra et septima integra de Sancta Marina de Figaria de illa medietate similiter et de Sancto Saluatore de ipsa Figaria de medietate VII integra de illa alia media de tercia duas septimas integras. Inuenimus autem ipsum testamentum superius taxatum super ipsos homines iam pernominatos ocultum et tenebant illum inter se ipsos more laicalis diuisum et ab ipsa ecclesia uocabulo Sancto Mametis de Fafilanes cuius est testamentu tenebatur extraneum pro qua re ego Didagus presbiter ueni super ipsum testamentum in uoce de Sancto Stephano (fl. 42r.) de Uillela ubi est ipse sanctus Mames cum sua ecclesia testatus et pulsam uoce de ipso testamento contra ipsos homines iam prefatos in presentia de domno Egas prolis Ermigiz per manu de suo saion Menendo Pantaiz; et cognouerunt se et non potuerunt respondere pro illi iudici. Ob inde ego Eirigo Aiulfiz tam pro me quam pro filiis et heredibus meis et ego Godinus pro me et fratribus et heredibus meis plazum legale per scripturam firmitatis facimus tibi Didago presbitero super isto testamento de Figaria in uoce de Sancto Stephano de monasterio Uillela; sub die quod erit nonas Agustas era MCXXIII. Ita de hodie die et tempore non sedeam nos ausi ipsum testamentum contensare aut inrumpere aut extrauiare non nos non posteritas nostra non per scripturas anterioras aut posterioras nec per nulla suposita mala nec aliquis in uoce nostra unde ipsa ecclesia uocabulo Sancto Mamete super ipso testamento inpedimento habeat et monasterium de Uillela inde suam ueritatem careat et si minime fecerimus et plazum istum excederimus que pariemus ipsum testamentum que usque nunc tenuimus occultum per sentencia legum; et super D solidos tibi Diago presbitero aut ipsi qui uocem ipsius testamenti in uoce Sancti Stepahni (*sic*) pulsauerit et iudicato nos superius nominatus id sumus Eirigu et Gontinu in hoc plazum

et agnitione manus nostras Roboramus // qui presens fuerunt Tructesindo testis. Gondesindus testis. Eirigo testis.

110

1113, Julho, 6 — Gonçalo Afonso troca uma propriedade sua em Figueira por outra do mosteiro em Lagares.

TESTAMENTUM DE GUNSALO AFFONSO IN FIGARIA

IN Dei nomine. Ego Gundisalvo Alfonso et uxor mea Suilo Pelaiz, ideo placuit nobis per bona pacis et uoluntas nullo quoque gentis imperio nec suadentis articulo sed propriam nobis accessit uoluntas ut facciemus a uobis priori Didagus et fratribus uestris de Palacioli kartula comutacionis et cambiationis de hereditate nostra propria que habemus in uilla Figaria et uenit michi per cambiationis pro alia hereditate que dei a Gundisaluo Ouequiz in uilla Oliuaria de Trauanca et ganauit illa de Pelagio Heroniz, per meum seruitium multum et per una mula de D solidos et habet iacentia in illo casal de Figaria que fuit de Oueco Suariz medietate integra subtus mons ordinis discurrente riuulo Bolpeliares territorio portugalensis; damus a uobis illa hereditate cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est, et accepimus de uobis alia hereditae in uilla quos uocitant Lagares nominata in illos casales nominatos kasal que fuit Astrusu Ansediz et de Paadino Iermias. Ita ut de hodie die sit de nostro iure abrasa et in uestro domino tradita atque confirmata faciatis inde que uos uolueritis iure quieto in temporibus seculorum siquis tamen (fl. 42v.) quod fieri non credimus aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hanc kartulam cambiationis ad inrumpendum que uos ad iudicio deuindicare non potuerimus aut uos in uoce nostra quomodo pariemus a uobis ipsa hereditate duplata uel quantum a uobis fuerit meliorata. Facta kartula cambiationis, notum die quo erit II nonas Iuliy, era MCLI. Ego Gundisaluo Affonso et uxor nostra Suilo Pelagiz a uobis priori Didacus et Ioacino cum fratribus uestris in hanc kartulam cambiationis manus nostras Roboramus. Pro testibus: Didacus testis. Garcia testis. Suario testis.

111

1115, Fevereiro, 21 — Sendamiro Eirigues doa bens em Fafiães.

TESTAMENTO DE SENDAMIRO EIRIGUIZ

IN nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti. Dominus inuictissimis hac triumphatoribus gloriosisque martiribus indiuidue Trinitatis. Ego Sendamiru humilis Christi seruo offero ad uenerabili altari Sancti Saluatoris quod est constructum in Palacioli, sub nomine sancte et indiuidue Trinitatis in honore omnium sanctorum appostolorum principis omnem hereditatem meam quam habeo in uilla Fafilanes siue alias omnias meas hereditates uocabulo Sancti Mametis et uenit michi in portionem genitori mei Eirigo Aiulfiz. Do atque concedo de ipsas hereditates superius nominatas que fuerunt de genitori meo IIII octaua integra cum omnibus suis prestationibus // in suis cunctis locis et terminis antiquis per ubi illas potueritis inuenire ut deseruiant ipsi monasterio superius iam nominato temporibus cunctis et seculis sempiternis, pro remedio anime mee et genitoris meis seu parentum uel auiorum meorum. Siquis hoc testamentum per qualicumque ingenio uiolari uoluerit, uel aliquis homo in mea uoce in primiter sit excomunicatus permaneat et prioris testamenti ipsius cenobii: pene sub iaceat et hoc testamentum in perpetuum roborem firmitatis obtineat. Facta series testamenti sub die quod erit VIIII kalendas Marcii, era MCLIII· Ego Sendamirus quod fieri iussi uerbo oris mei Roboro in hoc plazo uel testamentum. Pro testibus: Pelagius testis. Petro testis. Gunsaluo testis.

112

1115, Fevereiro, 21 — Sendamiro Eirigues compromete-se perante o prior Alvito a não alienar os seus bens senão ao mosteiro.

TESTAMENTUM DE SENDAMIRU BEIRIGUIZ

Ego Sendamiru Eiriguiz una cum filiis meis uel filias meas plazo siue testamenti facio uobis Aluito priori Palacioli in era MCLIII, notum quod eri VIIII kalendas Marcii pro parte de omnias meas hereditates quantasque habeo in cunctis locis ut de hodie die non habeam potestatem uendere nec donare nec ad alia parte testare nisi ad illum locum uocabulo Sancti Saluatoris nomine Palaciolo. Ego Sendamiru Eiriguiz una cum filiis meis si minime fecerimus et istum plazum exierimus quantum inrumperimus tantum in duplo pariemus et insuper centum solidos et iudicato ad domno terre. Ego Sendamiro (fl. 43r.) una cum filiis meis in hoc plazo siue testamenti manus nostras Roboramus. Pro testibus: Martinus testis. Diagus testis. Petrus testis.

113

Cerca de 1200 — Sentença em resultado dum inquérito sobre os limites da vila de Figueira e os seus proprietários.

DIUSIONIS DE FIGARIA

Hec sunt diuisiones de Figaria que diuiserunt fratres Palacioli cum omines de ipsa uilla id sunt pernominati: Egee Gomiz, Monio Garcia, qui tunc preerat monasterio, Petrum Diaz, Garcia Martiniz, Gunsaluo Moniz, Monio Pelaiz, Gonsendo Longo, Gunsaluo Uenegas, Petro Feo. De Figueira. Garcia Menendiz, Rodrigo Garcia, Gunsaluo Arias, Suario Ramiriz, Petro Benfeito. Et uenerunt illa hereditate ,que fuit de Gunsaluo Afonso de ipso casal de super ipsa uia medietate integra que sedeat de Palaciolo. De ipso casal ubi habitabit Garcia Menendiz fuit de Egas Ermigiz et est Palaciolo; et de ipso casal que fuit de Senamiro Eiriguiz est inde a quarta de Gunsaluo Uenegas et est de Palaciolo; et alia racione de Truili que conparaui Afonso Spasandiz et comparant illa domno Suario Mauro de suos filios et dedit illa a Palaciolo, et ratione de Aluito Gontiniz que conparaui dom Ioazino pro LX modios. Ipsum casal de dom Senamiru debet partire cum ipso que fuit de domno Godo pro medietate que fuit de Abdela Eiriguiz, et est tota ipsa uilla integra de Palaciolo, excepto illo casal de dom Senamiru et debet de ipso casal leuar // Palaciolo quarta que ganauit Afonso Petriz, et racione de Roorigu que conparauit de Pelagio Prego et dederunt ei in precio V modios de mlio (1) et I quarto de pan; et dederunt a Egas Fafiaz que erat maiorino in rogo I uaca cum II filios; et dederunt ipsos homines pernominatos, Pelagio Ferreira, Domna Ermegundia, Rodrigo Garcia VIIII bragales et ipso precio fuit permanus de Garcia Martiniz et Monio Pelaiz. De ecclesia medietate integra que fuit de Adela (2) est integra de Palaciolo et de alia media de ipsa racione de Senamiro inde quarta de Palaciolo que fuit de domno Affonso, et racione de Roorigo Senamiriz IIII integra de tota ipsa hereditate que fuit de suo patre tam in ecclesiale quam in laicale, et racione de Aluitu Gontiniz et racione de Troili et porcionem que ibi habuit monasterium de Uilela.

---

(1) Por «Milio».
(2) Por «Abdela».

114

1109, Março, 26 — Animia Ascarigues doa bens em Escariz, pedindo para ser enterrada no mosteiro.

TESTAMENTO DE ANINNUA ASCARIGUIZ

IN nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti. Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus gloriose luce perfusis et premium beatitudinis laureatis. Sancti Saluatoris mundi, et Sancte Marie semper uirginis genitricis eiusdem Dei et domini nostri, et Sancti Michaelis arcangeli, et sanctorum apostolorum Petri et Pauli et Mathei appostoli et euangeliste et aliorum nominata sanctorum plurimorum quorum baselica fundata est in uilla Palacioli discurrente riuulo Sause subtus mons ordinis territorio portungalense. Ego exigua famula Christi licet (fl. 43v.) indigna Aninmia Ascariguiz ob honorem sanctorum omnium suffragia rogatura ut in diem iudicii eorum meritis ad uita in remissionem omnium peccatorum meorum. Do atque testo et confirmo ad ipsius loci illa omnia mea hereditate de quanta habuerunt meos parentes in uilla Ascariz VI tenamque eam in uita mea et post obitum meum, cum meum corpusculum ueniat ad ipsum monasterium Palaciolum illa et quantum cumque habuero in diem obitus mei de alia res; et siquis tamen quod fieri non credo aliquis homo uenerit uel uenero contra hunc testamentum ad inrumpendum, in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus, et ueniat illi quod uenit Datan et Abiron quorum corpora cum animas aperta uiuos igne cremauit, et pariat pro partem ipsius testamenti quantum temptauerit auffere in quadruplum componat, et iudici terre aliud tantum. Facta series testamenti notum die erit septimo kalendas Aprilis, era MCXXXVII, Ego Aninmia qui huno testamentum iussi fieri confirmo et manu propria Roboro. Pro testibus: Didagus testis. Garcia testis. Pelagius testis.

115

1115, Abril, 23 — Belmiro Austiz e Justa Belmiriz doam bens em Escariz e Lagares.

TESTAMENTUM DE IUSTA BAEMIRIZ DE LAGARES

Dominis inuictissimis hac triumphatoribus sanctisque martiribus sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen et Sancti Saluatoris // quorum baselica sita est et relique ibidem recondite sunt in uilla Palacioli subtus mons ordinis discurrente riuolo Sausa territorio portugalense. Ego famula Dei Iusta Baemiriz facio textum scripture firmitatis de hereditate mea propria que habeo in uilla Ascariz subtus mons ordinis discurrente ribulo Sausa territorio portugalense. Et uenit michi de auio meo Sesufu; ego superius nominata Iusta placuit michi per bona pacis et uoluntas asto animo et propria uoluntate ad ipsum locum sanctum superius nominato facio textum scripture firmitatis de omnia mea hereditate pro anime mee et parentum meorum et timente diem iudicii et ge[h]enne ignis. Facio textum adsisterio Sancti Saluatoris et quorum reliquie in hoc loco recondite sunt. Damus et donamus nos pernominatos Baemiru Austiz una pariter cum coniermana mea Iusta Baemiriz cum nostros subrinos. Facimus textum scripture firmitatis de ecclesia uocabulo Sancti Martini de Lagares, quantum nobis inde uenit in nostra portione, pernominata de media de Ascariz tercia per ubi illa potueritis inuenire cum quantum in se obtinet, et ad ominis aprestitum est, et illa hereditate que superius nominata est et habet iacentia in loco predicto Oruancia et in alio loco illa felgueira integra habent iacentia trans illa lausa. Fratres uel sorores, clericis uel monacis qui in hoc acisterio habitantes (fl. 44r.) fuerint habeant et posideant; et non damus licentia uindere nec donare et qui nunc factum nostrum inrumpere uoluerit in primis anathemata fiat. Ita et perditum in aduentum Deum et Iuda traditore in inferno dampnatus et quantum petierit quadruplum reddat et qui illa terra imperauerit alio tantum et iudicato componat in super II auri talenta, et hunc factum nostrorum semper habeat roborem et obtineat firmitatem. Notum die quod eri VIIII kalendas Maii, era MCLIII. Nos superius nominatos in hoc testamentum manus nostras Roboramus. Pro testibus: Gunsaluo testis. Suarius testis. Menendus testis.

116

1124, Novembro, 24 — Argio Sarracines doa bens em Oliveira.

TESTAMENTUM DE ARGIO SARRAZINIZ

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti. Ego humilis ancilla Christi Argio Sarraziniz offero sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris ceterarum nomine ibidem sanctorum recondite reliquiarum monasterio Palacioli Sause omnia mea hereditate quam habeo in uilla Oliuara tam de auolenga quam de parentela pro remedio anime mee quatinus euadere ualeam penas infernorum et partem adipisci cum cetu sanctorum in gloria iustorum. Concedo eam iam dicte aule cum quatum in se obtinet et aprestitum hominis est; et habet iacentia subtus mons grande, territorio portugalensis. Siquis aliquis homo uenerit contra hoc testamentum ad inrumpendum: In primis sit // excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum dampnetur et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi sit segregatus quantum steterit in tam magnum scetus. Aliam uero scripturam antepositam uel postpositam stabiliri minime permito, sed istam in eternum Deo seruire iubeo. Factum est hunc testamentum VIII kalendas Decembris, era MCLXII. Ego iam dicta Argio hunc testamenti propriis manibus Roboro. Pro testibus: Petrus testis Menendus testis. Martinus testis.

117

1146, Agosto, 26 — Gonçalo Ordonhes com sua mulher Ausenda Viegas doam bens em Canelas.

TESTAMENTUM DE GONCALUO ORDONIZ

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Gundisaluo Ordoniz una cum pariter cum uxore mea Ausinda Uenegas. Facimus kartam testamenti de hereditate nostra propria pro remedio animarum nostrarum ad monasterium Sancti Saluatris in honore sanctorum omnium quatinus ipse Domini pro nobis sanctis precibus intercedant, et uenit nobis ipsa hereditate de parte de Arias Menendiz septima de duos casales de Dorio in fogio lupal, et de nabales in fontano de molinus, et habeo iacentia ipsa hereditate in uilla Canelas, subtus mons Nabales, discurrente riuolo Dorio, territorio portugalensis. Damus illam atque testamus cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est per ubi illam potueritis inuenire. Siquis aliquis homo uenerit tam de nostris quam de

extraneis qui (fl. 44v.) hunc factum nostrum infringere uoluerit in primis sit maledictus et excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit condemnatus et insuper illum testamentum parte illius monasterij pariat duplatum, et iudicatum domino (*sic*) terre. Facta karta testamenti notum diem erit VII kalendas Septembris, era MCLXXXIIII· Ego supra nominatus Gundisaluus et Ausenda in hanc kartam testamenti manus nostras roboramus. Pro testes: Ioannes testis. Petrus testis. Pelagius testis.

118

1114, Setembro, 3 — Os «filii ecclesiae» e herdeiros da igreja de Sabariz comprometem-se a deixar a igreja livre e indivisa.

TESTAMENTUM DE GONTINO ET DE SUA PROGENIE

Nos omnes pernominati hi sumus Guntigius Gunsaluiz una cum filiis ac filiabus suis Argerigus Gunsaluiz, Daniel Argeriguiz, Gudina Enniguiz cunti cum filiis ac filiabus suis qui sumus sub nomine sancte Trinitatis heredes et filii ecclesie Dei uobaculo Sancti Petri Apostoli que fundata est in uilla Sauariz inter Cerradelo et Nugueira, territorio portugalensi, discurrente ribulo Sardoira, diocesi ecclesie Colimbrie. Omnes nos superius nominati untanimiter ac spontanee facimus beneficium dialectionis plusque subditionis fratribus Palacioli ac ipsi loco ut sit inter nos uera fraternitas et pia unitas ut nullus ex nobis sit ausus diuidere ipsam ecclesiam sed semper sit integra et libera locu superius nominato cum omni suo testamento intus et foris et cum suis terminis antiquis quomodo ad antiquis diui- // si sunt. Siquis tamen quod minime credimus fieri aliquis nostrum aut ex quibus generibus contra hoc nostrum factum quod sponte Deo celi ac loco superius nominato obtulimus ad inrumpendum uenerit uel uenerimus in primis sit excomunicatus usque ad satisfactionem, ad partem episcopi LX solidos pariat, et ipsum locum in quadruplum cum suo testamento, et ornamento, conponat; et illi qui ipsam terram iudicauerit duo talenta auri purissimi tribuat et iudici similiter. Facta series beneficijs dilectionis plurisque dilectionis era MCLII, III Septembris. Nos superius nominati qui hoc testamenti fieri iussimus manibus nostris roboramus. Pro testis: Pelagius testis. Menendus testis. Petrus testis.

119

1147, Maio — Diogo Andulfiz faz uma doação-venda para pagar uma multa ao Mosteiro.

TESTAMENTUM UEL DAMPNUM QUOD FECIT DIAGO ANDULFIZ

In nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Didago Andulfiz uobis abbas Palacioli et ceteris fratribus facio karta de hereditate mea pro illud damnum quod uobis feci quando habitabam in Cabronelo: occidi uobis quatuor equas et alium damnum in uestras uacas. Do uobis ipsam hereditatem pro ipsis dampnis que uobbis feci et pro remedio anime mee, et habet iacencia in Felgoso discurrente ribulo Dorio, territorio Lamego subtus mons Serra Fica, et uenit michi de mea mater; habeatis uos illam hereditatem, per ubi eam potueritis inuenire. Si aliquis homo uenerit uel uenerim tam de meis quam extraneis et hunc factum meum inrumpere temptauerit: In pri- (f. 45r.) mis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et pariat uobis ipsam hereditatem duplatam que ego pro ipsis dampnis uobis dono. Facta karta testamenti mense Maii, era MCLXXXV. Ego Diago uobis abbas et ceteris fratribus in hanc kartam testamenti manus meas Roboro. Pro testibus: Gudinus testis. Erus testis. Suarius testis.

120

1114, Junho, 11 — O padre Diogo Mendes doa bens em Folgoso.

TESTAMENTUM DE DIAGO GARCIA (*sic*)

In nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Didago gratia Dei presbiter filius uidilecet Menendi ob amorem eiusdem Sancte Trinitatis, et pro remissione omnium pecatorum meorum tribuo atque offero gratuito animo sancto et uenerabili altari scilicet Sancti Saluatoris quod positum est in uilla que uocatur Palacioli secus flumen Sause subtus montem ordinis, territorio portugalensi, ut iam dixi offero ipso loco meam propriam hereditatem quanta uenit michi in porcione de auio meo nomine patre Aufiz scilicet mediam partem de sexta de uilla Felgoso et quanta potuerim inuenire atque ganare de confratribus meis in ipso loco uel de aliis extraneis, et habet iacentia ipsa uilla inter Aarda et pegiant et aluia secus flu-

men Dorium sub mons Castro Felgoso territorio portugalensis. Siquis tamen aliquis homo uenerit uel uenerimus tam de propinquis quam etiam de extraneis hunc factum meum scripture series firmitatis pro sola presum[p]tionetione (*sic*) pariat ei qui eius uocem pulsauerit ipsam hereditatem duplatam et duo talenta auro mundo // et iudicatum et iudici aliud tantum et tam diu sit alminibus sanctarum ecclesiarum extraneis quantum permanserit in hac mala uoluntate. Factum testamentum firmitatis uel stabilitatis III idus Iunii, era MCLII. Ego super dictus Didagus proles Menendi priori domno Aluito et cunctis fratribus conmorantibus Palaciolum hoc testamentum uoluntarie meis propriis manibus Roboro et ecclesia Sancti Saluatoris de Palaciolum ad signo. Pro testibus: Pelagius testis. Erus testis. Sisnandus testis.

121

938 — Contrato de habitação e arrendamento dum prédio eclesiástico em S. Mamede.

TESTAMENTUM DE ECCLESIA SANCTI MAMETIS DE CANELAS

In Dei nomine. Ego Crexemirus presbitero uobis Galindo Guncaluiz et filijs ecclesie qui sudes heredes et domnus de ista ecclesia de Sancti Mamete que michi datis ad continere et habitare, hi sunt Arguitu, Alderedo et Arias, Louereido, Osoredo, Fruila, Frumarigo, Romarigo, Ermildo, Ermildi, Guimiro, Nandulfo, Astrulfu, Uimaredo, Bradila, Ulifonso pactum simul et plazum facio uobis per scripture firmitatis ut continea ea et plante(s) et edifice in quanto plus potuero et quanto ibidem plantare et edificare et ganare post parte de ipsa ecclesia et si illa laxare sine uestra iussia, aut inde aliquid, aut alia parte transmeare aut aliqua subposita aut in misione ibidem miseri perquam line generis homo et istum plazum exierit aut inmendacio inuenitur sicut desuper resonat quomodo pario post parte mea X boues extra iudicato. Notum die quod est in era DCCCCLXXVI. Ego Grexemiro (fl. 45v.) presbitero in hoc plazum manus meas Roboro. Protestibus: Gontemiro testis. Senamiru testis. Viliufu testis.

122

1143 ? (1), Março — João Garcia doa bens ao mosteiro em Peroselo.

TESTAMENTUM SIUE PLAZUM DE IOHANNE GARCIA

In nomine Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Iohannes Garcia facio plazum et testamentum pro remedio anime mee ad monasterium Sancti Saluatoris Palacioli de omne mea hereditate que habeo de parte de parentorum meorum siue de ganantia uel habere potuero, etiam et illa que fuit de Monio Gatoniz et ita facio de meo corpore et de meo auer tali pactu ut contineant me de ipso monasterio in uita mea de uictu et de uestitu, et ipsa hereditas est pernominata II kasales et habet iacentia in uilla que uocitant Petroselo. Do illam in ipso monasterio per suis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est; et qui aliter fecerit et de isto plazo exierit: sit excomunicatus et a corpore et sanguine Christi separatus. Quomodo hodie stamus sic stemus usque in uita nostra, et qui primum inde exierit, pariat D solidos. Facta karta uel plazo siue testamenti mense Marcii, era MCLXXXXI. Ego Iohannes in hoc plazum quod sponte iussi fieri uobis domno abbati Alfonso una cum fratribus Palacioli manus meas Roboro. Pro testibus: Monius testis. Pelagio testis. Gunsaluus testis.

123

1120, Janeiro, 5 — Pelagio e Garcia Anseriquiz doam bens em Covelas.

TESTAMENTUM DE PELAGIO ANSIRIGUIZ ET SUO FRATER GARCIA

In Dei nomine. Ego Pelagio Ansiriguiz et Garcia Ansiriguiz facimus [plazum] // uel testamentum Sancti Saluatoris de Palacioli de hereditate nostra propria que habemus in uilla Couelas iusta ripam Tamice tam laicali quam ecclesiastice quantam que ibi habemus de parentibus nostris

(1) Data proposta por Fr. José Mattoso, *Le Monachime ibérique et Cluny*, p. 20 visto que a data do doc. não se coaduna com os outros dados cronológicos nele apresentados (abade Afonso).

testamus atque concedimus super dicto monasterio pro animarum nostrarum per manus Fernando presbitero eiusdem monasterii prioris quantum ipsa hereditas in se obtinet et aprestitum hominis est. Siquis tamen quod minime potest fieri aliquis homo uenerit uel nos uenerimus uituperando hoc testamentum quomodo pariamus illud quadriplatum. Factum plazum uel testamentum, nonas Ianuari, era MCLVIII. Nos superius nominati, P[elagio] G[arcia] manibus propriis roboramus. Pro testibus: Petro testis. Garcia testis. Gundisaluo testis.

124

1113, Fevereiro, 3 — Os monges Godino Gaudemires, Gonçalo Arias e Godesteu Gondesindes doam salinas em Bouças.

TESTAMENTUM DE GODINUS CUM SUOS FRATRES

In Dei nomine. Nos humiles et exigui famuli Dei, id sumus pernominati Godinus Gaudemiriz, et Gunsaluo Arias, Godesteus Gondesindiz homines nos unanimiter sponte sub una deuocione plena fide, corde puro et animo gratuito ubi Deo inspirante nos promisimus habitare omnibus diebus uite nostre, offerimus uobiscum unus quisque per singula capita duos duos (*sic*) talios de salinis cum omnibus prestacionibus suis quos habemus in uilla marina de Bauzas in foz de Leza secus litus maris sub castro Quifonis, territorio portugalensis. Ipsi monasterio de Palaciolo quod est constructum ad radicem montis ordinis secus litus Sause territorio portugalensis, in honore domini nostri Ihesu Christi (fl. 46r.) et ueneratione eiusdem genitricis gloriose et uirginis Marie pro continentia nostrorum corporum et absolutione criminum animarum nostrarum per consensu omnium filiorum nostrorum et per absolutionem et iussionem domni Menendi proles Ordoniz qui est prior et canonicus de ipso monastaterio (*sic*) de Bauzas sub ditione et regimine comedisa domna Tarasia filia domni Adefonsi filia, ut deseruiant ipse saline superius eius nominate ipsi cenobi de Palacioli supra scripto obtolerantiam fratrum et uita monacorum temporibus seculorum. Siquis tamen, quod minime non credimus, fieri aliquis homo uenerit tam de extraneis quam etiam de propinquis nostris contra hoc testamentum inrumpendum aut ipsi si quo absit diabulo instigante penituerimus et illum quesierimus inrumpere quisquis ille fuerit qui hoc temptare uoluerit pro sola presumtione post partem ipsius monas-

terii mille solidos reddat et ipsas salinas in duplo componat et iudicato; et insuper sit excomunicatus quamdiu persteterit in ipsa superbia. Factum hoc testamentum tercio nonas Februarii, era MCLI. Nos superius nominati Godinus, Gunsaluus, Godesteu hanc scripturam testamenti quam fieri iussimus manibus nostris Roboramus. Et illos talios de fratre Godino iacet iusta illa laceira ubi dicent Carregal et illos ambos de fratre Gunsaluo iusta illa aqua dulce que discurre de uil- // la Sindin, et illos duos de fratre Godesteu in singulis locis in uilla marina de Quinta. Pro testibus: Pelagius testis. Menendus testis. Didagus testis.

125

1154, Maio — A padroeira do mosteiro Dordia Mendes doa-lhe bens em Cardia.

TESTAMENTUM DE DORDIA MENENDIZ

In nomine et indiuidue Trinitatis Patris et Filij et Spirictus Sancti amen. Ego humilis exigua famula Dei Dordia Mendiz una cum uiro meo Nunu Mendiz quatinus in diem iudicij euadere ualeamus penas inferni et adquirere gloriam uite eterne una cum cetum sanctorum per misericordiam Christi offerimus sancto et uenerabili altari quod situm est in honore Sancti Saluatoris et sancte genitricis Marie et sancti Petri et Pauli et omnium sanctorum partem de mea hereditate quam habeo de mea matre in uilla Cardia que uocitant Agrela I casal de piscaria et da Cardia totam meam portionem cum omnem suam rectitudinem subtus mons Eiras discurrente riuulo Dorio territorio portugalensis. Siquis tamen quod fieri non credimus aliquis homo uenerit uel uenerimus ad inrumpendum contra hoc testamentum pariat ipsa hereditate in duplo, et illi qui uocem huius testamenti pulsauerit aliud tantum in iudicatum. Insuper uero si se a talibus culpis quantocius corrigere noluerit tantum sit a corpore et sanguine Christi excomunicatus quantum steterit uitam graue pecatum. Aliam uero scripturam antepositam uel postpositam stabiliri minime permittimus (fl. 46v.) sed istam in eternum Deo seruire mandamus. Facta cartula testamenti mense Maio, era MCLXXXXII. Ego Dordia Menendici et Nunu Menendicj hoc testamentum propriis manibus roboramus. Pro testibus: Pelagius testis. Garcia testis. Petrus testis.

126

1096, Julho, 25 — Elvira Dias vende bens em Luzim.

KARTA UENDICIONIS DE IELUIRA DIAZ

In Dei nomine· Ego Geluira Didacj una cum filijs meis nominibus Didago, Monio, Sisnando, Ledegundia, Patrina, Animia, placuit nobis per bone pacis, et uoluntas, asto animo integro que consilio nullo quoque gentis inperio nec persuadentis articulo sed propria nobis accesit uoluntas, ut uenderemus ad nobis domno Sisnando diacono sicut et uendimus hereditate nostra propria que abemus, et deuenit ad nobis illa de genitori nostro Adefonso Moniz, et abet iacentia in uilla que uocitant Lusij subtus mons Petroselo discurrente riuulo Tamice território portugalensis. Damus ad uobis illa hereditate ab integro quanta que ibidem habuimus per ubi illa potueritis inuenire per suis terminis uel locis antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est; et accepimus de uobis precium quantum nobis bene conplacuit, et de pretio apud uos nichil remansit in debitum, ita ut de hodie tempore uel ora sit de nostro iure abrasa; et in uestro iure sit tradita uel // uel confirmata. Habeatis uobis illa firmiter temporibus seculorum faciatis de illa que uos uolueritis; et siquis tamen quod fieri non credimus aliquis homo uenerit uel uenerimus ad inrumpendum contra hanc kartulam uenditionis que nos ad iudicio deuindicare non potuerimus aut < uos > in uoce nostra, quomodo pariemus uobis ipse hereditate duplata aut quantum fuerit meliorata et iudicato, et uos perpetim habiturum. Facta kartula uenditionis, notum die eri VIII kalendas Agustas, era MCXXXIIII. Nos uero qui de sursum taxati sumus in hanc kartulam uenditionis manus nostras Roboramus. Pro testibus: Garcia testis. Pelagio testis. Menendus testis. Iohannes testis.

127

1107, Setembro, 28 — Sentença em que Diogo Gratiz reconhece que a igreja de Vila Cova de Vez de Aviz havia sido dada ao mosteiro por Paio Peres (v. doc. 129).

PLAZUM ET PACTUM DE DIAGO GRATIZ

In Dei nomine. Ego Didago Gratiz placitum simul et pactum stabilitatis facio uobis priori domno cenobii in Sancti Saluatoris et monacis uestris

parte de ipsa mea portione de ipsa ecclesia uocabulo Sanctorum Filippi apostoli et Sancti Romani et Sancti Marcelli de Uilla Coua de Petra Fixa. Id est octaua integra de omni testamento de ipsa ecclesia iam dicta de illo cancellino usque in termino de uilla Leosidii, idem de ipso fontano que descendit de monte Uallinas usque in ipso termino qui ex parte de ripazales cum omnibus prestationibus suis et dedi illam (fl. 47r.) ad Garsia Ramiriz in sua fiadura et ipse Garsia Ramiriz dedit eam ad Pelagio Petriz et uxori sue domna Godo sic quomodo sursum resonat; et ipse domnus Pelagius pro se et pro sua muliere testauit illud ad monasterium Sancti Saluatoris de Palacioli pro remedio animarum suarum. Et post hec ego ipse Didagus Gratiz, composint me cum ipso Garsia Ramiriz, et infringit et inrumpit ipsum testamentum de Palacioli, et uenit domnus Didagus qui est priori de ipso monasterio cum testibus idoneis et inuerunt super me in meo iudicio ipsum testamentum et non potui eis respondere pro illum nec iudicium facere et cognouit me pro inde in concilio ante omnes de ipsa uilla habitantes quia feci pro me culpa graue et pro hac re de hodie die quod est IIII.° kalendas Octuber, era MCXXXXV et de inceps non sedeam ausus ipsum testamentum iterum inrumpere aut infringere non per me non per filios meos aut per filias meas non per germanos aut per germanas per parentes meos nec generationes meas, non per potestates nec per maiorinos nec per saiones nec per nullum genus humanus neque in misiones aut subpositas malas neque per scripturas priores aut posteriores unde uos aut successores uestri impedimentum habetis, et si aliter facero et hoc plazum uel pactum firmitatis non obseruauero et illud excedero que pariam ipsum testamentum // post partem ipsius cenobii Sancti Saluatoris in quad[r]uplum et illa uox inrumptionis que sursum resonat reuocetur, et in super D solidos monete probate et soluat, et iudicatum. Ego Didagus proles Gratiz in hoc placitum simul et pactum firmitatis manus meas Roboro. Pro testibus: Romanus, Didagus, Pelagius testis.

128

1104, Maio, 5 — Ermesenda Viegas, padroeira do mosteiro, vende bens em Valpedre.

TESTAMENTUM DE ERMES ERMESENDA

In Dei nomine. Ego Ermesenda Uenegas placuit michi promto animo integro que consilio ut facerem uobis priori domno Didago kartam uenditio-

nis et plazum confirmationis et series testamenti per scripturam firmitatis et stabilitatis sicut et facio de hereditate mea propria quam habeo in uilla Petri subtus monte ordinis discurrente riuolo de Latrones in territorio portugalensis, et uenit michi in portione ipsa hereditas de generatione auiorum meorum, siue de genitrice mea nomine Maiorina. Do atque concedo uobis de ipso casale et de ipsa hereditate iam dicta que fuit de matre mea, mea rationem integram cum omnibus prestacionibus suis, cum quantum in se obtinet et ad usum hominibus pertinet. In omnibus suis locis et terminis nouissimis et antiquis cum exitu uel regressu; et accepimus de uobis unam uacam uitulatam in duodecim modios et unum animal in V modios (fl. 47v.) tantum michi complacuit et de pretio in debito apud uos nichil remansit; habeatis uos illam et omnes sucessores uestri post partem ipsius monasterii Sancti Saluatoris de Palacioli iure quieto et temporibus sempiternus, ob tolerantia fratrum et uitam monacorum. Ita ut ab hodierno die et de inceps sit ipsa hereditas de iure meo abrasa atque sublata; et in uestro iudicio atque dominio sit tradita uel confirmata, et uos perhenniter posessuram et me et cum illa in uita mea faciatis michi semper misericordiam continentie et mesicordie pietatis tam anime quam corporis. Siquis tamen quod minime credimus fieri aliquis homo uenerit contra hoc testamentum ad inrumpendum, et ego illam in iuditio post partem uestram, aut uos in uoce nostra deuindicare non potueritis quomodo param uobis ipsam hereditatem duplatam, et quantum ibi uobis fuerit melioratum et in uoce de isto plazo C solidos, et in uoce testamenti binas libras auri purissimi, et iudicatum; et sicut iam diximus quisquis ille fuerit qui hanc kartam uel plazum seu testamenti per aliquam scripturam priorem aut posteriorem aut per aliquiam inclicitum uel supposita malam infringere uoluerit penam supra scriptam post partem ipsius monasterii exsoluat, et hec scriptura cum hereditate in pertuum roborem // obtineat. Facta karta uenditionis et plazo colligationis et testamenti uere dationis tertio nonas Magii, era MCXXXXII. Ego Ermesenda proles Egas, uobis priori domno Didago in uoce cenobii Sancti Saluatoris in hanc kartam firmitatis manu mea Roboro. Pro testibus: Pelagius testis. Arias testis. Garsia testis.

129

1107, Setembro, 28 — Diogo Fortunes reconhece que a igreja de Vila Cova de Vez de Aviz tinha sido doada ao mosteiro por Paio Peres (v. doc. 127). Trata-se da doação que em 1105 Paio Peres fez ao mosteiro.

TESTAMENTUM SIUE PLAZUM DE DIDAGO FURTUNIZ IN UILLA COUA

In Dei nomine. Ego Didago Furtuniz plazum simul et pactum leglis per scripturam firmitatis facio uobis priori domno Didago et monacis Sancti Saluatoris de monasterio Palacioli in uoce ipsius cenobii, pro parte de ipsa ganantia de illo testamento de ecclesia sanctorum martirum Filippi apostoli romani et Marcelli, quorum aula sita est in Uilla Coua, subtus monte Petra Fixa et Monte Batial discurrente ribulo Tamice, territorio portugalensis, ecclesie quam domnus Pelagius proles Petri simul cum uxore sua domna Goto de heredibus ipsius ecclesie iam dicte per suum precium et suas kartas ganauit et ipsas ganatias [*sic*] cum sua portione de ipsa ecclesia, ipsi cenobio Sancti Saluatoris pro remedio animarum suarum concessit atque testauit et ego per presumptionem inlicitam presumtiue infrixi et inde abstuli et uos per testimonium uerum super me inuenistis coram testibus idoneis; et pro hac re ab odierno die id est IIII kalendas Octubris era M- (fl. 48r.) CXXXXV de inoeps (*por inceps*) non sedeam ausus illud testamentum iterum inrumpere aut infringere non per me non per filios aut filias nostras uel nostros non per parentes meos aut per generationes meas non per potestates, non per maiorinos uel saiones, neque per nullum genus humanum, nec per inmissiones aut supositas malas, neque per scripturas anteriores aut posteriores unde nos aut sucessores nostri inpedimentum habeatis et ipsum testamentum suam rectitudinem careat aud ad disruptionem perueniat, et si aliter fecerit et hoc placitum uel pactum non obseruauerit, et illud excedero, que pariant ipsum testamentum, post partem ipsius cenobij Sancti Saluatoris aut partem ipsius episcopi in cuius diocesi est ipsum monasterium constructum atque fundatum, in quad[r]uplum, sicut in decretis sanctorum canonum de talibus est institutum et illa uox inruptionis, que sursum resonat reuocetur super me, et in super binas libras auri puris[s]simi reddam et iudicatum. Ego Didacus superius nominatus uobis priori domno Didaco, et monachis Sancti Saluatoris in hoc plazum stabilitatis manus meas coram testibus roborauj. Pro testibus: Gundisaluus testis. Pelagius testis. Marecus testis.

130

1109, Outubro, 11 — Dona Gedegia Peres doa bens em Vilarinho.

TESTAMENTUM DE GEEGIA ET EST PERNOMINATA IN UILLA UILARINO

In nomine Domini. Ego exigua famula Dei Gedegia Petriz, offero sancto et uenerabili altari quod est constructum sub nomine sancte Trinitatis in // honore Sancti Saluatoris de monasterio Palatiolo, VI integra de ipsa hereditate in uilla Uillarino subtus mons Bendoma discurrente ribulo Ferreira, in territorio portugalensis, que fuit de auia mea Ermegodo et uenit michi in porcione de genitrice mea domna Gondisalua pro remedio anime mee et de uiro Menendo Nanthiz ut Deus ac Dominus omnium creatorum tribuat nobis partem in regno celorum inter agmina iustorum et sicut iam diximus et seruiat ipsa hereditas superius dicta cum cunctis prestationibus suis ipsi monasterio iam supra dicto ob tolerantiam fratrum et uitam monacorum temporibus cunctis et seculis sempiternis. Siquis tamen quod fieri non credimus, hoc testamentum uiolauerit inrumpere quesierit, ipsam hereditatem in quad[r]uplum componat post partem ipsius monaterii, et in super D solidos exsoluat et iudicatum ipsum uero testamentum in perpetuum roborem obtineat. Factum hoc testamentum VII kalendas Octubris, era MCXXXXVII. Ego Gedegia hoc testamentum quod fieri iussi manibus meis roboraui. Ego Gedegia Petriz pro anima mea adicio in hoc testamento medietatem integram cum omnibus prestationibus suis in omnibus suis locis et terminis antiquis de omni hereditate que fuit de genitore meo Petro in ipsa uilla de Uillarino superius nominata et siquis istam hereditatem et hoc testam[en]tum (fl. 48v.) infringere quesierit sententiam prioris testamenti excipiat atque componat et ipsa hereditas sicut in hac scriptura resonat monasterio de Palacioli in eternum deseruiat. Facta hec scriptura adiectionis V idus Octubris era supra scripta. Pro testibus: Ramirus testis. Ordinis testis. Didagus testis.

131

1078, Março, 30 — O padre Loderigo doa bens em Vilarinho.

TESTAMENTUM DE LODERIGU

In nomine domini nostri Ihesu Christi. Ego Loderigu que si presbiter, in domino Deo eterno salutem amen. Ideo placuit michi per metum mortis et diem iudicii et penas inferni, et pro inde facio uobis patrono meo Sancti

Saluatoris de acisterio Palacioli et a sanctorum apostolorum et alias reliquias qui ibi sunt reconditas sicut et facio textum scripture firmitatis de hereditate mea propria et est pernominata in Uilarino in cophino Bendoma de illa que fuit de auriorum uel parentorum meorum scilicet VI integra con suis generis arborum et cum quantum aprestitum hominis est in loco predicto uideramus quantas generis arborum stan in terras alienas testo inde uobis medietate de illos fructos foris illas de terreno de Sancto Petro que testamus ad illo, et de alia parte rio de inde inter illos auteiros de sistales et inde super couello et per illas antas, et super illo molino et per terminos de Salgueiroloe td e Mirazi et in uilla de Mauros II VI de // illa quos fuit de meo pater pro remedio anime mee uel parentorum meorum et habeant sacerdos fratres quantos cultatores de ipse acisteri fuerint et orent pro me Loderigo si sanctorum cui illa eo atesto ad domin[o] que in celis est pro illos, pro inde libera me Deus de manu mortis et inferni sicut liberasti sperantes in te, et qui hunc factum nostrum inrumpere uoluerit pariat quantum inquietare aut inde presumpserit in quad[r]uplo post parte de ipso acisterio et iudicato. Facto testamento notum die quod erit III kalendas Aprilis, era MCXVI. Ego Loderigo in hanc kartam siue testamenti manu mea Roboro. Pro testibus: Gonrado testis. Sesnando testis. Mendo testis.

132

994, Fevereiro, 22 — O abade Randulfo doa bens em vários locais.

TESTAMENTUM DE ABBATE RANDULFO IN OSSELA, IN SANCTA MARIA.

DOMINIS inuictissimis hac triumphatoribus gloriosi sanctisque martiribus tuis Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis et sanctarum reliquiarum, que ibi recondite sunt duodecim apostolorum et quorum baselica cernitur esse fundata in uilla Palacioli subtus mons ordines discurrente riuulo Sausa, territorio Anegie, et ego humilis seruus Randulfus abba deouoto non merito digno cum pecatore mole depresso spem fiducia in Deum habente que sanctorum meritis unus quisque dispirationem respitior que etiam testem (fl. 49r.) reatum meis criminis sepe pauesco ut per uos sanctos martires Dei tandem reconciliari mereari domino Deo nostro· Item dedit talibus se eam agibus dumuota matre ad [a]ppostolos dedicare et dicebat tue sunt Domine que de manum tue accepimus et dedi-

mus tibi que tu dedisti nobis unde nos habemus unde retribuere tibi, et ideo pertimesco ab si Domino ut ne ueniat michi mors adiuuante et omnia ordinata dimittere elegi ut facere testum scripture firmitatis et series testamenti a sacris altaribus tuis et ecclesie uestre pro luminaria et pro elemosinis pauperum atque omnium istem ipsum locum ab honorem ipsius sanctorum uel sanctarum que in ipsum locum Sancti Saluatoris reconditos sunt uel orationem et quantus ibidem sunt monacorum fratrum inde memoria facimus pro remedio anime nostre. Damus atque contestamus ad ipsum locum Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis ipsas nostra hereditates que sunt inter Dorio et Uauca prope Kamina quantanque habemus de auiorum uel paretorum nostrorum etiam de comparatela siue de ganantia de parte de nostro tio Randulfos abba que in testamento sancto priore resonat et in suas cartas annunciant et post illum dum adiutorio Deo in secundo meo testamento conposuit pro remedio animarum nostrarum et alias hereditas que in meas scriptura resonant et in meo testa- // mento confirmatas sunt sic confirmamus nos illas in series testamenti ad ipsum locum Sancti Saluatoris que est fundato in Palacioli pro remedio anime nostre et de sorore Pecena que illas nobiscum ganauit ipsas uillas cum aiectionibus suis ad ipsum locum contestamus sunt pernominatas uilla Ossela cum aiectionibus suis et uilare que dicent Bostelo, et uilla Sobradelo que uocitant Uermui, et uilla Pinioli ubi est fundato Sancti Martini episcopi et in uilla Oliuaria quos habuimus de patre nostro Zoleima et de matre nostra Letiuiga, et illo que ibidem testaui Pantanlio ad ipsum locum siue quantum comparauimus de Blandus, in uilla Tauolatela, et in Petra Fitada. Damus atque contestamus ipsas uillas cum aiectionibus suis et ad ipsum locum Sancti Saluatoris pro remedio anime nostre per suis terminis locis antiquis per ubi illas potueritis inuenire, in montes, in fontes, exitum uel regresum cum quantum aprestitum hominis est. et quantum conparauimus per nostro precio et ganamus per nostras kartas que in ipso nostro kartario resonat quam et etiam de parentorum nostrorum, et in secundum testamento resonat que patri nostro domni Randulfus abbas fecit pro memorie sue; sic et nos facimus testamentum ad ipsum locum Sancti Sai[u]atoris que uocitant Palacioli pro nos et pro illos ipsa munera que iam diximus ad integro contestamus pro que sumus (fl. 49v.) de alia terra et pro que coligit uobis Tructesindo Galindiz, et uxor sua Animia in ipso acisterio Sancti Salvatoris que uocitant Palacioli ad morandum pro regula canonica usque ad obitum meum. Et post obitum meum facio istum series testamenti ut habeant me in mente incerea et in oblationem et in bodiuos, et uestiant et ornent corpus meum ad sepelien-

dum, et ipsas hereditates que in meos scriptos et in meos testamentos resonant confirmo. Habeant et possideant pro in temporibus seculorum.; et de stirpe suo qui bonus fuerit et ui[t]a monastica tenuerit et in uita sancta perseuerauerit; habeat et possideat per regula sancta ipsum que iam super diximus. Non habet licentia uendere nec donare, non ad rex, non ad comite, non ad episcopo, sed pro parte de domno Tructesindo et domna Animia, et de ipsas reliquias sanctas que sursum resonant, habeant et possideant. Et si aliquis homo uenerit tam de propinquis quam de extraneis qui hunc factum nostrum infringere quesierit uel temptare uoluerit, per qualibet generis homo uenerit super scripturas anterioras aut posterioras, unde uos inpedimento habeatis in ipsas uillas aut in ipsa mea memoria sedeat excomunicatus de fide catolica segregatus et ad ecclesia sancta separatus et cum Iuda traditore habeat participium in eterna dampnatione ubi tartarus feruens et ubi est pena non // finienda et pariet ipsum que temptauerit duplatum, et ad rex qui ipsa urbem imperauerit alio tanto, et in super pariet duodena auri talenta pariet et hunc factum nostrum habeat roborem et permanentem uobis perpetim abiturum. Notum die quod erit octavo kalendas Marcii, era Milesima XXXII. Ego Randulfus abbas in hanc series testamenti manus meas Roborauimus. Qui presentes fuerunt: Uestrimiru testis. Andreas testis. Uiliulfu testis.

133

1146, Janeiro, 26 — Ermesenda Manueis empraza bens ao mosteiro devendo estes, depois da sua morte, reverterem a favor dele que lhe entrega outros para que ela os cultive (*precaria remuneratoria*) e ao mesmo tempo dá-lhe também a *benefactoria*.

TESTAMENTUM SUE PLAZUM DE ERMESENDA MANUEIZ

In Dei nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego Ermesenda Manoeiz Christique ancilla, facio plazum uel scripture firmitatis de portione de meas hereditates que habeo in uilla Palaciolo, et uilla que uocitant Gondufi, territorio Benuiuir, que fuit de mea matre cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Et habet iacencia subtus mons Eiras, inter Dorio et Tamice, per tali pactu, ut non sit ausus nullus homo qui istum factum meum infringere possit nec ego nec alius. Et accipio de uobis domno Egee abbate ceterisque fratri-

bus, unum kasalem de quintas, pernominato ubi habitat Menendo Rodriguiz ut teneam illum in uita mea. Et post obitum meum reuertatur ad monasterium cum alias meas hereditates superius nominatas. Pro inde facio istum plazum ut contineant me (fl. 50r.) in uita mea unde necese habuero, de uictum uel uestitum. Et si aliquis homo uenerit uel uenerint de parte de illa de illa (*sic*) domna aut de monasterio qui istum factum infringere uoluerit, ut pariat ipsas hereditates duplatas uel quantum fuerint meliaratas. Et si excomunicatus, et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi separatus et cum Iuda traditore in infernum dimersus. Et in super pariat duo talenta, et iudicatum domno terre. Aliam uero scripturam ante positam uel post positam, stabiliri minime permittimus sed istam in eternamp ermaneat. Factum plazum uel testamentum. VII kalendas Februarij, era MCXXXIIII. Ego Ermesenda d[e]ovota, et Egee abbate ceterisque fratribus Palaciolo in hoc plazo uel testamento unus ad alius manus nostras roboramus. Et ubi cumque migrata fuero eant pro me et adducant ad monasterium Palaciolo, et quantum habuero. Pro testibus: Menendus testis. Pelagius testis. Petrus testis.

134

1177, Fevereiro, 24 — Paio Suares «Romeu» doa bens em Ceidoneses, Vilela, Vila Estoi, Soutelo e Pinheiro.

TESTAMENTUM DE PELAGIO ROMEU ET EST PERNOMINATO IN CEIDONESES

IN nomine sancte et individue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego famulus Dei, Pelagio Suariz cognomento, Romeu, prolix Orraca filius. Domnis inuicissimis ac triumphatoribus, sanctisque martiribus, conditoris, et saluatoris nostri, cum apostolis, et seruis suis, // hac amicis, Sancti Saluatoris et Sancte Marie semper uirginis sanctorum Petri et Pauli, Sancta Eolalia uirginis et sancte Christine uirginis, uel quorum reliquie que ibidem sunt recondite, uel fuerint, quorum baselica esse fundata dignoscitur, in ualle predicto Palaciolo subtus mons ordines discurrente riuulo Sausa territorio Anegie. In Dei nomine et Ihesu Christi amore et illius gloriose perpetuitatis honore seruo uestro profecto superius nominato cum peccatore mole depresso in spe fiducia que sanctorum meritis, non usque quaque disperatione de itio qui etiam teste, conscientie mee criminis

sepe pauesco ut per uos sanctissimi martires tamdem reconciliari merear Deo Domino meo sufragiam que sanctorum omnibus supplicationibus uotis omnibus implere; et ideo deuocioni mee extitit ut que initium nascendi nouimus usum nec finem scire ualemus quando hac luce migrati sum, et elegi ex uolumptate mea ab honore sancte baselice uestre aliquamtulum offerre Domino dicente: Vouete et reddite Domino nostro. Do atque concedo in loco supra dicto, ut pro anima mea remedio hereditate mea propria que habeo de parte genitori meo, Suario Pelaiz cognomento Mauro, et pernominata in uilla Ceidoneses medietate de ipsa quintana (fl. 50v.) cum sua senara et cum suo casal, et cum omnem suam rectitudinem; et alio kasal ante porta de Sancto Uicentio, et alio in Uilela. Alio casal in Octeiro de Dinu. Et alium kasal inter uilla Stoi et Ceidones et ipsas intradas que iacent in ipso ualle de Sautelo et est totum unum casalem. Et alium kasal in Argiuai. Et mando quantum habeo uel debeo habere in totam terram de Pena Fiel; et tota mea rationem de ipsa ecclesia de Sancto Uicentio et est pernominata medietate integra cum suos testamentos et cum omnem suam rectitudinem per ubi illam potueritis inuenire. Concedo ibidem ad ipsum locum ipsas hereditates iam superius nominatas, pro remedio anime mee et pro tolerantia fratrum et uita monacorum, et elemosinas pauperum sacerdotibus et fratribus qui ibidem habitantibus fuerint, et uitam sanctam perserauerint, in officio ad opus Domini seruiendum. Habeant et possideant ut a Domino Deo meo sint semper memores pro remedio anime mee. Per indiuiduam Trinitatem qui contra hunc factum meum uoluerit ad inrumpendum aliquis homo inuidus contumax, rapax, aut superbus aliquis de fratribus aut sororibus subrinis uel progenie mee // que uotum meum infringere temptauerit, quod absit: in primis sit maledictus et excomunicatus, et reus de comunione sancta, et separatus de fide catholica, et cum impiis sceleratus sit incendio deputatus, et cum Iuda traditore, in perpetua dampnatione. Et in super iudices, et stancia et pontifices ordinatio pariat ad ipsum locum uel fratribus habitantibus et in uita sancta perseuerantibus, quantum inde usurpatum fuerit duplatum, triplatum, quadruplatum, secumdum lege concessa docet, et hunc factum meum plena habeat firmitate. Facta series testamenti notum die quod eri VI kalendas Marcii, era MCCXV· Ego Pelagio Romeu in hanc kartam siue testamenti que ego iussi fieri. Uolui et religio cognoui. Requiescat in pace amen.

135

1177, Novembro, 29 — Vela Rodrigues doa bens em Lamas.

TESTAMENTO DE UELA RODRIGUIZ IN TERRA DE LAUSADA.

In nonime sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego famulus Dei Uela Rodriguiz. Dominis inuicissimus hac triumphatoribus sanctisque martiribus conditoris redemptoris, et saluatoris nostri cum apostolis, et seruis suis, hac et amicis, Sancti Saluatoris, et Sancte Marie semper uirginis, sanctorum Petri et Pauli, sancta Eolalia uirginis, et sancte Christine uirginis quorum reliquie que ibidem sunt (fl. 51r.) recondite uel fuerint quorum baselica esse fundata dignoscitur in ualle predicto Palaciolo subtus mons ordines discurrente ribulo Sausa territorio Anegie. In Dei nomine et Ihesu Christi amore et illius perpetuitatis, honore seruo uestro perfecto superius nominato, cum peccatore mole depresso, in spe fiducia que sanctorum meritis respirante non usque quoque, disperatione deicio qui etiam teste conscie mee criminis sepe pauesco, ut per uos sanctissimi Martires tandem reconciliari merear Domino Deo meo sufragia que sanctorum omnibus supplicationibus uotis omnibus implere; et ideo deuocioni mee extitit ut que initium nascendi nouimus usum nec finem, scire ualemus quando hac luce migratus sum et elegi ex uoluntate ab honore sancte baselice uestre aliquantulum offe[r]i Domino dicente: Vouete et reddite Domino Deo uestro. Do atque concedo in loco supra dicto ut dixi pro anima mea remedio hereditate mea propria que habeo de parte genitori meo Rodrigo Uenegas, et de auios meos Egas Moniz et domna Tarasia Affonso, et est pernominata ipsa hereditate. VIII casales in terra de Lausada ubi dicent Lamas quomodo diuide per Auelaneda. Et mea ration de ipsa ecclesia et de alia parte cum Mazaneira, et perget cum Nugueira, et fingit in Sausa, et de alia parte per ipsa hereditate que fuit de // Martino Gunsaluiz, subtus mons Caluelu discurrente riuulo Sausa, territorio Portugalis. Do illas hereditates pro remedio anime mee per ubi illas potueritis inuenire cum suis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum meum infringere uoluerit, si se a tam grave peccatum non emendauerit: In primis sit excomunicatus et a fide Christi separatus, et cum Iuda traditore in profundum inferni sit perditus et condemnatus et in super pariat ipsum testamentum duplatum, triplatum secundum legem concessa docet.

Et hunc factum meum plena habeat semper et firmitate. Facta series testamenti notum die quod erit III kalendas December, era MCCXV. Ego Uela Rodriguiz in hanc kartam siue testamenti que ego iussi fieri. Uolui et religio cognoui. Requiescat in pace amen.

136

1177, Abril, 14 — Onega Gondesendes doa bens em Oliveira.

TESTAMENTUM DE ONEGA GONSENDIZ.

In Christi nomine. Ego humilis exigua famula dei Honega Gondesindiz, offero sancto ac uenerabili altari quod est constructum in honore Sancti Saluatoris de monasterio Palacioli. Do atque concedo in ipsa Ul[i]uaria quantum que qigo (= ego) comparaui de auoo Eldonza ad ipsum locum iam super dictum pro reme- (f. 51v.) dio anime mee. Subtus mons ordinis discurrente ribulo Bulpilares, territorio Portugal per suis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui ipsum testamentum inrumpere quesierit ipsam hereditatem in quadruplum componat post partem ipsius monasterij et insuper D solidos exsoluat et iudicatum ipsi monasterij. Ipsum uero testamentum in perpetuum roborem obtineat. Factum hoc testamentum XVIII kalendas Magij, era MCCXV.

137

1177, Abril, 14 — O mosteiro concede a Animia Rodrigues e seus filhos Afonso, Egas e Marina Pais a *benefactoria* e cede um casal, a título precario, a Afonso Pais. Marina Rodrigues por seu lado doa ao mosteiro tudo quanto possui em Outeiro, sob reserva de usufruto para seus filhos.

(Esta escritura vem logo a seguir à anterior, é da mesma data e não tem sumário.

Ego Aimia Rodriguiz una cum filijs meis Afonso Paaiz, et Egas Paaiz et Marina Pelaiz plazum siue testamentum adiuncionis pro ipsa senara que tenet filium meum Afonso Pelaiz in uita sua, et post obitum suum reuertatur ad super dictum monasterium quantum que habeo in Auteiro in laicale cum omnibus prestacionibus suis in omnibus locis terminis nouissi-

mis [et] antiquis, in ipsa villa Auteiro superius nominata. Et si aliquis istam hereditatem in hoc testamentum infringere quesierit sententiam in prioris testamenti recipiat atque recipiat (*sic*) atque componat ipsa hereditas sicut in hac scriptura resonat monasterio Palacioli in eternum deseruiat. Facta karta hec scriptura aiectionis XVIII kalendas Magij, era supra scriptam. Et si unus ex nobis in aliqua necessitate uenerit semper habeat cum filium et adiutorium de ipsum // monasterium. Pro testibus: Gonçalvus testis. Afonsus testis. Gomizo testis. In tempore de Monionis abbatis. Petrus Notuit.

138

1177, Maio — Monio Peres vende bens em Coreixas e Ribeira.

KARTA VENDITIONIS DE COREIXES QUE FUIT DE PETRUS PAI.

In Dei nomine. Ego Monio Petriz filio de Petrus Pays facio uobis abbas Monio Palacioli et omni conuentui monachorum karta uendicionis de mea hereditate propria et uenit michi de meo patre in portione et ipsa hereditate habet iacentia que uocitant in uilla Coreixes I kasal et III parte de alio kasale de Ribeira subtus mons [*espaço em branco*] discurrente ribulo Caualuno, territorio Portugal. Do illam uobis atque concedo per ubi illam potueritis inuenire cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Et accepi pro inde de uobis precium L morabitinos tantum nobis et uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil remansit in debitum pro dare. Siquis homo uenerit uel uenero contra [hanc] kartam ad inrumpendum et ego in iudicio defendere non potuero quomodo pariam uobis ipsam hereditatem duplatam et quantum a uobis fuerit meliorata, et iudicato domno terre. Facta karta uendicionis mense Maio, era MCCXV. Ego Monio Periz in hanc kartam manus meas Ro+bo+R+o. Pro testis: Menendus Clauus testis Garcia testis. Monius, testis.

139

1167, Setembro, 1 — Egas Pais vende bens em Vila Cova de Vez de Aviz e Vila Boa de Quires no tempo do abade Egas Gomes. Estas propriedades tinham sido anteriormente vendidas a Monio Peres que não as havia pago.

PLAZUM DE EGAS PELAGIS ET DE MONIUS PETRI QUOD AD AB[B]AS EGEE PALACIOLI FECERUNT (fl. 52r.).

In Dei nomine. Ego Egas Paaiz facio uobis abbati Egee Gomizoni et omni conuentui monasterii Palacioli karta uenditionis et firmitatis de hereditates nostras proprias quas habeo ex parte parentorum meorum et ipsas hereditates habent iacentias in uilla que uocatur Beesdauis VIJ casales integros sicut hodie sunt per suos terminos tam in montes quam in fontes, et in Queeriz una quintana et IIII casales integros sicut sunt per suos terminos nouissimos et antiquos tam in montes quam in fontes. Do uobis istas hereditates supra nominatas cum quanto in se obtinet et adprestitum homines est. Et accepi pro inde precium pernominatum L morabitinos quos dedit michi Monio Pedriz ante quam casse cum do[m]na Maria Gunsaluiz. Et post ea quam casuit cum illa dederunt michi inter ambos CCLXI morabitinos. Et querebat do[m]na Maria Gunsaluiz medietatem de istas hereditates in quas miserunt isto auer in uno; et don Monio Pedriz non querebat eam in illas colere eo quod non habebat ex ea semen et erant in plazo de Monio Pedriz quod fecerat ei Egas Paaiz ante quam casasset cum illa. Et uenerunt ambos ad iudicium ante don Sanchio Muniz pro ista intentione et iudicauit eos don Sanchio, et mandauit a don Monio Pedriz ut dedisset medietatem de illos CCLXI morabitinos a sua mulier domna Maria Gonsal- // uiz et habuisset ipsas hereditates sine illa; et dedit Monio Pedriz a do[m]na Maria Goncaluiz suam partem de Coreixas in pignores pro medietate de illo auer et recepit do[m]na < Maria > Gonsaluiz ipsos pignores. Et mandauit dom Monio Pedriz ut dedissent de Palaciolo ipso auer scilicet centum XXX morabitinos et medium a sua mul[i]er do[m]na Maria Gunsaluiz, et habuissent ipsas hereditates integras in monasterio scilicet suam partem de Coreisas, et de Beesdauis et de Queriz, cum alias hereditates que sonant in suo testamento. Modo ego Egas Paiz accipio de Palatiolo XXX morabitinos super illos quos iam habebam de don Monio Pedriz et fiunt CCCXXXXI. Tantum michi placuit, et facio uobis abbatti Egee Gomizoni et cetis fratribus Palacioli karta uenditionis et firmitatis per illud plazum quod feci primo a Monio Pedriz de illas hereditates. Ita michi et uobis placuit et de precio apud uos nichil remansit pro dare ita ut de hodie die uel tempore sint ipsas hereditates de iuri meo abrasas et in uestro iure atque dominio sint traditas atque confirmatas. Habeatis uos illas firmiter et omnes sucessores uestri cunctis temporibus seculorum. Siquis tamen quod fieri non credo, ego uel aliquis homo uenerit uel uenero contra hanc kartam uenditionis quam facere iussi ad in- (f. 52v.) rumpendum et ego

eam in concilio defendere et uobis concedere non potuero aut noluero, aut uos in uoce mea quoniam pariam uobis ipsas hereditates duplatas uel triplatas et quantum a uobis fuerint melioratas et conponam ipsum plazum quod feci a Monio Pedriz et in super mille solidos de puro argento, et aliud tantum in iudicatum domno terre. Facta karta uenditionis kalendas Septembris, era MCCV. Ego Egas Paaiz uobis abbati Egee Gomizoni ceterisque fratribus Palatioli, in hanc kartam uenditionis quam sponte iussi fieri manus meas r+oboro. Petrus testis. Menendus testis. Pelagius testis. Vilelmus cleririmis (*sic*) Notuit.

140

1179, Dezembro — Egas Moniz e sua mulher Teresa Afonso trocam bens com o mosteiro estando este representado pelo abade Monio. O mosteiro cede tres casais em Figueiredo, Vila Meã e Minhãos em troca de dois casais e de uma *senara de vinea* em Folgoso (Terra de Paiva).

KARTA CONTRAMUTATIONIS DE ARAUCA ET DE FELGOSO.

In Dei nomine. Ego Egeas Moniz et uxor mea Tharasia Alfonsi facimus kartam mutationis uobis abbati domno Monio et omni conuentui Palatioli de hereditate nostra propria que habemus in terra de Paiva in uilla que uocitant Felgoso et est pernominata IJ casales et una senara de uinea. Pro quibus accepimus de uobis IIJ kasales in Arouca ex parte auiorum meorum. In uillas pernominatas idem I casal in Figueiredo et alium in Villa Mediana et alterum in Mignaus. Si aliquis homo uenerit uel uenerimus tam de meis quam etiam // de extraneis qui hunc factum nostrum inrumpere uoluerit et nos udicio deuindicare non potuerimus aut uos in uoce nostra. Quomodo paraamus ipsam hereditatem duplatam et quantum fuerit melioratam et iudicatum domno terre. Damus uobis ipsam hereditatem pernominatam terciam de uilla de Felgoso, et de tercia quartam per ubi illam potueritis inuenire per suis locis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Facta karta mense Decembrio sub era MCCXVIJ. Ego Egas Moniz et uxor mea Tharasia Alfonso in hanc kartulam que iussimus fieri manus nostras Roboramus. Pro testibus: Martinus testis. Monius testis. Pelagius testis. Michel Notuit.

141

1185 — Egas Vasques e sua mulher Flâmula Gonçalves doam bens em Avô, Figueiredo e Gondesende pedindo aos monges para, durante um ano, cantarem diàriamente três missas em sua intenção.

TESTAMENTUM DE EGAS UELASQUIZ ET UXOR SUA FLAMULA GUNSALVIZ.

In nomine Domini nostri Ihesu Christi amen. Ego Egas Uaasquiz et uxor mea Chamua Guncalviz facimus testamentum de hereditates nostras proprias que habemus de parte auiorum nostrorum siue de ganantia pro remedio animarum nostrarum ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitatis cum angelis sanctis. Offerimus huic sancto et uenerabili altaris sancti Saluatoris de Palatiolo cum alijs reliquiis que ibidem sunt recondite. Et sunt ipsas hereditates pernominatas (fl. 53r.) in uilla Auuol quanto qui ibi habemus territorio Ainega (*por* Anegia) discurrente riuulo de Ladrones, territorio Portugal. In Arouca I casal ubi dicent Figueiredo ubi habitat Guncaluo Moniz. In Gundesendi in terra da Maia iuxta ripa maris, quanto ibi habet domna Chamua a quinta de quanto qui ibi habuit Guncaluo Osoreiz et sua mulier Guntina Diaz. Damus atque concedimus ipsas hereditates ad ipsum monasterium de Palaciolo, et si aliquis homo uenerit tam de nostris quam etiam de extraneis qui hunc testamentum nostrum inrumpere uoluerit in primis sit exccomunicatus et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condemnatus, et pariat ipsum testamentum in duplo et insuper D solidos et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti era MCCXXIII. Ego Egas Uaasquiz et uxor mea Chamua Guncaluiz in hanc kartulam quod iussimus fieri proprijs manibus nostris Roboramus. Et pro ipsum beneficium quod fecit domna Chamua que est de aliis monasterijs cantent I anno integro III sacerdotes pro remedio anime sue missas.

142

1015, Junho, 11 — Sentença pela qual o presbítero Salamiro reconhece os direitos de Vivila Tructesendes à igreja de S. Mamede de Canelas.

PLAZUM UEL TESTAMENTO DE UIUILI TRUITESENDIZ DE ECCLESIA DE SANCTI MAMETI DE CANELI.

Ego Salamirus presbitero uobis domna Uiuili Truitesendiz pactum simul et plazum facio uobis et heredibus uestris per scripture firmitatis pro parte de ip[s]a // ecclesia uocabulo Sancti Mametis, et Sancte Marie, in uilla quos uocitant Kanelas unde intencio inter nos fuit, et dedimus nostras scripturas et uos uestras ante iudices post fa[c]ti et crebauerunt meas scripturas quos inuenerunt posteriores et elegerunt illas uestras scripturas que erant priores et uobis damus ipsa ecclesia ante sagion et sanabit uos et uestros heredes, et pro uestra mercede date michi ea ad continere que contenea ea et edifice et plante et tenea ea de uestra manu et sede de uestro iure et facia cum ea seruicio cum ueritate, et logre meo labore et meo postato et si ibidem aliqua soposita fecerit aut per me aut per mandatori meo aut per scripturas aut per quem libet generis homo quomodo parie post parte uestra solidos D extra iudicato; notum die quod erit III idus Iunij, era CLIII per acta milesima. Salamiro presbitero in hoc plazo manus meas roboro. Pro testibus: Vidralgido testis. Egica testis. Truitesendo testis. Blando. Sunila. Sarrazimo. Balteiro. Egica. Aluito. Framila. Genetiuio. Et alij plures quos uidimus et pro testes sumvs.

Sesnandus presbiter, Notuit (fl. 53v.).

143

1183 — Dordia Osores doa bens em Paradela.

(Sem título no original)

In nomine Domini nostri Ihesu Christi. Ego Dordia Osoriz facio testamentum de mea hereditate propria que habeo de parte parentorum meorum in uilla que uocitant Paradela I kasal desuper fonte ubi morou (*sic*) Paai Diaz de capud oliuar cum suis locis et terminis nouissimis et antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Et ipsa hereditate fuit transmutata cum Uilla Bona do Bispo o priol Monio Ro[d]origuiz pro ipsa hereditate in uilla quod uocitant Boneli. Et ipso kasal de Paradela subtus mons Cerro discurrente ribulo Pauia, territorio Portugal et est terminata ipso kasal per Antela et parte cum Sauarigones et cum Fondones et quomodo ex parte per Felgueiras, et fer in Cerro et uadit ad inprono et sparte cum

Carreiros et uadit ad inprono et sparte cum Ro[d]origanes et fer in Pauia quomodo illa potueritis inuenire, do atque concedo pro remedio anime mee ad ipsum locum Sancti Saluatoris et sancte Marie uirginis, et Sancti Petri apostoli. Et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum inrumpere uoluerit, in primis sit excomunicatus et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et pariat ipsum testamentum in duplo et insuper D solidos de puro // argento et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti era MCCXXJ. Ego Dordia Osoriz in hanc kartam testamenti quod iussi fieri manibus meis r—o—b—o—ro.
Pro testis: Egas Osoriz testis. Menendus testis. Garcia testis. Petrus Notuit.

144

1183 — Egas Osores doa bens em Aveleda.

TESTAMENTUM DE EGAS OSORIZ QUOD RELIQUID UESTIARIO MONACHORUM DE PALATIOLO.

In Dei nomine. Ego Egas Osoriz facio testamentum de mea hereditate propria que habeo de meo patre et de mea matre siue de ganancia pro remedio animee mee ut partem merear adipisci, in celestibus regni[s] a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offerimus huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palacioli cum alijs reliquijs que ibi sunt recondite. Et est ipsa hereditate pernominata in Auelaneda I kasal, ubi habitabat Petro Garcia. Do atque concedo ipsa hereditate ad ipsum monasterium iam super dictum, et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum meum inrumpere uoluerit in primis sit exccomunicatus et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et pariat ipsum testamentum in duplo, et insuper D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti (fl. 54r.) era MCCXXI. Ego Egas Osoriz in hanc kartam testamenti quod iussi fieri manus meas r—o—b—oro. Pro testis: Monio testis. Garcia testis. Sancho testis. Perus monacus Notuit.

145

1109, Setembro, 27 — Sentença para sanar o pleito sobre as divisões das vilas de Porcas e Travassos surgido entre o mosteiro e os herdeiros delas.

HE SUNT DIVISIONES DE UILLA PORCAS.

Temporibus igitur comitis domni Enriqui post mortem soceri sui domni regis Adefonsi. Orta fuit intentio inter fratres et monacos de monasterio Palacioli, et inter omnis qui sunt heredes de uilla Trauacos. Hi sunt pernominati Didagus Genitiuici, Hero Pelaiz, Menendo Romaniz, Guncaluo Gimariz, Aluito Moniz, Honego Sesnandiz, Hermegildo Menendiz, super terminos et diuisiones de uilla Porcas que testauit Adefonsus Petriz ipsi monasterio iam dicto, et de ipsa uilla de Trauacos que est hereditas de ipsis hominibus iam dictis, et uenit domnus Didacus qui tunc erat prior de ipso monasterio iam dicto cum suis monachis et cum suis rectoribus in uoce de ipso monasterio et uenerunt ipsi heredes cum suis exquisitoribus et adunauerunt se simul in ipsos terminos inter ambas ipsas uillas in presentia de Egas Garcia qui tunc erat magorinus maior de Egas Gonsendiz qui erat donator et princeps terre illius. Et tenebat ipsa terra de Sancto Saluador et de Tendales cum alia multa in suo aprestamo de mano de illo comite // domno Enrico et dederunt pariter suos diuisores et suos rectores ante ipsum maiorinum iam dictum et contendebant contencione magna super ipsos terminos et super ipsas diuisiones, et adprehendit ipse prior domnus Didacus suos diuisores atque precessores qui precesserunt ei ipsos terminos antiquis et per ipsas diuisiones antiquas que fuerunt ab antiquis pressoribus determinatas incipientes in illos parietes antiquos super illas canales ubi dicetur Asinella et superius per illam petram scriptam et de inde superius per ipsum pauimentum petrarum in directu ubi statute sunt ipse petre in modum clausure et de inceps tetendit ipsum pauimentum in bucaqueiras, per illum comarum et inde pergit ipsum pauimentum ad infestum sursum et indirectu implicat se in illum penetum et inde in illas cantaras que est petra prefixa in qua sunt cauee multe ad eodem facte et inde et ad illum cauum et inde uadit ipsum pauimentum et ipsam diuisio in directu ad improno et implicat se in una petra prefixa et in aqua et de ipsa petra descendit ipse termino in illo ribulo de Sonosu et inde infestu quomodo ipsa aqua discurrit usque ad cacumina ipsorum montium et infundit super Sancta Maria per illa petra scripta qui iacet iusta illam uiam et inde superius per illum pauimentum petrarum, et inde per illa barcal et inde per

illum comaro super illum noual de Gonsendo, ipsi autem homines contradicebant ei. Et super hanc contentionem conuenerunt sibi in iudicem et iudicauerunt ipsi iudices (fl. 54v.) Petro Pelaiz et Didacus Genitiuiz qui erant iudex constitutus in ipsa terra, ipsum domnum Didacum ut dedissent fide iussores sicut et dedit per iussionem de ipsum maiorino supra dicto per manus de suis saionibus hi sunt: Egas Diaz et Didaco Manzoriz, et dedissent unum quod suis prioribus, aut de clericis, et sex alios homines laycos et iurassent, et defendissent ipsam uillam de Porcas cum hominibus prestationibus suis per ipsos terminos et per ipsas diuisiones supra taxatas. Et uenit ipse prior domnus Didacus ad diem placitum, feria II, V kalendas Octubris, era MCXXXXVII. In presentia de ipso maiorino sepius memorato et de suis iudicibus et suis saionibus in Sancto Iohanne de Cinfanes et misit suos iuratores n ipsa ecclesia per manu de suis fide iussores, et post hoc conuerunt ipsi iuratores cum ipsis heredibus de ipsa uilla de Trauacos, per consensu de ipso maiorino et dederunt pro semet ipsis duos duos [*sic*] modios in precio quod illis complacuit, et demiserunt eos liberos et solutos de ipso iuramento, defendit ipse domnus Didacus ipsam hereditatem cum hominibus prestationibus suis que ad usum ibi a Deo create sunt. Per ipsas diuisiones superius prescriptas per suum testimonium et suum iuramentum, et per iuditium rectum testimonio bonorum multorum hominum, ibi adsistentium et per istum plazum. Et fuerunt ipsi iuratores: Velasco Fiogazi, et Piniolo Ouequiz, Guncaluo Truitesendiz, Monio Menendiz, Sauarigo Frogaiz, Diago Ramiriz, Gundisaluo Froiaz, Diago Moniz.

146

1190 — Sancho Nunes doa bens em Rio de Moinhos, Adoufe, Cabroelo e *Phaphia*.

TESTAMENTUM DE SANCHO MUNIZ IN TERRA DE PENAFIDE-//LIS.

In Dei nomine. Ego Sanchio Nuniz facio testamentum pro remedio anime mee de mea hereditate propria que habeo de matre mea Dordia Mendiz siue de ganantia, ut partem merear adipisci, in celestibus regni a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offerimus huic sancto et uenerabili altari Sancti Saluatoris de Palacioli, cum alijs reliquijs que ibi sunt recondite. Et sunt ipsas hereditates pernominatas in uilla quos uocitant Riu de Moinos, et est pernominata I kasal cum sua quintana et cum senara, et

alium kasalem de Paai Canga et quarta de ecclesia de Riu de Moius et mea portionem da pesceira da Karreira ,et alium kasalem in uilla Adauphi. A filio meo Menendo Sanchiz I kasal in Cabroelo, et ad alio meo filio Petro Sanchiz I kasal de Phaphia. Tali pacto ut non habeatis licentiam uendendi, nec donandi, nec ad nullum locum testandi. Et post obitum uestrum ueniant ipsos duos kasales ad monasterium Palacioli. Do atque concedo ipsas hereditates ad ipsum monasterium supra dictum. Et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum meum irrumpere uoluerit, in primis sit excomunicatus et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et pariat ipsum testamentum in duplo et in super D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta series testamento, era MCXXVIII. Ego San- (fl. 55r.) chio Nuniz in hoc testamento quod iussi fieri manus meas Roboro. Qui presentes fuerunt et uiderunt et audierunt: Johanne testis. Pelagio testis. Petro testis. Gundisaluo testis. Didacus presbitero notuit.

147

1190 — Ermigio Mendes doa bens em Felgueiras, Budelos e *Celgana*.

[*Falta o cabeçalho*]

[In] nomine Domini nostri Ihesu Christi amen. Ego Ermigius Menendi facio testamentum de hereditate mea propria que habeo de parte auiorum meorum siue de ganantia pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a Domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris Sancti Saluatoris de Palacioli cum alijs reliquijs que ibidem sunt recondite. Et sunt ipsas hereditates pernominatas: in primis medietate de Felgueiras, deinde in terra de Penafiel in Budahelos II kasales, et alium kasal in Celgana. Do atque concedo ipsas hereditates ad ipsum monasterium de Palaciolo; et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum meum irrumpere uoluerit, in primis sit excomunicatus et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus, et pariat ipsum testamentum in duplo, et insuper D solidos de puro argento et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti, era MCCXXVIII. Ego Ermigius Menendi in hoc testamentum quod iussi // fieri manus meas Roboro. Pro testis: Petro testis. Petro testis Gundisaluus testis. Fructuosus testis. Iohannes testis. Didacus presbiter Notuit.

148

1170 — João Soares doa bens em Pedorido.

[*Falta o cabeçalho*]

In Dei nomine. Ego Iohanne Suariz facio testamentum de mea hereditate propria que habeo de parte auiorum meorum siue de ganantia pro remedio anime mee ut partem merear adipisci in celestibus regnis a domino seculis infinitas cum angelis sanctis. Offero huic sancto et uenerabili altaris sancti Saluatoris de Palacioli cum alijs reliquijs que ibidem sunt recondite. Et est ipsa hereditate pernominata in Pedourido I kasal ubi mora Paai Aluitiz, et est a decima de tota a uilla. Do atque concedo ipsa hereditate ad monasterio de Palaciolo per suis terminis nouissimis, et antiquis cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc testamentum meum inrrumpere uoluerit, imprimis sit exccomunicatus, et maledictus et cum Iuda traditore sit perditus et condempnatus. Et pariat ipsum testamentum in duplo, et insuper D solidos de puro argento, et iudicatum domno terre. Facta karta series testamenti, era MCCVIIJ. Ego Iohanne Suariz in hoc testamentum quod iussi fieri manus meas Roboro. Pro testis: Menendus testis. Suarius testis. Monius abbas Palacioli testis. Petrus monacus, Notuit. (fl. 55v.).

149

1194, Junho — O abade Monio Garcia cede bens, em Sanguinhedo a título precário, a Gonçalo Brandão, que pagará uma certa renda anual. Por sua morte os bens voltarão à posse do mosteiro. Este por sua vez doa *post mortem* metade dos seus bens.

[*Falta o cabeçalho*]

In Dei nomine. Ego Monius abbas Palatioli et omni conuentui eius facimus tibi Guncaluo Blandom pactum firmitudinis de I kasal que habemus ubi uocitant Sangabedo, et fuit de Menendo Pelagij. Damus tibi per tali pacto, ut tu habeas in uita tua et reddes unum morabitino a Palatioli, de anno in anno, et post obitum tuum sana et integra reuertatur ad monasterium Palatioli. Et non sis ausus pignorare, nec testare, nec

donare, a nullum locum, nec mulier nec filios non habet licentia super illa. Et pro isto beneficio que uos me facitis, do uobis media de ipsa quintana que ibi habeo, et fuit de auiorum meorum cum sua senara et cum omni rectitudine sua post obitum meum; et si aliquis homo uenerit uel uenerimus qui hoc factum nostrum infringere uoluerit, quantum quesierit tantum duplet. Et insuper D solidus ubi uocem dederit; facta karta mense Iunij, era MCCXXXIJ. Ego Guncaluo Blandom, uobis abbas Monio Garsee, et omni connuentui eius, manus meas Ro—bo—ro. Pro testibus: Petrus testis. Menendus testis. Guncaluo testis. Monius Notuit.

150

1139, Maio — Pedro Osores vende bens em Cadeade para pagar uma multa que devia ao *tenens* de Penafiel, Mem Moniz.

[*Falta o cabeçalho*]

In Dei nomine. Ego Petro O[s]oriz facio uobis domno Affonso abbas Palatioli ceterisque fratribus karta uenditionis de hereditate mea propria siue de soror mea Hu[n]usquo O[s]oriz que nobis uenit ex parte patre nostro in uilla Cathenadi quantum nos ibi habemus. Do illam uobis cum // quantum in se obtinet et adprestitum homines est, et accepi a uobis IIII aureos quos dedi pro me a domno Menendo Moniz qui tunc tenebat Penafidelis et pectaui illos sibi pro consanguineo meo Garcia Pelaiz pro rouso que ipse fecerat cum domna Geldo in uilla quo uocitant Guilufi. Et ipse misit me in pignore pro se pro ipso iduso. Si aliquis homo uenerit uel uenerimus qui factum meum irrumpere uoluerit, quantum quesierit tantum duplet, et insuper D soldus de puro argento ad quem uocem ipsius monasterij pulsauerit et aliud tantum domno terre. Facta karta mense Mayo, sub era MCLXXVIJ. Ego Petro O[s]oriz in hanc kartam uendicionis manus meas proprias Ro—bo—ro. Pro testibus: Iohanne testis. Garsea testis. Petrus testis. Sesnandus monacus testis. Pelagius Notuit.

151

1198, Setembro — Maior *Fiez* doa bens em Cadeade ficando o abade Monio Garsia seu usufrutuário, exceptuando-se um campo de que ficou usufrutuário João Garcia.

[*Falta o cabeçalho*]

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filij et Spirictu Sancti amen. Ego humilis exigua famula Dei Maior Fiez quatinus in diem iudicii euadere ualeam penas inferni, et adquirere gloriam uite eterne una cum cetu per misericordiam Christi, offero sancto et uenerabili altari, quod situm est in honore Sancti Saluatoris, et Sancte genitricis Marie, et omnium sanctorum monasterium Palacioli, partem mee hereditatis (fl. 56r.) pro remedium anime mee. Id est pernominata hereditate in uilla que uocitant Catenadi a quarta integra extraere unum campum que dedit a Iohanne Menendiz. Et post obitum suum reuertatur ad monasterium Palacioli, et ipsam hereditatem do atque concedo abbati Monioni Garsee ut teneat eam in omni uita sua et post obitum suum reuertatur ad monasterium Palacioli. Et si aliquis homo ueneri[t] tam de meis quam etiam de extraneis et hunc factum meum inrumpere uoluerit aut in contencione mittere: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus et a corpore et sanguine domini nostri Ihesu Christi separatus, et pariat illi qui uocem huius testamenti pulsauerit D solidus de puro argento et aliud tantum domno terre. Facta karta testamenti mense Septembris, era MCCXXXVJ. Ego Maior Fiez in hoc testamento proprijs manibus r—o—b—o—ro, et ecclesie Sancti Saluatoris per signo. Pro testibus: Egas testis. Nunus testis. Fernandus testis. In tempore Monioni abbatis, Menendus presbiter Notuit.

152

1199, Fevereiro — Teresa Nunes doa bens em Cadeade ficando o abade Monio Garcia como usufrutuário.

[*Falta o cabeçalho*]

[I]n nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filii et Spirictu Sancti amen. Ego humilis exigua famula Dei Tarasia Nuniz quatinus in diem iudicij euadere ualeam penas inferni et adquirere glorie uite eterne una cum // cetu per misericordiam Christi, offero sancto et uenerabili altari quod situm est in honore Sancti Saluatoris, et Sancte Dei genitricis Marie et omnium sanctorum monasterio Palacioli, partem mee hereditatis pro remedium anime mee. Idem pernominata hereditate in uilla quo uocitant

Chatenadi, a quarta integra, et ipsam hereditatem do atque concedo abbati Monioni Garsee ut teneat eam in omni uita sua, et post obitum suum reuertatur ad monasterium Palacioli. Et si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis et hunc factum meum inrumpere uoluerit aut in contencione mittere: in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in inferno sit perditus et condempnatus et a corpore et sanguine Domini nostri Ihesu Christi separatus. Et pariat illi qui uocem huius testamenti pulsaverit D solidus de puro argento, et aliud tanto domno terre. Facta karta testamenti mense Februarij, sub era MCCXXXVII. Ego Tarasia Nuniz in hoc testamento propriis manibus meis Ro—bo—ro, et ecclesie Sancti Saluatoris per signo. Pro testibus: Martinus testis. Ermigius testis. Monius testis. Didacus monacus notuit.

153

1135, Junho, 13 — Contrato entre o mosteiro e Vermudo Odorio em que este determina os limites de propriedades que aquele já possuía em Cabril, Mosteiró e Gândara; cede-lhe também propriedades em Castelãos, Bazar e *Thiuisi*.

[*Falta o cabeçalho*]

Orta fuit intentio inter fratres de monasterio Palaciolo et Uermudo O[do]riz de hereditatibus de Palaciolo, he sunt uilla Cabril, et uilla Monasteriolo, per illa carral antiqua que uenit de Cotu et (fl. 56v.) fer in fogio lobal que sparte cum Osella et cum monasterio de Sancto Petro, et cum suas escauias, a parte occidentali et a parte orientalli, exit de fogio lobal et uenit per lumbo, et perge ad archa antigua super Cabril, et inde per lapidata, et inter in Cabril et uai infestu et exit de Cabril super uilla Bazar et pergit illo comaro infestu, et conclude per illum uallum in giro et intrat in Cabril et pergit infestum per fontano Cabril, et leuasse per lumbo montis usque plica in coto ubi primitus incoauimus, concludimus et illa ecclesia uocabulo Sancto Petro de Gandara determinamus per illo uallo que leuasse de Cabril et uai infestu, et diuidit cum Bazar, per illa compata, et torna per illo lumbo de Gandara, et merge in illo uallo contra Sanctum Petrum de Castellanus super illa uarzena et tornasse per uilla Arenas. Et diuidit cum Arenas et per illo uallo et intrat in Cabril in amenal de susano, et perge infestu per medium Cabril, et fer unum primitus

incoauimus, et inter ambos amenales agro de monacos cum suo pumare integro, et alio casal a foce de Cabril a radice montis cum omni sua prestantia, et cum suo monilu, et heredes monasterij Palacioli scilicet domnus Ermigius Moniz qui tunc imperat ciuitate Sancte Marie, et Egas Odoriz, et Gunsaluus Soariz, et alij boni uiri et bone persone statuerunt concilium fratres ipsas hereditates et inuenerunt per suos testamentos et per suas scripturas qui erant sue directure sicut superius // resonant. Et ipsi heredes determinauerunt Monasteriolo per ipsam aquam que descendit de monte et intrat in Cabril et intrat per illud saxum, et per illos tres marcos, et uadit ad illud molinum de susano, cum suis terminis et uadit ad pedem de lupo, et deinde a coto et inde uadit ubi primiter incoauimus. Et propriis nostris directuris que nos habuimus in Cabril. Ego Uermudo Odoriz et uxor mea Ousenda Cidici pro amore de domno Ermigio Moniz et de suis heredibus et pro remissionem peccatorum nostrorum, et pro ipsis uestris directoris que habetis in Cabril que resonant in uestris testamentis, et facimus testamentum et plazum de nostris hereditatibus he sunt pernominate, in uilla Castellanos pernominato illo outeiro integro cum suas (*sic*) quintana, cum terminis, et cum quantum ibi habemus. De uilla Bazar XIJ integra et uno casal de Hermegonza integro, et in Tiuisi III partes integras et in agro molinu III partes integras cum quantum in se obtinet et adprestitum hominis est. Pro transmutatione de Cabril. Si aliquis homo uenerit uel nos uenerimus tam de extraneis quam etiam de propinquis nostris contra hoc testamentum uel plazum ad inrumpendum: in primis sit excomunicatus, et cum Iuda traditore in perpetua pena sit dampnatus et a cetu christianorum sit segregatus et pariat ipsas hereditatibus duplatas (fl. 57r.) et insuper D solidos et iudicatum seniorj terre. Aliam uero scripturam antepostam uel postpositam minime stabiliri permittimus sed istam in perpetuum permanere iubemus. Facta karta testamenti siue plazi die idus Iunij, sub era MCLXXIIJ. Ego Uermudus O[d]oriz et uxor mea Ousenda Cidici in hoc testamento uel plazo manus nostras Ro+bo+ra+mus. Pro testibus: Egas O[d]oriz testis. Gunsaluus Soariz testis. Pelagius Gunsaluiz testis. Menendus Pinioniz testis. Nunu Menendiz testis. Gunsaluo Uenegas testis. Pelagius presbiter notuit.

154

1140, Abril, 22 — Martim Moniz e sua mulher Aurodona Rodrigues doam bens, *post mortem* em Outeiro, Souto e Nogueira.

[*Falta o cabeçalho*]

In nomine sancte et indiuidue Trinitatis Patris et Filij et Spirictus Sancti. Ego humilis seruus Christi Martino Moniz et uxor sua Aurodona Rodriguit (*sic*) pro remedio animarum nostrarum, ut ualeamus euadere penas infernorum et partem adipisci cum cetu iustorum in gloria sanctorum, offerimus sancto ac uenerabili altari Sancti Saluatoris ceterarum ue[l] ibidem sanctarum recondite reliquiarum, monasterio Palatioli Sause. Ego Martinus do IJ kasales in Auteiro circa illa quintana que fuit de suo patre, et sua mulier II kasales in Sauto. Et damus magistro nostro Pelagius Capellanus I kasal in illa Nugaria quem // habitat Monio Pelagij et est inter ambos, et unus quisque enim qui fuerit primo mortuus, ut sit liber ad ille capillanus ubi cunque habitet. Et post obitum suum reuertatur illo monasterio Palatioli. Concedimus iam dicte aule, has hereditates superius memoratas, ut post obitum nostrum ibidem deseruiant et in quantum in se obtinent, adprestitum hominis est. Siquis tamen quod nos non concedimus fieri, aliquid homo uenerit, uel uenerimus ad inrumpendum contra hunc testamentum, pariat ipsas hereditates in duplo, et illi qui uocem huius testamenti pulsauerit, aliud tantum in iudicatum. Insuper uero, si se a talibus culpis quam totius corrigere uoluerit, tantum sit a corpore, et sanguine Christi excomunicatus, quantum steterit in tam graue peccatum. Aliam uero scripturam antepositam, uel postpositam, stabiliri minime permitto, sed istam in eternum Deo seruire mando. Facta carta testamenti X kalendas Magij, era MCLXXVIIJ. Nos superius nominatos. Martino et Aurodona huic testamentum proprijs manibus roboramus. Pro testibus: Egas testis. Petrus testis. Monius testis. Didacus testis. Garcia testis. Pelagius notuit, presbiter (fl. 57v).

155

1206, Dezembro — Aurodona Mendes doa bens em Cardia ficando no entanto como usufrutuário Monio Garcia, abade do mosteiro.

TESTAMENTUM DE AURODOMINA IN BENUIUER.

In Dei nomine. Ego Aurodomina Menendi facio tibi Monio Garsee Palatioli abbas karta pro remedio anime mee de ipso kasal da Cardia ubi habitat Monius Pele, per ubi cunque potueritis eum inuenire per suis locis

nouissimis et antiquis. Habeas eum in omnis uita tua, et post uero obitum tuum liberum reuertatur ad monasterium Palatioli pro meo testamento, tali pacto ut semper me in mente habeas tu et omnis sucessores tui uestris orationibus. Si aliquis homo uenerit tam de meis quam etiam de extraneis qui hunc factum meum irrumpere uoluerit in primis sit excomunicatus et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et condempnatus nisi penitentiam egerit. Et pariat hoc testamentum in duplo ad quem uocem ipsius monasterij pulsauerit et insuper D solidos de puro argento et aliud tantum domno terre Facta karta series testamenti mense December, era MCCXXXXIIIJ.

156

1137 — Egas Moniz, em memória de seu filho Mendo, doa bens em Vila Nova, Outeiro e Arrabalde.

TESTAMENTUM DE DOMNO EGEA MONIZ QUOD TESTAUIT PER ANIMA FILIUM SUUM MENENDI UENEGAS.

In Dei nomine. Ego don Egas Moniz presente populo qui mecum uenit ad monasterium de Palaciolo sepelire filium meum Menendus Uenegas, facio testamentum ad altare de Sancto Saluator de Palaciolo pro anima sua de illas hereditates uidelicet VI casales in Uilla Noua, que est sita iuxta ecclesia Tuias, territorio Benuiuer, et alium in Outeiro iuxta Sanctum Petrum de Canaueses, territorio Portus Carreiro, et unum in uilla Arraualdi que est inter riuulo Odres et de Palatiolo subtus mons Loba Mourisca, territorio // portugalensem, que anima de meus filius ualeat euadere penas infernus et habeat uita eterna cum Deo amen. Et si aliquis homo uenerit tam ex parte mea quam extranea qui hoc factum meum frangere uoluerit, in primis sit maledictus et excomunicatus, et cum Iuda traditore in infernum sit perditus et dampnatus, et pariat hoc testamentum in duplo ad monasterium de Palatiolo, et insuper D solidos de puro argento, et aliud tantum domno terre. Facto testamento sub era MCLXXV. Ego supra dictus don Egas Moniz qui hoc testamentum facio in eum manus meas pono et roboro.

157

1222, Julho — Martinho Garcia e sua irmã Gontina com seu marido Pelagio Mouro doam bens em Cadeade.

[*Falta o cabeçalho*]

[I]n Christi nomine. Nos Martinus Garsee et mea soror Gontina Garsee, et cum suo marito Pelagio Mauro, una cum filijs et filiabus nostris. Vobis abbati de Palatiolo G. Gunsalui et omni conuentui iusdem cenobij nullo nos cogente, sed spontanea uoluntate, facimus karta uendicionis et perpetue firmitudinis de hereditate mea propria, quam habemus in uilla que uocitant Cadenadi, et fuit ex parte nostre matris nomine Gontina Menendi quod fuit filia de Menendo Moniz de Coreixas. Damus atque concedimus uobis insuper dicta uilla unam mediam de casa, ubi habitauit Boneto, cum suis arboris, et cum suo exitu et regressu, et diuidit cum ipsa hereditate quod tenet Egeas Cardinalis, et cum ipso kasale de predicto monasterio, et in sumitate uilla, alia media de domo, sicut iam prediximus de prima casa (fl. 58r.) et diuidit cum Tharasia Saluatoris et cum hereditate de perfato monasterio, et insuper damus unam leiram quod uocitant du cepu et in alia parte aliam leiram quod uocitant de ficulnea, et in altera parte uno talu de campo, et iacet iusta cortinalem de Iohanne Petri, de ipso kasale quod tenet Egee Cardinalis. Et in monte quinque leiras, cum quantum nos ibi habemus et habere, tam in monte quam in fonte, et haberi per ubi eam uos melius potueritis inuenire. Vendimus uobis ipsam iam pernominatam hereditatem pro quinque morabitinos quos a uobis accepimus in precio, quod nobis et uobis tantum bene conplacuit, et de precio apud uos nichil remansit pro dare. Habeatis uos iam super dictam hereditatem, cunctis temporibus seculorum. Si aliquis homo uenerit uel uenerimus qui hanc kartam nostram frangere uoluerit, tam de nostris propinquis, quam de extraneis, sit maledictus et excomunicatus, et cum Iuda traditore in inferno condempnatus, et a consortio Dei separatus et insuper pectet uobis mille solidos, de puro argento, et pariat ipsam hereditatem duplatam et quantum fuerit melioratam. Facta karta mense Iulij, sub era MCCLX. Nos supra dicti qui hanc iussimus facere nostris proprijs manibus uobis eam Ro—bo—ra—mus. Et pro testibus Petrus testis. Iohannes testis. Menendus testis. Pelagius notuit (fl. 58v.).

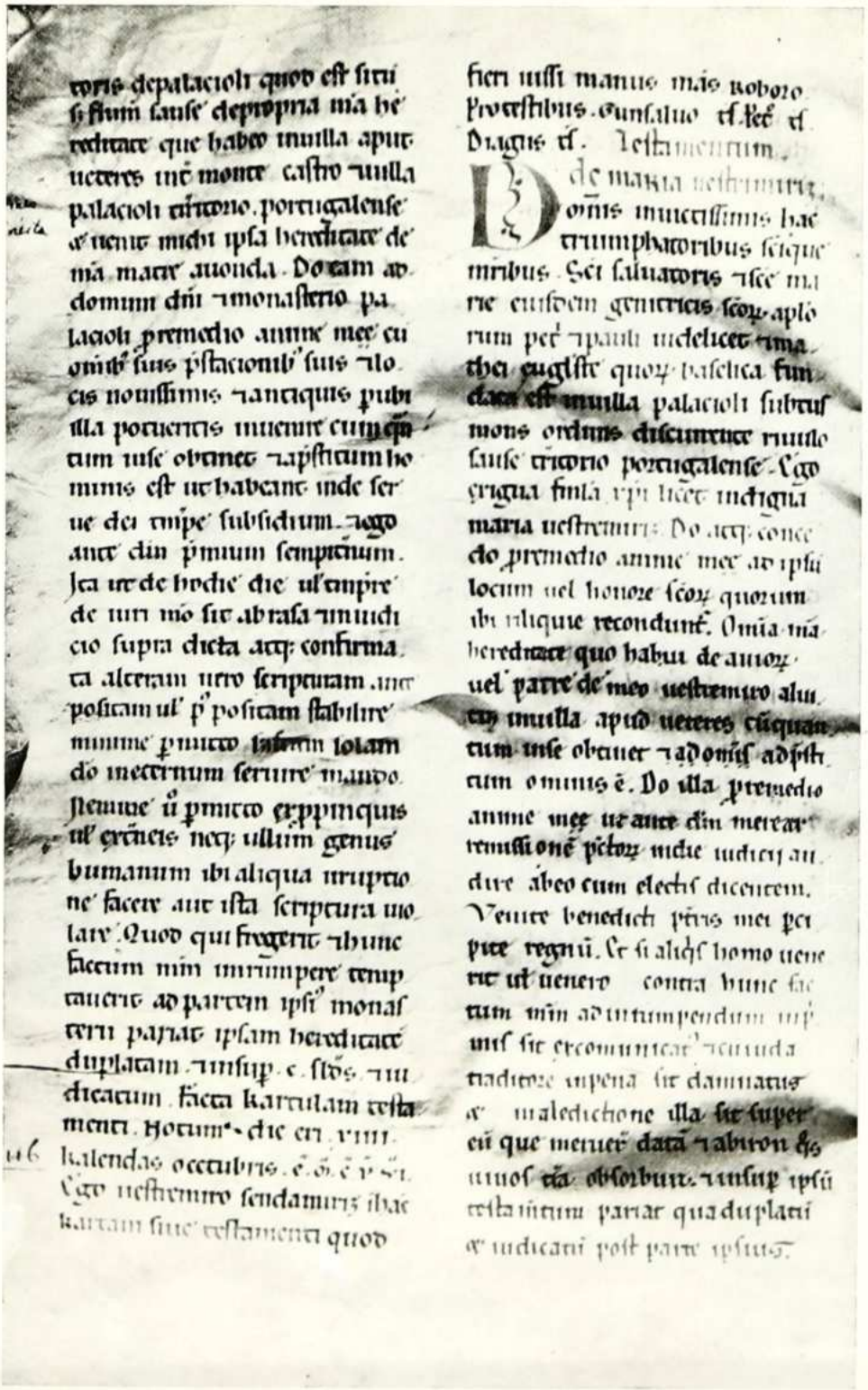

ILDA GAVETA
VO. 81.º DA
MISCELANEA

Testamento d'Ermigio Mendiz e Sancha Ildi mne

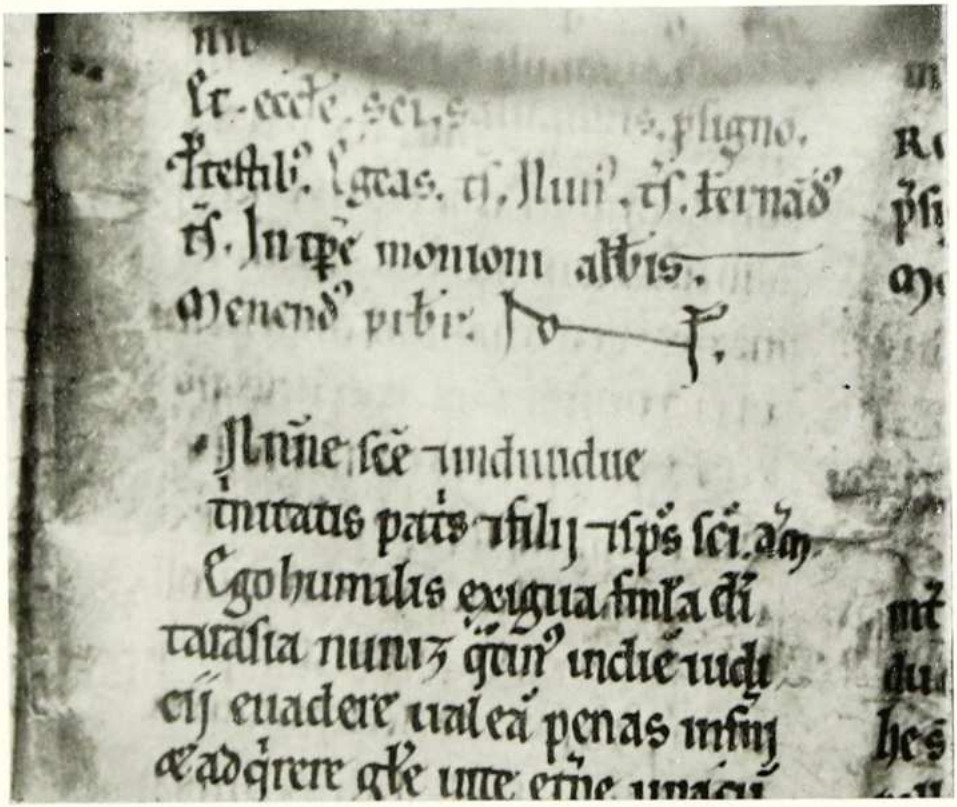
Ego ermigi mendiz et uxor mea sancia petriz facimus cartam testamenti primicio amarum nrarum monasterio palacoli de una hausa nra propria quam habemus exparte parientum nrorum et ipsa hauza habet uacuam in medio de sca eulalia decem canes scilicet mei porcas et tributo de solonoso in loco primario tostoiro sub castro paloco de arneiro et alia parte cone aquilonem qm dundez cum nauatos et cum ecclesia Dam ibi illam hauzam qm antrumpunt domni egas abbas ipsi mnsterii cum suis hominib et cum bob et cum pprii expensib Dam et istam hauzam supradicto monasterio pfnos domno sce illos nrarum primicio arrii nrarum et prima mula de nr mr qm dedit ub ipse albas exparte mnsterii hoc ub bene complacuit sca ut de hodie die ut repose sit ipsa hausa de nra nr abrasa et nunc mnsterii sit firma atq firmata habeatq cum cunctis exposib seor Stauc qd minime fieri credim alqs homo uenerit cum de nris primis qm etiam de extraneis qui hunc factum nrm infrumpere uel uacuare uoluerit sup̃nis sit maledictus et excommunicat et alienatus sit de cetu sanctorum et cum inda traditore dni in infernum sit pdit et condemnatus et pariat illi qui uocem hui testamenti infringere uel depuno argento et iudicatum dño cui facta fo testamn mei se agusto e. f. e. s. Hos supra nmata scilicet ermigi mendiz et uxor mea sancia petriz in hac carta testamenti qm sponte nr̃a uoluntate mea roborauimus Qui pntes fuerunt et uiderunt Petrus et Alfonsus et uenerem et Iohannis de martino aurifex

1201

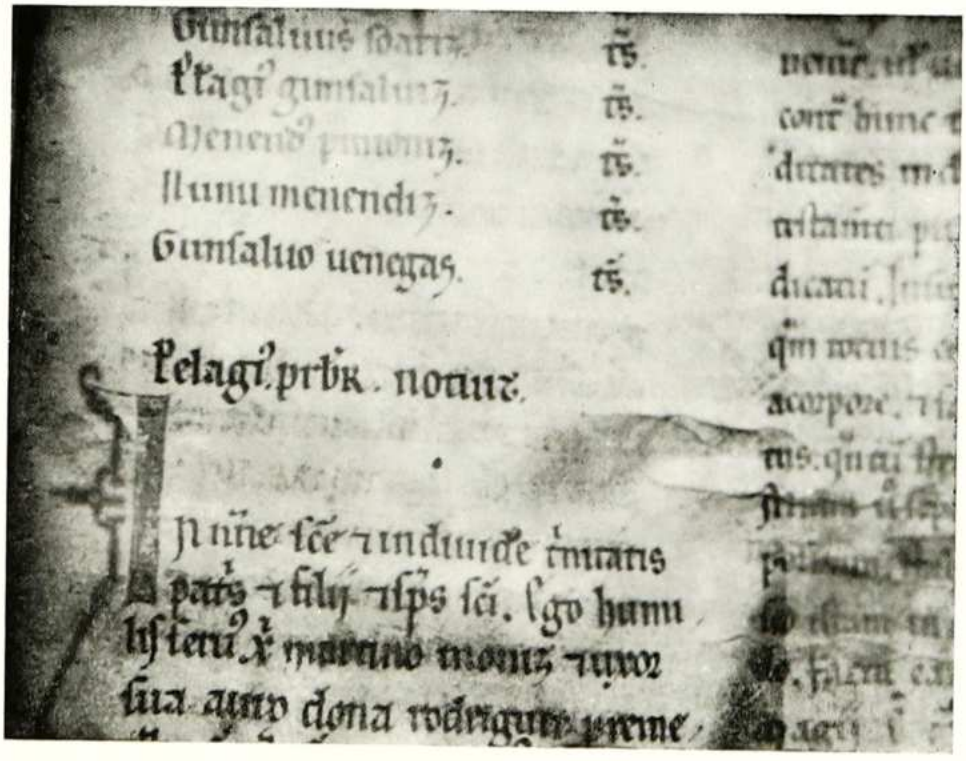
In nomine patris et filii et spũs scti amen. Dominis in nr̃is hac tripliato. Ego domnus scisq martinb uenditor huc cartulas Ego fmlo di martinz aurifex in hoc do qda ista hem amb loco placam michi p bona pcis et uoluntas ad hoc ago de propria mea uolntate ubi facio cartam scripture firmitatis de ora mea hereditate propria que ego habeo pro remedio aie mee et omnes dies uite mee et ego ipse uenditor supradictus sum et hereditatem ipsam ego uobis facio certum ad prefatum mon sci saluatoris hic in palacolo atque relige qui ibidem sunt deseruiendi Do et dono ibi et in illo casal de uldrian que ego comparaui de garsea enguis



Folha 37 verso



Folha 56r em que se nota perfeitamente o texto raspado



Folha 57r em que se nota bem o texto que foi raspado

GENEALOGIA DE MEM MONIZ

...Menendus Munionis duas uxores habuit primam uidilecit domnam Guinam Menendi ex qua habuit VI filias scilicet domnam... qui nupxit domno Sancio Nunionis et domna Aouroana Menendi quam duxit uxorem domnus Godinus Fafile de Laynoso. Item aliam... domnam Dordiam Menendi nomine quam sibi duxit uxorem domnus Nunus Menendi. Item alteram habuit filiam domnam Eluiram Menendi... Gomety de Basto; Item alteram habuit filiam domnam Maiorem nomine que non fuit nupta nec habuit filios. Item Diagus Menendus... uidelicet uxore separatus domnam Guina iterum nupxit meane domne Christine de Asturias ex qua habuit filium domnum Ermi... qui habuit in portionem sua Quintana uidelicet Uldrianus in Penafidelis et Sanctam Eolaliam de Cinfaes inter Dorium... suis et alias hereditates diuisas siue etiam habui partitionem domne Maiores sororis sue cum qua fuit enplazatus. Item dicta... Menendi habuit in partionem suam Quintana que (?) scilicet Poyares cum sorore sua domna Dordia Menendi et Torrados in Sause... sorore et alias hereditates deuisas item domna Tharasea Menendi habuit in partitione sua quintanas scilicet Barbosam et... eam de Sousa et Paredes et alias diuisas hereditates; item domna Eluira Menendi habuit in partitione sua scilicet Vila Coua... de Penafideli et alias hereditates indiuisas partibus. Domna Dordia Menendi habuit in partione sua quintanas scilicet Galegos... Molinis et Poyares cum sorore sua domna Ouroana. Partitionem uero domna Maiores sororis earum habuit domus Ermigius... habuit cum ea. Domnus Ermigius Menendi genuit filios Monionem Ermigij Alfonsum Ermigij Rodericum Ermigij... et filias domna Floyoli et domnam Orracam Ermigij religiosam domnam qui omnias mortui sunt sine semine. Domna... filium domnum Nunionem Sancij. Domna Eluira Menendi genui filios Ioanem Petri Dei benedicat et... filium Nuni Uetiz. Domna Ouroana Menendi habuit filium Fafilam Godini et sorores eius domna Dordia... Menendum Munionis Gago Sancium (?) Munionis et filiam Tharasiam Munionis Domna Maior habuit... fuit.

Segue uma transcrição desta mesma genealogia em letra moderna Atravessado a meio da folha lê-se o que teria talvez pertencido a um colophon:

Venerabili pro mundo ac dei sancto Domino Veracundi tesaurario presbiter subscripsit est monachius.

ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS (1)

I Paralip. 29, 14 — Tua sunt enim omnia, Domine, et que de manu tua accepimus dedimus tibi ..... 46, 62, 85, 93.

Job 17, 14 (cf.) — Caro mea pater meus et soror mea uermibus ... 51.

Salmo 75, 12 — Vouete et redite Domino Deo uestro ..... 38, 134, 135.

Salmo 111, 5 — Beatus homo qui miseretur et comodat ..... 39.

Salmo, 111, 9 — Dispersit, dedit pauperibus, iustitia eius manet in seculum seculi ..... 39.

Ezequiel 24, 10 — Gregem tuum ne deferas, Domine, pastor, bone 39.

Ezequiel 24, 22 — Saluabo gregem meum et non erit ultra in rapinam, dicit Dominus ..... 39.

Mateus 25, 21 — Eugue, serue bone et fidelis, quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam, intra in gaudium Domini tui ..... 39.

Mateus 25, 34 — Venite, benedicti Patris mei, percipite regnus ....., 35, 36, 57, 95, 96, 102.

Mateus 25, 40 — Quandiu fecistis uni ex minimis meis michi fecistis ..... 39.

Lucas 6, 38 — Date et dabitur uobis ..... 39.

João 10, 16 — Alias oues habeo que non sunt ex hoc ouili et illas me opportet adduci ut sit unus grex et unus pastor ..... 39.

ÍNDICE GEOGRÁFICO

Abadim (Santa Maria), 60
Abojefa (castro), 7, 8, 80
Abovedres, 51, 56, 67, 94, 95, 96
Abragão, 30
Adoufe, 146
Agrela, 125
Aguiar (terra), 32, 59, 60, 62
Alvogares (monte), 87
Ameixedo, 69
Andeade, 23
Anegia (território), 4, 26, 38, 39, 74, 132, 134, 135, 141
Antela, 143
Arda, 120
Aregos (terra), 13
Areias, 153
Argival, 134
Arouca (terra), 5, 6, 7, 10, 11, 42, 45, 56
Arouca, 140, 143
Arrabalde, 156
Arrabia, 32
Asinela, 145
Astromil, 23
Atães, 12

(1) Este índice foi elaborado pelo Doutor José Mattoso.

Aurega, 30, 31.
Aveleda, 135, 144
Avessadas, 8
Avô, 141
Bafoeiras, 13
Baião (terra), 42
Bairros, 40
Barbosa, 83
Batial (monte), 129
Bazar, 153
Beleco, 103, 104, 105, 107, 108
Benviver (território e terra), 2, 3, 15, 133, 156
Boelhe, 40, 44, 51, 53, 56, 66
Bostelo, 132
Bouças, 124
Budelos, 42, 147
Bulpilhares (rio), 136 v. Golpelhares
Cabril, 153
Cabroelo, 145, 146
Cabronelo, 119
Cadeade, 88, 89, 90, 91, 150, 151, 152, 157
Calvelo (monte), 135
Campanhã, 26, 62
Canavezes, 156
Canelas, 20, 27, 29, 66, 117, 121, 142
Canelas (terra), 6
Cardia, 125, 155
Carregal, 124
Carreiros, 143
Castanheiro, 6, 86
Castelãos, 153
Castro, 19
Castro de Folgoso, 120
Castro de Guifões, 124.
Castro de Portela (monte), 104, 108.
Casal de Oveco, 79
Casal de Pegas, 76
Casal Perro, 19
Cavalum (rio), 38, 57, 63, 72, 77, 80, 81, 138
Ceidoneses, 12, 24, 69, 134
Celgana, 147
Cerro (monte), 143
Cete, 23, 44, 70, 100
Cidadelhe, 49, 50
Cinfães, 145
Cinfães (terra de S.ta Eulália de —), 64
Coimbra (diocese), 118
Conguste, 8, 10, 11
Contensa, 65
Coreixas, 11, 63, 74, 138, 139, 157
Costa de Guimarães, 49
Covelas, 45, 104, 106, 108, 122
Cresconis, 97
Deveza, 20
Douro (rio), 2, 12, 64, 117, 119, 120, 125, 132, 133
Eiras (monte), 125, 133
Eiriz, 11
Erivo, 36
Ermegilde, 15, 38, 41, 42, 52, 64, 68
Escapões, 72, 73, 74
Escariz, 12, 35, 66, 97, 98, 100, 101, 102, 114, 115
Estoi, 134
Fafiães, 15, 20, 28, 47, 109, 111
Felgueiras, 143, 147.
Fermedo, 105, 106
Ferreira (rio), 130
Figueira, 19, 109, 110, 113
Figueiredo, 140, 141
Folgoso, 119, 120, 140
Fonte Arcada, 12, 17, 97
Fornos, 9, 10
Galegos, 4, 12, 15, 28, 39, 51, 66, 77, 78, 80, 84
Gândara, 153
Gandarela, 106
Gestaçô, 56
Golpelhares (rio), 110
Gondomar, 71
Gondomar (monte), 12
Gondesende, 141
Gondufe, 133
Gouveia (terra), 17
Guilariz (monte), 57
Guilhufe, 150
Guimarães, 49, 87
Jugueiros, 11
Kavalions, 51
Ladrões (rio), 25, 87, 128, 141
Lagares, 15, 101, 110, 115
Lamas, 39, 80, 135

Laverco (rio), 55
Leça (rio), 124
Loba Mourisca (monte), 156
Lordosa, 15, 40
Loureiro de Anta, 48
Louredo, 59, 86
Lousada, 135
Luzim, 43, 126
Maia (terra), 48, 49, 50, 141
Materno (rio), 97
Mazaneira, 135
Milhundos, 23, 61, 66, 86
Minhões, 6, 140
Mirazi, 131
Moazares, 73, 86
Moldes, 6, 11
Monachino, 25
Montemuro (monte), 64
Mosqueiros, 44, 79
Mosteiró, 153
Mouros, 131
Nabais (monte), 117
Nogueira, 7, 118, 135, 154
Novais, 7
Odres (rio), 156
Oleiros, 86
Oldrões, 23, 44, 66, 68
Oliveira, 54, 116, 132, 136
Oliveira de Travanca, 110
Ossela, 132
Outeiro, 154, 156
Outeiro de Dino, 24, 134
Ovar (Santa Maria de, província), 103, 107
Paço, 66
Paiva (rio), 143
Paiva (terra), 5, 6, 7, 10, 12, 19, 32, 33, 140
Palorco de Aziveiro (castro), 65
Parada, 28, 32, 106
Paradela, 105, 106, 143
Paredes, 58
Pedorido, 20, 21, 27, 28, 148
Penafiel (terra), 2, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 19, 25, 36, 42, 61, 134, 147
Penafiel de Canas (castelo), 75
Pena Redonda, 72
Perafita, 132
Peroselo, 22, 58, 86
Petra Fixa (monte), 129
Petroselo, 122, 126
Phaphia, 146
Picotas, 7
Pindelo, 42
Pinioli, 132
Pinheiro, 134
Poiares, 74
Poiares de Canelas, 6
Porcas, 14, 65, 145
Porto Carreiro (território), 30, 31, 156
Portucalense (território), 12, 20, 41, 42, 55, 59, 63, 69, 70, 72, 75, 77, 87, 93, 96, 97, 98, 102, 104, 110, 115, 116, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 136, 138, 141, 156
Provezende, 10
Quinta, 124
Quintana, 97
Quintela, 16, 23, 86
Rande, 8, 10
Real, 85
Retorta, 66, 74, 76
Ribaçais, 18
Ribeiro, 138
Rio de Galinhas, 9
Rio Mau, 19, 21
Rio de Moinhos, 146
Roriz, 23
São Félix (terra), 7
São Martinho de Recezinhos, 58
São Martinho de Velhos v. Abovedres
São Miguel do Mato, 106
São Romão de Coronado, 13, 26
São Salvador (terra), 145
Salgueiro (rio), 74
Salgueirolo, 131
Sanguinhedo, 149
Santa Eulália, 26
Santo Isidoro de Vilar (mosteiro), 56
Santa Maria (terra), 42
Santa Maria de Oliveira, 42
Sardoura, 16
Sardousa, 16
Sardoura (rio), 118

Savariz, 118
Savarigones, 143
Serra Fica (monte), 119
Senagoga (monte), 63, 77
Sindin, 124
Sinfães v. Cinfães
Serradelo, 12, 33, 118
Sobradelo, 6, 132
Sonoso (rio), 64, 145
Sousa (rio), 4, 14, 15, 20, 26, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 50, 55, 57, 59, 62, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 80, 85, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 114, 115, 120, 124, 132, 134, 135
Soutelo, 134
Souto, 154
Sousilina, 20
Tamega (rio), 45, 123, 126, 133
Tavolatela, 132
Tendais (terra), 145
Thanihel, 105
Thiuisi, 153
Travanca, 7
Travassos, 56, 65, 145
Tuias, 156
Tuias (terra), 9
Urrô, 11, 76
Valinas (monte), 127
Valino, 71
Valpedre, 58, 128
Vandoma (castro), 55, 70
Varziela, 10
Vermoim, 132
Vila Boa de Quires, 139, 143
Vila Cova de Vez de Aviz, 69, 127, 129, 139
Vila Meã, 13, 140
Vila Moura, 56
Vila Nova, 156
Vilar, 13, 20, 38, 40, 57, 97, 98, 99, 101
Vilarinho, 130, 131.
Vilela, 134
Vilela (mosteiro), 20, 109
Vimieiro, 15
Zebrario, 134

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abdela (monge, cognominado pai Abdelaz), 109
Abdela Eirigues, 109, 113
Adosinda Esteves, 93
Afonso (abade), 89, 90, 150
Afonso (rei), 15, 37, 39, 41, 46, 88, 93, 109, 124
Afonso (marido de Vita Fofiz), 78
Afonso Moniz, 126
Afonso Pais, 137
Afonso Peres, 14, 113, 145
Afonso Spasandiz ou Spacandiz, 101, 113
Afonso Tructesendes, 55, 70
Aimia (mulher de Tructesendo Galindes), 34
Aimia Moniz, 40
Aimia Sarrazines, 85
Alderedo, 121
Alvito (dom), 40
Alvito (frade de Paço), 98
Alvito (prior), 101, 112, 120
Alvito Godins, 26
Alvito Gontines, 113
Alvito Moniz, 145
Alvito Pais (abade), 67
Alvito Stefanes, 39
Alvito Trasufes, 79
Anaia Lovegildes, 58
Animia Ascariz, 114
Animia Galindes, 132
Animia Rodrigues, 137
Argerigo Gonçalves, 118
Argio Sarracines, 116
Arguito, 121
Arias, 121
Arias Enigues, 73
Arias Gesufes, 104, 108
Ario, 35

Astrulfo, 121
Astrulfo (presbítero), 34
Astruso Ansediz, 110
Aufiz, 120
Aurodona Mendes, 155
Aurodona Moniz, 43
Aurodona Rodrigues, 154
Ausenda Cidici, 153
Ausenda Viegas, 117
Avonda (mãe de Vestrimiro Sendamires), 94
Beldosa Viegas, 89
Belmiro Austiz, 115
Blando, 132
Boa Bermudes, 105
Boa Moniz, 45
Boa Pais, 90
Boa Sesufes, 104, 108
Boa Toeriz, 58
Bolmenzo, 82
Bona (dona), 71
Bradila, 121
Ceti, 35
Cidi Mironiz, 81
Cidi Ordici, 38
Cidi Stefaniz, 5
Claudia Beicaz, 80
Crestimiro, 26
Crexemiro (presbítero), 121
Daniel Argerigues, 118
Diaz (prior), 81
Diogo (presbítero, notário), 147, 153
Diogo (abade), 119.
Diogo (presbítero, monge e patrono de Vilela), 109
Diogo (prior), 51, 70, 128, 129, 145
Diogo (pai de Garcia Dias), 84
Diogo Alvites, 79
Diogo Andulfiz, 118
Diogo Fortuniz, 129
Diogo Genitivici, 145
Diogo Gratiz (prior), 127, 128
Diogo Manzores, 145
Diogo Mendes (presbítero), 120
Diogo Moniz, 145
Diogo Pais, 58
Diogo Ramires, 103, 107, 145
Diogo Sesufes, 104, 108
Diogo Toerigues, 106
Donnio, 39
Dordia Garcia, 58
Dordia Mendes, 125, 146
Dordia Osores, 41, 42, 143
Dulce (filha de Cidi Mironiz), 81
Dulce, 75
Egas (abade), 133
Egas (sobrinho de Exemena Fromarigues), 47
Egas Dias, 72, 145
Egas Ermiges, 5, 109, 113
Egas Fafilaz, 113
Egas Froiaz, 58
Egas Garcia, 145
Egas Gomes (abade), 21, 62, 87, 139
Egas Gomes, 113
Egas Gonsendes, 145
Egas Joanes, 58
Egas Mendes, o Mouro, 38
Egas Moniz, 4, 41, 135, 140, 156
Egas Odores, 153
Egas Osores, 143, 144
Egas Pais, 49, 137, 139
Egas Pires, 13, 61, 86
Egas Vasques, 141
Egilo, 102
Eicano Fafilas, 81
Eieuva (monja), 69
Eieuva Pires, 22
Eirigo Asiulfes, 109, 111
Eldonza, 136
Eldonza Manuldiz, 98
Elvira (filha de Cidi Mironiz), 81
Elvira Dias, 126
Elvira Gondesendes, 43, 96
Elvira Mendes, 2
Elvira Tedones, 58
Emiso Ermiges, 4
Elvira Moniz, 37
Elvira Pires, 20
Emiso Gomes, 62
Emnego, 37
Ermenegildo, 101
Ermegundia (domna), 113
Ermesenda Joanes, 58

Ermesenda Manueis, 133
Ermesenda Viegas, 128
Ermigio, 34
Ermigio (abade), 4
Ermigio (conde), 41
Ermigio Lovesendes, 26
Ermigio Mendes, 21, 63, 64, 65, 147
Ermigio Moniz, 36, 153
Ermigio Viegas, 58
Ermildo, 121
Ero (presbítero), 35
Ero Athaniz, 86
Ero Feliz (monge), 68
Ero Pais, 99, 145
Eveando Odores, 88
Exemena Fromarigues, 47
Fáfila (pai de Teuvila), 82
Fagildo (abade), 4
Fernando (monge), 99
Fernando (presbítero), 123
Fernando Jeremias, 32
Flâmula Gonçalves, 141
Flâmula Mendes, 83
Flâmula Pais, 57
Florida Tolquides, dita Maria, 101
Fragildo, 26
Frogila, 83
Froila, 98
Froila Auriliz, 81
Fromarigo, 121
Fromarigo Crescones, 102
Fromarigo Moniz, 38
Fromarigo Zendones, 26
Fruila, 121
Galvão Rogeri, 63
Garcia Anseriquiz, 123
Garcia Darones, 63
Garcia Dias, 84
Garcia Enigues, 23, 66
Garcia Fernandes, 33
Garcia Martins, 21, 113
Garcia Mendes, 44, 113
Garcia Moniz, 46, 113
Garcia Pais 90, 150
Garcia Ramires, 58, 128
Garcia Tedones, 87
Garcia Viegas, 44, 79
Galindo Gonçalves, 121
Gaudiosa, 98
Gedegia Peres, 130
Geldo (domna), 150
Geraldo (arcebispo de Braga), 5, 41, 46
Geraldo, 93
Godesteu Gondesendes, 124
Godina (mulher de Garcia Dias), 84
Godina Álvares, 107
Godina Enigues, 118
Godina Ramires, 103
Godina Sesufes, 104, 105, 108
Godino Gaudemires, 124
Godo, 128, 129
Goina, 1
Goina Mendes, 78
Goina Viegas, 7
Goldregodo Pais, 27
Gomes, 34
Gomes Pires, 68
Gonçala, 130
Gonçalo Afonso, 5, 70, 110, 113
Gonçalo Arias, 113, 124
Gonçalo Brandão, 148
Gonçalo Dias, 79
Gonçalo Froiaz, 145
Gonçalo Gimariz, 145
Gonçalo Moniz, 141
Gonçalo Ordonhes, 117
Gonçalo Osores, 141
Gonçalo Oveques, 110
Gonçalo Pires, 75
Gonçalo Soares, 49, 50, 153
Gonçalo Truitesendes, 145
Gonçalo Viegas, 113, 153
Gondemiro, 26
Gondesindo Teorigues, 106
Gonsendo Longo, 113
Gontemiro, 97
Gontigio Gonçalves, 118
Gontila, 26, 98
Gontila Enigues, 100
Gontila Teoderigues, 106
Gontina Álvares, 107
Gontina Dias, 141
Gontina Eriz, 5
Gontina Garcia, 24, 157

Gontina Mendes, 157
Gontina Moniz, 57
Gontina Ramires, 103
Gontino Fafilaz, 109
Goterre Aurifice (?), 26
Gualamera, 101
Guimiro, 121
Guina Alvares, 107
Henrique (conde), 46, 80, 85 93, 145
Henrique Fernandes, 63
Hermegildo Mendes, 145
Honorico Alvares, 107
Honorico Ramires, 103
Hunusco Osores, 150
Ibrilli (mulher de Donio), 39
Ioazino v. Joaquim
Ioazino, 39, 110, 113
Ioazino (presbítero), 180
Jereminas, 39
Jeremias Sarrazines, 101
João (abade), 4
João Garcia, 122
João Soares, 148
Joaquim v. Ioazino
Joaquim, 110
Joaquim (presbítero), 97
João Garcia, 151
João Mendes, 151
João Pais, 90
Judia (mulher de Pedro Justes), 71
Justa Belmires, 115
Letiviga, 132
Lili (domna), 86
Loderigo (presbítero), 131
Loveredo, 121
Maior Fiez, 151
Maior Gomes, 21
Maior Mendes, 3
Maior Pais, 18
Maioria, 101
Maiorina, 128
Malona Tructesendes, 55
Maria Alvites, 79
Maria Gonçalves, 139
Maria Mendes, 68
Maria Ordonhes, 31
Maria Pais, 58, 90, 93
Maria Vestrimires, 95
Marina Gonçalves, 59
Marina Pais, 137
Marina Rodrigues, 137
Martim Moniz, 53, 154
Martinho, 91
Martinho Aurifex, 66
Martinho Garcia, 157
Martinho Gonçalves, 135
Martinho Lima, 63
Martinho Pais, 58
Martinho Pais Galego, 17
Maurício (bispo), 85
Mem Moniz, 78, 150
Mendo (presbítero, notário), 151
Mendo (pai de Flânula Mendes), 83
Mendo Abdelaz, 58
Mendo Alvares, 107
Mendo Ataulfes, 99
Mendo *Clavus*, 138
Mendo Manildiz, 98
Mendo Moniz, 157
Mendo Nantiz, 130
Mendo Ordonhes (prior de Bouças), 124
Mendo Osores, 79
Mendo Pais, 52, 74
Mendo Pantaiz, 109
Mendo Pelagio, 149
Mendo Piniones, 153
Mendo Ramires, 103
Mendo Rodrigues, 133
Mendo Romanes, 145
Mendo Sanches, 146
Mendo Viegas, 156
Monia, 101
Monia Mendes, 77
Monia Pais, 90
Monio, 34
Monio (abade), 138, 140, 148
Monio (notário), 149
Monio (filho de Claudia Beicaz), 80
Monio Alvares, 85
Monio Fromarigues, 39, 43
Monio Garcia, 63, 64, 65, 149, 151, 152, 155
Monio Garcia, 113
Monio Gatoniz, 122

Monio Grecomires, 73
Monio Herones, 40
Monio Mendes, 145
Monio Pelágio, 154
Monio Pais, 113
Monio Pele, 155
Monio Pires, 14, 138, 139
Monio Pires (testemunha), 39
Monio Rodrigues (prior de Vila Boa do Bispo), 143
Monio Senamires, 67
Monio Viegas, 37, 42
Nandulfo, 121
Nandulfo (monge), 109
Nuno Mendes, 125, 153
Nuno Ordonhes, 30, 31
Odorio (pai de Eveando), 88
Odorio Guandilas, 92
Odrojia Salomones, 93
Oeveredo, 121
Onega Erones, 56
Onega Fernandes, 29
Onega Gondesendes, 136
Onega Sesnandes, 145
Ordonho Aliarigues, 101
Osório Joanes, 39
Osório Pais, 13
Ouroana Raimundes, 10
Oveco Soares, 110
Paio Gomes, 96
Paio Peres Romeu, 15
Paio Soares Romeu, 134
Paladino Jeremias, 110
Pantaleão, 132
Pecena, 132
Pecenio, 26
Pedro (bispo de Braga), 39, 88
Pedro, 34
Pedro notário, 101, 143, 144, 148
Pedro Alvares, 107
Pedro Benfeito, 113
Pedro Dias, 113
Pedro Feo, 113
Pedro Garcia, 80, 87, 144
Pedro Gonçalves, 67
Pedro Justes, 71
Pedro Martins, 54
Pedro Mendes, 79
Pedro Moniz, 63
Pedro Osores, 150
Pedro Pai (por Pedro Viegas), 11
Pedro Pais, 16, 58, 138, 145
Pedro Sanches, 146
Pedro Ramires, 103
Pedro Saido (Pedro Pais), 16
Pedro Viegas, 11, 12, 13, 14, 89
Pelágio (presbítero-notário), 153, 154
Pelágio (dois monjes de Paço com este nome), 98
Pelágio (monje), 74
Pelágio Alvares, 77, 107
Pelágio Alvites, 91
Pelágio Anseriquiz, 123
Pelágio Calvo, 62
Pelágio Capelão, 154
Pelágio Dias, 84, 92, 143
Pelágio Enigues, 101
Pelagio Ferreira, 113
Pelagio Garcia, 25, 58
Pelágio Godesteiz, 58
Pelágio Gonçalves, 153
Pelágio Gontemires, 97
Pelágio Herones, 110
Pelágio Maruaniz, 5
Pelágio Mouro, 157
Pelágio Nigro, 106
Pelágio Ordonhes, 67, 100
Pelágio Pais, 58
Pelágio Peres, 30, 129
Pelágio Pinioliz, 40
Pelágio Prego, 113
Piniolo Oveques, 145
Quiriago Andufiz, 58
Ramiro Alvares, 103, 105, 107
Ramiro Lovesendes, 105
Randulfo (dois abades do mesmo nome), 132
Rodrigo Garcia, 113
Rodrigo Senamires, 113
Rodrigo Viegas, 135
Romarigo, 121
Roiu Dias, 79
Salamiro (presbítero), 142
Sancha (mulher de Pedro Viegas), 12, 14

Sancha Peres, 63, 64, 65
Sancho Moniz, 139
Sancho Nunes, 146
Sandino Peres, 75
Savarigo Frogaiz, 145
Senda Tedones, 79
Sendamiro Eiriguiz, 111, 112, 113
Sendamiro Guandiz, 40
Sesufo, 103, 107, 115
Sisnando (diacono), 100, 126
Sisnando (monge), 150
Sisnando (presbítero-notário), 142
Siti Enigues, 74
Soeiro Mendes, 39
Soeiro Dias, 84
Soeiro Pais Mouro, 19, 113, 134
Soeiro Pais, 58
Soeiro Peres, 61
Soeiro Ramires, 113
Soeiro Trutesendes, 50
Suilo Pais, 110
Suzana Dias, 81
Tedon (avô de Garcia Viegas), 44
Tedon Aulfes, 80
Tedon Pais, 79
Tereza (rainha), 124
Tereza Afonso, 135, 140
Tereza Nunes, 152
Teuda Toerigues, 106
Teuvila Fafilas, 82
Teuvila Herones, 105, 107
Toda Ermiges, 4
Toda Pais, 86
Toerigo Sesufes, 104, 105, 108
Trodilo Evenandes, 93
Truila, 113
Truila Pais, 48, 50
Tructezindo Galindes, 132
Tructezindo Viegas, 39
Ulifonso, 121
Unisco Eriz, 51
Unisco Pires, 8
Unisco Viegas, 9
Urraca, 134
Vela Rodrigues, 135
Velasco Fiogazi, 145
Vermudo Odores, 150
Vestrimiro Alvites, 93, 95
Vestrimiro Dias, 81
Vestrimiro Sendamires, 94
Vilelmo (notário), 58, 139
Vimaredo, 121
Vita (mulher de Ioazino), 39
Vita Ascariz, 100
Vita Fofiz, 74, 78
Vivila, 34
Vivila Ermiges, 28
Vivila Pais, 89
Vivila Tructezindes, 142
Vivila Viegas, 6
Zoleima, 132

ÍNDICE HAGIOGRÁFICO

Apostolos (doze), 41, 45, 46
Daton e Abiron, 23, 35, 36, 68
Ezequiel, 39
Judas traidor 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 54, 56, 61, 65, 70, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 85, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 102, 104, 108, 114, 115, 116, 117, 119, 133, 134, 144, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 156, 158
Santa Cristina, 38, 134, 135
Santa Eulália, 38, 134, 135
Santa Maria, 4, 12, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 50, 51, 54, 57, 62, 85, 92, 93, 95, 96, 99, 102, 114, 124, 134, 135, 143, 151,152
Santo André, 42, 62

Santo Estêvão Levita, 4
São João Baptista, 4, 42
São João Evangelista, 42
São Martinho, 62, 132
São Mateus, 35, 36, 45, 57, 92, 95, 96, 102, 114
São Miguel, 4, 34, 96, 106, 114
São Paulo, 26, 35, 36, 38, 42, 45, 54, 57, 62, 69, 92, 95, 96, 102, 114, 125, 134, 135
São Pedro, 3, 14, 26, 35, 36, 38, 39, 42, 45, 57, 62, 69, 92, 97, 102, 114, 118, 129, 134, 135, 143
São Tiago, 42



ACORDOS E VREACOẼS da Câmara de Braga nos dois últimos anos do Senhorio de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1580/1582)

Nota de edição — Procurara-se diligentemente este volume das Actas da Câmara de Braga, relativo ao período mais doloroso do episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, e não aparecera. Extraviara-se, com outros do seu núcleo, do Arquivo da Câmara Municipal de Braga, onde se conservam quase todos os volumes referentes ao Senhorio do ínclito Arcebispo: vol. I 1560/61; II 1562/63; III 1565/66; IV 1566/68; V 1568/69; VI 1571/72; VII 1573/74. Faltam, portanto, as Actas de 1559, 1564, 1570, 1575-79.

O LIURO dos ACORDOS e VREACOẼS 1580/1582 foi encontrado (X-1971) entre os Prazos do Cabido, Arquivo Distrital de Braga. Como lá veio ter? Há quanto tempo? Não se sabe responder. Apenas se pode asseverar que passou pelas mãos do antigo Director do Arquivo Distrital, Dr. Alberto Feio, que, a lápis, no pergaminho da capa, anotou as datas limites: «21 Maio 1580-1582 14 abril».

Encadernado em folha de pergaminho de desfeito códice bíblico, fragmento do Evangelho segundo S. Mateus (cf. P.e Avelino de Jesus da Costa, *Fragmentos preciosos de Códices Medievais,* n.os 16 e 17, letra francesa, sécs. XII-XIII. — Dá-nos a impressão, pela cor e qualidade do pergaminho e pela mesma letra, de ser do tempo do Arcebispo D. João Peculiar, reinado D. Afonso Henriques...), mede 280 × 200 mm, consta de 192 fólios de muito bom papel, rubricados por folg.ra, que era, então, o Juiz ordinário mais velho, de seu nome completo Alvaro Folgueira, Felgueira ou Filgueira. Estão em branco as páginas : fol. 1 v., 39 v. e 161 v.

Entre fols. 19 v e 20, está incluído um caderno adventício, constando de seis fólios, rubricados por Peixoto, dos quais estão em branco as págs. 4 v, 5, 5 v, 6, 6 v.

Abre com os dizeres abaixo transcritos de [Fol. **1**], e fecha com o termo [Fol. **192** v]:

> Este liuro he de Joam teixeira que ora Serue de escriuaõ da camara desta Cidade pera Se nelle fazerẽ os acordos tẽm oito Cadernos E cento E noventa E duas folhas que todas uam Enumeradas E asinadas nas cabeças do Sobrenome de mim Aluoro folg.ra que ora siruo de Juiz nesta cidade de braga o qual aSinej oie vinte E tres dias do mes de abril de oitenta annos //.

Todos os fólios se encontram em bom estado, afora os cantos, que, sem atingir o texto, se mostram gastos pelo manuseamento, e pequenas manchas de humidade. À parte algumas actas, lê-se com facilidade.

Na transcrição, por norma adoptada, procura-se transcrever tudo na sua integridade, com excepção de algumas abreviaturas, que se desdobram por não serem vulgares em Tipografia, tal como o p sob as diversas abreviaturas. O q̃ reproduz-se; mas j, s, y, z til não puderam ser reproduzidos por deficiência técnica e, ao mesmo tempo, não foram desdobrados por se tratar de abreviaturas bem conhecidas: ds = deus, rs = reais ou réis, Glz = Gonçalves ou Gonçalvez, Djz = Dias ou Diaz... Como já foi anotado para fascículos anteriores do CARTÓRIO DOMINICANO PORTUGUÊS, desta maneira pretende-se poder servir, como o *original,* ao investigador. De novo, a numeração das Actas e dos ítens.

Se de todos os livros das Actas da Câmara se pôde afirmar ser indiscutível o seu interesse heurístico pela abundância de elementos de toda

a ordem que neles se consignam e os tornam manancial histórico trasbordante (cf. Sérgio da Silva Pinto, *Arquivo Municipal de Braga,* 1962, p. 17), a afirmação obterá o mais alto índice de cabimento a respeito dos *Acordos e Vreacoēs* de 1580. Temos aqui o mais valioso documentário para este cotovelo da nossa história vivida em Braga.

Quem não ouviu falar da polémica sobre o patriotismo do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires (cf. Alexandre Cabral em *Cultura e Arte,* ano XVIII (1969), n.º 18, supl. de *O Comércio do Porto* de 22-VII-1969), em que interveio Camilo Castelo Branco e, recentemente, de novo posta, em *Crónica de Braga* para *O Primeiro de Janeiro?* As conclusões a que chegou Fr. Raul de Almeida Rolo, O. P., *O Patriotismo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires,* Braga, 1969 (primeiro, em Cartas publicadas no diário *Correio do Minho,* depois em artigo n'*O Distrito de Braga*), são corroboradas por estas Actas autênticas das transcendentes resoluções tomadas nesse dramático 2 de Setembro de 1580 (cf. Acta 26).

Governação da cidade, inserção ou implicações na vida nacional, economia, mesteres, toponímia, festas..., quantos temas de estudo, cheios do maior interesse cultural e regional e, até, eclesial, neste *Livro dos Acordos e Vreacoēs* 1580/82?

Veja-se, a título de exemplo, o que se refere a festas nesta Braga bartolomeana. O IV Concílio Provincial Bracarense expurgara as festas, proibindo jogos e danças indecentes. Em 1580, o Corpo de Deus e o S. João de Braga, organizados e pagos pela Câmara do Senhorio do Arcebispo, têm danças e representações. Cabe perguntar: — Que danças, etc., haveria antes do Concílio e se proibiram? Que é que se proibiu e continuou, mesmo sob a alçada de D. Frei Bartolomeu?...

E, depois, quem não terá a curiosidade de saber, a respeito destas mesmas festas, como se celebravam antes de 1580 e como chegaram aos nossos dias?!...

Este magnânimo acto cultural da Ex.ma Edilidade Bracarense, ao editar os *Acordos e Vreacoēs* de 1580/82, fica a pedir a edição de todas as Actas do governo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1582). A tarefa é ingente e árdua; mas é bem maior a valia do serviço que se prestará à cultura e à feliz recordação de um dos maiores Arcebispos Primazes.

24-XI-1971.

A. do Rosário, O. P.

BRAGA, ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA, Res. sem número (cota provisória)

[Fol. 1] *LIURO DOS ACORDOS E VREACOES da camara desta cidade de bragua do annõ de mil quinhentos e oitenta annõs no q̃l annõ sairam pos Juizes e Vreadores e procurador os segujntes*

JUIZES Aluº folgueira
o Lᵈº antº correa

VREADORES mᵉˡ Lujs
o doutor fernaõ correa
Ruj Leite

PROCURADOR DO Cº bras diaz campelo

[*Em letra diferente:*] 1580 ate 1582

[Fol. 1v.] [Em branco]

[Fol. 2] 1. Sabado vimte e hũ dias do mes de mayo do anno de mill qujnhemtos e oitemta anos forom Juntos em camara os senhores aluº folgʳᵃ e Lᵈº Antonio Correa Juizes ordinairos e o doutor fernaõ correa e Ruy Leite Vreadores e braz diaz campelo procurador do comcelho da dita cidade

Corpo de Deus
ĩ, 1 na dita camara acordaram de ordenar a festa de dia de Corpo de ds pola maneira segujmte,

Tochas
ĩ, 2 acordaram que os doze cidadaos q̃ ham de leuar as doze tochas diamte o santisimo sacramento seis de cada parte ham de ser os Regedores q̃ forom da camara os dous anos atras proximos e os q̃ forem Impedidos ou ausemtes elles Regedores emlegeram outros cidadaos dos q̃ custumam amdar no Regimento e os ẽleitos posto q̃ sejam mais velhos nam precederam aos q̃ forom ofᶜiaes e os do anõ pasado yram a maõ dirᵗᵃ que sam antº vʳᵃ e o Lᵈº frᶜº soares antº pimto e baltasar da maia e o doutor pero Ribeiro e pº Lopez e a maõ esquerda mᵉˡ Luis e o doutor Jmº nogʳᵃ fernaõ barquo martim brauo o Lᵈº diº pimto e ambrosio campelo

ĩ, 3 da obra da ssee se daram as tochas q̃ leuaram os sobreditos como ditõ he e custuma /

Bandeiras
ĩ, 4 Loguo a bamdeira de nosa Srã q̃ he a bamdeira da cidade q̃ leuaram os Juizes

ĩ, 5 Loguo a bamdeira do amjo q̃ leuara dameam dalmeida cidadaõ q̃ pera yso foy ẽleito e avera pitamça como cada hũ dos cidadams q̃ leuam as tochas

ĩ, 6 Loguo a bamdeira de sam Jmº q̃ leuaram os Juizes da confraria semdo cidadaos por lhe caber o anõ digo este anõ o couce e nam semdo cidadaos elles Regedores ẽlegerom cidadaõ q̃ ha leue e o porteiro lho notefiquara e avera

pitamça como os mais cidadaos q̃ leuaõ as tochas

[Fol. 2v.]

I, 7 Loguo a bamdeira de samtiaguo q̃ leuaraõ os Juizes da comfraria da sobre dita maneira e avera pitamça como cada hũ dos outros

S. Cristóvão

I, 8 Loguo yra sam crestouom d'amte e teram carreguo de o fazer m^el Lopez e Im^o gllz e ant^o gllz carpimteyros e o mesmo q̃ ha de Leuar auera Luuas e sete rs pera almorcar e cem rs pera botas que o procurador dara a quem teuer carreguo de o fazer e asy dara a vestidura de sam cristouam e mazquara e gujademoa (?) e o mundo pera o menino e acabada a festa tornara tudo ao procurador do c^o e Ira loguo diante da procicam

Ferreiros

I, 9 os Jurados da freg.^a de ferreiros notefiquara na sua frg^a q̃ venham oito homẽs bem vestidos no ditõ dia pela menham pera Leuarem o dito santo e o procurador dara a cada hũ vinte rs pera beberem

Gigantes

I, 10 os gigamtes Loguo diante sempre damcando e dara o procurador aos ditos homẽs q̃ os Leuarem a cada hũ cem rs e ao pay delles outros cem rs e setenta rs pera capatos e huas Luuas e dara ao tamborileiro q̃ lhes tamge oitenta rs e asym aõ Pereira carpimteiro que tem carreguo de os vestir e consertar cem rs e pera hũ homem q̃ o ayda vimte rs e daram mais aos ditos homẽs pera almorcarem a cada hũ vimte e cinquo rs e quorenta rs mais pera beberem em no meo da festa

Serpe e Cavalinhos

I, 11 acordaram mais q̃ a serpe e caualinhos vam sempre diante da procisam e primeiro polla menham cedo amdaram polla cidade e nam entraram na ssee e o port^ro notefiquara aq̃eles q̃ ham de fazer a dita serpe e cauaLinhos

Espingardeiros

I, 12 acordaram mais q̃ ho anauel dos espimgardeiros saya com elles e vam na dita procisam muyto bem tratados cõ suas espimguardas mujto bem comcertadas com todo o necesario e Iram tamtos de huã parte como da outro. atirãmdo ao alto nos Lugares que lhes bem pareçer e Iram Loguo diante da clerezia

Quadrilheiros

I, 13 Iram Loguo diamte deles os cadrilheiros deste termo cõ todos os de suas cadrilhas mujto bem vistidos e postos ẽ ordem como os espimgardeiros e leuaram elles cadrilheiros suas varas verdes na maõ e Isto sob pena do q̃ faltar paguar cem rs pera as despesas do dito dia pera o q̃ pasaram aluaraes de correr

Carro

I, 14 acordaram mais q̃ fose o carro das eruas cheirosas q̃ leuarõ os orteloos desta cidade e demtro neste moços com ezguichos dagoa. e Jsto lhes notefiquara o porteiro.

[Fol. 3]

Junco

I, 15 acordaram mais que o procurador do Comcelho mande no dito dia pola menham cedo a sam sebastiaõ hũ carro de Jumquo e mujtas eruas cheirosas pera se lancarem no terreiro junto da pedra onde ha destar o santisimo sacramento

Bancos

I, 16 acordaram mais q̃ ho port^ro notefique a migel vaãz capat^ro q̃ no dito dia mande pola menham cedo leuar a sam sebastiaõ banquos e asemtos em abastamça pera se asemtarem a clerezia e oficiaes da camara. e tera cuidado de pedir ao procurador hum carro de jumquo e espadana pera junquar o terr^o o q̃ asy cumprira. por ser a Jso obriguado

polo prazo q̃ tem das casas da porta de mexeminhos que sam do c°

S. Jerónimo, Dume, Froços, Semelhe

Ĩ, 17 acordaram mais que as frg^{as} de sam Jheronimo sam m^{no} de dume frocos semelhe traguam na vespera do dito dia ate o m° dia ao paço do comcelho. s. semelhe dous carros froços outros dous carros sam Jheronimo tres carros sam martinho outros tres todos de Jumquo e espadana. sob pena do q̃ de sy o nam cumprir paguar de pena quinhentos rs pera as despesas do dito dia e os jurados lho notefiquaram e viram dar suas fees e o procurador lhes dara por cada carro dez rs

Navarra

Ĩ, 18 acordaram mais que segumda feira amtes do dito dia pola menham cedo a frg^{a} de nauarra venha. e traguam eixadas e vasouras e fouces e varas compridas pera varerem e alimparem os terreiros e portas da Çidade e alimparem os muros e os da frg^{a} de crespos viram a terca e quarta feira seg^{te} da mesma maneira e faram o q̃ lhes for mamdado per elles Regedores e Jsto posto q̃ sejam priujLigiados e nam mamdaram mocos ẽ seus Lugares senam se forem de vimte annos o q̃ asy cumpriram sob pena de quinhentos rs pera as desp^{as} do dito dia e os Jurados de cada frg^{a} antes q̃ venham vera se vem deles de sua juradia e o q̃ nam vier lhe trara Loguo o penhor e dara fee dos q̃ faltarem o q̃ cumpriram os ditos Jurados sob a dita pena e elles Regedores ordenaram o q̃ lhe daram pera beberem.

Mourisca

Ĩ, 19 acordaram mais q̃ aya murisqua e amdẽ e coraõ m^{to} gaLamtes pola menham cedo e amdara pola cidade antes de sair a procisam e depois Iram diamte dela Lomge e o procurador lhes dara pera almorçarem o Rey e seus mourisquos mill quinhemtos rs e pera os tamgedores e dara mais ao Rey pera barrete vermelho e botas quatrocentos rs e trinta rs pera Luuas e vimte rs pera aLimpar a espada pera a dita festa e as

[Fol. 3v.]

mais do anõ e dara ao alfaqueque cento e setenta rs pera capatos pera a dita festa e as mais

Assentos

Ĩ, 20 acordaram mais que o porteiro da camara no ditõ dia pola menham cedo Leue a sam sebastião o escabelo e alambel pera nelle se asemtarem os Regedores e asy tera cuidado que a vespera do dito dia de asento na ssee pera se elles Regedores asemtarem as vesperas

Luvas

Ĩ, 21 acordaram mais e mandaram ao procurador q̃ mamdase fazer quatorze. pares de Luvas de bezerro gramdes e boas pera elles Regedores procurador esprevaõ prouisor vig^{ro} ouuy^{or} alcaide meirinho esp^{r}vaõ da Jmposisam e pera o padre frey g° memdez

Varas

Ĩ, 22 acordaram mais q̃ elle procurador comprase as varas q̃ elles Regedores ham de Leuar no ditõ dia na procisam e elle procurador e esp^{r}uaõ e o proujsor vig^{ro} e ouuydor alcaide m^{no} .s. as delles Regedores verdes e as dos Juizes proujsor vig^{ro} e ouuy^{or} vermelhas e as do alcaide meirinho bramquas.

Almoço

Ĩ, 23 acordaram mais que elle procurador mamde a elles Regedores do presemte anõ e asy a elle procurador e esp^{r}uaõ o almorço como he de custume q̃ he ametade de carneiro tres paes aluos duas canadas de v° de fora da terra huã de bramquo outra de timto e cada hũ seu queijo e tudo sera m^{to} perfeito

Ĩ, 24 acordaram mais que ao esp^{r}vaõ da Imposicam mamde outro tamto como o acima pera almoçar

Ī, 25 acordaram mais que de elle procurador ao proujsor vigario e ouuydor e aos doze cidadaos q̄ ham de Leuar as tochas e ao cidadaõ q̄ ha de Leuar a bamdeira do anjo e ao alcaide he meirinho e ao meirinho dos cleriguos e ao espʳvaõ dalmotacaria e ao preguador e aos almotaces do presemte mes e aos Juizes das comfrarias de sam Jmº e santiaguo q̄ Leuaõ as bamdeiras na dita procisam da dita comfraria e as mais festas do anõ a cada hũ seu quarto de carneiro e dous paes aluos canada de vº de fora da terra

Ī, 26 acordaram mais que de elle procurador ao portʳº da camara carto de carneiro par de paes aluos canada de vº pedaço de quello

Calças, barrete

Ī, 27 acordaram mais que de elle procurador a elles Regedores e a elle procurador e espʳuaõ da camara a cada hũ dous mil rs pera calças e barrete q̄ leuaram na procisam

[Fol. 4]

Paga

Ī, 28 acordaram mais que de elle procurador ao espʳuam da Imposicam mil quinhemtos rs pera o mesmo

Ī, 29 acordaram mais que de elle procurador ao espʳvaõ dalmotacaria cem rs que cada anõ lhe dam

Barrete, sapatos

Ī, 30 acordaram mais que de elle procurador ao portʳº da camara quatro çentos rs pera barrete e capatos e trimta rs pera luuas.

Paga

Ī, 31 acordaram mais que de elle procurador ao alcaide meirinho a cada hũ deles quatrocemtos rs pera calças e vimte rs a cada hũ pera as varas das atras declaradas q̄ lhes cada hũ anõ dam pera estarem prestes polo anõ pera o q̄ lhe mandar a camara por bem de Justª

Ī, 32 acordaram mais que de elle procurador ao pregoeiro dozemtos rs em começo de paguo de seu ordenado que sam dous mil rs cada anõ

Ī, 33 acordaram mais que de elle procurador a cada hũ dos homẽs do alcaide e mᵐº q̄ forem presemtes no dito dia quorenta rs e Iram no procisam

Trombetas, charamelas

Ī, 34 acordaram mais e mandaram ao procurador q̄ de aos tronbetas e charomelas trezemtos rs por tamgerem a vespora do dito dia na praça do paaõ quamdo Leuaõ as bamdeiras pera a ssee

Paga

Ī, 35 acordaram mais e mandarom a elle. procurador q̄ de as cleriguos do coro q̄ Leuaõ arqua em q̄ vaj o Sõr oitocentos rs pera almorcarem e os emtreguara ao sochamtre que os Recebe cada anõ

Ī, 36 acordaram mais e mamdarom ao procurador q̄ de ao samcristaaõ da ssee trezemtos rs que cada anõ lhe dam por ter cuidado de guardar e aLimpar e comcertar a arqua do Sõr

Pélas

Ī, 37 acordaram mais q̄ aya duas peLas as q̃es Jram mtº gaLamtes e bem vistidas e Rlquas de Joas a vespora e ao dia e as faram as padeiras segumdo seu custume e avera cada huã Luuas e sete rs pera almorcarem e as q̄ as Leuarem aueram dozemtos rs cada huã pola vespora e dia e o porteiro o notefiquara as padeiras

Dança

Ī, 38 acordaram mais q̄ aJam as duas damças despadas que faram os mordomos dos capateiros e do ẽperador e o porteiro o notefiquara aos ditos mordomos e o procurador dara a cada damça cimquoemta rs e aos q̄ lhes tamgem trimta rs a cada hũ

[Fol. 4v]

q̄ ham de ser dous gaiteiros e sairam a vespora e ao dia

Pescadeiras

I, 39 acordaram mais que as pescadeiras desta cidade aLimpem m^to^ bem a praça do peixe e a tenham mujto bem emRamada de Ramos deruas cheirosas sob pena de quenhentos rs cada huã q̃ ho asy nam cumprir pera as despesas do dito dia

Chaves

I, 40 na dita camara per elles Regedores foy ẽtregue a ant^o^ pinto vreador q̃ foy o ano pasado huã das chaues do cofre e elle a Recebeo e asynou aquj e posto que fose oje foy per m^tas^ vezes chamado pera yso e por ser ausemte a nam Recebeo senam agora

Antonio Pinto

Cortes

I, 41 na dita camara per elles Regedores foy dito aos cidadaos e pouo q̃ eram presemtes e ao diamte asynarõ ẽ como o doutor pero Ribeiro q̃ foy ẽleito por hũ dos procuradores pera as cortes com geraldo mĩz q̃ La esta lhes fizera huã piticõ ẽ que aLegaua causas de Imfirmedade e outros ReLeuamdos por omde nam podia Jr as ditas cortes por q̃ Jmdo coria priguo na vida de q̃ fez certo sumariamente per fisiquos e outras t^as^ por homde o ouueram por escuso que portamto eram chamados pera ẽlegerem outro procurador e Loguo per alu^o^ folg^ra^ comiguo esp^r^vaõ forom tomados os votos aos ditos cidadaos e pouo q̃ abaixo asynarom e todos nemjne descrepamte votaram no doutor Jm^o^ nogeira q̃ fose procurador as ditas cortes cõ geraldo mĩz q̃ la estaua e asynarom aqui Joam teixeira o esprevy

Antonio pinto / Aluaro (?) / Rodos (? / / Ant. demandur^ra^ / peixoto / g^do^ aranha / Barroso / Alm^da^ / Rocho / Ant^o^ de faria / Cunha / Graã / Cunha / Campello / Brjto / B^er^ da Rocha /

[Fol. 5]

Ribeiro / baltesar da maja / Maya / Pinto / goncalo fr / Jm^o^ Vieira / hieronimo de portilhos / gaspar glz / m^el^ lopez / Jo^o^ † Lopes / manoel frz / fr^co^ (?) lopez / belchior pĩz / ant^o^ † A^o^ / migel † glz / p^o^ † glz / ant^o^ † dz / fruitoso † fr Dominges / matheus † Roiz / fr^co^ † gllz / bras dĩz / baltasar frz / alu^o^ † gllz / Antonio diaz / Miguel borgeeges / folg^ra^ / Ruj lejte / Correa / Correa / Campello /

2. Quarta feira vimte e cimquo dias do mes de maio do anõ de mil qujnhentos e oitenta anos forom juntos em camara os sorẽs ant^o^ correa Jujz ordinario e o doutor fernaõ correa e Ruj Leite vreadores e bras diaz campelo procurador

S. Cristóvão

I, 1 na dita camara acordaram de ẽlegerem p^as^ q̃ fizesem sam cristouam e o menino pera dia de samch diguo pera dia de corpo de ds por quamto os

[Fol. 5v]

q̃ estauom ẽleitos ouueram por escusos polo fazeram ha mujtos annos e Loguo ẽlegeram a fr^co^ gilz e p^o^ frz e fr^co^ aluarez carpimteiros pera fazerem sam cristouom e o menino pera Ir na procisam de dia de corpus xpĩ e q̃ o procurador lhes de o necesario comforme ao acordo atras

Bandeira

I, 2 na dita camara acordaram q̃ ha bamdeira do amjo Leuase baltasar alurez barroso e vespora e dia de corpo de ds e q̃ o port^o^ lhe notefiquasse q̃ ouuese propina como cada hũ dos çidadaos q̃ Leuam as tochas

Tocha

I, 3 acordaram mais q̃ a tocha de m^el^ Luis Leue m^el^ nog^ra^ na procisam d'ante

e ouuese propina como cada hũ dos mais cidadaõs q̃ as Leuam

Cortes

I, 4 na dita camara acordaram q̃ ho doutor fernaõ correa vreador dese Requado ao doutor Jm^{o} nogeira como estaua ẽleito pera procurador pera as cortes q̃ se fizesse prestes pera Jso.

I, 5 na dita camara ouujram partes e despacharom pitiçoes e eu Jm^{o} teixeira esp^{r}vaõ da camara o esp^{r}vy

Correa / Correa / Ruj leite / Campello

3. Sabado vimte e oito dias do mes de maio do anõ de mill qujnhemtos e oitemta anõs forom Juntos ẽ camara os Sorẽs m^{e}^{l} Lujs o doutor fernaõ correa e Ruj Leite Vereadores e bras Diaz procurador do comcelho

[I, 1] e por nam aver Juiz nam fezeraõ mais q̃ ouuyr algũas partes e asynarom aquj Jm^{o} teix^{ra} esp^{r}uaõ da camara o esp^{r}vy

manolljs / Correa / Ruj leite / Campello

4. Segumda feira trimta dias de maio do anno de mill quinhemtos e oitenta anos forom juntos em camara os sorẽs folg.^{ra} e o L^{do} antõ correa Juizes ordinairos e m^{e}^{l} Luis e o doutor fernaõ correa e Ruj Leite Vreadores e bras diaz cãpelo procurador do conçelho

Almotacés

I, 1 na dita camara acordaram de tirar almotacees e pera Jso mamdarõ tirar o cofre do almario domde estaua e o abriram e de demtro delle tiraram a bolsa homde estauam os pelouros dos almotacees e damtre elles tiraram hũ do q̃l sairam por almotaçees pera ser-

[Fol. 6]

virem daLmotacees o mes q̃ vem de Junho a tristaõ da guarda e m^{e}^{l} brauo aos quaes Loguo vieram digo mamdarom chamar e veo m^{e}^{l} brauo ao q̃l derom Juramento dos santos auamgelhos e sob carreguo do q̃l lhe emcaregarom q̃ elle syrua o dito carreguo dalmo[tal] çel o mes q̃ vem de Junho guardamdo ẽ tudo o serujco de ds e delRey noso Sõr e seu Regimemto e as vreacoẽs desta camara. e o dir^{to} as partes e o segredo a Just^{a} e elle asy ho prometeo e asynou aquj

Manuel brauo

I, 2 Loguo na dita camara veo tristaõ da goarda que tambem sayo por almotacel ao q̃l foy dado Juramento dos santos auangelhos sob carreguo do q̃l lhe emcarregaram q̃ elle syrua o ditõ carreguo dalmotace o ditõ mes de Junho guardamdo em todo o serujco de Deus e delRey noso Sõr e seu Regimento e as pusturas e vreacoes desta camara e elle asy ho prometeo e asynou aquj Joam Teixeira o esp^{r}vy

Goarda

Cortes

I, 3 Loguo na dita camara mandarom chamar ao doutor Jm^{o} nog^{ra} q̃ foy ẽleito por procurador com geraldo mĩz pera Ir as cortes e lhe diseram q̃ elle istaua ẽleito por procurador pera ir as cortes juntamente cõ geraldo mĩz que La estaua q̃ se fezese prestes pera Iso e pera partir Loguo e per elle foy dito q̃ estaua prestes pera quamdo suas merces mamdasem comtamto q̃ ho mamdasem prouer de dir^{o} pera o caminho e sua despesa Jm^{o} teixeira esp^{r}vaõ da camara o esp^{r}vy /.

folg^{ra} / manolljs / Campello / Rui leite / Correa

5. Sabado quatro dias do mes de Junho do annõ de mill quinhentos e oitemta anõs forom Juntos em camara os sorẽs alu° folg^ra^ Juiz ordinairo e m^el^ Luis e Ruj Leite Vreadores e bras dĩz campelo procurador do c°

I, 1 na dita camara ouuyram partes e despacharom piticoes
[Fol. 6v.]

e feitos de inJuria verbal e eu Jm° teixeira esp^r^vaõ da camara o esp^r^vy /.
folg^ra^ / manolljs / campello / Ruj lejte

6. Quarta feira oito dias do mes de Junho do anõ de mill quinhentos oitenta annõs forom Jumtados em camara os sorẽs alu° folg^ra^ Juiz ordinairo e m^el^ Luis e o doutor fernaõ correa vreadores e bras diaz campelo procurador do comçelho

Cortes
I, 1 na dita camara acordaram de amenhã asete oras de pola menham se aJumtarem nesta camara pera despacharem ao doutor Jm° nogeira procurador q̃ ha de Ir pera as cortes

I, 2 na dita camara ouuyram partes e despacharaõ piticoes e eu Jm° teixeira o esp^r^vy
folg^ra^ / manoelljs / Correa / Campello

7. Quarta feira quinze dias do mes de Junho do ditõ annõ de mill qujnhemtos e oitenta anõs forom Juntos em camara os sorẽs o L^de^ ant° correa Juiz ordinairo e m^el^ Luis e o doutor fernaõ correa vreadores e bras diz campello procurador do comçelho /.

I, 1 na dita camara ouuyram partes e despacharom piticoes e eu Jm° teixeira esp^r^vaõ da camara o esp^r^vy

Correa / manolljs / Correa / Campello

[Fol. 7] 8. Sabado dezoito dias do mes de Junho forom Juntos ẽ camara os sorẽs alu° folgeira. Juiz ordinairo e m^el^ Luis e o doutor fernaõ correa vreadores e bras diz campelo procurador do comçelho

S. João
I, 1 na dita camara acordaram de ordenar a festa de vespora e dia de sam Joam pola maneira seguinte
Candeleiros
I, 2 acordaram que os Juizes e mordomos das comfrarias de sam tiaguo e sam Joam façam sair os camdeleiros a vespora de sam Jm° e Leuaram as bamdeiras das comfrarias semdo cidadaos e facam de maneira q̃ sejam na ssee acabamte as vesporas e os ditos camdeleiros os Leuaram os cidadaos sob pena. do q̃ ho Leuar nam qujser paguar de pena dez cruzados cada hũ e toda pesoa q̃ ho Leuar nam semdo cidadaõ paguara dous mill rs da cadea pera o c° e despesas do dito dia

Danças
I, 3 acordaram mais que a vespora e dia de sam Jm° saiam as damcas despadas e acompanharam os camdoLeiros e a bamdeira da cidade e os mordomos as faram sair cedo que nam esperem por elles
Serpe, Cavalinhos
I, 4 acordaram mais q̃ os mordomos da serpe e dos caualinhos os façam sair a vespora e dia de sam Jm° e acompanharam os camdoleiros e bamdeira da cidade

Bandeira

Ī, 5 acordaram mais que a bamdeira da cidade a Leue o alcaidemor e nam a Leuando a Leue o Juiz mais velho e a vira tomar a porta do paço do comcelho homde custume. e a vespora Ira homde custume. Irem ēprazar o porquo e ao dia alem da pomte de gujmarais homde custume Irem ēprazar diguo matar o porquo

Cavaleiros

Ī, 6 acordaram mais q̄ os Juizes e Vreadores e procurador cauallguem e acompanhem a bamdeira com os mais cidadaos q̄ caualos teuerem

Ī, 7 acordaram mais que todo cidadaō q̄ caualo tiuer ho nam empreste pera fora a vespora e dia de sam Jm° antes caualguem e acompanhem a bamdeira. como dito he e seiam todos

[Fol. 7v.]

Juntos na vespora e dia na praça do paaō as oras q̄ se custuma Ir a bamdeira sob pena do q̄ ho asy nam cumprir pagar de pena dous mill rs pera o c° e despesa do dito dia

Espingardeiros

Ī, 8 acordaram mais que o anauel dos espingardeiros cō os espimgardeiros acompanhem os camdoleiros e bamdeira a vespora e dia de sam Joam e seiam Juntos na praça como he custume

Rei, Mourisca

Ī, 9 acordaram mais que o Rey da mourisqua saya cō sua gemte a vespora e dia de sam Jm° e acompanharam os camdoleiros e ha bamdeira da cidade e ho procurador do c° lhes dara pera almocarem quinhemtos rs ou aqujlo q̄ elles Regedores ordenarem sob pena do q̄ faltar paguar pera as despesas do dito dia e pera o comcelho dous mill rs

Porco

Ī, 10 acordaram mais que o mordomo dos capateiros tenham (sic) cuidado no dito dia de sam Jm° pola menham cedo terem o porquo alem da pomte de gujmaraes no Luguar acustumado pera q̄ tanto que cheguar a bamdeira da cidade com a gemte de caualo o soltarem pera cō elle amdarem folguamdo e teram aujso que nam pase a pomte pera a cidade. por q̄ nam aJa deferenças amtre os moLeiros e capateiros por que aleguam os moleiros q̄ tanto q̄ ho ditō porquo pasa a pomte pera a çidade q̄ he seu e que asy he custume

Paga

Ī, 11 acordaram mais q̄ ho procurador do c° de a cada dança cinquoemta rs e aos guaiteiros q̄ lhes tamgem trimta rs a cada hū ou aqujlo q̄ elles Regedores mamdarem

Almocreves

Ī, 12 acordaram mais que o anauel dos almocreues os aJunte todos e ordenem sua festa da bamdeira como sempre foy custume e Jram todos ē pesoa e nam mandaram mocos e correram todos per ordem que nam corram sempre hūs ate quebrarem a tauoa. sob pena do que faltar paguar de pena mil rs pera o c° e despesa do ditō dia.

Porcos

Ī, 13 acordaram mais que se Lancase pregaō que toda p^a de q̄Lquer calidade e comdicam q̄ seja. que a vespora e dia de sam Joam Recolham seus porquos e os tenham ēcerrados e os nam deixem amdar poLas Ruas sob pena de cimquoenta rs por cada porquo q̄ for achado na Rua. a q̄l pena seia pera o alcade m^no seus homes q̄ ho tomarem /

Pélas

Ī, 14 acordaram mais q̄ a vespora e dia de sam Jm° aJa duas pelas

[Fol. 8]

que acompanhem os camdeleiros e a bamdeira da cidade a vespora e dia e as padeiras as faram e o procurador dara as que as trouxerem o acustumado ou aquel q̄ elles Regedores orde-

narem sob pena da que a nam fizer paguar pera o cº e despesas do dito dia quinhemtos rs

[ĩ, 15]e ordenada asy a dita festa. pola maneira atras declarada. mamdarom elles Regedores q̃ asy se cumprisse e fizese da maneira. q̃ nos Itens se comtinha. com as penas nellas contheudas

Vedoria

[ĩ, 16] na dita camara diseram mᵉˡ Luis e o doutor fernaõ correa vreadores q̃ forom ẽleitos por vedores pera Ir ver e apeguar as casas que comprou Jmº allurz q̃ elles viram e apeguaram e medirã e comfromtarom as ditas casas e q̃ ho dito Jmº alurz tem outras casas **Jumtos as sobreditas propriedade deste** comselho e q̃ queria q̃ lhe fezesem prazo dambas de duas Juntas por quamto Ja forom ambas de hũ prazo e q̃ ambas pagauam de pensam nouemta rs a este concelho e q̃ se o parecer delles era q̃ se lhe deuya de fazer prazo Jumto dambas as casas e q̃ deuja de paguar de pemsam ẽ cada hum anõ cem rs q̃ sam mais dez rs e q̃ ho prazo se fezese nele e ẽ sua mulher e hũ fº ou fª damtre ambos o q̃ vᵗº per elles Regedores mamdarom q̃ se lhe pasase prazo da dita maneira e forma e q̃ nam auemdo fº nem fª huã pª q̃l deles mais viuer namear ẽ sua vida ou a ora de sua morte

Peste

ĩ, 17 na dita camara acordaram q̃ ho doutor fernaõ correa vreador fose a barçelos a saber se acomteceria algũa cousa ẽ ujla de comde deste mal de peste de q̃ ds noso sõr nos Liure e dahy fose as bamdeiras de villa de comde a saber o q̃ Lancej e mamdaram ao procurador q̃ lhe **dese o neçesario pera sua despesa /**

Cortes

ĩ, 18 na dita camara mamdarom chamar ao doutor Jmº nogʳᵉˢ procurador ẽleito q̃ esta pera Jr as cortes q̃ os sorẽs gouernadores e defemsores deste Reino determinam fazer ẽ santarem e lhe diseram q̃ elle se fezese prestes pera Jr por quamto Ja La ouuera de ser comforme o carta dos ditos sorẽs e per elle foy ditõ q̃ elle estaua prestes pera partir Loguo q̃ lhe desem dirº pera sua despesa e caminho e lhe paguasem o q̃ lhe deujam q̃ eram setenta mil rs pouquo mais ou menos como constaria das comtas as q̃es Requeria a elles Regedores lhe tomasem pera se saber o que

[Fol. 8v.]

Liquidamente se lhe deuja e q̃ estauõ Lamcados trezemtos mill rs de fimta sem ate oJe se fazer Impuqujcam mais q̃ no termo desta cidade e que quamdo elle veo aquj a primʳᵉ vez elles sorẽs Regedores lhe diseram q̃ lhe dariam **sesenta mil rs e q̃ ora deziam quorenta** os quoaes deuja por lhe nam pagarem seu ordenado de duas vezes q̃ fora as cortes e per elles Regedores foy ditõ q̃ esta camara nam tinha Remdimento antes tinha pedidos ẽprestados cento quoremta e tantos mil rs os q.ᵉˢ se emtregarom a elle doutor e a seu companheiro e os trezemtos mil rs q̃ sam Lancados de fimta estam Rᵈᵒˢ cento e vimte dos q̃ˢ tem Rᵈº elle Doutor quoremta e dous mill rs e lhe mamdauom agora dar trimta e oito q̃ fazia soma de oitenta mil rs e a seu companheiro quoremta de q̃ Ja tinha Rᵈº trimta e q̃ na mais fimta se fazia ẽpuqujcam e nela **auja partes q̃ a Impediã a se Receber** que tamto q̃ se Recebese lhe mamdariaõ o dirº e se faria toda a deligencia necesaria q̃ mamdauõ a elle doutor q̃ cõ o dirº q̃ lhe dauam se partise Loguo sob pena de se proceder comtra elle como fose Justª porquamto era ho tpõ pasado e q̃ os sorẽs gouernadores mamdauam Ir os procuradores e Loguo mamdarom a bras diz campelo ẽtreguase a elle doutor alem dos doze mil rs q̃ Ja tinha delle Recebido trimta e oito mil rs pera a copia dos ditos cimquoemta o q̃l dirº

lhe asy mamdauam ẽtreguar comforme a prouisam do Sõr arcebpõ q̃ pera Iso tinham e q̃ lhes albitrauam a elle e a seu companheiro pera cada dia o q̃ se lhes albitrou pera as cortes pasadas q̃ forom sete cemtos rs por dia a cada hũ ate tornarem a suas casas e per elle doutor foy dito q̃ elle partira pera as cortes de Lxboa a dous de março de setemta e noue e amdara La ate vir a esta cidade cento e dous dias e que se momtaram sesenta e hũ mil e dozentos rs e lhe derom somente trimta e o mais lhe fiquarom deuemdo e pera estas segumdas cortes dalmeirim partirom a ujmte e quatro de nouembro homde amdou ate dezaseis de maio q̃ eram cento e sesenta e tres dias sem lhe darem ẽ todo este tempo mais de sesenta digo de oitenta e dous

[Fol. 9]
mill rs e q̃ damdolhes suas merçes com q̃ comodamente podese Ir estaua prestes porq̃ cõ o q̃ lhe dauam nam podia Ir por q̃ deuja ẽ aLmeirim a huã so p.ª cem cruzados e por elles Regedores foy ditõ q̃ sem ẽbarguo do q̃ elle doutor dizia fose Loguo por quamto nam auja mais dirº aRecadado e q̃ Loguo se faria deLigençia pera se aRecadar o dirº pera lhe mamdarem e a seu companheiro e loguo mamdarom a bras diz campelo procurador do comçelho q̃ lhe Leuase a procuraçam q̃ estaua feita

Ĩ, 19 na dita camara ouuirom partes e despacharom piticois e eu Jmº teixeira esprvaõ da camara o esprvy
folgrª / manolljs / Correa / Campello

9. Quarta feira vimte e dous dias do mes de Junho do ditõ annõ de mill quinhemtos e oitemta anos forom Juntos em camara os sorẽs aluº folgrª Juiz ordinairo mºl Luis e o doutor fernam correa vreadores e bras diaz campelo procurador do Cº

Serralheiros
Ĩ, na dita camara pareceram fernam pĩz e Jheronimo gllz serralheiros moradores nesta cidade. e diseram q̃ elles estauam ẽleitos por Juizes do ofiçio de serralheiro q̃ vinham pera tomar Juramento e por eu (sic) esprvaõ dito foi q̃ forom ẽleitos pola mor parte dos serralheiros desta cidade e Leuarem os mais Votos lhes foy dado Juramento dos santos auamgelhos q̃ bem e verdadeiramente syruam o dito carreguo de Juizes e guouernadores do ditõ ofiçio de serralheiros guardamdo ẽ todo o serujco de ds e del Rey noso Sõr e o dirtº esprto e elles asy o prometerom e asynarõ aquj
fernão pyz / Je † ronymo gllz

Finta
Ĩ, 2 na dita camara acordaram de mamdar aRecadar a fimta desta cidade e aRabaldes polos sacadores q̃ estauõ ẽleitos saluo ouuerã por escuso a vtª sebastiaõ q̃ estaua ẽleito e ẽ seu Luguar ẽLegerõ a melchior gllz capatrº mºr na Rua noua desta cidade o q̃l vtª sebastiaõ excusarom por Justos Resptºs
[Fol. 9v.]

Ĩ, 3 na dita camara ẽtregaram os RoLes da fimta. s. hũ a antº Lopez mercador mºr de fromte da fomte de sousa e outro a melchior gllz captrº mºr na Rua de Sousa

Ĩ, 4 na dita camara ẽlegeram pera hũ dos RoLes da finta digo pera Rdor deles a aleixo diaz tosador morador na Rua noua de sousa

Ĩ, 5 na ditã camara ouujram partes e despacharõ piticoes e eu Jmº teixeira esprvaõ da camara o esprvy /
folrª / manollys / Correa / Campello

10. Sabado vimte e cimquo dias do mes de Junho de mill quinhemtos e oytenta anõs forom Juntos ẽ camara os senhores allu° folg^r^ e o L^d^° ant° correa Juizes ordinairos e m^el^ luis e o d^tor^ fernaõ correa [*entrelinha:* vreadores] e bras diaz procurador do cõcelho / fiz vreadores /.

Finta

I, 1 na dita camara acordaraõ q̃ porquamto bras diz capat^ro^ da Rua de meixjmjnho q̃ estaua ẽlleito para hũ dos q̃atro Rolles da finta da cidade era ausente como constou per Inquerito (...) / e ẽ seu lugar ẽlegeraõ a guaspar diz seleiro da Rua de saõ marcos gemrro de Ant° martĩs cuptaleiro

[Fol. 10]

Cortes

I, 2 na dita camara acordaraõ de mãdar chamar ao d^tor^ Jm° nog^r^ q̃ esta ẽleito pera huũ dos procuradores das cortes pera lhe dizer quaõ ẽportante era partir loguo e por elle dito Jm° nog^r^ foy dito q̃ nã lhe derõ mais cimquoenta cruzados alem dos cinquoenta mill rs q̃ os dias pasados lhe foraõ ẽtregues Iteiros loguo os quoais cimquenta cruzados lhe foraõ loguo ẽtregues como constara dos inrogesto (?) f^to^ no liuro do Recebim^to^ da fynta do scrispaõ p° lopes / e lhe ẽtreguarõ mais ao dito D^tor^ a procuraçam por q̃ estava ẽleito elle D^tor^ e g^dlo^ mdĩz e cõ Reçeber o dito dr° e per injocaõ lhe mãdaraõ se partise loguo e per elle D^tor^ foy dito q̃ sy oije seguũda fr^a^ Q eraõ vimte e sete dias deste mes de Junho se partira queremdo noso Snõr

*nog^r^*

Tambores

I, 3 na dita camara mãdaraõ ao procurador do cõcelho q̃ dese dr° pera os tambores se cõcertarem do que for necesario / e despacharõ outras cousas necesarias di° veloso spreveo Jm° teix^a^ esto esprevy

folg^r^ / Correa / manolljs / Campello / Correa

[Fol. 10v.] **11.** Qujmta feira trinta dias do mes de Junho do ditõ annõ de mill quinhemtos e oitenta anos forom Juntos em camara os senhores alu° folg^r^ Juiz ordinairo e m^el^ Luis e o doutor fernaõ correa vreadores e bras diz campelo procurador do comcelho /.

Almotacés

I, 1 na dita camara acordaram de tirar almotacees pera serujrem ho mes de Julho pera o q̃ mamdaram tirar o cofre de demtro do almario e de demtro dele tiraram a bolsa ẽ q̃ estam os pelouros e damtre elles tiraram hũ do q̃l sairam por almotacees fr^co^ de brito e di° de paiua aos quaes mamdaram Loguo chamar e vieram e lhes derõ Juramento dos santos auamgelhos sob carreguo do q̃ lhes ẽcarreguaram q̃ elles syruam o ditõ carreguo daLmotacees o mes de Julho guardamdo ẽ todo o serujço de ds e delRey noso Sôr e o dir^to^ as partes e o segredo a Just^a^ e elles asy o prometerom e asynarom aquj /. e seu Regimemto e a vreações desta camara

fr^co^ de brito / Dioguo de paiua brãdaõ

I, 2 na dita camara ouujiram partes e despacharom piticoes e eu Jm° teixeira esp^r^vaõ da camara o esp^r^vy /.

folg^r^ / manolljs / Correa / Campello

12. E loguo no dito dia, mes e anno asyma dito, trinta dias do mes de Junho estando ẽ camara os ditos sorẽs aluaro folgr^a^ Juiz ordin^ro^ e m^el^ luiz e o doctor fernão coRea vreadores e bras diz campello procurador do comcelho

Escrivão da Câmara

[ĩ, 1] ahi perante elles pareçeo Franciſquo peixoto e apresentou a suas

[Fol. 11]

merces huã prouisaõ do Ilustrisjmo senhor Arcebispo cujo teor e o que se sege

¶ Dom Frei bartholomeu dos martires **per merce de Deos e da santa See** appostollica Arcebispo e senhor de braga primas das espanhas e do comcelho delRei **meu. Senhor etc. fazemos saber a todos** os que esta nossa Carta de prouesaõ de officios virem e o conhecimento della pertencer que sendo ora vagos os officios de excriuã da Camara desta nossa. cidade de braga e de excriuao de todas as demandas e quoaesquer outras cousas per quoalquer via tocantes Ao ospital de sã marcos e gafaria da dita nossa cidade e a seus bens por symplex Renunciasã que deles fez Jorge do valle per seu procurador pera isso bastante vltimo posoidor delle ẽ maos do doctor fernaõ mergulhã nosso prouisor e vig^ro^ geral. a quoal elle aceitou e pronunciou ho dito officio por vago per commisaõ **nossa q̃ pera ello tinha. Nos per com**fiaremos do saber e sã cõcient'a de **fran^co^ peixoto ẽ q̃ seruira hos ditos offi**cios como cumpre o serviço de Deos e bem da dita nossa cidade e pouo della e nosso descaRego o prouemos dos ditos **officios e avemos por bem q̃ daqui ẽ** diãte os aja e syrua asy e da man^ra^ que ate agora os seruio o dito Jorge do valle. e de seu ordenado avera. ẽ cada hũ anno pollas Rendas do concelho da dita nossa cidade cõ ho dito offi'cio descriuã da camara. sete mil res pagos Aos quoarteis e mais dous mil res por dia do corpus xpĩ. e outro sy avera ẽ cada hũ anno cõ ho dito offiçio de excriuã do ospital e gafaria pollas Rendas

[Fol. 11v.]

deles quoatro mil e dozentos res pagos tambem dos quoarteis e todos os mais proventos dereitos percalsos ordenados e quoaesquer outras cousas que Aos ditos offiçios per quoalquer via e man^ra^ q̃ seia pertençaõ e pertencer posaõ notefficamollo asy Ao nosso prouisor vig^ro^ geral e desembargadores e bem asy aos Regedores da dita camara e a todas as **mais just.^as^ da dita cidade aos quoaes** e cada hum mãdamos que daqui ẽ diamte ajaõ e tenhã Ao dito fr^co^ peixoto por escriuaõ dos ditos officios pertencentes e ho metã de posse deles / pollos autos costumados e lhe façaõ acodir cõ todo ho sobredito e elle fr^co^ peixoto jurou ẽ nossas maos na forma acostumada ẽ t^o^ do q̃l mandamos passar. a presente sob nosso synal e sello de nossas Armas dada ẽ ho most^ro^ de sã martinho de tibaẽs Aos dezanoue dias do mes de Junho de mil quinhẽtos e oitenta annos fellipe soares nosso escriuaõ da camara a soesp^r^veo / ho *arcebispo primas* // mergulhaõ Ao sello huã dobra cruzada / Ao port^ro^ trimta e seis rs. Ao esp^r^vaõ gratis // Requerendo elle fr^co^ peixoto Aos ditos sorẽs Regedores lhe mãdase comprir ha dita prouisã e dar a posse dos ditos officios nella conteudos e visto per suas merces mãdarã se cõprise a d'ta prouisã e q̃ dauã a pose dos ditos officios Ao dito fr^co^ peixoto e lha havia por dada. e por Joã teix^ra^ que ora sereuia de escriuã da camara ẽ todos os ditos officios per provisã do dito senhor / cõ ha dita provisã / e carta de officios do d'to fr^co^ peixoto ficou sospenço e nã pode mais

[Fol. 12]

escreuer nos d'tos officios mãdarã a mj gaspar campello taballiã do publico e

judicial ẽ esta dita cidade e termo pollo dito senhor de todo fizesse asento ./ na maneira atras declarado e ho asynaraõ / gaspar campello taballiã ho espʳvy // *Aluaro folgʳᵃ / manolljs / Correa / Ruj leite / frᵉᵒ peixoto / Campello*

13. Quoarta frᵃ seis dias do mes de Julho Do Dito Anno / De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ en camara Juntos os snorẽs aluoro folgeira Juiz ordinario manoel Luis he o Lᵈᵒ fernão correa Rui Leite dandrade vreadores e bras dias campello procurador do Concelho./ e sobreveo o Lᵈᵒ Antº correia Juiz:/

I, 1 na dita Camara ouviraõ partes e Despacharaõ petiçoens e eu frᶜᵒ peixoto ho escrevy :/

Fontes

I, 2 na Dita Camara acordaraõ que se concertase a fonte de meixeminhos e as mais fontes .s. a de mexeminhos manuel Luis vreiador, e bras diaz Campello procurador, e a de São marcos o Lᵈᵒ fernaõ correia vreiador e o Lᵈᵒ Antº Correia Juiz ordinario, e a de nossa Snorã a branqua a Jmº teixeira cidadaõ desta cidade; frᶜᵒ peixoto ho escrevy *folgʳᵃ / correa / manolljs / Campello Correia / Ruj lejte*

[Fol. 12v.] 14. sexta feira oyto dias do mes de Julho do ano de mill qujnhentos / naõ ouue efᵗᵒ este termo Djº veloso o espʳvy

14A. Oje dezaseis dias do mes de Junho de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos en Camara aluoro folgeira Juiz ordinario e manoel Luis vreador e bras dias Campello procurador e por não auer mais ofeciaes naõ fezeraõ Camara, e asinaraõ aqui frᶜᵒ peixoto o escrevy.
folgʳᵃ / manoelljs / Campello /

15. OJe vinte e tres dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos en camara aluoro folgeira Juiz e fernaõ Correa vreador e Bras dias proCurador Do conçelho

Carta

[I, 1] e por naõ virem os mais Regedores se naõ fez camara tangendose duas vezes o sino pera isso como deu fe goncallo friz porteiro e por essa causa se naõ abrio a carta que trouxe hũ caminheiro, a qual entregou a aluoro

[Fol. 13]

folgeira e Antonio Correia Juizes e bras Dias Campello procurador a quoal esta en poder de min escriuaõ frᶜᵒ peixoto o escrevy
folgʳᵃ / Correa / Campello / gº † friz porteiro

16. OJe quarta frᵃ que são vinte e sete dias do mes de Julho De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos en camara aluoro folgʳᵃ Juiz ordinairo, manoel Luis fernaõ Correia Rui Leite vreiadores e bras Dias campello procurador

Carta

I, 1 na dyta camara acordaraõ de ver a carta que trouxe hũ Caminheiro cujo Sobre escrito Dezia por elRey a qual trouxe hũ homẽ q̃ Dise aver nome Jeronimo ferreira a quoal abrirão e lerão e ha amostrarom ao Rᵐᵉ Snõr Arcebispo.

Imposição do sal e carne

[I, 2] acordaraõ mais e mandaraõ a mim escriuaõ tresladase neste liuro a prouisaõ

[Fol. 13v.]

que tinhaõ do Snõr arçebispo pera a enposesaõ do Sal e Carne e o treslado della vay adiante:

I, 3 acordaraõ mais que bras diz Campello procurador do Concelho tiuese cargo Da aRecadacaõ Das ditas ẽposicoems e as aRecadase com o escriuaõ do carguo e que lhe seria arbitrado o que parecese bem. por seu trabalho a custa da mesma ẽposiçaõ

I, 4 Acordaraõ que pera boa aRecadacaõ das ditas ẽposiçoens que o dito bras dias Campello cõ ho escriuão do Carguo todos os dias soubesem dos Carniçeiros a carne que matauaõ e a fizesem vir toda Junta ao asouge e a fizesem pezar e digo fizese asento no liuro de quoantas aRobas e aRateis se montar na dita carne e que fara noteficar aos Carniceiros cada hũ de per sy como ho dito Snõr Arcebispo tem conçedida ẽposicaõ na Carne hũ Real por aRatel de manr.ª que vallendo a carne de vacũ a oito Res o aRatel valha a nove rs o aRatel o quoal Real de enposiçaõ os carniçeiros aõde aRecadar dos compradores que a comprarem pera entregarẽ o dito dr.º cada somana ao dito. bras Dias e na carne de crestaõ e carneiro avera taõbem hũ aRatel digno hũ Real de enposiçaõ por aRatel e asi avera taõbem. a mesma ẽposiçaõ en toda a carne de porquo que se vẽder no asougue a bem da postura que pellos almotaçes lhe foi posta

Venda carne

I, 5 Acordaraõ mais que nehũ Carniceiro ou p.ª outra

[Fol. 14]

de quoalquer calidade que seja que venda carne a naõ posa vender ẽ sua casa nẽ fora do asougue pera que a dita ẽposicaõ venha ẽ boa aRecadaçaõ nẽ a posa talhar no asougue sem pr.º. ser pezada per ante o dito bras dias e o escriuaõ do carguo. o que se entendera taõbem nas p.ªs que talharẽ no termo desta çidade.

I, 6 E acordaraõ que quoalquer p.ª que naõ guoardar a forma deste Regimento. e for contra elle en parte ou en todo seja preso e da cadeia page vinte Cruzados pera o concelho e engeitados e alem diso perdera a valia da dita carne que vender contra forma deste Regimento o quoal Regimento mandaraõ que fosse noteficado aos carniceiros. cada hũ De per sy e que lhe fizese termo da dita noteficaçaõ

Imposição do sal

I, 7 Acordaraõ mais que a enposicaõ do Sal se aRecade pola manr.ª seguinte primeiramente o dito bras Diz com o escriuaõ do Cargo pora ẽ item todas as pesoas que costumaõ comprar e vender Sal nesta çidade e seus aRabaldes de que se fara termo no livro e asento e feito isto tiraraõ Reconto de todo o Sal que cada hũ Delles tiuer ao presente, e lhes declararaõ e noteficaraõ como daqui por diante ẽquoanto durar a dita ẽposiçaõ ho aõde vender mais hũ Real por adqueire daquilo, que pellos admotaces lhe for posto e naõ puderaõ meter o Sal que de nouo lhes vier ẽ suas casas nẽ descarRegallo dos

[Fol. 14v.]

CaRos per si nẽ per outrem Sem primeiro ho mostrarẽ ao dito bras dias Campello. E ao escriuaõ do Carguo e quoalquer pesoa que o contrairo fizer ẽcoRera ẽ pena de vinte cruzados de pena pagos da cadeia pera ho conçelho e engeitados alẽ de ẽcorrer ẽ perdimento do dito Sal que asy meter descaRegar ou vender ẽ Sua casa pera a mesma ẽposiçaõ e o mesmo se entendera na carne porq̃ alem da pena atras decla-

rada o perdimento Da carne sera aplicado pera a mesma ẽposiçaõ E mandaraõ que este Regimento se noteficase ao todos os Saleiros e mais pessoas que venderẽ Sal nesta çidade e seus aRabaldes e termo e que diso se fizesse termo E quoanto as p.as de fora que a esta çidade e termo vierẽ vender Sal pagaraõ o dito Real de ẽposiçaõ por alqueire sẽ ẽcoRerer ẽ outra pena saluo sendo noteficados.

Pagas

I, 8 acordaraõ mais que se paguasẽ as festas que estauaõ por pagar conforme ao anno pasado

I, 9 acordaraõ mais que aos offiçiaẽs que trabalharẽ no muro desta cidade se lhe pagase Cada Sabado: fazendo ferea pella manr.a. Seguinte .S. ao mestre Ant.o Cerqueira hũ tostaõ por dia E a seu tio a oitenta rs e aos mais officides a setenta rs e aos servidores. a quorenta rs a q̃al ferea fara Manoel Luis vreador e bras diz Campello que fara o dito pagamento, os quoaes pagamentos

[Fol. 15]

e fereas se faraõ com asinado de quoalquer dos deputados das ditas obras q̃ forẽ presentes a ellas aquella somana e eu fr.co peixoto que ho escrevy e os Snõr (*sic*) Regedores asinaraõ aquy Ruj Leite vreador pedio licença por oito dias o sobredito escrevj eu fr.co peixoto *folgr.a / monolljs / Correa / Ruj Lejte / Campello*

Provisão

[I, 10] Seguese o treslado da prouisaõ Das fintas da carne e sal de que faz mençaõ o acordo atras Diguo da enposisaõ

Nos o Arçebispo primas Sõr De Braga etc. Aos que esta nossa provisaõ virem fazemos saber que por Justos Respeitos de seruiço De noso Snõr pera Reparar os muros e torres e portas

[Fol. 15v.]

ẽ esta nosa çidade pello que convem a defensaõ della e por evitar opreçaõ do povo della com fintas avendo outrosi Respeito ao pouquo Rendimento das Rendas da Camara della damos e concedemos a dita camara Imposisaõ na carne e sal que nella se vender .s. a Real por aRatel e o mesmo por Raza Do sal a quoal Imposisaõ Durara ẽquanto naõ mandarmos o contrairo no que nos conformaremos com os gastos e despesas que na rreparaçaõ dos ditos muros torres e portas se fizerẽ noteficamollo asim a todas nosas Justiças desta nosa cidade Dada ẽ Bragua sob noso Sinal e Sello de nosas Armas a treze de Julho felipe Soares nosso escriuão da camara a fez de mil 580 annos E a eixecuçaõ do sobredito cometemos aos Regedores da camara desta nosa cidade, 13: de Julho. 1580: / a quoal eu fr.co peixoto tresladey por mandado dos Snorẽs Regedores

O arcebispo primas

17. OJe sesta fr.a vinte e nove Dias do mes de Julho De oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara aluoro folgeira Juiz ordinario Manuel Luis fernaõ coReia vreadores e bras dias campello procurador

Almotacés

I, 1 na dita camara acordarão de tirar almotaces pera servirẽ o mes dagosto pera que mandaraõ tirar o cofre de dentro do almario e de dentro delle tiraraõ a bolca ẽ que estaõ os pelouros e dantre elles tirarõ hũ

[Fol. 16]

Do quoal Sairaõ por almotaces Baltasar da Rocha e dioguo veloso os quoaẽs mandaraõ loguo chamar e vieraõ lhes deraõ Juramento dos Santos evanjelhos sob o carreguo do quoal lhes ẽcarregaraõ que elles Siruaõ o dito carreguo dalmo-

C. M. DE BRAGA
ARQUIVO MUNICIPAL

taces o mes dagosto guoardando en todo o servico de deos e del Rey noso Snõr e o direito as partes e o segredo a Just.ª e elles asy o prometeraõ e asinaraõ qui e seu Regimento e as vreaçoens desta camara e por se naõ achar dioguo velloso cometerão o quoalquer oficial da dita mesa lhe posa dar Juramento de fora poramte min escriuaõ
folg^ra / manollljs / B^ar da Rocha / correa / campello

18. OJe sabado trinta dias Do mes de Julho De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara Manoel luis vreador e Bras Dias procurador

[ĩ, 1] e por naõ virẽ mais ofeçiaes naõ fizeraõ Camara e asinaraõ aquj fr^co peixoto o escrevy e loguo a hi deraõ

[Fol. 16v.]

Juramento a dioguo velloso que saio por almotaçe pera ho mes que vem Daguosto o quoal prometeo servir o dito carguo bem e verdadeiram^te comforme a seu Regimento e asinou aquy e Sobreveo Aluoro folgeira Juiz ordinario: E por naõ aver vreadores naõ fizeraõ Camara fr^co peixoto o escrevj.
folg^ra / manollljs / Campello / d. Veloso

19. OJe quoarta fr^a tres Dias Do mes Dagosto De mil e quinhentos e oitenta estando Bras Dias diguo estando pera fazer camara pareçeo Bras Dias Campello

Arcebispo

[ĩ, 1] e por naõ virẽ os mais Snorẽs Regedores se naõ fez camara e loguo por g^o friz porteiro Da Dita camara foj dito a elle bras dias e a elle escreiuaõ que alvoro folgeira Juiz ordinario e Manoel Luis vreador lhe mandaraõ que fosemos aos pasos arçebispais por que eraõ chamados Do snõr arçebispo e que por essa causa naõ podia aver camara fr^co peixoto o fez
Campello / do p † orteiro

[Fol. 17] 20. OJe Sabado seis Dias Do mes de agosto De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara Alvoro folgeira Juiz ordinario e fernaõ correia vreador e bras Dias campello procurador

Maleitas

[ĩ, 1] e por naõ aver mais offeçiaẽs e estar doente Ant^o. Correia outro Sy Juiz ordinario, e Ruy leite vreador ser ausente o quoal mandaraõ buscar e Respondeo estar doente De maleitas e por essa Causa naõ fizeraõ Camara a quoal ffe deu goncallo friz porteiro Da camara que aquy asinou cõ elles Snorẽs, fr^co peixoto ho escrevy.
folg^ra / Correa / Campello / de g^o friz † porteiro Da camara

21. OJe quoarta feira dezasete Dias do mes Daguosto De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara aluoro folgeira Juiz ordinario fernaõ Correia vreador e Bras dias Campello procurador

[ĩ, 1] e por estar ant^o correia outro Sy Juiz doente e manoel Luis vreador, e Ruj leite vreador ser ausente naõ se fez camara Sendo tangido o Sinno pera isso e asinaraõ aquy fr^co peixoto ho escrevy
folg^ra / Correa / Campello

[Fol. 17v.] 22. OJe quoarta feira vinte dias do mes Daguosto De mil e quinhentos e oitenta annos forão Juntos ẽ Camara aluoro folgeira Juiz ordinario e fernaõ Correa e Manoel Luis vreadores.

Penas

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ que fose noteficado o L.^{do} ant.^{o} Correa Juiz ordinario que viese as Camaras ordinarias cõ pena de vinte cruzados

ĩ, 2 acordaraõ mais que se pasase carta asinada per elles Regedores per que fose Requerido Ruj Leite vreador viesse servir Seu offiçio com a mesma pena de vinte cruzados

ĩ, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens e eu fr^{co} peixoto ho escriuaõ Da Camara ho escrevj
folg^{ra} / manolljs / Correa

23. OJe Sabado vinte e sete Dias Do mes Dagosto de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara Aluoro folgeira Juiz ordinario

Arcebispo

[ĩ, 1] e por os mais Companheiros serẽ chamados do Snõr Arcebpõ pera cousas q̃ Importauaõ Se naõ fez Camara e asinou aquy fr^{co} peixoto ho escrevj e outrosi Sobreveo Bras Dias cam

[Fol. 18]

pello procurador do conselho e por naõ aver os mais pella dita causa se naõ fez a dita camara fr^{co} peixoto ho escrevj
folg^{ra} / Campello

24. OJe quoarta feira trinta e hũ dias do mes dagosto de mil e qujnhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs ant^{o} correa Juiz ordinario e manoel luiz fernaõ correa Rui Leite vreadores e bras Dias Campello procurador do conselho

Almotacés

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ de tirar almotaçes pera servirẽ o mes de setembro e mandaraõ tirar o cofre do almario e de dentro delle tiraraõ a bolça ẽ que estaõ os pelouros e damtre elles tiraraõ hũ do quol sairaõ por almotaçes damiaõ dalmeida. e fr^{co} teixeira os quoaẽs mandaraõ Loguo chamar e vieraõ e lhes deraõ Juramento dos Santo evangelhos sob carrego do quoal lhes ẽ carregaraõ que elles siruaõ o dito Carrego dalmotaçes o mes de setenbro goardando ẽ todo o seruiço de Deus e del Rey nosso Snõr e o dirr^{to} as partes e o Segredo a Justiça e elles asi o prometerõ e a

[Fol. 18v.]

sinaraõ aquy e o seu Regimento e as vreacoens desta camara e eu fr^{co} peyxoto ho escrevj
damyã dalmd^{a} / fr^{co} tx.^{ra} / Correa / Correa / manolljs / Rui leite Dandrade / Campello

25. OJe dous dias do mes dagosto de mil e quinhentos e oitenta annos digo dous dias do mes de Setembro nos paços arçebipaes stando presente o R^{mo} Snõr arçebpõ Dom frei berthoLameu dos martires noso Snor e bem asy os officiaes da camara que abaixo asinaraõ sendo chamados os cidadaõs e pouo

[*Este início de Termo está riscado por dois traços do lado direito de cima para o lado esquerdo de baixo*]

26. OJe dous Dias do mes de Setembro de mil e quinhentos e oitenta annos nos paços arcebispaẽs estando presente o R.^{mo} Snõr Arcebpõ Dom frei bertholameu dos martires noso Snõr e bem asy os Juizes vreadores e procurador do Conselho e os procuradores eleitos do cabido o R^{do} deaõ Belchior da Siua e sendo chamados e convocados os cidadaos e pouo desta cidade per pregoens que se deraõ nos Lugares acustumados delles

D. Felipe Rei

[ĩ, 1] loguo per Sua Senhoria R.^{ma} e pellos ditos offiçiaes da camara foj mostrada aos cidadaos e pouo

[Fol. **19**]

huã prouisaõ dos Snorẽs governadores deste Reino per que declaraõ a Sucecaõ delle pertencer ao cristianisimo Rey felipe e vista a dita prouisaõ e o estado ẽ que o Reino esta pareçeo q̃ Convinha a serviço de nosso Seõr bem e quietacaõ destes Reinos e desta çidade e Seu pouo De levantar logo e dar Sua Vos ao dito Catoliquo Rey felipe Requonhecendoho por verdadeiro Rey e socesor destes Reinos e loguo votaraõ os çidadaõs e mais povo porante Sua Senhoria R.^{ma} e todos os que foraõ Juntos pellos ditos pregoens que se conthẽ nos Roles que adiante se segẽ asinados pello Dito R.^{mo} Snõr arcebispo e officiaẽs da camara e tomados seus votos todos alevantaraõ por Rey e verdadeiro e natural socesor destes Reinos ao catoliquo Rey dõ fellipe cõforme a uso e custeme destes Reinos e [*entrelinha:* mãdaraõ q̃] logo se lhe fizesẽ as festas comforme a como se costuma nestes Reinos e de todo ho asima dito mandaraõ a mim escrivaõ fazer este termo e dou fe pasar tudo asi na verdade e todos votarẽ pella dita maneira e dou fe fruitoso Rodriges porteiro q̃ De mandado dos officiaes da camara dera os ditos pregoens estando a tudo por testemunhas o doutor fernaõ mergulhaõ prouisor o doutor gregorio Roiz vigairo geral e o conigo Rero tavares. e o sobredito Eu fr.^{co} peixoto escriuaõ da [ca]mara o escrevj. cõ a entrelinha q̃ diz mandaraõ q̃ fr.^{co} peixoto o escrevj

O arcebispo primas
dy^{o} fig^{ro} / silua

[Fol. **19v.**]

Aluoro folg^{ro} / m^{el} ljs / Correa / fernaõ Correa / Rui leite dandrade / Campello / fernã mergulhã / d^{or} gregorio Roiz / P^{o} tauares

Aclamação

[ĩ, 2] E loguo no dito dia mes e anno atras escrito se aJuntaraõ os Snorẽs cõ os çidadaõs do pouo e cõ ho pouo se aJuntaraõ as portas dos paços arçebispaes onde estava diogo de barros Capitaõ Desta çidade o qual tomou a bandeira da cydade ẽ suas maos e cõ ella fez o auto do alevantamento do catoliquo Rej dõ felipe cõ elles Regedores cidadaõs e pouo cõ festas de trombetas charamellas atabales e daly vieraõ cõ a dita bandeira a praca de paõ desta çidade de fronte dos paços do conselho e hi fizeraõ a mesma festa e outro sy fizeraõ ho mesmo a porta do castello lugares acustumados aonde se custuma fazer os semelhantes autos E eu fr^{co} peixoto escriuaõ da camara da dita cidade çidade dou fee pasar asi na verdade e o sobredito escrevj

[*Caderno, rubricado por* «Peixoto», *e intercalado depois de Fol. 19v.*]

[Fol. 19v.-1] **27.** Aos Dous Dias Do mes De Setembro do Anno De mil e quinhentos e oitẽta annos nos paços Arcebispaes na Camara DerCulles estando hy presente o R^mo^ Snõr Arcebpõ Dom frei Bertholameu dos martires Arcebpõ e Snõr de Braga primas etc

Votantes

per elle cõ os Juizes e Vreadores e procurador Do Concelho Desta cidade de Bragua e capitaens cidadaõs e pouo della foi comonicado sobre se auer de tomar voz pello catolliquo Snõr Rei Dom fellipe e por todos os abaixo nomeados foi uotado cada hũ em particullar e todos em geral que se lleuantasse por Rej e Snõr destes Reinos de portugal ao catolliquo Rej fellipe e no dito dia se lleuantou por Rey e Snõr Como Consta do termo q̃ se fez no Liuro dos acordos Da camara no dito dia e todos os abaixo nomeados foraõ chamados por pregaõ publiquo q̃ se deitou no dito dia e elle Snõr Arcebpõ tomou os votos comiguo escrivaõ fr^co^ peixoto escrivaõ Da Camara da dita cidade ho escrevj

It Dioguo de baRos Capitaõ mor
It Damiaõ Dalmeida Sargento mor
It o Doutor Joaõ nog^ra^ Capitaõ
It fernaõ de teiue Capitaõ
It Ant^o^ Aluarez baRoso
[Fol. 19v.-1v.]
It fr^co^ de brito Capitaõ
It tristaõ da guoarda
It Ant^o^ da fonseca pedrosa
It o doutor p^o^ friz De llima
It Ant^o^ Sobrinho
It o L^do^ Ant^o^ Camello
It Martinho Da maia
It Migel Dazeredo
It o L^do^ Ant^o^ de faria
It dioguo machado
It Baltesar da Rocha
It p^o^ Lopez
It p^o^ dareas
It fr^co^ teixeira
It o doutor goncallo gil
It Manoel de queiros
It Fr^co^ Rabello
It o L^do^ Bernaldo velho
It o L^do^ Joaõ bautista

Ofeciaes

It gaspar CoRea sirgeiro
It Ant^o^ Roiz Luveiro
It fr^co^ alures capatr^o^
It d^os^ lopiz almocreve
It d^os^ Mendes cutilleiro
[Fol. 19v.-2]
It Jm^o^ nunez homẽ preto foRo
It Jm^o^ glz Carpinteiro
It g^o^ piz trabalhador
It Bastiaõ duarte cutilleiro
It gaspar glz torneiro
It tome piz capateiro
It fr^co^ Debrito
It fr^co^ velloso alfaite
It Jorge friz capateiro
It Aluoro piz feReiro
It Bento Rodriges torneiro
It cristouaõ fr^co^ carpinteiro
It fernaõ glz Relogeiro
It nicollao glz Carniceiro
It Ant^o^ Soares dos chaõs
It Jacome Rodrigues Sirgeiro
It fr.^co^ friz marcolino
It Jm^o^ De Lima Sirgeiro
It fr^co^ daguiLar buticairo
It pero diz Suliçitador Dos Resídos
It fr^co^ Ribeiro Alfaite
It gonçallo Carvalho Sombreireiro
[Fol. 19v.-2v.]
It tome diz Capateiro
It vicente glz capateiro
It Bras guomez capateiro
It ant^o^ cequeira pedreiro
It grabiel preira feReiro
It Damiaõ piz çapateiro
It giraldo Dominges capateiro
It fr^co^ alures capateiro
It fr^co^ alures capateiro

It ant.º Diz cutilleiro
It fr^co miz Cutilleiro
It L^co friz çapateiro
It Mateus alures Serieiro
It Ant^o miz cutilleiro
It Bastiaõ glz mercador
It Antonio alures Suliçitador
It ant^o pīz alfaite
It fr^co miz alfaite
It Domingos gomes Sonbreireiro
It Bastiaõ alures alfaite
It fr^co De freitas çapateiro
It fr^co Lopez ataqueiro
It Dominguos Lopez barbeiro
It Dioguo piz alfaite
It fr^co Rodriges capateiro
[Fol. 19v.-3]
It L^co Serveira
It ant^o friz mercador
It Belchior piz feRador
It Rodrigue enes alfaite
It Ant^o alures Capateiro
It g^o Daguiar çineiro
It fr^co friz Carniceiro
It Jm^o fernandez SaRalheiro
It Saluador tinoquo cleriguo
It Ant^o Diz cleriguo
It Cosme friz cleriguo
It pero andre carpinteiro
It Manoel alures Saleiro
It Belchior diz torneiro
It Domingos diz Selleiro
It Ant^o andre barbeiro
It g^o paes soliçitador da Just.ª
It giraldo friz sonbreireiro
It ant.º glz ataqueiro
It g^o Rodrigues çelleiro
It fr^co Rodrigues Almocreve
It fr^co glz SaRalheiro
It Jacome gomlz SaRalheiro

[Fol. 19v.-3v.]
It gaspar francisquo SaRalheiro
It g^o Roiz çapateiro
It gaspar de freitas barbeiro
It Domingos friz pintor
It ant^o alures Sangrador
It Jm^o gomez Cutilleiro
It ant^o Jm^o feRador
It pero glz torneiro
It Dioguo piz SaRalheiro
It p^o a.º alfaiate
It ant.º pedrosa SuRador
It Manoel Soares escrevente
It Ant^o alures capateiro
It g^o diz çapateiro
It ant^o a.º çapateiro
It Amador gomez charamella
It Manoel marçal capateiro
It fr^co glz alfaite
It fr^co Rodrigues trabalhador
It Jm^o Luis capateiro
It gaspar da costa Sirgeiro
It gomez Rodriges alfaite
[Fol. 19v.-4]
It fr^co friz SuRador
It fr^co glz SuRador
It Aleixo friz cutileiro
It pero de Matos sonbreireiro
It Belchior Luis SeRalheiro
It Bernardo miz caldeireiro
It Domingos piz vinhateiro
It giraldo glz feReiro
It fr.^co alures alfaite
It Ant^o glz alfaite
It Belthesar a.º alfaite
It ant^o a^o Cutilleiro
It fr.^co Alures SuRador

O arcebispo primas
Aluoro folg^r^a / Ant^o Correa / monolljs / Correa / Campello /

[*Fim do Caderno intercalado*]

[Fol. 20] 28. OJe terça feira Seis Dias do mes de Setembro (*riscado:* daguosto) De mil e quinhentos e oitenta annos Se ajuntaraõ ẽ camara os Snorẽs aluoro folgeira Antº Correa Rui Leite dandrade vreadores e bras dias Campello procurador do conselho. / foi Setembro ———

Festejos

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ de fazerẽ festas e mostrarẽ no exterior a alegria e contentamento que no enterior tẽ de alevantarem e Reconhecerẽ por seu Rey e Snõr ao muito Catoliquo Rey dõ Felipe noso Snõr pera ho q̃ mandaraõ llogo q̃ se dese Recado a todos os cidadaõs q̃ cavalgẽ e se vistaõ e consertẽ como pera tal caso se Requere E asi mais acordaraõ de chamar alguãs pessoas pera fazerẽ dançcas e todo ho mais q̃ pareçer pera festijarẽ este contentamento E puzeraõ o dia pera o dia de Dominguo a oito dias q̃ saõ a dezoito dias do mes E porque pera as ditas festas se ha mister drº pera os gastos dellas e por esta camara ter taõ pouqua Renda q̃ naõ tẽ nehũ Deposito antes estar mui endeuidada E a çydade e pouos della pobriçimos por aver mtºs dias q̃ nehuã mercadoria corre nẽ hofiçio nẽ ha drº pollas guerras e aluoroços q̃ ouve neste pouo cõ as diferenças q̃ teue cõ Seus vezinhos e algũns naturaes que a isso deraõ causa por terẽ esta cidade conservada pera a entregarẽ a Sua magestade como tẽ entrege E pellas rezoẽns sobreditas asentaraõ de tomarẽ pera se vestirẽ. Das Rendas de Sua magestade q̃ esperaõ que ho aJa asi por Seu Serviço .S. pera cada hũ

[*À margem:* este acordo naõ ouve ẽfeito porq̃ se naõ fizeraõ as festas nẽ ueo a prouisaõ q̃ os RegeDores mandavaõ pidir pera gastarẽ drº De que se fez termo adiante]

[Fol. 20v.]

dos Regedores quorenta mil rs e pera ho escriuaõ [*palavra corrigida:* da camara] por os trabalhos q̃ teve quorenta cruzados: e pera o porteiro dez cruzados pera se vestir / diz o mal escrito da camara

Tourada

ĩ, 2 acordaraõ e chamaraõ llogo os carniçeiros q̃ desẽ huã duzia de touros pera ho dia da Dita festa

folgº / Correa / manolllJs / Correa / Rui Leite / Campello

29. Sabado. dez dias do mes de Setembro de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara fernaõ correa e Rui leite vreadores e se tanJeo o sino duas vezes

[ĩ, 1] e por naõ virem os maes offeciaes naõ fizeraõ camara e asinaraõ aqui frco peixoto ho escrevj

Rui leite / Correa

30. Quoarta feira quatorze dias do mes de Setembro De Mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ Camara antº Correa Juiz ordinario Manoel Luis fernaõ Correa Rui Leite vreadores: /

[ĩ, 1] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens. e eu frco peixoto escriuaõ da camara ho escrevj

Correa / manolllJs / Correa / Rui leite

[Fol. 21] 31. Sabado dezasete dias do mes de Setembro de Oitenta annos diguo de mil e quinhentos e oitenta annos forão Juntos ẽ camara o L.^do^ fernaõ Correa e Rui Leite dandrade vreadores e Bras Dias Campello procurador

[ĩ, 1] e por naõ aver os mais offeciaes se naõ fez a dita camara e asinaraõ aqui || fr.^co^ peixoto ho escrevj
Correa / Rui leite / Campello

32. Sabado vinte e quoatro dias do mes de Setembro De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs aluoro folgeira Juiz ordinario Manuel Luis e fernaõ Correa vreadores e Bras dias Campello procurador do conselho /:

[ĩ, 1] na dita Camara ouviraõ partes e despacharaõ partes diguo despacharaõ || petiçoens e eu fr.^co^ peixoto escriuaõ da camara ho escrevj
folg.^a^ / manolljs / Correa / Campello

33. Quoarta feira vinte e oito Dias do mes de Setembro De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs aluoro folgeira Juiz ordinario. Manoel Luis fernaõ Correa vreadores e Bras Dias campello procurador do Conselho:

Almotacés

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ de tirar almotaçes

[Fol. 21v.]

e loguo tiraraõ do cofre aonde esta a bolça ẽ os pellouros dos almotaçeis e se tirou hũ dos pellouros e sairaõ por almotaçes g.^do^ De paiua e fellipe Soares e por g.^do^ De paiua ser ausente notoriamente per elles Regedores foi eleito pera Seruir de almotaçe ho mes q̃ vẽ de outubro ẽ lugar de g.^do^ de paiua o L.^do^ Dioguo pinto, e logo Sobreveio o dito L.^do^ ao quoal foi dado Juramento dos Santos evangelhos sob carreguo do quoal lhe ẽcarregaraõ q̃ elle sirua ho dito offiçio diguo o dito Carrego de almotaçe ho mes De outubro goardando ẽ todo ho Serviço De deus e del Rei noSnõr e o direito as partes e o segredo a justiça E elle asi ho prometeo, e de goardar as || vreacoẽns Desta camara E asinou aquy fr.^co^ peixoto ho excrevj
dioguo pinto

[ĩ, 2] E loguo sobreveo fellipe Soares q̃ outrosi saiu por almotaçe pera Servir o mes de outubro. ao quoal loguo foi dado Juram.^to^ dos Santos Evangelhos Sob carrego do quoal lhe ẽcarregaraõ q̃ elle sirua o dito cargo de Almotaçe ho mes asima dito. goardando ẽ todo o serviço de deus e delRei nosso Snõr e o direito as partes e o segredo a Just.^a^ e de goardar as vreaçoẽns desta camara e asinou aquy fr.^co^ peixoto ho escrevj
Soarẽs

[Fol. 22]

[ĩ, 3] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens e eu fr.^co^ peixoto ho escrevj.
folg.^a^ / Correa / manolljs / Correa / Campello

34. Auto que mandaraõ fazer fellipe Soares e o doutor p.º frz de lima e o L.do fr.co soares

Governação na ausência do Arcebispo

[Ī, 1] Anno do nacimento de nosso senhor Jesu X.º de mil e quinhentos e oitenta annos aos vinte e seis dias do mes de outubro do dito anno ẽ esta cidade de braga dentro na casa da camara e mesa della estando ahi os sorẽs fellipe soares Juiz e o doutor pero fernamdes de lima e o L.do fr.co soares / [*cortado:* e bras dias de campelo procurador do concelho] e per elles foy mãdado a mj taballiã fazer este auto ẽ como era verdade que por esta cidade estar despejada de gente e o senhor arcebispo auzente della e nã aver Justiças nẽ quẽ gouernase esta cidade saluo o doutor ãt.º coRea Juiz ordin.ro /: E aver nesta cidade grandes Reuoltas e Inquietacoẽs e desasuçeguos e tãto que ho pouo q̃ nella ficou se nã tinha por seguro e viuia muito sospeitoso de mortes e Roubos asy dos naturaes dela como de pessoas estrangeiras q̃ hiã he vinhaõ da cidade do porto agora q̃ nella se esperaua pollo que ho dito doutor ãtonio Correa chamara ho pouo / pera ẽleger officiaẽs como ẽ separado per vozes do dito pouo. S. ao dito L.do

[Fol. 22v.]

francisquo Soares por Juiz cõ ho dito doutor antonio coRea e vreadores Ao dito doutor pero frz de lima, paullo machado e do dito fellipe soares e procurador do concelho a Jm.º Gomes a quoal eleicaõ fezera ho dito doutor antonio correa. cõ manoel lopes ẽ nesta cidade Ao tal tempo se dezia seruir de escriuaõ ho quoal manoel lopiz se auzentara desta cidade e levara ho auto da dita eleiçaõ / E por q̃ elles tinhaõ aceitado os ditos carregos por entenderem seruirem niso nosso senhor e Ao senhor Arcebispo e a Republica desta çidade procedendo / como procederaõ ẽ todo / o q̃ comvinha ha paz e quietaçaõ e suceguo da dita Rep.ca e pera q̃ / ẽ todo tempo constase de como forã eleitos / por se temerem q̃ ho dito auto se perdese ẽ poder do dito manoel lopez mãdarã ha mj taballiaõ fezese este pera a todo tempo constar diso / e asjnarã aqui gaspar campello t.am per auzencia de fr.co peixoto esprvã da camara ho escrevj cõ ho Riscado q̃ dizia bras dias campello procurador do concelho sobre dito ho esp.rvj / Declarã demais elles ditos Juiz e vreadores q̃ elles tomarã juramento / cõ a dita ẽleicã ẽ forma / O q̃l auto e juram.to o dito m.el lopez fezera cõ ho dito doutor ãt.º coRea Aos deZaseis dias deste presente mes sobredito ho escrevj.

p.º frz de Lima / fr.co Soares / filipe Soares

[Fol. 23]

Ī, 2 diseraõ q̃ estando ẽ camara ẽ casa do dito L.do francisquo soares Juiz aos vinte e quoatro dias deste presente mes / acordaraõ q̃ se lansase pregaõ nesta cidade q̃ todo ho espingardeiro fizese ho que lhe mãdase ho seu anauel so penna de dez cruzados paguos da caidea pera quem hos acusar e asi q̃ toda ha pesoa da dita cidade e seu termo ouuindo Repeã do Sino desta See acodise as portas della com muita delegençia cõ Suas Armas per ha deffenderem das pessoas que quizerem ẽtrar a Roubar ou fazer q̃lquer outra molestia E isto cõ penna de dous annos de degredo pera africa e perdimento de suas fazendas e isto por ser notorio Ao Redor della. aver quoadrilas de ladroẽs e se ter por serto que andauã Roubando ẽ outras partes E oiso digo e ho mesmo esperauã fazer nesta cidade q̃ pera boa guoarda della tinhã feito alguãs despezas a custa do concelho q̃ comvinhaõ e Importauaõ muito

ha Reep^es das quoaes tinhaõ pasado asjnados ẽ q̃ declarauaõ ho Intẽto dellas q̃ estauã ẽ poder de bras Dias campello procurador do conselho q̃ per non seruir ho dito caReguo ouuera por escuso delle Ao dito Joaõ Gomez na q̃l camara e outras q̃ fizerã Importantes ẽ lugares particullares q̃ ha falta de excriuã e taballiã q̃ nã aviaõ na tera se nã fez asento diso / pollo q̃ mãdarã a mj taballiã dello fazer esta declaraçã q̃ asjnarã e os ditos L^dos fr^co soares Juiz / ordin^ro / e ho dito fellipe soares vreadores q̃ serue de Juiz per Impedim^to do dito doutor ãt^o coRea e o doutor p^o frz de llima e martim annes pregoeiro q̃ deu fee q̃ deitara por esta cedade todos

[Fol. 23v.]

hos pregoes asima declarados / e eu sobredito gaspar campello tã o escrevj e declaro q̃ os sobreditos Juiz e vreadores e bras dias campello procurador do concelho fizerã camara ẽ q̃ despacharã peticoẽs e derã licenca a bras dias Campello por oito dias pera Ir fora desta cidade a negoceos q̃ lhe Releuauã e eu dito escrevj

p.° frz. de ljma / fr^co Soares / filipe soares / campello / m^no † anns

35. Aos vinte e noue de Outubro / de mil e quinhẽtos e oitenta annos / q̃ foj Sabado forã Juntos ẽ camara o L^do fr^co soares Juiz / e o doutor p^o frz de lima vreador

Almotacés

[ĩ, 1] e por naõ vir hos mais officiaes tãgendo ho sjno per duas vezes tiraraõ do cofre aonde esta ha bolca dos pellouros dos almotaceis e se tirou hũ dos pellouros e sairaõ por almotaces ãt^o sobrinho e ãtonio de moura e estes pera seruirẽ o dito careguo de almotace o mes de novenbro loguo seginte deste presente anno / e loguo pareceo ho dito ãtonio de moura Ao q̃l deram juramento dos santos avangelhos ẽ que elle pos sua maõ dr^ta so careguo do quoal lhe mãdarã seruice o dito careguo ho dito mes de novenbro e elle ãt^o de moura asj ho prometeo fazer E por na cydade naõ estar ãt^o sobrinho pera

[Fol. 24]

lhe ser dado ho dito Juramento / cometeraõ elles Juiz e vreadores ha mj taballiã lhe dese de fora ho dito Juram^to pera q̃ bẽ e verdadeiram^te seruise ho dito caRego de almotace ho dito mes cõ ho dito ãt^o de moura E asjnarã haqui E eu gaspar campello t^am per auzencia de fr^co peixoto escriuã da camara o escrevj

Antonjo peixoto de moura / ljma / fr^co Soares

36. En hos trimta e hũ dias do mes de outubro de mil e quinhẽtos oitẽta annos forã Juntos fazendo camara na abobada da See o L^do fr^co Soares Juiz ordin^ro e o doutor p^o frz de lima vreador / E paullo machado e fellipe soares outro si vreadores

Soldados castelhanos

[ĩ, 1] acordaraõ q̃ por terem por jmformacaõ q̃ vinhaõ pera esta cidade serta copia de solDaDos castelhanos pera se alogearem nella q̃ por naõ aver Reuoltas neste pouo / tratarã de ordenar como se podesem agasalhar com menos opresaõ do pouo / q̃ podese ser e pera isso alem dos almotaceis q̃ estauaõ tirados ordinariam^te pera este mes que vem elegeraõ por almotaceis a fran^co de brito e a Diogo de Paiua pera q̃ elles cõ hos outros dous aposentasẽ os ditos soldo

[Fol. 24v.]

dos e gente e lhes buscasẽ tudo ho necessairo pera sua comida e mais gazalhado

/ pera o q̃ lhes derã seu poder os quoaes fr^co de brito e di^o de paiua e ãto sobrinho hũ dos almotaceis ordinarios Juraraõ Aos sãtos avãgelhos de servirẽ ho dito carreguo bẽ e verdadeiram^te / os quoaes di^o de paiua E fr^co de brito durarã ẽquoanto os ditos soldados nesta cidade estiverẽ e asjnarã gaspar campello t^am ho escrevj

ãt^o so^no / fr^co de brito / Paiua

Consentimento

I, 2 deraõ mais hũ consentimento / a hũa compra q̃ fez p^o Roiz ortelã do arcebispo ao doutor p.^o frz de lima de huãs casas q̃ estaõ no campo da vinha fateosim perpetuo propriedade deste concelho o q̃l p^o Roiz pagou logo mil e dozentos res de laudemio por as comprar ẽ corenta e oito mil rẽs o q̃l dinh^re ele dito doutor p^o frz Recebeo por naõ estar na tera ho procurador do c^o e se hobrigou a o ẽtregar todas as vezes q̃ per elles Regedores lhe fose mãdado / gaspar cãpello t^am ho escrevj

fr^co Soares / filipe Soares / p.^o frz. de ljma

37. SegunDa feira sete de novembro de mil e quinhentos e Oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara os sorẽs aluoro folgeira e Doutor At^o coRea Juizes ordinarios e ãto v^rs e doutor fernaõ coRea vreadores e acordarã ho seginte / estãdo si Juntos ẽ camara o Doutor Pero Rib^ro vreador

[Fol. 25]

Viveres

It, 1 na dita camara. por ser lansado pregaõ que os almocreues tavernejros azeit^ros calejros carniceiros padeiras viesẽ ha dita camara pera cõ elles se asentar ho modo he maneira como coReriaõ cõ Suas mercadorias pera esta cidade pera aver abastança pera os solDaDos que ora estaõ serem prouidos cõ habastanca e vindo os ditos misteres .S. algũs deles cõ elles asentarã ho modo e man^rs q̃ nisto se avia de ter e lhes manDaraõ So penna de serem bem castygas (*sic*) q̃ desem abastança de todo ho necessario de seus misteres Respeitiuamente E elles ficará e asentarã nisso e pera mais abastanca mãdarã lãsar pregaõ nos lugares acostumados pera comprimento do sobredito /

It, 2 na dita camara praticaraõ outras cousas necessarias q̃ pertenciaõ ao bõ governo desta cidade gaspar cãpello t^am por fr^co peixoto ho escrevj

folg^rs / Correa / Antonio Vieira / Correa Ribeiro

38. Quoarta feira noue de novembro de mil e quinhentos oitenta annos foraõ yuntos em Camara aluoro folg^rs Juiz ordin^ro e ãt^o v.^rs e o Doutor fernaõ Correa vreadores e acordaraõ o seginte

Lenha

It, 1 na dita camara hacordaraõ que por quoanto Aos moradores desta cidade estauaõ lansados por suas casas muitos soldados

[Fol. 25v.]

com hos quoaes alem de lhes Darem suas camas faziaõ outros muitos gastos as suas proprias custas e q̃ ora da parte do sõr capitaõ lhes era dito que a camara era obrigada a lhes dar lenha pera a guoarda das portas da cidade e que os moradores deste termo ate ora naõ lhes era caRegado obrigacaõ alguã e q̃ elles tinhã e podiã dar ha dita lenha o q̃ asy estaua ẽ Razaõ q̃ por esa causa acordauaõ e mãdauaõ q̃ cada freigesia deste termo por ora fezese merce(?)a esta

cidade cada dia alternatī quoatro caRos de lenha as custas delles sẽ por esso averem cousa algua e que os ditos carros de lenha fosem ẽtreges Aos almotaceis pera se Repartirem cõforme Ao estillo ẽ q̃ Ja estauaõ E que pera isso se pasasẽ aluarẽs de coRer ho que asy compriraõ os ditos moradores deste termo so penna cada hũ de quinhẽtos res e da cadea / E que a dita lenha fose boã e de Receber E declararaõ elles Regedores q̃ cõforme Aos moradores de cada freig.ª se compriria e q̃ hos Jurados e cadrilheiros so a dita penna fizesẽ a dita Digo fizesẽ trazer a dita lenha.

[ī, 2] Despacharã os sorẽs Regedores nesta camara peticoes / E ouuirã partes / gaspar cãpello por fr^co^ peixoto ho escrevj

folg^ra^ / Antonio Vieira 1580 / Correa

[Fol. 26] **39.** Sabado Doze dias do mes de Dezembro de mil e quinhentos oitenta annos foraõ yuntos ẽ camara aluoro folg^ra^ Juiz ordinario e ant^o^ v^ra^ e Doutor fernã correa e doutor pero Rib^ro^ vreadores e acordarã ho seguinte digo foraõ yuntos ẽ camara aluoro fog^ra^ Juiz ordin^rio^ e m^el^ Luis e os doutores fernaõ Correa E p^o^ Rib^ro^ vreadores e acordaraõ o que se sege

Soldados

[ī, 1] Acordaraõ os ditos Juizes e vreadores e cidadaos e pouo abaixo asinados que por quoanto esta cidade esta m^to^ opremida e sogeita cõ muita goarnicã de soldados que nella avia que ẽviasẽ dous sidadaõs a el Rei nosso senhor cõ carta desta camara e pedisẽ ao senhor Arcebispo lhe escreuese tãbem sobre isso pera Sua magestade ouuese por bem mãdar tirar desta cidade ha dita guoarnicaõ dos soldados e q̃ Ao diante se lhe nã lansase outra atento como esta cidade fora sempre tãto fiel e estaua a sua obediencia e nã avia necessidade de tal guoarnicã Com as mais Rezoes q̃ pera isso lhe dariã E que tãbem pedisẽ a Sua magestade as liberdades e preuilegios que lhe tinha prometido e outras cousas necessarias ẽ prono della E que as pesoas que ouuesẽ de hir fosem cõ muita breuidade e as custas da Renda desta Camara / nã ouue effeito este termo / por duuidas que ouue e nã asjnarã mais que os sorẽs da camara / q̃ despacharã peticoẽs / gaspar campello t^am^ ho escreuj

folg^ra^ / Ribeiro / Correa / manolljs

[Fol. 26v.] **40.** Sabado dezanoue de novenbro de mil e quinhentos oitenta annos foraõ yuntos em camara os sores m^el^ luiz e doutor fernã Correa e Rui Leite vreadores

[ī, 1] e nã fizerã camara por nã vir nenhũ dos Juizes sendo tãgido ho sjno e asjnarã gaspar cãpello t^am^ ho escrevj

Ruj lejte / Correa / manolljs

41. Sabado vinte e seis de novenbro, de mil e quinhentos oitenta annos forã yuntos ẽ camara aluoro folgeira Juiz e antonio v^ra^ e o doutor fernaõ Correa e Rui Leite vreadores e fizerã camara e hacordarã ẽ ella ho seguinte

Vedoria

It, 1 pareceo Joaõ alurz vend^ro^ da Rua de Sã marcos e Requereo que elle lhe fora feito vedoria de huas casas q̃ tẽ na dita Rua / e lha escreuera Joã teix^ra^ / escriuã desta camara q̃ foy e se nã

hachaua a tal vedoria q̃ pedia .a. suas merces deputasẽ novos vedores e lhe fizesẽ sua vedoria e logo forã deputados por vedores das ditas casas o doutor fernã coRea e Rui leite vreadores / E mãdarã lhe nã coRese o termo do prazo Ao dito / Joã alurz

It, 2 na dita camara em sesã fazendo os Recebedores e por nã ser pre

[Fol. 27]

sente o L^do^ at^o^ correa e bras diz campello procurador do comcelho os nã fizerã e mãdarã a goncallo frz os noteficase q̃ ha terca fejra logo seginte a huã ora se achasẽ presentes cõ elles Regedores q̃ ora estã nesta camara pera fazerẽ Recebedores e o q̃ mais cumpre ha haRecadasã da sjsa de sua magestade

It, 3 despacharã peticoes os ditos sorẽs Regedores e ouuirã partes gaspar campello t^am^ por fr^co^ peixoto ho escrevj

folg^ra^ / Amtonio Vieyra 1580 / Correa / Rui leite

42. terça feira vinte e noue de novembro de mil e quinhentos oitenta annos /. forã yuntos ẽ camara aluoro folgeira Juiz ordinario e ant^a^ v^ra^ e o doutor fernaõ Correa e Rui Leite vreadores e fizerã camara e hacordarã ho segimte

Sisa

It, 1 diserã elles senhores Juiz e vreadores q̃ elles oje as oito oras se ajuntarã pera fozerem Reçebedores por asi ho terem asentado cõ o L^do^ ãt^o^ Jm^o^ como ontẽ tinhã asentado e eu t^am^ dou fee e por nã vir ho dito ãt^o^ correa elles sobreditos sorẽs Juiz e vreadores esperarem por elle e elle nã vir se não fizeraõ os ditos Recebedores polla manhã e oje a tarde tornarã a mandar tãger o sjno da camara duas vezes e por nã vir o dito ãt^o^ correa o mãdaraõ chamar pollo port^ro^ desta camara o q̃l dise que lhe dera ho Recado e q̃ elle Respondera que elle hia para casa do prouisor q̃ como viese que elle viria e por elle nã vir

[Fol. 27v.]

Não fizerã os ditos Recebedores e mãdarã Ao dito ao dito g^o^ frz q̃ notefficase Ao dito ãt^o^ coRea que quinta feira polla manhã as oito oras fose yuntos cõ elles Regedores nesta camara pera fazerem os ditos Recebedores e Repartidores da sjsa e pera outras cousas necessarias pera bem da Rep^ca^ he seruico de sua magestade e o mesmo noteficase a ffellipe carvalho q̃ viese tomar yuramento pera seruir de procurador e tomou o dito yuramento cõforme a prouisã do senhor Arcebispo /

Almotacés

It, 2 na dita camara forã tirados os almotaceis de cofre segundo costume e sairã martinho da maya e fr^co^ frejre Aos quoaes mãdarã logo chamar pera servirẽ ho dito caRego o mes que ora vẽ de dezenbro deste presente anno / E loguo veo martinho da maya Ao q̃l derã juramento e jurou na forma acostumada de bẽ e verdadeiram^te^ seruir ho dito caRego e asjnou E o mesmo juram^to^ na dita forma foi dado o fr^co^ frejre q̃ logo pareceo / —

Martinho da maja / fr^co^ freyre

Saúde

It, 3 acordarã na dita camara de fazerem goardas mores da saude desta cydade e acordarã q̃ fosem ant^o^ sobrinho e d.oguo de paiua e p^o^ freyre digo g^co^ de grã de goardas mores ant^o^ sobrinho e ãt^o^ alrz baRoso e p^o^ frejre pera seruirem cõ Diogo de paiua q̃ esta ya ẽleito e os mais que te ora seruirã os aviã por escusos do dito caRego pollo trabalho q̃ tinhã levado / Aos quoaes loguo mãdarã a mj t^am^ lhes dese juram^to^ de fora e fizese termo per elles asjnado neste

liuro declaro q̃ logo pareceo ãt° sobrinho e lhe dera yuramento pera seruir ho

[Fol. 28]

dito caRego e asjnou e ho prometeo asi fazer gaspar cãpello t^am por fr^co peixoto o escrevj

folg^a / Antonio vieira 1580 / ãt° Sobrjnho Correa / Rui leite

It, 4 loguo sobreveo na dita camara ãt° alrz baRoso e pero freire / Aos quoaes os ditos sorẽs Regedores derã juram^to / dos sãtos avangelhos ẽ q̃ poserã sua mã pera q̃ seruisẽ ho dito caRego de guoardas mores e elles o prometerã fazer e asjnarã gaspar campello t^am ho esprevj

pero freyre / Ant° Alurs barosso / folg^a / Antonio vieira 1580 / Correa / Rui Leite

43. Quinta feira o pr° de dezenbro De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ camara aluoro folgeira Juiz ordinario, E fernaõ correa e Rui leite dandrade vreadores

Sisa

[ĩ, 1] Os quoaes vinhaõ pera cõ os mais cõpanheiros fozerẽ os reçebedores da sisa e lançadores della por terẽ mandado Lancar pregaõ por martim enes progoeiro da çidade q̃ abaixo asinou q̃ deu fe q̃ lancara o dito pregaõ

[Fol. 28v.]

pellos lugares acustumados q̃ se aJuntasẽ os çidadaõs do pouo pera fazerẽ a eleiçaõ dos lançadores das Sisas, E naõ ueo nehũ çidadaõ nẽ pouo nẽ os maes offeçiaes da camara sendo pasada a ora acostumada do dito pregaõ mandaraõ fazer este termo pera q̃ constase de como naõ ficaua por elles Regedores por q̃ estauaõ prestes pera fazer ho q̃ compria a Seus officios, E pera mais abastança mandaraõ ao mesmo martim enes q̃ amenhã pella mentã tornase a lançar o dito pregaõ cõ pena de dous mil rs E da cadea viesẽ todos os çidadaõs e pouo pera fazerẽ a dita eleicaõ as oito oras, e mandaraõ a g.° frz q̃ dese Recado aos maes companheiros e asinaraõ aquy fr^co peixoto ho escrevj

folg^a / Correa / Ruj Lejte / de Mar † tĩ enes

Recebedores

[ĩ, 2] E loguo sobrevieraõ no dito mes e ano e dia ant° correa Juiz ordinario. E ant° vieira vreador antes de seruirẽ os asim nomeados e asentarão De fazerẽ Recebedores pera ho ano q̃ vẽ de oytenta e hũ pera Receberẽ a sisa De Sua magestade desta cidade E aRabaldes e Coutos della e mais Ramos e pera feito diso Elegeraõ logo os Segintes. s /

ĩ, 3 ẽlegeraõ pera recebedor do geral desta cidade e

[Fol. 29]

aRabaldes a Diego de carvalhaes morador nesta cidade na Rua do Souto.

ĩ, 4 ẽlegeraõ pera recebedor do geral do termo desta cidade a Im° vieira vinhateiro morador na Rua das agoas desta cidade

ĩ, 5 ẽlegeraõ pera Recebedor dos Ramos peixe carne e azeite a p° Jacome morador no campo de Santaana

ĩ, 6 ẽlegeraõ pera Recebedores dos rramos do v.° erdades e igreJas a ant°. miz cutilleiro morador na Rua de Saõ marquos e declaro q̃ pera este Ramo do v° e erdades e igreJas enlegeraõ a Simaõ Dagular pera recebedor delles morador na boca da Rua das agoas. ẽ lugar de ant.° miz

ĩ, 7 E en lugar de Jm° viera elegeraõ a ant° friz ho conde çapateiro pera ho Ramo do geral do termo desta çidade / E mandaraõ ao porteiro q̃ os noteficase

S. Geraldo

[I, 8] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens. fr^co^ peixoto ho escrevj e declaro que todos asinaraõ aquj E declaro q̃ na dita camara acordaraõ q̃ se fizese a festa do Saõ geraldo cõforme a dos anos pasados e todos asinaraõ aqui fr^co^ peixoto ho escrevj

folg^ra^ / Correa / Correa / Rui Leite / Antonio vieira 1580

[Fol. 29v.] **44.** Sesta feira dous dias do mes de Dezenbro de mil e quinhentos e oitenta anno foraõ Juntos ẽ camara os Snores aluoro folgeira o L^do^ Ant^o^ Correa Juizes ordinarios e o Doutor fernão correa e ant^o^ vieira vreadores E sobreveo Rui leite outrosi vreador

Sisa

I, 1 na dita camara pello L^do^ Lionardo borges ouvidor Desta çidade e presidente do Lançamento da Sisa cõ aluoro folgeira Juiz mais velho foraõ tomados os votos secretamente pera se fazerẽ Repartidores da Sisa do anno q̃ vẽ e tomados todos os ditos votos da dita maneira sairaõ cõ mais pera averẽ de Repartir a dita Sisa .S. çidadaõs Eitor diz. E manoel de queiros mercadores fr^co^ lopez o bolhelheiro e Jeronimo de portilho. macaniquos ant^o^ diz çapateiro e Migel vaz.

Vedoria

I, 2 na dita Camara diseraõ fernaõ corea e Rui Leite vreadores q̃ elles foraõ fazer vistoria das casas q̃ se querẽ ẽprazar a Joaõ alures morador na Rua de Saõ marquos comiguo escriuaõ e as mandaraõ medir hacharaõ q̃ tinhaõ de comprido des na porta da rua ate ho muro quinze varas E mea de medir e de largo na trazeira tres varas E m^a^ E en sima no sobrado outrosi de largo quoatro varas e huã diguo menos huã sesma e pella banda de fora contra a Rua quatro varas as quoaes casas partẽ da banda de baixo cõ Casas ẽ que viue bertholameu diz e da banda de sima cõ casas ẽ que vive fr.^co^ miz cutilleiro e da banda de fora cõ a Rua publica de Saõ marquos e da banda de tras cõ ho muro Desta cidade e pellos ditos vistores foj acresentado a pemsaõ q̃ dantes pagaua Mais dez Reaes ẽ cada hũ anno e cõ isso mandaraõ a mĩ escriuaõ lhe pasase Su prazo na forma coustumada e o sobredito eu fr.^co^ escrevj e deu fe g^o^ friz porteiro que noteficara os Recebedores eleitos o sobredito escrevj

folg^ra^ / Correa / Correa / Rui lejte / Antonio Vieira 1580 / de g^o^ † friz

[Fol. 30] **45.** Sabado tres dezenbro de mil e quinhentos e oitenta annos forão Juntos ẽ camara os Snorẽs Aluoro folgeira e o doutor Ant^o^ correa Juizes ordinarios. e fernão correa vreadores e bras dias Campello procurador do conselho e por não vir outro vreador naõ fizeraõ camara. fr^co^ peixoto ho escrevi e Sobreveo Ant.^o^ vieira outro vreador e declara que fizeraõ camara

Tomadas

I, 1 na dita camara ordenaõ de terça feira q̃ saõ Seis dias do mes de dezenbro Jr ver as tomadas do termo desta çidade

[I, 2] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens, fr^co^ peixoto escriuaõ da camara ho escrevj

folg^ra^ / Antonio vieira 1580 / Correa / Campello

46. Quoarta feira Sete Dias. Do mes de dezenbro De mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos ẽ Camara aluoro folgeira Juiz ordinario e o doutor antº correa outro si Juiz ordinario, e o doutor fernaõ correa vreador / e Bras Dias Campello procurador Do concelho;

[Ī, 1] e por naõ vir antº vieira vreador se naõ fez camara frcº peixoto ho escrevj

folgra / Correa / Correa / Campello

[Fol. 30v.] **47.** Sabado Dez dias do mes De dezembro De mil e quinhentos e oytenta foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs aluoro folgra Juiz ordinario, Antº vra o doutor fernaõ correa vreadores e Bras Dias Campello procurador do cõselho

Prazo

Ī, 1 na dita camara pareçeo João aluares morador na Rua de Saõ marquos. e dise q̃ Suas merçes os dias pasados lhe mandaraõ fazer vedoria. Dametade das casas q̃ elle cõprou a cristouaõ glz e que por ser taõbẽ a outra ametade propriedade deste cõselho e fizera vedoria e mediçaõ de todas as ditas casas asi Da metade como da outra e que elle era contente de açeitar o prazo De todas as ditas casas cõforme a dita apegaçaõ pedia a Suas merçes lhe mandasẽ fazer prazo de todas as ditas casas E vto por elles Regedores e como era mais proueito do conselho as ditas casas andarẽ todas Juntas e naõ devididas mãdaraõ que de todas se lhe fizese o dito prazo cõforme a dita vedoria Ja feito

Cortes

Ī, 2 na dita camara acordaraõ que por quoanto g.do miz. he ausente e Jmº nog.ra esta cõ huã perna quebrada ẽ cama e naõ podẽ pesoalmente vir a esta camara pera cõ elles se fazer cõta dos gastos e despesas q̃ fizeraõ nas cortes e do dr que tẽ Reçebido pera se avirguar a dita conta e ficar liquidada mandarõ a mim escriuaõ q̃ se neste presente anno viese o dito g.do Miz e Jmº nog.ra tiuese desposisaõ pera vir a esta camara os noteficase pera as ditas contas e que se g.do miz naõ viese e Jmº nog.ra naõ tiuese desposisaõ pera este anno poderẽ vir a estas contas q̃ Eu escriuaõ noteficase aos offeçiaes do anno q̃ vẽ que tiuesẽ lenbrãca de tomarẽ as ditas contas

[Ī, 3] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens. frcº peixoto escrevj

folgra / Antonio vieira / Correa / Campello /

[Fol. 31]

Provisão

[Ī, 3] Treslado De prouisaõ que o Snõr arcebpõ pasou a antº de moura a quoal os Snorẽs Regedores me mandaraõ tresladase neste Livro.

Nos o arcebpõ primas Snõr de Braga etc. pella presente por Justos Respeitos avemos por bem que Antº de moura cidadaõ desta nossa cidade sirua de almotaçe e aposentador como seruio o mes pasado e isto ẽquoanto naõ mandarmos o contrairo diguo naõ mandarmos outra cousa Dada em Braga sob noso Sinal e Sello De nosas armas a Dous de dezenbro fellipe Soares noso escriuaõ da camara a fez De 1580 Annos / o arcebpõ primas: / frcº peixoto escriuaõ da camara o escrevj

48. Quoarta feira quatorze Dias do mes de Dezenbro de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Juntos en camara os Snores aluoro folgeira Juiz e Ant° v.ra e o doutor fernaõ correa vreadores e Bras dias campello procurador do conselho

Imposição da carne

I, 1 na dita camara acordaraõ q̃ se tres-Ladase neste liuvro huã certidaõ en como o doutor ant° correa Juiz mandara q̃ naõ correse a enposisaõ da carne e asi huã peticaõ q̃ elles Regedores fizeraõ ao R^mo Snõr arcebpõ cõ ho despacho nella Junto da quoal o treslado he o seginte

Aos q̃ a presente certidaõ dada de mandado de Justiça uirẽ certefiquo

[Fol. 31v.]

Eu martin lopez tabaliaõ do publiquo e Judicial nesta çidade de Braga e seu termo pollo arcebpõ primas noso Snõr etc. e dou fe q̃ despois do Snõr arcebpõ e mais pouo desta cidade Serẽ Idos della logo ao outro dia seginte eu tabaliaõ de mandado do Snõr Juiz ant.° Correa notefiquei o g° gil carniçeiro q̃ naõ levase a enposisaõ da carne digo polla carne q̃ talhase por elle ho estar talhando e por o L^do ant.° correa q̃ estaua presente foi dito que elle me mandara noteficar ao tal carniçeiro q̃ naõ Leuase ẽposisaõ polla carne q̃ talhava e que a tal noteficaçaõ me / mandara fazer por nesta çidade naõ ficarẽ senaõ uelhas e doentes o pesoas q̃ naõ tinhaõ posebiLidade pera pagar e que esta era a Resposta q̃ dava a tal certidaõ q̃ o procurador do conçelho pedia e o Snõr Juiz aluoro folgeira lhe mandou dar e por de tudo me ser pedida a presente certidã a pasei e aqui asinei de meu publiquo Sinal q̃ tal he feita oje sete dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos e oitenta annos desta nada cõ o sinal do publiquo de martin lopez e do (...?) De ant° correa a quoal prouisaõ digo certidaõ fica ẽ meu poder.

treslado da peticaõ

[I, 2] R.mo Snõr arcebpõ

Dizem os Juizes e vreadores desta cidade diguo desta Sua cidade de Braga que vosa Senhoria R.ma os dias pasados lhes fez merçe De cõçeder a camara a emposisaõ da carne

[Fol. 32]

Desta cidade e seu termo pera pagamento Dos gastos e emprestimos que vosa Senhoria R^ma mandou fazer a dita camara a quoal emposisaõ se começou aRecadar ate o tempo q̃ vosa senhoria R.ma e elles Regedores se ausentaraõ desta çidade e quoando tornaraõ acharaõ q̃ se naõ aRecadava a dita emposisaõ q̃ devia ser per mandado daquelles q̃ Regiaõ a cidade no tempo da ausençia de vosa Senhoria R.ma e delles suplicantes, e vindo elles Suplicantes acharaõ nesta cidade capitaens e gente de gueRa e naõ ousaraõ a usar da dita emposisaõ pera q̃ naõ se escandalizasẽ os capitaẽns e Soldados / pedẽ a V R.ma Senhoria lhes faça merçe de lhes declarar se ha por Seu Seruiço q̃ a dita ẽposisaõ Da carne torne a correr e se use della como dantes se fazia ou se sobrestara diguo sobre estar na aRecadacaõ della ẽquoanto nesta çidade estiuerẽ os capitaẽns e soldados e Recebera merçe

Arcebispo

[I, 3] Despacho do Snõr Arcebpõ

Mandamos q̃. por ora se sobre esteja na composisaõ ate mandarmos o contrairo a sete digo sete de dezenbro de mil e quinhentos e oitẽta

o Arcebpõ primas

a quoal petiçaõ fique ẽ ho almareo fr.co peixoto escriuaõ da camara ho escrevi

[I, 4] E declaro q̃ naõ se assinou estes acordos por ant.° v.ra vreador naõ querer asinar algũus gastos e se foi da meza fr^co peixoto ho escrevj digo q̃ asinaraõ os mais

folg^o / Correa / Campello

[Fol. 32v.]

Petição

[ĩ, 5] na dita camara apresentou o L^do^ Dieguo pinto huã petiçaõ e huã prouisaõ do Snõr arcebpõ cõ hua fiança de q̃. de tudo ho treslado he seginte

Snores Regedores

Diz o L^do^ Diogo pinto q̃ Sua Senhoria R^mas^ lhe pasou prouisaõ Da seruentia de Juiz dos orfaos Desta cidade como della se pode ver e porq̃ elle naõ pode servir o dito Carrego Sen fiança De mil cruzados a quoal apresenta pede a vossas merces a mandẽ Registar no liuro da camara cõforme a Lei e Reçebera Just.^a^ e merçe / Registese esta peticaõ e fiança no Liuro da camara e se pase certidaõ ẽ forma ẽ cama[ra] a quatorze de dezenbro De oitenta annos /

folgeira. / ant^o^ v.^ra^ / Correa / Campello /

treslado da prouisaõ

Provisão

[ĩ, 6] Nos o arcebpõ primas Snõr de braga etc aos q̃ esta nosa prouisaõ virẽ fazemos saber q̃ confiando nos das Letras e mais partes Do L^do^ Diogo pinto cidadaõ desta nosa cidade avemos por bẽ q̃ ate dia de Saõ Jm^o^ bautista primeiro q̃ vem Se primeiro naõ mandaremos o contrairo Sirua os offiç'os de Juiz dos orfaõns prometudos Residos e outros desta nosa cidade e santa See e avera todos os proes e precalços a eles direitamente pertencentes e Jurara porante o noso ouidor de bẽ e verdadeiramente ho seruir goardando ẽ todo seruiço De ds e noso de q̃ se fara auto na forma acustumada noteficamollo asi ao noso prouisor vigairo e mais Desenbargadores e Justiças desta nosa cidade Dada ẽ Braga sob noso Sinal e Sello De nosas Armas a doze dias Do mes De dezenbro felipe Soares noso escriuaõ da camara a fez de mil e quinhentos e oitenta

O arcebispo primaz: Mergulhaõ: /

[Fol. 33]

[ĩ, 7] treslado Da fiança

Fiança

Em nome de deus Amen Saibaõ quoantos este publiquo Instromento De fiança e obrigacaõ virẽ q̃ no anno do nacimento De noso Snõr Jesus xpõ De mil e quinhentos e oitenta annos aos Doze dias Do mes de Junho do dito anno nesta cidade de Braga na Rua do Souto della nas pousadas Da morada do L^do^ Diego pinto q̃ saõ na dita Rua ahi perante min tabaliaõ geral e testemunhas ao diante nomeadas pareceo ho dito L^do^ diego pinto e dise que por quoanto lhe era pasado prouisaõ pello R^mo^ Snõr arçebpõ Da serventia ido oficio de Juiz dos orfaõns Desta cidade e cõforme a ordenacaõ primeiro q̃ use do dito offiçio cõforme a lei he obrigado a dar fiança de mil cruzados pera ho q̃ apresentaua pera Seus fiadores a L^co^ friz çidadaos Desta cidade e a fr^co^ vaz Lanceiro moradores nesta mesma Rua os quoaes sendo presentes diseraõ q̃ elles fiauaõ ao dito L.^do^ Diogo pinto ẽ contia Dos ditos mil cruzados e se obrigavã por suas pesoas e bens a compoerẽ e a pagarẽ toda a perda ou dano q̃ por maLicia ou culpa do dito Juiz se segir aos orfaõs cõ declaracaõ que elles orfaos aJam o seu quer por elle Juiz quer por cada hũ delles seus fiadores quoal mais quiserẽ e milhor parado acharẽ ate a dita contia de mil cruzados a que todo se obrigavaõ na forma da ley pera q̃ outro si se obrigauaõ a Responderẽ perante as Justiças desta çidade Renunciando Juizes e Justiças de seu foro e outro quoalquer previlegio q̃ por si posaõ alegar e o dito L^do^ Diogo pinto dise q̃ obrigava Sua pesoa e bens presentes e futuros q̃ tudo espeçialm^te^ hipotecava a tirar

[Fol. 33v.]

A paz e a saluo aos ditos seus fiadores e cada hũ delles desta obrigacao e fiança

e huns e outro asi o diseraõ e outorgaraõ e aceitaraõ de parte e parte e mandaraõ ser feito o presente e delle dar hũ e muitos Instromentos e os que cõprirẽ e eu tabaliaõ geral como pesoa publica e estipulante e aceitante todo estepulei e aceitey ẽ nome dos ditos orfaos e mais pesoas a que toqua e tocar pode sendo a todo presentes por testemunhas Diego de Carvalhaes morador na dita Rua e fr.co glz alfaite obreiro de Lopo Antunes q̃ toodos asinaraõ e eu gaspar glz tabaliaõ geral das notas desta cidade de Braga termo e coutos pello Rmo Snõr arçebpõ primas q̃ o presente p.co Instromento fiz e tirey de minha nota a quoal me Reporto onde fica asinado e outorgado sem cousa q̃ duuida faça E o asiney de meu publiquo sinal q̃ tal he / A quoal escritura de fiança parecia ser feita per gaspar glz tabaliaõ geral e asinada de seu Sinal publiquo a quoal Eu frco peixoto escriuaõ da camara desta cidade de Braga tresladei bem e fielmente sem cousa q̃ duvida faça e asiney de meu Sinal acustumado fr.co peixoto

49. Sabodo Dezasete dias Do mes De dezembro de mil e quinhentos e oitenta annos foraõ Jũtos ẽ camara os snorẽs aluoro folgra Juiz, e o doutor fernaõ correa vreador, e Bras Dias Campello procurador do Conselho,

[i, 1] e por Manoel Luis ser ausente e os mais naõ fizeraõ camara diguo que por os mais naõ vyrẽ naõ fizeraõ
[Fol. 34]
Camara, e cõ todo os presentes mandaraõ a min escriuaõ fezese auto de como elles cõ ho L.do diogo pinto Deputado por vreador pera isso por Sua Senhoria cõforme a prouisaõ q̃ fica ẽ poder de min escriuaõ foraõ ao termo desta cidade sobre as tomadas e pusese minha fe do q̃ pasava na verdade Eu fr.co Pxto q̃ o sobredito escrevi
folgra / Correa / Campello

50. Sesta feira vinte e tres dias do mes de dezembro De mil e quinhentos e oitenta annos, foraõ Juntos ẽ camara o doutor fernaõ correa vreador e Bras dias Campelo procurador do concelho

Tomadas
[i, 1] Requereraõ a mĩ escriuaõ q̃ elles vinhaõ pera fazer camara por quoanto a naõ ouuera quoarta feira pasada por ser Dia Santo. e mandaraõ tanger ho Sino por vezes e os mais cõpanheiros naõ uieraõ q̃ protestauaõ naõ cairẽ ẽ culpa antes a culpa carregar pera aquelles digo sobre aqueles q̃ naõ vinhaõ E eu frco peixoto q̃ ho escrevj
Correa / Campello

51. terca feira vinte e sete Dias do mes do Dezenbro Segunda uitava de natal foraõ Juntos ẽ camara os Snarẽs aluoro folgra Juiz / e manoel luis Rui leite e fernaõ Correa vreadores e bras dias campello procurador do concelho,

Prazo
i, 1 na dita camara despacharaõ huã peticaõ a fr.co miz escriuaõ dos coutos e q̃ lhe concede
[Fol. 34v.]
Renovacaõ de huãs Casas ẽ tres vidas q̃ saõ propriedade do ospital de saõ marquos q̃ estaõ no aRabalde de Saõ migel ho anJo e sairaõ por vedores digo deraõ por vedores a fernaõ correa e Rui leite vreadores Juntamtc cõ ho procurador

do dito ospital e vista dariaõ Seus pareceres na dita camara: /

Eleitores

I, 2 na dita camara foraõ chamados os cidadaõs e pouo q̃ abaixo asinaraõ pera oje as duas oras fosẽ juntos nesta camara a ellegerẽ os Seis eleitores q̃ haõ de fazer os Juizes e vreadores e procuradores pera seruirẽ os tres annos vindoros aos quoaes cidadaos e pouo dise aluoro folgr.ª Juiz mais velho ho pera q̃ eraõ chamados e loguo per elle comigo escrivaõ foraõ tomados os votos de todos Secretam.te e Saíraõ cõ mais pera serẽ elleitores antonio pinto tristaõ da goarda Balthesar da maia manoel de queiros ant.º v.r.ª e o doutor pero friz de lima dos quoaes estavaõ presentes ant.º v.r.ª manoel de queiros tristaõ da goarda e o doutor pero friz de lima e ant.º pinto e balthesar da maia mandaraõ logo chamar per goncallo friz porteiro da camara e aos presentes foy logo dado juramento dos Santos evãgelhos q̃ enlegesẽ os ditos Juizes e vreadores e procuradores pera os ditos tres annos vindouros e aqui asinaraõ e eu fr.ce peixoto escriuaõ da camara q̃ o escrevj

Ruj diaz daz.de / Gaspar cord.re / Antonio Vieira 1580 / ãt.º Sobrjnho /

[Fol. 35]

Ant.º coelho / Fr.ce tx.ra / damiã dalm.de / B.er da Rocha / Dioguo de paiua brãdaõ / fr.ce Jacome / Carvalho / Maya / Fr.ce Rib.re / graã / Brjto / Ejtor Dias / fr.ce frz / fr.ce pato / paulo machado / Ant.º de faria / de an † tonio alures / de ant.º † friz / guaspar diz / tjnoco / g.e dagujar / de tome † piz / António Cord.º / berto anes / ljma / Jorge andre

[Fol. 35v.]

m.el de Queyroos 1580 / Jm.º. de g.es / Ant.º de põte? / Ant.º MiRe (?) / folgr.ª manolljs / Correa / Rui leite / Campello

Juramento

[I, 3] E logo Sobreuieraõ chamados ant.º pinto e balthesar da maia e a elles e aos mais eleitores foi dado Juram.te dos Santos evanjelhos por aluoro folgr.ª Juiz ordinario q̃ bẽ e verdadeiram.te fizesẽ a dita eleiçaõ dos offeciaes q̃ aviaõ de seruir tres annos q̃ vẽ e elles asi ho prometeraõ e foraõ e foraõ lotados (?) pella manr.ª Seguinte .S. tristaõ da goarda e Balthesar da maia / manoel de queiros e o doutor lima ant.º pinto e ant.º v.r.ª e eu fr.ce peixoto escriuaõ da camara q̃ ho escrevj

Ant.º pinto / baltesar da maja / p.º frz. de Ljma / goarda / M.el de Queyros 1580 / Amtonio vieira 1580 /

[Fol. 36]

Róis

[I, 4] E feitos asi os ditos Roles e pautas pellos Ditos eleitores foraõ entregues a elles Regedores cada hũ delles Duas pera levarẽ huã delas ao Snõr Arcebpõ Diguo tres dellas ao Snõr Arcebpõ e as outras tres pera ficarẽ no cofre e por elles Regedores foraõ logo metidas no cofre as tres e as outras tres ficaraõ ẽ poder De min escrivaõ cerradas e aseladas pera pella menhã e o procurador do concelho comigo escriuaõ as levaremos ao Snõr Arcebpõ pera as limpar e tirar dellas os ofeçiaes q̃ aõ de seruir ho ano q̃ vẽ de oitenta e hũ annos E eu fr.ce peixoto o escrevj

folgr.ª / manolljs / Correa / Rui leite / Campello

52. Quoarta feira vinte e oito dias do mes de dezenbro De mil e quinhentos e oitenta annos forão Juntos ẽ camara o doutor antº correa e aluoro folgrª Juizes, manoel Luis e o Doutor fernão Correa e Rui Leite vreadores, e Bras Dias Campello procurador do concelho

Festejos

I, 1 na dita camara per min escriuaõ foi dito a elles Regedores como neste liuro estava hũ acordo ẽ q̃ elles asentaraõ de pera as festas q̃ se ouveraõ De fazer pello alevantamento de Sua magestade gastarẽ cada hũ cẽ cruzados afora ho q̃ mandavaõ

[Fol. 36v.]

Dar a mim escrivaõ e porteiro o q̃ naõ ouvera efeito q̃ Suas merçes visẽ Se mandavaõ fazer diso declaraçaõ neste liuro pera q̃ ao diante naõ ouvese duvida e visto per elles Regedores mandaraõ fazer este termo per q̃ declaraõ q̃ naõ tomaraõ o dito dr.º nẽ fora necesairo por se naõ fazerẽ as festas q̃ tinhaõ ordenadas e asi porq̃ naõ lhes viera a prouisaõ q̃ mandaraõ buscar pera poderẽ tomar o dito dr.º conteudo no dito termo e puz lhe minha fe De como o Sobredito pasava na verdade e eu escriuaõ digo q̃ he verdade q̃ o dito termo naõ ouve ẽfeito nẽ se tomou o dito dinheiro pellas Rezoẽns sobreditas e eu frco peixoto escriuaõ da cama[ra] q̃ o escrevj

Porteiro

I, 2 na dita camara acordaraõ de darẽ a gº friz porteiro da camara dous mil rs pera hũa capa pellos mtos trabalhos q̃ levou este anno ẽ deligencias extraordinarias per mandado delles Regedores q̃ cõprio a bẽ da Republica

I, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens e eu frco peixoto q̃ o escrevj

folgrª / manolljs / Correa / Rui leite / Correa / Campello

53. Sesta feira trinta dias do mes de Junho De mil e quinhentos e oitenta annos estando Juntos os snorẽs aluoro folgeira e o doutor antº corea Juizes ordinarios e fernaõ correa

[Fol. 37]

vreador e Bras Dias Campello procurador do Concelho no paço do conçelho onde se fazẽ as ureacoens

Regedores

[I, 1] per min escriuaõ foraõ apresentadas as pautas os ofeçiaes q̃ aviaõ De seruir os tres anos q̃ bẽ cõ huã provisaõ do Rmo Snõr arcebpõ ẽ que vinhaõ nomeadas as pessoas que aviaõ de seruir o anõ q̃ vẽ de oitenta e hũ as quoaes pautas e prouisoens dise eu escriuaõ q̃ me foraõ ẽtreges por pero tavares Secretario do Snõr arcebpõ ho tresLado da qoal provisaõ he a seginte e eu fr.co peixoto q̃ ho escrevj

Provisão

[I, 2] Dõ frei Bertholameu dos martires arcebpõ e Snõr de Braga primas Das espanhas e do concelho del Rey noso Snõr etc. fazemos saber a vos Juizes e vreadores e procurador Do concelho desta nosa çidade como prouendo as pautas hora nouamente feitas das pessoas que aõ de seruir este primeiro ano que comecara por dia de Jan.ro pr.º q̃ vẽ de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos por Justos Respeitos de seruiço de noso Snõr q̃ a iso nos moueraõ ẽlegemos por Juizes o Lº mateus fernandes farto e a fr.co teixeira e pera vreadores manoel de queiros o Lº frco Soa-

res e damiaõ dalmeida e pera procurador do conçelho a boaventura maio pello que vos mandamos q̃ os mandeis chamar a camara e lhes deis Juramento na forma acustumada q̃ bẽ e verdadeiramente Siruaõ os ditos Cargos ao que satisfeito os começaraõ a servir como saõ obrigados e durante ho ano de sua serventia mandamos q̃ como a taes seJaõ obedeçidos e suas centenças e manDados Se cumpraõ ẽ todo e por todo dada en o mosteiro de Saõ fruitoso sob noso sinal e sello de nosas armas aos vinte e noue de dezenbro do anno do nacimento de noso Snor Jesu Xpõ de mil e quinhentos e oitenta e hũ fellipe

[Fol. 37v.]

Soares noso escriuaõ da camara a fez cõ a entrelinha hũ *O arcebpõ primas.* / **Juramento**

[ĩ, 3] E loguo mandaraõ chamar as pesoas conteudas na dita prouisaõ e vieraõ fr.co teixeira o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida aos quoaes aluoro folgeira Juiz mais velho deu Juramento dos Santos evangelhos q̃ bẽ e verdadeiramente servisẽ os ditos caregos pera q̃ foraõ elleitos na dita provisaõ goardando en tudo Seu Regimento e a Justica das partes e o Seruiço de Sua magestade e de Sua Senhoria R.ma e asinaraõ aqui e eu fr.co peixoto escrivaõ da camara q̃ ho escrevj E por naõ virẽ os mais asentaraõ q̃ o Snõr aluoro folgeira Juiz mais velho comjgo escrivaõ lhes dese Juramento. e eu fr.co peixoto escrivaõ da Camara q̃ o sobredito escrevj

fr.co tx.ra / fr.co Soares / damjã dalm.da / folg.ra / Correa / Campello

54. Aos trinta e hũ Dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos e oitenta e hũ anos no paço do Conçelho onde se fazẽ as vreacoẽs por aluoro folg.ra Juiz ordinario na dita cidade,

Subsituto

[ĩ, 1] foy mandado chamar eitor diz pera lhe dar juramento por sair por vreador, por se tirar manoel de queiros pello parentesquo que tinha cõ damiaõ dalmeida por parte de Sua molher a q̃l prouisaõ mandou a min escriuaõ tres-Ladar

[Fol. 38]

neste liuro. E declaro q̃ a dita prouisaõ lhe dera Rui leite vreador ho dito ano e que era do Snõr arcebpõ a quoal he a seginte e eu fr.co peixoto ho escrevj

Provisão

[ĩ, 2] Nos ho Arcebpõ primas Snõr de braga etc fazemos Saber a vos Juizes e vreadores e procurador do Concelho desta nosa cidade q̃ provendo nos a pauta hora nouamente feita ẽlegemos por vreadores a manoel de queiros e a damiaõ dalmeida pera servirẽ os ditos Carregos ho anno q̃ vẽ q̃ começa por dia de Jan.ro de oitẽta e hũ e pera ese efeito pasamos nosa prouisaõ ẽ forma e por se achar q̃ o dito damiaõ dalmeida he primo cõIrmaõ da molher do dito Manuel de queiros por Justos Respeytos de serviço de noso Snõr ẽlegemos por vreador ẽ lugar do dito manoel de queiros a Eitor diz cidadaõ desta nosa cidade pello q̃ vos mandamos q̃ cõ os maes offeciaes eleitos ho mandeis chamar ẽ Camara e em todo goardeis a forma da dita prouisaõ e elle a comprira pello modo q̃ en ella se contẽ e servira o dito carrego cõforme a ella dada ẽ Braga sob noso Sinal e sello ao derradr.o de dezenbro fellipe Soares noso escriuaõ da camara a fez ano do nacimento de noso Snõr Jesũ Xpõ de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos o Arcebpõ primas / a quoal prouisaõ Eu fr.co peixoto. tresLadej bẽ e fielmente. sẽ cousa q̃ duvida faça, e mãdou elle Juiz a min escriuaõ q̃ na

pr.ª camara dos ofeciaes novos lhes ẽtregase a proprea

[Fol. 38v.]

prouisaõ pera se meter no cofre onde estaõ as pautas pera q̃ a todo ho tempo constasse da verdade, e eu fr.co peixoto ho escrevj

Juramento

[ĩ, 3] E logo por elle Snõr aluoro folgr.ª Juiz mais uelho foy dado juramento dos Santos evangelhos a eitor diz cidadaõ desta cidade q̃ bẽ e verdadeiramente seruise seu carrego goardando Aa Justiça partes. e seruiço de deus. e aa sua Senhoria R.ma.ª e elle asi ho prometeo. e asinou aquy fr.co peixoto ho escrevj

folgr.ª / hejtor dias

[ĩ, 4] e logo Sobreveo boaventura maio e por elle Snõr aluoro folgr.ª lhe foj dado Juram.to dos Santos evangelhos q̃ bẽ e verdadeiramente seruise o carrego de procurador do concelho q̃ bẽ bẽ e verdadeiramente o servise goardãdo o seruiço de noso Snõr e just.ª as partes e elle asi o prometeo e asinaraõ aqui E eu fr.co peixoto ho escrevj.

boauentura majo / folgr.ª

[Fol. 39v.] [*Em branco*]

Privilégio

ĩ, 5 aos vinte e oito dias Do mes De Janr.o de mil e quinhentos e oitenta anos estando Juntos ẽ camara o L.do ant.º correa e aluoro folgr.ª Juizes ordinarios manoel Luis e o doutor fernaõ Correa Rui leite vreadores e Bras dias Campello procuraidor do concelho porante elles Snorẽs pareçeo Joaõ alures morador nesta cidade e por elle lhes foj apresentado hũ privillegio da Santisima trindade pera poder aRecadar as esmollas q̃ os feeis cristaos queserẽ dar na [ermida de?] Saõ Gonçallo e lhes pedio lho mandasẽ Registar

[Fol. 39]

e goardar o q̃ v.to por elles mandaraõ a min escriuaõ lho Registase e goardase o quoal previllegio segundo delle pareçia Era escrito cõ Letra Redonda e cõ hũ Sinal ao pe q̃ dezia nobriga ...?... e nas costas delle hũ asinado q̃ segundo pareçia era feito per manoel lopẽz da fonsequa E por elle asinado feito aos nove dias do mes de Julho do dito anno e eu fr.co peixoto escriuaõ da camara ho Registey e escrevj

1581

[Fol. 40] *LIURO DOS ACORDOS E VREACOENS da çidade de Braga do ano de mil e quinhentos e oytenta e hũ annos no quoal sairão por*

JUIZES OS SS^{res} Ld^{o} Mateus friz farto
e fr.^{co} teixeira

VREADORES Eitor dias
o Ld^{o} fr.^{co} Soares
e damiaõ dalmeida

E PROCURADOR DO CONÇELHO boaventura maio

55. Segunda feira dous dias do mes de Jan.^{ro} do ano de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs fr.^{co} teixeira Juiz ordinario Eittor Dias fr^{co} teixeira diguo o L^{do} fr.^{co} Soares e damião dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

Juramento

I, 1 na dita camara pellos ditos Snarẽs foi dado Juramento dos Santos evangelhos ao L^{do} mateus friz farto pera q̃ elle sirua ho presente ano de Juiz ordinario goardando ẽ todo o seruiço de deus e del Rei noso Snõr e a Justiça as partes e segredo a Just.^{a} e elle asi ho prometeo e elles Snorẽs lhe deraõ o dito Juramento por vertude de huã declaraçaõ ao pe da propria prouisaõ por ho Snõr arcebpõ asinada a quoal mãdaraõ a min escrivaõ treslaadase neste Liuro e todos asinaraõ aquj

fr^{co} tx^{ra} / hejtor diaz / fr.^{co} Soares / Almeida / farto / boauentura majo

[Fol. 40v.]

Arcebispo

[I, 2] treslado da declaraçaõ do Snõr arçebpõ E declaramos q̃ os ofeciaes q̃ hora seruẽ ẽ Camara daraõ Juramento ao L^{do} mateus friz farto na forma da prouisaõ asima q̃ hora esta eleito pera servir de Juiz cõforme a dita prouisaõ, por quanto naõ jurou ate ora por Sua ẽdesposisaõ E assinou esta declaraçaõ oje dous de Jan^{ro} De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos Sobredito fellipe Soares escrivaõ Da camara escrevi

O arcebpõ primas

Olheiro

I, 3 na dita camara ordenaraõ por olheiro da Renda Do uerde e coimas a andre friz Sarralheiro morador no aRabalde De meixeminhos ao quoal deraõ Juramento dos Santos evangelhos q̃ elle bẽ e verdadeiramente olhase por elles e acorrese e elle asi ho prometeo e asinou aquy e que lhe pagariaõ Seu trabalho tanto q̃ fose aRecadada.

Andre friz

Olheiro

4 na dita camara acordaraõ que encoanto as ditas Rẽdas diguo q̃ a rrenda da medidagem da porta do couto Senaõ aRendase chamasẽ a gaspar glz pera q̃ olhase e correse cõ a dita Renda ao quoal deraõ Juram^{to} Dos Santos evanjelhos q̃ elle bẽ e verdadeiram^{to} acorrese e olhase por ella ẽquoanto Senaõ aRendaua e que lhe pagariaõ Seu trabalho e elle asy ho prometeo e asinou aquy

Gaspar glz

Rendas

I, 5 na dita camara acordaraõ e mandaraõ meter as Rendas do comçelho a pregaõ q̃ mandaraõ a martin enes porteiro e pregoeiro q̃ metese as ditas Rendas ẽ pregaõ por toda esta cidade e aRabaldes e lugares acostumados e quẽ

Lançar ẽ cada huã dellas o leuase porante min pera lhe tomar o lanço: /

[Fol. 41]

Juramentos

Ĩ, 6 na dita camara derаõ Juramento dos Santos evangelhos a Jm° glz pera q̃ olhase e corese pellas Rendas da corente do vinho de fora e ho Ramo do peixe e elle e domingos piz, e elles asi ho prometerаõ e asinarаõ aquj
Jm° glz / de d°s † piz

Olheiro

Ĩ, 7 na dita camara acordaraõ de mandar chamar fruitoso domingues o quoal loguo veo ao quoal ẽcomendaraõ e encaregaraõ q̃ fose olheiro da enposisaõ do sal e lhe deraõ juramento dos Santos evangelhos Sob ho quoal lho encarregaraõ e elle prometeo pello dito juramento fazer verdade e asinou aquj
† de fruitoso domingues

Mesteres

Ĩ, 8 na dita camara acordaraõ de mandar Lançar pregaõ q̃ todos os misteres se viesẽ obrigar ẽ termo de dez dias sob pena da pena da vreacaõ

Contas

Ĩ, 9 na dita camara acordaraõ q̃ Eitor dias e o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores e o procurador do conçelho tomasẽ as comtas ao procurador do conçelho do ano pasado de oitenta annos

Ĩ, 10 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoẽns e eu fr.co peixoto escrivaõ da Camara q̃ o escrevy
farto / fr.co tx.ra / hejtor Diaz / fr.co Soares / Alm.da / boauentura majo

[Fol. 41v.] **56.** Quoarta feira quoatro dias do mes de Jan.ro De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ comara os Snorẽs L.do matheus friz farto e fr.co teixeira Juizes ordenarios, Eitor Dias o L.do fr.co Soares damiaõ dalmeida vreadores, e boaventura maio procurador do concelho /

Sal

Ĩ, 1 na dita camara acordaraõ q̃ todas as p.as q̃ vendẽ Sal nesta çidade e seu termo se venhaõ obrigar a esta camara ẽ termo de dez diz dias sob pena de serẽ Inabelitados e de dez cruzados se o venderẽ naõ Sendo obrigados pera ho conçelho

Pão

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ q̃ nehuã pesoa tire paõ desta cidade nẽ ẽ carro nẽ ẽ bestas sob pena de perdimento de todo ho dito paõ e ho en que ho leuarẽ, e mandaraõ q̃ martin enes pregoeiro ho apregoase por todos os Lugares acostumados Desta cidade

Azeite

Ĩ, 3 na dita camara acordaraõ q̃ se deitase pregaõ q̃ nehuã pesoa vendese o azeite senaõ a vintẽ ho cartilho por ora sob pena de dous mil rs pagos da cadea. E o aferidor Da dita çidade aferiçe cõforme ao dito preço as medidas, e a dita pena se pagara pera o concelho

Pão

Ĩ, 4 na dita camara acordaraõ que martin enes preguoeiro desta çidade apreguoase q̃ todos os Rendeiros Das Igrejas do termo desta cidade viesẽ a dita camara dar conta do paõ q̃ ouverã nas ditas igreJas ho ano pasado De oitenta sob pena De vinte cruzados pagos Da cadea e darẽ conta do Rendimento da Renda q̃ asy trouxerẽ e viraõ a dita camara ẽ termo de dez dias e a pena pera o conçelho e engeitados

[Fol. 42]

Ĩ, 5 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoẽns fr.co peixoto escriuaõ da camara ho escrevj
farto / fr.co tx.ra / fr.co Soares / damiaõ dalmeida / hejtor Dias / boauentura majo /

57. Sabodo sete dias do mes de Janr^o^ de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L^do^ mateus friz farto Juiz ordinario e'tor dias e damiaõ Dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do conçelho e sobreveo fr^co^ teixeira Juiz /

Juramento

Ĩ, 1 na dita camara acordaraõ q̃ eu escriuaõ dese juramento ẽ minha casa aos Jurados e lhes Declarase seu Regimento pera milhor e mais brevidade Delles

Medidagem

Ĩ, 2 na dita camara aRemataraõ a Renda da medidagem a gaspar glz ẽ preço de dez mil rs em paz e en saluo pera o conçelho e eu fr^co^ peixoto ho escrevj

Ĩ, 3 na dita camara ouviraõ partes e

[Fol. 42v.]

despacharaõ peticoens fr^co^ peixoto escrivaõ da camara ho escrevj

farto / fr.^co^ tx^ra^ / hejtor Djas / Almeida / boauentura majo

58. Segunda feira noue dias do mes de Janr^o^ De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Sorẽs L^do^ matheus friz farto, Juiz ordinario Eitor Dias e Damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador Do conçelho e sobreueo fr^co^ teixeira Juiz

Juramento

Ĩ, 1 na dita camara foy dado o Juramento dos Santos evangelhos a fr.^co^ alures de ferradaes q̃ foy eleito pera cadrilheiro da cadrilha do corpo do mostr^o^ Dadaufe Sob carrego do quoal elle prometeo Seruir o dito officio e elle asi ho prometeo e asinou aquj

de fr^co^ † alures

Paços do Concelho

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ e cometeraõ a boaventura maio procurador do c.^o^ q̃ elle mandase ver a parede deste paço do conçelho per offeciaes q̃ ho entendesẽ se estaua a dita casa perigosa ou naõ e achando q̃ he neçesario q̃ se faça De nouo ou conserte, o faça como for mais proueito e menos gasto deste conçelho

Verdes, coimas

Ĩ, 3 na dita camara aRemataraõ a Renda do cõçelho diguo a Renda do verde e coimas desta

[Fol. 43]

çidade a andre friz caralheiro morador na Rua de saõ migel ho anJo ẽ preço de cinquoenta e sete mil rs ẽ paz e en saluo pera ho concelho e nomeou por fiadores a ant^o^ cerqueira pedreiro e a g^do^ daguiar ferrador e asinou o dito andre friz aquy

Andre frz

Ĩ,4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens fr.^co^ peixoto escriuaõ da camara ho escrevj

farto / fr^co^ tx^ra^ / alm^do^ / hejtor djas / boauentura majo

Priuilégio

[Ĩ, 5] Aos noue dias do mes de Janr^o^ De mil e quinhentos e oitenta e hũ anos nesta çidade de Braga por parte de martin piz da cal m^or^ na frg^a^ De crespos Do termo desta cidade e foj apresentado a min escriuaõ hũ preuilegio do manposteiro mor da Santisima trindade cõ hũ despacho dos Regedores Della per q̃ mandauaõ se Registase neste liuro ho q̃l preuilegio Segundo delle parecia era dado. ao dito martin piz pera aRecadar as esmollas na ermida de Saõ migel ho anJo q̃ Segundo delle pareç a era de letra Redonda e asinado ao pe q̃ dezia nobrega L^a^ e nas costas delle hũ asi-

nado q̃ segundo delle pareçia era feito per monel lopez da fonsequa e por elle asinado aos vinte e sete dias do mes De Jan.ro diguo de dezenbro de mil e quinhentos e oitenta años fr.co peixoto escriuaõ da camara ho escrevj //

[Fol. 43v.] **59.** Quoarta feira onze dias Do mes De Janro De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos en camara os Snorẽs Ldo matheus friz farto, e frco teixeira Juizes ordinarios Eitor Dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores, e boaventura maio procurador do conçelho

Ĩ, 1 acordaraõ q̃ o procurador do conçelho fose a casa do conigo ferras e lhe pedise huã trave q̃ levara da porta limpa pera sua casa q̃ era do Concelho

Danças

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ q̃ dia de Saõ Sebastiaõ aJa danças de espadas e o porteiro notefique aos mordomos do Rey e enperador pera q̃ as faça vir

Mourisca

Ĩ, 3 acordaraõ mais q̃ aja mourisqua q̃ va diante da prosisaõ e o porteiro notefique o Rey

Procissão

Ĩ, 4 acordaraõ mais q̃ as bandeiras da cidade e das confrarias vaõ na prociçaõ as quoaes Levaraõ os offiçiaes q̃ foraõ o ano pasado cõforme a vreaçaõ e as das cõfrarias levaraõ os mordomos dellas e o pro os noteficara pera isso

Pagas

Ĩ, 5 na dita camara mandaraõ ao procurador q̃ pagase o neçesario pera a dita festa

Sal

Ĩ, 6 na dita camara Arrematataraõ a Renda da ẽposisaõ do Sal a Jmo v.ra gaspar alures ant.o Rodriges Da Casa noua e Jacome glz

Ĩ, 7 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens frco peixoto ho escrevj

farto / txra / frco Soares / hejtor dias / Almda / boauentura majo /

[Fol. 44]

Privilégio

[Ĩ, 8] aos onze dias Do mes de Jan.ro de mil e qujnhentos e oitenta e hũ annos nesta cidade de Braga por parte de pero Rodriges da freiguesia Dadaufe foj apresentado a min escriuaõ hũ preuillegio da miã desta çidade pera pedir nas ermidas De saõ Saluador e Saõ Jmo e Santa marinha e Santo andre cõ hũ despacho nas costas delle dos Regedores desta cidade per q̃ mandaõ q̃ se Registe ho quoal previllegio segundo delle pareçia era escrito per manoel de queiros escriuão da confraria da dita misericordia feito aos dez dias do mes de Jan.ro do ano de mil e qujnhentos e oitenta e hũ annos e asinado ao po do sinal de cristouaõ leaõ arcediago de vermoim prouedor da dita misericordia e de manoel de queiros escriuaõ da dita confraria frco peixoto escriuaõ da camara ho escrevj

60. Sabodo quatorze dias do mes de Janro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos em camara os Snorẽs fr.co teixeira Juiz ordinario Eitor Dias Damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do co e Sobreueo o Ldo fr.co Soares vreador:/

Contas

Ĩ, 1 na dita camara pareçeo Bras dias Campello procurador do conçelho q̃ foj o ano pasado ao quoal os Snorẽs Regedores ouveraõ por noteficado pera lhe tomarẽ as contas do ano atraz. quinta feira pela menham q̃ eraõ dezanoue dias Do dito mes

Calçadas

Ī, 2 na dita camara acordarað q̄ fr.ᶜᵒ teixeira Juiz ordinario tiuese cargo de mandar fazer todas as calçadas e concertar todos os Caminhos q̄ estaõ da fontẽ de Saõ tiaguo pera bayxo e elle pudeçe proceder

[Fol. 44v.]

contra todos os moradores Das ditas freiguesias e eixecutar todalas penas per elle postas e sendo necessarias as pontes e fontes E o procurador do Cº lhe dese o neçesario pera isso e fizese as eixecuçoẽns como elles ẽ pessoas

Ī, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoẽns fr.ᶜᵒ peixoto ho escrevj

frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor djas / fr.ᶜᵒ Soares / damiaõ dalmᵈᵃ / boauentura majo

61. Segunda feira dezaseis Dias Do mes de Jan.ʳᵒ foraõ Juntos digo de mil e qujnhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs fr.ᶜᵒ teixeira Juiz ordinario e eitor dias damiaõ dalmeida vreadores boaventura maio procurador do conçelho

Verdes, coimas

Ī, 1 na dita camara asinaraõ o aRendamento do uerde e coimas desta cidade q̄ fez xpouaõ de Resende tabaliaõ, a quoal aRendaraõ ẽ preço de cinquoenta e sete mil rs ẽ paz e en saluo pera ho conçelho. /

[Fol. 45]

Calçadas

[Ī, 2] na dita camara acordaraõ e cometeraõ a eitor dias vreador q̄ tiuese cargo e mandase fazer a calçada q̄ esta no aRabalde q̄ vay pera a Cruz da pedr[a] ao Lugar de diogo pinto, E outrosi conçerte a cangosta .s. na testada della q̄ vay pera as ortas e asi mande fazer hũ pedaço de calçada q̄ esta pegado cõ a ponte de lomar da bamda da çidade e mandarão a min escriuaõ q̄ pasase aluaraes pera as freiguesias q̄ se seruẽ pellos ditos Caminhos q̄ tragaõ aos ditos Lugares a pedra neçesaria pera as ditas Calsadas e se fara a custa dos moradores q̄ teuerẽ testadas nos ditos lugares, e os mais mandarã ao procurador do conçelho dese todo o neçesario pera ellas e lho Levariaõ en conto.

Pagas

Ī, 3 na dita camara acordaraõ mais q̄ todas as despezas q̄ fr.ᶜᵒ teixeira Juiz fizese q̄ Ja lhe estauaõ cometidas cõforme ao acordo atras ho procurador lhe dese o drᵉ necesario pera isso e lhe seria Leuado en conto cõforme a Seus Iteẽns e despeza q̄ diso der do q̄ lhe for mandado gastar.

Ī, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens e eu frᶜᵒ peixoto o escrevj

frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor dias / boaventura majo / frᶜᵒ Soares / damiaõ dalmᵈᵃ /

[Fol. 45v.] 62. terça feira dezasete dias do mes de Janʳᵒ de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs frᶜᵒ teixeira Juiz ordinario e eitor dias o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares e damiaõ dalmeida vreadores, e boaventura maio procurador do conçelho :/

Peste

Ī, 1 na dita camara acordaraõ De mandarẽ manoel nogʳᵉˢ a çidade do porto a saber da Saude da dita cidade cõ huã carta precatoria e trazer Reposta della

Ī, 2 na dita camara ouviraõ partes frᶜᵒ peixoto escriuaõ da camara ho escrevj

frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor Djas / frᶜᵒ Soares / boauentura majo / Almᵈᵃ

63. Quoarta feira dezoito dias de Jan.ro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara oSnorẽs matheus friz farto. L^do^ e fr^co^ teixeira, Juizes ordinarios e eitor dias damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do C^o^.

Pifaro

I, 1 na dita camara pareçeo marquos piz da frg.ª De Santa Crestinha termo De barçellos e se obrigou a vir tanger a esta çidade ẽ todas as festas hũ pifaro ao quoal diseraõ mandariaõ pagar ho ordenado q̃ sempre deraõ aosemelhantes e asinou aquj

de mar † quos piz

[Fol. 46]

Juramento

I, 2 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a bastiaõ friz da frg.ª de Saõ p.º descudeiros ho quoal foy elleyto pera servir de cadrilheiro na dita frg.ª sob carreguo do quoal lhe encarregaraõ servise o dito Carguo, bẽ e verdadeiramente goardado o serviço de nosso Snõr e delRey noso Snõr E o Segredo a Justiça e elle asy ho prometeo /

Prazo

I, 3 na dita camara Sairaõ per sortes pera vedores de huã vedoria q̃ Requeria fr^co^ miz o genRinho de huãs casas que saõ propriedade do ospital e sairaõ per Sortes os Snorẽs L^do^ malheus friz farto Juiz ordinario e o L^do^ fr^co^ Soares vreador pera q̃ juntamente cõ ho prouedor do ospital fosẽ fazer a dita vistoria

Prazo

I, 4 na dita camara cõcederaõ a fr^co^ **giz carralheiro m.^or^ nesta cidade a Renouaçaõ** De hũ prazo do casal de mõtelhos cuja propriedade he do ospital loguo deitaraõ çortes e Sairaõ por vedores os Snorẽs fr.^co^ teixeira Juiz e damiaõ dalmeida vreador, pera q̃ cõ o prouedor do conçelho diguo do ospital fosẽ fazer a dita vistoria e dariaõ Seus pareceres na dita camara

Ida ao Porto

I, 5 na dita camara acordaraõ q̃ se dese a manoel nogeira cidadaõ desta cidade seis cruzados pera Sua despesa e homẽns q̃ cõ siguo Leuar a çidade Do porto, q̃ per mandado Delles Snorẽs La vay a certo negoçio e lloguo mandaraõ ao procurador do cõcelho lhos Dese,

I, 6 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djas / fr^co^ Soares / Alm^da^ / boauentura majo

[Fol. 46v.] **64.** Sabodo vinte e hũ Dias Do mes De Jan.ro De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos os Snorẽs L^do^ matheus friz farto. Juiz ordinario e Eitor dias Damiaõ dalmeida vreadores, boaventura maio procurador do conçelho :/ e Sobreueo fr^co^ teixeira Juiz e o L.^do^ fr^co^ Soares vreador

Cirios

I, 1 na dita camara acordaraõ e mandaraõ ao procurador q̃ mandase fazer os sirios pera dia de nosa Snora das candeas pera elles offeciaes e escrivaõ. e os mais acustumados cõforme ao custume pasado /

Carne, peixe

I, 2 na dita camara acordaraõ q̃ boaventura maio procurador cortase e Repartise a carne antre elles Regedores pera ho q̃ lhe cometeraõ Suas vezes pera no dito caso fazer todo aquilo q̃ elles Regedores fariaõ se fosẽ presentes e elle ho aceitou Da mesma man^ra^ enquoanto podese, e q̃ pera isso podese cõpeller os carniçeiros cõ as penas q̃ lhe bẽ pareçer e o porteiro fose sempre presente e asi Repartira da mesma man^ra^ o peyxe.

Peixe

I, 3 na dita camara asinaraõ ho aRendam.to da ciza do peixe q̃ fez cristouaõ de Resende tabaleaõ

Sal

I, 4 na dita camara asinaraõ ho aRendam.to da emposisaõ do Sal q̃ fez martinho piz tabaliaõ q̃ foy aRendada ẽ sesenta e tres mil rs ẽ paz e em Saluo pera ho conçelho

Vereações

I, 5 na dita camara cometeraõ ao L.do fr.co Soares vreador q̃ prouese as vreaçoẽns do ano pasado pera q̃ naõ sendo legitimamente ordenadas se mande chamar os do gouerno e pouo pera se aprovarẽ

[Fol. 47]

engeitados

I, 6 na dita camara acordaraõ q̃ o procurador do conçelho pagase aos engeitados e q̃ cõ seus Iteis se Levaria en conto.

Sisa

I, 7 na dita camara enlegeraõ pera Reçebedor da ciza das erdades a Jm.o ferreira Sirgeiro morador na Rua de Saõ marquos e lhe mandaraõ q̃ ate a primeira camara dese fianças cõforme ao Regimento e Custume desta mesa sob pena de elegerẽ outro e elle ho aceitou e asinou aquj

Joam fr

I, 8 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto ho escrevj

farto / fr.co tx.ra / Alm.da / fr.co Soares / boauentura majo / hejtor Dias

65. Segunda feira vinte e tres dias Do mes De Jan.ro De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.do matheus friz farto e fr.co texeira Juizes ordinarios, eitor dias damiaõ dalmeida vreadores e boaventura majo procurador do conçelho

Cartas

I, 1 na dita camara entregey eu escriuaõ aos ditos Snorẽs Duas cartas de sua magestade q̃ me entregou no dito dia hũ caminheiro De Sua magestade as quoaes abriraõ e leraõ

[Fol. 47v.]

Cortes

I, 2 na dita camara mandarao a min escrivaõ tresLadase neste Liuro as duas cartas de Sua magestade. pera a eleicaõ se fazer cõforme a ellas q̃ eraõ Sobre ho fazer dos procuradores q̃ aviaõ De ser eleitos pera Ir Aas Cortes:

I, 3 na dita camara apresentou Manoel nog.ra tres cartas De Resposta da camara e corregedor da çidade do porto, acerqua do q̃ pasava da peste aos quoaes mandaraõ aJuntar a hũ auto q̃ esta ẽ poder de min escrivaõ

I, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoẽns fr.co peixoto ho escrevj

farto / fr.co tx.ra / hejtor Djas / boaventura majo / alm.da

66. Quoarta feira vinte e cinquo dias do mes de Janr.º do ano de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L.do matheus friz farto Juiz ordinario, eitor dias e o L.do fr.co Soares vreadores boaventura mayo procurador do concelho, e sobreueo fr.co teixeira Juiz e damiaõ dalmeida vreadores

Carniceiro

I, 1 na dita camara pareçeo gonçallo gil m.or no aRabalde saõ migel ho anjo e dise q̃ elle se obrigava a cortar carne nos asouges da dita çidade, e se obrigava a cortar cada Sabodo duas cabeças de gado vacũ diguo por toda a Somana se obrigava a cortar duas cabeças

[Fol. 48]

de gado vacũ e asinou aquj e outrosi se obrigava a vender e cortar nos ditos asougues Setecentas cabeças de gado cabrũ, en todo este ano de mil e quinhentos e oitenta e hũ e asinou aquy.

de g.o † gil

I, 2 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto escrivaõ da camara ho escrevj E outrosi despacharaõ feitos fr.co peixoto ho escrevj

farto / fr.co tx.ra / hejtor Djas / fr.co Soares / Alm.da boauentura majo

Cortes, Convocatória

[I, 3] treslado de huã Carta de Sua magestade

Juiz vreadores e procuradores da cidade de Braga eu elRey vos envio m.o Saudar antes e depois de noso Snõr me dar a posse destes Reinos e Senhorios De portugal cõforme ao dereito Justiça e Rezaõ cõ q̃ nelles soçedi posto q̃ por nosos pecados foj tanto a

[Fol. 48v.]

a custa de minha propria vida e saude e da Rainha minha sobre todas m.to amada e prezada molher q̃ noso Snõr Leuou pera sy e tanto a custa dos mesmos Reinos q̃ eu m.to senti, culpa mui grande daquelles q̃ nisto a tiueraõ, grandemente deseJey mostrar aos portugueses E entenderẽ elles q̃ lhes sou e ey sempre de ser taõ verdadeiro e natural Rey Snõr e pay como tiueraõ nos Reis meus antecesores cuJo neto, filho, tio, e sobrinho sou e naõ menos por natureza q̃ por Sangue e pera este efeito e pera outros todos de m.to Serviço de noso Snõr e de muy grande importancia do bẽ destes meus Reinos e de meus vasallos naturaes delles a quẽ tenho m.to amor e os estimo como he Rezaõ, me pareçeo chamar loguo a cortes os tres estados ho q̃ naõ foy mais çedo como tinha asentado pella Dilaçaõ q̃ ouve ẽ minha entrada nestes Reinos por Causa da grande doença q̃ tiue e do falecim.to da Rainha q̃ esta en gloria pello q̃ vos ẽcomendo m.to q̃ enleJais dous procuradores pera virẽ as ditas cortes taes pesoas como cõvẽ q̃ seJaõ e de taes partes como cumpre q̃ tenhaõ pera as materias q̃ nellas espero querendo noso Snõr tratar e asentar como Importa a tudo os quoaes prazendo a elles determino fazer na cidade de Lx.a do fin deste mes de Jan.ro por diante Se o estado da Saude della der a isso Lugar porq̃ como debeis ter entendido m.tos dias ha q̃ eu estiuera na dita çidade se o naõ ẽpediraõ os Rebates della, e quoando por este ẽpedimento eu naõ puder por agora Jr a ella e o deseJo Se

[Fol. 49]

Seraõ as cortes ẽ outro lugar destes Reinos ẽ q̃ eu entaõ estiuer, e ordenareis como os ditos vosos procuradores se achẽ ao dito tempo presentes no tal lugar sem ser necesario Jr lhe pera isso outro Recado meu e elles traraõ procuracoens bastantes pera tudo o q̃ lhe

for necesario e em especial lhe dareis nellas poder pera me Jurarē por verdadeiro Rey e Snōr destes Reinos e Senhorios delles como o Sou E me fazerē preito e homenagē de vasalagē fedilidade e obediencia en forma de dereito hasi ao principe Dom dioguo meu sobre todos muito amado e m^to^ prezado filho primogenito como a meu verdadeiro e legitimo Sucesor e aos outros meus Suseçores q̄ legitimamente me suçederē e isto na forma modo e man^ra^ em q̄ se custumaō fazer estes Juramentos. E porque sou Informado q̄ meus ..?.. estaō despesas por causa dos gastos q̄ fizeraō nas cortes pasadas he noutras despesas, E minha vontade he fazer-lhes merçe ē todo o que se ofereçer lhe mandarey fazer o q̄ ouver por bē pera a aJuda da despesa q̄ nestas cortes fizerē cō seus procuradores cōforme a neceçidade q̄ cada lugar tiuer e cōfio de vos q̄ asi na eleycaō de vosos procuradores como en tudo ho mais q̄ toque a esta materia procedereis cō a Concediraçaō deuida ao Seruiço de des E meu ben geral destes Reinos E particular desa çidade e antes de os ditos vosos prober a Miguel de Moura do meu coneelho curadores chegarē a cortes o faraō sado estado E meu secretario pera mo dizer e serē aposentados E a elle entregaraō as procuracōens q̄ trouxerē pera se verē Como se custuma fazer Escrita ē eluas a cinque de Jan.^ro^ de 1581

[Fol. 49v.]

tresLado de outra
carta de Sua magestade

[ĩ, 4] procuradores das Cortes

Carta

Juiz vreadores e procurador da cidade de Braga eu elRey vos envio m^to^ saudar por outra carta uos escrevo q̄ facajs eleicaō de procuradores pera virē as cortes que prazendo a nosso Snōr tenho asentado fazer de fin deste mes de Jan^ro^ por diante e por que en todo o tempo quoanto mais no presente cōvē q̄ aJaō grande consideracaō e advertencia na dita eleicaō pera q̄ se faça ē pesoas sē Sospeisā e que pertendaō som^te^ o Seruiço de dēs E meu E bē publiquo sē outro algū particular Respeito vos ēcomendo muito q̄ tenhaes muito cuidado q̄ se naō Reçeba voto pera procuradores das ditas cortes nē pera elleitores dellas em pesoa alguā q̄ nas alteraçoēns pasadas seguise dō Ant^o^ ou seu partido ou lhe tenha dado quoalquer aJuda ou fauor, ou q̄ delle tenha Reçebido quoalquer dadiua ou graça depois do leuantamento q̄ fez en Santaren E pello m^to^ q̄ importa a conseruasaō da saude do lugar em que eu ouver de fazer as ditas cortes vos encomendo q̄ estando essa cidade Impedida ou cō sospeita disso facaes logo a dita eleicaō de procuradores e os ponhaes em algūa parte desempedida asi a elles como a seus criados e fato de man^ra^ q̄ quoando ouverē de partir pera minha corte venhaō bē desempedidos e tragaō diso Certidaō e do Lugar, onde estiueraō, diguo e do Lugar ē que estiueraō porq̄ en chegando posaō entrar sen nisso aver

[Fol. 50]

Duvida algūa E tanto q̄ a dita eleiçaō for feita me avisareis loguo della E do modo q̄ nella tiuestes q̄ cōfio Sera cōforme ao q̄ vos por esta encomendo como vedes q̄ he neçesario e vossa Carta enviareis a migel de moura do meu concelho do estado e meu Secretario pera ma dar escrita ē eluas a .5. de Jan^ro^ de 1581, as quoaes Cartas eraō asinadas ao pe do Sinal del Rey nosso Snōr onde dezia Rey segundo dellas parecia E aselladas cō ho sello de Suas armas Reaes E o sobre escrito dellas dezia por elRey. Ao Juiz ureadores e procurador da cidade de Braga as quoaes Cartas eu

fr.co peyxoto escrivaõ da camara desta cidade de Braga as tresLadey neste liuro dos acordos e vreacoens por mandado dos Regedores della bẽ e fielmente e asinei aqui frco peixoto

[*Letra diferente:* Procurores de Cortes]

67. Quinta feira vinte e seis dias do mes de Janro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos nos paços arçebispaes onde estava o Reverendisimo Snõr arçebpo na camara dercules, e bẽ asi o Ldo matheus freiz farto e frco teixeira Juizes ordinarios eitor dias o Ldo frco Soares damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do conçelho

Cortes

[ĩ, 1] pera no dito lugar se ẽleger procuradores pera irẽ as cortes e pera levarẽ procuracaõ

[*Noutra letra:* No tempo do Sr. Arceb.o D. João de Souza tomou Elle vottos com o Escr.am da cam.a Eccta à nobreza, pa procrores de cortes na Salla dos Arceb.os]

[Fol. 50v.]

pera Jurarẽ a Sua magestade por Rey destes Reinos de Portugal e a seu fo dõ d.o primo genito por prinçepe e verdadeiro Sucesor destes Reinos e isto por pregaõ q̃ foy Lançado pera asi os cidadaõs como o pouo serẽ Juntos no dito Lugar por ho paço do conçelho q̃ he ho lugar ordinario onde se fazẽ os semelhantes autos estar pera cair.

Arcebispo

ĩ, 2 no dito Lugar pello Rmo Sor foy dito a elles cidadaõs e pouo estando asi a camara Junta como elRey noso Snõr ordenava fazer cortes e que mandaua se ellegesẽ dous procuradores q̃ fosẽ a ellas desta cidade pesoas taes quoaes compria q̃ fosẽ pera ho tal negoçio e q̃ levasẽ procuracaõ pera Jurarẽ a Sua magestade por Rei destes Reinos e a dõ d.o Seu filho primo genito por prinçepe e Sucesor delles e que levasẽ os apontamentos q̃ lhes parecese E ouvido per elles cydadaos e pouo ẽ alta uoz ẽlegeraõ a d.o de barros, e ao doutor Jmo nogra por serẽ pesoas pera isso e pera mais abastança deraõ Seus votos secretamente, e saõ os que abaixo asinaraã e bẽ asi pera q̃ os ditos procuradores pudesẽ Jurar a dõ d.o seu f.o primo genito por Sucesor destes Reinos e seus descendentes q̃ legitamte lhe sucederẽ fr.co peixoto escrivaõ da camara ho escrevj

O arcebispo primas

[Fol. 51]

frco txro / farto / hejtor djas / frco Soares / damiaõ dalmdo / boauentura majo / ...? / po frz de ljma / ...? / Bor da Rocha / ...? / ...? / fr...? Rebelo / Anto coelho / Rocha / Anto de faria / Mayo / giralldo daguyar / Joaõ Reis / belchyor pre / graã / go dagujar / anto djpõte? / Romõ glz / guaspar ...? / Manoell alures / guaspar Aluz / ao glz / Jmo gomez

[Fol. 51v.]

belchior piz / Mel frco / abel alexo / Jmo Lopez / Jmo de...? ...? / Domjgos frco / Anto roiz / frco frz / Alonso? dias / bras guomez / de frco † glz / gaspar glz / de frco † a.o / manoel dias / paullo frz / de an † t.o miz / de De † nis glz / de mar † tin glz / de go † glz / pero diz / de do † ao / de am † to piz / de Jm † o de matos / Alvro veloso / do pjmentel diz

[Fol. 52]

...? / Anto de barros / de mi † gel gliz / d.o † glz / R nunez? / hejtor luiz / frco ...? / ...? / de J † mo gls

Privilégio

[ĩ, 3] Aos vinte e seis dias do mes de Janro de mil e quinhentos e oitenta e

hũ annos nesta çidade de braga no paço do Conçelho della por parte de gaspar Roiz currador morador na dita cidade, me foy apresentado hũ previllegio da miã desta cidade pera pedir na freg.ª de Saõ tiago da Se da dita çidade cõ hũ despacho nas costas delle aos Regedores desta cidade por q̃ mandavaõ q̃ se Registase o quoal preuillegio segundo delle parecia era escrito per manoel de queiros escrivaõ da dita cõfraria da dita miã feito aos quinze dias do mes de Jan.ro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos e asinado ao pº do sinal de cristouaõ Leaõ arcediaguo de vermoim provedor da dita mesicordia e de manoel de queiros escriuaõ da dita cõfraria frco peyxoto escrivaõ da camara ho escrevj

[Fol. 52v.]

Privilégio

[ĩ, 4] E Loguo no dito dia mes e ano atras escrito, e lugar por parte de ant.º glz capateiro. morº fora da porta noua desta cydade me foi apresentado hũ previllegio do Santo Sacramento cõ hũ despacho dos Snorẽs Regedores nelle per q̃ mãdaõ q̃ ho dito previlegio se Registase neste liuro feito ao primeiro dia do mes de novembro do ano de mil e quinhentos e oitenta annos o quoal preuilegio Segundo delle parecia era feito per Bernaldo de Castilho escrivaõ q̃ foi o dito ano, diguo, sobrescrito pello dito Bernaldo de castilho escrivaõ q̃ foj o dito ano da dita cõfraria e asinado ao pe do Sinal de pero freire mordomo da dita cõfraria como do dito prevyllegio se pode ver e mandaraõ q̃ se cumprise e goardase asi e da manra q̃ se nelle continha frco peixoto ho escrevj

68. Sabodo vinte e oito dias do mes de Janro de mil e quinhentos e oitenta e hũ anno ẽ camara foraõ Juntos os Snorẽs frco teixeira Juiz ordinario eitor dias damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do concelho e sobreueo o Ldo mateus friz farto Juiz, e o Ldo frco Soares vreadores

Prazo, Hospital

Ĩ, 1 na dita camara pareçeo frco miz escrivaõ dos coutos de Sua Senhoria e por elle foi dito aos ditos Snorẽs q̃ elle tinha huãs casas q̃ era propriedade do espital de Saõ marquos desta çidade e que Suas merces

[Fol. 53]

eraõ admenistradores do dito ospital e ora por elle ser a derradeira vida nellas a Renuçiava ? Snorẽs e lhes pedia lhe desẽ veedores pera lhe ser feito novo prazo cõforme dizer delles e asinou aquj e elles Snorẽs diserãõ q̃ Ja lhe tinhaõ dado vedores

frco mjz

Juramento

Ĩ, 2 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a frco diz da freg.ª desporoens o quoal estava eleito pera carniseiro da dita frgª o quoal prometeo servir o dito carguo bẽ verdadeiramente e asinou aquj fr.co peixoto ho escrevj

de † frco diz

Cortes

Ĩ, 3 na dita camara mandaraõ elles Regedores chamar a dioguo de barros e ao doutor Jmº nogrª procuradores q̃ sairaõ per ẽleicaõ pera Irẽ as cortes para lhes dizerẽ e noteficarẽ q̃ se aparelhasẽ pera irẽ as ditas cortes cõforme as cartas de Sua magestade

Mourisca

Ĩ, 4 na dita camara pareceo pº glz da frg.ª de fraiaõ de beretas (?) e se obrigou a servir na mourisqua desta cidade cõforme aos mais mourisquos e assinou aquj

de pº † glz

Cortes

Ĩ, 5 na dita camara pareçeo o doutor Jm° nogueira hum dos procuradores eleitos

[Fol. **53**v.]

Pera ir as cortes q̃ Sua magestade detremina fazer e eleito [Jm° nog.ª?] E o ouveraõ por notefiquado e elle dise q̃ estava prestes pera Ir dando lhe comodamente cõ q̃ pudese Jr Acreçentando lhe o ordenado, mais do q̃ lhe Soiaõ dar, por quoanto a teRa estava m^to falta de mantimento

Ĩ, 6 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr^co peixoto ho escrevj

farto / tx^ra / hejtor Djas / damiaõ dalm^da / boauentura majo / fr^co Soares

69. Quoarta feira o pr.^ro dia do mes a fev.^ro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os snarẽs fr^co teixeira Juiz ordinario Eitor dias o L.^do fr.^co Soares e Damiaõ Dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do conçelho e sobreueo o L^do matheus friz farto Juiz ordinario /

Carne

Ĩ, 1 na dita camara pareçeo Jm° glz da frg^ª de Saõ Jm° de Semelhe e dise aos Snores Regedores q̃ elle tinha neceçidade

[Fol. **54**]

de ir cõprar tres ou quatro Juntas de bois pera serviço de Sua fazenda e lhe mandase pasar hua carta de vizinhança ao quoal deraõ Juramento polos Santos evangelhos, sob carreguo do quoal disse q̃ ho q̃ asi pedia era verdade, e mandaraõ a min escrivaõ lha pasase

Cores

Ĩ, 2 na dita camara mandaraõ a min escrivaõ fose noteficar a diogo de barros q̃ Saio per eleiçaõ pera Jr as cortes q̃ asi lho disese E q̃ elle viera a esta camara pera cõ elle tratarẽ cousas q̃ Importaõ ao serviço de Sua magestade e bẽ publiquo

Ĩ, 3 na dita camara apareçeu Dioguo de barros a quẽ eu notefiquey ho mandado asima Dos Snorẽs Regedores o quoal ouveraõ per noteficado q̃ estava eleito per procurador Das cortes q̃ sua magestade determinava fazer q̃ se aparelhase, e lhe Leraõ as cartas de sua magestade pera saber ho Lugar aonde avia de ir

Peste

Ĩ, 4 na dita camara acordaraõ de mandarẽ a villa de barçellos hũ caminheiro cõ huã carta De oferecimentos e saber da Saude da dita villa e asi outra a villa de guimaraens a saber ho q̃ se tẽ taxado pera os procuradores das cortes e mandaraõ a boaventura maio procurador pagase aos ditos caminheiros q̃ forẽ as ditas villas

[Fol. **54**v.]

Ĩ, 5 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr^co peyxoto ho escrevj

farto / fr^co tx^ra / hejtor djas / fr^co Soares / Alm^da / boaventura majo

70. Sabodo quoatro dias do mes de fev.^ro de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L^do matheus friz farto Juiz e Eitor Dias e damiaõ Dalmeida vreadores e Sobreveo o L^do fr^co Soares vreador.

Peste

Ĩ, 1 na dita camara acordaraõ q̃ fose ho porteiro da dita camara cõ huã carta mesiua e huã precatoria ao porto pera se enformar do q̃ pasava açerqua da peste De que noso Snõr nos Liure e q̃ pera uso se lhe dese a tostaõ por dia

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ De mandar a villa de barçellos a saber da Saude della e mandaraõ ao procurador pagase ao caminheiro q̃ la fose

Ĩ, 3 na dita camara acordaraõ q̃ se pagasẽ aos omẽns q̃ saõ. e tẽ carrego de olhar pellos homẽns q̃ goardaõ a cidade

[Fol. 55]

Ĩ, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto ho escrevj

farto / fr.co tx^ra / hejtor Djas / boauentura majo / alm^da / fr^co Soares

71. terça feira sete dias do mes de Jan.ro Diguo do mes de fev^ro De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L^do matheus friz farto fr^co teixeira Juizes ordinarios, Eitor dias, o L^do fr^co Soares e boaventura maio diguo e Damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do conçelho

Depósito

Ĩ, 1 na dita camara mandaraõ a min escrivaõ q̃ fose noteficar a prouisaõ de Sua Senhoria R.^ma a bras dias Campello procurador q̃ foj o ano pasado nesta camara pera q̃ dese amenhã Dia De cinza ẽ Camara os dozentos cruzados q̃ a dita prouisaõ dezia e os trouxese a dita Camara E a prouisaõ mandaraõ a min escriuaõ a tresLadase neste Liuro a quoal he a seguinte

Provisão

[Ĩ, 2] Nos o arcebpõ primaz e Snõr de braga etc. fazemos Saber a vos bras dias campello

[Fol. 55v.]

Procurador q̃ fostes o ano pasado desta çidade q̃ nos fomos enformados q̃ ẽ vosso poder tinheis dr.o depositado por nosso mandado e porq̃ E porq̃ ora he necesario pera gastos dos procuradores q̃ por mandado De Sua magestade e nosso vaõ as cortes se lhes de algũ dinheiro vos mandamos q̃ do dito dinheiro q̃ en vosso poder tendes deis dozentos cruzados aos offeciaes da dita camara e cõ seu asinado se vos Levaraõ en conta Cõprio asi Dada en braga aos Seis de fev.ro pero tavares a fez De mil quninhentos e oitenta e hũ annos

O arcebispo primas

Cortes

[Ĩ, 3] na dita camara mandaraõ chamar gaspar glz tabaliaõ geral pera fazer procuraçaõ pera os procuradores q̃ aõ de ir as cortes a quoal fez fr.co peixoto ho escrevj

farto / fr^co tx^ra / hejtor Djas / fr^co Soares / Alm^da / boauentura majo

72. Quoarta feira oito dias do mes De fev.ro De mil quinhentos oitẽta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L^do matheus friz farto Juiz ordinario e Eitor dias e Damiaõ Dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do concelho

[Fol. 56]

Juramento

Ĩ, 1 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a Joaõ Glz da manhoca cadrilheiro da frg.a De Santo estevaõ Do penso. Sob carreguo Do quoal elle prometeo Servir o dito Carguo bẽ e verdadeiramente o q̃ elle prometeo e asinou aquj

de Jm^o † glz

Varas

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ q̃ se desẽ aos Juizes varas como as q̃ trousesẽ se despintasẽ

I, 3 na dita camara mandaraõ vir matheus alures cirieiro m^or na praça do paõ e lhe encarregaraõ q̃ Reçebese ẽ ausençia de Joaõ ferreira sirgeiro, a sisa das erdades, e elle logo veo, e se obrigou a dar conta do q̃ Reçebese e asinou aquj

mateus aluz

Sisa

I, 4 na dita camara apereceo ant.° duraẽns menposteiro da Santissima trindade e dise q̃ elle naõ podia servir ao dito Carreguo e q̃ por Justos Respeitos ho Renunciava ẽ favor de bastiaõ glz da frg^a De ferreiros na quoal elle ant.° duraẽns he morador e asinou aquj

de ant.° † duraẽns

I, 5 na dita camara mandaraõ q̃ o procurador pagase quatrocentos rs as pellas q̃ servираõ a vespora e dia de saõ giraldo

[Fol. 56 v.]

do ano pasado de oitenta annos e q̃ lhe seriaõ levados en conta.

Cortes

I, 6 na dita camara acordaraõ q̃ por quoanto avia periguo na tardança ẽ se aviarẽ digo e Se naõ aviarẽ os procuradores q̃ boaventura Maio procurador Recebese o dinheiro .S. dozẽntos cruzados q̃ bras dias campello ade entregar pella provisaõ de Sua Senhoria R.^ma q̃ atras fica, e q̃ dese pagas de como os Reçebia e quitaçaõ

I, 7 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr^co peixoto escrevj

farto / hejtor Djas / damjã dalm^da / boauentura majo

73. Quinta feira noue Dias do mes de fev.^ro De mil quinhentos e oitenta e hũ anos foraõ Juntos en camara os Snores L^do matheus fr.z farto. e fr^co teixeira Juizes ordinarios eitor dias e o L^do fr^co Soares e damiaõ dalmeida vreadores

Carta

I, 1 na dita camara asentaraõ de mandarẽ hũ Caminheiro cõ huã Carta a Sua magestade por quoanto eraõ enformados q̃ a dita carta a nda naõ era Levada e q̃ se dese ao caminheiro dous mil rs e os dias q̃ La estivese a Rezaõ de tostaõ por dia e encomendavaõ a damiaõ Dalmeida

[Fol. 57]

Vreador q̃ o buscase e lhe dese a dita Carta e o procurador do conçelho lhe dese o dinheiro o quoal lhe seria levado ẽ conta./ a quoal Carta tinhaõ Ja dada ao procurador pera Levar, a ant.° de freitas q̃ iha pera has cortes:

Cortes

I, 2 na dita camara ẽcomendaraõ a eitor dias vreador q̃ aRecadase a procuracaõ q̃ tinha gaspar glz taballiaõ geral Das notas, pera os procuradores das cortes, e q̃ o procurador do concelho lhe dese o dinheiro pera isso;

I, 3 na dita camara tomaraõ contas a bras dias Campello procurador do concelho

I, 4 na mesma camara entregaraõ dozentos cruzados ao L.^do fr.^co Soares vreador pera os goardar o quoal pera isso Saio por Sortes, fr.^co peixoto ho escrevj

fr.^co tx^ra / hejtor Djas / fr.^co Soares / Alm^da / farto

74. Sesta feira dez dias do mes de fev.ro De mil quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs fr.co teixeira

[Fol. 57v.]

Juiz ordinario, Eitor dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

Cortes

Ĩ, 1 na dita camara foj entregue ao dr Joaõ nog.s quorenta mil rs pera a despesa. de ir as cortes, a Rezaõ de setecentos rs por dia e elle os Recebeo os quoaes setecentos rs por dia lhe aõ de dar do dia q̃ desta cidade partir, ate tornar a ella e trara çertidaõ do dia ẽ q̃ as cortes se acabaraõ e sendo casso q̃ elRey noso Snõr lhe faça merçe da despesa ou parte della, tornara a esta camara todo ho q̃ tiuer Reçebido, fose do q̃ lhe foi dado desta camara como do q̃ lhe foi dado por mandado Del Rey noso Snõr, descontando a despesa e gasto de Sua pesoa cõforme ao q̃ lhe esta taxado ou se lhe taxar [*à margem:* este termo corre adiante]. e asi se lhe entregou a precuraçaõ, e carta pera Sua alteza diguo pera Sua magestade e itens e apontamentos do que deve de Requerer nas ditas cortes fr.co peixoto ho escrevj

Nog.s

[Ĩ, 2] E loguo pello dito doutor Jm.o nogeira foraõ Reçebidos os quorenta mil rs

[Fol. 58]

conteudos no termo atras os quoaes elle Reçebeo e prometeo e se obrigou a comprir en todo cõ o dito termo atras e Responder en tudo diante elles Snorẽs Regedores e por verdade asinou aquy fr.co peixoto ho escrevj

nog.s

Ĩ, 3 na dita camara Requereo o doutor Joaõ nog.s aos ditos Snorẽs q̃ lhe mandasẽ dar as proprias Cartas q̃ Sua magestade escreveo a Suas merçes e per elles foj mandado q̃ elle as viese buscar nesta camara, e lhas entregariaõ cõ se fazer termo de como as Reçebia pera as tornar fr.co peixoto escriuaõ da camara o escrevj

fr.co tx.a / hejtor Djas / fr.co Soares / Alm.da / boauentura majo

Privilégio

Ĩ, 4 e loguo no dito dia mes e ano e lugar por g.o gĩz da frg.a desporoens termo desta çidade me foj apresentado hũ priuilegio dos catiuos dgno do menposteiro dos catiuos cõ hũ despacho dos Snorẽs Regedores nelle, perq̃ mandaõ, q̃ o dito priuilegio se Registase neste liuro, o quoal segundo delle pareçia era feito per ant.o Sobrinho, e asinado ao pe, do Sinal de manoel Luis menposteiro mor dos Catiuos como do dito pre-

[Fol. 58v.]

villegio se pode ver, do quoal constava ser feito aos dezanoue dias Do mes de fev.ro de mil quinhentos e setenta e oito annos e por me ser mandado pellos ditos Snores o Registey aquy fr.co peixoto o escrevj

Privilégio

[Ĩ, 5] Aos onze dias do mes De fev.ro de mil quinhentos oitenta e hũ anos per fellipe campello m.or nesta çidade me foj apresentado hũ preuilegio de Saõ g.l de marante para pedir ẽ Saõ tiaguo Da Se desta cida[de] o quoal segundo delle parecia era De letra Redonda e ao pe asinado cõ hũ Sinal q̃ dezia ant.o cerqueira e nas costas delle hũ despacho dos Regedores desta çidade, este presente ano, ẽ o quoal me mandavaõ o Registase neste liuro, do quoal constava ser lhe conçedido, e dado por frei ant.o

dos Santos vig.ro de Saõ g.e aos quatorze dias Do mes de Jan.ro Do dito anõ e por me ser mandado pellos ditos Snorẽs Regedores o Registey aqui, fr.co peixoto ho escrevj

75. Sabodo onze dias do mes de fev.ro De mil quinhentos e oitenta e hũ anos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L.do fr.co Soares d'go o L.do matheus friz farto e fr.co teixeira Juizes ordinarios eitor dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do C.o

[Fol. 59]

Casas aos de fora

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ q̃ se Lancase pregaõ nesta çidade pellos lugares acustumados q̃ nehuã pesoa della de quoalquer calidade q̃ fose e asi do termo naõ alugasẽ Casas a pesoa nehuã de fora sẽ Licença dos Juizes e vreadores sob pena de dez cruzados, e hũ ano de degredo pera afriqua. e de serẽ presas. E a pena fose ametade pera o Conçelho e ametade pera os acusase (sic).

Saúde

ĩ, 2 acordaraõ por quoanto avia periguo ẽ se descuidarẽ. na goarda da cidade os guardas mores q̃ avia da saude aviaõ por goarda mor Juntamente cõ ant.o Sobrinho e di.o de paiua a damiaõ dalmeida vreador e escusavaõ a pero freire. E a ant.o alures barroso por serẽ ocupados ẽ Seus offiçios E loguo deraõ Juramento ao dito damiaõ dalmeida q̃ bẽ o verdadeiramente servise o dito cargo e q̃ elle prometeo, e asinou aqui fr.co peixoto ho escrevj

Almda

Cortes

ĩ, 3 na dita camara por se escusar diguo por naõ querer Ir as cortes d.o De barros por ser eleito por procurador fizeraõ autos e noteficaçoens cõ penas Segundo consta de autos q̃ em poder De min escrivaõ estaõ e fizeraõ huã precuraçaõ ao doutor Joaõ nogeira Jn solidum e escreveraõ huã carta pera Sua magestade a quoal ẽcomendaraõ a damiaõ dalmeida vreador q̃ a mandase a Sua magestade cõ o treslado dos ditos autos

[Fol. 59v.]

[ĩ, 4] na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peyxoto ho escrevj.

farto / fr.co tx.ro / hejtor Diz / damiaõ alm.da / fr.co Soares / boauentura majo

76. Segunda feira treze dias do mes de fev.ro de mil quinnẽtos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L.do matheus friz farto fr.co teixeira Juizes ordinarios Eitor dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores

Cortes

ĩ, 1 na dita camara foj entregue a diogo De barros quorenta mil rs pera as Despesas de Ir as Cortes a Rezaõ de setecentos rs por dia os quoaes lhe aõ de dar do dia ẽ q̃ partir pera as ditas cortes por diante ate tornar a esta çidade, e sera obrigado a trazer certidaõ do dia ẽ que as Cortes Se acabaraõ e Sendo caso q̃ el Rey noso Snõr lhe faça

[Fol. 60]

merce Da despesa ou parte delle tornara a esta camara tudo ho q̃ tiuer Recebido, asi do que lhe foi dado desta Camara como do que lhe for dado por

mandado del Rey noso Snõr descontando a despesa e gasto de Sua pesoa cõforme ao que lhe esta taxado ou se lhe taxar, e loguo pello dito dioguo De barros foraõ Reçebidos os ditos quorenta mil rs atras conteudos os quoaes elle recebeo e prometeo e Se obrigou a comprir en todo diante elles Snores Regedores e por verdade asinou aquj fr.co peixoto ho escrevj

d.o de baros

Cartas

ĩ, 2 na dita Camara entregaraõ a dioguo de barros e ao doutor Joaõ nog.ra as proprias Cartas de sua magestade atras Registadas e apontamentos q̃ esta camara lhes deu pera as cortes e a procuracaõ e duas petiçoens ẽ nome do Snõr arcebpõ e delles Snorẽs Regedores e huã Carta pera Sua magestade e todo

[Fol. 60v.]

Receberaõ e asinaraõ aqj

d.o de baros / o D.tor Joaõ nogejra

ĩ, 3 na dita camara despacharaõ peticoens fr.co peixoto ho escrevj

ĩ, 4 e mandaraõ q̃ se dese dinheiro diguo q̃ naõ ouve efeito este dinheiro q̃ diguo nestas duas Regras fr.co px.to o escrevj

farto / fr.co tx.ra / Almda / fr.co Soares / hejtor diz / boauentura majo

77. Quarta feira quinze dias do mes de fevr.o De mil quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos em camara os Snorẽs L.do matheus friz farto, fr.co teixeira Juizes ordinarios Eitor Dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores

[Fol. 61]

Juramento

ĩ, 1 na dita camara deraõ Juramento a aluoro gìz cadrilheiro da freg.a de Saõ migel de goaltar sob carreguo do quoal elle prometeo Servir o dito carguo bẽ e verdadeiramente o q̃ elle prometeo e asinou aquj fr.co peixoto ho escrevj

de al † uoro glz

Peste

ĩ, 2 na dita camara acordaraõ de mandarẽ hũ homẽ a barçellos cõ huã carta e outro a guimaraẽs cõ outra e mandaraõ ao procurador pagase aos ditos Caminheiros e q̃ lhe sela Levado en conta

Sisa

ĩ, 3 na dita camara acordaraõ de fazer Recebedor da ciza das erdades a mateus alures ceryeiro mor na praça do paõ por quoanto Joaõ ferreira Sirgeiro q̃ stava eleito, naõ deu fianças como lhe foj mandado e outrosi he ausente desta çidade e se foj Sẽ licença desta Camara e loguo pareçeo matheus alures asima dito ao quoal deraõ Juramento dos Santos evangelhos Sob carrego do quoal lhe encarregaraõ Recebese a dita ciza, e q̃ dese fiança abonada ate primeira camara o q̃ elle prometeo, E asinou aquj

matheus aluz

Surradores

ĩ, 4 na dita camara elegeraõ por Juizes do oofiçio de curadores a fr.co friz m.or na porta limpa da banda de dentro e fr.co glz m.or a dita porta da banda de fora /

Sabão, mel

ĩ, 5 na dita camara pareceo ant.o diz capatr.o mor a porta noua da banda de dentro e dise q̃ elle pedia alguas merçes q̃ lhe desẽ L.ca pera vender Sabaõ e mel nesta çidade

[Fol. 61v.]

e per elles foj dito q̃ elle os tinha atentados de Sospeitos q̃ lhe naõ podiaõ Deferir sẽ elle consentyr ẽ elles asi pera a L.ca q̃ pede como pera as penas q̃ pellos ditos casos mereçer e por elle foj dito q̃ elle concentia ẽ tudo nelles e

cada hũ deles e asi ẽ os almotaceis e por verdade asinou aquj. fr.co peixoto ho escrevj diguo q̃ dise q̃ nos ditos Snorẽs Regedores cõçentia e a cada hũ ẽ especial e naõ nos almotaceis e asinou aquj frco peyxoto o escrevj

Antonio Dias

Chaves das portas

I, 6 na dita camara acordaraõ de mandar fazer chaves pera as portas desta çidade, e mandaraõ a boaventura maio procurador, pagase as ditas chaves, e lhe levariaõ ẽ conta todo o que nellas gastase :/

I, 7 na dita camara acordaraõ mais q̃ as portas da çidade se fechasẽ .S. a porta limpa se fase (sic) de pedra e o postiguo do Campo da vinha cõ chave e a de Saõ Jm.o cõ chave e a de meiximinhos cõ chave, e as demais se fechasẽ

[Fol. 62]

De noute e se goardasẽ de dia cõ cidadaos, Saluo a de Santioguo cõ goarda e por ella naõ entre nehuã pesoa de fora Desta çidade., e q̃ os çidadaos hũ goardara a porta do couto, outro as conegas outro a cruz de pedra ./

I, 8 na dita Camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens frco peixoto o escrevj.

farto / frco txra / hejtor djz / fr.co Soares / damjã Dalmda / boauentura majo

Privilégio

[I, 9] Aos dezasete dias do mes de fevro de mil quinhentos oitenta e hũ annos per Ant.o glz Cutileiro mor nesta cidade de Bragua me foj apresentado hũ previlegio do Santysimo Sacramento da Eucaristia desta çidade pera elle poder pedir na ermida de Saõ L.co anexa de Saõ Martinho. do termo desta mesma o quoal Segundo delle pareçia era escrito e Da letra de giraldo de bryto escrivaõ Da dita confraria e asinado ao pe de Sinaes. q̃ deziaõ g.do aranha

[Fol. 62v.]

Fernaõ Preira giraldo de brito e nas costas delle hũ despacho dos Regedores deste presente ano, per q̃ mandavaõ a min escrivaõ o Registase neste Livro, do quoal constava ser lhe concedido e dado. Aos Seis de Jan.ro de mil quinhẽtos Setenta e noue annos E por me ser mandado pellos Snorẽs Regedores o Registey aquy fr.co peyxoto escrivaõ Da camara ho escrevj

Privilégio

[I, 10] aos dezoito dias do mes de fevr. de mil quinhentos oitenta e hũ annos per dioguo a.o da frga de Santo andre de gondizalues termo desta çidade de bragua me foj apresentado hũ privilegio da confraria do Santisimo Sacramento da Eucaristia pera elle poder pedyr na dita igreJa de Santo andre de gondisalues o quoal segundo delle parecia era sobrescrito per bernardo de castilho escrivaõ da dita Confraria e asinado ao pe de Sinaes q̃ Deziaõ — Correa./ pero freire e nas costas delle hũ despacho dos Regedores deste presente ano per q̃ mandavaõ a min escrivaõ o Registase neste liuro do quoal constava

[Fol. 63]

lhe ser concedido e dado aos vinte dias do mes dagosto de mil quinhẽtos oitenta annos E por me ser mandado pellos Snorẽs Regedores o Registey aquy fr.co peixoto escrivaõ da camara o escrevj : //

78. Sabodo Dezoito dias do mes de fev.ro de mil quinhẽtos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.do matheus friz farto Juiz ordinario heitor dias e o L.do fr.co Soares, e damiaõ dalmeida vreadores, e boaventura maio procuradores :/

Surradores

ĩ, 1 na dita camara deraõ Juram.to dos Santos evangelhos a fr.co friz e a fr.co glz SuRadores moradores nesta cidade a porta limpa os quoaes foraõ eleitos de servir de Juizes do dito officio, e elles pello dito Juramento diseraõ fariaõ e Serviriaõ o dito oficio bẽ e verdadeiramente: e asinaraõ aqui fr.co peixoto escrivaõ da camara o escrevj

fr.co glz / de fr.co † friz

ĩ, 2 na dita camara acordaraõ q̃ todos elles Regedores pudesẽ Receber, e dar

[Fol. 63v.]

Pardais

asinados dos pardaes q̃ os moradores do termo desto çidade saõ obrigados a trazer ẽ cada hũ ano /: e aviaõ por boõs os ditos asinados, q̃ Ja se teuesẽ per elles dados deste presente ano:

Praça do peixe

ĩ, 3 na dita camara Acordaraõ q̃ Se fizese a praça do peixe .S. o alpendre por quoanto Era necesario pera ho uso da Republica e cometeraõ a fr.co teixeira Juiz e a boaventura maio procurador, q̃ a fizese a custa da dita camara como lhes pareçese

ĩ, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens e feitos fr.co peyxoto o escrevj

farto / fr.co tx.a / fr.co Soares / hejtor Djz / boauentura majo / alm.da

79. Quoarta feira vinte e dous dias do mes de fev.ro de mil quinhẽtos ojtenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs Eitor dias e o L.do fr.co Soares e por não virẽ os mais Se naõ fez Camara. fr.co peyxoto o escrevj e declaro que sobre

[Fol. 64]

veo o L.do matheus friz farto. e boaventura maio procurador

Guarda da Cidade

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ q̃ os Juizes e vreadores, naõ goardasẽ a cidade as portas pello trabalho q̃ tinhaõ en seus carguos

Azeite

ĩ, 2 na dita camara puseraõ o azeite a vinte e dous rs o quoartilho, por constar q̃ vallia a noue centos e vinte rs e isto pella ẽformacaõ q̃ tomaraõ e enquanto naõ mandarẽ o contrairo :/

ĩ, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto o escrevj

farto / fr.co tx.a / fr.co Soares / hejtor Djz / boauentura majo

Privilégio

[ĩ, 4] aos vinte e dous dias do mes de fev.ro de mil quinhentos oitenta e hũ annos per manoel nouaes tratante m.or nesta cydade na Rua noua me foj apresentado hũ previllegio da Santisima trindade pera elle pedir na ermida de saõ come(sic) e demiaõ o quoal segundo delle pareçia era de letra Redonda e asinado ao pe de hũ Sinal q̃ de

[Fol. 64v.]

zia nobriga atras e junto a elle diguo nas costas delle hũ despacho dos Regedores deste presente, por q̃ me mandavã o Registase neste llyuro, o quoal Se-

gundo delle parecia foj feito digo conçedido per manoel lopez da fonsequa mempostr.ª mor da Santisima trindade aos vinte dias do mes de fev.r.º de mil quinhentos oitenta e hũ annos fr.ᶜº peixoto o escrevj

80. Sabodo vinte e sinquo dias do mes de fev.r.º de mil quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snores L.ᵈº matheus friz farto Juiz heitor dias e o L.ᵈº frᶜº Soares vreadores e boaventura maio procurador

Contas
I, 1 na dita camara acordaraõ q̃ se noteficase pera q̃ viese a primeira camara a dar conta do dinheiro q̃ lhe foj entrege a aluovo folgeira

Peixe
I, 2 na dita camara acordaraõ q̃ se ap[r]egoase q̃ nehuã pesoa de quoalquer callidade q̃ fose vendese peixe ẽ sua casa e q̃ o vendese na praça publiqua sob pena de dez cruzados

Almotacé
I, 3 na dita camara acordaraõ q̃ naõ avẽdo de vir pera servir de almotaçe Ruj leite vreador do ano pasado q̃ Sirua pero Carvalho. E cometẽ ao L.ᵈº farto Juiz q̃ lhe de Juramento

[Fol. 65]

I, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens e feitos fr.ᶜº peixoto o escrevj

farto / heitor djz / fr.ᶜº Soares / boauentura majo

81. quoarta feira o pr.º dia do mes de Março de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara oSnorẽs frᶜº teixeira o escrevj digo Juiz ordinario heitor dias Damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador e Sobreveo matheus friz farto Juiz

Quadrilheiro
I, 1 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a ant.º piz de cepetellos da frg.ª de Sam vitouro o quoal foj eleito pera cadrilheiro, e prometeo servir o dito officio bẽ e verdadeiramente e asinou aquj fr.ᶜº peixoto o escrevj

de antº † piz

Peixe e Reales
I, 2 na dita camara pareçeo martin enes pregoeiro e deu fe q̃ pregoara pellos lugares acustumados q̃ nhuã pesoa vendese peixe fora da praça sob pena de dez cruzados E outrosy q̃ corresẽ os Reales Castanhos a corenta rs e por verdade asinou aquy

de mar † tim enes

[Fol. 65v.]

I, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.ᶜº peyxoto o escrevj

farto / frᶜº txr.º / hejtor diz / damjã dalmᵈª / boauentura majo

82. Sabodo quoatro dias do mes de março de mil quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.ᵈº Matheus friz farto Juiz ordinario e heitor dias Damiaõ dalmeida vreaadores e boaventura majo procurador do c.º e Sobreveo fr.ᶜº teixeira Juiz e o Lᵈº frᶜº Soares vreadores

Carne
I, 1 na dita camara se obrigou nicolao glz a cortar nos asouges desta çidade cada Somana duas cabeças de gado vacum. e pedio aos ditos Snorẽs lhe mandasẽ passar Sua carta de vezinho

a quoal lhe mandaraõ pasar e asinou aqui

de nicola † o glz

Obrigacoens

I, 2 na dita camara se obrigou fr.co miz cortar cada Somana aos asouges desta cidade

[Fol. 66]

Duas cabeças de gado vacũ e o de duoçentas cabeças de cabrũ E pedio lhe mandasẽ pasar Sua carta de vizinhança e por verdade asinou aquj fr.co peixoto o escrevj

de fr.co † miz

I, 3 na dita Camara pedio g.o gil aos ditos Snorẽs lhe mandasẽ pasar huã carta de vizinhança pera trazer quorenta cabeças de gado vacum, e cento de cabrum, e lha mandaraõ pasar :/

I, 4 na dita camara se obrigou ant.o de ponte carn.çeiro a cortar cada Somana tres cabeças de gado cabrũ e pedio aos ditos Snorẽs lhe mandasẽ pasar carta de vezinhança o q̃ mandaraõ a min escrivaõ lha pasase e por verdade asinou aquy.

de ant.o † de ponte

I, 5 na dita camara se obrigou g.o enes se obrigou a cortar cada somana duas cabeças de gado vacum, e cabrũ cada ano cem cabeças e por verdade asinou aquj e pedio aos ditos Snorẽs lhe mandase pasar Sua carta de vezinhança a qual mandaraõ lhe pasase

g.o † aenes

I, 6 na dita camara se obrigou Simaõ glz A cortar cada somana tres cabeças de cada ca

[Fol. 66v.]

brum. E por verdade asinou aquj

de Simão † glz

Recebedor

I, 7 na dita camara elegeraõ por Reçebedor do geral do termo a gaspar alues saleiro porquoanto ant.o friz q̃ estava eleito era fora da teRa o quoal mandaraõ noteficar por g.o friz porteiro: q̃ Recebese a dita ciza e geral

Vedoria

I, 8 na dita camara Sairaõ por vedores pera huã vedoria q̃ se conçedeo a margarida lopez de villa de conde fr.co teixeira Juiz e damiaõ dalmeida vreador

I, 9 na dita camara ouviraõ partes e despacharaaõ peticoens fr.co peixoto o escrevj

farto / alm.do / fr.co tx.ra / boauentura majo / heitor Djas / fr.co Soares

Privilégio

[I, 10] aos Sete dias do mes de março de mil e quinhentos oitenta e hũ annos per bastião alures alfaite da freguesia de Saõ Viçente

[Fol. 67]

me foy apresentado hũ preuilegio da SantiSima trindade pera elle pidir na dita freguesia ho quoal segundo delle pareçia hera de letra Redonda e asinado ao pe de hũ Sinal q̃ dezia nobriga ...?... e nas costas dele hũ despacho dos Snorẽs Regedores deste presente ano por que me mdavaõ o Registase neste liuro feito aos quoatro dias do mes de março de mil quinhentos oitenta e hũ annos fr.co peixoto escrivaõ da Camara o escrevj.

Privilégio

[I, 11] e logo no dito dia mes e ano per Jose glz Lavrador e morador na freiguesia de Saõ martinho de Dume me foj apresẽtado hũ previllegio do Santisimo Sacramento da eucaristia desta çidade pera elle poder pedir na dita freiguesia o quoal segundo delle pareçia era Sobrescrito per bernardo de Castilho escrivaõ da dita confraria e asinado ao pe de Sinaes q̃ deziaõ Correa pero freire e nas costas delle hũ despacho dos Regedores deste presente por q̃ mandauaõ a min escrivaõ o Registase neste liuro

do quoal constava ser lhe conçedido e dado aos Seis dias do mes de fevereiro de mil quinhentos oitenta e hũ annos.

E por me ser mandado pellos Snorẽs Regedores a Registey aquj fr.ᶜᵒ peixoto ho escrevj

83. Quoarta feira oito dias do mes de março de mil e quinhentos oytenta e hũ annos foraõ Juntos en camara

[Fol. 67v.]

Os Snorẽs frᶜᵒ teixeira Juiz. heitor dias o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares e boaventura, diguo damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

Penas

Ĩ, 1 na dita camara pareçeo antº pires Carniceiro da ponte do porto. ao quoal os ditos Snorẽs ouveraõ por noteficado q̃ naõ cortase sob pena de vinte cruzados da cade[a] e de dous anos de degredo pera africa Saluo pagando a emposisaõ q̃ pello Snõr arçebpõ lhes esta concedida /

Almotacé

Ĩ, 2 na dita camara deraõ por almotaçe a antº dias çapateiro da porta noua, a heitor dias vreador por todo este mes de março porquoanto lhe era sospeito Rui leite almotaçe

Porta Nova

Ĩ, 3 na dita camara [*entrelinha:* acordaraõ] q̃ a chave da porta nova estiuese ẽ poder de antº dias capateiro como ate agora esteve ao quoal mandaraõ q̃ tiuese no abrir e fechar da dita porta mᵗᵉ Recado e vigilancia e q̃ cumpra o q̃ lhe mandarẽ os goardas mores acerca do abrir e fechar da dita porta e desobedeçendolhe alguã pesoa fara seu auto diguo vira fazer auto a esta camara. E Jurou q̃ asi o crompriria e que a dita chave ẽtregaria a esta camara ou a quẽ lhe fose por suas merçes lhe fose mandado. diz a entrelinha na primeira regra acordaraõ e asinou aquj frᶜᵒ peixoto e escrevj

Antonio dias

[Fol. 68]

Penas

Ĩ, 4 na dita camara pareçeo antº pires Carniçeiro de lomar. e saluador friz e Marcos glz todos Carniceiros aos quoaes ouveraõ por noteficados q̃ sob pena de cinquoenta cruzados e de dois anos de degredo pera africa naõ cortasẽ carne Saluo nos Asouges publicos desta çidade de braga

Desvio

Ĩ, 5 na dita camara apareçeo antº cequeira ao quoal noteficaraõ q̃ tornase a madeira e pregos q̃ tomara da praça do peixe e elle dise q̃ elle tornaria sete paos q̃ della levou e quinhentos pregos, e te nos mais q̃ entregaria logo a quẽ lhe mandasẽ /:

Obra da Praça do peixe

Ĩ, 6 na dita camara deraõ ha obra do enmadeyramento da praça do peixe desta cidade o Jmº glz Carpinteiro morador nella por preço de doze mil rs pagos as terças da obra con tal declaraçaõ q̃ elle Jmº glz ade por toda a madeyra tirando as tres traves q̃ estaõ a porta Limpa q̃ esa lhe da esta camara e os paos q̃ estaõ no gragilleo (?) ẽ en casa de Antº dias Somente e elle se obrigou tanto q̃ a obra de pedraria fose feita q̃ elle ẽ termo de vinte dias Se obrigava a dar feita e acabada da manᵉˢ seguinte .S. cõ dous tyrantes e quoatros cadrados seus cachorros forados de taboado. Suas tabicas de fora e de dentro e asnas q̃ naõ caiba mais de hũ palmo e dous dedos en bazio entre huã e outra

[Fol. 68v.]

as quoaes asnas seraõ de altura de hũ couto dalto ou aquillo q̃ pareçer bẽ ao

Juiz fr.co teixeira e a Ripagẽ sera linheira de groçidaõ do dedo mendinho delle Juiz fr.co teixeira e que antre Ripa e Ripa naõ Caberia mais q̃ tres dedos delle fr.co teixeira e as asnas e forros e larozes naõ teraõ falha nehuã ao menos pella banda de baixo de modo q̃ o dito Juiz fr.co teixeira seja contente da obra e que pera esta obra elles Snorẽs Regedores lhe dariaõ toda a pregadura pera a dita obra declarando mais q̃ se obrigava na dita obra por monecas ẽ todas as colunas, e elle Jm.o glz. q̃ presente estava asj açeitou e se obrigou por Sua pesoa e bens a fazer a dita obra da man.ra sobredita sob pena q̃ se a naõ fizese pudesẽ elles Snorẽs mandar fazer A sua custa a dita obra e tomarẽ ofeciaes ainda q̃ desẽ hũ cruzado [*entrelinha:* por dia] a cada hũ e tpera a eixecuçaõ do dito pagamento cometeraõ a fr.co teixeira Juiz e a boavẽtura maio procurador q̃ lhe pagẽ e façaõ pagar a custa da dita camara e asi o aceitaraõ elles Snorẽs e o dito Jm.o glz. fr.co peixoto o escrevy e declararaõ q̃ dos paos q̃ lhe davaõ q̃ estavaõ ẽ casa de ant.o dias avia elle Jm.o glz de dar os neçesarios pera

[Fol. 69]

os asouges e asinou aquy Jm.o glz fr.co peixoto o escrevj cõ a entrelinha q̃ diz por dia

Jm.o glz

Quadrilheiro

Ĩ, 7 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a giraldo friz alfaite do campo de Santana q̃ estava eleito pera cadrilheiro. Sob carrego do quoal lhe encaRegaraõ Seruise o dito cargo bẽ e verdadeiramente e asinou aquj

de *g.do* † *friz*

Sisa

Ĩ, 8 na dita camara deu fe g.o friz porteiro desta Camara q̃ noteficara a gaspar alures Saleiro m.or no campo de Santa ana q̃ Reçebese o Ramo da ciza do termo desta çidade e por verdade asinou aquj

de g.o † friz

Ĩ, 9 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto escrevj

Alm.da / fr.co tx.ra / heytor Djz / fr.co Soares / boauentura majo

[Fol. 69v.] **84.** Sabodo onze dias do mes de março de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos. foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs fr.co teixeira Juiz heitor dias vreador e boaventura maio procurador e por naõ aver mais offeçiaes naõ fizeraõ camara fr.co peixoto o escrevj

fr.co tx.ra / eytor Djas / boaventura majo

85. Quoarta feira quinze dias do mes de março de mil quinhentos oytenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.do matheus friz farto Juiz heitor dias e o L.do fr.co Soares vreadores e sobreveo fr.co teixeira Juiz e boaventura maio procurador

Quadrilheiro

Ĩ, 1 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a Jm.o piz feReiro m.or na Rua de Saõ migel o anjo. q̃ foj eleito pera cadrilheiro da dita cadrilha e ele prometeo Servir o dito cargo bẽ e verdadeiramente e asinou aquy

de Jm.o † piz

Quadrilheiro

Ī, 2 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a g.^do^ glz da frg^a^ darcos. Cadrilheyro sob carrego do quoal prometeo servir o dito Cargo bẽ e ver-

[Fol. 70]

dadeiramente e asinou aquj

de g.^do^ † glz

Quadrilheiro

Ī, 3 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a Bras Antunes alfaite q̃ foj elleito pera cadrilheiro sob carrego do quoal prometeo Servir o dito Cargo e asinou aquj

a bras † antunes

Ī, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ feitos e petiçoens fr.^co^ peixoto o escrevj

farto / fr^co^ tx^re^ / hejtor Djas / fr^co^ Soares / boaventura majo

86. Sabodo dezoito dias do mes de março de mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.^do^ matheus friz farto Juiz ordinario heitor dias e o L.^do^ fr^co^ Soares vreadores e boaventura maio procurador do conçelho :/ e se foj o L.^do^ farto e Sobreveo o Juiz fr.^co^ teixeira

Folgueira

Ī, 1 na dita camara mandaraõ o g^o^ friz portr^o^ q̃ noteficase a aluoro folgeira viese a esta Camara. a primeira quinta feira despois da pascoa e a dita noteficaçaõ fizese

[Fol. 70v.]

Sob a pena de Sospensaõ de Seu offiçio por tres mezes

Ī, 2 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens fr.^co^ peixoto o escrevj

Peixe para a Câmara

Ī, 3 loguo na dita camara mandaraõ pasar hũ aluara a gonçallo friz porteiro da Camara pera q̃ os almocreves e pescadeiras desta çidade e Seu termo darẽ o peixe necesario pera a camara sob pena de mil rs e de trinta dias de cadea

Ī, 4 declaro q̃ na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoẽns fr.^co^ peixoto o escrevj

fr^co^ tx^re^ / fr^co^ Soares / hejtor Djas / boauentura majo

87. Quoarta feira vinte e dous dias do mes de março de mil e quinhentos ojtenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs L^do^ matheus friz farto e fr.^co^ teixeira Juizes ordinarios heitor dias e o L.^do^ fr.^co^ Soares vreadores

[Fol. 71]

Tabelião

Ī, 1 na dita camara pareçeo gaspar campello tabaliaõ e dise aos ditos Snorẽs Regedores lhe mandasẽ Registar huã provisaõ do Snõr arçebpõ q̃ ora tinha por onde servir o dito ofiçio e v.^to^ por os ditos Snorẽs mandaraõ a min escrivaõ a Registase e tresladase neste liuro /:

Paga

Ī, 2 na dita camara mandaraõ ao procurador pagase a hũ homẽ q̃ foj a eluas cõ huã Carta a Sua magestade cento e cinquoenta rs alẽ dos q̃ Ja lhe tinha dado:/

Fonte

Ī, 3 na dita camara mandaraõ a min escrivaõ q̃ pasase mandado. pera todos os moradores da Rua dos chaõs Campo da vinha e os mais q̃ no mandado foraõ declarados pera serẽ penhorados pellas penas nelle conteudas e cometeraõ a eitor dias vreador a eixecuçaõ e q̃ faça fazer e alimpar a fonte da corcorda (sic)

Baluarte

I, 4 na dita camara mandaraõ diguo acordaraõ q̃ o baluarte q̃ esta fora da porta noua se desfizese e se noteficase aos vezinhos q̃ o desfizesẽ a sua custa querendo elles e aJuntaraõ a pedra onde lhes mandar fr.ᶜᵒ teixeira Juiz

Torre

I, 5 na dita camara acordaraõ q̃ gᵉ friz noteficase a Jmᵉ a.ᵉ tendeiro q̃ amostrase ha

[Fol. **71v.**]

Provisaõ da Licença q̃ tinha pera poder travesar e Sobradar e Romper a torre q̃ esta nas costas da casa onde pousa ate a prim.ʳᵃ Camara Sob pena de se lhe mandar deRibar toda a obra q̃ tiuer nella feita

I, 6 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens fr.ᶜᵒ peixoto o escrevj

farto / frᶜᵒ txʳᵃ / Almᵈᵃ / hejtor Djas / fr.ᶜᵒ Soares

88. Quinta feira trinta dias do mes de março de mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ Camara os Snorẽs Lᵈᵒ matheus friz farto e fr.ᶜᵒ teixeira Juizes heitor dias o Lᵈᵒ fr.ᶜᵒ Soares e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

Almotacés

I, 1 na dita camara acordaraõ de fazerẽ almotaceis pera Servirẽ os nove meses deste ano presente pera o q̃ logo to

[Fol. **72**]

maraõ Juramento dos Santos evangelhos ẽ q̃ puseraõ a maõ digo suas maõs conforme a ordenaçaõ e logo elegeraõ dezoito homens q̃ mais auptos e Suficientes lhes pareçeraõ pera o dito carrego e os puseraõ ẽ huã pauta a quoal cerraraõ e asellaraõ e meteraõ no cofre e asi os lotaraõ de dous ẽ dous e os meteraõ ẽ cada hũ Seu pellouro de cera e os meteraõ na bolça pera dali os tirarẽ cada mes. E feitos asi os ditos almotaceis logo per elles Regedores foi mandado buscar as chaves do almareo onde esta o dito cofre e dentro meteraõ os bolos dos ditos almotaçeis na bolça :/ e logo ẽtregaraõ a chave ido almareo a eitor dias vreador e asinou aquj

hejtor Diaz

Almotacés

I, 2 na dita camara tiraraõ hũ dos pellouros dos almotaçeis e Sairaõ por almotaces pera Servirẽ o mes de abril fr.ᶜᵒ Jacome e frᶜᵒ dalmeida os quoaes logo mandaraõ chamar e veo frᶜᵒ Jacome ao quoal deraõ Juramento dos Santos evangelhos q̃ bẽ e verdadeiramente servise o dito cargo o q̃ elle prometeo e asinou aquj frᶜᵒ peixoto o escrevj

hejtor djas / frᶜᵒ Jacome / Almᵈᵃ / farto / frᶜᵒ Soares / frᶜᵒ txʳᵃ

[Fol. **72v.**] **89.** Sabodo o prim.ʳᵒ dia do mes de Abril dem il e quinhentos ojtenta e hũ annos foraõ juntos ẽ Camara os Snorẽs fr.ᶜᵒ teixeira Juiz heitor dias e damiaõ dalmeida vreadores

Cadrilheiro

I, 1 na dita camara deraõ Juramento dos Santos evangelhos a d.ᵒˢ mendez cutileiro q̃ foj eleito pera cadrilheiro de huã das partes da Rua dos chaos dos penedos pera sima sob carrego do quoal prometeo servir o dito Cargo bẽ e verdadeiramente e asinou aquj

de d.ᵒˢ † mendez

Muralhas

Ī, 2 na dita camara pareceo Joaõ a.° tendeiro da prata. ao quoal lderaõ Juramento dos Santos evangelhos sob carrego do quoal lhe encaregaraõ e mandaraõ q̃ sob pena de cinquoenta cruzados ametade pera os catiuos. e ametade pera o concelho e de dous anos de degredo pera africa q̃ nẽ por si nẽ por outro de liçença nẽ deixe hentrar de Sua casa pera dentro da cidade nẽ de dentro pera fora, o q̃ elle prometeo e asinou aquj

Ja † m a°

[Fol. **73**]

Ī, 3 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto o escrevj

fr.co tx^ra hejtor Djas / Alm^do

90. Quoarta feira cinquo dias do mes de Abril de mil e quinhentos oitẽta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L^do matheus friz farto e fr.co teixeira Juizes heitor dias e fr.co Soares vreadores e boaventura maio procurador e Sobreveo damiaõ dalmeida vreador

Fonte

Ī, 1 na dita camara acordaraõ q̃ porquoanto foraõ noteficados per g.° friz porteiro da camara os posuidores dos enxidos donde corre aguoa da fonte da corcoda q̃ alimpasẽ os canos por onde a aguoa corre segundo Seus prazos os obrigaõ e por serẽ Rebeis q̃ pasase eu escrivaõ mandado pera Joaõ fr.co cadrilheiro da Rua de Saõ marquos fizese alimpar o dito cano a custa dos mesmos posuidores e dos moradores quoanto ao de fora da dita fonte se cõtiuer e deu fe martĩ enes q̃ preguoara q̃ todos os q̃ se servisẽ da dita fonte a limpasẽ sob pena de dozentos rs e asynou aquj

de mar † tĩ enes

Bandeiras

Ī, 2 na dita camara mandaraõ a min escrivaõ q̃ fose noteficar a todos os capitaes

[Fol. **73**v.]

desta çidade q̃ Levasẽ a camara as bandeiras e tambores pera se porẽ ẽ guoarda ate aja prouimento digo pera se porẽ ẽ goarda :/

Fato do Concelho

Ī, 3 na dita camara Requereo digo acordaraõ q̃ se noteficase a bras dias campello q̃ amenhã viese dar cõtas de todo o fato do conçelho e peças pera se entregarẽ ao procurador deste ano por enventairo. e mãdaraõ a g.° friz q̃ lho [no]teficase cõ pena de vinte cruzados, ametade pera o concelho ametade pera quẽ o acusar e asy o Requereo boaventura maio procurador do conçelho e cometeraõ a heitor dias e a damiaõ dalmeida e a boaventura q̃ as fizesẽ e tomasẽ

Aferidor

Ī, 4 acordaraõ q̃ se noteficase ao aferidor q̃ trouxese amenha as oito oras o pezo e marcos q̃ tever ẽ seu poder desta camara

Ī, 5 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr.co peixoto o escrevj

farto / fr.co Tx^ra / Hejtor Djas / fr.co Soares / boauentura majo / Alm.do

[Fol. 74] 91. Quinta feira seis dias do mes dabril De mil e quinhẽtos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.^do^ matheus friz farto e fr.^co^ teixeira Juizes heitor dias e damiaõ dalmeida vreadores

Almotacés

ĩ, 1 na dita camara elegeraõ pera servir de almotaçes este mes de abril ao L.^do^ Ant.^o^ de faria porquoanto fr.^co^ dalmeida q̃ saio o dito mes por almotaçe esta ẽpedido e o naõ pode servir pesoalmente e por naõ ficar a cidade sẽ almoteçes elegeraõ ao dito ant.^o^ de faria pera Servir juntamente cõ fr.^co^ Jacome outro almotaçe. e cometeraõ ao L.^do^ matheus friz farto Juiz q̃ lhe dese Juramento e asinaraõ aquj fr.^co^ peixoto ho escrevj

farto / fr.^co^ tx.^ra^ / hejtor Dias / Alm.^da^.

[ĩ, 2] e loguo pello L.^do^ matheus friz farto Juiz foj dado juramento dos Santos evangelhos ao L.^do^ ant.^o^ de faria q̃ foj eleito por almotaçe

[Fol. 74v.]

Sob carrego do quoal elle prometeo Servir o dito cargo bẽ e verdadeiramente goardando ẽ tudo a forma da ordenacaõ e as vreaçoens da dita cidade e asinou aquj fr.^co^ peixoto o escrevj

Ant.^o^ de faria / farto

92. Sabodo oito dias do mes de abril de mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.^do^ matheus friz farto Juiz he'tor dias e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador :/

Cofres

ĩ, 1 na dita dita camara mandaraõ q̃ porquoanto manuel Luis e o doutor fernaõ correa eraõ obrigados a vir tomar as chaves do cofre dos almotaçeis, q̃ eu escrivaõ lhes noteficase pera a primeira camara as viesẽ a esta camara a prim.^ra^ q̃ se fizese pera lhe serẽ ẽtregues e ao q̃ for Revel cõ pena de cinquoenta cruzados lho noteficasẽ

[ĩ, 2] na dita camara ouviraõ partes fr.^co^ peyxoto e escrevj

farto / damiaõ dalm.^da^ / heitor Dias / boauentura majo

[Fol. 75] 93. Quoa[r]ta feira doze dias do mes dabril de mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ juntos ẽ camara os Snorẽs L.^do^ matheus friz farto e fr.^co^ teixeira Juizes heitor dias e damião dalmeida vreadores e boaventura maio procurador. e Sobreveo o L.^do^ fr.^co^ Soares vreador :/

Fonte

ĩ, 1 na dita camara mandaraõ a boaventura maio procurador q̃ pagase a Joaõ fr.^co^ quinhentos e quorenta rs q̃ se gastaraõ ẽ Jornaes de alimparẽ o cano da fonte da carcada /

Obras da Praça do peixe

ĩ, 2 na dita camara deraõ a obra da pedraria segundo a forma e traça q̃ tẽ [*cortado:* e lhe deo] fr.^co^ teixeira Juiz. da praça do peixe desta cidade a d.^o^ Vaz pedreiro m.^or^ ẽ cequeira termo de barcellos e vinte e dous mil rs a quoal obra ade ser asi e da man.^ra^ q̃ fiquou asentado cõ fr.^co^ teixeira Juiz e boaventura maio procurador .S. fazer a dita pra[ça] cõ quatro cunhaes. por a banda de dentro Redondos q̃ tenha cada cunhal duas façes e cada huã de quoatro palmos cõ Seus travateis e sob trabateis louçaõs cõ Seus Rotollos e cõ Seis colunas Redondas cõ Suas vazas e capiteis cõforme a

traça q̃ tẽ fr.co teixeira Juiz e cõ Suas çepas, a quoal obra Sera

[Fol. 75v.]

colunas e cunhaes De Daltura De treze palmos, ẽ vazio debaixo do frechal. e o lastro da dita praça coRera pera a porta de ant.o frz vinhateiro aquillo q̃ parecer a fr.co teixeira. e a boaventura maio, a quoal obra sera de escada bẽ feita e boa e limpa de man.ra q̃ contente ao dito fr.co teixeira e boaventura maio procurador; e elle dito dioguo vaz sera obrigado. acabar a dita obra da man.ra sobre dita por todo o mes de Junho deste presente ano de mil e quinhentos oitenta e hũ annos sob pena q̃ naõ a fazendo a mandaraõ elles Snorẽs fazer a sua custa pellos preços q̃ lhes bẽ pareçer elles Regedores lhe daraõ. Somente a pedra neçesaria pera os cunhaes e calçadas **e degraos e aliceçes do baluarte q̃ esta** a porta noua q̃ se ha de desfazer estando presente o dito d.o vaz dise q̃ elle açeitava a dita obra da dita man.ra e se obrigava de comprir as ditas condiçoens da dita man.ra e no dito preço e Renunciava Juizes e Justiças de seu foro e q̃ elles Snorẽs o pudesẽ obrigar e cõpeller a fazer as ditas obras

[Fol. 76]

e q̃ os ditos vinte e dous mil rs q̃ pella dita obra lhe aviaõ de dar lhe pagariaõ aos quoarteis da dita obra pera q̃ obrigavaõ as Rendas do dito conçelho e elle di.o vaz se obrigou a fazer a dita obra pera q̃ obrigou Sua fazenda e bẽns e pesoa e todos asjnaraõ aquj estando por testemunhas g.o friz porteiro da dita camara e manoel alures. m.or na Rua de Saõ marquos fr.co peixoto o escrevj

de d.o † vaz de † g.o friz

Manoel Alurez / farto / fr.co tx.ra / hejtor Djas / fr.co Soares / damiaõ dalm.da / boauentura majo

Vedoria

Ĩ, 3 na dita camara dise fr.co teixeira Juiz e damiaõ dalmeida vreador q̃ elles **foraõ eleitos pera vedores de huã vedoria** q̃ se fez diguo q̃ elles Snorẽs mandaraõ fazer do casal de monteIhos sito na frg.a de saõ geronimo. A quoal fizeraõ e acrecentaraõ mais do q̃ dantes andava **cinquẽta rs q̃ cõ os q̃ dantes pagavaõ somaõ**

[Fol. 76v.]

trezentos Reaes

Ĩ, 4 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ petiçoens fr.co peixoto o escrevj

farto / fr.co tx.ra / hejtor Djas / fr.co Soares / Alm.da / boaventura majo

94. Sabodo quinze dias do mes dabril de mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.do matheus friz farto. e fr.co teixeira Juizes heitor dias e o L.do fr.co Soares vreadores e boaventura maio procurador e Sobreveo damiaõ dalmeida vreador

Cofre

Ĩ, 1 na dita camara ẽtregaraõ huã das chaves do cofre dos almotaçes diguo onde esta a bolça dos almotaçeis e lhe **foj entregue por ser vreador** [*entrelinha:* do ano pasado] e por verdade asinou aquj fr.co peixoto o escrevj diz a entrelinha do ano pasado

Correa

[Fol. 77]

Obras, Hortas

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ e mandaraõ ao procurador q̃ pagase todos os gastos q̃ se fizesẽ no portello das ortas **e das casas q̃ se Ribaraõ nas ditas ortas de Balthesar friz**

Ĩ, 3 na dita camara ouviraõ partes e

despacharaõ piticoens fr.co peixoto o escrevj

farto / frco txra / hejtor djas / frco Soares / Almda / boauentura majo

Privilégio

[ĩ, 4] ẽ os dezanoue dias do mes dabril de mil e quinhentos oitenta e hũ annos. por parte de fr.co glz Lavrador e morador na frg.a de Saõ Paio de pousada termo desta cidade me foj apresentado hũ previllegio seu da confraria do Santissimo Sacramento desta çidade de braga pera elle por elle poder pedir nas Irmidas de Santo ant.o Santo amaro e nosa Snorã da dita frg.a o quoal segundo delle parecia foj feito diguo sobescrito per bernardo de castilho escrivaõ da dita cõfraria escrivaõ della o ano de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos e asinado ao pe de Sinaes q̃ deziaõ pero freyre

[Fol. 77v.]

Corea e nas costas do dito previllegio hũ despacho dos Snorẽs Regedores deste presente ano de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos. per q̃ me mandava Registase o dito previllegio neste Liuro e en cõprimento delle ho Registey fr.co peixoto escrivaõ da camara o escrevj

95. Quoarta feira dezanoue dias do mes dabril de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Senorẽs fr.co teixeira Juiz heitor dias e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura procurador ../

Hospital

ĩ, 1 na dita camara deu fe martin enes preguoeiro / diguo q̃ na dita camara asinaraõ hũ prazo do ospital De saõ marcos feito e cõcedido feito a isabel filha de bento miz de nogeira

Carnes

ĩ, 2 na dita camara acordaraõ q̃ damiaõ dalmeida vreador. tomase conta aos carniceiros desta çidade e seu termo da Renda da emposisaõ das Carnes q̃ cortaõ, q̃ ho Snõr arçebpõ cõcedeo cõ o escrivaõ do Carguo, e Recebera todo dinheiro q̃ elles deverẽ da dita ẽposisaõ pera

[Fol. 78]

ho entregar ao procurador do concelho ou a quẽ lhe for mandado porquoanto Ja asy estava detreminado, os dias atras por eles Regedores

ĩ, 3 na dita camara ouviraõ partes e Despacharaõ peticoens fr.co peixoto o escrevj.

fr.co txra / hejtor Djas / boauentura majo / alm.da

96. Quinta feira vinte dias do mes dabril De mil e quinhentos oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snores L.do matheus friz farto e fr.co teixeira Juizes heitor dias o L.do fr.co Soares e damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador.

ĩ, 1 na dita camara ouviraõ partes fr.co peyxoto o escrevj

Paga nas Cortes

ĩ, 2 na dita camara ẽtregaraõ a g.o enes almocreve JenRo de ant.o alures q̃ este ẽ gloria pera levar a di.o de barros e o doutor Jm.o nog.ra procuradores das cortes desta çidade

[Fol. 78v.]

q̃ estaõ ẽ tomar trinta e dous mil rs os quaes dise diguo Recebeo, pera entregar a cada hũ dezaseis mil rs e deles trara asinados de como os Receberaõ pera o q̃ tudo Se obrigou per Sua pesoa e bẽns

e asinou aquy cõ elles Snorẽs Regedores fr.co peixoto o escrevj

de g.e † enes

farto / fr.co tx.ra / hejtor Djas / francisco Soares / boauentura majo / alm.da

Privilégio

[ĩ, 3] ẽ os vinte dias do mes de abril de mil e quinhentos oitenta e hũ annos me foy Requerido q̃ Registase neste Liuro hũ previllegio por parte de domingos gil da freiguesia de saõ paio o quoal Segundo delle pareçia era da Santisima trindade e De letra Redonda e asinado ao pe de hũ Sinal q̃ dezia nobrega ...?... e cõ hũ despacho dos Snorẽs Regedores deste presente ano por q̃ me mandavaõ ho Registase fr.co peixoto o escrevj o quoal foj concedido aos dez dias do mes dabril de mil e quinhentos oitẽta e hũ annos fr.co peixoto o escrevj.

[Fol. **79**] **97.** Quoarta feira vinte e dous dias do mes De abril De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.do matheus friz farto. Juiz eitor dias e damiaõ Dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

festa de corpus cristy

ĩ, 1 na dita camara acordaraõ de ordenar a festa de dia de corpo de ds pella manra seguinte.

Tochas

ĩ, 2 acordaraõ q̃ os doze cidadaõs q̃ aõ de levar as doze tochas diante do Santisimo Sacramento seis de cada parte aõ de ser os Regedores q̃ foraõ da camara os dous annos atras proximos e os q̃ forẽ Jmpedidos ou ausentes elles Regedores elegeraõ outros cidadaõs dos q̃ costumaõ andar na governança da cidade e os enleitos posto q̃ sejaõ mais velhos naõ precederaõ aos q̃ foraõ ofeciaẽs e os do ano pasado Iraõ a maõ direita. q̃ saõ aluoro folgeira ant.o correa manoel Luis fernaõ correa Rui leite Bras dias campelo. e a maõ esquerda. (*sic*)

ĩ, 3 e da obra da se se daraõ as tochas q̃ levaraõ os sobreditos como dito he e se custuma.

Bandeiras

ĩ, 4 e Loguo a bandeira de nossa Snorã q̃ he a da çidade q̃ levaraõ os Juizes

ĩ, 5 Loguo a bandeira do anjo. q̃ levara ant.o sobrinho q̃ pera isso foj eleito e avera a pitança como cada hũ dos çidadaõs q̃ levaõ as tochas

ĩ, 6 Loguo a bandeira de Saõ tiaguo por lhe caber este ano o couçe e a leuaraõ Juiz da confraria sẽdo cidadaõ e naõ o sendo elles Regedores elegeraõ cydadaõ e noteficaloa o porteiro da camara e auera pitança como os mais cidadaõs q̃ levaõ as tochas

[Fol. **79v.**]

ĩ, 7 Loguo diante a bandeira de sao Jm.o e a leuara o Juiz da confraria sendo Da sobredita man.ra e avera a mesma pitança

S. Cristóvão

ĩ, 8 Loguo uaõ saõ cristouaõ diante e teraõ carrego de o fazer Manuel lopez e Jm.o glz e antonio glz carpinteiros e o menino q̃ ade levar auera luvas e sete rs pera almoçar e ceem rs pera botas q̃ ho procurador dara a quẽ tiuer carrego de o fazer e asi dara a vestidura de saõ cristouaõ e mascara e giadémoa (?) e o mundo pera o menino e acabada a festa tornaraõ tudo ao procurador do conçelho e ira loguo diante da procisaõ

Ferreiros

ĩ, 9 Jurados da freg.a de feReiros noteficaraõ na sua freiguesia q̃ venhaõ oito homẽns bẽ vestidos no dito dia pella menham pera levarẽ o dito Santo. e o procurador dara a cada hũ v.te rs pera beberẽ:

Gigantes

ĩ, 10 os gigantes logo diante sempre

dançando e dara o procurador aos dous homẽns q̃ os levarẽ a cada hũ cẽ rs. e ao pay delles outros cẽ rs e setenta rs pera capatos e huãns luvas e dara ao taõborile ro q̃ lhes tager oitenta rs. e a Simaõ preira carpinteiro q̃ tẽ carrego. de os vestir e concertar cẽ rs. e pera hũ homẽ q̃ ajuda vinte rs. e dara mais aos ditos homens pera almoçarẽ vinte e cinquo rs a cada hũ e quorenta rs mais pera beberẽ no meio da festa

Serpe, Cavalinhos

Ĩ, 11 acordaraõ mais q̃ a serpe e cavalinhos vaõ sempre diante da prociçaõ e primeiro pela menham çedo andaraõ pella çidade e naõ entraraõ na SSee e o porteiro. noteficara aquelles q̃ aõ. de fazer a dita cerpe e cavalinhos.

Espingardeiros

Ĩ, 12 acordaraõ mais q. o anavel dos espingardeiros saia cõ elles na dita procisaõ

[Fol. 80]

m.to bẽ tratados cõ Suas espingardas m.to bẽ conçertadas cõ todo o necesario e iraõ tantos de huã parte como de outra e atirando ao alto nos Lugares q̃ lhes bẽ pareçer e iraõ Logo diante da clerezia

Quadrilheiros

Ĩ, 13 Iraõ Loguo Diante os cadrilheiros deste termo cõ todos os de Suas cadrilhas e postos ẽ orde m.to bem vestidos; como os espingardeiros e lebaraõ elles cadrilheiros Suas varas verdes na maõ e isto sob pena do q̃ faltar pagar cẽ rs pera as despesas do dito dia pera ho q̃ pasaraõ aluaras de correr./

Carro das ervas

Ĩ, 14 acordaraõ mais q̃ fose o carro das erbas cheyrosas q̃ levaraõ os orteloens desta cidade e dẽtro nelle mocos cõ esguichos dagua e isto lhes noteficara o porteiro.

Ĩ, 15 acordaraõ mais q̃ o procurador do c.o mande no dito dia pella menham çedo. ha Saõ bastiaõ hũ carro de Junquo e m.tas ervas cheirosas pera se lancerẽ no teReiro Junto da pedra onde a de estar o Santisimo Sacramento.

Bancos

Ĩ, 16 acordaraõ mais q̃ o porteiro notefique a Migel vaz çapateiro q̃ no dito dia mande pella menham çedo levar a Saõ Sebastiaõ banquos e asentos ẽ abastança pera se asentar a clerezia e offeciaes da camara e tera cuidado de pedir ao procurador hũ carro de Junquo e espadana pera Juncar o teReiro. o q̃ asi cõprira por ser a isso obrigado peilo prazo q̃ tẽ das casas da porta de meixeminhos q̃ saõ do conçelho;

S. Jerónimo, Dume, Froços, Semelhe

Ĩ, 17 acordaraõ mais q̃ as freiguesias de saõ geronimo e saõ martinho de dume frocos

[Fol. 80v.]

Semelhe tragaõ na vespara do dito dia ate o meyo dia ao paço do concelho .S. Semelhe dous carros froços outros dous carros. Saõ geronimo tres carros Saõ mno outros tres. todos de Jumquo espadana. sob pena do q̃: asi naõ cõprir pagar de pena quinhentos rs pera as despezas do dito dia e os Jurados lho noteficaraõ e viraõ dar suas fes e o procurador lhes dara por cada carro dez rs

Navarra e Crespos

Ĩ, 18 acordaraõ mais q̃ a segunda feira antes do dito dia pella menham cedo a frg.a de navarra venha. e traga e xadas e vasouras. e fouçes e varas cõpridas pera vaRerẽ e alimparẽ os teReiros e portas da çidade e alimparẽ os muros. e os da frg.a de crespos viraõ a terça e quoarta feira, seguinte da mesma man.ra e faraõ o q̃ lhe for mandado por elles Regedores e isto posto q̃ sejaõ previligiados e naõ mandaraõ moços ẽ seus Lugares senaõ se forẽ de vinte annos. o q̃ asi cõpriraõ sob pena de qujnhentos rs pera as despesas do dito dia e os Jurados de cada frg.a antes q̃ venhaõ, vera se vẽ todos os de sua Juradia e o q̃ naõ vier lhe trara logo o penhor e dara fe

dos q̃ faltarẽ cõpriraõ os ditos jurados sob a dita pena e elles Regedores ordenaraõ o q̃ lhes daraõ pera beberẽ

Mourisca

Ĩ, 19 acordaraõ mais q̃ aJa mourisco e acorde (?) e sairaõ m^to^ galantes pella menham çedo e andara pella çidade antes de sair a prociçaõ e despois iraõ diante della Longe e o procurador lhes dara pera almoçarẽ o Rey e seus mourisquos. mil e quinhentos rs e pera os tangeres. e dara mais ao Rey pera barrete vermelho e botas quotrocentos rs. e trinta pera luvas e vinte pera alimpar a espada pera dita festa e as mais do ano e dara ao alfaqueque. Cento e setenta rs pera capatos pera a dita festa. e as mais ./

Assentos

Ĩ, 20 acordaraõ mais q̃ o porteiro da camara no dito dia pella menhan çedo Leve. o escabelo e o Lambel a saõ Sebastiaõ pera nelles se asentarẽ os Regedores. e asi tera cuidaido q̃ a vespora do dito dia De asento na See pera elles Regedores se asentarẽ

[Fol. 81]

Luvas

Ĩ, 21 acordaraõ mais e mandaraõ ao procurador q̃ mandase fazer catorze pares de Luvas grandes De bezerro. e boas pera elles Regedores. procurador e escrivaõ prouisor vig.^ro^ ouvidor alcaide meirinho escrivaõ da enposisaõ

Varas

Ĩ, 22 acordaraõ mais q̃ elle procurador cõprase as varas q̃ elles Regedores aõ de Levar no dito dia na prosisaõ e elle procurador e escrivaõ e o provisor e vig.^ro^ e ouvidor alcaide e meirinho .S. as deles Regedores verdes. e as as dos Juizes provisor e vig.^ro^ e ouvidor vermelhas. e as do alcaide e meirinho brancas

Almoços

Ĩ, 23 acordaraõ mais q̃ elle procurador mande a elles Regedores do presente ano. e asi elle procurador e escrivaõ o almoco como he de custume q̃ he ametade de carneiro tres paes aluos duas canadas de v.° de fora da terra huã de branquo outra de tinto. e a cada hũ Seu queiJo e tudo sera m^to^ perfeito.

Ĩ, 24 acordaraõ mais q̃ ao escrivaõ da emposisaõ mande outro tanto como asima pera almoçar

Ĩ, 25 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao provisor vig.^ro^ e ouvidor. e os doze cidadaõs q̃ aõ de levar as tochas e ao cidadaõ q̃ a de levar a bandeira do anJo e ao alcaide e meirinho dos clerigos e ao escrivaõ dalmotaçaria e ao pregador e aos almotaceis do presente mes. E aos Juizes das confrarias de Saõ Joaõ e Saõtiaguo q̃ levaõ as bandeiras na dita proçiçaõ da dita confraria e as mais festas do ano A cada hũ Seu quoarto de carneiro dous paes aluos canada de v.° de fora.

Ĩ, 26 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao porteiro da camara quoarto de carneiro. par de paes aluos canada de v.° pedaço de queiJo :/

[Fol. 81v.]

Calças, barretes

Ĩ, 27 acordaraõ mais q̃ de elle procurador a elles Regedores e a elle procurador e escrivaõ da camara a cada hũ dous mil rs pera calças e baRete q̃ Levaraõ na prociçaõ

Pagas

Ĩ, 28 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao escrivaõ da enposisaõ mil e quinhentos rs pera ho mesmo

Ĩ, 29 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao escrivaõ da almotaçaria cẽ rs q̃ cada ano lhe daõ.

Barrete, sapatos

Ĩ, 30 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao porteiro da camara quoatro centos rs pera barrete e çapatos. e trinta rs pera Luvas.

Calças, varas

Ĩ, 31 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao alcaide e meyrinho. a cada hũ delles. quoatrocentos rs. pera calças e vinte rs a cada hũ pera varas. das atras declaradas. q̃ lhe caida ano daõ. por estarẽ prestes pello ano. pera o q̃ lhe mandar a camara pera bẽ de Justiça

Varas

Ĩ, 32 acordaraõ mais q̃ de elle procurador ao pregoeiro dozentos rs. ẽ começo de paguo de Seu ordenado. q̃ saõ dous mil rs cada ano.

Ĩ, 33 acordaraõ mais q̃ de elle procurador a caida hũ dos omẽns do alcaide e meirinho. q̃ forẽ presentes no dito dia quorenta rs e iraõ na proçisaõ

Trombetas, charamelas

Ĩ, 34 acordaraõ mais e mandaraõ ao procurador q̃ de aos trombetas e charamellas trezentos rs por tangerẽ a vespora do dito dia na praça do paõ. quando Levaõ as bandeiras pera a SSe.

Arca do Senhor

Ĩ, 35 acordaraõ mais e mandaraõ a elle procurador q̃ De aos clerigos do coro q̃ levaõ a arca ẽ que vay o Snor. oitecentos rs pera almocarẽ e os ẽtregara ao Sochantre q̃ os Recebe caida ano.

Ĩ, 36 acordaraõ mais e mandaraõ ao procurador q̃ de ao Saõcristaõ da se trezentos rs. q̃ cada

[Fol. 82]

ano lhe daõ. por ter cuidado de guoardar: e alimpar. e concertar a arca do Snor.

Pélas

Ĩ, 37 acordaraõ mais. q̃ ajaõ duas pellas m^to^ galantes e iraõ m.^to^ bẽ vestidas e Ricas de joias a vespora e ao dia e aos faraõ as paideiras segundo seu custume. e averaõ cada huã Luvas. e sete rs pera almocarẽ e as q̃ as levarẽ dozentos rs cada hua. pella vespora e dia e o porteiro o noteficara as padeiras

Danças

Ĩ, 38 acordaraõ mais q̃ aJaõ as duas danças despadas q̃ faraõ os mordomos dos capateiros. e do ẽparador. e o porteiro noteficara aos ditos mordomos e o procurador dara a cada dança cinquoenta rs e aos q̃ lhe tangerẽ trinta rs a cada hũ q̃ aõ de ser dous gaiteyros e Sairaõ a vespora e ao dia

Praça do peixe

Ĩ, 39 acordaraõ q̃ as pescadeiras desta çidade alimpẽ m^to^ bẽ a praça do peixe e a tenhaõ m^to^ bẽ ẽRamada de Ramos E eruas cheirosas sob pena de quinhẽtos rs cada huã q̃ o asi naõ cõprir pera as despesas do dito dia

Ĩ, 40 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoẽns fr.^co^ peixoto o escrevj

farto / hejtor Djas / damiaõ dalm^da^ / boauentura majo

98. Segunda feira vinte e tres dias do mes dabril De mil e quinhentos e oitenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs L.^do^ matheus friz farto e fr.^co^ teixeira Juizes heitor dias e o L^do^ [Fol. 82v.] fr.^co^ Soares e damiãO dalmeida vreadores e boaventura maio procurador

Bandeira de companhia

Ĩ, 1 na dita camara trouxe ant.^o^ glz çapateiro da Rua do Souto. huã bandeira De Seda. e dise q̃ hera a da cõpanhia De manoel figeira a quoal foj ẽtrege a boaventura maio pro procurador e de

como a Recebeo. asinou aquj fr^co^ peixoto o escrevj

boauentura majo

Festa de S. Pedro

Ĩ, 2 na dita camara acordaraõ e mandaraõ q̃ Se fizese a festa de saõ p.^o^ asi

e da man[rs] q̃ sempre se fez e mandaraõ ao procurador q̃ pagase os gastos, e mandaraõ a martin enes q̃ apregoase q̃ todos os moradores desta çidade mandasẽ alimpar as Ruas e vaReLas. sob pena de quinhentos rs

Pagas

ĩ, 3 na dita camara acordaraõ q̃ os trinta e dous mil rs q̃ atras se entregaraõ per mandado delles Snores Regedores a g[o] aires [enes] almocreve pera Levar a dioguo de baros e o doutor Jm[o] nogeira procuradores das cortes, desta cidade os quoaes tinha damiaõ dal-

[Fol. 83]

meida da enposisaõ da carne q̃ se lhe Levase ẽ conta ao dito damiaõ dalmeida e Se carregase sobre boaventura maio procurador do conçelho e elle os desẽ ẽ despesa porquoanto damiaõ dalmeida os Reçebera ẽ seu nome e se lhe entregase hũ asinado. Como logo lhe entregou damiaõ dalmeida, do dito goncallo enes e delles .S. dos ditos trinta e dous mil rs ouveraõ ao dito diaõ Dalmeida por desobrigado delees. e mandaraõ a m.n escrivaõ o carregase ẽ liuro.

Contas da carne

ĩ, 4 na dita camara acordaraõ q̃ boaventura maio procurador do conçelho Reçebese a emposisaõ da carne e q̃ damiaõ dalmeida lhe dese conta do q̃ Recebeo por q̃ o q̃ Reçebeo foj pera brevidade de Se mandar o dito dinheiro aos ditos procuradores de cortes e q̃ os carniceiros Desẽ conta ao dito procurador da dita ẽposisaõ por Rol De antonio cordeiro e elle boaventura maio lhes dara Juramento

ĩ, 5 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ peticoens fr[co] peixoto o escrevj

farto / fr[co] tx[ra] / hejtor Djas / Alm[da] / Soares / boauentura majo

[Fol. 83v.]

Tabelião

[ĩ, 6] tresLado. Da provisaõ de gaspar Campello tabaliaõ

Porrogamos esta ultima poRogaçaõ da data desta a seis meses ẽ braga a noue de Setembro de mil e quinhentos e oitenta

O arçebpĩ primas ./.

Provisão

[ĩ, 7] Dom frei Bertholameu dos martires per merce de ds e da santa SSee app[cs] arçebpõ e Snõr de braga primas etc. Aos q̃ esta nossa prouisaõ virẽ fazemos sober q̃ avendo Respeito ao que manoel nog.[rs] tabaliaõ do publico Judicial nesta nossa çidade na peticaõ atras diz e a outros Justos e de serviço de nosso Sõr q̃ nos a ello movẽ. avemos por bẽ. q̃ gaspar campello mo[ra]dor nesta nossa cydade Sirua o dito offiçio de tabaliaõ do publiquo e judicial asi e da man.[rs] q̃ ategora o seruio e delle aJa os proẽns e precalços q̃ cõforme direito e ordenacoens do Reino lhe pertencerẽ E isto por tempo de seis meses somente q̃ comecaraõ correr da data desta en diante goardando ẽ tudo o serviço de ds e nosso e as partes Seu direito e o Segredo da Justiça noteficamollo asy ao nosso ouvidor Juizes e mais Justiças eclesiasticas e seculares desta nossa cidade

[Fol. 84]

E lhes mandamos q̃ Durante o dito tẽpo de seis meses deixẽ servir o dito gaspar Campello o dito offiçio e levar os proeẽs e precalços a elle direitam[te] ordenados e primeiro q̃ comece a servir Jurara porante o nosso ouvidor q̃ bẽ e verdadeiramente syrua o dito offiçio de q̃ se fara termo ẽ forma ẽ testemunho do quoal mandamos pasar o presente sob noso Sinal e sello de nossas Armas dada en braga a des de março De mil e quinhen-

tos e oitenta e hũ annos fellipe Soares a Sobescreveo

O arçebpõ primas

o tresLado da quoal prouisaõ e proRogacaõ Atras eu fr.ᶜᵒ peixoto tresLadey neste Liuro. cõforme ao mandado dos Snores Regedores e tudo cõcertey cõ os proprios q̃ torney ao dito gaspar campello. e por verdade asiney aquy De meu acustumado Sinal

frᶜᵒ peixoto

99. Sabodo vinte e noue dias do mes dabril De mil e quinhentos e ojtenta e hũ annos foraõ Juntos ẽ camara os Snorẽs Lᵈᵒ matheus friz farto Juiz e fr.ᶜᵒ teixeira Juizes [Fol. 84v.] heitor Dias damiaõ dalmeida vreadores e boaventura maio procurador do conselho.

Escrivão da Câmara

I, 1 na dita camara deraõ diguo pareceo martinho da maia cõ huã provisaõ do Snõr arçebpõ pera q̃ podese Servir ẽ meu Lugar per tempo de tres mezes durando minha ausençia e per elles Regedores lhe foj dado juramento dos Santos evangelhos q̃ bẽ e verdadeiramente sercise os oficios conteudos na prouisaõ e elle asi o Jurou e asinou aquy e mandaraõ q̃ a dita prouisaõ se Registase neste liuro

Martin da maya

Almotacés

I, 2 na dita camara foraõ tirados os almotaçes do cofre da bolca hũ dos pellouros, e sairaõ por almotaçes manoel nogeira e ant.º de moura e porquoanto o dito manoel nogeira era fora na corte e naõ estava na teRa pera poder servir ẽlegerã ẽ seu nome. ant.º vieyra, e asi mesmo tomando d'go asimesmo por quoanto ant.º de moura ora era ausente. e poderia tardar naõ vindo elle ẽlegiaõ como ẽlegeraõ a fr.ᶜᵒ alues barroso diguo q̃ diseraõ q̃ naõ vindo

[Fol. 85]

ant.º De moura no dito mes de maio ate seis dias aviaõ por eleito Joaõ gomez escrivaõ do cabido / e cometeraõ ao Lᵈᵒ matheus friz farto lhe dese Juramento comigo escrivaõ

Vizinhança

I, 3 na dita camara pedio pallo machado q̃ lhe mandasẽ pasar huã carta de vizinha[n]ça pera puder vender hũs bois e mandaraõ lha pasar

Bandeira

I, 4 na dita camara ẽlegeraõ pera Levar a bandeira de Saõ Jmº a balthesar da Rocha porquoanto o mordomo naõ he çidadaõ e avera a pitança cõforme os outros / diguo q̃ levara a bandeira do anJo :/ sẽ ẽbargo de atras dizer ant.º Sobrinho./

Almotacé

I, 5 e loguo na dita camara pareçeo ant.º vieira o quoal foj eleito per almotaçe e lhe foj dado Juramento aos Santos evangelhos sob carrego do quoal prometheo Servir o dito cargo goardãdo ẽ tudo o Serviço de ds e del Rej nosso Snõr. e Segredo a Justiça e dereito as partes e as vreaçoens desta camara e sinou aquj fr.ᶜᵒ peixoto escrivaõ da camara o escrevj

Antonio Vieira 1580

Tocha

I, 6 na dita camara ẽlegeraõ a tristaõ da goarda pera levar a tocha diante do Sacramento naõ vindo Rui leite /

I, 7 na dita camara ẽlegeraõ a bernardo de castilho pera levar a tocha ẽ lugar do Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares, q̃ ora he taõbẽ Regedor

[Fol. 85v.]

Guardas-mores

I, 8 na dita camara acordaraõ e mandaraõ q̃ o procurador dese aos goardas mores desta çidade propina ordinaria

v.tos os mtos trabalhos q̃ levaõ na goarda desta cidade.

Bandeira

I, 9 na dita camara ẽlegeraõ a fernaõ barquo pera levar a bandeira de Saõ Jm° posto como naõ he cidadaõ ho mordomo e avera pitança

Conta do pão

I, 10 na dita camara acordaraõ q̃ heitor dias vreador tomase conta do paõ das Rendas e q̃ gonçallo friz os noteficase. e q̃ se pasase mandado pera serẽ penhorados pella pella do pregaõ

Pagas

I, 11 na dita camara acordaraõ q̃ boaventura maio procurador pagase aos goardas pequenos desta cydade de quoalquer dinheiro q̃ tiuese e q̃ por ora lhes dese cinquo cruzados. E asi fizese as mais despezas necesarias a esta camara e asi pagase os ordenados q̃ esta camara era obrigada a pagar ẽ cada hũ ano

[Fol. 86]

Pagas

I, 12 na dita camara acordaraõ q̃ ho procurador do conçelho dese a d° vaz pedreiro dous mil a conta da praça q̃ ha de fazer de quoalquer dinheiro

Atambores

I, 13 na dita camara acordaraõ q̃ o procurador cõprase dous atambores pera as festas da çidade bõns e de bõ tamanho.

Pagas

I, 14 na dita camara acordaraõ q̃ o procurador dese aos trobentas e charamellas mais hũ tostaõ q̃ he por todo hũ cruzado :/

I, 15 na dita camara ouviraõ partes e despacharaõ piticoens fr.co peixoto o escrevj.

farto / tx^ra / hejtor Djas / damjã dalm^de / boauentura majo

Provisão de escrivão

[I, 16] tresLado de provisaõ do Snõr arcebpõ pera martinho da maia servir de escrivaõ da camara

Dom frei berthoLameu dos martires arçebpõ e senhor

[Fol. 86v.]

de brãga primas das espanhas e do conselho DelRey meu Snõr fazemos saber aos que esta provisaõ virẽ q̃ por alguns Justos Respeitos q̃ nos a isso movẽ avemos por bẽ q̃ Martinho da maia çidadaõ desta uossa cidade possa servir os offiçios de escrivaõ da camara e do ospital de saõ marcos e gafaria desta çidade de q̃ ora he escrivaõ fr.co peixoto por espaço de tres mezes ẽ ausençia delle fr.co pejxoto noteficamollo asi aos Regedores desta dita nossa cidade diguo da dita nossa camara e as mais justiças a q̃ o conhecimento desta pertençer e lhes mandamos q̃ asi o cumpraõ e goardẽ dado ẽ braga sob nosso Sinal e Sello de nossas armas aos vinte e cinquo dias do mes de março de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos fellipe Soares nosso escrivaõ da camara o Sobescreveo

O arcebpõ primas /

a quoal prouisaõ atras eu fr.co peyxoto escrivaõ da camara

[Fol. 87]

desta cidade tresLadey neste liuro cõforme ao mandado atras dos Snores Regedores e por verdade as ney aquj

fr.co peixoto

Exame de seleiro

[I, 17] Aos vinte e noue dias do mes dabril de mil e quinhentos e oitenta e hũ annos, per gaspar Luis celeiro (sic) mor nesta çidade me foj apresentada huã carta de eingeminacaõ de seu offiçio, cõ huã peticaõ ẽ ella hu desepacho dos Snorẽs Regedores desta çidade per q̃ me mandauaõ a Registase neste Liuro, ẽ cõprimento do quoal eu escrivaõ a Registey e segundo della pareçia foj pasada ẽ a çidade de Lx.a per a.° de torres de magalhaes e ao pe asi de Sinaes q̃ deziaõ Manoel de brito fr.co de Sabastiaõ de lucena e por me Ser mandado a Registey fr.co peixoto o escrevj

100. Sabado seis dias do mes de majo de mil e quinhentos e hoitenta e hũ annos foraõ juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus friz farto Iuiz ordinaryo eitor diz e damiaõ dalmeida vreadores

[Fol. 87v.]

Almotacé

Ĩ, 1 na dita camara mãdaraõ hir Jm^o^ gomez cidadaõ desta mesma cidade perante sj e lhe deraõ juramento dos Santos avangelhos en q̃ elle pos sua maõ sob carguo do quoal lhe emcargaraõ q̃ seruise este presente mes de majo de almotacel como eleito estaua no termo atras o quoal prometeo guoardar justica as partes e direito e guoardar as vreacoẽs e asinou martin da maja escriuão ho escrevj

Johaõ gomez

Manifesto do pão

Ĩ, 2 na dita camara pareceo martin anes pregoeiro e deo ffee q̃ per mandado delles Regedores lancara pregaõ por esta cidade nos lugares acustumados que todos os Rendeiros viesem ha dita camara aSentar o Seu pãm q̃ tinhaõ das ygrejas q̃ isto ffe daua e asjnou o quoal pregam lancara com pena de vinte cruzados como estaua acordado e lhes fora madado no tempo q̃ diz ho acordo e asjnou.

de marti † m añes

Pena

Ĩ, 3 na dita camara acordaraõ q̃ todos os Rendeiros desta cidade he termo pasado quinze dias deste mes de majo e naõ hacabarem de dar conta do paõ como foy apreguoado pera

[Fol. 88]

se rẽpartir se execute a pena do pregaõ como estaua hacordado // e este se acordou en mais fauor dos ditos Rendeiros e vir mais a sua noticia //

Ĩ, 4 mais na dita camara despacharaõ partes diguo ouviraõ partes e despacharaõ piticoẽs martim da maja escrivaõ da camara ho escrevi

*farto / hejtor Djas / Alm^do^*

Privilégio da SS. Trindade

[Ĩ, 5] E loguo na dita camara a seis dias do mes de majo do dito anno atras foj apresentado em camara hũ preuillegyo da trindade per fr^co^ glz surrador e pedio q̃ se lhe Registase com huã sertidaõ nas costas do mesmo diguo do menposteiro mor da Santisima trindade q̃ segudo della parecia era de sua letra e sjnal o quoal se asjna Lionel lopez da fonsequa e per hos ditos sorẽs Regedores madareme a min escriuaõ a Registase a Registey martim da maja escrivaõ ho escrevi

[Fol. 88v.]

Privilégio dos cativos

[Ĩ, 6] aos nove dias do mes de mayo de mil he quinhentos e oytenta e hũ annos nesta cidade de bragua no paco do comçelho della por parte de Jm^o^ alluz cautelleiro morador nos chaos aRabalde desta mesma me foj apresentado hũ previlegijo da mjã desta cidade diguo ho preuillegyo dos catiuos pera pedir em Santo adriaõ da frg^a^ de Sam Vitouro do termo desta cidade com ho despacho dos Sorẽs Regedores per q̃ mandauaõ q̃ se Registase no liuro da camara ho quoal previlegjo segudo Delle parecia era escrito per ant.^o^ sobrinho escrivaõ dos Resídos feito aos vinte e dous dias do mes dabril de mil e quinhentos e oytenta e hũ años asjnado ao pee do Synal de m^e^ luis menposteiro mor dos catiuos martim da maja escrivaõ da camara ho escrevi

Privilégio do SS. Sacramento

[Ĩ, 7] E lloguo no dyto dja acima per ant.^o^ glz da torente da frg^a^ de crespos do termo desta cidade foj apresentado a min escriuaõ hũ preuillegyo do santo sacramento desta cidade pera ho dito ant.^o^ glz pera pedir na ermida de Saõ

migel o anjo diguo de saõ migel o anjo da dita cidade (?) o quoal preuilegjo dizia ao pee ser feito pello escriuaõ da comfraria

[Fol. 89]

aos dezasete dias do mes dabril de mil he quinhentos e oytenta e hũ años asynado ao pee por Doutor fernão corea e por freire ho quoal tiuera hũ despacho dos sorẽs Regedores no quoal maõdauaõ q̃ eu escriuaõ o Registase no liuro da camara martim da maja escriuaõ ho escrevi

101. Quoarta feira dez dias do mes de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs foraõ juntos em camara os Sorẽs Regedores o L^{do} mateus frz farto Juiz eytor diz e ho L^{do} fr^{co} Soares vreadores

Ofício de sombreireiro

Ĩ, 1 na dita camara pareceo p^{o} Rz sombrei[rei]ro morador nesta cidade e jurou aos Santos avangelhos q̃ lhe foi dado e prometeo de fazer seu hoficjo de Sombreireiro bem e verdadeiramente e asjnou

p^{o} † Roz

Ofício de maleiro

Ĩ, 2 na dita camara pareceo Jacome frz de fereiros molleiro e Jurou aos Santos avangelhos de bem e fielmente vzar de seu ofícyo de moleiro

Jacome † frz

Treslado das Vereações

Ĩ, 3 acordarão q̃ se treladase o Liuro das vreacoẽs e se emtregase a fr^{co} Rabello escriuaõ Dalmotacaria o treslado delle comsertado //

[Fol. 89v.]

Prazo

Ĩ, 4 acordarão q̃ se fizese prazo a g^{ar} alluz Salleiro e Sua molher do campo de Santana das casas de Saõ migel ho anjo q̃ elle tem propriedade do concelho em tres vidas .N. a elle. g^{ar} alz e Sua molher e huã pesoa quoal ho deradeiro nomear e sairão por veadores per sortes eitor diz vreador mais velho e ventura majo procuraidor //

Pão

Ĩ, 5 acordarão q̃ porquoanto esta cidade estaua falta de paõ ao presente asy cozido como em grão e por naõ aver falta delle madarão se lancase pregam q̃ nenhuã pesoa leue paõ cozido nem em grão nem farinha fora desta cidade nem de Seu termo com pena de dez cruzados e da cadea //

Ĩ, 6 na dita camara ouvirão partes e despacharão feitos e pitiçoẽs e asinarõ martim da maja escriuão da camara ho escrevi

farto / hejtor djas / fr^{co} Soares

102. Sabado treze dias do mes de majo de mil he quinhentos e oytenta e hũ años forão juntos em camara os Sorẽs L^{do} mateus friz farto Juiz ordinario eitor diz o L^{do} fr^{co} soares / Damiaõ dallmeida vreadores boaventura majo procurador

[Fol. 90]

Sisas a executar

Ĩ, 1 na dita camara foy apresentada huã carta precatoria q̃ dezia ser de Jm^{o} Corea de mesquita executor q̃ diz ser da fazenda de Sua magestade na comarqua de g^{es} per comisão de andre corea executor seu filho na quoal precatoria q̃ apresentou hũ caminheiro q̃ d'se aver nome gomcalliães dizia trazer e fazia mensão q̃ trazia outros papeis os quoaes forão pedidos por suas merces ao dito caminheiro e por elle foy Respondido q̃ lhos não derão nem os trazia de q̃ todo

se fez auto por ele caminheiro asinado e com t^es^ / en a dita precatoria se pos o despacho seguinte // vindo os papeis de q̃ a precatoria faz mensaõ e asy a prouizam de Sua magestade pera Receber e executar Suas Rendas pera se Registarem nesta camara conforme ao Regimento das Sizas do dito Sõr se deferira com breuidade ao q̃ Se depreca em camara a treze de majo de mil e quinhentos e oitenta e hũ

farto / hejtor diz / fr^co^ Soares // damiaõ dallmeida // boaventura majo //

[ĩ, 2] E asy se pos o despacho seguinte na precatoria do doutor m^el^ da guera de q̃ se faz mensaõ no auto // temos deferido na precatoria do Sõr Jm^o^ corea de mesquita satisfeito com ha Reposta della com toda a breuidade pociuel se madara comprir esta do Sõr prouedor em camara a treze de majo de mil e quinhentos e oitenta e hũ // as quaes precatorias se entregaraõ ao dito caminheiro com os ditos despachos //

[Fol. 90v.]

Contas

ĩ, 3 na dita camara acordarão q̃ gomcallo frz porteiro notefiquase aos Recebedores do año pasado e aos deste que tenhão prestes todo ho dr^o^ de seus Recebimentos dos quoartos ou pagas dos almoxerifes pera se entregar a todo tempo q̃ lhes for madado // notefiquarão na dita camara a p^o^ jacome e Simão daguiar Recebedores //

Tambor

ĩ, 4 acordarão mais q̃ se comprase hũ atambor e ho procurador ho pagase martinho da maia escrivaõ da camara ho escrevi

farto / alm^da^ / hejtor djas / fr^co^ Soares / boaventura majo

103. terça feira dezaseis dias do mes de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ años forão juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto Juiz eitor diz o L^do^ fr^co^ Soares damiam dallmeida vreadores boaventura majo procurador

Sisas a executar

[ĩ, 1]os quoaes foram juntos em camara sobre a precatoria q̃ vejo do allmoxerife de guimaraẽs e prouizam de Sua magestade de seu carguo a quoal precatoria e prouizam apresentou hũ caminheiro q̃ dise aver nome goncallo annes natural da villa de villa Real / e asi apresentou precatoria do tizoureiro mor / e precatoria do comsaer e prouedor m^el^ da guera e procurasão e comisam

[Fol. 91]

de andrẽ corea pera seu procurador Jm^o^ corea de misquita ho treslado dos quoaes papeis e prouizam e pitisaõ todo e ho seguinte //

treslado Da piticaõ

[ĩ, 2] Diz andre corea De misquita executor da comarqua de Guimaraẽs q̃ os Juizes e vreadores da dita villa lhe tomaraõ do dinheiro do asentamento deste año de oytenta Da mão do Recebedor e do Rendeiro dos direitos Reãs hũ conto de rs pera os muros e pera ho q̃ mais quizeraõ e gomcallo Coelho de filgueiras trezentos e tantos mil res por huã prouizam q̃ diz q̃ tem do Duque Dallua / e na villa de Zurara trezentos e vinte mil res Deuem e não querem pagar ate naõ uer prouizam de vosa magestade novamente: e uilla do Conde esta de preste e outros muitos concelhos não querem hobedecer e não querem pagar o q̃ deuem a fazenda de vosa magestade nem as Justiças querem comprir seus precatorios ate naõ mostrar nova prouizam De v. m. tudo cõsta da sertidam q̃ oferece / e asi mais na cidade

de bragua Setecentos mil rs e em amarante conto e trinta mil res q̃ naõ querem pagar // pello q̃ pede a vosa magestade lhe mande pasar prouizam pera executar os sobreditos e aos mais q̃ deuem dinheiro do dito asentamento da fazenda de vosa magestade e asy pera ho coregedor e prouedor e mais justicas Do dito allmoxarifado o ajudarem e fauorecerem na execusão e aRecadasaõ do dito dinheiro porque doutra maneira sera emfinita a Recadasaõ do dr° de vosa magestade e Recebera merce

[Fol. 91v.]

treslado da prouizam

[ĩ, 3] Eu elRey mado a vos prouedor Da vila e comarqua de Guimaraẽs ou quem voso carguo servir que uejaẽs a pit cam atras escrita de andre corea De misquita executor da dita comarqua e achando q̃ as pesoas nella comteudas arecadaraõ as comtias do dinheiro q̃ na dita piticão Declara ou alguã parte dellas sem prouizoẽs minhas os executareis e arecadareis deles e de suas fozendas e de quem lho fez emtregar todo o que achardes q̃ tiuerem Recebido e ho fareis emtregar ao dito executor comforme a seu comtrato pera que venha a boa aRecadasaõ este comprereis como nelle se comtem posto q̃ naõ seja pasado pella chamcelaria sem embargo da ordenasaõ do segundo L° t° vinte em contrairo bautista de queuara a ffez em elluas a treze de Janeiro de mil e quinhentos e oytenta e hũ años / eu nunallurez p^rª a fiz escrever // Rey // Recebido nuno allurz p^rª // a leuara // // pera q̃ ho prouedor da comarqua de g.^ª veja a piticam acima e as p.^ª nella conteudas q̃ sem prouizam de vosa magestade aRecadaraõ allgo dr° os execute por ele e aRecade de Suas fazendas e de quem lhes fez emtregar ho dr° e ho emtregue ao executor da dita comarqua comforme a seu contrato e q̃ este não pase pella chancellaria //

treslado de a precatoria do tizoureiro mor //

[ĩ, 4] g^ar de landin caualleiro fidalguo da casa del Rey noso Sõr e seu tizoureiro mor de Seus Reinos de portugal executor mor e tizoureiro

[Fol. 92]

darqua etc. faco saber aos muito magnifiquos sorẽs ouuedores e comtadores e prouedores Juizes de fora ordynarios de todas as cidades e villas e lugares da comarqua do allmoxarifado de Guimaraẽs e asy aos Sorẽs ouuidores e a quoaẽsquer justicas a q̃ esta carta for apresentada q̃ elRej noso Sõr por o Regimento de meu hufiçjo e prouezoẽs q̃ tenho me manda emtregar todo ho dinheiro de seus Reinos do año pasado De quinhentos e oytenta e que pera iso tome conta aos executores e allmoxarifes do Reino pellas folhas do asentamento e que a nenhuãs pesoas sem seu mandado ou de Sua fazenda Salluo aos oficiaẽs da Justica q̃ escreuã em seu Seruico e pera ser notifiquado aos executores pasej cartas pera todo ho Reino q̃ lla deuiaõ ser apresentadas a vosas merces pera lhe mandar fazer as notefiquacoẽs aos ditos executores e que pera isto trouxesem as folhas Do asentamento e conhecimentos Do q̃ tinham paguo e ate ora me naõ seruindo nenhũ dos executores desas partes e deueo de causar naõ se fazer isto com ha diligencia q̃ conuen ao seruiso de Sua magestade e vosas merces comprirão com ha obrigasaõ de seus oficios e hora pareceo nesta corte andre corea de misquita executor do dito allmoxarifado e me dise que naõ lhe fora notefiquado cousa nenhuã e naõ trazia dinheiro pera sua magestade por q̃ ho q̃ tinha aRecadado lhe madara ho Sõr Dom Duarte meirinho mor vedor da

fazenda emtregar todo ha fernão Nunez bareto feitor da
[Fol. 92v.]
cidade do porto pera conprar carnes pera as armadas da jndja e outras armadas e asy pagara a dom garçia Sarmento por prouizam de Sua magestade noveçentos mil rs e en bragua lhes tomaraõ os officiaes da camara quoatrocentos mil rẽs dos Recebedores das sizas da dita cjdade e en amarante lhe tomaraõ os oficiaes do comcelho ao Recebedor conto e trinta mil rẽs e no Comcelho de filgueiras tomaraõ ao Recebedor trezentos mil res e por estas causas tomaraõ os vreadores de guimaraẽs aos Recebedores dellRej noso sõr dos direitos reaẽs hũ conto de res pera muros e ho q̃ lhe pareceo e poderião tomar mais despois della qua ser per os lugares do Dito allmoxarifado despois q̃ ella vejo q̃ anda nesta corte e por estas causas e por causa dos lleuantamentos de dom ant.º nem lhes quis pagar nen hobedecer e dom ant.º o mandaua prender pello que se veo fogyndo a esta costa e estas foraõ as causas por honde naõ trouxe[e]ra dinheiro e q̃ era necesario hir aRecadar e me pedyo carta pera yso pelo q̃ lhe pasey a presente pela quoal lhes Requeiro e mando da parte de Sua magestade o quoal quer de vosas merces a que for apresentada q̃ loguo com mujta diligençia lhe façais pagar todo ho dinheiro que se deue a Sua magestade ẽ a cadea e prendaõ cõ feros os que elle mandar lhos executem com todo Rigor ate pagarem cõ todas as e cunpraõ en todo seus madados ynteiramente conestrangendo aos oficiaẽs das
[Fol. 93]
camaras que lhe tomaraõ o dinheiro pera os muros e outras despesas q̃ fizeram q̃ loguo lho emtreguem e paguem sem lhes conhecer de Rezãm nenhuã q̃ dem pera deixarem de todo pagar salluo tendo comisaõ de Sua magestade ou dos seus vedores da fazenda pera poderem tomar ho tall dinheiro e gastallo e (...?...) os prenderaõ e enxecutaraõ com efeito ate todo pagarem e ho dito executor vsara na dita aRecadasaõ de toda a jurdicam q̃ tem comforme ha seu comtrato e Regimento sem lho ninguem perturbar nem hir a maõ antes como dito he lhe daraõ todo fauor e ajuda q̃ pedir pera cõ efeito se fazer as tais aRecadacoẽs e execusoẽs pera loguo ho drº ser trazido a esta corte ho q̃ hũs e outros conpriraõ com muita diligencia e desejo ter a sua magestade por bem seruido e do mais Recebera desprazer e dara a cada hũ ho castiguo q̃ cada hũ merecer feito em eluas dez dias do mes de feuereiro sjmaõ nunez escriuaõ do carguo a fez de mil e quinhentos e oytẽta e hũ / gᵃʳ de lamdim // symaõ nunez // o Doutor mᵉˡ da guera coreguer prouedor e comsaer em allcada por elRey noso Sõr em esta comarqua da villa de viana foz de lima etc. faco saber a todos os sorẽs coregedores ouuidores juizes e justiças a que este meu precatorio for mostrado e ho conhecimento della pertencer como a mim me foy apresentado ho precatorjo atras do Sõr gᵃʳ de landim
[Fol. 93v.]
Carvalho ho quoal madej q̃ se comprise e paso ho presente pera vosas merces pello quoal lhes Requeiro da parte de Sua magestade q̃ em todo ho cumpraõ e madem conprir como em ellas se contem sem duuida nem embarguo allgũ q̃ a elle seja posto porq̃ tendoos os viraõ perante min alegar e vosas merces naõ conheceraõ delles dado em ponte de lima sob meu Sjnal e Sello dos contos aos oyto dias do mes de majo gᵃʳ damorin escriuaõ o fiz de mil he quinhentos e oytenta e hũ annos pagou vinte res e

dasinar vinte res / guera / valha seu sello / ao sello dez res //

Comisão

[Ī, 5] Andre corea de misquita executor do allmoxarifado de g^{es} per este per min feito e asjnado faco meus procuradores aos Soarēs Jm^{o} corea de mesquita morador em Villa Real e ao L^{do} d^{os} Rz coreguer da comarqua de g^{es} e ao padre m^{el} l^{co} pera q̄ todos e cada hũ deles aRecadem e Receban todo dr^{o} de g^{es} asy dos anos pasados como deste presente de q̄ saõ executor executem todos os devedores e asy Recebedores como Rendeiros os direitos reaes com todas as pesoas q̄ deuem dr^{o} a elRey noso sor do dito Almoxerifado e lhes cometo minhas vezes asj como eu fizera se fora presente a q̄ tudo obriguo minha pesoa e fazenda a todo conprir per quoanto eu ora vaa as cortes por madado delRej noso sõr

[Fol. **94**]

outro sy leuar dr^{o} do dito allmoxarifado e poderaõ dar pagas e quitacoēs todos juntos e cada hũ per sy pello q̄ Requeiro a vosas diguo a todos os coreguedores ouuidores juizes e justicas o leixem (?) Receber e arecadar todo o dito dinheiro e os fauoresaõ por seruiso do dito sõr feito em villa Real per mim feito e asjnado aos vinte de março de mil e quinhentos e ojtenta e hũ / Andre Corea mesquita // sertifiquo eu g^{ar} fz t^{am} do pp^{co} e Judicial desta villa de Villa Real por prouizam delRej noso sõr q̄ pera jsto tenho q̄ e verdadeiramente a letra e sinal acima de comisaõ e do Sõr andre corea de mesquita executor do allmoxarifado de g^{es} e oye en Dja serue seu hoficjo e por verdade fiz e asinej aquj de meu sinal pp^{co} q̄ tal h oije vinte e hũ dias do mes de marco de mil e quinhentos e hoitenta e hũ años os quoaes papeis atras declarados eu escriuaõ os treladej e comsertey com os proprios q̄ emtreguey a g^{o} añes caminheiro q̄ os apresentou o quoal os Recebeo e asjnou //

de g^{o} † anēs

Notificações

Ī, 6 na dita camara notefiquej eu escriuaõ por madado dos ditos Regedores a precatoria do executor andre co. diguo Jm^{o} corea de mesquita .N. (?) a g^{ar} alũz / p.^{o} Jacome / fr^{co} da Costa Symaõ daguiar Recebedores

[Fol. **94**v.]

deste presente año e lhes asinej o termo comtedo na dita carta precatoria q̄ fique em meu poder

Recebedores

Ī, 7 mais mandaraõ a g^{o} fz porteiro q̄ notefiquase aos Recebedores do ano atras .s. alluaro luis / p^{o} daguiar / R^{o} eñes alfaiate migel fz capateiro / e q̄ viese dar fee a min escriuaõ e q̄ lhes asjnase o termo na carta conteudo / e asinaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj

farto / Alm^{da} / hejtor Djas / fr^{co} Soares / boauentura majo / Martin da maja

104. Sabado dezasete di diguo quoarta feira dezasete dias do mes de majo de mil e quinhentos oytenta e hũ años foraõ juntos em camara hos sorēs [*entrelinha:* matheus friz farto] eitor diz o L^{do} fr^{co} Soares Damiam dalmeida vreadores boaventura majo procurador com a entre linha q̄ diz mateus friz farto

Quadrilheiro

Ī, 1 na dita camara pareceo d^{os} fr^{co} quadrilheiro da freg. de san p^{o} deste e dou ffee q̄ notefiquara aos da Sua quadrilha q̄ pozesem carualhos e semeasem seuada

[Fol. 95]

e matasem os pardaẽs e q̃ em tudo conprisem a vreasaõ e asynou

d^os † *frz^co quadrilheiro*

Jurado

Ĩ, 2 na dita camara pareceo fr^co glz jurado de navara e jurou os Santos avangelhos de fazer seu oficjo bem e verdadeiramente comforme ao carguo q̃ tinha e asinou

do Jurado † *fr^co glz*

Adros com árvores

Ĩ, 3 mais pareceo na dita camara ho Jurado de nogueira p^o glz o nouo e deu fee q̃ notefiquara aos moradores na dita fr^ia q̃ semeasem seu adro e pozesem carualhos e conprisem em todo a vreasaõ e asjnou

p^o † *glz* Jurado

Ĩ, 4 pareceo maes g^do Diz Jurado de guoaltar q̃ notefiquara a todos os freigueses q̃ teuesem posto carvalhos e sereasem seu adro e todo ho mais q̃ eraõ obrigados comforme a vreasaõ e asjnou

g^do † *diz* Jurado

Recebedores da Sisa

Ĩ, 5 deu fee g^o fz porteiro da comara q̃ notefiquara a R^o anẽs, alfaiate Recebedor do anõ pasado q̃ fose pagar a g^es ho q̃ teuese por pagar q̃ Recebera da dita sjza e esto em termo de hũ dia e q̃ naõ achaua o[s] maes Recebedores q̃ lhes parecia q̃ se escondiaõ e Suas merces mandaraõ notefiquar Suas molher ou hũ vezinho mais chegado e asinou

de *g^o* † *fz*

[Fol. 95v.]

Preço do azeite

Ĩ, 6 acordaraõ na dita camara q̃ se lancaise pregom q̃ pella emformasaõ q̃ do custo do azeite tinhaõ naõ valese o quoartilho mais de vintem sob pena da dous mil res e da cadea pera ho concelho e quem ho acusar / a outra ametade /

Preço do pescado

Ĩ 7 acordaraõ mais q̃ nenhũ pescado fresquo o q̃ vier a esta cidade fose posto nen valese mais o aRatel de dez res e ho lanhado doze res e ho Rezente a treze res ho aratel / e hos allmotacẽs naõ poderaõ acresentar esta postura demen[u]r sy sem L^es da dita camara quoanto acresenta // e se notefiquem os allmotaceẽs pera ho Sobredito // por min escriuaõ //

Pão das Igrejas

Ĩ, 8 acordaraõ q̃ se pasase alluara pera os quadrilheiros deste termo estarem presentes ao malhar do paõ das Rendas e virem asentar a esta camara ho pan q̃ achar q̃ Rende a dita Ig^eia e ho mediraõ e hos Rendeiros ho naõ malhem sem eles pera ho q̃ seraõ notefiquados e asy tomaraõ comta do m^o e todo embargaraõ q̃ naõ saja fora da fr^ia sem Lç^a da dita camara con pena de vinte cruzados da cadea e ho pão perdido // e os quoadrilheiros conprirаõ esto com pena de dez cruzados da cadea //

Pagas

Ĩ, 9 acordaraõ q̃ ho procurador de hũ vintem a cahũ dos homẽs que vierẽ varrer e alimpar as Ruas e muros e todo q̃ lhes esta mandado q̃ fasaõ nesta cidade pera beberem //

Vestes

Ĩ, 10 acordaraõ q̃ se dese hũ vistido de couilham de cores com seu capilhor (?) ao alfaqueque da mourisqua

[Fol. 96]

Pão

Ĩ, 11 na dita camara deu ffee martin anẽs q̃ deitara o pregan q̃ nimguem tirase paõ cozido fora desta cidade e todo o mais q̃ se acordou no acordo atras de dez de majo deste presente anõ e asjnou

de *martin* † *anẽs*

Para soltar presos

Ĩ, 12 na dita camara madaraõ hos ditos Juizes e vreadores e procurador a fr^co Rabello escriuaõ dallmotacaria q̃ naõ fizese alluaras de soltura a nenhuã pesoa q̃ esta camara madase prender e isto lhe foy notefiquado en sua pesoa as

sinquo oras da tarde e elle dise q̃ ho faria e asinou

Pão

I, 13 acordarão q̃ o Rendeiro do comcelho corese de dia e de noite Suas Rendas e vigiase todas as pesoas q̃ desta cidade tirasen paõ cozido ou moido ou em gran e q̃ sendo achado con hũ porteiro da noite por as Justiças q̃ naõ seya preso nem avexado pera ho q̃ madaraõ a min escriuaõ pasase precatoria pera ho ouuidor e mais Justiças //

Vestes

I, 14 na dita camara ouviraõ partes e despacharam piticoẽs e diguo q̃ acordaraõ q̃ se fizese de vistir aos gygantes e ao pay de boquaxim de cores // e q̃ comserte as masquaras aos gigantes

I, 15 na dita camara ouuiraõ partes e despacharão **piticoẽs Martim** damaja escriuaõ da camara ho escrevi

[Fol. **96**v.]

com antrelinha q̃ dĩz mateus frz farto Jz sobredito o escrevy e asynaraõ //

farto / hejtor Djas / Almda / frco Soares / boauentura majo

105. Sabado vinte dias do mes de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs foraõ juntos em camara os Sores eitor diz he dameaõ dallmeida vreadores

[I, 1] e por não virem os mais e hos Juizes, não fizeraõ camara e madaraõ fazer este termo martin da maja escriuaõ Da camara ho escrevi

hejtor Diaz / damiã dalmda

106. Sabado vinte e sete dias do mes de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs foraõ juntos em camara os Snorẽs Ldo mateus frz farto Juiz ordinario ejtor Diz / o Ldo frco Soares / Damiaõ Dalmeida vreadores boaventura majo procurador e asy frco teixeira Juiz sobredito o escrevi

Chave do cofre

I, 1 na dita camara pareceo manoel luis ureador mais velho do ano atras

[Fol. **97**]

De oytenta ao quoal foy entregue a chaue diguo huã das chaues do cofre dos allmotaceis segũdo custume e asjnou

manollljs

Preço do azeite

I, 2 na dita camara deu ffee martin anẽs preguoeiro q̃ aos dezasete dias do mes de majo lancara pregan pella cidade q̃ ninguen vendese ho azeite aquoutilhado (sic) mais q̃ ha vintem ho coartilho com pena de dous mil res e da cadea e asjnou

de *martin † anẽs*

Pão

I, 3 na dita camara cometeraõ a eitor diz q̃ Repartise o pan das Igreias deste termo por as pesoas q̃ lhe parecer

I, 4 na dita camara se sairaõ ho Ldo mateus frz farto Juiz e ho Ldo frco Soares vreador e portanto naõ asjnaraõ //

Tangedores da Mourisca

I,5 na dita camara acordaraõ de acresentar a frco aluz e a gar aluz por tamgeren os ataneros (?) da mourisqua is. frco aluz lhe daraõ oyto tostoẽs / e a gar aluz sete / e aos mais tangeres gaita e salteiro vinte res cada hũ // q̃ saõ sinquoenta cada hũ //

I, 6 na dita camara ouuiraõ partes e despa-

[Fol. 97v.]

pacharaõ pitjcoẽs e asynaraõ os sobreditos martin da maja escriuaõ da camara ho escrevi

fr^co^ tx^ra^ / Alm^da^ / hejtor Djas / boauentura majo

107. Quoarta feira trinta e hũ dias do mes de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ años foraõ juntos em camara os Snnorẽs o L^do^ mateus frz farto / fr^co^ teixeira Juizes / eytor diaz o L^do^ fr^co^ Soares vreadores / boaventura majo procurador // e asy Damiaõ dallmeida vreador //

Pagas

I, 1 na dita camara pareceo g^er^ aluz caleiro Recebedor do termo e coutos desta cidade e apresento quitasaõ e pagua e asj todos os mais Recebedores deste presente ano de oytenta e hũ e mostraraõ pagas do pr^o^ quoartel de Jm^o^ corea de misquita // allmoxarife da Comarqua de guimaraẽs

Almotacés

I, 2 na dita comarca forão tirados os allmotacees do cofre da bolca hũ dos pelouros e sairão por allmotaceis fernaõ barquo he Yeronimo pinto os quaẽs foraõ madados chamar e pareceo lloguo fernão barquo pera tomar juramento

[Fol. 98]

[**I**, 3] e lloguo na dita camara pareceo fernão barquo q̃ Sajo por allmotacel ho mes de Junho deste presente ano ao quoal foy dado juramento dos santos avangelhos em q̃ elle pos Sua mão sob carguo do quoal lhe madarão q̃ bem e verdadeiramente seruise de allmotacel ho dito mes de Junho e guoardase a ordenasão delRey noso sõr, e vreacoẽs desta comarca e justica as partes asjnou martim da maja escriuão da camara ho escrevj

barco

Contas. Porcos

I, 3 acordarão q̃ sesta feira procima q̃ vem se ajuntasem os vreadores as duas oras pera se tomar conta a alluoro filgueira do dinheiro q̃ Recebeo da camara / tambem madarão notefiquar as pesoas q̃ tem porcos deste comcelho do seruiso da Repp^ca^ q̃ parecão nesta camara pera sabado

Bandeiras e atambores

I, 4 na dita camara acordarão q̃ ho escriuaõ notefiquase a fernão de teiue fr^co^ dalmeida / paullo machado / e ha m^el^ figueira e ao doutor Jm nog^ra^ capitaẽs desta cidade q̃ emtreguem as bandeiras e atambores nesta camara da notefiquasão ate ha primeira camara con pena de pagarem todo de suas casas e a min escriuaõ lho notefiquase sob pena de sospensão e de dez cruzados /

Gigantes

I, 5 acordarão q̃ o procurador pagase a sjmão p^ra^ capinteiro o ordenado q̃ sempre lhe pagarão por ter os giga[n]tes em sua casa //

[Fol. 98v.]

I, 6 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoes martim da maja escriuaõ da camara ho esescreuj e asjnaraõ sobredito ho escrevy /

Taxa dos sapateiros

I, 7 Decllaro eu escriuão q̃ acordaão mais q̃ se apreguase a taxa dos sapateiros da maneira q̃ se uza em g^es^ e Comforme a huã tauxa q̃ os capateiros trouxeraõ de g^es^ a esta Cidade e terão todos Seus Regimentos comforme a dita taixa de g^es^ e esto em termo de dez dias sob pena da vreasão // e Se apreguar nesta cidade // e asjnaraõ martim da majà escriuaõ da camara ho escrevj

farto / fr^co^ tx^ra^ / alm^da^ / boauentura majo / fr^co^ Soares / hejtor Djas

108. Sabado tres dias do mes de Junho do mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs forão. Juntos em camara hos sorẽs fr^co^ teix^ra^ juiz eitor diaz / o L^do^ fr^co^ Soares e damião dalmeida vreadores e boaventura majo procurador /

Cartório da Câmara

ĩ, 1 na dita camara acordarão q̃ huã sertidaõ q̃ eu escriuaõ cobrara d xpouã de Rezende das prouizoẽs de Sua magestade e perdaõ geral

[Fol. 99]

q̃ eu escriuaõ entreguey ao ouuidor se metese no cartorio da camara /

Bandeiras e atambores

ĩ, 2 na dita camara dey eu escriuão fee q̃ notefiquara a paullo machado / e ha fernão de teiue capitaẽs q̃ entregasem as bandeiras e atambores como me foj madado

Notificações

ĩ, 3 na dita camara dey eu escriuaõ fee q̃ notefiquara huã precatoria ao Sõr ouuidor como me estaua mandado no acordo atras /

ĩ, 4 na dita camara dey eu escriuão ffee q̃ notefiquara a Jm fereira Recebedor do año pasado das sizas das propriedades q̃ parecese diante de Suas merces esta camara

ĩ, 5 e asy maes dey eu escriuão ffe de como martim añes preguoeiro apreguoara a tauxa dos capateiros q̃ vejo da vila de g^es^ com ho qual martin añes eu escriuão andey pelos lugares acustumados da cidade e lhe ly a tauxa e Regimento de verbo a verbo e elle o apreguou e esto no p^ro^ dja do mes de Junho deste presente ano //

Provisão real

ĩ, 6 acordarão q̃ huã prouizam q̃ vejo de Sua magestade q̃ trouxe di^o^ de barros procurador das Cortes se Regystase neste liuro a quoal he a seguinte //

treslado da prouizam

Eu elRei ffaco Saber aos q̃ este alluara virem q̃ antre os capitulos particulares

[Fol. 99v.]

q̃ a cidade de bragua me enuiou por seus procuradores q̃ vierão as Cortes q̃ fiz nesta villa de tomar este año presente de quinhentos e oytenta e hũ veyo o capitollo de q̃ ho treslado he o seguinte ¶ fazem os tauerneiros e vendeiros grandes extorcões e Roubos aos pouos não guordando as pusturas e mandados Das camaras e allmotaceis e pera a sua vontade vsarem de suas ladroyces ./. tanto q̃ os allmotaceis ẽtram lhes ponhe sospeicoẽs afim de durarem quorenta dias e pasar o tenpo q̃ serue ho almotacel ./. p. a V. mag^de^ mande q̃ pondo os sobreditos sospeicoẽs não vzem de seus officios e mesteres ate os fazerem detriminar q̃ Sera em cinquo dias e pasados eles vzem os allmotaces de sua jurdicão não sendo Julgados de sospeitos ho q̃ he em grande proueito do pouo ¶ e visto por min ho dito capitullo e as cousas q̃ nelle alegam ey por ben e me praz q̃ pondo daquy em deante os tauerneiros e vendeiros da dita cidade de bragua e o seu termo sospeicoes aos allmotaceis della por Rezam do comteudo no dito capitullo não vzem os ditos tauerneiros e vendeiros dos ditos seus oficios e mesteres ate as ditas sospeicoẽs se determinarem como for justiça / ha quoal determinasão eles farão fazer demtro em cinquo dias q̃ comesarão do dya em q̃ as ditas sospeicões forem postas / e tanto q̃ forem pasados poderão os Ditos allmotacees vsar de sua Jurdicaõ não sendo Julgados de sospeitos e amado a todas as Justicas hoficiaẽs e pesoas a q̃ este alluara for mostrado e o conhecimento dell pertencer q̃ ho cumpraõ guoardem e fasaõ

Inteiramnte conprir e guoardar como se nele comtem ho quoal se Registara no liuro da camara da dita

[Fol. 100]

cidade de bragua e este propio se pora no crtorio della em toda guoarda boa / q̃ ey por ben q̃ valha como carta e não pase pella chancellaria sem embarguo da ordenasaõ do segundo L° titullo vinte q̃ ho contrairo despoen / p° de seixas ho fez em tomar aos dezanoue de majo de mil e quenhentos e oytenta e hũ / *Rey* // Alluara da cidade de bragua / e de q̃ v. mag.de per elle ha por bẽm sobre os taverneiros e vendeiros della e de seu termo / como e declarado no cap.° de cortes da dita cidade acima trasladado e q̃ este valha como carta e não pase pela chancellaria // p° barboza / Jeronimo pr.a // ho quoal alluara eu escriuaõ martim da maja escriuaõ da camara desta cidade fiz tresladr diguo tresladej bem e fielmente do proprio q̃ ficou lançado no cartorio da dita camara ben e fielmente e me Reporto em todo e por todo a dita prouizaõ e asinej de meu sjnal costumado aos tres de Junho de quinhentos e oytenta e hũ años

martim da maja

ĩ, 7 na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e asjnarão martim da maja escriuaõ da camara ho escrevj // *fr.co tx.ra / hejtor Djas alm.da / fr.co Soares / boaventura majo*

[Fol. 100v.] **109.** Quoarta ffeira sete dias do mes de Junho de mil e qujnhentos ojtenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara os Snnorẽs fr.co teixeira Juiz eytor diz / o L.do fr.co Soares e damião dallmeida vreadores / e boaventura majo procurador

Paga ao médico

ĩ, 1 acordarão q̃ se pagase ao L.do bernaldo velho mediquo desta cidade dez cruzados conforme a huã prouizam q̃ diso tem ho dito L.do //

Fojacal e Rexio do Colégio

ĩ, 2 acordarão q̃ na camgosta q̃ vay pera ho fojaqual por detras de São marquos e por baixo da fonte nenhuã pesoa lance sesquo nem outra alguã mondice nem Sogidade nenhuã sob pena de mil res e vinte dias da cadea ametade pera ho c° e quem acusar ha outra meitade / e ho mesmo acordarão da quangosta de São Saabastiaõ e ho madaraõ apreguoar // e ho mesmo na Rua de palhaes q̃ say ao Rexio do collegjo de São tiaguo //

Sapateiros

ĩ, 3 acordarão q̃ os capateiros tiuesem todos a obra comteudo em Seu Regimento / e q̃ não lleuen nenhuã obra feita pera fora desta cidade sem L.ça da camara della sob pena de perdimento da dita obra e dez cruzados e da cadea ametade pera ho c° e a outro ametade pera quem ho acusar a execusão do quoal cometem ao allmotaceis pera ho q̃ diso madarão lancar pregam / e declararão majs

[Fol. 101]

q̃ quoanto a obras q̃ ante tem feita em Sua casa pera venderem comforme a seu Regimento não ha tendo toda como são obrigados em seu Regimento pagarão por cada vez q̃ lhe não for achada a dita obra dous mil res he da cadea pera ho c° e quem ho acusar // e q̃ quoanto ao leuar do callcado pera ffora emcorão na pena de dez cruzados da cadea e perdicão della como dito e // e q̃ se apreguoase pla cidade

Sabão tabelado

ĩ, 4 acordarão q̃ nenhũ diguo q̃ pela emformasão q̃ acharão q̃ has pesoas q̃ venderen Sabam ho não vendõ a mais o aRatel q̃ ha trinta res e dahy pera

baixo os allmotacees lho porão como lhes parecer e emformasão q̃ tomarem dos precos q̃ corerem e não poderão allterar a dita postura de trinta res sem L.ca desta camara e q̃ se apreguoase isto cõ pena de dous mil res da cadea pera ho c.o e quem ho acusar

Pedreiros e carpinteiros

ĩ, 5 acordarão q̃ nenhũ pedreiro nem carpinteiro posan leuar mais de jornal por dia no verão a setenta / e no Inverno a sesenta .S. de ho p.ro doutubro ate ho p.ro de marco a sesenta res e desde marco ate o fim de Setembro a setemta res e q̃ esta vreasão se emtendera nos q̃ forem emgeminados por esta camara / e Diguo q̃ tiueren carta d emgiminasão e os obreiros q̃ com eles andarem não leuarão de cinquoenta res no verão e no Jnuerno a corenta / e aos Seruidores e Jornaleiros

[Fol. **101v.**]

não leuarão mais de vinte res e de comer ou quorenta res Sequos e q̃ ysto se apreguoase com pena de mil res o q̃ asj o não conprir e da cadea pera ho c.o e quem ho acusar.

ĩ, 6 na dita camara despacharaõ piticoẽs e ouuiraõ partes e asjnarão martim da maja escriuão da camara ho escrevi

fr.co tx.ra / hejtor Djas / fr.co Soares / damjã dalm.da / boauentura majo

110. Sabado dez dias do mes de Junho de mill quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua nas pousadas do Sõr L.do mateus frz farto Juiz ordinarjo mais velho a honde se Juntarão hos sorẽs .S. ho sobredito L.do mateus frz farto heitor diz o L.do fr.co soares damiaõ dalmeida vreadores boaventura majo procurador /

Paços do Concelho a ruir

[ĩ, 1] os quoaes sorẽs se juntarão na dita casa ahonde asentarão de continuar as camaras ordinrias porquoanto a casa do c.o ahonde se faziaõ as ditas camaras

[Fol. **102**]

estaua mujto priguoza pera cair e por o Risquo q̃ avia de suas vidas e da gente q̃ ahy se ajuntaua ordenarõ fazer a dita camara nas ditas casas como dito he martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj fr.co teix.ra juiz ordinario /

Bandeira e atambor

ĩ, 2 na dita camara pareceo fr.co dalmeida capitaõ de huã bandeira desta cidade ao quoal eu escreuão notefiquey per madado de suas merces q̃ leuase a bandeira e atambor a dita camara q̃ lhe dado fora com pena de se proceder contra eles como for Justica //

ĩ, 3 lloguo na dita camara pareceo ho dito fr.co dallmeida e dise q̃ quoanto ao atanbor q̃ fora dado ao Doutor Jm.o nog.ra capitaõ quoa[n]do foy ao porto e q̃ ho madara dar aluoro filgueira Juiz do año pasado / de q̃ tinha acinado e q̃ quoa[n]to a badeira q̃ ha tinha na Sua quinta de travanqua a quoal estaua enpedida q̃ lhe desem tenpo q̃ a traria e yles srs Regedores lhe derão trinta dias pera trazer a dita badeira y el prometeo trazella e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escrevi

fr.co dalm.da

Recebedores de sisa

ĩ, 4 na dita camara parecerão g.o añes e alluoro luis Recebedores do anno de oytenta aos quoaes eles Sorẽs Regedores madarão q. ate p.ra

[Fol. **102v.**]

Camara tragão sertidão ou quitasão de como tem satisfeito o conto da Sjza q̃ erão obrigados a Responder a eilRey nosõr e o q̃ Receberão ho dito seu año e este con pena de os mandar ao castello e se fazer comprimento de Justica

o quoal eu escriuaõ lhes notefiquej em suas pesoas.

Porta Nova

I, 5 na dita camara acordarão q̃ boaventura majo perfizese preco com esteuo da cunha da pedra q̃ deo pera a porta noua e lhe pagase emformandose do q̃ vale e se lhe leuara em conta o q̃ der por ella //

Pregões

I, 6 na dita camara pareceo martin anẽs preguoeiro e deu ffe q̃ lancara todos os preguoẽs q̃ se acordaraõ a camara pasada q̃ foi quoarta feira sete dias do mes de Junho de quinhentos oytenta e hũ o quoal pregaõ lancara publiquamente per esta cidade como foj acordado e asjnou

de *martin † añs*

Almotaceis

I, 7 na dita camara elegerão por allmotacel a Manoel brauo cidadaõ desta cidade porquoanto Jeronimo piz q̃ Sajo este presente mes de Junho por em verdade ser auzente e não vir ate ora o quoal allmotacel ẽlegeraõ comforme a lley e estyllo /

I, 8 e lloguo na dita camara pareceo ho dito manoel brauo q̃ foj elleito por allmotacel este presente mes de Junho

[Fol. **103**]

ao qual hos sorẽs Juizes e vreadores deu (sic) yuramento dos Santos evangelhos sob carguo do quoal lhe madaraõ q̃ ben e fielmente seruise de allmotacel ho dito mes e guoardase a ordenasão del Rey e noso sor e vreacoẽs desta camara e justica as partes e elle asj o prometeo e asjnou martin da maja escriuão da camara ho escrevj

M^{el} brauo

Bandeira e atambor

I, 9 na dita camara dey eu escriuaõ ffee q̃ notefiquara a fernão de teiue quapitaõ desta cidade q̃ parecese perante os Juizes e vreadores a dar conta da bandeira e atanbor con pena de se proceder comtra elle como for Justiça //

Curandeiro ou carta de exame

I, 10 na dita camara acordaraõ q̃ se notefiquase hũ homen q̃ estaua prezo no castelo desta cidade per nome g^{er} de faria q̃ deziaõ curar de enfirmidades q̃ ate a primeira camara madase mostrar carta de engeminasão //

I, 11 na dita camara ouuirão partes e despacharaõ piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / fr^{co} tx^{ra} / Alm^{da} / *buoauentura majo* / hejtor Djaz / fr^{co} Soares

[Fol. **103**v.]

Privilégio dos cativos

[I, 12] Aos dez dias do mes de Junho do mil he quinhentos e oytenta e hũ años nesta cidade de bragua por parte de g^{do} g^{la} capateiro morador ẽ esta cidade no Roxio do castello della ffoj apresentado a mim escriuão hũ priuilegjo dos catiuos do monposteiro mor dos ditos cat'uos com hũ despacho dos Regedores porq̃ madarão se Registase neste L^{o} ho quoal priuillegio segundo dele parecia hera dado ao dito giraldo giz pera q̃ aRecade as esmolas na casa nova da miã desta cidade e segundo delle parecia era ffeito da letra de Ant^{o} sobrinho escriuaõ dos Resydos desta mesma e hasjnado por m^{el} Luis menposteiro mor dos catiuos segundo delle parecia ao pee do dito priu'lleggio ho quoal dizia ser feito aos tres de Junho de mil e quinhentos e oytenta e hũ años martin da maja escriuão da camara ho escreuj

[I, 13] e lloguo no dito dja mes y año acima escrito nesta cidade de bragua por parte de de fruitoso afomso de são sjmão dEste deste termo foy apresentado a min escriuaõ hu priuileggio dos cat'uos com hũ despacho dos Regedores per q̃ mandaraõ se Regystase neste L^{o} ho quoal priuilegyo era da letra Redonda

cõ hũ sjnal ao pee q̃ dizia nobrigua // e hũa Sertidaõ nas costas do dito priuileggio q̃ dizia ser feito e asynado por Lionel lopez da fomsequa menposteiro mor dos catiuos nesta comarqua dantre douro e minho feito aos vinte e hũ de majo de mil he quinhentos e oytenta e hũ años / ho quoal priuilegjo se comendou e era dado ao dito fruy

[Fol. **104**]

tozo afomso pera q̃ aRecade as esmollas na dita ygreja de São symaõ dEste deste dito termo martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

111. Quoarta ffeira quoarto diguo quatorze dias do mes de Junho de mil he quinhentos e oytenta e hũ años foraõ Juntos em camara os Sorẽs o L^do^ mateus frz farto / fr^co^ Teixeira Juizes ordinarios. eytor diz Damiaõ dallmeida vreadores e o L^do^ fr^co^ Soares outro sy vreador

Pão

I, 1 na dita camara acordaraõ q̃ eu escriuaõ pasase dous alluaraẽs de corer pera os quadrilheiros deste termo parecerem a primeira camara con pena de mil res pera porem a Recado o pão das ygrejas deste dito termo //.

I, 2 na dita camara ouuirão partes e despacharão pyticoẽs martin da maja escriuã da camara o escrevj / e asjnaraõ sobredito o escreuj

Notificação

I, 3 decllaro eu escriuão q̃ na dita camara deu fee g^o^ frz portr^o^ da camara q̃ notefiquara ao ffaria q̃ estaua prezo no castello q̃ ate p^ra^

[Fol. **104**v.]

camara mostrase carta de engiminasão como curaua e ho sjnou

de *g^o^* † *frz*

I, 4 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs como dito he m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

*farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djas / fr^co^ Soares / damjã dalm^da^*

112. Aos dezaseis dias do mes de Junho de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara en casa do sõr L^do^ mateus frz farto Juiz ordinario casa deputada pera se fazer camara foraõ juntos o dito sõr L^do^ ffarto e fr^co^ teixeira Juizes / eitor diaz / o L^do^ fr^co^ Soares Damiaõ dallmeida / boaventura majo procurador // perante diguoa vreadores boaventura majo procurador /

Cortes de Tomar

[**I, 1**] perante eles pareceo ho doutor Jm^o^ nog^ra^ procurador q̃ foy as cortes emleito en esta dita cidade e dandolhes conta e emformasao do q̃ lla para nas ditas cortes apresentou huã carta de sua magestade e outras prouisoẽs cujo teor se segue / e asy apresento[u] mais duas cartas de sua magestade q̃ nesta cidade lhe foraõ dadas por elles Regedores // as quoaẽs não vão aquy tresilladadas somente a carta

[Fol. **105**]

de Sua magestade e sertidaõ cujo treslado de verbo a verbo e ho seguinte //

Cartas del-Rei

[**I, 2**] Juizes e vreadores e procurador da cidade de bragua eu elRey uos emviamos muyto Saudar pella carta q̃ uos mandey escreuer sobre a eleicão dos procuradores q̃ desa cidade aviaõ de vir as Cortes q̃ fizeraõ nesta villa de tomar entendereis q̃ era minha tencão fazeruos merce pera ajuda da desp^a^ q̃ os ditos

procuradores nestas cortes ffizesem a quoall mandey ora decllarar e he a q̃ vereis pella prouizam q̃ com esta sera ẽ q̃ se teue Respeito aos dias q̃ Rezedirão em minha corte e sempre ho terey em tudo ho q̃ se hoferecer e tocar a esa cidade como e Rezam ffeita em tomar a vinte e tres de majo de mil he quinhentos e oytenta e hũ // Rey //

Subsídio real

[I, 3] prouizão dos sesenta mil res q̃ Sua magestade concedeo pera hos procuradores

Eu elRey mado a vos executor do allmoxarifado da villa de g^es q̃ do Rendimento do p^ro quartel deste anõ presente de quinhentos e oytenta e hũ com q̃ abeis dacudir ao tizoureiro Darqua do dr^o de meu asentamento dees dos officiaes da camara da cidade de bragua sesenta mil res de q̃ lhe faco merce pera ajuda da despeza q̃ fizerão com os procuradores q̃ vierão as Cortes q̃ se fizeraõ nesta villa de tomar / e per este com conhecimento do tizoureiro ou Recebedor das Rendas da camara da dita cidade em q̃ decllare q̃ lhe ficam os ditos

[Fol. **105v.**]

sesenta mil res caregados em Reedito mando ao dito tizoureiro do dr^o darca ou a quoallquer outra pesoa a que fordes obrigado acudir com ho dr^o de meu asentamento q̃ volos tome em pagamento e aos contadores q̃ lhos leuen em conta posto que este alluara não pase pela chancelaria nem seja Regystado no liuro das merces de q̃ he escriuaõ sebastiaõ diz nem vay na folha do ico diguo do asentamento sem embarguo do Regymento ẽ contrairo gaspar de seixas ho ffez em tomar a vinte e tres de majo de mil e quinhentos e oytenta e hũ // bertolameu frouz o ffez escrever // Rey // dom Cristouão // Lx rs / no executor do allmoxarifado de Guimaraẽs de q̃ vosa magestade ffaz merce aos offjciaes da camara da cidade de bragua pera ajuda da despeza q̃ fizeraõ com os procuradores q̃ vieraõ as Cortes // bertolameu frouz //

Privilégio a Braga

[I, 4] treslado do alluara de sua magestade do preuilegjo dos cidadõs desta cidade //

Eu elRey ffaço saber aos q̃ este allvarall virem que antre os capitolos particulares q̃ a cidade de bragua me emuiou per seus procuradores q̃ vyerão a Cortes q̃ fiz nesta villa de tomar este anõ presente de quinhentos e oytenta e hũ veyo hũ capitullo de q̃ o treslado e ho seguinte

¶ peden a V. mg^de q̃ avendo Respeito ao muito amor (?) e lialldade q̃ os cidadaõs da cidade de bragua mostrarão nos motiẽs e levantamentos p^dos / lhes conceda q̃ gozem dos priuilegios os cidadaõs della de q̃ ate guora gozauam os cidadaõs da cidade do porto // E visto per min ho dito capitullo e as cousas

[Fol. **106**]

q̃ se nele alegan e por fazer merce ha dita cidade de bra[g]ua ey por bem he me praz de lhe comceder todos os preuilegios graças e liberdades q̃ tem e de q̃ gozam os verdadeiros cidadaõs da cidade de Coinbra, pera q̃ daquy em diante posaõ guozar / e vsar dos ditos priuilegios graças e liberdades da çidade de Coinbra / os verdadeiros cidadãos da dita cidade de bragua / por que asy o ey por bem por algus Respeitos que me a ysto mouem e mando a todos meus desembargadores coregedores ouuidores Juizes e Justicas oficiaes e pesoas a que este aluara hou traslado delle em pp^es forma for mostrado e ho conhecimento delle pertemcer q̃ lho cumpram guardem e facam jnteiramente comprir he guoardar como se nele comtem o quoal Registaram no Liuro da camara d'guo o quoal se Registara no Liuro

da camara da dita cidade de bragua pelo escriuaõ della e ho proprio se pora no cartorio em boa guoarda pera em todo tempo se uer e saber q̃ se concedeo ho comteudo nestes alluaras per minha Licenca e autoridade nome sobredito / e este alluara mapraz q̃ valha e tenha força e vigor como se fose carta feita em meu nome per min asynada e pasada per minha chancellaria posto q̃ por ella na seja pasado sem embarguo da ordenasão do segundo Liuro titulo vinte q̃ o comtrairo despoey p° de seixas o fez em tomar aos vinte e hũ de majo de mil he quinhentos e oytenta e hũ // *Rey* // E a vosa magestade por ben por fazer merce a cidade de bragua de lhe comceder todos os priuilegios graças e lyberdades q̃ tem e de q̃ gozam os

[Fol. **106v.**]

verdadeiros cidadaõs da cidade de Coinbra pera q̃ daquy em diante posam gozar e vsar dos ditos preuilegios graças e liberdades da cidade de Coinbra os verdadeiros cidadaõs da dita cidade de bragua na maneira acima declarada e q̃ este valha como carta he não pase pella chamcellaria // Jeronimo p^ra // antonio pinto // pg cem res // hos quoaẽs alluaraẽs e carta de Sua magestade eu martin da maja escriuaõ da camara tresladey ben e fielmente dos proprios sem cousa q̃ duuida fasa e hos comsertey com eles e asyney de meu synall custumado com os ditos sorẽs Juizes e vreadores abaixo asynados no dito dja mes y ano Ut supra e este alluara fiqua llancado no cartorio da camara (...) ele contem //

farto / fr^co tx^ra / hejtor Djaz / Martin da maja / francisco Soares / boauentura majo / alm^da

113. Sabado dezasete dias do mes de Junho de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara os sorẽs L^do mateus frz farto fr^co teixeira Juizes ordinarios eitor diz o L^do fr^co Soares Damiaõ dalmeida vreadores boaventura majo procurador

Pão

ĩ, 1 na dita camara acordarão q̃ fr^co teixeira Juiz eitor Diaz vreador tomasem conta aos quadri

[Fol. **107**]

lheiros do pão das Rendas ambos juntamente e cada hũ por sy pera q̃ eles fasam todo ho q̃ bem lhes parecer aserqua do tomar da dita conta do dito pam //

Candeleiros nas festas

ĩ, 2 acordarão q̃ os Juizes e mordomos da frg^a de são tiaguo e San Jm° façam sair os candilleiros das comfrarias sendo cidadaõs e fasan de maneira q̃ sejan na See acabante as vesperas e os ditos candyleiros os lleuaraõ os cidadaõs sob pena do q̃ o não quizer leuar pagar de pena dez cruzados cada hũ e toda a pesoa q̃ o leuar naõ sendo cidadaõ pagara dous mil res da cadea pera ho c° e despezas do dito dja //

Danças

ĩ, 3 acordaraõ mais q̃ a vespera e dja de são Jm° Sayam as dancas despadas e acompanharaõ os candileiros e ha bandeira da cidade e os mordomos os faraõ Sair cedo q̃ naõ esperem por elles //

Serpe e Cavalinhos

ĩ, 4 acordaraõ mais q̃ os mordomos da serpe e dos caualinhos os fasaõ Sair a vespora e dia de São Jm° e hacompanharaõ os candilleiros e bandeira da cidade

Bandeira

ĩ, 5 acordaraõ mais q̃ a bandeira da cidade leue o Juiz mais velho por o allcaide mor não estar nesta cidade e a vira tomar a porta do paco do C° honde e custume e a vespara hu a honde

e custume emprazar ho porquo e ao dia alem da ponte de g^{as} honde e custume hirem matar o porquo /

ĩ, 6 acordarão mais q̃ os Juizes e vradores e procurador cauallgaden e hacom

[Fol. **107v.**]

panhem a bandeira cõ os mais cidadaõs q̃ cauallos tiueren // e leuaraõ Suas varas verdes e lhas dara o procurador e se lhe leuarão em conta

Cavalos no S. João

ĩ, 7 acordaraõ mais q̃ todo o cidadaõ q̃ cauallo tiuer ho não enpreste pera fora a vespara e dia de san Jm^{o} antes caualguem e acompanhen a bandejra como dito he Seiam todos yuntos a vespara e dia na prasa do pam as oras q̃ se custuma tomar a bandeira sob pena do que asy não fizer pagar dous mil res de pena pera ho c^{o} e despezas do dito dja //

Espingardeiros

ĩ, 8 acordarão mais q̃ o anauel dos espingardeiros com os espingardeiros acompanhen os candileiros a vespara e ba[n]deira ẽ dja de São Jm^{o} e seraõ todos juntos na prasa do pam como e custume

Mourisca

ĩ, 9 acordaraõ mais q̃ o Rey da mourisqua Saja cõ Sua gente a vespara e dja de São Jm. e hacompanhen os candileiros e ha bandeira da cidade e ho procurador do c^{o} lhes dara pera allmocarem quinhentos res ou aquillo q̃ eles Regedores ordenarem sob pena daquele q̃ faltar pagar pera ho c^{o} e despezas do dito dia dous mil res

O porco lidado

ĩ, 10 acordaraõ mais q̃ o mordomo dos capateiros tenha cuidado no dito dia de saõ Jm^{o} pela menhã sedo terem o porquo alem da ponte de guimaraẽs no lugar acustumado pera q̃ tanto q̃ chegar a bandeira da cidade cõ a gente de cauallo ho soltarem pera com ele andarem folgando e terão auizo q̃ não pase a ponte pera a cidade pera q̃ naõ aja diferencas antre os moleiros e capateiros por que alegam os moleiros q̃ tanto q̃ o dito porquo pasa ha ponte pera a sidade e seu e q̃ asy e custume //

Pagas

ĩ, 11 acordarão mais q̃ o procurador de a cada dansa cinquoenta res e aos gaiteiros que lhes tangem trinta

[Fol. **108**]

res a cada hũ ou aquillo q̃ eles Regedores madasen //

Festa dos Almocreves

ĩ, 12 acordarão mais q̃ ho anauel dos allmocreves os ajunte todos e ordenem Sua festa da bandeira como senpre foy custume e hiraõ todos em pesoa e naõ madaraõ mosos e corrão todos per ordem q̃ não cora senpre hũ ate quebrarem a taboa sob pena do q̃ faltar pagar de pena mil res pera ho c^{o} e despeza do dito dja // —

Porcos a recolher

ĩ, 13 acordaraõ q̃ se lancase pregan q̃ toda a p^{a} de quoalquer calidade ou condicaõ q̃ fose a vespora e dia de São Jm^{o} Recolham seus porquos e os tenhaõ enserados e os não deixem andar pelas Ruas sob pena de cinquoenta res por cada porquo q̃ for achado na Rua ha quoal pena sera pera ho allcaide y meirinho seus homes q̃ o tomarem //

Duas pélas

ĩ, 14 acordarão q̃ a vespora e dia de São Jm^{o} aja duas pelas q̃ aconpanhen os candileiros e bandeira da cidade ha vespora e dia e as padeiras as farão ho custumado ou aquilo q̃ eles Regedores ordenarem sob pena da q̃ ha naõ fizer pagar quinhentos res pera ho c^{o} e despeza do dito dia /

ĩ, 15 ordenada asj a dita festa como se contem nos yteẽs pela maneira atras declarada madaraõ eles Regedores q̃ asj se conprise e fizese da maneira

sobredita com as penas nos ditos yteẽs atras conteudas

[Fol. 108v.]

ĩ, 16 na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e asjnará martin da maja q̃ ora siruo de escriuaõ da camara ho escreuj

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / damjã dalm^da^ / boauentura majo

114. Quoarta feira vinte e hũ dias do mes de Junho de mil e quinhentos e oytenta e hũ años estando em camara os sorẽs L^do^ mateus frz farto fr^co^ teixeira eitor diaz o L^do^ fr^co^ teixeira diguo o L^do^ fr^co^ soares damiaõ dalmeida vreadores boaventura majo procurador

Quadrilheiros

ĩ, 1 na dita camara pareceo Lrç^o^ frz capatr^o^ da Rua do souto ho quoal deraõ juramento q̃ bem e verdadeiramente seruise de quadrilheiro da banda do castello e q̃ bem e fielmente seruise ho dito carguo e guoardase as leis do Reino e segredo da justica e justica as partes y ele asj o prometeo e asjnou m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Lourẽco fernãdis

[Fol. 109]

Paga ao porteiro

ĩ, 2 acordaraõ na dita camara q̃ ho procurador pagase cada mes a gomcallo frz por olheiro da emposisão da carne desta cidade como costa de hũ despacho posto ẽ hũa piticão q̃ esta em poder do dito port.^o^ //

Campo dos touros

ĩ, 3 acordaraõ q̃ pera a festa de são Jm^o^ salimpase ho campo de Santana e q̃ ho procurador pagase a quem ho alimpase e ho dos touros

Salário das jornaleiras

ĩ, 4 acordaraõ q̃ nenhũa molher trabalhadeira q̃ ande em seruisos e ganhe dr^o^ não leuara mais por dya q̃ a doze res e de comer ou a vintem sequo = e isto com pena de mil res e da cadea ametade pera ho C^o^ e a outra ametade pera quem acuzar // e madarão q̃ se preguoase =

Procuradores das Cortes

ĩ, 5 acordarão q̃ sesta feira pela manhaõ se juntasem pera fazerem camara e conta cõ os procuradores das cortes e pera se lhes pagarem se lhes dever

ĩ, 6 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs martin da maja escr.uaõ da camara ho escreuj

*farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / boauentura majo / Alm^da^*

[Fol. 109v.] **115.** Sesta ffeira vinte e tres dias do mes de Junho de mil he qujnhentos e oytenta e hũ annos foraõ juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto fr^co^ teix^ra^ Juizes / eytor diaz o L^do^ fr^co^ Soares damiaõ dalmeida vreadores / boaventura majo procurador

Procuradores das Cortes

[ĩ, 1] os quoaes se juntarão pera fazer as contas cõ ho Doutor Jm^o^ nog^ra^ e d^o^ de baros fidalguo pera lhes pagar em todo ho q̃ se achar q̃ lhe deuiaõ dos dias q̃ puzerão nas ditas cortes //

ĩ, 2 acharão q̃ partirão daquj aos vinte e hũ dias do mes de feuereiro deste presente anõ e sj forão expedidos das cortes aos vinte e cinquo dias do mes de majo e lhes deraõ seis dias pera ho caminho q̃ fazem vinte e hũ dias e trinta dabril e trinta e hũ de marco e sete de feuereiro q̃ fazem todos os ditos dias em tomar noventa e noue dias q̃ a Rezan de setencentos res q̃ foj albritado aos ditos procuradores em q̃ monta a cada hũ sesenta e noue mil e trezentos

res / e outrosj acharaõ terem eles Recebido cada hũ sjnquoenta e seis mil . S. por hũa vez cada hũ quorenta mil res e despois dezaseis mil res a cada hũ q̃ lhes madaraõ a tomar per g° anẽs allmocreue q̃ tem Recebidos por esta conta cento e doze mil res e achan deuerse a cada hũ treze mil e trezentos res

[Fol. **110**]

hos quoaes madaraõ ao procurador boaventura majo paguase a cada hũ a dita soma dos treze mil e trezentos res dando eles quitasão ẽ forma neste liuro / e asj lhe pagara mais ho dia em q̃ partiraõ q̃ não hia metido nesta soma q̃ saõ a cada hũ sete centos res de modo q̃ lhe ade dar o dito boaventura quatorze mil res a cada hũ e desta maneira ouueraõ estas contas por boas e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor djaz / fr^co^ Soares / damjã dalm^da^ / boauentura majo

116. Quarta feira vinte e oyto dias do mes de Junho de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs fforaõ Juntos em camara os sorẽs L^do^ mateus frz ffarto fr^co^ teixeira Juizes eitor diz vreador boaventura majo procurador

Almotacés

[**I**, 1] e não ouue camara por faltarem os mais vreadores somente madaran vir o coffre dos almotacaẽs e abrirão ha bolsa honde estauaõ os pelouros e tirarão por almotacees bernaldo de castilho e m^el^ de queiros este mes de Julho q̃ vem hos quoaẽs foraõ loguo chamados

[Fol. **110v.**]

pera tomarẽ diguo tomarem juramento //

[**I**, 2] e loguo perante os ditos Regedores atras declarados pareceo bernaldo de castilho q̃ sayo por allmotacel da emposicao (?) este presente mes de Julho q̃ ven Ao quoal Derão juramento dos Santos avangelhos em q̃ ele pos sob carguo do quoal lhe madarão q̃ ...? q̃ guoardase a ordenasaõ delRey noso sôr e justica as partes e vreacoẽs da dita camara e fizese seu hoficjo bem e verdadeiramente y ele asj o prometeo e cometerão a quoalquer dos Juizes q̃ comiguo escriuão dese Juramento a manuel de queiroz q̃ outrosy Sajo por allmotacel ho dito mes e asjnarão todos aquj m^no^ da maja escriuão da camara ho escreuj

Castilho / tx^ra^ / farto / hejtor Djaz / boauentura majo

117. Sabado o primeiro dja do mes de Julho de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs forão juntos em camara os Sorẽs eitor dias o L^do^ fr^co^ Soares Damiaõ Dalmeida vreadores e boaventura majo procurador

[Fol. **111**]

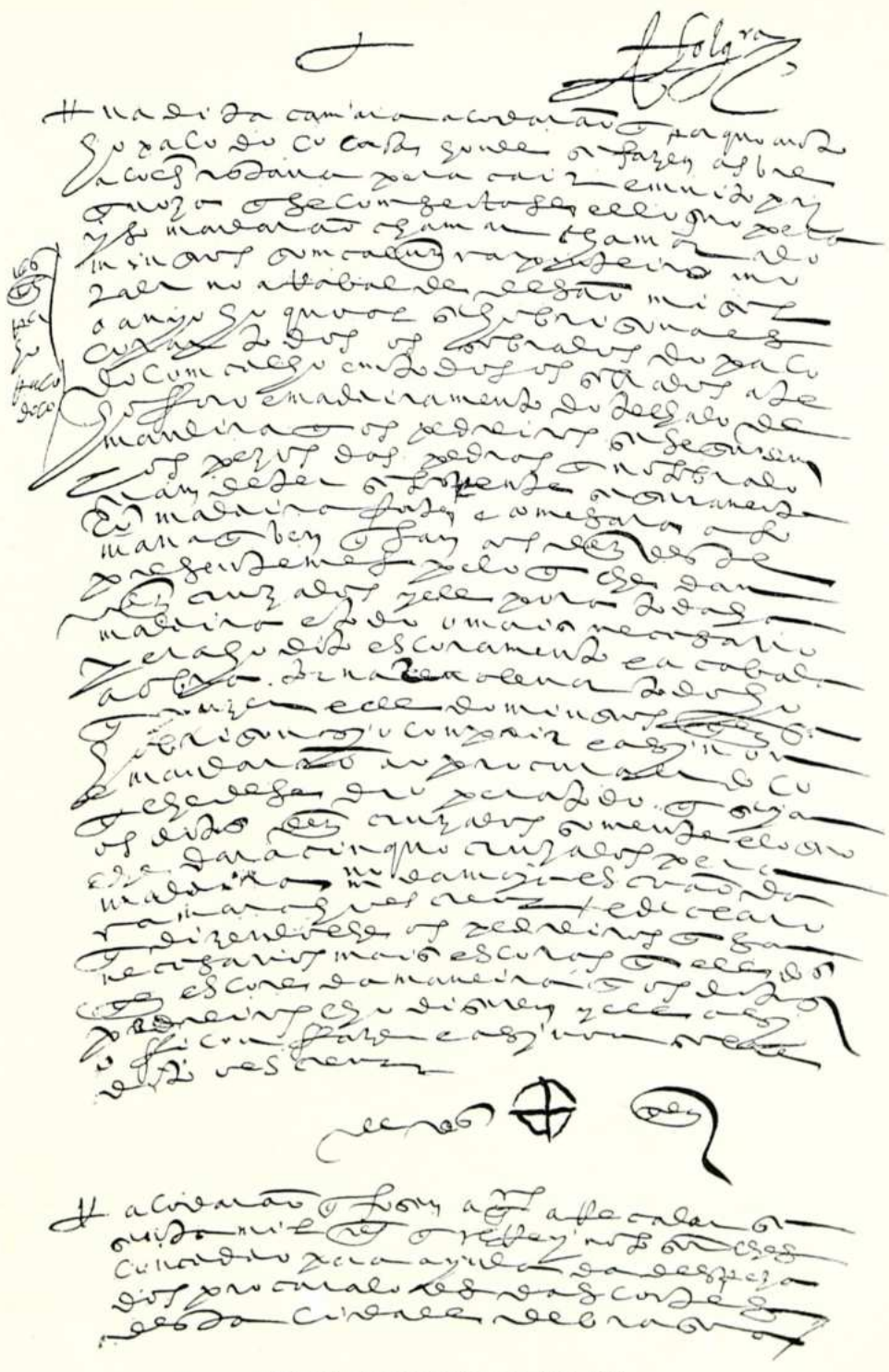
Quadrilheiro

I, 1 na dita camara deu ffee gomcallo frz portr° da camara q̃ notefiquara a Jeronimo lopez olheiro de medidor q̃ parecese nesta camara por quoanto fora nomeado pera quadrilheiro e foj apreguoado por ho dito porteiro e por não parecer foj madado q̃ se notefiquase cõ pena de dez cruzados q̃ parecese nesta camara //

de *g°* † *frz*

Recibo

I, 2 na dita camara pareceo g° añes almocreue desta cidade e apresentou hũ conhecimento do doutor Jm° nogr^a^ /



Reprodução diminuída de Fol. 112

e dº de baros / procuradores das cortes desta cidade de como lhes entregou trinta e dous mil res .S. dezaseis a cada hũ os quoaes lhe deu damião dalmeida vreador de madado dos Regedores pera q̃ lhos dese e derão ao dito gº añes por quite e liure doje pera todo senpre dos ditos trinta e dous mil res e madarão a min escriuão guoardase ho dito conhecimento com os mais papeis no allmaryo da dita camara

Paga às danças

ĩ, 3 acordaraõ na dita camara q̃ daquj em diante pelo trabalho q̃ tem os dancadores das duas dancas e pelas carezas q̃ vay das cousas q̃ lhes dem a ambas as dancas cinquoenta res afora ho q̃ lhe ya dauaõ

[Fol. 111v.]

ĩ, 4 na dita camara ouuirão partes e despacharão partes diguo despacharaõ feitos e piticoẽs / martin Da maja escriuaõ da camara ho escreuj

hejtor Djas / damjaõ dalmda / francisco Soares / boauentura majo

Almotacel

[ĩ, 5] Aos tres dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ años nesta cidade de bragua nas pousadas de frco teixeira Juiz ordinario por Sua merce foy dado Juramento a manuel de queiros cidadão desta cidade q̃ sayo allmotacel este presente mes de Julho na embolada sob carguo do quoal lhe mandou q̃ comprise e guoardase a ordenasão delRey noso sôr Justica as partes e vreacoẽs da camara y ele asj o prometeo e asjnou mno da maja escriuão ho escreuj

Mel de Queyros 1581

118. Quoarta ffeira synquo dias do mes de Julho de mil e qujnhentos e oytenta e hũ annos forão Juntos em camara os sorẽs Ldo mateus frz farto frco teixeira Juizes / eitor Diaz he o Ldo frco soares / Damiaõ Dallmeida vreadores / boaventura majo procurador /

[Fol. 112]

Paços do Concelho para cair

ĩ, 1 na dita camara acordarão q̃ por quoanto ho paco do cº casas honde se fazem as vreacoẽs estaua pera cair e muito prjguozo q̃ se comsertase e lloguo pera yso madaraõ chamar chamar a dominguos gomcaluez carpinteiro morador no aRabalde de São migel o amjo ho quoal se hobrigou a escorar todos os sobrados do paco do comcelho em todos os sobrados ate ho fforo e madeiramento do telhado de maneira q̃ os pedreiros se segurem y os pezos das pedras q̃ no sobrado se am de ter se sostente seguramente cõ madeira forte e comesara a Somana q̃ vem q̃ Sam aos dez deste presente mes pelo q̃ lhe dan dez cruzados y ele pora toda a madeira e todo o mais necesario pera ho dito escoramento e acabada a obra tornara a leuar todo ho q̃ parzer e ele dominguos glz se hobrigou asj o conprir e asjnou e mandaraõ ao procurador do Cº q̃ lhe dese drº pera todo. q̃ sejam os ditos dez cruzados somente e loguo lhe dara cinquo cruzados pera madeira mno da maja escriuaõ da camara ho escreui e declaro q̃ dizendolhe os pedreiros q̃ sam necesarios mais escoras q̃ ele dos glz escore da maneira q̃ os ditos pedreiros lho diserem y ele asj o fficou ffazer e asjnou sobredito o escreui

de *dos* † *glz*

[*À margem:* dos glz pera ho paco do Cº]

ĩ, 2 acordarão q̃ fosem a gas aRecadar sesenta mil res q̃ elRey noso sôr lhes concedeo pera ajuda da despeza dos procuradores das cortes desta cidade de bragua

[Fol. 112v.]

Privilégios de Coimbra

Ī, 3 acordarão q̃ fose hũ homen a Coimbra a busquar os preuilegyos q̃ elRey concedeo a esta cidade

Ī, 4 acordarão q̃ se leuase (?) ao prouedor a prouizam do Sall

Cartório da Câmara

Ī, 5 acordarão q̃ se tirase todo o cartorio da camara e allmarios e bandeiras e todo o mais fato arquas cofres q̃ estão na paco do C° e se pozesem a bom Recado em casa do Sôr L^do^ mateus frz farto Juiz ordinario // e q̃ fosem busquar ho dito cartorio comiguo escriuaõ eitor Dias e boauentura majo // procurador //

Empréstimo

Ī, 6 acordaraõ q̃ se escreua a Corte sobre ho dr° do socidio q̃ enprestou ho coniguo fr^co^ glz a esta camara e q̃ se leuasem os papeis q̃ tem ho doutor Jm° nog^ra^ e todos os mais necesarios //

Subsídio

Ī, 7 acordarão q̃ se escreuese a camara de Lix^a^ sobre a merce q̃ elRey ffaz do dr.° pera Repartir pelas camaras e q̃ ho procurador busque caminheiros pera todo esto e q̃ pague aos caminheiros ho q̃ lhe bem parecer //

Obras do Paço do Concelho

Ī, 8 acordarão q̃ se trouxese seis caros de cal pera comsertar ho paço do concelho e q̃ ho procurador busque honde a por e lhe pague // e pera ha dita cal dese ho dr° //

Contas

Ī, 9 acordarão q̃ o proteiro notefiquase aos Recebedores do anõ pasado q̃ amostrasem quitacoẽs de seus carteis e paguos q̃ fizerão no dito seu anõ ate Sabado q̃ sam oyto deste presente mes sob pena de proceder comtra eles como parecer justiça.

[Fol. 113]

Conserto de Fontes

Ī, 10 acordarão q̃ se comserte a fonte do quoarquado os Reuouquos q̃ estam no caminho em Sjma —

Ī, 11 acordarão q̃ se alimpe a ffonte de meixeminhos e se saiba por honde emtrão os emxuros //

Obras dos muros

Ī, 12 acordarão q̃ se tomase sesta feira conta da fferia dos pedreiros e seruidores // do tempo q̃ se consertaraõ os muros a d° vaz pedreiro // em casa do L^do^ farto Juiz /

Obras dos Paços do Concelho

Ī, 13 acordarão q̃ se [l]ancase pregam pela cidade q̃ todos os pedreiros q̃ quizesem fazer a obra do paco do C° quer as brasas quer denpreitada q̃ venhão falar cõ eles Regedores //

Ī, 14 acordarão q̃ se pasase madado pera ser penhorado Jeronimo lopez por dez cruzados por que foy notefiquado q̃ parecese na dita camara cõ a dita pena pera vir tomar juramento de quadrilheiro e foy apreguado por g° fz portr° da camara q̃ deu fee q̃ ho notefiquara e asjnou //

De *g°* † *fz*

Pagas

Ī, 15 mandarão ao procurador q̃ paguase a busqua das sospeicoẽs a fr^co^ Rabello escriuão dalmotacaria q̃ ant° fz pos a fr^co^ teixeira Juiz //

Ī, 16 na dita camara ouuirão partes

[Fol. 113v.]

e despacharão piticoẽs martinho da maja escriuão da camara ho escreuj // *farto / hejtor Djas / fr^co^ tx^ra^ / fr^co^ Soares / Alm^da^ / boauentura majo*

Pfivilégio de vendeiro

[Ī, 17] Aos seis dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ años nesta cidade de bragua por fr^co^ dīz vendeiro morador na Rua de São marquos desta cidade foj apresentado a min escriuão hũ previlegjo dos desembargadores Da casa da Sopliquasão ho quoal segundo dele parecia era Sobes-

crito por gaspar malldonado / e hasjnado pelo chancerel mor e outro sjnal q̃ diz S.mão glz preto / ho quoal preuilegio trazia hũ despacho dos Regedores desta cidade per q̃ mandauão se Registase ẽ este liuro ho dito preuilegjo ho quoal preuilegjo costaualhe ser concedido aos dezanoue dias do mes de Junho de mil e quinhentos e oytentã e hũ años e por me ser mandado Regjstar pelos ditos Regedores o Regjstej m^no da maja escriuão da camara ho escreuj

119. Sabado oyto dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua na casa do L^do farto casa onde se fazem as vreaçoẽs foraõ juntos em camara ffr^co teixeira Juiz ordinario eitor Djz, e damião dalmeida vreadores

[Fol. 114]

Quadrilheiro

[ĩ, 1] e lloguo na dita camara pareceo Jeronimo lopez luueiro morador a porta do Souto da banda de dentro o quoal foy nomeado por quadrilheiro da banda do castelo ao quoal derão juramento dos Santos avangelhos sob carguo do quoal lhe mandaraõ q̃ bem e verdadeiramente seruise ho dito oficio e guoardase seu Regimento e Segredo da justiça y ele asj o prometeo e asjnou m^no da maja escriuão da camara ho escrevj

ieronimo Lopez

Carta de vizinhança

ĩ, 2 acordarão na dita camara q̃ eu escriuão pasase hũa carta de vezinhanca a ffr^co nunez carniceiro desta cidade

Vedoria

ĩ, 3 na dita camara madarão fazer vedoria a esteuã mĩz de são p^o das casas dos bisquainhos propriedade desta camara e sairão por veadores por sortes o L^do farto Juiz ordinario e boaventura majo procurador do c^o /

ĩ, 4 na dita camara ouuirão partes e despacharão feitos e piticoẽs e declaro eu escriuão q̃ não asjnou damiaõ dallmeida por lhe soseder hũ neguocio q̃ se foj no mejo da camara martin da maja escriuaõ Da camara ho escrevy *fr^co tx^ra / hejtor Djaz / fr^co Soares*

[Fol. 114v.] **120.** Quoarta ffeira doze dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ años forão Juntos em camara os Sorẽs L^do mateus frz ffarto / fr^co teixeira Juizes / eytor d z / Damião Dallmeida vreadores / boaventura majo procurador //

Paga aos Procuradores das Cortes

ĩ, 1 na dita camara acordarão q̃ se paguase mais aos procuradores das cortes dous mil e cem res a cada hũ de tres dias q̃ foraõ de ero de conta q̃ se achou partirem desta cidade aos dezoito de feureiro q̃ foraõ os ditos tres dias do ero de conta em q̃ vem a cada hũ dos ditos procuradores dezaseis mil e cem res q̃ diguo e lloguo na dita camara por ho doutor Jm^o nogueira procurador das cortes foy dito q̃ ele se daua por paguo emtregue e satisfeito de setenta dous mil e cem res q̃ a sua parte lhe vinha dos gastos q̃ ele gastara nas ditas cortes e por ele estar paguo de tudo dise q̃ daua aos ditos Regedores e procurdor por quites e liures da dita copia de dinheiro doje pera todo senpre e asj o dise e asjnou a quoal paga declarou q̃ era deste caminho q̃ fez em companhia de d^o de baros e asj o dise e asjnou m^no da maja escriuão da camara ho escreuj

o D^tor nogr^a

Pintar as varas

ĩ, 2 acordarão na dita camara q̃ ho procurador pagase a pintura de cada

hũa das varas a dº fz pintor ha setenta res por valeren as tintas caras e as varas serem grosas

[Fol. 115]

Festa do Anjo

I, 3 acordarão q̃ se fizese a festa de dominguo do anjo como era custume fazerse todos os anõs e q̃ gomcallo fz notefiquase a quem leuase as bandeiras

Paga de empréstimo

I, 4 acordarão na dita camara q̃ ho procurador pague a despeza q̃ se fizer sobre aRecadasão e quita do drº q̃ se tomou ao coniguo frº giz a hũ homen q̃ madaraõ sobre ysto a corte //

I, 5 na dita camara houuirão partes e despacharão feitos e piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj *farto / frº txª / hejtor Djaz / boauentura majo / Almdª*

Provisão do Arcebispo

I, 6 na dita camara apresentou o Lᵈº lionardo borges huã prouizam do Sor arcebispo e huã fianca pera ser Juiz dos orfaõs de q̃ todo e ho treslado q̃ se segue ./.

treslado da prouizam do Juiz dos orfaõs lionardo borges / Dom frey bertolameu dos martires arcebispo e sõr de bragua primaz das espanhas etc. aos q̃ esta nosa carta de prouizam e pose viren fazemos saber q̃ sendo ora vaguos os oficios de Juiz dos orfaõs desta nosa cidade e prometor dos Rezidos e dos Coutos desta nosa santa Igreja. de bragua por morte natural do Lᵈº antº camelo vltimo pesuidor deles por fazermos graca e merce ao Lᵈº Lionardo borges noso ouuidor e comfiarmos de Sua prudençia letras e maes partes avemos por bem de ho prouermos

[Fol. 115v.]

dos ditos officios pera que os sirua y aja todos os proẽs e percallcos a eles direitamente pertencentes asy e da mamareira (sic) q̃ os avia e cobraua ho dito antº camello seu antecesor e milhor se com direito os puder aver com tal declarasao q̃ elle os Sirua por sy tanto q̃ acabar o tempo de ser ouuidor e não os podendo seruir por quoalquer caso que sobrevem nos ou nosos susesores poderemos liuremente prouer deles sem lhe fiquoarmos em obrjgasão de satisfasaõ allguã nen ele a poder pedir por q̃ com esta condicão e declarasão lhe fazemos dele merce e nam de outra maneira e ele Lᵈº lionardo borges asyn os aseitou e jurou em nosas mãos aos Santos avangelhos de bem e verdadeiramente os seruir guordando em todo o ceruico de des e nosso e ben das partes notefiquamollo asy aos nosos prouizores e vigairo e mais desenbargadores Juizes e mais justicas desta nosa cidade e lhes mandamos q̃ daquj em diante ajan tenhaõ e conhecan ao dito Lᵈº Lionardo borges por hoficial dos ditos oficios e deles lhe facam dar a pose sem embarguo algũ q̃ a elo seja posto em testemunho do quoal mandamos pasar a presente estando por tᵉˢ pº tauares noso Secretario e o Lᵈº gᵉʳ da Costa noso vizitador Dada em bragua sob noso sjnal e SSello de nosas armas aos vinte e nove dias do mes de novenbro ffelipe Soares noso escriuaõ da camara o ffez de mil e quinhentos e oytenta años

O arcebispo primas

Fiança

[I, 7] Treslado da ffianca

En nome de deus amen Saibam quoantos este estromento de fianca e hobrjgasão virem q̃ no año do nacimento de noso sõr Jhũ xpõ de mil quinhentos e oytenta e hũ anõs ahos omze dias do mes de Julho do dito año año nesta cidade de bragua na Rua do Souto della e pousadas do Lᵈº Lionardo borges ouuidor q̃ foy nesta mesma estando ele pre-

sente per ele foy dito en presensa de min tabelian e das t^as todo ao diante nomeadas q̃ ele tinha prouizam e estaua prouido do oficjo de Juiz dos orfaõs diguo dos orffaõs desta cidade e seu termo pello sõr arcebispo a quoal prouizam eu t^am vy ao fazer desta escretura em q̃ se comtinha q̃ ho dito arcebispo lhe dera juramento ao tenpo q̃ ho proueio q̃ bem e Verdadeiramente seruise ho dito hoficjo ho tijolo e prouizan fycõ em poder dele lencenceado Lionardo borges e q̃ diguo porq̃ comforme a ordenasaõ era hobrigado a dar fianca per a fazenda dos orfaõs estar segura de mil cruzados dise q̃ ele apresentaua como de feito loguo deu e apresentou por seos fiadores e principaẽs pagadores o lecenceado ant^o corea botelho e a d^o velozo cidadoẽs desta cidade q̃ presentes estauão pellos quoaẽs foy dito ambos juntamente e cada hũ deles per sy q̃ eles se hobrigauão per Suas pesoas e benẽs moves e de Raiz ate comtya de mil cruzados e como principaes q̃ sendo caso q̃ por causa do dito L^do Lionardo borges algũ orffão ou orffan ou tutor e curador tiuese alguã perda ou menos cabo de sua fazenda por causa e culpa dele Juiz dos orffaõs deles fiadores ou cada hũ deles em solidum aver ho dito orfaõ ou orffam ou uiuua titor ou curador todo por cada hũ deles fiadores jm solidum ou por quoaẽs mais quiserem

[Fol. 116v.]

e melhor parado acharem quoalquer perda ou dano e jntereses q̃ por causa delle Juiz dos orffaõs lhe for causado e todo posan aver e lograr pelos ditos fiadores e cada hũ deles quoal mais quiserem e milhor parado acharem e posto caso q̃ comesem a demandar hũ ho posan aver e cobrar per hũ ou pelo outro quoal mais milhor parado acharem como dito he e hum pelo todo e cada hũ jm solidum e milhor mais quiserem e milhor lhe parecer ate ha dita contja de mil cruzados do q̃ todo ele Juiz se hobrigou per Sua pesoa e benẽs e asj eles ffiadores e cada hũ deles em solido se deshaforauaõ cõ ele Juiz como de feito loguo desaforauaõ de Juiz de seu foro e se hobrigaraõ a Responder perante o Juiz dos orfaõs desta cidade e prouedor della e perante as mais Justicas desta cidade todo conforme a lley da ordenasaõ do L° p^ro titolo sesenta e sete paraguo setesenta e hũ q̃ he ho antepenultimo do dito tytollo q̃ eles fiadores viraõ e leraõ e ele dito lecenceado Lionardo borges ho vio e leo tambem e comforme a dita ley e ordenasaõ se obrigauão per Suas pesoas e bens moues e de Raiz avidos e por aver como dito cem e q̃ per eles e cada hũ deles jm solido ou por ele L^do Lionardo borges ajam todas as perdas e danos ou lecaõ q̃ Receberen por Rezan do dito caso e ele L^do lionardo borges se hobrigou outra sy per Sua pesoa e bens q̃ pera ello obrigou ha tirar a paz e a salluo a eles fiadores e cada hũ deles desta fianca

[Fol. 117]

pera ho q̃ expresamente hobrigaua como hobrigou asy pera hos ditos orffaõs como per a seguransa dos ditos ffiadores cem medidas de pam q̃ tem no lugar de gestoza termo do bispado de miranda e asy oytenta medidas q̃ ten no lugar de trauanqua meado de triguo e meado centejo en exo de macedo dos coualeiros da teRa de braganca e asy setenta medidas de pan meado citos no lugar de valonguo termo de murca e mejay (?) e outros trinta ẽ lloyvos termo da villa de chaues e asj na dita villa huã casa he castinheiro a santo antonjo da dita villa e houtro cham grande a sam bento termo da dita villa q̃ leuara quorenta allqueires de pan. de semeadura e na aldea de Jon duas vinhas

honde chaman valdocam e outra a valdestremecjo e outras na ygreja de costinhos he teras e Souto de outro casal q̃ esta na granja de Jom termo da villa de chaues domde he natural as quaes pesoas e cada hũa dellas hobrigaua como hobrigou como dito he e asy o dise e outorgou e todo aseitou e eu t^am todo asy aseitej e estipuley en nome das pesoas a q̃ toqua

[Fol. 117v.]

e toquar pode e por serteza dello mandarão Ser ffeito ho presente estromento e desta nota madarão dar hũ e mujtos todas as vezes q̃ conprir estando a todo presentes por testemunha gaspar nogueira Reitor da Igreja de macedo dos caualeiros tera do termo de braganca e diogo piz casteleiro morador nos chãos aRabalde desta cidade e eu xpouão de Rezende t^am ho escrevi e lloguo no dito dja mes y año atras escrito pousadas do L^do Ant^o Corea estando presente ha senhora antonja da Sillua molher do dito L^do Antonjo Corea pollo quoal foy dito q̃ ele daua como de feito loguo deu toda sua outorga e consentimento ha hobrigasão q̃ ho dito seu marido tinha feito atras declarada sendolhe lida per min tabalião de verbo a verbo e todo outorgaua e consentja como nela se conten e asy o dise e outorgou e aseitou e eu t^am todo asy aseitey e estypuley em nome das pesoas.

[Fol. 118]

a que toqua e toquar pode testemunhas presentes dominguos do biquo morador na villa de guimaraẽs a quem ellantonja da sjllua Rogou q̃ hasjnase por ella como asynou haquj e forão mais testemunhas dioguo piz morador no aRabalde dos chaõs desta cidade e ant^o frz laurador e morador na freiguesja de pallmeira do termo desta cidade Eu cristouão de Rezende tabaliam ho escrevi e lloguo no dito dja mes y año atras escrito nas pousadas da morada de diogo velozo cidadão desta cidade estando presente a Snã brizida de campelo sua molher pela quoal foy dito q̃ ella daua como de feito loguo deu toda Sua outorgua e consentimento a esta escretura de fiansa e hobrigasão . ho dito seu marido tinha ffeito como nela se comtem ha quoal lhe foy declarada per min tabalião e asj o dese e outorgou e eu tabalião tudo asj hasejtey e estepuley em nomes das pesoas ha que toqua he toquar pode testemunhas

[Fol. 118v.]

presentes paullo veloso seu filho ha quem ella sorã brigida campelo Rogou q̃ hasjnase por ella como asjnou aquj e forão mais testemunhas manoel corea Sardinha e d^o piz morador no aRabalde dos chaõs desta cidade e eu cristouão de Rezende tabaliaõ ho escrevj ho quoal treslado de estromento artas escrito eu sobredito xpouão de Rezende tabaliaõ do pr^co e judicial nesta Cidade de bragua e seu termo pelo arceb^spo primas noso sôr notey em meu liuro de notas donde ho fiz tresladar bem e fielmente sem cousa q̃ fasa duuida e por verdade asjno aquj de meu pubriquo synal q̃ tal he / nada / ha quoal escretura de fianca parecja ser feita por cristouão de Rezende tabalião e hasjnada de seu sjnal pobriquo ha quoal eu martin da maja escriuão da camara desta cidade e seu termo tresladej da propria bem e fielmente sem cousa q̃ duuida fasa e hasjney de meu sjnal acostumado // Martin da maja

[Fol. 19] 121. Aos quinze dias do mes de Julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõ foraõ Juntos en camara hos sorẽs L^do^ mateus frz ffarto Juiz ordinario /. o L^do^ fr^co^ Soares / Damião Dallmeida vreadores boaventura majo procurador //

Prazo

ĩ, 1 foi asinado na dita camara hũ prazo de ant^o^ mz de Saõ p^o^ de meixeminhos de huas casas q̃ estaõ nos bisquainhos de q̃ ade pagar cada anõ trinta res de pensão por dia de saõ migel de septembro //

ĩ, 2 na dita camara ouuirão partes e despacharaõ piticoẽs martin da maja escriuão da camara ho escreuj

farto / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / damjã dalm^da^ / boauentura majo

Privilégio da Misericórdia

[ĩ, 3] Aos oyto dias do mes de julho de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua nas pousadas de min escriuaõ por fr^co^ frz allfaiate morador ẽ esta cidade

[Fol. 119v]

foj apresentado hũ priuilegyo da comfraria da mizericordja dos Irmãos da dita comfraria pera que pedise na yrmida de Santo hadriam q̃ esta alem da ponte de g^e^ ho quoal previlegjo parecia ser feito aos quoatro dias do mes de Julho de quinhentos e oytenta e hũ e feita e asjnada por m^el^ de queiros escriuão da misericordia e tinha hũ sjnal ao pee q̃ dezia / o prouedor arcediaguo de vermoim // com hũ despacho nas costas do dito preuilegjo dos sorẽs Regedores per q̃ madaua q̃ se Registase martin da maja escriuão da camara ho escreuj

122. Quarta ffeira dezanoue dias do mes de Julho de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs forão Juntos em camara hos sorẽs Juizes / o L^do^ fr^co^ Soares damiaõ dallmeida vreadores // e boaventura majo procurador

Vestes da Mourisca

ĩ, 1 acordaraõ na dita camara q̃ ho procurador de calcas uerdes aos mourisquos e o punho da espada ao Rey /

Admissão de espingardeiro

ĩ, 2 na dita camara admitiraõ a fr^co^ Jorge allfaiate morador no campo da vinha por espingardeiro no lugar de fr^co^ borges por ele não ver e aver mujto tenpo q̃ serue e ser velho mas poren q̃ goze do priuilegjo como se seruise ho dito carguo / he o dito fr^co^ Jorge jurou de fazer seu hoficjo bem e fielmente e ser obidiente aos madados da dita camara e a seu anabel e vsara dos preuilegjos q̃ lhe saõ com

[Fol. 120]

cedidos por ho dito carguo e hasjnou

fr^co^ Jorge

ĩ, 3 na dita camara ouuirão partes e despacharão feitos e piticoẽs e asjnarão martin da maja escriuão da camara ho escrevj

farto / fr^co^ tx^ra^ / fr^co^ Soares / damjã dalm^da^ / boauentura majo

123. Seesta feira vinte e oyto dias do mes de Julho de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua nas pousadas do L^do^ mateus frz farto Juiz ordinario forão Juntos em camara o dito L^do^ e fr^co^ teixeira Juiz e eitor Diz o L^do^ fr^co^ Soares Damiaõ dalmeida vreadores / boaventura majo procurador

Almotacés

ĩ, 1 na dita camara forão tirados os almotacees do cofre da bolca hũ dos pelouros e sairão por almotaceis ant^o^ sobrinho e lionardo da cunha ho mes q̃ vem de agosto deste presente anõ / de quinhentos e oytenta e hũ anõs martin da maja escriuão da camara ho escrevj

[Fol. 120v]

e loguo na dita camara pareceo ant^o^ Sobrinho cidadaõ desta cidade o quoal sayo por allmotacel em hũ dos pelouros ao quoal deraõ juramento dos Santos avangelhos sob carguo do quoal lhe madarão q̃ seruise de almotacel este mes dagosto q̃ ora ben deste presente ano e q̃ goardase a ley do Reino e ordenacoẽs e vreacoẽs desta camara e justica as partes y ele asj o prometeo martin da maja escriuão da camara ho escrevj

ãt^o^ Sobrinho

ĩ, 2 por não se achar lionardo da cunha pera tomar juramento q̃ outrosj sayo por allmotacel cometeraõ ao L^do^ mateus frz farto Juiz ordinario q̃ lhe dese juramento sobredito escriuão ho escrevj

*farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / boauentura majo / fr^co^ Soares / Alm^da^*

[ĩ, 3] aos vinte e nove dias do mes de Julho dem il quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua nas pousadas do sõr L^do^ mateus frz farto Juiz ordinario por sua merce

[Fol. 121]

foj dado Juramento a lionardo da cunha cidadão desta cidade q̃ sahio por allmotacel este mes dagosto deste presente anõ sob carguo do quoal lhe madou q̃ seruise seu carguo ho dito mes de allmotacel e q̃ guoardase a justica as partes e guoardase a hordenasão delRey noso Sõr e as vreacoẽs da camara y ele asj o prometeo e asjnou martin da maja escriuão da camara ho escrevi

Leonardo da cunha

124. Quoarta feira nove dias do mes dagosto de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua forão Juntos em camara os Sorẽs fr^co^ teixeira Juiz o L^do^ fr^co^ Soares Damião dalmeida vreadores / boaventura majo procurador / e asj eitor diz vreador //

Prorrogação pelo Arcebispo

ĩ, 1 na dita camara apresentey eu escriuaõ hua perogasão do Sõr arcebispo cujo teor se segue //

Avemos por bem preRu diguo porRogar a prouizan q̃ pasamos ao sopl quamte pera por ele poder seruir de escriuão da camara Da nosa çidade de bragua martinho da maja por tenpo de tres mezes alem do termo nela com

[Fol. 121v.]

comteudo e ysto durante a ausençia do dito fr^co^ peixoto em Valadares aos vinte de Julho de oytenta e hũ anõs // *O arcebispo primaz* // ha quoal perRogasaõ eu martin da maja escriuaõ da camara tresladej da propria q̃ em meu poder fiqua sem cousa q̃ fasa duuida e ha

comsertey com ele a asjnej de meu sjnal custumado // Martin da maja
concertado comigo t^{em} [sinal]

«Logyas de Sal»

ĩ, 2 acordarão q̃ se pagase a hũ homem q̃ foj a espozende e a g^{es} leuar huã prequatoria pera as logyas de Sal e q̃ ho procurador lhes pagase o q̃ leuasen //

Privilégios para os Regedores

ĩ, 3 acordaraõ na dita camara q̃ o procurador paguase aos Juizes e vreadores e procuradores e escriuaõ a cada hũ dous dous mil res cõforme a prouizam del Rey noso sõr q̃ Concedeo aos cjdadaõs da cidade de Coinbra e isto além dos dous mil res q̃ lhe dam q̃ com eles fazem quoatro mil res. q̃ saõ comcedidos a esta cidade cõforme a prouizam de Sua magestade // por quoanto os ditos priuilegjos e prouizoẽs da cidade de Coimbra sam comsedidos a esta cidade e cidadaõs della como costa da prouizam de Sua magestade //

[Fol. 122]

Venda de uvas

ĩ, 4 acordarão q̃ nenhũa pesoa desta cidade e seu termo venda vuas sem L^{ca} desta camara sob pena de dous mil e trinta dias da cadea e isto posto q̃ sejam de Sua laura e as pesoas q̃ as venderem ho não poderaõ fazer sem alluara desta camara sob a dita pena e madarão se preguoase

Juiz de barbeiro

ĩ, 5 na dita camara pareceo belchior glz barbeiro morador na Rua do souto pera q̃ seruise de Juiz do officjo de barbeiro e lhe derão juramento dos Santos avangelhos em q̃ ele pos sua mão e prometeo fazer seu hoficjo bem e verdadeiramente e asjnou

belchior glz

ĩ, 6 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj

fr^{co} tx^{ra} / damjã dalm^{da} / hejtor Djaz / fr^{co} Soares / boauentura majo

[Fol. 122v.] **125.** Sabado doze dias do mes dagosto de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foraõ Juntos em Camara o L^{do} mateus frz farto Juiz / eitor diz vreador boaventura majo procurador

[ĩ, 1] e por naõ parecerem os mais vreadores se não fez camara e asjnaraõ martim da maja escriuaõ da camara o ffez diguo ho escreuj

hejtor Djaz / boauentura majo

Venda de uvas

[ĩ, 2] deu ffee martin añes preguoeiro q̃ lancara pregam pela cidade pubriquamente pela cidade q̃ ningem vendese uuas nesta cidade e seu termo comforme a vreasaõ atras e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj

de *martin † añes*

126. Quoarta feira dezaseis dias do mes dagosto de mil e aquynhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foraõ Jutos em camara eytor Diz e o L^{do} fr^{co} Soares vreadores e asj boaventura majo procurador

[ĩ, 1] e não ouue camara por não auer os Juizes e serem fora e asjnaraõ m^{no} da maja escriuão da camara ho escrevj

hejtor Djas / fr^{co} Soares / boaventura majo

[Fol. 124] **127.** Sabado dezanoue Dias do mes dagosto de mil e quinhentos e oytenta e hũ años nesta cidade de bragua forão Juntos em camara hos Sorẽs fr^co^ teixeira Juiz eytor Diz e damiaõ dallmeida vreadores e ho L^do^ fr^co^ Soares e boaventura majo procurador

Quadrilheiro

ĩ, 1 na dita camara deu ffee g^o^ frz q̃ notefiquara a lluis gjraldes q̃ parecese na camara por quoanto ho nomearaõ pera quadrilheiro e ho apreguoou e por não parecer madaraõ q̃ fose notefiquado com pena de quinhentos res

Ida a Guimarães

ĩ, 2 acordarão q̃ ho procurador fose a g^o^ e leuase consjgo hũ homem falar ao prouedor e q̃ lhe pagase ho q̃ gastase //

Contas de idas a Cortes

ĩ, 3 cometerão ao L^do^ fr^co^ Soares e eytor Diz vreadores pera q̃ prouegam (?) os Liuros dos acordos e vejam hos dias q̃ ho doutor Jm^o^ nog^ra^ gastou nas cortes pera se lhe pagar //

Chave do cofre

ĩ, 4 na dita camara acordarão q̃ ho L^do^ fr^co^ Soares tiuese huã chaue do cofre por quoanto não avia vreador do año pasado q̃ erão auzentes //

[Fol. 123v]

Obras dos Paços do Concelho

ĩ, 5 acordarão q̃ a obra do paco do comcelho se comesase lloguo pelo priguo em q̃ estaua de quair e caindo daria muita perda pera ho q̃ madaraõ pasar madado pera os pedreiros viren trabalhar nella.

Pedra da Porta Nova

ĩ, 6 acordarão q̃ ho procurador do comcelho não pagase nenhũa cousa ant^o^ cordeiro escriuão da eemposisaõ por quoanto leuara mujta pedra sem L^ca^ da porta noua da camara e lhe não pague sem L^ca^ da camara

ĩ, 7 na dita camara ouuirão partes despacharão piticoẽs martin da maja eescriuão da camara ho escreui

fr^co^ tx^ra^ / fr^co^ Soares / hejtor Djaz / alm^da^ / boauentura majo

128. Quoarta feira vinte e tres dias do mes dagosto de mil e quinhentos oytenta años foraõ Juntos em camara hos Sorẽs L.^do^ mateus frz farto fr^co^ teixeira Juizes / eytor Diz / o L^do^ fr^co^ Soares vreadores / boaventura majo procurador

[Fol. 124]

Cartas ao Rei e às Cortes

ĩ, 1 acordarão q̃ se dese dozentos res a Jm^o^ Roiz por leuar huã carta a Sua magestade e outra as cortes e q̃ ho procurador lhos dese //

ĩ, 2 Na dita camara ouuiram partes e despacharaõ feitos e piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djas / francisco Soares / boauentura majo

Privilégio dos cativos

[ĩ, 3] e lloguo na dita camara acima por dominguos piz morador na ffr^la^ de crespos foj apresentado ha min escriuaõ hũ priuilegjo dos catiuos q̃ segundo delle parecia era ffeito por ant^o^ Sobrinho e asjnado do sjnal de manoel luis menposteiro dos catiuos e dezia ser feito aos treze dagosto de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs no quoal daua L^ca^ ao dito domingos piz pera q̃ tirase as esmollas dos ditos catiuos nas ermidas de san migel o anjo e santo amaro q̃ estam na dita fr^la^ de crespos e nas costas do dito priuilegjo estaua hũ despacho dos Regedores per q̃ madauaõ q̃ se couprese e se Regystase neste Liuro martin da maja escriuão da camara ho escreuj

[Fol. 124v.] **129.** Sabado vinte e seis dias do mes dagosto de mil he quinhentos e hũ anõs forão Juntos em camara ffr^co^ teixeira Juiz eytor Diz o L^de^ fr^co^ Soares vreadores boaventura majo procurador e aasj ho L^de^ ffarto Juiz ordinaryo //

Obra dos muros

ĩ, 1 Na dita camara acordaraõ q̃ eu escriuaõ pasase mandado pera bras diaz canpello pagar todo ho q̃ devesem da obra dos muros a d^o^ vaz pedreiro comtanto q̃ ele emtregue p^ro^ a boa ventura majo procurador do c^o^ todas as pesoas q̃ lhe deraõ pera fazer a dita obra ho quoal madado se dara ao dito boaventura majo // e se lhe descontara mil e quinhentos e cinquoenta res das arquadas q̃ foj dado ant^o^ Sequeira q̃ ho dito d^o^ Vaz comfesou ter em Seu poder /

Obra dos Paços do Concelho

ĩ, 2 Na dita camara acordaraõ q̃ se fizese a obra do paco do c^o^ a jornal e q̃ ho procurador busquase hos pedreiros e q̃ cada hũ andase dous dias .S. os Juizes p^ro^ e vreadores e procuradores e q̃ eu declaro q̃ mandarão q̃ eu escriuão andase cõ ha dita obra e q̃ ho procurador me pagase cada dja sjnquoenta res e me cometiam (?) Suas vezes pera chamar pedreiros

[Fol. 125]

e mais hofficiaes e q̃ andasem na dita obra seis pedreiros e quoatro seruidores / e q̃ se pasase madado pera os ditos pedreiros andarem na dita obra e que ho procurador dese todo ho necesario pera a dita obra e ho procurador fizese as notefiquacoẽs aos pedreiros e seruidores //

Contas de ida a Cortes

ĩ, 3 Na dita camara tomarão comta ao Doutor Jm^o^ nog^rs^ procurador das Cortes q̃ se fizeram neste Reino em tenpo dell Rey dom anRique de duas q̃ lla foj e de huã vez q̃ foy pera as ditas cortes e não chegou mais q̃ ate ho Rabasal no quoal tempo Diguo q̃ foj a terceira e se achou se lhe dever dos dias q̃ q̃ gastou nos ditos caminhos e Cortes cento e nouenta e quoatro mil (*entrelinha*: e dozentos res) res e costou ter Recebido ho dito doutor Jm^o^ nog^rs^ cento e setenta mil res e abatidos dos ditos cento e nouenta e quoatro mil e dozentos ffiquam a deuer a elle doutor vinte e quoatro mil he dozentos res q̃ mandarão ao procurador q̃ lhe pagase os ditos vinte he quoatro mil e dozentos res ho q̃ todo costou pelos liuros e papeis e sertidoẽs q̃ se virão .S. este L^o^ e no outro L^o^ de setenta e nove e oytenta / e do L^o^ das fintas q̃ esta em poder de p^o^ lopez / e no L^o^ das contas dos anõs pasados de bras diz e p^o^ Lopez procuradores do C^o^ e desta maneira ouueraõ as ditas contas por acabadas e madaraõ a min escriuaõ q̃ tresladase neste L^o^ a sertidaõ de a^o^ daleburquerque e a outra pitisaõ diguo e huã pyticão q̃ elle doutor ffez ao doutor

[Fol. 125v.]

p^o^ barboza e a Jeronimo p^rs^ cõ ho despacho dos ditos sorẽs y as contas e asentos dos dias em q̃ partjo pera as ditas cortes e estas contas ouueraõ asj por acabadas porquoanto as contas das deradeiras couRtes de Sua magestade a q̃ foj ho dito doutor com d^o^ de baros no tempo deles Regedores estauam Ja findas e acabadas y eles satisfeitos / e madaraõ q̃ dese quitasaõ destas contas e de todas as mais de q̃ se estaua paguo en pp^co^ / e não fasa duuida ha entrelinha q̃ diz e dozentos res martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Contas de ida a Cortes

treslado da piticão

[ĩ, 4] Diz ho Doutor Jm^o^ nog^rs^ procurador nas Cortes passadas da cidade

de bragua q̃ ho estado do Reino ho mandou a cidade de Coinbra como e notorio seruindo senpre autoalmente tee oje ao Reino e por q̃ as Cortes se acabaraõ a vinte e oyto de março e se teme não lhe pagarem o q̃ a Sua cidade lhe daa se não tem ausam (?) pede a VV Senhorias manden lhe paguen seu estapendjo te chegar a Sua casa pois senpre seruio actualmente a este Reino e R. m // ate a feitura deste despacho seja ho Supliquoante paguo de seu ordenado por vir por procurador visto as causas q̃ alegua em allmeirim a nove de majo de mil e quinhentos e oytenta // p° barboza / Jeronimo p^ra

[Fol. 126]

[ĩ, 5] Na dita camara ouuiraõ partes e despacharão piticoẽs e ho asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

fr^co Soares / hejtor Djaz / damiã dalm^do / boauentura majo / farto / fr^co tx^ra

130. Quoarta feira trinta dias do mes dagosto de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua forão Juntos em camara os Sorẽs mateus frz farto / fr^co teixeira Juizes eytor Diz / o L^do fr^co Soares / damião dallmeida vreadores /

Pintor e pagas

ĩ, 1 na dita camara pareceo d^os ffrz pintor dise q̃ eu escriuaõ lhe notefiquara q̃ pagase ho arquabus q̃ devia a camara e por ele foj dito q̃ ele pintara as varas da camara q̃ era contente q̃ se descontase no q̃ lhe deviam e o procurador do C° lhe descontase e asjnou

dominguos frz

[Fol. 126v.]

Almotacé

ĩ, 2 na dita camara abrirão ho coffre ahonde esta a bolca dos pelouros dos allmotaceis e tirão hũ dos pelouros e sairão por allmotacees ho mes de setenbro deste presente año tiadozio pachequo /e paulo machado / os quoaẽs forão chamados pera tomarem juramento /

ĩ, 3 loguo na dita camara pareceo ho dito tiadozio pachequo cidadão desta cidade q̃ Sayo por allmotacel ho mes de Setembro deste presente año ao quoall deraõ juramento dos Santos avangelhos sob carguo do quoal lhe madarão ñ seruise ho dito carguo bem e fielmente e guoardase a Justica as partes e a ley do Reino e as vreacoẽs desta camara y ele asj o prometeo comprir e asjnou e cometeraõ a fr^co teixeira Juiz q̃ asjnou por d'guo q̃ dese juramento a paulo machado martin da maja escriuão da camara ho escrevj

theodosio p^co desande

Preço do vinho

ĩ, 4 acordarão q̃ ho v° de fora não valese mais q̃ a cenquo rẽs ate cinquo e mejo / e ho da tera a tres e mejo / ate quoatro res e asj diserão a tiadozio pachequo allmotacel /

[Fol. 127]

Prazo

[ĩ, 5] na dita camara acordarão que se fizese prazo a bertolameu diz o pasareiro em tres vidas de suas casas em q̃ viue na Rua de Sam marquos e lhe deraã por uedores q̃ por sortes sairão a damiaõ dallmeida e boaventura majo procurador do c° pera fazerem a dita vedoria // em ele p^ra vida e sua molher a segunda e hũ filho ou ffilha dantre anbos //

Imposição da carne

ĩ, 6 acordaraõ q̃ eu escriuão notefiquase a boaventura majo q̃ aRecadase a enposisaõ da carne da maõ dos carniceiros e as mais emposjsoẽs e Rendas do Concelho sob pena de carega sobre elle e ho pagar toda a perda de sua casa, e ho ffasa com breuidade

Ĩ, 7 Na dita camara ouuirão partes e despacharão ffeitos e pitjcoẽs martin da marja escriuão da camara ho escreui
*farto / fr^co^ tx^ro^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / damjã dalm^de^*

[Fol. 127v]

Almotacé

[Ĩ, 8]] ao p^ro^ Dja do mes de Setembro de mil he quinhentos. e oytenta e hũ años nesta cidade de bragua por fr^co^ teixeira Juiz ordinarjo foj dado juramento a paullo machado q̃ Sayo por allmobacel (*sic*) este presente mes de septenbro sob carguo do quoal lhe madou q̃ seruise ho dito hoficjo bem e fielmente e guoardase justica as partes e ordenasaõ delRei noso Sõr e vreacoẽs da camara e ele asj o pormeteo e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Paulo machado

131. Sabado dous dias do mes de Setembro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara hos Sorẽs o L^do^ farto / eytor diz damiaõ dallmeida vreadores / boaventura majo procurador do C^o^ /

Ĩ, 1 Na dyta camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e hasjnorão mrtin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

hejtor Djaz / damião dalm^de^ / boauentura majo / farto

[Fol. 128] **132.** Quoarta ffeira seis dias do mes de Septembro de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foraõ Juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto / eytor diz boaventura majo procurador diguo Damyaõ dallmeida vreadores / boaventura majo procurador do C^o^ /

Ĩ, 1 Na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ ffeitos e piticoẽs e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / hejtor Djaz / damião alm^de^ / boauentura majo

133. Sabado nove de septembro de mjll e quinhentos e ojtenta e hu anos estando juntos em quamara oSenhores L^do^ mateus frz farto fr^co^ teix^a^ Joizes ordinaryos eitor Dias fr^co^ Soares Dyam almejda /

[Fol. 128v.]

Paga da obra da Praça do Peixe

Ĩ, 1 acordaram que se pagase a Joan glz carpintr^o^ a obra que tem f^te^ na praca do pejxe desta cidade estando satisfeita comforme ha hobrigacam e que ho procurador lhe hacabe de pagar e lhe sea lleuado em comta cinquoenta (?) mill Rs sendo t^a^ ho escriuan Sor martin da maja escriuan da Camara e asi acordadaram mais que alem do que se lhe deue pella hobrigacam lhe daram mais duzentos rs da crecenca das espensas que acresentou.

Paga de idas a Cortes

Ĩ, 2 na dita camara acordaram que martinho da maya tresladase aquj os papeis e quitasam do doutor Joam nog^rs^ e di^o^ de baros como lhe ja fora mãdado e tresllade todos os papeis do doutor Joa nog^rs^ ate ha pr^a^ camara sob pena de sospensam pasado ho dito dia e pasada a dita pr^a^ camara e não o dando todo tresiladado ho han por sospenso e nam escreua mais em nenhũa coisa.

Ĩ, 3 na dita quamara ouyram partes e despacharam preitos e piticoẽs e outras

cousas necesarias pera bem da Republiqua desta

[Fol. 129]

cidade asinaram eu cristovam de Resende tᵃᵐ ho sprevj
farto / frᶜᵒ txʳᵃ / almjᵈᵃ / frᶜᵒ Soares / hejtor Djaz

Certidão das Cortes 1579

[ĩ, 4] treslado da sertidao de Dᵒ dallbuquerque q̃ deu ao Doutor Jmᵉ nogʳᵃ Affonso dallbuquerque do Cᵒ delRey noso sõr procurador da cidade de Lixª, nas cortes q̃ S. A. nela madou selebrar etc. faço saber aos Sorẽs Juizes e vreadores da cjdade de bragua q̃ has ditas cortes se acabarão dous dias de Junho do anõ presente e no dito Dja foraõ hos procuradores do Reino despedidos e do dja q̃ partjraõ pera esta corte ate ho dito dja e asj os mais q̃ despenderaõ no caminho ate chegar as suas casas lhes sera paguo seu hordenado comforme ao q̃ lhes foj prometido e por dello me ser pedido sertidaõ por ho doutor Jmᵉ nogʳᵃ procurador da dita cidade de bragua lhe mandey pasar a presente per min asjnada e per gᵘᵉ llobo bareto secretario das ditas cortes q̃ ha fez a tres dias do dito mes de Junho Do anõ de quinhentos e setenta e nove // affonso dallbuquerque // goncallo lobo bareto //

Contas de idas a Cortes

[ĩ, 5] treslado das verbas da quitacaõ do doutor Jmᵉ nogʳᵃ //

[Fol. 129v]

E declaro eu escriuaõ q̃ no coffre esta hũa quitasaõ q̃ deu ho doutor Jmᵉ nogʳᵃ de como se daua por paguo e satisfeito de todas as quoatro vezes q̃ fora elejto pera hir as Cortes / a quoall quitasão era ffeita e hasjnada do sjnal ppᶜᵉ de gaspar glz tᵃᵐ geral das notas segundo della parecia e foy feita aos vinte e tres dias do mes dagosto da era de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs e nela por tᵉˢ fernaõ barquo cidadaõ desta cidade / e antᵒ glz obreiro de frᶜᵒ glz carpinteiro morador no aRabalde de São migel ho anjo / como todo consta da dita quitasaõ e sertidaõ e pyticaõ q̃ ho dito Jmᵉ nogʳᵃ apresentou q̃ esta tudo metido no cofre da camara a q̃ todo me Reporto e por me ser madado pelos sorẽs Regedores q̃ aquj tresladase e tirasse as formas (?) da dita quitasão ho ffiz e asjnej de meu sjnal custumado e consertey com os dito papeis / Martin da maja

quitasaõ de diº de baros procurador das cortes

[ĩ, 6] E asj declaro eu escriuão q̃ no dito cofre esta huã quitasaõ de setenta e dous mil e cem res q̃ deu Dᵒ de baros procurador das cortes a quoall ppᶜᵃ e feito e asjnado do sjnal ppᶜᵒ de gᵃʳ glz tᵃᵐ geral das notas nesta cidade feita aos quinze dias do mes de Julho de mil

[Fol. 130]

e quinhentos e oytenta e hũ años e nela por tᵉˢ Jmᵉ alus e pero glz familiares do dito dyoguo de baros como da dita escretura costa a q̃ me Reporto em todo e por to[do] e hos ditos papeis e qujtacoẽs sertidoẽs e todo o mais das ditas contas do dito dº de baros e Jmᵉ nogʳᵃ esta en hũ maso no coffre da camara q̃ tem tres chaues mᵐᵒ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

134. Quoarta feira treze Djas do mes de setenbro de mil he quinhentos oytenta e hũ años nesta cidade de bragua foraõ juntos en camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto / fr^co^ teix^ra^ Juizes / eytor diz / o L^do^ fr^co^ Soares vreadores / boaventura majo procurador //

Caso das «Logyas do Sal»

Ĩ, 1 acordarão q̃ ho procurador mandase hos papeis a corte do prouedor sobre as logyas do sal cõ hũa carta da camara pera ell Rey e q̃ busquase hũ homẽ q̃ ho leuase e lhe pagase e asj q̃ lhe fose leuado em comtas todo ho q̃ gastou nos papeis cõ ho escriuão e provedor das vindas q̃ veyo a esta cidade sobre este caso /

Mestre das obras do Paço

Ĩ, 2 acordarão q̃ d^o^ vaz pedr^o^ morador em Sequeira andase por mestre no paco do C^o^ e q̃ lhe deseẽ a tostaõ por cada dja os dias q̃ na dita obra estjuer e gastar //

[Fol. 130v.]

[Ĩ, 3] Na dita camara ouuyrão partes e despacharaõ feytos e pyticoẽs e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / francisco Soares / boauentura majo

135. Sabado dezaseis Dias do mes de Setenbro de mil he quynhentos e oytenta e hũ anos foraõ Juntos em camara os sorẽs L^do^ mateus frz farto Juiz ordinarjo / eitor diaz / o L^do^ fr^co^ Soares vreadores / boaventura majo procurador

Livro de Vereações

Ĩ, 1 acordarão q̃ ho procurador do C^o^ do comcelho paguase cinquo cruzados a min escriuaõ por ho L^o^ q̃ eu ffez das vreacoẽs q̃ se deu a ffr^co^ Rabelo escriuão das allmotacarias pera os allmotaceis verem e q̃ se lhe leuase em conta —

Vinho novo

Ĩ, 2 acordarão q̃ porquoanto a tera estaua falta de v^o^ velho da tera dauão L^es^ q̃ se vendese o boo v^o^ mosto a dous res e o bom vinho e dahy pera baixo e não pasase dos ditos dous res / e deraõ L^es^ a bras piz, vendeiro dos bisquainhos e a d^es^ piz pichelleiro da Rua do anjo. pera ho venderem aos ditos dous rs

[Fol. 131]

Ĩ, 3 Na dita camara ouujrão partes e despacharão fejtos e piticoẽs e asjnaraõ martin da maja escriuão da camara ho escreuj

farto / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / boauentura majo

136. Quoarta ffejra vinte djas do mes de Setenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara hos Sorẽs fr^co^ teixeira Juiz eytor Diz o L^do^ fr^co^ Soares Damjaõ dallmeida vreadores /

Ĩ, 1 na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj

*fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / Alm^do^*

Privilégio do SS. Sacramento

[Ĩ, 2] Aos vinte dias do mes de setenbro de mil he quinhentos e oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foy dado a min escriuaõ por bento glz morador a cruz da pedra fereiro hũ preuillegjo do santo sacramento desta cidade.

[Fol. 131v.]

pera pedir na jgreja de sam pedro de meixeminhos cõ hũ despacho dos sorẽs Regedores per q̃ madaraõ q̃ se Regystase e se comprise ho quoal era sobes-

crito por damjaõ dallmeida escriuaõ do Santo Sacramento segudo dele parecja e hasjnado por ho L^do^ g^do^ aRanha e d° de paiua Juizes feito aos dezasete de setenbro de mil e quinhentos ojtenta e hũ anos m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj cõ ho mal escrito q̃ diz bento sobredito ho escreui

137. Sabado vinte e tres djas do mes de settenbro foraõ diguo de mil he quinhentos oytenta e hũ años foraõ Juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto / ffr^co^ teixeira Juizes / eytor diz o L^do^ fr^co^ Soares Damiaõ dalmeida vreadores e boaventura majo procurador

Mourisca

I, 1 na dita camara apareceo alluro piz de portos laurador / e dise q̃ ele querja ser mourisquo e por aver falta nesta cidade deles aseitaram por tal y ele se obrigou a seruir esta cidade vestido ha mourisqua todos os djas e festas q̃ forem obrigados os mourisquos a fazer festa e asjnou

alluro † piz

Contas

I, 2 na dita camara dej ffee eu escriuaõ q̃ notefiquara alluro filgueira q̃ fose dar conta sabado vinte e tres deste presente mes e por ele foj dito q̃ fora diguo q̃ hia pera fora e q̃ a p^ra^ camara virja dar suas contas.

Fonte da «quoarcada»

[Fol. 132]

I, 3 acordarão q̃ o portr° notefiquase os moradores da fonte da quoarcada m^e1^ alz e p° Rib^r°^ e m^e1^ andre a° carpinteiro q̃ alinpen ho Reguo dos seus quintais q̃ vem da fonte da quoarcado de modo q̃ decorrente a aguoa sob pena de dous mil e da cadea pera ho C° e quem acusar / diguo q̃ ade notefiquar ho cazeiro de p° Rib^r°^ e descubram ho cano pera ho verem os oficiais da camara e verem se esta bem e isto per toda a Somana q̃ vem

I, 4 Na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e asjnarão martin da maja escriuão da camara ho escreuj *fr^co^ tx^ra^ / farto / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / boauentura majo / alm^da^*

138. Sabado ho deradeiro dja do mes de Setenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ años foraõ Juntos em camara os Sorẽs L^do^ Mateus frz farto e fr^co^ tex^ra^ Juizes eytor diz o L^do^ fr^co^ Soares damiaõ dalmeida vreadores boauentura majo procurador /

[Fol. 132v.]

Almotacés

I, 1 Na dita camara abrirão o cofre e tirão a bolca dos pelouros dos almotacees e sa rão em hũ dos pelouros q̃ se tirou por allmotaceis pera seruirem este mes q̃ vem de outubro o Doutor p^e^ frz de Lima e p° carualho cidadaõs desta cidade /

Contas

I, 2 acordarão de acabar de tomar as contas a alluoro filgueira estando todos presentes quinta feira pera ho q̃ eu escriuaõ o notefique

Fontes e canos

I, 3 na dita deu fee g° frz porteiro da camara q̃ notefiquara aos conteudos no acordo atras q̃ alinpasen ho Reguo do seu quintal cõ a pena no acordo conteuda

de *g° † fz*

I, 4 acordarão q̃ não estado satisfeito no alinpar e abrir por sima o Reguo como lhes foy notefiquado e vendoo eu

escriuã cõ eytor Diz como lhes esta cometido q̃ se pase madado pera serem penhorados pela pena

I, 5 cometerão a damião dallmeida vreador q̃ veja a fonte de nosa Sorã ha branqua e a made consertar e sendo necesario dr° lho de ho procurador do C° /

I, 6 madão q̃ boaventura majo comserte a fonte de santiaguo e gaste ho q̃ for necesarjo e se lhe ho leuara en conta

[Fol. 133]

Almotacé

I, 7 na dita camara pareceo p° carualho q̃ Sayo por allmotacel este mes q̃ vem de outubro ao quoal derão juramento dos santos avangelhos em q̃ ele pos Sua mão sob carguo do quoal lhe madarão q̃ ele seruise ho dito mes de allmotacel bem e fielmente e guoardase as leis do Reino he justica as partes e vreacoẽs desta camara y ele asj o prometeo e asjnou

p° de carualho

I, 8 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ feitos e piticoẽs e asjnaraõ martin da maja eescriuaõ da camara ho escreuj

fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / boauentura majo / fr^co^ Soares / Almj^a^ / farto

139. Sabado sete dias do mes doutubro de mil e quinhentos e oytenta e hũ años forão Juntos em camaras hos Sorẽs L^do^ farto / fr^co^ teix^ra^ Juizes / eytor Diz / Damião dallmeida vreadores / e boaventura majo

[Fol. 133v.]

Pena para Regedores ausentes

I, 1 na dita camara madarão a mim escriuaõ q̃ porquoanto o L^do^ fr^co^ soares e ho L^do^ farto Juiz e boauentura majo procurador estauão nesta cidade e não vierão a camara sendo ordjnaria manadão q̃ eu escriuaõ lhes caregase a pena a pena da ordenasão e declaro eu escriuão q̃ lloguo veyo a dita camara ho procurador boaventura majo // os quoaes tem de pena hũ tostam cada hũ

Licença

I, 2 na dita camara pedjo L^ca^ Damião dallmeida vreador pera cousas de importançia e lha deraõ

Almotacés

I, 3 na dita camara enlegerão por allmotacel cristouão de Rezende cidadão desta cidade auzencja de p° caruallho porquoanto Sayo em hũ dos pelouros foy pera Coinbra tomar seu graõ de bacharel ho quoal foy loguo chamado pera lhe ser dado juramento / e asj cometerão a qualquer dos Ju zes q̃ desem Juramento ao doutor p° fz de Lima de seu carguo de allmotacel q̃ per enbolcado nos pelouros sajo //

Preço do vinho

I, 4 acordaraõ q̃ ho vinho novo da tera não valese mais q̃ a dous res e mejo o quoartilho sendo bom e não sendo tal dahy pera baixo / e ho de fora a tres e mejo ho bom e dahj pera baixo ho Roim e isto sob pena de cinquo cruzados pera ho C° e quem acusar paguos da cadea e mandarão se apreguoase isto ate dja de natal vindouro e se conprira /

[Fol. 134]

Almotacé

[I, 5] e lloguo na dita camara pareceo pareceo ho dito cristouão de Rezende a quem derão juramento dos santos avangelhos q̃ bem e fielmente servise ho dito carguo de allmotacel este mes doutubro e guoardase justica as partes e leis do Reino e vreacoes y ele asj o prometeo y ele cristovaõ de Rezende dise q̃ ele não podja seruir com ho doutor p° fz de lima por ser seu ymiguo y

eles Regedores lhe madase Seruise sob pena de sjnquoenta cruzados e hũ año de degredo sem enbarguo do q̃ alegaua e asjnou

Resemde

Fonte

ĩ, 6 madarão q̃ eu escriuaõ pasase madado pera serem penhorados por quinhentos res a todos os q̃ não abriraõ ho cano dos seus quintaes da fonte da quoarquoada porquoanto damiaõ dallmeida e eiytor Diz vreadores a forão ver não estaua satisfeito /

Cova de pedreira

ĩ, 7 Na dita camara acordarão q̃ g^ar^ fz notefiquase a g^ar^ glz q̃ serase a coua q̃ abrio da pedra q̃ tirou de fronte da sua porta em termo de tres dias sob pena de trinta cruzados e de se tapar a sua custa /

ĩ, 8 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs e decllaro q̃ não asjnou farto por não estar presente // m^no^ da maja escriuão da camara ho escreuj

fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djas / almj^da^ / boauentura majo

[Fol. 134v.] **140.** Quoarta feira honze dias do mes doutubro [*entrelinha:* de mil quinhentos e oytenta e hũ] foraõ Juntos em camara os Sorẽs L^do^ mateus frz farto Juiz eiytor Diz vreador e fr^co^ teixeira outrosy Juiz o L^do^ fr^co^ soares vreador boaventura majo procurador / // com antre linha q̃ diz de mil quinhentos oytenta e hũ /

Vinho novo

ĩ, 1 Deu fee martin añes preguoeiro q̃ deitara pregan do v^o^ mosto q̃ nenhũa p^a^ vendese o De fora senaõ a tres e m^o^ e ho da tera a dous e mejo ate ho natal ho quoartilho e hasjnou con a pena no acordo comteuda

de *martin* † *añes*

Fonte

ĩ, 2 acordarão q̃ Sabado fosem todos os Regedores a ver a fonte da quarcada [*à margem*: acordo da quoarcada] pera se alinpar ho cano e busquar pera ysto hoficiaes

Contas e Porta Nova

ĩ, 3 acordarão q̃ o procurador pagase ant^o^ cordeiro aos quoartẽs conforme a seu titullo a empocisaõ da carne e sal descontando a pedra q̃ leuou da porta nova

Pagas

ĩ, 4 acordarão q̃ pagasem a m^el^ fz sinquo dias e a Jm^o^ piz / e hũ seu criado cada seu dja / e a Jorge glz hũ dja p^o^ al^o^ seruidor cinquo dias / e a^o^ baltesar quoatro dias / e ant^o^ tres / Dias

[Fol. 135]

todos seruidos ho q̃ ho procurador pagara e se lhe leuara em conta /

Cova de pedreira

ĩ, 5 na dita camara deu fee ho porteiro da camara q̃ notefiquara g^ar^ glz q̃ tapase a pedreira fronteira na sua porta com a pena e termo no acordo atras decllarado

de *g^ar^* † *fz*

Fonte

ĩ, 6 na dita camara acordarão q̃ ho procurador do c^o^ consertase a forqua e gastase nella o q̃ os oficyaes leuasem e fose necesarjo e se lhe leuase em conta

Calçada dos moinhos

ĩ, 7 acordarão q̃ se consertase a calçada dos moinhos de Jm^o^ Serueira e q̃ o L^do^ fr^co^ Soares a conserte e ho procurador pague o conserto

Almotacé

ĩ, 8 Aos noue dias do mes doutubro de mil he quinhentos oytenta e hũ años nesta cidade de bragua per fr^co^ teixeira Juiz foy dado Juramento ao Doutor p^o^ frz de Lima q̃ seruise de allmotacel este presente mes e q̃ guoardase Justica as

partes e a llej delRej noso Sõr e vreacoẽs da camara y ele asj o prometeo e asjnou mᵐᵒ da maja escriuão ho escreuj por fee de martinho pīz tᵉᵐ /

Ljma

[Fol. 135v.]

ĩ, 9 Na dita camara ouuiraõ partes e despacharão feitos e piticoẽs. e asjnarão martin da maja escriuão da camara ho escreuj

farto / frᶜᵒ txᵉᵃ / frᶜᵒ Soares / hejtor Djaz / boauentura majo

Empréstimo à Câmara

[ĩ, 10] Aos honze dias do mes doutubro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua na camara della estando em camara os Regedores acima asjnados perante Suas merces pareceo Rᵒ anẽs peru morador na Rua de Sam marquos e dise a Suas merces q̃ ele enprestara a camara vinte cruzados de [q̃] tinha feito asento no Lᵒ dos acordos e q̃ ora os daua d esmolla a seu cunhado Jeronimo glz aferidor pera casamento de Sua filha e q̃ dando lhe Suas merces os ditos vinte cruzados os daua e a dita camara por quite e liure doje pera senpre e os desobrigara dos ditos

[Fol. 136]

vinte cruzados doje pera senpre e q̃ ho dito Jeronimo glz podja dar quitasaõ Deles como cousa sua por q̃ lhos avia por dados doje pera todo senpre e asjnou mᵐᵒ da maja escriuão da camara ho escreuj

de *R* † *aũs*

141. Sabado quatorze dias do mes doutubro de mil e quinhentos oytenta e hũ aũs forão Juntos em Camara os Sorẽs Lᵈᵒ maeus frz farto / frᶜᵒ teixeira Juizes / eytor Diz e o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares vreadores

Cumprimentos ao Sr. Arcebispo

ĩ, 1 Na dita camara acordarão q̃ o Lᵈᵒ mateus fz farto fizese a fala pera ho Sõr arcebispo quando emtrase nesta cidade e lha Representase e disese como e custume

Retelhar a alfândega

ĩ, 2 acordarão q̃ se Retelhase allfandega e se alinpase e calcase e fizesen corer aguoa pello cano abaixo de modo q̃ tivese vazam e ho cometeraõ a boaventura majo procurador /

Ruas do Campo, Direita, Nova

ĩ, 3 acordarão q̃ se consertase a Rua do canpo de maneira q̃ corese o cano daguoa q̃ vaj por baixo da casa de fernão pereira pela Rua Direita

[Fol. 136v.]

pera a Rua nova e cometeraõ ao Lᵈᵒ farto q̃ fizese e a frᶜᵒ teixeira Juizes q̃ ora (?) são

Fonte e canos

ĩ, 4 acordarão q̃ ho procurador pagase aos oficiaes q̃ linpam afon diguo ho cano da fonte da quoarquoada todo o q̃ se lhe deve de dous dias q̃ são sete jornais e cõ ysto Se pase alluara pera ho doutor pᵒ Ribeiro / e andre aᵒ / e mᵉˡ alz Saralheiro pagarem ho sobredito cõforme a seus prazos / e se notefique andre aᵒ q̃ em termo de deez dias abra ho cano no seu enxido da maneira q̃ esta aberto nos outros quintaẽs sob pena de mil res e da cadea pera engeitados

ĩ, 5 na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e asjnarão martin da maja escriuão da camara ho escrevj

farto / frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor Djaz / francisco Soares

142. Segunda feira dezaseis dias do mes doutubro de mil e quinhentos oytenta e hũ añs nesta cidade de bragua forão Juntos na casa do L^do^ farto ahonde fazem as vreacoẽs / o Dito L^do^ farto /
[Fol. **137**]
e fr^co^ teixeira Juizes eytor Diz o L^do^ fr^co^ Soares vreadores boaventura majo procurador do comcelho

Contas aos carniceiros

[ĩ, 1] pera tomarem contas aos carniceiros do dr^o^ q̃ deviaõ da enposicaõ e pagarem ho enprestimo as pesoas a q̃ foj pedido m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Pagas de empréstimo

ĩ, 2 e logo na dita camara pareceo d^os^ glz carpinteiro morador no aRabalde de são migel o anjo ao quoal deraõ e pagaraõ loguo dous mil res q̃ ele enprestara a dita camara o quoal os Recebeo e deo a dita camara por quite e liure dos ditos dous mil doje pera todo sempre e asjnou m^no^ da maja escriuão da camara ho escrevj

de *d^os^* † *glz*

Pagas de empréstimo

ĩ, 3 Recebeo Jeronimo glz afferidor morador na Rua de São marquos vinte cruzados q̃ ho diguo q̃ R^o^ añes perulleiro enprestou a esta camara e os deu ao dito Jeronimo glz o quoal os Recebeu e deu a dita camara por quite e liure doje pera todo senpre e asjnou m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

de *Jeronimo* † *glz*

[Fol. **137**v.]

Pagas de empréstimo

ĩ, 4 se pagaraõ a nicolaõ glz carniceiro dous mil res do enprestimo aa camara o quoal os Recebeo e deu a camara por quite e liure doje pera todo senpre e asjnou m^no^ da maja escriuão da camara ho escreuj

de *nicolão* † *glz*

Pagas de empréstimo

ĩ, 5 Recebeo pajo glz dous mil res do enprestimo q̃ enprestou ha camara o quoal os Recebeo doje pera todo senpre e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

paio glz

Pagas de empréstimo

ĩ, 6 Na dita camara pareceo manoel diz mercador o quoal Recebeo dez cruzados q̃ enprestou ha dita camara o quoal os Recebeo e deu por quite e liure a dita camara doje pera todo senpre e asjnou m^no^ maja escriuão da camara ho escreuj

manoell diz

Pagas de empréstimo

ĩ, 7 Na dita camara pareceo ant^o^ Roĩz mercador e Recebeo dez cruzados do enprestimo q̃ emprestou a camara e a deu por quite e liure doje pera todo senpre e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Ant^o^ Roĩz

[Fol. **138**]

Pagas de empréstimo

ĩ, 8 na dita camara pareceo gomcallo Roĩz oRiues e Recebeo dous mil res do enprestimo q̃ enprestou ha camara o quoal os Recebeo e a deu por quite e liure doje pera senpre e asjnou m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

g^o^ Rjz

farto / fr^co^ tx^ra^ / fr^co^ Soares / boauentura majo / hejtor Djaz

Prazo do Rexio

[ĩ, 9] Aos vinte e quoatro dias do mes doutubro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs acordarão em camara os abaixo asjnados de fazerem prazo novo e vedoria a Jm^o^ da maja de madureira morador na villa de villa do conde das casas

q̃ estam ao Rexio q̃ forão de seu paj e maj / e lhes deraõ por vedores q̃ por sortes sairão eitor diz / e damiaõ dallmeida vreadores e asjnaraõ martin da maja escriuão da camara ho escreuj

farto / hejtor Djaz / almᵈᵒ / boauentura majo

[Fol. 138v.] **143.** Quoarta feira vinte e cinquo Dias do mes Doutubro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cjdade de bragua forão Juntos em camara os Sorẽs frᶜᵒ teixeira Juiz / eytor Dias / o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares e boaventura majo procurador e ho Lᵈᵒ ffarto Juiz /

Pagas de empréstimo

ĩ, 1 Na dita camara pareceo gᵃʳ alluz Saleiro morador no Campo de Santana e dise q̃ ele se daua por paguo e satisfeito de mil res q̃ enprestara a camara desta cidade e asjnou no dito dja acima Mᵉᵒ Da maja escriuão da camara ho escrevj

guaspar alurez

Pagas de empréstimo

ĩ, 2 Na dita camara pareceo mais antᵒ Roiz Saleiro e dise q̃ se daua por paguo e satisfeito de dous mil res q̃ emprestou a camara e asjnou mᵉᵒ Da maja escriuão da camara ho escreuj

antᵒ † Rz

Pagas de empréstimo

ĩ, 3 na dita camara pagarão dous mil res do enprestimo a bastião glz o quoal os Recebeo e deu a dita camara por quite e liure e asjnou mᵉᵒ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

bastjaõ glz

[Fol. **139**]

Pagas de empréstimo

ĩ, 4 Na dita camara pareceo gᵒ Riz capatrᵒ da Rua de São marquos e se deu por paguo de dos mil res q̃ enprestou ha camara o quoal os Recebeo e asjnou mᵉᵒ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

gᵒ Roĩz

Pagas de empréstimo

ĩ, 5 dᵒ pz allmocreue doos Mil res q̃ enprestou a camara lhe foraõ paguos e deu ha camara por quite liure e asjnou mᵉᵒ da maja escriuão da camara ho escreuj

de *dᵒ † pz*

Pagas de empréstimo

ĩ, 6 na dita camara pareceo pᵒ fz tendeiro da Rua do Souto o quoal Recebeo dous mil res q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure della e asjnou mᵉᵒ da maja escriuão da camara ho escreuj

de *pᵒ † fz*

Pagas de empréstimo

ĩ, 7 Na dita camara pareceo dᵒˢ lopez barbeiro e Recebeo dous mil res q̃ enprestou a camara e ha deu por quite e liure delles e asjnou mᵉᵒ da maja escriuaõ ho escreuj

domingos lopez

Pagas de empréstimo

ĩ, 8 na dita camara pareceo dᵒ frz sombreiro e se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara

[Fol. **139**v.]

se deu por quite e liure he asjnou de como Recebera os ditos dos mil res martin da maja escriuão da camara ho escreuj

dᵒ Rojz

Pagas de empréstimo

ĩ, 9 na dita camara pareceo fernão piz da Rua do Souto e se deu por quite e liure de tres mil res q̃ Recebeo do enprestimo q̃ enprestou a camara e asjnou mᵉᵒ da maja escriuão ho escreuj

fão pĩz

Pagas de empréstimo

ĩ, 10 na dita camara pareceo eytor diguo eitor Rz botiquairo e Recebeo quoatro mil res q̃ enprestou a camara e se deu por quite e liure deles mᵉᵒ da maja escriuaõ ho escreuj

ejtor Roĩz

Pagas de empréstimo
I, 11 na dita camara pareceo ant° de ponte e Recebeo dous mil res do enprestimo da camara e se deu por quite e liure e asjnou m^no^ da maja escriuão da camara ho escrevj

ant° de põte

[Fol. **140**]

Pagas de empréstimo
I, 12 na dita camara pareceo a molher de Jm° aluz mercador Jsab diguo maria ant° e Recebeo dous mil res do emprestimo q̃ de seu m^do^ enprestou a esta camara e hasjnou por ella g° fz porteiro da camara m^no^ da maja escriuão ho escreuj

de *g°* † *fz*

Pagas de empréstimo
I, 13 Na dita camara pareceo p° añes dos chaõs e Recebeo dous mil res diguo dez mil res q̃ enprestou a camara e os Recebeo e deu a dita camara por quite e liure e asjnou m^no^ da maja escriuaõ ho escreuj

p°. añes Saia

Pagas de empréstimo
I, 14 na dita camara pareceo ant° aluz sergueiro e Recebeo dous mil res q̃ emperstou a camara e ha deu por quite liure doje pera sempre e asjnou m^no^ da maja escriuão ho escreuj

ãt° alz

Ida às tomadas
I, 15 na dita camara linbrou fr^co^ teix^ra^ Juiz q̃ fosem às tomadas

Postigo e privadas
I, 16 acordarão q̃ se abrise o postiguo de Sam sabastião / e q̃ na tore do mejo q̃ vaj pera Sam cebastião

[Fol. **140v.**]

q̃ esta fronteira do quintal de martin brauo se fasão huãs priuadas e q̃ ho procurador do c° as made fazer

Ponte Nova
I, 17 acordarão q̃ ho L^do^ fr^co^ Soares madase consertar a ponte nova

Ponte dos Pelames
I, 18 q̃ boaventura majo comserte a ponte dos pelames

Ponte de Guimarães
I, 19 q̃ ho Juiz fr^co^ teixeira comserte a ponte de g^es^

I, 20 Na dita camara ouuirão partes e despacharaõ piticoẽs e asjnaraõ m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escrevj *farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / boauentura majo*

144. Aos trinta dias do mes doutubro de mil e quinhentos e oytenta e hũ años forão Juntos pera tirarem allmotaces
[Fol. **141**]
os Sorẽs L^do^ farto Juiz e eytor Diz e ho L^do^ fr^co^ Soares e damião dallmeida vreadores

Festa de S. Simão
[**I**, 1] porquoanto sabado pasado q̃ forão vinte e ojto deste mes foj dja de são sjmão e se não ffes camara //

Almotacés
[**I**, 2] e lloguo abrirão o cofre e tirarão das bolsas hũ dos pelouros dos allmotaceis pera seruirem neste mes q̃ vem de novenbro / fernão de teiue / e d° de paiua brandão cidadão desta cidade / os quoaes forão chamados pera lhes darem juramento /

[**I**, 3] e lloguo na dita camara pareceo d° de paiua ao quoal foy dado juramento sob carguo do diguo dos Santos avangelhos sob carguo do quoal lhe madarão q̃ seruise ẽ este mes q̃ vem de novenbro e guoardase a Justiça as partes e leis do Reino e vreacoẽs desta camara y ele asj o prometeo cunprir e asjnou /

e cometerað ao sõr L^do^ mateus fz farto Juiz q̃ dese juramento a fernão de teiue por se não achar pera lhe ser dado m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

Dioguo de paiua brãdaõ

[Ī, 4] E lloguo pareceo mais fernão de teiue na dita camara ao quoal foj dado juramento dos Santos avangelhos em q̃ pos sua mão sob carguo do quoal lhe madarão q̃ Seruise

[Fol. 141v.]

de allmotacel este mes q̃ vem de novenbro e guoardase as leis do Reino e justiça as partes e vreacoẽs desta camara y ele asj o prometeo e asinou com os Juizes e vreadores martin da maja escriuão da camara ho escreuj

fernã de teiue

farto / hejtor Djaz / damiã dalm^da^ / fr^co^ Soares

145. Sabado quoatro dias do mes de novenbro de mil he qujnhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua forão Juntos em camara hos sorẽs L^do^ mateus frz farto Juiz / eytor Djaz / Damiaõ dallmeida vreadores / boaventura mayo / procurador //

Pagas de empréstimo

Ī, 1 madarão q̃ ho procurador pagase a Jm^o^ glz dous mil res q̃ enprestou a camara ho quoal Jm^o^ glz se deu por paguo deles e asjnou e deu a camara por desobrigada doje pera todo senpre e asjnou

Jm^o^ glz

[Fol. 142]

Pagas de empréstimo

Ī, 2 na dita camara pareceo d^os^ daguiar ferador e se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure porquoãto os Recebeo Do procurador boaventura majo e asjnou

domīgos dagyar

Pagas de empréstimo

Ī, 3 E asj pareceo mais felipa Jacome v^a^ e deu por quite e liure a camara de dez cruzados q̃ a ella enprestou por quoanto os Recebeo do procurador boaventura majo e Rogou a d^os^ daguiar ferrador q̃ asjnase por ella como asjnou *asjno por my e por ela domīgos dagyar*

Pagas de empréstimo

Ī, 4 na dita camara apareceo g^er^ fz orives e se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara os quoaes Recebeo de boaventura majo e asjnou

gaspar frz

Pagas de empréstimo

Ī, 5 pareceo g^o^ fz liureiro e se deu por paguo de dous mil res e satisfeito do enprestimo q̃ enprestou a camara e hasjnou os quoaes lhe pagou boaventura maio procurador

gonçallo frz

[Fol. 142v.]

Pagas de empréstimo

Ī, 6 na dita camara pareceo luis giralldez e se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure e asjnou

de *luis † giraldez*

Pagas de empréstimo

Ī, 7 na dita camara aparceo belchior glz barbeiro e se deu por quite e liure de dous mil res do enprestimo q̃ enprestou a camara e asjnou e os Recebeo do procurador boaventura majo //

belchior glz

Pagas de empréstimo

Ī, 8 na dita camara deu quitasaõ a camara e a deu por quite e liure sjmão daguiar ferador de dous mil reis q̃ en-

prestou a camara de enprestimo os quoaes Recebeo de boaventura majo e asjnou

Symão daguyar

I, 9 na dita camara ouuirão partes e despacharaõ piticoẽs e hasjnarão martin da maja escriuaõ da camara ho escrevj *farto / almᵈᵃ / hejtor Djaz / boauentura majo /*

[Fol. 143]

frᶜᵒ Soares

146. Quoarta feira ojto dias do mes de novenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs foraõ Juntos em camara os Sorẽs frᶜᵒ teixeira Juiz eytor Diz o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares Damiaõ dallmeida vreadores

Escrivão interino

I, 1 acordarão q̃ porquoanto frᶜᵒ Rabello escriuão dallmotacaria era auzente e estaua preso na Coreicaõ de ponte de lima e as Rendas do comcelho se perdiaõ e ho Rendeiro trataua de Requerer Sua Justica sobre a perda das ditas Rendas por não aver escriuaõ nem coreicoẽs e ho pouo perecjo (?) / madão q̃ eu escriuaõ da camara escreuese [*corrigido*: No] dito officjo dallmotacaria ate ho sõr arcebispo prouer de escriuaõ visto como ho dito sõr arcebispo estaua [*entrelinha*: auzente] e ho dito frᶜᵒ Rabelo senão podia loguo prouer de quem lhes seruise ho dito officjo // com ho mal escrito q̃ diz no / e antrelinha q̃ diz / auzente //

Calçada do Caminho Novo dos Pelames

I, 2 acordarão q̃ damiaõ dallmeida vreador madase fazer a calcada do caminho nouo dos palames / e isto do canto de frᶜᵒ Jacome ate a casa do coneguo migel lopez

[Fol. 143v.]

Paga

I, 3 na dita camara pareceo Jmᵒ fz allmocreue do campo das ortas ao quoal madaraõ pagar boaventura majo quoatro mil res y ele se deu por quite e liure deles os quoaẽs lhe pagou ventura majo e asjnou

de Jmᵒ † fz

[I, 4] Na dita camara ouuirão partes e despacharão piticoẽs e asjnarão martin da maja escriuão da camara ho escreuj *Almᵈᵃ / frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor Djaz / frᶜᵒ Soares*

147. Quoarta feira quinze dias do mes de novenbro de mil he quinhentos oytenta e hũ anos nesta cidade de bragua no paco do Cᵒ foraõ Juntos en camara os Sorẽs frᶜᵒ teixʳᵃ Juiz eitor Diz / Damiaõ dalmeida / vreadores boaventura majo procurador // e o Lᵈᵒ farto Juiz e o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares vreador

Mercado nas ruas

I, 1 acordarão q̃ porquanto se enpedjo hos caminhos pᶜᵒˢ pera a Rua dos chaõs e fonte da corcoua com pesoas q̃ vendiaõ ahy bois

[Fol. 144]

e com caros e bestas q̃ os Juizes nolo prouesem com pena de todo ho q̃ alj vender as sobreditas mercadorias de pagarem syza e estando as pesoas sobreditas nos ditos lugares aynda q̃ não vendão a pena q̃ parecer a esta camara e ho lugar homde amde vender sera pelo canpo dentro deixando hos caminhos todos liures asjma ditos .s. e q̃ pera jsto se lance pregom a quoal pena q̃ parecer se apliquara pera ho Cᵒ e quen acusar

Prazo
I, 2 acordarão de fazer nouo prazo a ynacjo Ramires allmocreue em tres vidas de huas casas e lhe derão por vedores por sortes ao L^do^ farto e fr^co^ teixeira Juizes

Preço do vinho
I, 3 acordarão q̃ pela emformasão q̃ ora se tomou se venda o v^o^ de fora ate diguo a quoatro res o bom v^o^ e ho Roim

[Fol. **144v.**]

Dahy pera baixo sem embarguo do acordo atras e isto se apregoee / Com pena do acordo atras

I, 4 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs e asjnaraõ m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj *farto / fr^co^ tx^ra^ / alm^da^ / fr^co^ Soares / hejtor Djaz / boauentura majo*

148. Sabado dez oito dias do mes de novenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foraõ Juntos en camara hos sorẽs fr^co^ teixeira Juiz / e ejtor Diz o L^do^ fr^co^ Soares damiaõ Dallmeida vreadores boaventura majo procurador e ho L^do^ farto fz

Tanoeiro
I, 1 na dita camara pareceo bastiaõ a^o^ tanoeiro da veiga de penso e Jurou de fazer seu hoficjo de tanoeiro ben e fielmente e hasjnou

de *bastiaõ* † *afomso*

Pagas de empréstimo
I, 2 na dita camara pareceo p^o^ de freitas barbeiro e se deu por paguo e satisfeito de dez cruzados q̃ enprestou a camara e ha dita camara por quite e liure dos ditos *dez* cruzados e asjnou //

*p^o^ Fr^tas^*

Pagas de empréstimo
I, 3 pareceo L^co^ allz azeiteiro e se deu por paguo e satisfeito de tres mil res do enprestimo q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure doje pera todo senpre e asjnou

de *L^co^* † *alz*

[Fol. **145**]

Pagas de empréstimo
I, 4 na dita camara pareceo manoel miz mercador e se deu por quite e liure de [*corrigido*: dous] mil res q̃ enprestou a camara e a dita camara por quite e lliure e asjnou com mal escrito q̃ diz dous //

m^el^ miz

Pagas de empréstimo
I, 5 na dita camara pareceo Jacome diguo ant^o^ de Sequeira pedreiro e se deu por quite e liure deles e a dita camara por desobrigada e asjnou diguo dous mil res

*Antonio Seq^ra^*

Pagas de empréstimo
I, 6 Jacome fereira pastelleiro se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara e deu a dita camara por quite e liure e asjnou

Jacome fereira

Pagas de empréstimo
I, 7 Joam piz o vasallo da Rua do Souto se deu por paguo e satisfeito de dous mil res q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure e asjnou

Ja † *piz*

Pagas de empréstimo
8 na dita camara pareceo alluaro luis luueiro e se deu por paguo de dous mil res q̃ enprestou a camara e deu a dita camara por quite e liure e asjnou

de *alluro* † *luis*

[Fol. **145v.**]

Pagas de empréstimo
I, 9 na dita camara pareceo R^o^ añes allfaiate e se deu por quite e liure de dez Cruzados q̃ enprestou ha camara e a deu por desobrigada delles e asjnou

R^o^ anes

Pagas de empréstimo
I, 10 na dita camara pareceo d^o^ de carualhais e se deu por quite e liure e

satisfeito de dous mil res q̃ enprestou a camara e deu a dita camara por quite e liure e asjnou

Carualhaes

Ida às tomadas

I, 11 acordarão de hir quinta feira as tomadas desta somana q̃ vem deste presente mes

Contas de armas e pólvora

I, 12 acordarão de terca feira acabarem de tomar conta a a° filgueira do dr° q̃ gastou nas armas e polluara e q̃ se notefiquase pera ho sobredito //

Pagas de empréstimo

I, 13 pareceo bento glz mercador e se deu por paguo emtregue e satisfeito de dez cruzados q̃ enprestou a camara e a dita camara por quite e lliure e asjnou

de *bento* † *glz* [desenho]

[Fol. **146**]

Pagas de pinturas

I, 14 na dita camara acordaraõ q̃ ho procurador do concelho dese cinquo cruzados a luquas soares pintor a custa das pinturas //

Fontes e chafarizes

I, 15 acordaraõ q̃ porquoanto ho coimeiro desta cidade andre fz era pouquo diligente nas pesoas q̃ lauauão e Sujauam as fontes desta cidade e chafarizes e asj de fora dos arabaldes .S. de São tiaguo e de São marquos e nosa Sorã abranqua madauaõ ao mozo balluale (?) glz q̃ todas as pesoas q̃ achase lauando ou sujando as ditas fontes e chafarizes lhes tome a Roupa e mais fato pera sy e asj lhes pagauaõ de pena apliquada para ele cinquo tostoẽs paguos da cadea

I, 16 na dita camara houuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs e asjnarão martin da maja escriuaõ da Camara ho escreuj *farto / teix^ra / alm^da / hejtor Djaz / fr^co Soares / boauentura majo*

149. Quoarta feira vinte e dous dias do mes de novenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs forão Juntos em camara os Sorẽs fr^co teixeira Juiz eytor Diz o L^do fr^co Soares / Damiaõ dalmeida vreadores / e asj o L^do mateus frz farto juiz

[Fol. **146v.**]

Quadrilheiro

I, 1 na dita camara pareceo pero glz da frg^ia de São p° deste quadrilheiro e Jurou de fazer seu hoficjo bem e verdadeiramente e asjnou

de *p°* † *glz*

Luvas

I, 2 notefiquado Jeronimo lopez q̃ dese as luuas a eitor Diz vreador q̃ lhe estauaõ mandado fazer sob pena de conpraren dous pares de luuas a sua custa citou g° fz portr° da camara e asjnou

de *g°* † *fz*

Paga

I, 3 acordarão q̃ boaventura majo dese cem res a Salluador glz ourejo homẽ do allcaide por hua serta diligencja q̃ fez de mandado desta mesa por ben de Justica

Mercado nas ruas

I, 4 acordarão q̃ asj como atras tiuesẽ madado q̃ nenhuã pesoa vendese bois nen nenhuã mercadoria na boqua dos chaõs e fonte da quo

[Fol. **147**]

arquoda asj madaõ com as mesmas penas e de mil res pera ho C° e quem acusar q̃ pesoa allguã não vendese mercadoria de quoalquer maneira q̃ seja na Rua de São marquos e boqua da dita Rua e na cruz da porta do Souto e se ...?... cada hũ em Sua mercadoria pello campo dentro e cometerão a execusão aos Juizes e a cada hũ deles e q̃ diso se lancase pregam

Ĩ, 5 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ p.ticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / almᵈᵉ / frᶜᵉ txʳᵃ / frᶜᵉ Soares / hejtor Djaz

150. Quoarta feira a vinte e nove dias do mes de novenbro de mil e quinhentos e oytenta e hũ anõs forão Juntos em camara hos Sorẽs frᶜᵉ teixʳᵃ Juiz eytor Djaz e o Lᵈᵒ frᶜᵉ Soares / Damiaõ dallmeida vreadores boaventura majo procurador //

Paga ao porteiro

Ĩ, 1 acordaraõ q̃ ho procurador boaventura majo dese a gᵒ fz portrᵒ da camara pelo trabalho q̃ leuaua dous mil res

[Fol. **147v.**]

Almotacés

[Ĩ, 2] lloguo na dita camara abriraõ o cofre dos allmotacees e Sairaõ este presente mes de [*corrigido*: Dezembro] por allmotaceis bento fz e baltesar da Rocha cidadaõs desta cidade os quoaes forão chamados e lhes foj dado juramento dos Santos avangelhos sob carguo do quoal lhes madaraõ seruisen seu cargo ben e verdadeiramente e guoardem Justica as partes e guoarden as leis do Reino e vreacoẽs desta camara e asjnarão // cõ mal escrito q̃ diz dezenbro //

bento diz Bᵃʳ da Rocha

Desvio de madeira

Ĩ, 3 pareceo dominguos glz carpintrᵒ morador ao aRabalde desta cidade ao quoal derão Juramento dos Santos avangelhos e lhe fizerão preguta se sabia quoantos paõs leuara antᵒ de Sequeira mercador da prasa do peixe dise q̃ sete q̃ valiaõ cada paõ quorenta res e q̃ leuaria seissentos preguos q̃ valiaõ o cento dos preguos a cento e vinte res q̃ são setecentos e vinte res e q̃ ysto lhe parecia e asjnou

de *dᵒˢ* † *glz*

Calçada da Cruz da Pedra

Ĩ, 4 na dita camara pareceo Dominguos luis morador na frgᵉᵃ de São pajo de merlin do couto de tibaẽs e por ele foj dito q̃ ele se hobrigaua a fazer a callcada a cruz da pedra q̃ esta pegado na quangosta do lugar de luquas de santa maria e q̃ lhe darão por brasa a oytenta res e hũ seruidor hũ dja pera

[Fol. **148**]

chegar a pedra a quoal callcada se hobrigua a dar feita ate dja de natal deste anõ presente pera ho q̃ hobrigou sua pesoa e beẽs e Se hobrigou a Responder nesta cidade diante as Justicas dela e não na dando feita lhe não pagarão por brasa da q̃ tiueren feito mais q̃ a sjnquoenta res por brasa e asj o dise e hasjnou tᵃˢ q̃ forão presentes bertolameu diz pasareiro e gᵒ fz portrᵒ da camara o escriuão da camara ho escreuj

gᵒ † fz / dᵒˢ luis / bertolameu diz

Pagas de empréstimo

Ĩ, 5 na dita camara pareceo bertolameu diz vinhateiro e se deu por paguo de dous mil res do enprestimo q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure Doje pera senpre e asjnou

de *bertolameu* † *diz*

Paga de ida à Corte

Ĩ, 6 acordarão q̃ ho procurador pagase a pᵒ alz o trabalho q̃ leuara de hir a Corte a prouizam do Sal em q̃ gastou sesenta e tres dias a tostão por dja q̃ são seis mil e trezentos res declaro q̃ foraõ sesenta e sete dias em q̃ enporta seis mil e sete centos res e abatendo o q̃ ten Recebidos //

Venda de peixe

Ĩ, 7 acordarão q̃ nenhuã pesoa vendese peixe nem pescado em Sua casa senão na camara diguo se

[Fol. 148v.]

não na prasa do peixe sob pena de cinquo cruzados paguos da cadea e q̃ se apreguoase //

Calçada de Real

ĩ, 8 acordarão q̃ o procurador fizese a calcada de Rial e pagase aos pedreiros / o q̃ leuasen em tourijo (?) //

ĩ, 9 pareceo fr^co^ lopez mercador da Rua nova e se deu por quite e liure de dez cruzados q̃ emprestou a camara e ha deu por quite e liure a dita camara e asjnou

fr^co^ lopẽz

Casa

ĩ, 10 acordarão q̃ ho procurador citase a sebastiaõ Roïz comendatario por a propriedade das casas em q̃ viue por Serem desta mesa e cairen em lemites //

ĩ, 11 na dita camara ouuiraõ partes e despacharão feitos e piticoẽs martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj *fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / alm^do^ / francisco Soares / boauentura majo*

151. Sabado dous dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs forão Juntos em camara os Sorẽs L^do^ farto Juiz / eytor diz

[Fol. 149]

damiaõ dallmeida vreadores / e boaventura majo procurador

Provisão real a conceder mantimentos de Vila do Conde e Esposende

ĩ, 1 na dita camara se apresentou hũa prouizam de Sua magestade em q̃ concedeo a esta cidade os mantimentos da villa de villa do conde e de fan cujo teor segue //

[ĩ, 2] q̃ em quoalquer tenpo do mundo diguo do anõ q̃ aos sopliquantes forem necesarios mantimentos de villa de conde e esposende os oficiaẽs das camaras dos ditos lugares lhos fasaõ dar pelos presos da tera sem embarguo de quoaesquer pusturas das camaras com declarasaõ q̃ lhes não darão tantos mantimentos q̃ lhes não possaõ fazer falta na tera vista a emformasão q̃ se ouue em Lx^a^ aos ojto de dezenbro de mil he quinhentos oytenta e hũ anõs / ant^o^ da gama / L^co^ corea / p^o^ barboza // ℂ eu elIRej faço saber aos q̃ este alluaral virem q̃ avendo Respeito ao q̃ pelo Capitullo atras decclarado me emvlarão pedir os oficiaẽs da camara de bragua nas cortes q̃ eu fiz na villa de tomar / e vista a emformasaõ q̃ por meu mandado se ouue do provedor da comarqua Da villa de viana foz do Lima e seu parecer ey por bem e me apraz que em quoalquer tenpo do anõ q̃ lhes forem necesarios mantimentos de villa do conde e espozende os oficiaẽs das camaras dos ditos lugares lhos fasão dar pelos presos q̃ valerem na tera sem embargo De quoaesquer pusturas das ditas camaras q̃ aja em contrairo com declarasão q̃ os mesmos oficiaẽs lhes não darão tantos mantimentos q̃ a tera lhes posa fazer falta e mado ao dito prouedor e asj aos ditos hoficiaes das camaras dos ditos lugares e mais justicas e oficiaẽs a q̃ ho conhe

[Fol. 149v.]

cimento disto pertencer q̃ cunprão este alluaral como se nelle contem ho q̃l me praz q̃ valha e tenha forca e vigor como se fose carta feita em meu nome per min asjnada e pasada por minha chancelaria sem embargo da ordenasão do segundo L^o^ titullo vinte q̃ o contrairo despoen. e valera outrosj posto q̃ não seja pasado pela chancelaria Jm^e^ Da costa fez em Lx^a^ Dezaseis de nov^ro^ de mil e quinhentos e oytenta e hũ // *Rey* // A vosa magestade por bem q̃ em quoal-

quer tenpo q̃ aos hoficiaẽs da camara da cidade de bragua foren necesarios mantimentos de villa de conde e espozende lhes sejam dados pelos presos da tera cõ declarasaõ q̃ lhes não dem tantos q̃ posão fazer falta e este valha como carta e não pase pella chancellaria / ho quoal eu. escriuaõ tresladej da propria q̃ fiqua no cofre a quoal me Reporto e asjnej de meu sjnal custumado / Martin da maja

Pagas de empréstimo

i, 3 na dita camara pareceo belchior piz ferador e se deu por quite e liure de dous mil res q̃ enprestou a camara de enprestimo e asjnou

belchyor piz

[Fol. **150**]

Paga ao porteiro

i, 4 acordarão q̃ ho procurador pagase mil res da enposisão da carne a g° fz port° alem do mais lhe e dado de seu ordenado visto ho custume e sertidão de ant° cordr°

Festa de S. Geraldo

i, 5 acordarão q̃ se fizesa festa de São g^de^ e ho procurador pagase os ordenados como e custume //

Bandeiras, Pélas, Danças

i, 6 madarão a g^ar^ fz q̃ notefique a quem leuase as bandeiras / e as pelas e dancas despadas e serpe e caualinhos /

Materiais de construção

i, 7 na dita camara Requereo boaventura majo procurador da cidade aos Regedores Juiz e vreadores q̃ fizesem sumario da pedra telha paõs da prasa do peixe e canpo das ortas e das portas da cidade da pedra q̃ dellas leuarão / pera ho C° aver ho seu e q̃ fizesen emtregar as pesas cadeas cordas dos muros e mais allfajas /

i, 8 na dita camara acordaraõ q̃ se Juntasem quinta feira pera fazerem auto e Sumario do acima nesta camara

Recebedores das sisas

i, 9 asentaraõ q̃ segunda feira a tarde se juntasem pera fazerem Ro diguo Recebedores das Sizas e fiquarão notefiquados todos pera jso //

i, 10 na dita camara houuiraõ partes despacharaõ

[Fol. **150**v.]

feitos e piticoẽs e feitos e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj

*farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / boauentura majo / alm^da^*

152. Sabado nove dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua na casa donde se fazem as vreacões foraõ Juntos em camara os Sorẽs / fr^co^ teixeira Juiz ordinarjo / eytor Diz o L^do^ fr^co^ Soares Damiaõ dallmeida vreadores / boaventura majo procurador do concelho

Calçada do Caminho Novo dos Pelames

i, 1 na dita camara pareceo ant° glz pedreiro morador a fonte de quoa diguo de sam marquos desta cidade e se obrigou a fazer a callcada do caminho novo dos palames a oytenta res a brasa desdo muro de fr^co^ Jacome ate o quintal de fr^co^ freire ou ate outra callcada e esta camara se hobrigou a lhe paga das Rendas della e comesar de trabalhar quinta ffeira (?) deste presente mes y asjnou

ant° † glz

Paga

i, 2 na dita camara acordarão q̃ ho procurador pagase ao escriuão da camara oyto centos e doze res de hus autos q̃ fez nesta camara e se lhe leuasen em comta

[Fol. 151]

Ponte dos Pelames

I, 3 acordarão q̃ damiaõ Dallmeida vreador comsertase a ponte dos palames pera ho q̃ madase pasar madado pera ho quoadrilheiro De São vitouro vir com dez homes pera a leuantaren //

Recebedores

I, 4 acordarão q̃ dja de Santa lozia q̃ he quoarta feira se juntasem e fizesem Recebedores das sjzas as duas horas // e q̃ eu escriuaõ notefiquase ao L^{do} ffarto sob pena do q̃ não vier fiqua a Sua comta /

I, 5 na dita camara houuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj *fr^{co} tx^{ra} / hejtor Djaz / fr^{co} Soares / damiã dalm^{do} / boauentura majo*

Privilégio da Trindade

[I, 6] Aos nove dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oitenta e hũ anõs nesta cidade de bragua por Jm^{o} fr^{co} Saralheiro morador na Rua de São marquos desta cidade me foj apresentado ho preuilegjo em letra Redonda da trindade com hũa

[Fol. 151v.]

precatoria nas Costas dele de fr^{co} da fonsequa menposteiro mor da Santicima trindade ffeyto aos cinquo dias do mes de dezenbro deste presente anõ e asjnado ao pee do sjnal do dito llionel Lopez da fonsequoa segundo dele pareçia per q̃ ho fazia menposteiro da trindade pera tirar as esmollas em são migel ho anjo / e san Sabasaião ermidas desta cidade // Ao pee do quoal preuilegjo e precatoria / estaua hũ despacho Dos Sorẽs Regedores per q̃ madauão q̃ eu escriuão ho Registase / ho tresllado do quoal se segue // Registese em camara a nove de dezenbro de mil e quinhentos e oytenta e hũ / fr^{co} teix^{ra} / eytor Diz / fr^{co} Soares / almeida / boaventura majo / martin Da maja escriuaõ da camara ho escreuj

153. Quoarta feira treze dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs forão Juntos em camara os Sorẽs L^{do} mateus frz farto / fr^{co} teixeira Juizes / eytor diz / o L^{do} fr^{co} Soares / Damiaõ dalmeida vreadores / boaventura majo procurador —

Recebedores

I, 1 na dita camara ordenarão de fazer Reçebedores pera Receberem a sjza desta cidade e termo /

I, 2 elegerão por Recebedor das Igrejas e erdades diguo y emlegerão por Recebedor do v^{o} e ygrejas .S. d^{o} piz allmocreue morador nos bisquainhos e das erdades //

[Fol. 152]

Recebedores da Ciza

I, 3 emlegeraõ por Recebedor dos Ramos da carne peixe e azeite a lluis giraldes capatr^{o} genro de fr^{co} lopez da Rua do Souto //

I, 4 emlegerão por Recebedor do Ramo do geral desta cidade e aRaballdes ant^{o} Roiz o boucinho gemro daires diz da Rua de São marquos

I, 5 emlegeraõ por Recebedor do geral do termo desta cidade a p^{o} fz tendeiro gemro do dito fr^{co} lopez da Rua do Souto //

[I, 6] e feitos e eleitos asj os ditos Recebedores mandaraõ a g^{o} fz porteiro q̃ notefiquase aos sobreditos Recebedores pera q̃ se fizesem prestes pera Receberem cada hũ como lhes estaua Repartido os Ramos o anõ q̃ vem de oytenta e dous e da notefiquasaõ dara sua fee

Calçada
Ī, 7 acordaraõ q̃ eitor diz / e damião dalmeida vreadores madasem leuar a pedra nesesaria da porta nova pera a calcada en nosa Sorã a branca da porta linpa //

Alfaias das obras dos muros
Ī, 8 acordarão q̃ o portr° notefiquase d(d°) vãz ant° de sequeira q̃ emtregasem as allfaias / e todo o q̃ tiuesem q̃ fiquara dos muros ate a p.ra camara sob pena de cinquo cruzados paguos da cadea

[Fol. 152v.]

Obras da Praça do Peixe
Ī, 9 Na dita camara fizerão hũ auto pera se fazer sumario da pedra e telha e outras cousas q̃ se tomou na prasa do peixe e asjnarão martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj //
farto / almda / txra / hejtor Djaz / boauentura majo / frco Soares

[Ī, 10] e lloguo no dito dja atras a tarde forão juntos em camara os Juizes e vreadores abaixo e asjma asjnados e fizeraõ camara //

Pagas de empréstimo
Ī, 11 na dita Camara pareceo g° anẽs allmocreue do canpo das ortas e se deu por paguo de dous mil res q̃ enprestou a camara e asjnou aquj
de *g°* † *añes*

Carta ao Arcebispo
Ī, 12 cordaraõ q̃ ho Ldo farto escreuese huã carta ao Sõr arcebispo pera Se fazer a emleicão e q̃ ho procurador made hũ homẽ e lhe pague //

Ī, 13 na d[it]a camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoes e hasjna

[Fol. 153]

raõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj
farto / almda / frco txra / hejtor Djaz / francisco Soares / boauentura majo

154. Sabado dezaseis dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua forão Juntos em camara hos Sorẽs frco teixeira Juiz heitor diz o Ldo frco Soares Damiaõ dallmeida vreadores boaventura majo procurador do comcelho //

Pagas de empréstimo
Ī, 1 na dita camara pareceraõ gro Rīz cujteleiro da Rua do anjo e se deu por paguo e satisfeito de dous mil res q̃ enprestou a camara e a deu quite e liure e asjnou
gregorio Roiz

Paga a pedreiros
Ī, 2 acordarão q̃ ho procurador pagase ant° glz e g° mz pedreiros seis vinteẽs de huã brasa e meja da callcada q̃ fizeraõ na esquina da prasa do peixe

[Fol. 153v.]

Calçada à Porta de Sant'Iago
Ī, 3 acordarão q̃ ho procurador fose ver a calsada q̃ se fez a cruz da porta de Santiaguo e ho q̃ achar q̃ se deve ant° glz / q̃ esta camara lhe deve se lhe pague //

Calçada à Cruz da Pedra
Ī, 4 acordarão q̃ se pasase madado comtra d° pinto / e comtra hos mais das testadas da callcada da cruz da pedra pera q̃ cada hũ pague suas testadas // e sejam penhorados e precatoria pera luquas de Santa ma

Calçada do Caminho Novo dos Pelames
Ī, 5 acordarão de dar a callsada do caminho novo dos palames q̃ se ade fazer ha porta de manoel piz e frco Jacome a frco Roiz / Da ponte nova pera q̃ elle a fasa e lhe darão a pedra e oytenta res por brasa e se hobrigarão a lha pagar pelas Rendas do Co / y ele se hobrigou a fazer e comesar lloguo a asentar esta callçada e desobrigarão

antº glz da obrigasão q̃ estaua feita a eles sorẽs Regedores

de *frᶜᵒ* † *Riz*

Prisão de Almotacés

I, 6 acordarão de hirem os Regedores falar com ho prouisor sobre a prizam dos allmotacees

Recebedores

I, 7 na dita camara deu ffe gº fz porteiro q̃ notefiquara / alº piz / luis giraldes / antº Riz / pº frz Recebedores emlleitos o anõ q̃ vem de mil e quinhentos ojtenta e dous e asjnou

de *gº* † *fz*

Prazo

I, 8 acordarão de fazer prazo novo antº Cordeiro das casas em q̃ vive pegadas com São paullo ẽ tres vidas e lhe daõ por vedores ao Lᵈᵒ farto e o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares

[Fol. 154]

Rocio aos Pelames

I, 9 acordarão de hirem ver o Rocio q̃ quer tomar fr.ᶜᵒ fz aos pallames e Sayo por Sortes pera ho hir ver farto / e allmeida //

Estendedouro de roupa

Requerimento ho procurador ao acordo acima

I, 10 e lloguo Requereo ho procurador do Cº q̃ não era proueito do Cº nen Comsentia q̃ tal se dese como prouarla por tᵉˢ porquoanto era estendedouro de Roupa desta cidade e não avia outro milhor estendedouro /

Pagas de empréstimo

I, 11 na dita camara pareceo Jeronimo da Costa e se deu por paguo e satisfeito de dez cruzados q̃ enprestou a camara e a deu por quite e liure doje pera senpre e asjnou aquj

Jeronimo da costa

Carta ao Arcebispo

I, 12 acordaraõ de madarem hũ homen madar a Sua Senhoria pera fazer mer[ce] a esta camara da carta q̃ tem de Sua magestade pera Se naõ alojarem soldados e q̃ nos de carta pera sua magestade e q̃ pague ho procurador

I, 13 Na dita camara ouuiraõ partes e despacharão piticoẽs e asjnou martin da maja escriuaõ da camara ho escreuj *frᶜᵒ txᵉᵃ / hejtor Djaz / frᶜᵒ Soares / almᵈᵃ / boauentura majo*

Privilégio do SS. Sacramento

[I, 14] Aos dezaseis dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs por parte de antº luis morador na

[Fol. 154v.]

Na frgᵉᵃ de São vᵗᵉ de penso ffoj apresentado a min escriuaõ hũ priuilegyo do Santjcimo Sacramento desta cidade pera q̃ ele podese aRecadar as esmolas na frgᵉ de sam vᵗᵉ de penso / o quoal parecia ser feito aos quoatro dias do mes de setenbro de mil he quinhentos e hoitenta e hũ anõs / e sobescrito por Damiaõ dallmeida escriuaõ da dita confraria / asjnado por o Lᵈᵒ gᵈᵒ aRanha / e dº de paiua Juizes // e nas costas do dito preuillegjo hũ despacho des Regedores per que madauaõ q̃ se conprise e se Registase / martin da maja escriuão da camara ho escreuj

155. Quoarta feira vinte dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos oytenta e hũ anõs nesta cidade de bragua foraõ Juntos em camara os Sorẽs Lᵈᵒ mateus fz farto / Juiz / eytor diz o Lᵈᵒ frᶜᵒ Soares / Damião dallmeida vreadores / boaventura majo procurador //

I, 1 acordarão q̃ ho procurador pagase ao mᵉᵉ e hao escriuaõ da camara quinhentos res a cada hũ das diligencias q̃ fizeraõ nesta camara extraordinarias e se lhe leuasen em conta q̃ por todo são mil res

I, 2 na dita camara ouuiraõ partes e

despacharaõ piticoẽs e asjnaraõ mn° da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / almda / hejtor Djaz / frco Soares /boauentura majo

[Fol. 155] **156.** Sabado vinte e tres dias do mes de dezenbro de mil he quinhentos ojtenta e hũ anõs nesta cidade de bragua na camara della foraõ Juntos em camara os Sorẽs Ldo mateus fz farto / frco teixeira Juizes / eytor diz / o Ldo frco Soares damião dallmeida vreadores boaventura majo procurador //

Pagas

ĩ, 1 acordarão de dar dez cruzados ao procurador boaventura majo pello trabalho q̃ teue na aRecadasão da enposiçaõ da carne e se lhe leue em conta /

Livreiro recebedor

ĩ, 2 elegeraõ por Recebedor do Ramo de geral desta cidade e aRabaldes a g° fz liureiro morador ao Cano desta cidade

Recebedores

ĩ, 3 elegeraõ por Recebedor do Ramo do azeite e peixe e carne a dos Luis barbeiro da Rua de São marquos por se escuzar p° fz seu cunhado / he luis giraldes Recebera ho pam das jgrejas de fora //

ĩ, 3 elegeraõ grauiel allz por se escuzar d° piz de Recebedor pera Receber ho Ramo do v° e ygrejas / e erdades e madarão q̃ se notefiquasem por g° fz porteiro da camara

[Fol. 155v.]

Carta ao Arcebispo

ĩ, 4 acordaraõ q̃ ho procurador madase hũ homen con huã carta ao sõr arcebispo e lhe pagase // pera sua senhoria pasar prouizam pera se alinpar a pauta dos novos Juizes e vreadores //

ĩ, 5 na dita camara ouuiraõ partes e despacharão piticoẽs e feitos martin da maja escriuão ho escreuj

farto / frco txra / hejtor Djaz / frco Soares / boauentura majo / almda

157. Aos vinte e oyto dias do mes de dezenbro em q̃ Se comeSou a era do nacimento de noso Sõr Jhũ xpõ de mil e quinhentos e ojtenta e dous anõs foraõ Juntos no paco do C° na casa donde se fazem as vreacões .N. o Ldo mateus fz farto / e frco teixeira Juizes / eytor Diz / o Ldo frco Soares Damiaõ dallmeida vreadores

Depósito de pólvora e chumbo

[ĩ, 1] por eles foj emtregue na dita camara a g° fz portr° da camara seis haRobas e meja e hũ aRatel de polura / e de chumbo seis aRobas e sete harates ho q̃ todo esta pezado ouroefijo (?) com os saquos q̃ tem a dita polura e ho pezo foj esceso ha quoal polura e chumbo emtregou alluro filgueira e ho dito g° fz se deu por emtregue da dita poluara e chumbo e se hobrigou a dar conta

[Fol. 156]

de todo aos Regedores q̃ viesem e asjnou aquj com hos ditos Regedores martin da maja escriuão da camara ho escreuj e declarou ele g° fz q̃ sobrevindo allgum tenpo e caso furtoito q̃ lhe tomen forsozamente a dita polluara e chumbo q̃ en tal caso se não obrigaua a dar conta della sobredito o escrevj

de *g° † fz*

farto / frco txra / hejtor Djaz / frco Soares / damiã Dalmda / boauentura majo

Privilégio da Trindade

[ĩ, 2] Aos vinte e tres dias do mes de Dezenbro de mil e quinhentos e ojtenta e hũ anõs nesta cidade de bragua por gsr diz seleiro da Rua de São Marquos foj dado a min escriuaõ e apresentado hũ preuilegjo da Santicima trindade pera

elle aRecadar as esmolas / na ygreja de saõ Jm° do Souto desta cidade com huã precatoria de lionel lopez da fonsequa menposteiro e parecja ser feita aos vinte e hũ dias do mes de dezenbro de mil e quinhentos e ojtenta e hũ anos e asjnada por elle como della parecja e ao pe da dita precatoria hũ despacho dos sorẽs Regedores per que madaua que eu escriuaõ ho

[Fol. 156v.]

Regjstase neste Liuro martin da maja escreuão da camara ho escreuj

158. Sabado vint d'guo trinta dias do mes de dezenbro em q̃ se comesou a era de mil e quinhentos e oytenta e dous anõs foram Juntos em camara hos sorẽs L^do^ mateus fz farto Juiz / e fr^co^ teixeira Juiz eitor diz / damiaõ dallmeida vreador boaventura majo procurador // e isto foi pella manham

Recebedores

I, 1 na dita camara deu fee g° fz portr° da camara aos Recebedores pera virem tomar juramento .N. a g° fz Liureiro / d°s luis barbeiro / grauiel alluz capateiro e asjnou

de g° † fz

Depositário de arcabuzes

[I, 2] E lloguo na dita camara depozitarão em maõs de bras diaz campello cidadaõ desta cidade vinte e quoatro mil e oytocentos res q̃ eles Regedores mandaraõ a min escriuaõ q̃ aRecadase das pesoas q̃ deviaõ os arquobuzes q̃ lhes forão dados fiados os quoaes vinte e quoatro mil e oyto centos res eu escriuão Recebj .S. de fr^co^ vãz lanceiro mil e quinhentos e cinquoenta res / E de p° anẽs allfaiate outro tanto / e de ant° lopez mercador outro tanto / e de Jm° de lima sergueiro / outro tanto / e de d°s corea soldado outro tanto / de bras gomẽs capatr° outro tanto / e de fr^co^ luis capatr° outro tanto / e de belchior luis

[Fol. 157]

Saralheiro outro tanto / e de ant° glz canpello outro tanto / e de L^co^ serueira outro tanto / e de ant° fz vinhateiro outro tanto / e de ant° diz allbardeiro outro tanto / e ant° frz capateiro outro tanto / e e Jurdaõ Ribeiro outro tanto / g^er^ alluz salleiro outro tanto / e luquas soares outro tanto / nos quoaes dezaseis arquabuzes fazem soma de vinte e quatro mil e oyto centos res e mais mil e quinhentos e cinquoenta res do arquabus de luquas soares pintor q̃ todo faz soma de vinte e seis mil e trezentos e cinquoenta res os quoaes elle bras diz Recebeo em depozito da mão de min escriuaõ por mandado delles Regedores e se hobrigou a dar conta deles a todo tempo q̃ lhe fose madado e isto como depozitario / e ouuerão a min escriuaõ por desobrigado dos ditos vinte e seis mil trezentos e cinquoenta e me deraõ por quite e liure deles doje pera todo senpre e asjnaraõ martin da maja escriuão da camara ho escreuj

Campello

I, 3 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ feitos e piticoẽs m^no^ da maja escriuaõ da camara ho escreuj

farto / tx^ra^ / hejtor Djaz / fr^co^ Soares / alm^da^ / boauentura majo

[Fol. 157v.]

Privilégio dos cativos

[I, 4] Aos trinta dias do mes de dezenbro do anõ q̃ se comesou de quinhentos e oytenta e dous años por fr^co^ glz laurador e morador da frg^a^ dadauffe foj dado e apresentado a min escriuão hũ preuillegjo dos catiuos pera pedir as esmolas nas ermidas de santo andre e Sam

Jm° todas citas na dita frg^{a} dadauffe o quoal preuillegio era feito segundo dele parecja por ant° Sobrinho e asjnado por m^{el} luis menposteiro aos dezasete dias de dezenbro deste presente anõ e hũ despacho dos Regedores q̃ madauão q̃ se Registase m^{no} da maja escriuão da camara ho escreui

159. E lloguo no dito ja atras Sabado a tarde q̃ foraõ trinta dias do mes de dezenbro do dito anõ acima forão Juntos en camara os Sorẽs L^{do} mateus fz farto fr^{co} teixeira Juizes / eytor Djaz / o L^{do} fr^{co} Soares Damiaõ dallmeida vreadores / boaventura majo procurador do C° /

Carta ao Arcebispo

I, 1 acordarão q̃ porquoanto tinham Ja mandado hũ homem com cartas ao Sõr arcebispo pera se tirarem a pauta do cofre deste año q̃ vem de oytenta e dous e Sua Senhoria madar pera yso sua prouizam diguo por ele sõr arcebispo não madar pera yso ate ho presente prouizam a quoal lhe madaram pedir por a dita carta por elle estar fora da jurdicaõ desta cidade e por ha dita prouizam ate ho presente naõ vir nem eles Regedores terem jurdicam pera alinparem a dita pauta comforme ao comtrato //

[Fol. **158**]

e por ese Respeito ate guora não Saberem quoaẽs amde ser hos officiaẽs q̃ amde seruir pera ho año pera lhes darem yuramento q̃ portanto protestauaõ naõ emcorer em pena allguã e diso mandaraõ fazer este termo

Contas com Alvaro Felgueira

I, 2 acordarão q̃ se lenbrasen hos Regedores q̃ embora virão q̃ acabem de tomar conta alluoro filg^{ra} do q̃ lhe foj dado pera gastar poluara chumbo he mais e arquabuzes e dr° porquoanto ate ho presente se não pode com elle comcruir as ditas cousas por hir mujtas vezes ho dito alluro filgueira fora y eles serem hocupados e somente se aRecadou ho dr° q̃ se deu a bras diz dos arquabuzes en depozito / e polluara e chumbo do porto //

Documentos

Papeis e prouisoẽs q̃ se meterão no cofre

I, 3 hos preuilegjos q̃ ellRej noso sõr comcedeo aos cidadaõs desta cidade e prouizam de Sua magestade //

— huã prouizam das sospeicoẽs dos allmotaceis
— outra dos Sesenta mil res q̃ Sua magestade comcedeo pera despezas dos procuradores das cortes
— prouizam do Sal na villa de espozende e Villa de Conde /
— prouizam da empocisaõ da carne do arcebispo /
— prouizam pera Seruirem de vreadores e auzencia ant° v^{ra} /

[Fol. **158**v.]

— duas pitiçoẽs q̃ desta cidade leuaraõ a Sua magestade // hos quoaes estam todos atados em hũ maso //.

I, 4 na dita camara ouuiraõ partes e despacharaõ piticoẽs e feitos e asjnaraõ martin da maja escriuaõ da camara ho escreui

farto / fr^{co} tx^{ra} / damiã dalm^{da} / boauentura majo / hejtor Djas

Pagas de empréstimo

[**I, 5**] E lloguo despois de terem serado este liuro e antes q̃ se fosem da [di]ta camara pareceo Jm° mz merquador o quoal se deu por quite e liure de dez cruzados do enprestimo q̃ enprestou e asjnou e deu ha camara por quite e liure e asjnaraõ m^{no} da maja ho escrevi

Jn° mz

farto / hejtor Djaz / alm^{da} / fr^{co} tx^{ra} / boauentura majo

160. Em o pr^o^ dia do mes de Janr^o^ de mill e qujnhentos e ojtemta e dous anõs nesta cjdade de braga na casa homde fazem as vreacoẽs estando iuntos hos

[Fol. 159]

Senhores o L^do^ mateus fz farto fr^co^ teixeira eitor dias o L^do^ fr^co^ Soareis demjam dallmejda boaventura majo Joizes e vreadores e procurador do c^o^ do ano pasado

Provisão do Arcebispo

[ĩ, 1] por lhes constar aver prouisam do Reuerendissimo senõr arcebispo desta cidade de bragua primas cometida ao prouisor da mesma cidade pera fazer novos oficiaes do prezente año de ojtenta e dous como consta do teor della que ao diante mãdaram tresladar eram (?) as pautas dos tres anos .S. do pasado e do vindouro digo do prezemte e do vimdr^o^ as quoaes mãdaram ao dito provisor per ventura majo procurador do c^o^ e per min escriuaõ por nan aver escriuan da quamara pera ho dito provisor fazer os ditos hoficyais pera este presente ano e mãdaram heles senhores fazer este termo pera constar da verdade e tresladar ha dita provisam de cujo teor e tresllado he ho seguinte //

Dom frei bertollameu dos martires per merce de Deus e da Santa Jgreja de Roma arçebispo he Snõr de braga primas das espanhas etc. pella prezemte cometemos ao noso provisor que vista a pauta e elleicam dos hoficjais da camara da nosa cidade de braga faca novos hoficiais pera servirem e Joizes vreadores e procu

[Fol. 159v.]

rador do C^o^ da dita nosa cidade o ano que vem de mjll e quinhentos e ojtenta e dous anos os quoais teram as partes que se Requerem pera os tais cargos e dos oficiais que asi emlleger podera mãdar pasar prouisam e asinalla em noso nome dada na frg^a^ de Sam visente de gallafura comarqua de villa Real sob noso sinall e sello de nosas armas aos v^te^ e oito dias do mes de dezembr^o^ do ...?... do ano do nacimento de noso Senhor ihũ cristo de mill e quinhentos e oitenta e dous anos geronimo pinto escrivam de nosa visitasam de noso especjal mãdado a ffez

O arcebispo primas //

a quoall provisan e pauta se tornou a llevar ao dito senõr provisor como dito he ho quoall termo eu t^am^ tomey per mãdado delles Senhores porquoanto ao presente nã avia escriuam da camara por ser ausente e comcertei a dita proujsam e uai na verdade eu cristovam de Resende t^am^ ho spreuj

farto / fr^co^ tx^ra^ / hejtor Djaz / Alm^da^ / fr^co^ Soares / boauentura majo

[Fol. 160] 161. Terça feira dous dias do mes de Janeiro do anno de mil e quinhentos oitenta he dous annos / estando muitos / na casa do paço do comcelho / no lugar honde fazem camara he acordos os sorẽs fr^co^ teixe ra he L^do^ mateus frz farto Juizes he eitor dias e l^do^ fr^co^ soares he Demjã dalmeida vreadores e boaventura mayo procurador do comcelho

Provisão do Arcebispo

[ĩ, 1] ahi pollo dito boauentura majo foi apresentado huã prouisaõ do senhor arcebispo seRada e sellada do sello de suas armas / dizendo / que era ha elleicaõ dos Juizes e vreadores e procurador do comcelho / q̃ aviã de seru r este dito anno de mil quinhentos oitenta e dous q̃

suas merces a mãdasem abrir e comprir como ẽ ella se comtinha / e loguo eles sorẽs a mãdarã abrir e ler a treladar aqui o trellado da quoal he o que se sege gaspar cãpello t^sm ho espreuj

Dom frei bertholameu dos martires arcebispo he senhor de bragua primas das espanhas etc. fazemos saber a voz Juizes e vreadores e procurador do comcelho desta nossa cidade como prouendose as pautas feitas das pesoas que ãde servir ho presente anno dos ditos caReguos q̃ comesan por dia de Janejro proximo pasado he hacabara por outro tal dia do anno de mil quinhentos oitenta he tres por Justos Respeitos de seruiço de nosso Senhor que a isso nos mouerã elegemos por Juizes Ao doctor pero Ribejro e a balthasar da maja e pera vreadores Ao l^do Joaõ frz pimĩtel ãtonio cordejro / e dioguo de paiua he pera procurador do comcelho a pero de

[Fol. 160v.]

medejros pollo q̃ vos mandamos q̃ hos mandeis chamar ha camara e lhis deis Juramento na forma hacostumada q̃ bem he verdadejramente siruã hos ditos carguos Ao q̃ satisfeito os comesarã a seruir como sã obriguados e durante ho anno / de sua seruentia mãdamos q̃ como a tais sejã obedesidos ẽ suas sentencas e mandados e suas sẽtẽcas e mãdados se cumpraõ en todo he pera todo dada en braga so o sjnal do doctor fernaõ mergulhaõ nosso prouisor e vig^ro geral por nosa especial comisaõ q̃ pera isso lhe pasamos e sello de nossas armas Aos dous dias do dito mes de Janejro Felipe soares nosso escrivaõ da camara a fez de mil quinhentos oitenta he dous annos / fernã mergulhaõ

Regedores para 1582

[I, 2] tresliadada a dita prouisaõ loguo eles sorẽs Juizes e vreadores e procurador do comcelho mãdarã deitar a dita prouisã no cofre das pautas e mãdarã chamar Aos ditos balthesar da maja e doctor pero Ribejro Juizes / E o L^do Joã frz pimytel ãt^o cordejro he dioguo de paiua vreadores e p^o de medeiro procurador do comcelho / E pera lhes ser dado juramento na forma da dita prouisã E logo parecerã o dito balthesar da maja e l^do joã fernandez pimentel Aos quoaes derã Juramento dos sãtos avãgelhos ẽ q̃ cada hũ poze a sua mã dr^ta / so caReguo do q̃l lhes ẽcaRegauã seruisẽ o dito cargo de Juiz balthesar da maja E vreador o dito L^do E eles asj prometeraõ fazer guardãdo ẽ todo e por todo a Justica as partes e o seruico de elRei e do senhor Arcebispo // na forma de seu Regim^to e da mesma manejra loguo pareceo

[Fol. 161]

ant^o cordejro / e polla dita manejra lhe foi dado juramento / dos santos avãgelhos pera q̃ seruise de vreador o dito anno presente cõfforme a dita prouisã / e asjnarõ todos aqui gaspar cãpello t^sm ho spreui

baltesar da maja / Antonio Cordr^o

Objecção de parentesco

[I, 3] E lloguo o dito L^do Joã fernandez pymĩtel dise q̃ elle cõ por dereito (?) / tomara o dito Juramento cõ protestacã de Requerer desaliuado por quoanto a molher do doctor pero Ribejro he de balthesar da maja e a del L^do serõ parentas dentro no quoarto grao / gaspar cãpello t^sm ho esprevj

Pymẽtel

[I, 4] E por nã serem achados os mais officiaes cõteudos na prouisã eles Juizes vreadores e procurador do comcelho cometerã cõ quoãto dereito podiã he deviã Aos ditos Juiz E vreadores asjma q̃ tenha tomado Juramento o desẽ o dito Juramen^to / Aos mais officiaes na fforma da ordenacã gaspar cãpello t^sm ho esprevi

farto / fr^co tx^ra / alm^da / hejtor Djas / fr^co Soares / boauentura majo

[Fol. 161 v] [Em branco]

[Fol. 162]

1582

LIURO DOS HACORDOS / E VREAÇOÈS da cidade de bragua do anno de mil e quinhentos e oitenta e dous ẽ que sairão por offiçiaẽs os segimtes

JUIZES ORDINARIOS Baltesar da maya e o doctor Pero Ribᵉʳᵒ

VREADORES / Antonio Cordejro e o Lᵈᵒ João Frz Pimentel Diogo de paiua

PROCURADOR DO CONCELHO / e pero de medeyros

162. Quoarta feira tres dias do mes de Janeyro de mil he quinhentos e oytenta he dous foraõ yuntos ẽ camara hos sores balthesar da maja Juiz ordinario e antᵒ cordejro / E Lᵈᵒ Joã frz pimentel vreadores

Juramento dos Regedores

Ĩ, 1 na dita camara pollo dito senhor balthesar da maja Juiz foi dado yuramᵗᵒ dos santos avangelhos Ao doctor pero Ribejro. q̃ per eleicã saio Juiz e a diogo de paiua vreador so caRego do quoal lhes ẽcaRegarõ que eles seruisem he cada hũ seu carguo .N. o dito doctor pº Ribᵉʳᵒ de Juiz / e o dito dioguo de paiua de vreador bem he verdadejramente guoardando ẽ todo / o seruico de deos he delRei nosso senhor e do senhor arcebispo e ho dereito justica he seus Regimentos e eles asi ho prometeraõ e pollo dito dioguo da paiua foj dito q̃ ele declaraua ser parente do dito senhor balthesar da maja dentro no quoarto grau e q̃ cõforme a ordenacaõ nã podia seruir cõ elle ẽ huã mesa q̃

[Fol. 162v.]

protestaua diguo pollo q̃ pedia a suas merces ho ouuesem por escuso ou prouesem niso como lhes paresese Justiça e ele senhor doctor pero Ribᵉʳᵒ e mais vreadores diserã q̃ eles erã executores da prouisã do senhor Arcebispo ao quoal senhor ou seu loguo tente: Requerece descarguo e q̃ ẽquoãto ha nã mostraua tomase Juramento e seruise seu carguo e ele cõ este protesto / e forma tomou ho Juramento cõ protestaçã de nã jnco-Rer a penna da llej e Requereria ao senhor arcebispo ou seu logo tente gaspar cãpello tᵉᵐ ho escreuj

Paiua / Ribeiro

Objecção de parentesco

[Ĩ, 2] E loguo na dita Camara estãdo yuntos os sobreditos senhores Juizes e vreadores / pollo lecemceado Joã frz pimentel vreador foi dito q̃ ele no termo do Juramento q̃ tomou declarou ho jmpedimento e escurpollo q̃ tinha. pera não seruir sobre ho q̃ fez peticaõ ao senhor acebispo / na q̃l o sõr doctor fernaõ mergulhã seu loguo tente pos despacho / a q̃l piticã e despacho apresentaua a suas merces pera que ha aqui mãdase tresladar e a mãdarã trelladase o trellado da q̃l he o q̃ se segue

[Ĩ, 3] Illustrissimo senhor diz o bacharel Joã fernandez pimentel que ele por mandado de vossa senhoria Reveren-

dissima ffoi dado por vreador este anno / presente de oitenta he dous yuntamente com ho doctor pero Ribᵉʳᵒ e balthesar da maja Juizes cujas molheres sã parentas da molher dele soplicante dentro no quoarto

[Fol. 163]

grao e porque a ordenacaõ do liuro primeiro titollo quoarenta he cinqᵒ ad finẽ principij defende q̃ nã sejã officiães yuntamente ẽ hũ anno parentes ou cunhados dentro no quoarto grao e ele suplicante tem ho ynpedimento asima dito pede a vossa senhoria Reverendisjma vista esta causa ho aja por escuzo do dito officio este anno / e Requere yustica he merce / ¶ despacho // ho reqᵗᵉ nã alega jmpedimento porquoanto nenhũ dos officiaes he parente de sua molher. Portanto / mãda sua soria Rᵐᵃ se cunpra sua prouisaõ a dous de Janᵉʳᵒ de oitenta he dous / mergulhaõ

Olheiros das Rendas

ĩ, 4 acordaraõ os ditos sorẽs Juizes vreadores / q̃ por se nã perderem as Rendas do dito concelho ẽquoanto se naõ haRendauaõ de poerem holhejros nelas pollo q̃ mãdarã chamar a gaspar glz da porta do Souto q̃ trazia digo he lhe ẽcaRegarõ q̃ olhase polla Renda da medidagem da porta do Souto e da siza da coRente ẽquoãto nã hera aRendada e q̃ tudo posese a bõ Recado e q̃ lhe pagariã seu trabalho e da mesma manejra ẽcaRegarõ a ãdre frz q̃ olhase he coRese a Renda do concelho do Verde e a posese ẽ Recado e fizese boa aRecadacã da dita Renda e q̃ lhe pagariã seu trabalho pera o q̃ lhes derã yuramento dos sãtos avangelhos que bem e verdadeiramente coRaõ as ditas Rendas e has olhem e caRegẽ hem Receita pera q̃ venha a boa aRecadacã e eles ho prometerã fazer e asjnarõ aqui

gaspar glz / amdre frz

[Fol. 163v.]

Olheiros das Rendas

ĩ, 5 acordarõ de fazer olhejro da jmposisã do geral e coRente do vinho e jmposisã dele .S. a Joã glz / a jmposisã do vinho / q̃ acoRa como damtes coRia E a dᵒᵉˢ piz he a ele Joã glz / a coRente do dito vinho / Os quoaes estãdo presẽtes lhes mãdaraõ q̃ ha olhasem e coResem he mandasem he aRecadasem e lãsasem ẽ Reseita de modo q̃ nã peresesem as ditas Rendas ate se aRendarẽ / e lhes foj dado juramento / pera q̃ bem he verdadejramente a coResem e olhasem e eles asy o prometeraõ fazer e asjnarom aqui / e asj pareceo Jacome glz calejro do campo de santa anna Aos quoaes elles Regedores ẽcaRegarõ que olhasem polla ymposisã do Sal e a coRese e olhase de modo he manejra q̃ se nã perdese ate se aRendar o q̃ a todo se pagaria seu trabalho e asj asynou cõ hos mais he asjnarõ todos aqui /

Jmᵒ gl / dᵒᵉ † piz / Joam † glz

Assentar as cabeças de gado

ĩ, 6 hacordaraõ q̃ gᵒ frz portrᵒ da camara tuuese cargo como dãtes neste liuro dacordos as h da manʳᵉ digo asj e da manʳᵉ q̃ ja pollos seus antecessores lhe estaua cometido q̃ ele teuese carguo de asentar has cabecas q̃ hos carniceiros cortasem no asouge pera pagarem a jmposisaõ / E a coRese da maneira q̃ dantes coRia e por isso ouuese o premio q̃ dantes lhe dauõ e pera

[Fol. 164]

comprimento delo lhe derã Juramento q̃ seruise o dito cargo bem e verdadejramente e asjnou aqui

de *gᵒ † frz*

Pregão sobre as Rendas

ĩ, 7 acordaraõ q̃ as Rendas do concelho se posesem a pregã como loguo de feito forã pregoadas per martin annes pregoejro per esta cidade he lugares publicos / q̃ entam lhe ouui preguoar /

Procurador do concelho

I, 8 acordaraã q̃ porquoanto / pero de medejros que salo por procurador do concelho / não estaua nesta cidade e sendo mãdado buscar pollo portr° desta camara e por nã se achar .e. as Rẽdas do comcelho nã avia quẽ has Recebese e guoardase fizerã por tezourejro e Recebedor dellas ẽquoãto o dito p° de medejros nã vinha a pero dareas cidadã desta cidade pera q̃ asj Recebese he teuese ẽ goarda como tezourejro delas // o q̃l estãdo presente lhe ẽcaRego o dito cargo dãdo lhe yuramento dos sãtos avangelhos q̃ bẽ he verdadejramente cõ m^to cuidado has Recebese he goardase te vir ho procurador e ele asi ho prometeo fazer /.

p. dareas

Tesoureiro

I, 9 loguo por eles Juizes e vreadores / foj mãdado a ele pero dareas tezourejro Recadase do almoxarife e executor / desta comarqua e almoxarifado de gimaraes os sesemta mil res q̃ elRei noso senhor tinha dado a esta camara [Fol. **164v.**]
pera ajuda da despeza dos procuradores q̃ forã has cortes / a villa de tomar e lhos ouuerã por caRegados cõ seu Recebimento / e lhe ẽtregarõ logo / a prouisã delRei nosso senhor pera na forma della hos aRecadar e ele p° dareas asjnou aqui /

P° dareas

Notificação e pena

I, 10 acordaraõ q̃ porquoãto o portr° desta camara deu fee q̃ hontem he hoje fora a casa de p° de medejros pera vir tomar yuramento e seruir seu caRego de procurador do comcelho que õtẽ fora ẽ sua busqua he lhe diserã q̃ era na sua Renda e oje tornara la pola manhã sedo e hũ seu vezinho lhe disera q̃ ja partira pera a Renda pollo q̃ vistas as deversidades das Respostas lhe parecia q̃ se escondia pollo q̃ mãdauã q̃ ho dito pero de medejros ẽ pesoa de sua molher ou hũ seu vezinho / q̃ cõ penna de cem cruzados / pagos da prisã q̃ venha tomar juramento e sirua seu cargo /

I, 11 na dita camara ouuirã partes he despacharaõ peticoẽs e asjnarõ aqui todos / E eu gaspar campello taballiã por fr°° peixoto ho escreui
maja / Ribeiro / Antonio Cordr° / Paiua / Pymẽtel

[Fol. **165**] **163.** Quinta feira quoatro de Janejro de mil e quinhentos oitenta he dous annos / forã yuntos ẽ camara os sores balthesar da maia Juiz e lecenceado Joã frz pimentel he Dioguo de paiua vreadores / E acordaraõ ho seguinte

Ainda Pedro de Medeiros

I, 1 na dita camara por goncallo frz porteiro della foj dado fee q̃ ele oje fora a casa de pero de medejros pera lhe notefficar o mãdado e penna dos sorẽs Juizes e vreadores q̃ viese tomar yuramento he seruir seu caReguo de procurador do comcelho / he jndo a sua casa batera a porta e viera huã sua filha e lhe dise perguntãdo lhe por seu pai q̃ ho dito seu pai he mai nã estauã ali q̃ erã fora da cidade ẽ huã Renda e ãtã elle o notefficara Ao dito p° de medeijros ẽ pesoa de giraldo dominges / capatr° seu vezinho cõ penna de cem cruzados pagos da prisã viese tomar a esta camara tomar yuramento e seruir ho cargo pera q̃ fora ẽleito e ele g^lo asj lho dese a saber e asjnou este termo o dito g° frz

de † *g° frz*

Olheiros na sisa do peixe

I, 2 na dita camara acordarã de dar e por olheiros na siza do pescado / desta cidade he seu termo / ate se aRendar pera q̃ Se nã perdese he loguo mãdarã

vir perante si a di° piz / e ant° alujz aluro lluis Rendejros q̃ forã ho anno pasado da dita Renda hos quoaes estãdo presentes / os fizerã olhejros da dita dita siza e lhes mãdarã ha aRecadasẽ e puzesẽ ẽ liuro / tudo ho q̃ cobrauã / ate se aRendar / e tomar determinacã

[Fol. 165v]

sobre iso / e lhes sera pago seu trabalho pera o q̃ lhes foj dado yuramento dos sãtos avãgelhos q̃ bem he verdadeiramente ha olhasem he coResem he aRecadasẽ e elles asi ho prometerã fazer he asjnarõ aqui

di° † piz / amtes

Depositário da sisa

ĩ, 3 na dita camara acordaraõ de fazer depositario da siza das compras e vendas das erdades q̃ nesta cidade he seu termo se fazem e loguo ẽlegerã por depositario da dita siza das erdades a migel luis cuti^ro morador na praca do pã desta cidade / pera asj Receber e ser depositario dellas na forma do Regimento este anno presente de oitenta he dous somente pera o q̃ o mãdarõ chamar e pareceo loguo he lhe ẽcaReguo / o dito carguo // cõtãto q̃ te primejra camara traga escretura de fiamca ẽformacõ outorga de sua molher e do fiador ao tal cargo / he a dar cõta de tudo ho q̃ Receber na forma / dos annos pasados como depositario he ẽquoãto ha nã trouer he der nã Recebera he ele miguel luiz asejtou o dito carguo / e se obrigou a tudo cõprir e fazer so obrigacã da lei dos depositarios ẽ tal caso / a que se obrigou e asjnou aqui

migel Luis

ĩ, 4 na dita camara ouuirã partes he despacharaõ peticoẽs / E asjnaraõ aqui gaspar cãpelo t^sm ho espreui

Maja / Paiua / Pymẽtel

[Fol. **166**] **164.** Quoarta fejra dez de Janejro de mil he quinhentos e oitẽta e dous annos forã yuntos ẽ camara os senhores balthesar da maia Juiz he ant.° cordejro he o L^do Joã frz pimentel e diogo de paiua vreadores e acordaraõ ho seguinte

Fiança do depositário

ĩ, 1 na dita camara foi apresentado / hũ estromento de obrigacã he fianca por parte de migel luiz depositario eleito ẽ publica forma q̃ eu t^sm fiz ẽ meu liuro de notas Aos seis dias deste presente mes de Janejro de oitẽta e dous per q̃ se mostraua ele he sua molher se obrigar per si he seus bens a ẽtregar tudo / o q̃ lhe fose depositado das sizas das erdades e pera isso apresentarõ per seu fiador a p° annes / alfaiate seu pai cõ outorga de sua molher do dito p° annes / q̃ se obrigarõ como fiadores he principaes pagadores a pagarem o q̃ fose depositado Ao dito migel bem como todo mais largamente consta do dito jnstromento / q̃ hos Sores Regedores mãdarã deitar no cofre he q̃ ho dito migel luiz vsase do dito caReguo / —

Carne em abastança

ĩ, 2 acordaraõ q̃ todos os carnicejros desta cidade cortasẽ carne he a desẽ ẽ abastança e isto so penna de cinquoenta cruzados pagos da cadea cada hũ / ate se detremenar ate digo sobre a postura q̃ pediã e logo ẽ suas pesoas forã notefficados cõ ha dita penna g° gil e g° annes e d^os frz he fr^co miz he p° mz caRasquo / e migel luiz? e desẽ carne ẽ abastança e aplicarõ a dita penna pera ẽgeita-

[Fol. 166v]

dos he catiuos / E mãdarõ q̃ g° frz portr° notefficase hos mais carnicejros cõ ha dita penna

Mesteres a obrigarem-se

Ī, 3 acordaraõ q̃ martim annes / pregoejro apregoase por esta cidade q̃ todos os mesteres se viesem hobrigar ẽ termo de dez dias / so penna das pennas da vreasã he mãdarõ logo m^no annes / asi ho apregoase

Recebedor

Ī, 4 acordaraõ por quoanto desaliuarõ de Recebedor a grauiel alujs por preuillegio q̃ tẽ he serue dos catiuos / ẽlegerã por Recebedor do Ramo q̃ lhe estaua dado q̃ era da sisa das Igrejas e vinho he erdades / a fr^co lopez tendejro da Rua noua he mãdarõ a g^o frz portr^o lhe noteficase q̃ teuese cõta cõ hos ditos Ramos //

Ī, 5 deu fee g^o frz portr^o da camara q̃ notefficara bastiã frz / he nicollao glz carnicejros / q̃ desem carne ẽ abastãca cõ a penna atras dita /

fee † *do porteiro*

Ī, 6 na dita camara ouuirã partes e despacharo peticoẽs gaspar cãpello t^am ho espreuj

maja / Antonio Cordr^o / Paiua / Pymẽtel

[Fol. **167**] **165.** Sabado treze de Jan^ro de mil quinhentos oitenta e dous annos forã yuntos ẽ camara os sores doctor p^o Rib.^ro Juiz e ant^o cordejro e o l^do Joã fernãdez pimentel vreadores e foj mais junto dj^o de paiua vreador / —

Jurados

Ī, 1 mãdaraõ que o escriuã desta camara dese Juramento ẽ sua casa Aos jurados na forma hacostumada //

Escrivão da Câmara

Ī, 2 pareceo o L^do Joã baptista he apresentou huã piticã cõ hũ despacho do senhor arcebispo ẽ q̃ mãda sirua descryuaõ desta camara e Requereo lha mãdasẽ cõprir he Registase neste liuro e eles sores Regedores mãdarõ se cõprise he pera cõprimento dela lhe derã yuramento dos sãtos avãgelhos pera q̃ bem he verdadejramente seruise o dito off^o e ele asi ho prometeo fazer he asjnou

João Baptista

Arrendamento da medidagem

Ī, 3 aRematouse na dita camara per pregã q̃ martim annes portelro he pregoejro deu a Renda da medidagẽ a gaspar glz da porta do Souto ẽ dez mil res / pera este anno / de oitenta he dous / ẽ pas e ẽ saluo pera esta camara

[Fol. **167v.**]

por nã aver quẽ nella mais Lãsase e ele gaspar glz Se obrigou ha pagar hos ditos dez mil res na manejra acostumada e asjnou

gaspar glz

Arrematação da Renda do Verde

Ī, 4 andou a pregã a Renda do verde deste comcelho per m^no annes pregoejro na forma do estillo / e acostume ãdãdo primeiro per m^tos dias polla cidade publicamente / pollos lugares p^cos e por na dita Renda nã aver quẽ nella mais lansase que andre frz / morador no aRabalde de sã migel o anjo q̃ nella deitou trinta mil res ẽ paz e ẽ saluo pera ho comcelho lha aRematou he o dito portejro lhe deu o Ramo / ele o aceitou e isto por este anno somente de oitẽta e dous / cõ declaracã q̃ ele Rendejro ẽ termo de tres dias de fiãcas ẽ forma cõ outorga de suas molheres no aRendamento q̃ ele fara cõ as clausullas acostumadas e como ãdar pera Rendamento / hos annos mais proximos e asjnou /

Amdre frz

Pautas dos oficiais

Ī, 5 na dita camara pareceo boaventura maio procurador do concelho q̃ foj o anno pasado / e apresentou as pautas q̃ forã levadas Ao prouisor pera tirar hos officiaes q̃ ora seruem o anno presente fecha

[Fol. 168]

das ẽ hum maco e selladas cõ sello de sua senhoria R^mas as quoaes eles sores Juizes vreadores meterã no cofre e asj mais huã prouisã do dito senhor Arcebispo ẽ q̃ cõsede nesta camara Ymposisã do v^o por estes tres annos primeiros segintes e asi a velha q̃ se tirou se tornou a meter por eles Regedores

boauentura majo

ĩ, 6 na dita camara ouuirã partes he despacharõ peticoẽs / gaspar cãpello t^am ho espreui

Ribeiro / Antonio Cordr^a .//. Pymẽtel / Paiua

166. Quoarta feira Dozasete Dias do mes de Janejro de mil E quinhentos e oytenta e dous annos foraõ juntos Em Camara os Snorẽs Balthesar Da maja Juiz Ordinario e bem Asy o D^tor pero Ribejro Juiz Antonio Cordejro João fernandez pimentel e Diogo de paiua Brandaõ Vreadores e acordaraõ o Seguinte.

Pregão

ĩ, 1 na mesma Camara deu fee martin annes portejro q̃ apregoara por esta cidade q̃ todos se viesen obrigar en termo de dez dias e asinou aquy e con pena da vreacaõ ../

[Fol. 168v.]

Chave do cofre

ĩ, 2 na dita Camara apareceo Eytor diaz hũ dos vreadores do anno passado e lhe foi entregue polos Snorẽs regedores huã das chaues do cofre cõforme a ordenacaõ e de Como a recebeo asjnou aquy

hejtor Djaz

Contas do Procurador passado

ĩ, 3 aCordaraõ q̃ sesta feira Dada huã ora se tome Conta ao procurador boaventura majo e q̃ pera isso fosse notifiquado por myn escriuaõ pera a vir dar aos Snorẽs vreadores E por estar presente na dita Camara logo o notefiquey //

Recebedor

ĩ, 4 aCordaraõ por quoanto Desaliuaraõ a franc^squo lopez tendeiro Da Rua noua de recebedor emllegeraõ. a Domingos gonccalues carpinteiro morador a sam miguel o anjo pera recebedor o presente anno do Ramo Da sisa das Igrejas e vinho e herdades e mandaraõ a gonccallo frz portejro lho notefiquase q̃ tiuese Conta Con os ditos Ramos asy e da manejra q̃ estaua encarregado aos q̃ se escusaraõ

Arrendamento da Renda do Vinho

ĩ, 5 na dita Camara arrematараõ arrenda da Corrente do vinho en preço de Sesenta mil rs a Joaõ glz o alfa atinho q̃ handou a pregaõ mujtos dias E por naõ aver quen mais lancase q̃ o dito Joaõ glz lhe mandaraõ dar o Ramo por martin annes pregoejro e fez termo da arrematacaõ. gaspar Campello tabaliaõ q̃ este anno serue de escriuaõ do Lancamento.

Festa de S. Sebastião

ĩ, 6 aCordaraõ na dita Camara q̃ pera dia de Saõ Sabastiõ aja dancas de espadas e o porteiro notefique ao Rey e emperador q̃ os faca vir

[Fol. 169]

Mourisca

ĩ, 7 aCordaraõ mais q̃ aja mourisqua que va d'ante da procisaõ e o portejro da Camara notefique ao Rey

Bandeiras

ĩ, 8 aCordaraõ mais q̃ as bandeiras da cidade e das Confrarias vaõ na procisaõ as quoaes Leuaraõ os officiaes q̃ foraõ os annos passados conforme a vreacaõ e as das confrarias leuaraõ os mordomos dellas e o portejro os notefiquara pera isso

Paga

Ī, 9 aCordaraõ q̄ o procurador pague o necessario pera estas Festas a Conta do concelho

Preço do azeite

Ī, 10 na mesma Camara aCordaraõ mais q̄ por quoanto Lancaraõ Conta ao preco q̄ ora vale o azeite / E q̄ pola enformacaõ que tinhaã mandauaõ que daquy en diante o quoartilho do azeite naõ valese mais q̄ a dozoito rs E q̄ fosse apregoado por martin annes polos Lugades acostumados desta cidade do q̄ vira dar fee

Arrendamento

Ī, 11 na mesma Camara Se arrendou a Corrente da porta do Souto / a gaspar gonççaluez desta cidade por preco de Sesenta mil rs estando presente o Sor presidente o Doctor pº Ribejro Ouujdor .//

Ī, 12 na dita Camara ouujraõ partes e despacharaõ peticoẽns E eu yoã bautista o esprevj

maja / Ribeiro / Antonio Cordrº / Paiua / Pymẽtel

[Fol. 169v.] **167.** Sesta feira Dozanoue Dias do mes de Janejro do anno de mil e quinhentos e oytenta e dous annos foraõ Juntos en Camara os Snorẽs Balthesar da maja Juiz ordinario, Antonio cordejro o Lᵈº Joaõ frz Pimentel e Diogo de paiua Brandaõ Vreadores e aCordaraõ ho seguinte: — e sobreveo o sor Doctor pero Ribeiro Juiz Ordinario //

Procurador do Concelho

Ī, 1 na dita Camara apareceo pº de medejros E por o sor balthesar da maja lhe foy dado juramento dos Santos Evangelhos sob carrego do quoal prometeo serujr de procurador do concelho este anno presente bem e verdadeiramente goardando en todo o seruiço de deus e delRey noso sor e do Snõr arcebispo e asinou aquy yoã bautista escriuaõ da Camara o esprevj //

pº de medrº

Preço do azeite

Ī, 2 na Dita Camara deeu fee martin annes pregoejro q̄ apregoara nos lugares publicos desta cidade q̄ todos os azeiteiros vsasen do Seu mester e desen o azeite por preco de dozoito rs o quartilho a todo a pesoa e en abastança e asynou

de *martin † annes*

Recebedor

Ī, 3 gonççallo fernandez portejro da Camara deu fee que notifiquara a Domingos glz carpentejro q̄ tiuese Carrego do Ramo da Sisa q̄ lhe estaua encarregado e por o dito Domingos glz aparecer na dita Camara eu escriuaõ ho notefiquey en pessoa e asinamos gonccallo fernande e eu escriuaõ yoã bautista o esprevj

de *gº † frz / Joaõ Baptista*

[Fol. 170]

Arrematação da sisa do peixe

Ī, 4 na dita Camara arrematараõ a Sisa do pescado a diogo piz e Domingos piz almocreues desta Cidade por preco de çento e trinta e dous mil res En pãz e en saluo E gaspar Campello fez o termo daa arematacaõ por Ser ese anno escriuaõ do carrego

Contas do ano passado

Ī, 5 acordaraõ q̄ por quoanto naõ ouuera tempo pera se tomar conta a boa ventura majo procurador q̄ foi o anno passado gº fernandez portejro desta camara q̄ lhe notefique con pena de cinquoenta cruzados terca fejra dada huã ora venha a camara dar contas do que recebeo e despendeo das Rendas do concelho .//

Olheiro do sal

Ī, 6 na dita Camara deraõ Juramento a frutoso Domingues pera q̄ sirua de olhejro do sall bem e verdadejramente

digo q̃ naõ ouue effeito este aCordo por determinarem pera a Camara seguinte outra Cousa q̃ se avia de fazer sobre a Renda do Sall

I, 7 na dita Camara ouujraõ partes despacharaõ peticoeñs e declaro q̃ o procurador p° de medejros asistio a esta Camara des no aCordo en q̃ lhe foi dado Juramento e asjnou tamben Con os mais Regedores yoã bautista escriuaõ da Camara o esprevj

maja / Ribeiro / Antonio Cordr° ./. / Pymẽtel / Paiua / p° de medr°s

[Fol. 170v.] 168. Quoarta fr^a^ vinte e quoatro Dias do mes de Janr° de mil e quinhentos oytenta e dous annos forão Juntos em Camara os Snorẽs Balthesar da maja Juiz ordinario Antonio cordejro o L^do^ Joaõ fernandez Pimentel e Dioguo de paiua Brandaõ vreadores p° de medejros procurador e aCordaraõ o seguinte e sobreueo o sõr D^tor^ pero Ribejro Botelho Juĩz Ordinario //

Privilégio da Misericórdia

I, 1 na Dita Camara foy apresentado a elles Regedores hũ priuillegio Da Santa mjsericordia por antonio piz Da presa e lhes requereo o mandasem registar e per elles snorẽs foy mandado registar o quoal constaua ser da Confraria da santa misericordia feito por manoel de queyroz e asynado pelo arcediago de Vermoim, prouedor, feito en Dez dias do mes de Janr° do anno de oytenta e dous O quoal constaua ser elleito pera recebedor das esmolas e menpostejro na hermjda de são vicente q̃ estaa na freig^a^ do mostr° da daufe o dito antonio piz da preza e mandarã a min escriuaõ lhe passase certidaõ nas Costas do dito priuilegio

Transferência de depósito

I, 2 aCordaraõ na mesma Camara q̃ pero dareas cidadaõ desta çidade entregasse sescenta mil rs que por procuracão desta Camara ou por seu mandado foy cobrar e receber do almoxarifado Da villa de guimaraens de q̃ elRey noso snõr fez merçe a esta Camara pera os gastos das Cortes os quoais mandaraõ que entregasse a p° de medejros o procurador deste presente anno ao quoal diseraõ e mandaraõ q̃ dese a elle pero dareas setcentos rs .N. quinhentos rs pera elle p° dareas e dozentos pera hũ homen q̃ o acompanhou dos quoais o aviaã por desobrigado entregandoo ao dito pero de medejros

[Fol. 171]

os quoais Sesenta mil rs mandaraõ a myn escriuaõ hos carregasse no Liuro do recebimento sobre o dito pero de medejros

Casas na Rua do Souto

I, 3 na dita Camara mandaraõ a gonçalo Fernandez portejro Da Camara que notefique ao ouriues genro de Lourenço alurz q̃ Derribe a frontejra Das casas q̃ comprou na Rua do Souto e has asegure en termo de tres dias e Despege a Rua publica sob pena De se mandar derribar a sua custa : e vira dar fee da sua notef.caçaõ

Arrendamento da imposição do sal

I, 4 Na dita Camara arrematataraõ arrenda da Emposisaõ do Sal Em preço de cinquoenta mil rs a Joaõ v^rs^ Jacome glz Domingos daguiar aleixo daraujo gaspar alurz Salejros moradores nesta çidade.

Casas

I, 5 na Dita Camara Deraõ outorga a huã Compra q̃ fez antonio glz Carpintejro digo sombrejrejro morador na Rua de São marquos de quoatro moradas de casa q̃ comprou a Andre afonso da quarquoda e pagou a quarentena q̃ foraõ

Seis centos e vinte e cinquo rs q̃ se carregaraõ sobre o procurador p° de medejros

ĩ, 6 Na dita Camara ouujraõ partes despacharaõ peticoens e eu yoã bautista o espreuj

maja / Ribeiro / antonio Cordr° / Paiua / Pymẽtel / p° de medr°s

[Fol. 171v.] **169.** Sabado vinte e sete Dias do mes De Janejro do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos Em Camara os Snorẽs D^tor p° Rib^ro Juiz ordinario, Antonio Cordejro o L^do Joã fernandez pimẽntel dioguo de paiva brandaõ vreadores p° de medejros procurador e aCordaraõ o seguinte / e Sobreueo Balthesar da maja Juiz

Da vinda do novo Arcebispo

ĩ, 1 na dita Camara aCordaraõ (q̃ por quoanto avia imformaçaõ Da vinda do snõr arcebpõ Dom yoaõ) de encarregaren ao D^tor p° Ribejro Juiz ordinario q̃ fizese a falla pera a entrada do dito Snõr e por elle D^tor estar presente disse q̃ elle acejtaua a merçe e faria o q̃ asy lhe encarregauaõ.

Obras na Alfândega

ĩ, 2 aCordaraõ mais q̃ porquoanto a alfandega da porta do souto estaua m^to Dãnificada, se concertase e retelhase e as mangedouras se fizesen e o mais necessario e logo encomendaraõ e enccarregaraõ a Diogo de paiua Brandaõ q̃ mandase fazer a tal obra q̃ o procurador lhe desse o dr.° necessario e con seu asynado se lhe Leuase en conta

Carta ao Arcebispo

ĩ, 3 mandaraõ Dar a antonio glz da Rua da agoa por hir haonde handaua Sua S. R^ma a busquar huã prouisaõ pera Emposisaõ do vinho mil rs e que o procurador lhos dese lhe leuariaõ en Conta com seu asynado:

Recebedor

ĩ, 4 na mesma Camara mandaraõ a gonççallo fernandez portejro q̃ notefiquase a antonio fernandez çafreiro morador nesta çidade q̃ tiuese conta con o Ramo do geral Desta çidade e arabaldes por quoanto gonççallo fernandez Liurejro morador ao Cano apresentou a elles regedores huã sentença do proueedor por que o escuzaua do reçebimento do tal Ramo

[Fol. 172]

e q̃ elle portejro lhe notefiquara q̃ tiuese Conta con a SiSa do dito Ramo sob pena de o pagar as suas custas a elRey noso Snõr. e da noteficacaõ viese dar fee

Recebedor

ĩ, 5 E por quoanto na dita Camara ouueraõ por escuso a Domingos glz Carpintejro m^er nesta cidade de recebedor do Ramo q̃ lhe estaua encarregado das herdades Ygrejas e vinho por Ser jaa m^to velho e de ydade de Setenta annos, mandaraõ gonççallo fernandez portejro q̃ notefiquase a Andre fernandez oriuez genro de L^co alurz q̃ tenha Conta Con o dito Ramo das Igrejas vinho e herdades por quoanto lho encarregauaõ elles regedores sob pena de o pagar de sua casa a elRey nosso Sor e da noteficasaõ viesse asenter sua fee

ĩ, 6 na dita Camara deu fee g° frz portejro desta Camara q̃ notefiquara a antonio fernandez cafrejro, e a andre fernandez oriuez o contheudo nestes dous aCordos asima e asynou aquy yoã bautista o esprevj

do *por † tejro*

Paga de guarda da cidade

ĩ, 7 na dita Camara mandaraõ dar dous mil rs a balthesar goncalues o registo Com os quoais Se deu por pago e satisfeito de todo o seruico q̃ tinha feito a

esta Cidade na goarda della e no aCompanhamento dos goardas mores della E deu logo aos ditos Snorẽs regedores por quites e liures atee oje vinte e sete de Janejro do dito anno e asynou aquy e o procurador dara os dito dous mil rs e Con seu asynado lhe seraõ leuados en Conta

do *Reg* † *isto*

[Fol. 172v.]

Recebedor

ĩ, 8 na dita Camara acordaraõ q̃ por quoanto escusaraõ de recebedor a antonio fernandez çafreiro por na dita camara constar sumariamente por dito de testemunhas ter çinquo filhos, se notefiquase pera recebedor do Ramo do geral da çidade e arabalde Matheus alurz çiriejro morador na praça do pan desta cidade e que o portejro desta Camara lho notefique e venha dar Sua fee. Com pena de dar Conta o dito matheus alurz do dito Ramo e o pagar a sua Custa a elRey noso Sõr

Círios de N.ª S.ª de Fevereiro

ĩ, 9 Na dita Camara mandaraõ q̃ o procurador fizese e paguase os cirios pera dia de nosa Snorã de feuerejro asy e da maneyra q̃ os annos atras

ĩ, 10 Ouujraõ na dita Camara partes e despacharaõ peticoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o espreuj //
maja / Ribeiro / Antonio Cordr° / Pymẽtel / Dioguo de paiua / p° medr°s

170. Quoarta feira trinta e hũ dias do mes de Janr° do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos Em Camara os Sorẽs balthesar da maja o Dtor p° Ribeiro botelho juizes ordinarios antonio cordejro o Lº ymº frz Pimentel e Diogo de paiua Brandaõ Vreadores p° de medejros procurador e aCordaraõ o seguinte /:

[Fol. 173]

ĩ, 1 na dita Camara deu fee gº fernandez portejro q̃ notefiquara a matheus alurz çiriejro q̃ teuese Conta com o ramo do geral da çidade e arabaldes como lhe estaua encarregado sob pena de o pagar de sua casa e asinou aquy yoã bautista o espreuj /

do *portej* † *ro*

Privilégio da Misericórdia

ĩ, 2 na dita Camara foy apresentado a elles regedores hũ priuilegio da Santa misericordia por Domingos piz morador na freigª de esporoens e lhes requereo o mandasen registar e por elles Snorẽs foy mandado se registasse o quoal constaua ser da Confraria da Santa misericordia feito por manoel de quejros e asynado pollo arçediago de Vermoin prouedor da dita comfraria feito Em tres dias do mes de dezembro do anno de oytenta e hũ annos e mem-posteiro das esmolas na igreja desporoens o dito Domingos pirez e mandaraõ a min escriuaõ lhe mandase digo possese çertidaõ nas costas do dito priuilegio //

Recebedor

ĩ, 3 Deu fee gonccallo fernandez portejro da Camara que notefiquara a andre fernandez oriuẽz genrro de Lourenco alurz q̃ tiuese Conta com a arrecadacaõ do Ramo da Sisa das herdades vinho e igrejas sob pena de o pagar de sua casa e asynou aquy yoã bautista o espreuj //.

do *portej* † *ro*

Prazo

ĩ, 4 na dita Camara Deraõ huãs casas q̃ fiquaraõ de Andre boccarro q̃ estaõ no Sardoal junto a nosa Snorã a branqua propriedade do Concelho a estaçio bocarro Contanto q̃ elle as faça vagas a sua Custa de q̃ se lhe fara prazo nouo per justa vedoria //

[Fol. 173v.]

Provisão do Arcebispo

I, 5 na dita Camara per manoel noguejra Cidadaõ desta cidade foy apresentada huã prouisaõ do Snõr arcebpõ en q̃ concede preuilegio a pesoa q̃ pedir esmolas pera a confraria de nosa Snõra e os Snorẽs regedores mandaraõ se tresladase aquy e registase e a confraria hee de nosa Sorã a branqua.

I, 6 na dita Camara ouujraõ partes despacharõ peticoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o espreuj //

Recebedor da imposição da carne

[I, 7] E logo Em continenti proueraõ acerqua do recebimento da imposisaõ da Carne e encomendaraõ ao procurador p° de medejros q̃ a recebese e por elle foy dito q̃ elle hera mal desposto e tinha sua molher em cama m^to doente e outras m^tas ocupaçoens por honde naõ podia receber a dita ymposisaõ por ser de m^ta Soma majormente q̃ elle naõ hera obrigado a receber a dita ymposisaõ por não ser das rendas do conçelho senão de merçe q̃ o Snõr arçebpõ fez a esta Camara pera paguar diuidas q̃ nella avia E q̃ portanto a naõ avia de reçeber E que pedia a Suas merçes o desaliuase disso o desaliuasen disso porque per neuhuã via a podia receber e vjsto por elles regedores as causas q̃ allegaua q̃ ouueraõ por boas mandaraõ chamar martin da maja çidadaõ desta çidade por ser homen abonado e suffiçiẽnte pera receber a tal ymposicaõ da Carne e lhe rogaraõ e pediraõ q̃ quisese acejtar o recebim^to da tal ynposisaõ por este anno asy como a recebeo boa ventura majo o ano passado e logo por elle estar presente açejtou o dito carrego E disse q̃ faria o q̃ Suas merces lhe mandauaõ

[Fol. 174]

m^to ẽtejram^tos e polos ditos Snorẽs lhe foy dado Juramento sob carrego do quoal prometeo seruir ben e verdadejramente o tall officio e prometia dar Conta a elles Snorẽs regedores quada e quoandolhe for pedida e asinou o sobredito yoã bautista o espreuj

maja / Ribeiro / Antonio Cordr° / Pymẽtel / Paiua / p° med^ros / Martin Da maja

Provisão do Arcebispo

[I, 8] Treslado Da prouisaõ do Snõr arcebpõ pera os q̃ pedem esmolas pera nosa Snorã a branqua

Dom frei Bertholameu dos martires arçebpõ e sõr de braga. primas das espanhas etc. fazemos saber a todas nosas justiças officiaẽs e pesoas a que esta nosa Carta de priuilegio for apresentada e o conhecimento della com dereyto pertencer q̃ a nos praz e avemos por bem e mandamos que em quada huã das igrejas desta nosa çidade e termo della e asy dos coutos desta Santa igreja de braga se ponha huã pesoa ydonea pera pedir e arrecadar as esmolas q̃ os fieis xpaõs quizerem dar pera a comfraria Da virgem nossa Snorã a branqua desta nosa çidade e que a pesoa q̃ asy for posta pera pedir e arrecadar has ditas esmolas guoze, aja e tenha intejramente os priuilegios que tem os que pedem e arrecadam as esmolas pera a comfraria do Santissimo Sacramento desta çidade, q̃ sam declaradamente os que tem, os que pedem pera as comfrarias

[Fol. 174v]

ou rendiçaõ dos Catiuos e da misericordia desta nosa çidade como nos constou polas prouisoens, que delles passamos à dita do Santissimo Sacramento, e porem naõ avera Em quada igreja mais q̃ hũ pedidor e arrecadador das esmolas da dita cõfraria, asy nesta nosa çidade e termo como coutos, a quoal pesoa sera posta polos officiaẽs da dita comfraria E mandamos a todas nosas

Justiças officiaës e Regedores da Camara desta nosa cidade e coutos e asy aos Curas das ditas freig^as que cumpraõ e goardem este noso priuilegio como se nelle conthem o q̃ asy avemos por bem polla muyta pobreza e neçessidade da dita comfraria fruto e augmento della e seruico de nosa Snorã, Dada Em braga nos trinta dias do mes de Janejro de mil e quinhentos e oytenta e dous annos sob sello de nossas armas e synal do Doutor Fernaõ mergulhaõ noso prouisor e vigajro geral .:. fellipe Soares o sobescreueo Mergulham //.

171. Quoarta fr^a Sete Dias do mes de Feu^ro do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos Em Camara. os Snorẽs Balthesar Da maja Juiz. Antonio Cordejro L^do João fernandez Pimentel Dioguo de paiua Brandaõ vreadores e pero de Medejros procurador. e acordaraõ o seguinte.:

Enjeitados

I, 1 na dita Camara acordaraõ q̃ o procurador paguase aos engeitados e quen os criase, e todo o gasto q̃ com elles fizese se lhe Leuaria em Conta.

Privilégio da Senhora-a-Branca

I, 2 na dita Camara apareçeo Domingos glz m^or na freg^a de santa Logriça e apresentou aos Snores regedores hũ priuilegio De nosa Snorã a branqua e requereo aos ditos snorẽs lho mandasem registar E por elles foy mandado q̃ eu escriuao o registase do (quoal constaua ser feito segundo pareçia por manoel noguejra escriuã da dita comfraria e asynado por manoel da Cunha ribejro

[Fol. **175**]

Juiz da propria comfraria e sellada con o sello do dito Juiz e constaua delle ellegerem por memposteiro e recebedor Das esmolas de nosa Snorã a branqua na igreja de santa logrica termo desta çidade ao dito domingos glz e mandaraõ a min escriuaõ lhe passase nas costas do dito priuilegio certidaõ em forma .//

Recibo

I, 3 na propria Camara Disse o procurador p^o de medejros q̃ elle recebera de pero dareas os Sesenta mil rs de q̃ Sua Magestade fez merçe a esta camara pera os gastos q̃ fizera com os procuradores q̃ foraõ as Cortes, E por o dito pero dareas estar presente o ouueraõ por desobrigado dos ditos Sesenta mil rs: e os ouueraõ e mandaraõ Carregar sobre o reçebimento do dito procurador pero de medejros.

Pagas de empréstimo

I, 4 na dita Camara mandaraõ apaguar a giraldo daguiar Dous mil rs os quoais Logo reçebeo da maõ do procurador p^o de medejros os quoais lhe deuia o conçelho do Emprestimo q̃ fez e deu por quite e liure aos ditos regedores e concelho e asynou aquy yoã bautista escriuaõ da Camara o espreuj.

giraldo dagujar

Pano Verde da Mesa da Câmara

I, 5 na dita Camara mandaraõ ao procurador p^o de medejros q̃ de dous mil rs ao portejro da Camara gonççalio fernandez por o pano verde que serue na mesa desta Camara ainda este anno //

[Fol. **175v.**]

I, 6 na dita Camara ouujraõ partes e despacharaõ peticoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o espreuj / *maja / Ribeiro / Antonio Cordr^o / Paiua / Pymẽtel / p^o de md^ros*

172. Sabado Dez Dias do mes de Feu^ro^ do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos em Camara os Snorẽs D^tor^ p^o^ Ribejro Botelho, Juiz ordinario, antonio cordejro o L^do^ Joaõ Fernandez Pimentel e Diogo de paiua Brandaõ vreadores, e pero de medejros procurador. e Sobreueo Balthesar da maja Juis

Pagas de empréstimo

ĩ, 1 na dita Camara mandaraõ ao procurador q̃ pague a Domingos fernandez penejrejro os dous mil res q̃ Emprestou a esta camara.. E ele domingos fernandez logo apareçeo e disse q̃ daua por quite e liure a dita Camara dos ditos dous mil rs e asynou aquy yoã bautista o espreuj

de *domingos* † *frz*

Pagas de empréstimo

ĩ, 2 mais mandaraõ paguar a fellipe Luis outros dous mil rs q̃ tambem tinha Emprestados e logo apareceo o dito Felipe Luis e deu a Camara e regedores por quites e liures dos ditos dous mil rs q̃ tinha emprestados e asynou aquy yoã bautista escriuaõ da Camara o escreuj

felipe lois

Privilégio da Senhora-a-Branca

ĩ, 3 na dita Camara mandaraõ registar hũ priuilegio de nosa snorã a branqua o quoal foy apresentado por

[Fol. **176**]

Simaõ daguiar Ferrador m^or^ nesta çidade do quoal constaua segundo parecia ser feito por manoel noguejra escriuaõ da comfraria e asynado por manoel da Cunha ribejro Juiz e sellado com as armas e sellete do dito Juiz, pera q̃ o dito Simaõ daguiar peça as esmolas pera a comfraria da dita Sora na igreja parrochial de Saõ Jm^o^ do Souto desta Cidade e mandaraõ lhe passase eu escriuaõ certidaõ nas Costas do dito priuilegio yoã bautista o espreuj

Carniceiros

ĩ, 4 na dita Camara acordaraõ q̃ os Carnicejros do termo sejaõ notefiquados pollo portejro com pena de vinte cruzados e da cadea q̃ quada domingo venhaõ asentar a Carne e guado que quada hũ mata com o escriuaõ da Emposisaõ pera se arrecadar o dinheiro Da emposisaõ. E da notefiquaçaõ g^o^ fernandez viesse asentar Sua fee.

ĩ, 5 na dita Camara mandaraõ notefiquar per g^o^ fernandez portejro da Camara ao escriuaõ da almoteçaria q̃ em termo de tres dias Dee escriuaõ pera Servir o dito offiçio por prouisaõ do Snõr arçebpõ, naõ ho dando o dito fr^co^ Rabello escriuaõ, que elles regedores lhe encarregauaõ as rendas do conçelho e con protestacaõ de as paguar de Sua casa e ho portejro desse sua Fee da notefiquaçaõ

ĩ, 6 Logo na mesma Camara deu Fee ganççallo Fernandez q̃ notefiquara a fr^co^ rabello escriuaõ Da almotaçaria o aCordo asyma Com as penas nelle declaradas e asynou aquy yoã bautista o espreuj //

de *g^o^* † *frz*

[Fol. **176v.**]

Paga ao escrivão

ĩ, 7 na dita Camara mandaraõ dar a martinho da maja escriuaõ q̃ foy da Camara dous mil rs polo trabalho q̃ teue extraordinario de Caminhos e termos q̃ fez e de autos. De pam q̃ escreueo fora desta Comarca con Francisco Tejxejra e mandaraõ ao procurador q̃ lhos dee e q̃ con seu asynado Se lhe leuaraõ em Conta. //

Registo de privilégios

ĩ, 8 na dita Camara mandaraõ a mim escriuaõ q̃ registase os privilegios neste Liuro que elles per seu despacho mandarem registar, e que olhase ao regis-

tar particularmente q̃ nos priuilegios de nosa Snorã a branqua naõ fosem alguns pera Ermidas porquoanto não se aviaõ de registar nem hera sua tençaõ registarense.

Í, 9 na dita Camara ouujraõ partes e despacharaõ petiçoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o spreuj

maja / Ribeiro / Antonio Cordr° //: / Paiua / Pimẽtel / p° de medr°s

Privilégio da Senhora-a-Branca

Í, 10 aos dez dias do mes de Feverejro do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos. por pero glz morador na freigd° de saõ pajo de pousada deste termo foy apresentado a min escriuaõ hũ priuilegio de nosa Snora a branqua q̃ segundo parecia e delle constaua hera feito por manoel nogueira e asynado por manoel da cunha ribejro Juiz da dita comfraria o presente anno. e dezia ser feito aos sete dias do mes de Feur° do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos, no qual daua Licença ao dito pero

[Fol. 177]

gonçaluẽz pera que tirase as esmolas pera a Comfraria da dita nosa Snorã na igreja de Saõ pajo de pousada aonde hee morador, e junto ao dito priuilegio vinha hũ despacho dos Regedores em huã peticaõ per que mandaraõ se registase yoã bautista escriuaõ da Camara o spreuj //

Privilégio de S. Gonçalo de Amarante

Í, 11 na dita Camara per antonio alurz da freigª de Saõ Jeronimo foy apresentado a mjn escriuaõ hũ priuilegio do mosteiro de São g° damarante com hũ despacho delles regedores em huã petiçaõ junta ao dito priuilegio per que mandauaõ que se registase Requerendome q̃ lhe registase comforme ao dito despacho o que visto por mjn lhe registey o dito priuilegio o quoal segundo delle parecia era escrito de letra redonda e asynado ao pé do sinal do Ld° Antonio Cerqueira do Desembargo delRey noso sõr e nas costas delle hum asynado do padre frei Amaro Lopez prior do dito mostr° de Saõ g° damarante. perque apresentaua ao dito antonio alurz por mempostejro pera pedir as esmolas na igreja De Sam Iheronimo do termo desta çidade feito aos vinte e noue dias de janejro do presente anno de mil e quinhentos oytenta e dous, etc:

173. Quoarta fejra quatorze Dias do mes de Feur° do anno do mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos Em Camara os Snorẽs Balthesar da maja Juiz ordinario Ant° Cordr° o Ld° Joaõ frz pimentel e Diogo de paiua Brandaõ vreadores e p° de medejros procurador e sobreueo o Doutor p° Ribr° Juiz

Pagas de empréstimo

Í, 1 na dita Camara mandaraõ pagar a Isabel martins molher q̃ fiquou de martin glz carpintejro os dous mil rs q̃ o dito Seu marido Emprestou a Camara

[Fol. 177v.]

e della se deu logo por Delles paguo e apresentou por fiador a Jheronimo glz Sarralhejro aos tornar a esta Camara sendo caso q̃ os herdejros que fiquaraõ de seu marido os quejraõ repetir em algũ tempo e elle Jheronimo glz asy se obrigou a comprir e tirar a paz e saluo a dita camara E por a dita Isabel martins naõ saber Asinar rogou a gaspar Campello tabaliaõ q̃ asynase por ella e asinou aquy juntamente o dito Iheronimo glz yoã bautista o espreuj /

de *Jheronimo † glz / Campello*

Privilégio de S. Gonçalo de Amarante

Í, 2 na dita Camara per manoel glz mor na freguesia de saõ paio foy apre-

sentado hũ priuilegio do mostr° de saõ g^le damarante com hũ despacho delles regedores per que mandauaõ q̃ se registase requerendo a mjn escriuaõ q̃ lho registase comforme ao dito despacho o que visto por mjm lhe registey o dito priuilegio o quoal segundo dele parecia hera escrito de letra redonda e asinado ao pee do L^do ãtonio cerqueira Desembargador del Rey noso S.^or e nas costas delle hũ asinado do padre frei ãtonio de Saõ martinho procurador do dito mostr° de Saõ Gonçcallo per que apresentaua por mempostejro ao dito manoel glz pera pedir as esmolas na Freig^a de Saõ payo de pousada termo desta çidade feito aos treze dias de Feuereiro do presente anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos:

Ī, 3 na dita Camara ouujraõ partes e despacharaõ petiçoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o espreuj // *maja / Ribeiro / Antonio Cordr° .//. / Pymẽtel / Paiua / p° de med^ro°*

[Fol. 178]

Privilégio da Senhora-a-Branca

[Ī, 4] na dita Camara foy apresentado a mjn escriuaõ hũ priuilegio de nosa Snorã a branqua per Saluador diaz laurador e m^or em goaltar e nelle hũ despacho dos regedores q̃ o resgistase e requerendome o cumprise; o qual priuilegio segundo delle parecia hera escrito por manoel noguejra Juiz da Comfraria da dita nosa Snorã a branqua Digo escriuaõ della e asynado por manoel da Cunha ribejro Juiz, feito aos quatorze de feuerejro deste presente anno de oytenta e dous per que lhe concedia q̃ elle recebese e arrecadase as esmolas q̃ quada hũ quizese dar pera a dita cõfr digo na igreja e freig^a de goaltar do termo desta çidade. yoã bautista o escrevj //

174. Sabado Dozasete Dias do mes de Feu^ro do anno de mil he quinhentos oytenta e dous foraõ juntos em Camara os Sorẽs o D.^tor p° Ribr° botelho Juiz ordinario o L^do Joaõ Fernandez Pymentel. e Diogo de paiua Brandaõ vreadores e p° de medejros procurador e acordaraõ o seguinte.

Recebedor

Ī, 1 na dita Camara per matheus alurz Siriejro foy apresentado a elles regedores huã Sentença do contador prouedor da Comarqua da villa de viana per que o escusaua de recebedor da Sisa do Ramo que lhe estaua encarregado do geral desta çidade E seo termo a qual mandaraõ Cumprir e logo en lugar do dito matheus alurz elegaraõ por recebedor do dito Ramo do geral a Domingos glz genrro De ãt° alurz almocreue e de Isabel diaz ao quoal mandaraõ logo notefiquar por g° frz portejro da Camara q̃ tiuese conta com

[Fol. 178v.]

dito Ramo sob pena de o paguar a Sua Magestade De sua casa e logo polo dito g° frz foy dado fee q̃ asi lho notefiquara a asynou aquy.. E por o dito Domingos glz aparecer diante os ditos snorẽs Regedores eu escriuaõ o notefiquey Em pesoa na propria Camara yoã bautista o escreuj

João Baptista / de *g°* † *frz*

Sisa na Feira Franca

Ī, 2 na dita Camara aCordaraõ q̃ por serem ymformados q̃ nas feiras franquas q̃ nesta cidade se fazem todos os meses do anno as segundas feiras seguintes do terceiro domingo nas tais feiras se vendiaõ e Comprauaõ todos e quoaisquer mercadorias forras e liures da sisa e dos mais tributos. asy os moradores desta çidade e termo como os q̃ de fora vinhaõ a Comprar e vender, e ser hor-

denada a tal feira por regimento e hordenaça desta . Camara pera bem E prol Do conçelho e moradores da Cidade / ora alguns annos a esta parte mujtos mercadores E regatoẽs de fora vinhaõ a ella somente a atrauesar as mercadorias pera as leuar como leuaõ pera fora por as achar na dita feira mais baratas por rezaõ de serem franquas e naõ traziaõ mercadorias De fora somente leuauaõ as que achauaõ na tal feira o q̃ causaua leuantarense en demasia as mercadorias e o pouo desta cidade e termo por cuja causa se franqueou a dita feira recebia m^to^ detrimento e naõ podia chegar a comprar as mercadorias por q̃ os taes regatoẽs de fora has atrauesauaõ e leuauaõ por junto. polo q̃ mandaraõ q̃ daqui en diante a dita feira fose somente franqua e forra pera todos moradores desta çidade e seu termo de todo o q̃ nella comprasem e vendesem como atee aqui foy e outro sy toda a pesoa q̃ de fora de quoalquer parte vier a dita fejra vender quoalquer mercadoria da mesma manejra seja forro e liure, e Comprando a tal pesoa q̃ de fora for alguã mercadoria na dita fejra

[Fol. 179]

pague a Sisa E mais tributos Da manejra q̃ avia de paguar se a dita fejra naõ fose franqua e mandaraõ q̃ este aCordo se pregoase segunda feira logo seguinte pera vir a notiçia de todos e naõ pretenderem ignorançia e Entretanto q̃ se naõ arrendaua a dita Sisa elegeraõ por olhejro Della a gaspar glz portagaejro desta çidade a quem logo deraõ juramento dos Santos evangelhos pera q̃ bem e verdadejramente arrecade a dita Sisa atee se arrendar e elle asy prometeo e asinou aquy //

gaspar glz

ĩ, 3 Na dita Camara ouujraõ partes despacharaõ peticoens e eu yoã bautista escriuaõ da Camara o escrevj //

*Ribeiro / Pymẽtel / Diogo do paiua / p^o^ de med^ros^*

175. Quoarta feira vinte E hũ dias do mes de feuereiro do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos em Camara os S.ores Balthasar da maja Juiz ordinario Antonio Cordeyro o L^do^ Joaõ Fernandez Pymentel e Dioguo De paiua Brandaõ vreador E aCordaraõ o Seguinte. e sobreueo o Sõr D^tor^ p^o^ Rib^ro^ Juiz

Varas novas na posse do Arcebispo

ĩ, 1 na dita Camara aCordaraõ que o procurador tiuese varas nouas pera o dia da posee q̃ se haa de tomar por parte do snõr arçebpõ Dom Joaõ afonso de meneses nesta camara as quoais varas seriam

[Fol. 179v]

pera os Juizes vreadores procurador do c^o^ e escriuaõ E almotaçes com as armas nouas do dito Snõr açebpo

Pagas de empréstimo

ĩ, 2 na dita Camara mandaraõ ao procurador q̃ paguase quoatro mil rs a g^s^ Roiz villa Real q̃ tinha emprestados e logo apareceo françisquo perejra filho do dito g^o^ Roiz e apresentou hũ asynado do dito seu pay Em que daua por quites e liures aos snorẽs regedores e se daua por emtregue dos ditos quoatro mil rs e o dito francisquo perejra asjnou aquy tambem E en nome do dito seu paj Dise q̃ daria quitaçaõ a elles regedores do dito dr^o^ yoã baustista o esprevj //.

*fram^co^ p^ra^*

ĩ, 3 na dita Camara ouujraõ partes despacharam peticoens e eu yoã bautista o escrevj //

maja / Ribeiro / Antonio Cordr^s^ //. / Pymẽtel / Dioguo de paiua

176. Sesta feira vinte E tres dias do mes de feuereiro do anno de mil e quinhentos oytenta e dous annos foraõ juntos em Camara os Snorẽs Balthesar da maja o Doutor pero Ribeiro Botelho Juizes Ordinarios antonio Cordejro o L^do^ João Fernandez pimentel e Dioguo de paiua Brandam vreadores E pero de medejros procurador

Procuradores do novo Arcebispo

[ĩ, 1] q̃ foraõ juntos pera o Dar a posse aos procuradores do Ill^mo^ Snõr arcebispo Dom Joaõ de Meneses //

[Fol. 180]

Posse do novo Arcebispo

[ĩ, 2] E Juntos todos asi na dita Camara porante elles regedores pareçeram os m^to^ R^dos^ Snorẽs christouaõ de Lyan arcediago de Vermoim e Belchior da Silva Conego prebendado nesta Santa See e apresentaraõ a elles Snorẽs regedores huã procuraçaõ bastante do Ill^mo^ Snõr Dom Joaõ afonso de meneses arçbispo E Snõr desta çidade primas das espanhas etc. pera tomar posse Desta çidade e jurisdiçaõ della por virtude Da quoal tomaraõ posse desta çidade e regimento della polos autos acostumados asentandose nos Lugares dos Juizes e vreadores E en nome do dito Snõr e como seus procuradores bastantes, elles Juizes e vreadores e procurador lhe entregaraõ as varas e elles Snorẽs procuradores as acejtaraõ e tornaraõ a entregar En nome do dito S.^r^ e lhe encomendaraõ o regimento e gouerno desta çidade sob o juramento q̃ Jaa tinhaõ tomado, e outro sy na propria Camara o S^r^ ouujdor o L^do^ pero Rib^ro^ e almotaces e alcajde entregaraõ aos ditos S^res^ procuradores as varas e elles lhas tornaraõ De sua maõ dar Da mesma manejra. E per este modo ouueraõ por tomada a posse En nome do dito Snõr arçebpõ e eu escriuaõ lha ouue por dada da sobredita manejra e asynaraõ aqui todos Joã bautista escriuaõ da Camara o esprevj /

*O arce.^do^ de Vermojm / melchior da silua / maja / Ribeiro / Antonio Cordr^o^. //: / Pymẽtel / Dioguo de paiua brãdaõ / p^o^ de med^ros^*

[**Sumário** extraído das Actas restantes até fim do volume ou códice]

[Fol. 180v.] **177.** Sessão de 28.II.1582

ĩ, 1 Paga dos gastos na tomada da posse do Sr. Arcebispo.

ĩ, 2 Licença por oito dias ao procurador do concelho

ĩ, 3 Ouviram partes e despacharam petições

[ĩ, 4] Privilegio da Senhora-a-Branca para Gonçalo Pires em Crespos

[Fol. 181] **178.** Sessão de 3.III.1582

ĩ, 1 Paga ao porteiro da câmara de olheiro da carne

ĩ, 2 Privilégio da Senhora-a-Branca para António Rodrigues em Nogueiró

ĩ, 3 Notificação sobre o Livro das Sisas delRei.

[Fol. 181v.]

ĩ, 4 Pregão da Sisa da Feira Franca para se arrematar

ĩ, 5 Conserto da calçada do Ribeiro da Naja

ĩ, 6 Conserto da calçada que vai para Nossa Senhora da Misericórdia

179. Sessão de 7.III.1582

ĩ, 1 Dada fé do pregão de arrendamento da Sisa da Feira Franca

[Fol. 182]

ĩ, 2 Mandado repetir o pregão

ĩ, 3 Ouviram partes e despacharam petições

[Fol. 182v.]

ĩ, 4 Privilégio da Senhora-a-Branca para Alvaro Gonçalves de Areias, em S. Pedro de Este

ĩ, 5 Igual privilégio para Pero Gonçalves em Palmeira

180. Sessão de 10.III.1580

ĩ, 1 Licença para compra de casas do concelho no Campo da Vinha

ĩ, 2 Provisão del-Rei para as obras de S. Gonçalo de Amarante

ĩ, 3 Do parentesco em quarto grau entre Diogo de Paiua Brandão e Baltasar da Maia.

[Fol. 183]

Não se prova o parentesco.

ĩ, 4 Juramento a Juizes do ofício de alfaiate

ĩ, 5 Ouviram partes e despacharam petições

[Fol. 183v.]

ĩ, 6 Privilegio do Santíssimo Sacramento para Amaro Gonçalves em Crespos

ĩ, 7 Privilégio de S. Gonçalo de Amarante para Francisco Gonçalves em Crespos

ĩ, 8 Privilégio de S. Gonçalo de Amarante para Manuel de Magalhães em Stª Lucrécia

[Fol. 184]

[ĩ, 9] Treslado de um treslado em público de uma Provisão del-Rei para os padres de S. Gonçalo de Amarante para as esmolas do dito mosteiro durante cinco anos

[Fol. 184v.]

ĩ, 10 Privilégio de S. Gonçalo de Amarante para João Gonçalves da Torre em Adaufe

[Fol. 185]

[ĩ, 11] Privilégio de S. Gonçalo de Amarante para Alvaro Anes em Dume

[ĩ, 12] Privilégio de Nossa Senhora-a-Branca para Francisco Afonso em S. Simão de Este

[Fol. 185v.]

181. Sessão de 17.III.1582

ĩ, 1 Preço do azeite a dezoito réis o quartilho

ĩ, 2 Preço do «baqualhao sequo» a dez réis o arratel

ĩ, 3 Dada fé do pregão da Sisa da Feira Franca

ĩ, 4 O vendedor de fora esperará três dias para vender a sua mercadoria, principalmente panos e cobertores

[Fol. 186]

182. Sessão de 24.III.1582

Ĩ, 1 Carta do novo Arcebispo, cerrada e selada, guardada no cofre

Ĩ, 2 Dada fé do pregão sobre o acôrdo do azeite

Ĩ, 3 Uma das chaves do cofre entregue ao L^do^ Francisco Soares

[Fol. 186v.]

Ĩ, 4 Francisco Alvares, filho de António Alvares morador nesta cidade, apresentou uma carta de examinação do cirurgião mor, feita por Leonardo Nunes e assinada pelo Dr. António Barbosa cirurgião mor «per q̃ concedia que o dito françisquo alurz podese vzar do officio de Sangrar carrafar Lancar ventosas tirar dentes por todo este rejno»

Ĩ, 5 Levantam o preço do azeite para dezanove réis o quartilho

Ĩ, 6 Paga dos gastos feitos nas tomadas que se derribaram no Vainho, S. Pedro de Este

Ĩ, 7 Paga ao escrivão de serviço extra

[Fol. 187]

[Ĩ, 8] Privilégio de Nossa Senhora-a-Branca para André Dias em Nogueira

[Ĩ, 9] Igual privilégio para Alvaro Rodrigues em S. Mamede de Este

[Fol. 187v.]

183. Sessão de 31.III.1582

Ĩ, 1 Juramento ao Juiz do ofício de picheleiro

Ĩ, 2 Paga de servir aos guardas-mores

Ĩ, 3 Juramento ao Juiz do ofício de luveiros

[Fol. 188v.]

[Fol. 188]

Ĩ, 4 Almotacés para os nove meses seguintes

Ĩ, 5 Almotacés para o mês de Abril e sairam Dr. João Nogueira e Martinho da Maia

184. Sessão de 4.IV.1582

Ĩ, 1 Mandaram ao Porto com uma carta sobre o mal da peste

Ĩ, 2 Levar a Guimarães o dinheiro dos Recebedores

Ĩ, 3 Dada a carestia das carnes vacum e a informação do que se passa em câmaras vizinhas, diminuem a imposição que os carniceiros pagavam por cabeça, de doze vinténs

[Fol. 189]

para um tostão por cada cabeça e do meudo ametade do que soiam dantes pagar. Dá mais pormenores

Ĩ, 4 Ouviram partes e despacharam petições

[Fol. 189v.]

185. Sessão de 7.IV.1582

I, 1 Privilégio de S. Gonçalo de Amarante para Manuel Gonçalves em S. Pedro de Merelim

[Fol. 190]

I, 2 Marcaram reunião sobre as festas que se devem fazer ao Arcebispo nosso senhor e para elegerem a pessoa que o deve ir visitar

186. Sessão de 9.III.1582

I, 1 Elegeram João Gonçalves para Juiz do ofício dos Carpinteiros

[Fol. 190v.]

I, 2 Para a festa do Sr. arcebispo dão um vestido verde a um tangedor da gaita de fole, «que o vestido fose de Couilhan verde. S. pelote calçoens e carapuça com seus çapatos»

[Fol. 191]

I, 3 Elegeram a Paio Gonçalves para Juiz do ofício dos Sapateiros

I, 4 Tomé Gonçalves, sapateiro, recebeu juramento «pera vzar de Juiz do officio dos capateiros da obra de cortiça»

I, 5 Marcaram reunião para ordenarem as festas e se eleger quem vá visitar o Sr. Arcebispo

187. Sessão de 11.IV.1582

I, 1 Antonio Gonçalves, sapateiro, recebeu juramento para servir por Juiz dos «capateiros de vaqua»

I, 2 Dão ao pífaro Marcos Pires metade do que tem de ordenado

I, 3 Um «vestido de vinteno .S. capa e pellote ao porteiro goncallo fernandez»

I, 4 A Martim Anes, pregoeiro, desem «huã capa e pellote de Londres azul pera a vinda do Snõr arçbpõ»

I, 5 Elegeram para ir visitar o Sr. Arcebispo a Antonio Sobrinho

[Fol. 191v.]

188. Sessão de 14.IV.1582

I, 1 Que se comprassem dois bois muito bons e formosos e uma dúzia de carneiros pera se oferecerem de serviço ao Arcebispo novo

I, 2 Que o Sr. Baltasar Maia tomasse a sua conta «a judenga pera fazer ensajar todos os que entram nella pera a vinda do Snõr arçebpõ»

I, 3 Entrega de dinheiro da imposicão da carne

I, 4 Acordaram «que se comprase hũ Solho e Se mandase a Lixboa ao Snõr açebpõ e fose m^to^ bem concertado e se alugase huã besta pera o leuar»

[Fol. 192]

I, 5 «aCordaraõ mais q̃ pera a vinda do Snõr arçebpõ se corresem touros e que quada Carniçejro dese Dous mujto bons e de receber»

[Fol. 192v.]

[Termo de encerramento, transcrito na Introdução].

Cristo-Rei de 1971.

C. M. DE BRAGA
ARQUIVO
MUNICIPAL

ÍNDICE

do volume XXIV

Sumário do Fascículo 57-58 (69-70)

JANEIRO - DEZEMBRO DE 1970

A Sacristia do Tesouro da Sé Primacial. . .	Robert C. Smith	3
Diferenças entre o Vocabulário Português e o Galego	Doutor Henrique Chao Espina . . .	28
A Irmandade de Nossa Senhora das Dores — Glória Primacial de Braga	Frei António do Rosário, O. P. . . .	35
I — Organização Administrativa da Abadia de Tibães e Suas Terras (1630-1680)	Dr. Aurélio de Oliveira	42
Uma agressão célebre havida em Braga no ano de 1872	Dr. M. Braga da Cruz	74
De um ilustre bracarense, candidato a S. Bartolomeu de Salamanca em 1522 — o bacharel Gaspar Vaz	P.e Dr. Armando de Jesus Marques .	79
Uma arquivolta românica na Igreja de S. Salvador de Vilar (Nova Interpretação). . .	Narciso de Azevedo	89
Vilarinho da Furna (Análise sociológica) . .	José Rodrigues Martins	106
Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo	Dr. Domingos de Araújo Affonso . .	123
Livro dos Testamentos do Mosteiro de Paço de Sousa	Maria Teresa Monteiro e J. J. Rigaud de Sousa	138
Arquivo Municipal:		
Acordos e Vreacoẽs da Câmara de Braga nos dois últimos anos do Senhorio de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1580-1582) . .	A. do Rosário, O. P.	284

A REVISTA «BRACARA AUGUSTA»

A Câmara Municipal de Braga, desde 1935, vem editando, como seu órgão cultural, uma publicação de carácter arquivístico e erudito que com o presente fascículo alcança já 70 números, repartidos em 24 volumes.

A primeira série, de 1935 a 1945 (fascículos 1 a 11) publicou-se sob a direcção de J. Constantino Ribeiro Coelho, com o título de **Boletim do Arquivo Municipal.**

A segunda série, 1949 (fascículos 12 e 13), já na presidência de António Maria Santos da Cunha, e enquadrada num vasto programa de política cultural, sob a direcção do Dr. Sérgio da Silva Pinto e de J. Constantino Ribeiro Coelho, apareceu com a denominação de **Braga — Boletim do Arquivo Municipal.**

Estas duas séries formam o 1.º volume do órgão cultural camarário.

A terceira série é constituída pela Revista Cultural **Bracara Augusta,** hoje sob a direcção do Dr. Amândio Maciel de Freitas, Dr. Egídio Amorim Xavier de Sousa Guimarães e Francisco Pereira de Bacelar Ferreira.

Os coleccionadores que porventura só puderam obter os volumes do órgão cultural camarário, a partir do II volume, podem considerar a sua colecção completa em relação à Revista **Bracara Augusta.**

——— /// ———

CAPAS PARA «BRACARA AUGUSTA»

Para encadernar a Revista «Bracara Augusta» há capas próprias, de percalina, ou de carneira, que podem ser pedidas à *Livraria Cruz, Rua D. Diogo de Sousa, Braga.*

A fim de não diminuir o valor bibliográfico da Colecção, recomendamos aos possuidores da «Bracara Augusta» que, sempre que a façam encadernar, dêem instruções aos artífices para conservarem as capas originais, reunindo-as por ordem no final do volume, ou de outro modo que prefiram. A falta deste elemento cerceia o valor bibliográfico das colecções.

PEDE-SE PERMUTA

——— /// ———

REVISTAS DE CULTURA PUBLICADAS EM BRAGA:

Alma — Revista de Espiritualidade Franciscana.
Bracara Augusta — Revista de História e Regionalismo.
Itinerarium — Revista de Cultura.
Revista Portuguesa de Filosofia — Revista da Faculdade de Filosofia de Braga.
Scientia Ivridica — Revista Portuguesa e Brasileira, órgão da Associação Jurídica de Braga.
Theologica — Revista de Estudos Eclesiásticos.
O Distrito de Braga — Boletim Cultural de Etnografia e História da Junta Distrital.